UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

PANATENAICAS

TRADIÇÃO, PERMANÊNCIA E DERIVAÇÃO

Área de Concentração: Arqueologia

Linha de pesquisa: Cultura Material e
Representações Simbólicas em Arqueologia

Tese de Doutorado apresentada ao Programa
de Pós-Graduação do Museu de Arqueologia e
Etnologia da Universidade de São Paulo para
a obtenção do título de Doutor em Arqueologia

Candidato: Gilberto da Silva Francisco
Orientadora: Profª Drª Haiganuch Sarian

São Paulo
2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

PANATENAICAS

TRADIÇÃO, PERMANÊNCIA E DERIVAÇÃO

Área de Concentração: Arqueologia

Linha de pesquisa: Cultura Material e
Representações Simbólicas em Arqueologia

Tese de Doutorado apresentada ao Programa
de Pós-Graduação do Museu de Arqueologia e
Etnologia da Universidade de São Paulo para
a obtenção do título de Doutor em Arqueologia

Candidato: Gilberto da Silva Francisco
Orientadora: Profª Drª Haiganuch Sarian

São Paulo
2012

Para NorManoel e para Elzira.
Mãe, pai e avó queridos.

*From the land of Attic song
I was borne across the wave:
From the mirth of a festive throng,
To the gloom of a Tuscan grave.*

*Where the harness on the dead
Grew canker'd o'er with rust,
Where the hero on his bed
Lay mould'ring into dust.*

*And many an age and race
Across broad Europe swept,
While in that narrow place
My lonely watch I kept.*

*I reck'd not in my home,
In the tomb beneath the sod,
Of the growth or fall of Rome,
Or the change of Europe's God.*

*But empires wax'd and wan'd,
And nations pass'd away,
While unbroken and unstain'd –
Frail as I am – I lay.
Still see upon my side
The warrior-goddess stand :
How she poises in her stride
Her lance with lifted hand.*

*As of yore in Homer's song,
Unchang'd she seems to wield,
Terror of the Trojan throng,
Her grisly Gorgon shield.*

*Now unheeding at her feet,
All in silk and lace array'd,
Lisp and flirt and part and meet
Flippant youth and fickle maid.*

*Grim and stiff she holds her place,
Frowning from on high ;
Spectre of a creed and race,
And of ages long gone by.*

(On an ancient Panathenaic vase in a London drawing-room, Edmund Head, 1864)

ÍNDICE

ANTECEDENTES

Resumo/Palavras-chave	p. ix
Agradecimentos	p. xi
Nota para a leitura da tese	p. xiii
Abreviaturas	p. xvi
Museus e Coleções	p. xviii

INTRODUÇÃO

O que são ânforas panatenaicas?	p. 1
Aspectos teóricos: tipo, trajetória e estrutura	p. 3
Apresentação da estrutura do texto	p. 6
Ânforas panatenaicas em museus e coleções	p. 7
Ânforas panatenaicas no mercado de antigüidades	p. 9
Ânforas panatenaicas como documento	p. 11
Apresentação da tese	p. 11

PANATENAICAS I

A discussão arqueológica e a caracterização da ânfora panatenaica

Terminologia	p. 13
Histórico da pesquisa	p. 14
Ânforas panatenaicas, ânforas pseudo-panatenaicas e ânforas de tipo panatenaico – delimitações	p. 19
Identificação e caracterização do objeto	p. 31
Informações erradas em publicações	p. 40

PANATENAICAS II

O contexto da produção e a tradição artesanal

Estrutura formal e ornamental	p. 46
Esquema e programa ornamentais – definição	p. 48
Elementos ornamentais (descrição) – entre local e regional	p. 49
Figuras negras	p. 53
Programa ornamental – descrição	p. 55
<i>Ethnos kerameōn</i>	p. 61
Elementos de articulação interna 1 – as linhagens estilísticas e familiares	p. 63
Elementos de articulação interna 2 – a <i>tekhnē</i>	p. 66
Ânforas panatenaicas, produção paralela e delimitação da tradição artesanal	p. 66
Ânforas de tipo panatenaico em figuras vermelhas	p. 67

A “ânfora panatenaica” do Pintor de Pisticci	p. 68
Ânforas panatenaicas em fundo branco	p. 70
Níveis de representação 1 – a Atena panatenaica	p. 70
Níveis de representação 2 – as provas atléticas	p. 78
Fases da produção	p. 83

PANATENAICAS III

O contexto primário e o secundário

Contexto primário e secundário – definição	p. 87
Informações sobre o festival panatenaico	p. 90
Grandes Panatenéias e referencial panelênico	p. 92
Ânforas panatenaicas – entre o valor pecuniário e o simbólico	p. 95
As provas atléticas	p. 97
IG II ² 2311 – a descrição e o quadro quantitativo	p. 98
Ânfora panatenaica <i>versus</i> ânfora de óleo (<i>metrētēs</i>)	p. 102
Ânfora panatenaica <i>versus</i> ânfora tipo B	p. 103
Ânfora panatenaica como vaso único (=troféu)	p. 104
Ânfora panatenaica como continente do óleo panatenaico?	p. 105
Ânfora panatenaica e o óleo panatenaico	p. 107
Difusão dos vasos panatenaicos	p. 109
Massa do óleo e massa do vaso panatenaico	p. 110
Elementos da paisagem – a topografia de Atenas	p. 111
Difusão: Atenas, Grécia e Mundo Grego	p. 113
Contexto primário, secundário e tipos de trajetória do vaso panatenaico	p. 118
Ânfora panatenaica/ânfora prênio?	p. 119

PANATENAICAS IV

O universo panatenaico

Citações às ânforas panatenaicas	p. 121
Ânforas panatenaicas e o universo da premiação	p. 122
O hecte de Mitilene	p. 124
Os mosaicos delianos	p. 126
Ânforas panatenaicas e contexto funerário	p. 130
Aproximação entre ânforas panatenaicas e hídrias	p. 131
Figuras negras e o estilo arcaizante	p. 134
Ânforas panatenaicas e o universo da premiação	p. 138

CONCLUSÃO	p. 140
------------------	--------

LISTAS

1.	Catálogo de ânforas panatenaicas	p. 147
1.1.	Corpus mínimo de ânfora panatenaicas	p. 202
1.2.1.	Museus e coleções (por inventário)	p. 204
1.2.2.	Museus e coleções (por quantidade)	p. 210
1.3.1.	Locais de achado (por número de catálogo)	p. 211
1.3.2.	Locais de achado (por quantidade)	p. 218
1.4.	Distribuição por cronologia (em quarto de século – por número de catálogo)	p. 220
1.5.	Artesãos e relacionados (por número de catálogo)	p. 231
1.6.1.	Medidas de ânforas panatenaicas (por número de catálogo)	p. 234
1.6.2.	Medidas isoladas de ânforas panatenaicas (por ordem de grandeza)	p. 236
1.6.3.	Relação das medidas de ânforas panatenaicas (alt./dbj/cap.)	p. 239
1.7.	Episemas	p. 242
1.8.1	Tipos de colunas e elementos relacionados (por número de catálogo)	p. 244
1.8.2	Tipos de colunas e elementos relacionados (por tipo de coluna e por elementos)	p. 247
1.9.	Direção de Atena	p. 250
1.10.1.	Provas (por número de catálogo)	p. 253
1.10.2.	Provas (por quantidade)	p. 256
1.11.	Inscrições pintadas	p. 257
2.	Objetos excluídos	p. 266
3.	Objetos incluídos	p. 268
4.	Grupos de fragmentos e fragmentos isolados reavaliados	p. 270
5.	Figuras entre colunas	p. 272
6.	Ânforas panatenaicas em fundo branco	p. 275
7.	Artesãos de ânforas panatenaicas e relacionados	p. 276
8.	/G II ² 2311: tradução e comentário epigráfico	p. 277
9.	Informações sobre os festivais panelênicos e as Grandes Panatênéias	p. 280

GRÁFICOS

1.	Medidas (altura e diâmetro do bojo)	p. 281
2.	Medidas (altura e diâmetros do bojo, da boca e do pé)	p. 282

MAPAS

1.	Situação das ânforas panatenaicas em coleções atualmente	p. 283
2.	Locais de achado de ânforas panatenaicas	p. 284
3.	Locais de produção de cerâmica orientalizante	p. 285
4.	Regiões de incidência da figura de Atena Alkis, Promachos, Palladium e Minerva.	p. 285
5.	Esquema de situação do Pártenon na Acrópole de Atenas	p. 286

6.	Mapa da região de Atenas e Pireu em meados do século V a.C.	p. 286
----	---	--------

ESQUEMAS

1.	Ânfora Panatenaica e quadro de derivação de formas de vasos de cerâmica relacionados	p. 287
2.	Elementos das faces das ânforas panatenaicas	p. 288
3.	Descrição do programa ornamental por cronologia	p. 289
4.	Artesãos produtores de ânforas panatenaicas e relacionados	p. 290

FIGURAS

1.	Ânfora panatenaica: Toledo 1961.24, cat. 128 .	p. 291
2 e 3.	Face com Atena: a. Londres B 130, cat. 1 ; b. Nova Iorque, Metr. 1978.11.13, cat. 6 ; c. Celle, cat. 862 .	p. 292 293
4.	a. Ânfora “pseudo-panatenaica”, c. 540 a.C., Tampa 86.24; b. Miniatura de ânfora panatenaica, <i>Bulas Group</i> , c. 400-380 a.C., Paris, Louvre CA 2930; c. Ânfora de tipo panatenaica em figura vermelhas, c. 490 a.C., Munique 2313; d. Ânfora de forma panatenaica da Apúlia, c. 325-300 a.C., Paris, Louvre K 86; e. Ânfora de forma panatenaica da Magna Grécia, c. 330-280 a.C., Vicenza F.G-00428A-E/BI; f. Ânfora panatenaica em fundo branco, terceiro quartel do século II a.C., Atenas, Ágora P 8522.	p. 294
5 e 6.	Ânforas panatenaicas/pseudo panatenaicas: a. Toledo 1961.24, cat. 128 ; b. Boston 01.8127, cat. 30 ; c. E.K. Collection, Canton, Michigan; final do século VI, início do V a.C.	p. 295 296
7.	Ânforas panatenaicas/pseudo panatenaicas: a. Paris, Louvre F 280, cat. 127 ; b. Atenas, M.N. 19312, cat. 29 .	p. 297
8.	Ânforas panatenaicas/pseudo panatenaicas: a. Atenas, M. N. Akr. 921, cat. 80 ; b. Londres B 612, cat. 401 e c. Paris, Louvre CA 7427, cat. 402 .	p. 298
9.	Ânforas panatenaicas/pseudo panatenaicas: a. Atenas, Ágora P 12670, 525-500 a.C.; b. Tarento 12216, AP de Varsóvia, P., 520-510 a.C.	p. 299
10.	Fragmentos de ânforas panatenaicas: a. Atenas, Ágora s. inv., cat. 389 ; b. Atenas, Ágora P 3782, cat. 650 .	p. 300
11.	Formas dos vasos áticos no século VI-V a.C.	p. 301
12.	Desenvolvimento da forma das ânforas panatenaicas do século VI ao II a.C.: Londres B 130, cat. 1 ; Halle 560, cat. 2 ; Boston 99.520, cat. 41 ; Londres B 134, cat. 42 ; Nova Iorque, Metr. 14.130.12, cat. 47 ; Quioto? s./inv., cat. 123 ; Nova Iorque, Metr. 07.286.80, cat. 76 ; Nova Iorque, Metr. 16.71, cat. 115 ; Toledo (Ohio) 1961.24, cat. 128 ; Malibu 79.AE.9, cat. 126 ; Copenhaga, G. C. 3606, cat. 181 ; Londres 1903.2171, cat. 239 ; São Petesburgo Ku.1913.4/389 (17553), cat. 247 ; Leida PC 6, cat. 108 ; Londres B 605, cat. 249 ; Detroit 50.193, cat. 390 ; Londres B 604, cat. 399 ; Malibu 93.AE.55, cat. 410 ; Paris, Louvre CA 7427, cat. 402 ; Paris, Louvre MN 706, cat. 468 ; Malibu 79.AE.147, cat. 469 ; Londres B 607, cat. 475 ; Londres B 610, cat. 486 ; Paris, Louvre MNB 3223, cat. 491 ; Paris, Louvre MN 704, cat. 494 ; Paris, Louvre MN 705, cat. 503 ; Malibu 76.AE.5, cat. 519 ; Celle, antes em Berlim 4950, cat. 862 .	p. 302
13.	Fragmentos de ânfora panatenaica: Londres GR 2002.4-20.1 (antes, Coleção Mustaki), Atenas, M. N. Benaki B, C, E, F; cat. 868 .	p. 303
14.	Fragmentos de ânforas panatenaicas: Samos K 7505-12+3637, 4171, 3605; cat. 467 .	p. 304

15. Fragmentos de ânforas panatenaicas: **a.** Florença 94779, 94768C+E, 94820, 94881, 94843; **cat. 135**; **b.** Florença 94778, 94824. p. 305
16. Fragmentos de ânforas panatenaicas: **a.** Florença 94768, 94823, 94845, 94847, 94856, 94859; **cat. 342**; **b.** Florença 94770, 94829, 94831, 94842; **cat. 340**. p. 306
17. Fragmentos de ânforas panatenaicas: **a.** esq., Paris, B. N. Froehner 1596, **cat. 86**; **b.** meio e dir., Paris, B. N. Froehner 1595, cat. 85; **c.** Paris, B. N. Froehner 1604, **cat. 548**. p. 307
18. Formas de ânforas panatenaicas e vasos relacionados: **a.** Ânfora “SOS”, início do século VI a.C., prov.: Vulci, alt.: 67,5 cm, Pensilvânia MS 562; **b.** Ânfora à *la brosse*, século VI a.C., alt.: 60 cm, Atenas, Ágora 1501-2-3; **c.** Ânfora “proto-panatenaica”, c. 570, Bolonha-sobre-o-Mar 592. p. 308
19. Figura de Atena: Londres B 130, **cat. 1**; Nova Iorque, Metr. 1978.11.13, **cat. 6**; Vulci 64220, **cat. 37**; Londres B 603, **cat. 400**; Malibu 79.AE.147, **cat. 469**; Londres B 608, **cat. 476**, Malibu 76.AE.5, **cat. 519**; Celle, antes em Berlim 4950, **cat. 862** e Atenas, M. N. A 17934, **cat. 880**. p. 309
20. Inscrições: Florença 97779, **cat. 7**; Atenas, M. N. Akr. 914, **cat. 14**; Nova Iorque, Metr. 56.171.5; **cat. 36**; Amsterdão 1897, **cat. 40**; Boulogne-sur-Mer 441, **cat. 54**; Nova Iorque, Metr. 56.171.4, **cat. 57**; Varsóvia 198605, **cat. 60**; Copenhaga, M. N. 13812, **cat. 238**; Malibu 93.AE.55, **cat. 410**; Atenas, M. N. A 17934, **cat. 880**; Atenas, Ágora P 8522, **lista 6**, nº 2. p. 310
21. Estrutura geral da ornamentação das ânforas panatenaicas. p. 311
22. Espaços destinados à figuração de Atena (à esquerda) e à prova atlética (à direita): ânforas panatenaicas do século VI ao II a.C. p. 312
23. Lógica da composição dos grafismos nas faces das ânforas panatenaicas. p. 313
24. Detalhes de ânforas panatenaicas (região do pescoço e ombro): Londres B 130, **cat. 1**; Nova Iorque, Metr. 1978.11.13, **cat. 6**; Florença 97779, **cat. 7**; Karlsruhe 65/45, **cat. 11**; Munique 1451.WAF (J498), **cat. 12**; Vulci 64220, **cat. 37**; Londres B 13, **cat. 56**; Nova Iorque, Metr. 07.286.80, **cat. 76**; Toledo (Ohio) 1961.24, **cat. 128**; Londres B 133, **cat. 136**; Nápoles, Santangelo - 693, **cat. 162** e Copenhaga, G. C. 3606, **cat. 181**; **b.** (esta página, à esquerda) Compiègne 985, **cat. 193**; Atenas, Cerâmico PA 544A, **cat. 214**; Copenhaga, M. N. 13812, **cat. 238**; Londres 1903.2-17-1, **cat. 239**; Londres B 605, **cat. 249**; Detroit 50.193, **cat. 390**; Londres B 612, **cat. 401**; Alexandria 18.238, **cat. 466**; Londres B 607, **cat. 475**; Londres B 609, **cat. 484**; Londres B 610, **cat. 486**; Paris, Louvre MN 704, **cat. 494**; **c.** Fragmento de pescoço: Atenas, T. E. A 9662α, **cat. 886**. p. 314
315
25. Face com as provas: Munique - 1455 WAF (J455), **cat. 144**; Leiden - PC 7, **cat. 145**; Munique - 1451.WAF (J498), **cat. 12**; Leiden - PC 8, **cat. 43**; Basileia, M. A. & C. L. - BS 494, **cat. 107**; Paris, Louvre - F 277, **cat. 118** p. 316
26. Vasos com Atena entre colunas: **a.** Malibu 86.AE.129, **lista 5**, nº 22; **b.** Fiesole, nº 29 e **c.** Amsterdão 3484, nº 7. p. 317
27. Ânfora de tipo panatenaico em figuras vermelhas: Mississippi 1977.3.115, Nicó Xenos, P., c. 500 a.C. p. 318
28. Ânfora panatenaica (imitação): **a.** Metaponto 310.897; **b.** Bolonha 18040 (12), **cat. 171**. p. 319
29. Ânfora panatenaica de fundo branco (esboço): Atenas, T. E. - A 16500 (α-γ), **lista 6**, nº 9. p. 320
30. Figuras de corredores: corrida de curta distância e de longa distância: de cima, para baixo: Havana - 226, **cat. 66** e Munique - 1454.WAF (J449), **cat. 67** (Coruja de Havana, P.; Michigan, P.); Norwich - 26.49, **cat. 117**, Paris, Louvre - F 277, **cat. 118** (Cleofrades, P.); Nova Iorque, C. - L p. 321

- 1982.102.3, **cat. 157** e Roma, Vaticano – 16959 (375), **cat. 158** (Berlim, P.); Berlim – 3981, **cat. 488** e Sèvres – 7230, **cat. 487** (Nicômaco, S.).
31. Fragmentos de ânforas agonísticas: Rodas BE 2160 e ΠΒΕ 331, cerâmica de produção ródia, século IV-III a.C. p. 322
 32. *IG II² 2311* (Atenas, M.E. EM 8092 e EM 8070). p. 323
 33. *IG II² 2311* (reentrâncias para encaixe de grampos – EM 8092). p. 324
 34. Paisagem com ânforas panatenaicas (reconstituição artística). p. 325
 35. Ânfora tipo B: Berlim 9406, c. 500 a.C. p. 326
 36. Moedas: **a.** Lockett Collection (SNG III, 3393) Tetradracma, Egito, 325-300 a.C.; **b.** Fitzwilliam Museum (SNG VI, 1170) Dracma, Báctria, 170-130 a.C.; **c.** New Castle Antiquaries Soc. (SNG XIII) Tetradracma (“novo estilo”), Ática, c. 142/1 a.C.; abaixo: **d.** Didracma da série *Wappenmüzen* com figura de ânfora panatenaica (?), meados do século VI a.C., Sociedade Americana de Numismática (ANS 1930 144.2); **e.** Hecte (*electrum* 2,57 g 1) de Mitilene, Lesbos, c. 377-326 a.C. – figura de Vitória (?) e de ânfora panatenaica associada a palma (sem escala). p. 327
 37. Esboços de figuras dos mosaicos em Delos: da Casa do Tridente, da Casa das Máscaras e da Ágora dos Italianos. p. 328
 38. Figuras de ânforas panatenaicas em pinturas parietais de Delos. p. 329
 39. **a.** Louvre, Coleção Tochan 1818, LL 90, lécito de Pesto, c. 350-330 a.C.; **b.** Heidelberg 190, Taça da Beócia, 425-3275 a.C., Mystae, P. ou Tétis, P.; **c.** Alexandria, hídria-Hadra. p. 330
 40. Atenas, Ágora, P 26600, século IV d.C. (com proposta de reconstituição da forma). p. 331

BIBLIOGRAFIA

1. Textos antigos p. 332
2. Textos Modernos p. 332
3. Sites da Internet p. 363

RESUMO

Panatenaicas. Tradição, permanência e derivação.

O que são ânforas panatenaicas? Depois de mais de duzentos anos de notícias sobre esse tipo de vaso, tal questão parece ingênua; entretanto, a avaliação atual indica uma série de inconsistências. Considerando a importância desse tipo de vaso para a pesquisa ceramológica, arqueológica e da história política, cultural e econômica, é devido retomar a questão: o que são ânforas panatenaicas? O objetivo, aqui, é discutir a caracterização do vaso panatenaico desde o debate arqueológico (a tipologia), passando pelo contexto da produção (a tradição artesanal) e de inserção primária e secundária (seu significado no festival e fora dele) e, por fim, pelas constantes citações feitas a eles em vários contextos, a partir de duas questões básicas: sua delimitação frente a objetos similares e seu significado na composição da premiação nas Grandes Panatenéias. A compreensão dessa trajetória na perspectiva diacrônica será baseada em alguns elementos tradicionais, sobretudo a produção derivada desse tipo de vaso.

Palavras-chave: Ânforas panatenaicas, Prêmio, Ceramologia Grega, Tipologia Arqueológica, Arqueologia Clássica,

ABSTRACT

Panathenaics. Tradition, permanence and derivation.

What are Panathenaic amphorae? After two hundred years of reports about this type of vase, this question seems naïve; however the current debate shows some inconsistencies. Thus, given the importance of this type of vase to the research of Ceramology, Archaeology and Political, Cultural and Economic History it is important to go back to this question: what are Panathenaic amphorae? The aim of this research is to discuss the characterization of the Panathenaic vase starting at the archaeological debate (the typology) and examining the production context (the tradition of the craftsman), the primary and secondary insertion (its meaning inside the festival) and lastly, the many mentions of it, dealing with two basic elements: the delimitation of Panathenaic vase against pseudo-Panathenaic vase and its meaning taking part of the prize at the Great Panathenaia. The understanding of this process from a diachronic

approach will be based on traditional elements, especially the production derived from this type of vase.

Key-words: Panathenaic Amphorae, Prize, Greek Ceramology, Archaeological Typology, Classical Archaeology

RÉSUMÉ

Panathénaïques. Tradition, permanence et dérivation.

Que sont les amphores panathénaïques ? Après plus de deux cents ans de nouvelles sur ce type de vase, la question semble naïve ; cependant l'évaluation la plus récente indique certaines incohérences. Ainsi, en considérant l'importance de ce type de vase pour la recherche céramologique, archéologique et de l'histoire politique, culturelle et économique, il faut reprendre la question : que sont les amphores panathénaïques ? Ici, le but c'est la caractérisation du vase panathénaïque depuis le débat archéologique (la typologie), en passant par le contexte de la production (la tradition artisanale) et de l'insertion primaire et secondaire (son sens dans le festival et ailleurs) et, finalement, de nombreuses mentions dans différents contextes, à commencer par deux questions fondamentales : leurs frontières face à objets similaires et son sens dans la composition du prix dans les Grandes Panathénées. La compréhension de cette trajectoire dans la longue durée sera basée sur certains éléments traditionnels, notamment la production de produits dérivés de ce type de vase.

Mots-clés : Amphores Panathénaïques, Prix, Céramologie Grecque, Typologie Archéologique, Archéologie Clássique.

AGRADECIMENTOS

Gostaria, neste ponto, de agradecer a algumas pessoas e instituições sem as quais a realização deste trabalho não teria sido possível. De início, agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), por um mês (a primeira) e quatro anos (a segunda) de financiamento desta pesquisa, a partir de bolsa de estudo que foram imprescindíveis para o seu bom andamento. Agradeço também ao MAE/USP (Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo) e a FFLCH/USP (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo) pela formação desde o nível de graduação, dadas as ricas atividades de cunho intelectual (a disposição de disciplinas, de cursos de extensão, de bibliotecas, entre outros) das quais participei nesses ambientes. Ainda, à EFA (*École Française d'Athènes*); à EHESS (*École des Hautes Études en Sciences Sociales*; especificamente o *Centre Louis Gernet*; atual ANHIMA - *Anthropologie et Histoire des Mondes Antiques*), ao *Musée du Louvre* e ao *Cabinet des Médailles*, pelo apoio e disposição da estrutura para os desenvolvimento de parte desta pesquisa na França e na Grécia, e à Eforia de Atenas, das Cíclades e de Samos, pelas autorizações fornecidas para o estudo de material arqueológico, epigráfico e documentação em museus gregos.

Gostaria de agradecer nominalmente aos pesquisadores François Lissarrague (ANHIMA-EHESS), Jean-Jacques Maffre (Paris IV – Sorbonne), Marie Françoise Billot (CNRS – *Centre National de Recherche Scientifique*; IRAA – *Institut de Recherche sur l'Architecture Antique*), Marie-Christine Villanueva Puig (ANHIMA-EHESS), que me ofereceu uma fotografia de alta resolução da hídria de Fiesole, base para o desenho que fiz desse vaso – ver **fig. 26 b** – o qual dedico à Mme. Villanueva Puig –, Annie Coulié (*Musée du Louvre*) e Cécile Colonna (*Cabinet des Médailles*), que me receberam pessoalmente para discutir a pesquisa ou me auxiliaram na análise dos vasos panatenaicos. Ainda, à Patrícia Hannah (*University of Otago*), que me enviou um artigo de sua autoria, depois de um pedido que fiz, ao qual Mrs. Hannah atendeu prontamente, e à Jutta Stroszek (DAI – *Deutsche Archäologische Institut*), pelas indicações dos recentes achados de uma ânfora panatenaica e uma hídria, ambas de prata, em Aigai. Ao professor Fábio V. Cerqueira (UFPEL – Universidade Federal de Pelotas), pela indicação de algumas fontes em publicações de referência. Aos professores Norberto Luiz Guarinello (USP) e Álvaro Hashizume Allegrette (PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), pela leitura e crítica do texto da qualificação de doutorado, o que contribuiu decisivamente para o desenvolvimento desta pesquisa. A Camila Zanon, Gustavo Junqueira Duarte Oliveira, Uiran Gebara, Fábio Morales e Tatiana Bina pelas sugestões quanto à forma do texto da tese.

Profundamente, agradeço aos amigos de longa data, que sempre me deram suporte afetivo e intelectual: Lília, Leandro, Daniella, Mojana, Karina, Tatiana, Leilane; bem como aqueles amigos e colegas que me foram apresentados no decorrer da pesquisa arqueológica e dos Estudos Clássicos: Pedro, Álvaro, Camila Zanon, Vagner, Camila Diogo, Carol Kesser, Carol Guedes, Cláudio, Maria Fernanda, Paula, Camila Côndilo, Eleuza, Vanusa e outros que me perdoarão pelo esquecimento. No âmbito dos amigos, agradeço ao LEIR-MA/USP (Laboratório de Estudos sobre o Império Romano e Mediterrâneo Antigo), no qual fui muito bem recebido num momento em que me sentia desamparado. Aos amigos Gustavo, Fábio, Uiran, Rafael, Juliana, Bruno, Eduardo, Ivana, Joana e ao líder do laboratório, Norberto. Muito obrigado pelo rico e honesto ambiente de debates proporcionado nesse laboratório. Ainda, agradeço às professoras Silvai Milanezi (*Université Paris-Est Créteil*) e Margarida Maria de Carvalho (UNESP-Franca), pela amizade e constante ajuda que me deram na minha última estadia entre Atenas e Paris e, ainda, no Brasil. Em retribuição, dedico à professora Milanezi o desenho de uma ânfora panatenaica de Celle (**fig. 2c e 3c**) e à professora Margarida, o desenho de uma ânfora de tipo panatenaico em figuras vermelhas (**fig. 27**). Muitíssimo obrigado!

Apresento minha profunda admiração pela professora Haiganuch Sarian, orientadora desta pesquisa, modelo de pesquisadora e intelectual, que me apresentou a pesquisa arqueológica em sala de aula, biblioteca, laboratório, reserva técnica e em campo no Brasil e no exterior. Agradeço muito pelo interesse e pelas oportunidades de trabalho em conjunto. Agradeço por ter me orientado desde 2001, no contexto do projeto *Corpus Vasorum Antiquorum*, do qual fui bolsista de treinamento técnico, no mestrado e nesta pesquisa de doutorado. Por ter me incluído nas equipes de pesquisa do santuário de Hera em Delos desde 2004, e por ter me apresentado a estrutura da pesquisa na Europa, especialmente na EFA e, por sua indicação, na EHES. Agradeço, ainda, pelo sólido referencial para a constituição da minha própria trajetória e por ter acompanhado com muito interesse o caminho que percorri até o momento. Dedico à professora Haiga o desenho da ânfora panatenaica de Todolo (**fig. 1**).

Por fim, agradeço à minha família que sempre me forneceu apoio, ambiente para o desenvolvimento da pesquisa, carinho e amor. Aos meus pais (Norma e Manoel), a minha avó (Elzira) e a todos que, mesmo sem conhecer exatamente o campo ao qual me dediquei nos últimos dez anos, me deram suporte material e afetivo durante todo esse tempo. Agradeço por terem acolhido, e por terem ampliado o espaço dado ao Gilberto pesquisador e professor, que constantemente esteve em conflito com o Gilberto filho, neto, sobrinho, tio e irmão. Todo o agradecimento que eu pudesse apresentar não seria suficiente. Digo, apenas, que este trabalho é tanto meu como de vocês. Talvez, mais de vocês. Agradeço com muito respeito e afeto.

NOTA PARA A LEITURA DA TESE

‘ - <i>h</i>			
α - <i>a</i>	η - <i>ē</i>	ν - <i>n</i>	τ - <i>t</i>
β - <i>b</i>	θ - <i>th</i>	ξ - <i>cs</i>	υ - <i>u/y</i> ¹
γ - <i>g</i> ²	ι - <i>i</i>	ο - <i>o</i>	φ - <i>ph</i>
δ - <i>d</i>	κ - <i>k</i>	π - <i>p</i>	χ - <i>kh/k</i> ³
ε - <i>e</i>	λ - <i>l</i>	ρ/ῥ - <i>r/rh</i>	ψ - <i>ps</i>
ζ - <i>z</i>	μ - <i>m</i>	σ/ς - <i>s</i>	ω - <i>ō</i>

Todas as inscrições e citações em grego serão apresentadas a partir de transliteração (versão do alfabeto grego para o latino), considerando-se as equivalências acima indicadas, a partir da solução simplificada: sem acentuação, marcando-se apenas as distinções entre “o” e “e” longas e breves. Para os nomes de divindades, utiliza-se as soluções apresentadas em GRIMAL, 2000. Para os nomes de vasos, será utilizada a terminologia do projeto “Nomenclatura dos vasos gregos em português”,⁴ e para os nomes dos artesãos, opta-se pelas seguintes soluções: para os nomes relacionados a personagens mitológicas, tal referência será conforme Grimal (*op. cit.*) – por exemplo, Pintor de Aquiles (Aquiles, P.) –; e, preferencialmente, serão utilizadas formas aportuguesadas dos nomes dos artesãos quando já disponíveis (por exemplo, o pintor e oleiro Exéquias), ou não disponíveis (por exemplo, Báquio para *Bakkios*). Para a toponímia, opta-se, na maioria dos casos, pela terminologia em português (por exemplo, Pela para *Pella*) e, quando não há registrado em português, opta-se pela transliteração. Especificamente, no caso das inscrições, serão utilizados sinais epigráficos com o intuito de indicar alguns elementos da materialidade dessas informações escritas:

¹ *u* para sons próximos de “u” e *y*, para próximos de “i”.

² Para o duplo *gama* (-γγ), utiliza-se -*ng*; e antes de consoantes (por exemplo, antes do *kapa*: -γκ, utiliza-se -*nk*).

³ Apenas *k* diante de consoante e *kk* em duplo *khi*.

⁴ Trata-se de um projeto interdepartamental (MAE/USP e DLCV-FFLCH/USP) em andamento. Participantes: Haiganuch Sarian (coordenadora), Camila Aline Zanon, Daniel Rossi Nunes Lopes, Gilberto da Silva Francisco, José Geraldo da Costa Grillo e Adriano Aprigliano. Ver **fig. 11**, para as formas dos vasos e os nomes propostos no projeto.

- *sic*: conforme escrita original, geralmente contendo algum erro do ponto de vista gramatical ou de composição (por exemplo, *ton a]thenenethe[n a]thlon* (ver **cat. 23**), que repete, na palavra *athenethen*, a sílaba –ne);
- []: os colchetes indicam segmentos de inscrição preservados e reconstituídos: o segmento exterior ao colchete é preservado e aquele interior é reconstituído (por exemplo, *τ[on athenethen athlon* (ver **cat. 636**), inscrição que preservou apenas a letra *tau* inicial e todo o resto foi reconstituído);
- as letras parcialmente preservadas serão sublinhadas (por exemplo, *ton athe[* (**cat. 44**), que teve a letra *epsilon* parcialmente preservada e reconstituída pelo contexto);
- em alguns casos, a proposta de reconstituição é bastante clara, dadas algumas informações contextuais, conforme ponto acima; entretanto, muitas delas não são tão precisas e, nesses casos, será identificada a dúvida com o sinal “ ? ” (por exemplo, *Mnes[iades epoiesen?* – ver **cat. 8**);
- as citações em grego (a partir de fontes literárias ou de inscrições) serão sempre indicadas em itálico;
- as inscrições tratadas (sobretudo, as de tipo *athlon*), que eram compostas sem separação das palavras na maior parte dos casos, serão transcritas inserindo-se as separações identificáveis entre palavras (por exemplo, *ton athenethen athlon* para TONAΘENEΘENAΘAON);
- há, nesse sentido, algumas poucas separações propostas pelos artesãos a partir de dois pontos separando as palavras, aqui indicado como “ : ” (por exemplo, *ton athenethn athlon:emi* – ver **cat. 1**);
- no caso das inscrições de tipo *athlon* (ver **lista 1.11**), serão indicados, ainda, o tipo (**s.** – *stoichedon* e **k.** – *kionedon*) e dialeto (**a.** – ático e **j.** – jônico).

* * *

Todas as indicações às listas, figuras (**fig.**), gráficos, esquemas, mapas, notas e páginas (**p.**) (referências internas) serão indicadas em negrito. Quando a página não foi indicada, eles devem ser controlados a partir do índice, estruturado a partir da apresentação específica de cada uma delas, com as páginas de ocorrência indicadas. Para a sua consulta, é necessário observar a lista de abreviaturas e de museus e coleções (ver *Abreviaturas e Museus e Coleções*).

Todos os desenhos apresentados foram produzidos pelo autor desta tese e sua reprodução só poderá ser feita mediante sua autorização. Trata-se de três formas básicas de desenho: a linha simples indicando as formas dos vasos e elementos ornamentais e, no caso dos fragmentos, dada a compreensão pouco clara do objeto, foram indicadas as áreas de ocorrência de pintura (verniz negro e, eventualmente, tinta branca e rubra) em cinza; por fim, há alguns desenhos que apresentam elementos mais próximos do objeto original (como as cores), já que esses elementos são importantes para a sua descrição. Há, ainda, a utilização de fotografias retiradas de BENTZ (1998), apenas de detalhes (a sua referência é a que consta na **lista 1**).

A **lista 1** (catálogo de ânforas panatenaicas) não é descritiva, mas articulada a partir da apresentação de alguns elementos importantes para a análise proposta neste estudo. Relacionada a ela, há uma série de listas (**1.1** a **1.11.**) isolando elementos específicos e, na maior parte, organizadas pelo número de catálogo (o que será sempre apresentado no título da lista, quando for o caso), e todas as menções aos objetos do catálogo (**lista 1**) ao longo do texto serão indicados por “**cat.**”. Há algumas outras listas mais independentes: a **lista 2** repertoria os objetos excluídos (tendo como referência o catálogo de Bentz (1998)), já que não apresentam elementos mínimos para o estabelecimento dos testes de identificação de um vaso panatenaico (para tal teste, ver *Panatenaicas I*, p. **31-2; 34-6**); e a **lista 3** trata dos objetos incluídos no catálogo aqui proposto (**lista 1**), a partir de objetos anteriormente identificados como próximos das ânforas panatenaicas (algumas “ânforas pseudo-panatenaicas” – ver *Panatenaicas I*, p. **20**, para a discussão de distinção entre as ânforas panatenaicas e ânforas “pseudo-panatenaicas”), a partir dos mesmos testes; ou então, objetos identificados como ânfora panatenaica, mas publicados recentemente. Já a **lista 4** apresenta novos arranjos de fragmentos antes publicados isoladamente ou caracterizados de forma diferente (como “ânfora pseudo panatenaica”), o que mais recentemente (depois do catálogo de Bentz (1998)) foi rediscutido.

Outras listas, não relacionadas à **lista 1**, completam o conjunto de elementos importantes para a discussão aqui proposta. A **lista 5** repertoria um grupo de vasos de formas variadas (excetuando-se as ânforas panatenaicas e de tipo panateico) que apresentam figuração relacionada – a saber, a Atena *Promakhos*, ou outra personagem, entre colunas encimada por galos ou outros elementos. A **lista 6** apresenta as ânforas panatenaicas de fundo branco e a **lista 7**, os artesãos relacionados à produção de ânforas panatenaicas, além de outros vasos como forma semelhante e motivos relacionados. A **lista 8** é a tradução da *IG II² 2311* e um quadro de provas e premiação relacionada a ela e a última delas (a **lista 9**) é a apresentação de informações sobre os festivais pan-helênicos e as Grandes Panatenéias.

ABREVIATURAS

Utilizadas nos anexos

AP	Ânfora panatenaica
APFN	Ânfora de tipo panatenaico em figuras negras
APFV	Ânfora de tipo panatenaico em figuras vermelhas
alt.	Altura (cm)
aut.	Autoria
bibl.	Bibliografia
cap.	Capacidade (litro)
cat.	catálogo
Cl.	Classe de
col.	Colunas (tipo; figura sobre coluna)
col. fig.	Figura sobre a coluna
col. tipo	Tipo de coluna
cron.	Cronologia (a.C.)
dbc.	Diâmetro da doca (cm)
dbj.	Diâmetro do bojo (cm)
dim.	Dimensões
dir. Atena	Direção de Atena
dp.	Diâmetro do pé (cm)
fa.	Face com Atena
fig.	Figura
fp.	Face com a prova
fr., frs.	Fragmento, fragmentos
epis.	Episema
G.	Grupo de
inscr.	Inscrição
l.a.	Local de achado
MP	Motivo panatenaico
Of.	Oficina de
P.	Pintor de
(r)	Reconstituído/restaurado
S.	Série de
(t)	Com tampa

Bibliográficas

- ABV** J. D. Beazley, Attic Black-Figure Vase-Painters (Oxford, 1956)
- AJA** American Journal of Archaeology. Archaeological Institute of America.
- ARV** J. D. Beazley, Attic Red-Figure Vase-Painters (Oxford, 1956)
- ASCSA** The American School of Classical Studies at Athens.
- Bailly** Le grand Bailly. Dictionnaire grec-français. Paris: Hachette.
- BCH** Bulletin de Correspondance Hellénique. École Française d'Athènes. Paris, De Boccard.
- BSA** Annual of the British School at Athens. British School at Athens. MacMillan & Co.
- CVA** Corpus Vasorum Antiquorum. Publicado desde 1922 pela Union Académique Internationale (mais de 300 fascículos com vasos de museus e coleções do mundo inteiro).
- DAI** Deutsche Archäologische Institut
- EAD** Exploration Archéologique de Délos. École Française d'Athènes. Paris: Éditions E. de Boccard.
- IG** Inscriptiones Graecae. Berlin-Brandenburgische Akademie der Wissenschaften.
- JHS** Journal of Hellenic Studies. London, Soc. for the Promotion of Hellenic Studies.
- L&S** Henry George Liddell, Robert Scott, A Greek-English Lexicon.
- LIMC** Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae (1981-1999) Zürich: Artemis.
- SEG** Supplementum Epigraphicum Graecum. Leiden: Brill.
- SNG** Sylloge Nummorum Graecorum. British Academy.

MUSEUS E COLEÇÕES

Aiani	Aiani, Museu Arqueológico
Alexandria	Alexandria, Museu GrecoRomano
Anfípolis	Anfípolis, Local de Achado
Amsterdão	Amsterdão, Museu Allard Pierson
Amsterdão, Six	Amsterdão, ex Coleção Six
Ansedônia	Ansedônia, Museu Estatal de Cosa
Atenas, Ágora	Atenas, Museu da Ágora
Atenas, B. S. A.	Atenas, Escola Britânica de Atenas
Atenas, Cerâmico	Atenas, Museu do Cerâmico
Atenas, M. A.	Atenas, Museu da Acrópole
Atenas, M. E.	Atenas, Museu Epigráfico
Atenas, M. N.	Atenas, Museu Arqueológico Nacional
Atenas, M. N., Benaki	Atenas, Museu Arqueológico Nacional, Coleção Benaki
Atenas, S. A.	Atenas, Sociedade Arqueológica
Atenas, T. E.	Atenas, Terceira Eforia
Balagrai	Al Bayda', Antiquário
Baltimore	Baltimore, Museu de Arte
Basiléia, M. A. & C. L.	Basiléia, Museu de Antiguidade e Coleção Ludwig
Basiléia, H. A. C.	Basiléia, Coleção H. A. Cahn
Berlim	Berlim, Museu Estatal
Berna	Berna, Museu Histórico de Berna
Bolonha	Museu Cívico Arqueológico
Bonn	Bonn, Museu Nacional do Reno
Boston	Boston, Museu de Belas Artes
Bolonha-sobre-o-Mar	Bolonha-sobre-o-Mar, Museu Municipal
Brunsvique	Brunsvique, Coleção Bowdoin
Bruxelas	Bruxelas, Museu Real de Arte e de História
Bucareste	Universidade de Bucareste
Cairo	Cairo, Museu Egípcio
Cambridge, M. F.	Cambridge, Museu Fitzwilliam
Cambridge, U. H. 1	Cambridge, Universidade Harvard & Museu Arthur M. Sackler
Cambridge, U. H. 2	Cambridge, Universidade Harvard & Museu Fogg Art
Celle	Museu Bomann
Chicago	Universidade de Chicago, Museu de Arte David e Alfred Smart
Cirene/Shahat	Reserva Arqueológica
Copenhage, M. N.	Copenhagem, Museu Nacional
Copenhage, G. C.	Copenhage, Gliptoteca Ny Carlsberg
Compiègne	Copiègne, Museu Vivenel
Corinto	Corinto, Museu Arqueológico
Delos	Delos, Museu Arqueológico de Delos
Delfos	Delfos, Museu Arqueológico
Detroit	Instituto Detroit de Arte
Díon	Díon, Museu Arqueológico
Dunedin	Dunedin, Museu Otago
Edimburgo	Edimburgo, Museus Nacionais da Escócia
Egina	Egina, Museu Arqueológico
Eleusis	Eleusis, Museu Arqueológico
Eretria	Eretria, Museu Arqueológico
Erlangen	Universidade de Erlagen, Coleção de Antiguidade
Esmirna	Esmirna, Museu Arqueológico
Esparta	Esparta (Local de Achado)
Estrime	Estrime (Local de Achado)
Ferrara	Ferrara, Museu Arqueológico Nacional
Fiesole	Coleção Constantini
Florença	Florença, Museu Arqueológico Nacional

Frankfurt	Frankfurt, Liebieghaus Museu de Escultura Antiga
Gela	Gela, Superintendência de Antiguidade, Museu Arqueológico Capo Sopra
Genebra, M. A. H.	Genf, Museu de Arte e de História
Genebra, J. Ch.	Genf, Coleção J. Chamay
Giessen	Universidade de Giessen
Goritsa	Goritsa, Local de Achado
Gottet	Coleção Gottet
Halle	Universidade de Halle
Hanover	Hanover, Dartmouth Colleg, Museu Hood de Arte
Havana	Havana, Museu Nacional de Belas Artes
Heidelberg	Universidade de Heidelberg e Coleção de Cópias do Instituto Arqueológico
Heracleion	Heracleion, Museu Arqueológico
Hildesheim	Museu Roemer e Pelizaeus
Hirschmann	Coleção Hirschmann
Iasos	Iasos (Local de Achado)
Insbruke	Universidade de Insbruke
Istambul	Istambul, Museu Arqueológico
Istmia	Istmia, Museu Arqueológico
Karlsruhe	Karlsruhe, Badisches Landesmuseum
Kenchereai	Kenchereai (Local de Achado)
Kiel	Universidade de Kiel
Larnaca	Larnaca, Cítio (Local de Achado)
Leida	Museu Nacional de Antiguidades
Lípsia	Universidade de Lípsia
Londres	Londres, Museu Britânico
Los Angeles	Los Angeles, Coleção C. C. Hearst
Madri	Madri, Museu Arqueológico Nacional
Malibu	Malibu, Museu J. Paul Getty
Marselha	Marselha, Museu Borely (Museu de Arqueologia Mediterrânica)
Metaponto	Museu Arqueológico Nacional de Metaponto
Míconos	Míconos, Museu Arqueológico de Míconos
Montreal	Montreal, Museu de Belas Artes
Mogúncia	Universidade de Mogúncia
Moscou, M. N.	Moscou, Museu Nacional de Arte Oriental
Moscou, P.	Moscou, Museu Estatal Puschkin de Artes Plásticas
Munique	Munique, Coleção Estatal de Antiguidade e Gliptoteca
Munique, M.A.K.	Munique, Pequeno Museu de Arte Antiga
Münster	Universidade de Münster
Nápoles	Nápoles, Museu Arqueológico Nacional
Nauplia	Nauplia, Museu Arqueológico
New Haven	New Haven, Galeria de Arte da Universidade de Yale
Nir David	Nir David, Museu de Arqueologia Mediterrânica
Norwich	Norwich, Museu Castle
Nova Iorque, Metr.	Nova Iorque, Museu Metropolitano
Nova Iorque, C.	Nova Iorque, Coleção Callimanopoulos
Nova Iorque, Z.	Nova Iorque, Coleção Zoullas
Olímpia	Olímpia, Museu Arqueológico
Oropos	Oropos (Local de Achado)
Oxford	Oxford, Museu Ashmolean
Oxford (Mississippi)	Oxford (Mississippi), Museus Universitários
Paris, B. N.	Paris, Biblioteca Nacional
Paris, Louvre	Paris, Museu do Louvre
Panticapéia	Panticapéia (Local de Achado)
Pella	Pella, Museu Arqueológico
Pensilvânia	Museu da Universidade da Pensilvânia

Poligiros	Poligiros, Museu Arqueológico
Potidéia	Potidéia (Local de Achado)
Quioto	Quioto, Coleção Particular
Reggio di Calabria	Reggio di Calabria, Museu Nacional
Rodes	Rodes, Museu Arqueológico
Roma, Vaticano	Roma, Museus do Vaticano
Roma, Villa Giulia	Roma, Museu Nacional de Villa Giulia
Salamina	Salamina (Local de Achado)
Samos	Samos, Museu Arqueológico
São Petesburgo	São Petesburgo, Museu Estatal Hermitage
Sèvres	Sèvres, Museu Nacional de Cerâmica
Sídon	Sídon (Local de Achado)
Siracusa	Siracusa, Museu Arqueológico Regional Paolo Orsi
Tampa	Tampa, Museu de Arte
Tarento	Tarento, Museu Nacional
Tasos	Tasos, Museu Arqueológico
Tebas	Tebas, Museu Arqueológico
Tessalônica	Tessalônica, Museu Arqueológico
Tocra	Tocra (Local de Achado)
Toledo	Toledo (Ohio), Museu de Arte de Toledo
Tolmeita	Tolmeita (Lugar de Achado)
Toronto	Toronto, Museu Real Ontario
Trieste	Trieste, Museu Cívico de História da Arte
Tróia	Tróia (Local de Achado)
Tubinga	Coleção de Antiguidades dos Institutos Arqueológicos da Universidade de Tubinga
Vergina	Vergina (Local de Achado)
Vicenza	Vicenza, Gallerie di Palazzo Leoni Montanari
Volos	Volos, Museu Arqueológico
Vulci	Vulci, Museu Nacional
Varsóvia	Varsóvia, Museu Nacional
Wurtzburgo	Museu Martin Von Wagner

INTRODUÇÃO

O que são ânforas panatenaicas?

Grandes ânforas com pescoço e pé estreito com pequenas alças verticais, sempre decoradas com a técnica de figuras negras (mesmo muito tempo depois da invenção das figuras vermelhas). Preenchidas com óleo de oliva das árvores dos bosques sagrados de Atena, essas ânforas eram entregues como prêmio de vitória nos Jogos Panatenaicos, um festival esportivo que acontecia a cada quatro anos em Atenas em honra a Atena, a padroeira da cidade. As primeiras ânforas panatenaicas foram provavelmente entregues como prêmio em 566/565 a.C., quando os Jogos Panatenaicos foram reorganizados; essas ânforas continuaram a ser produzidas até o segundo século a.C. e, em figuras negras muito modificadas, até o período romano. Sabe-se que cerca de 140 ânforas devem ter sido concedidas a um único vencedor pela vitória em uma única prova. Teoricamente, cada vaso comportava um *metrētēs*, 39,39 litros (...). Recentes tiragens de medidas vêm mostrando, porém, que uma típica ânfora panatenaica continha cerca de três litros a menos que um *metrētēs*. Na parte frontal do vaso, a própria Atena é representada e, na traseira, a prova na qual o vaso era obtido é (presumivelmente) retratada. Todas as ânforas panatenaicas são inscritas com as palavras “(um prêmio) dos jogos de Atenas” (*ton athenethen athlon*). No século IV a.C., algumas ânforas panatenaicas eram também inscritas com o nome do arconte (o magistrado mais importante) de Atenas, o que torna possível datá-las precisamente. Vasos de tipo panatenaico sem inscrição – provavelmente não eram vasos-prêmio na maioria dos casos, mas, todavia, muitas vezes decorados com a Atena em uma face – são conhecidos como *ânforas de tipo panatenaico* ou *ânforas pseudo-panatenaicas*.¹

A descrição acima, a partir de um recente manual de cerâmica grega, apresenta elementos básicos do vaso panatenaico “típico” (ver **fig. 1**) como sua forma, capacidade, ornamentação, função, cronologia da produção. Martin Bentz, que publicou o mais amplo estudo sobre o tema,² completaria as informações quanto à

¹ *Large, narrow-necked pointed amphora with small vertical handles, always decorated in black-figure technique (even long after the invention of the red-figure). Filled with olive oil from trees in Athena's sacred groves, the amphorae were awarded as prizes for victory in the Panathenaic games, a festival of sports held every four years in Athens to honor Athena, the city's patron deity. The first Panathenaic prize vases were probably awarded in 566/565 B.C., when the Panathenaic games were reorganized; the amphorae continued to be produced until the second century B.C. and, in very debased black-figure, well into the Roman era. As many as 140 amphorae are known to have been awarded to one winner for victory in a single contest. Theoretically each vase held a metretes, 39.39 liters (...). Actual measurements have shown, however, that a typical prize amphora contained about three liters less than a metretes. On the front of the vase Athena herself is always represented, and on the back, the contest for which the prize was won is (presumably) depicted. All Panathenaic prize amphorae are inscribed with the words “[a prize] from the games at Athens” (*ton athenethen athlon*). In the fourth century B.C. some Panathenaics were inscribed also with the name of the archon (chief magistrate) of Athens, which makes it possible to date them closely. Uninscribed vases of this shape – probably not prizes in most cases but, nevertheless, often decorated with Athena on one side – are known as amphora of Panathenaic shape or pseudo-Panathenaics. (CLARK, ELSTON & HART, 2002, p. 125-7)*

² BENTZ, 1998.

especificidade do uso (função primária e secundária), locais de achado e índice de preservação.³ Entretanto, se tais dados parecem bem definidos, a ponto de o estudo das ânforas panatenaicas ser apresentado como exemplar,⁴ a observação da discussão recente indica que se trata de algo ainda aberto: a situação da produção, a função do vaso, os aspectos cronológicos e quantitativos e mesmo o peso dado à inscrição de tipo *athlon* (*ton athenethen athlon*) vêm sendo rediscutidos e há argumentos convincentes para se repensar alguns postulados.

Dessa forma, retoma-se a questão: “o que são ânforas panatenaicas?” que, longe de ser apenas retórica ou mesmo ingênua, parte da constatação de um cenário ainda indefinido de caracterização desse tipo de objeto; o que está em grande medida ligado a uma classificação tipológica parcialmente intuitiva e à dificuldade de estabelecer um diálogo entre esse nível classificatório e a experiência em que esses objetos estavam inseridos na Antiguidade (o processo de inserção coerente à sua produção, uso e deposição/rejeição, aqui chamado de trajetória). Com isso, a caracterização do vaso panatenaico (o objetivo maior deste estudo) será feita considerando os níveis de inserção antiga e a relatividade dos critérios arqueológicos. Como resultado, não se busca uma resposta definitiva para a questão, mas uma avaliação dos limites interpretativos.

A inserção sócio-cultural das ânforas panatenaicas, relacionada a uma ampla projeção espaço-temporal, não é coerente a uma caracterização muito restrita. Propõe-se, nesse sentido, pensar num elemento cuja presença abranja essa amplitude: a tradição que envolvia tais objetos na sua produção e uso. A tradição é um dos elementos mais recorrentes na bibliografia para situar a projeção temporal das ânforas panatenaicas, ora fundamentada em conteúdo religioso, ritualístico (o vaso no contexto da festa em homenagem a Atena)⁵ e mesmo a manutenção da técnica de figuras negras, no âmbito do chamado “estilo arcanizante”.⁶ Dessa forma, a tradição, mesmo que indiretamente, é um tema dos mais recorrentes no estudo das ânforas panatenaicas. Entretanto, a própria idéia de tradição não é discutida no detalhe. Tradição, como aqui compreendida, não é a repetição de elementos no registro

³ Inicialmente como “monumento público aos vencedores nas Panatenéias” (*monument public pour les vainqueurs des Panathénées*) e depois como “oferendas, objeto de comércio e mobiliário funerário” (*offrande, bien de commerce, mobilier funéraire*) (BENTZ, 2003, p. 111 e 113); encontrados em santuários (40%), locais públicos (36%), tumbas (16%) e o restante em espaços domésticos (*Ibidem*, p. 114-5), sobretudo em Atenas, Etrúria e norte da África; dos quais se preservou 1% da produção entre o século VI e IV a.C (*Ibidem*, p. 111).

⁴ BENTZ, 2003, p. 111.

⁵ ver NEILS, 1992 e 1996.

⁶ ver HAVELOCK, 1964; 1965 e 1980.

arqueológico. Ela está situada no campo da manutenção (consciente ou não) de determinados conteúdos. Isso, já que a repetição formal pode esconder diferentes níveis de conteúdos, o que não caracterizaria especificamente um comportamento tradicional. Do ponto de vista metodológico, isso quer dizer que é no âmbito da interpretação de elementos sócio-culturais que a tradição será compreendida.⁷

Aqui, o objetivo é compreender a estrutura de determinada tradição, cuja base estava na sua permanência, diálogos internos e externos. Dessa forma, esta investigação assume um interesse específico: o manejo de um tipo, e será em torno disso que se pensará a estrutura da tradição. Com isso, são três os elementos mobilizados para se pensar a tradição que envolvia as ânforas panatenaicas: *tipo*, *trajetória* e *estrutura*. A idéia de tipo aqui proposta não se resume apenas à tipologia baseada na constatação de certas similaridades e disparidades para estabelecer um grupo de objetos, mas acompanhada da compreensão do impacto desses elementos no contexto em que estava inserido, e da observação de uma “tipologia antiga” ou “sistêmica” desses objetos, o que quer dizer que o tipo “arqueológico” será confrontado com o tipo coerente à trajetória antiga desses objetos.⁸ Dessa forma, o tipo é também concernente às práticas socio-culturais.

Nessa perspectiva, a trajetória do objeto é pensada no âmbito dos estudos de *cultura material*, compreendendo tal conceito não como *objeto material* ou *fonte material*, mas como o complexo processo que define parcialmente a relação entre homem e natureza – *cultura material* como expressão sócio-cultural.⁹ A consequência

⁷ “Em Antropologia, a palavra [tradição] é usada para padrões de crenças, costumes, valores, comportamento e conhecimento ou especialidade que são passados de geração para geração por meio do processo de sociabilização em dada população” (*In Anthropology, the word is used instead for patterns of beliefs, customs, values, behaviour and knowledge or expertise which are passed on from generation to generation by the socialization process within a given population* – SEYMOUR-SMITH, 1986, verbete “tradição”). Essa definição de dicionário condensa alguns elementos importantes amplamente disseminados na caracterização da idéia de tradição, como a passagem de determinado conteúdo em meio social e a comunicação entre tempos (a temporalidade). Entretanto, a tradição não trata necessariamente de conteúdo fixos ao longo de todo o processo e ela pode ser compreendida como um processo caracterizado pela mudança. Aqui, ela é pensada não apenas no âmbito da sociabilização, mas também de dinâmicas mais amplas como contatos culturais.

⁸ Ver BRUNEAU, 1974 e ADAMS & ADAMS, 1991.

⁹ A idéia de cultura material é bastante diversa. Ela pode ser compreendida como “objetos materiais feitos e usados por um grupo (cultura), incluindo roupas, edifícios, ferramentas, instrumentos, mobiliário e obras de arte” (*material objects made and used by a culture group, including clothing, buildings, tools, instruments, furniture, and artwork*); incluindo também “características invisíveis que produzem expressões da paisagem” (*invisible features that produce landscape expressions* – AIKEN, 2007, p. 3), até “prática significativa, instituições sociais e atuação individual (... *signifying practice, social institutions and individual agency* – GILCHRIST, 1994 p. 13) e “objetificação da prática social e estrutura social” (... *objectification of social practice and social structure* – SHANKS & TILLEY, 1992, p. 131). Sua variedade interna deve-se ao seu uso em variados campos das humanidades e sua utilização em

disso é que o *tipo* é pensado como um conjunto de elementos perceptíveis que determinados grupos elegeram na projeção no plano espaço-temporal, e que a trajetória não é a do objeto em si, mas a do objeto inserido em determinadas dinâmicas sócio-culturais. A estrutura dessa trajetória será pensada no campo das temporalidades: conforme Braudel, haveria uma curta duração (“expressão dos acontecimentos”, geralmente ligada ao ato político), a média duração (ligada aos ciclos econômicos, à conjuntura, tem fôlego médio), e a longa duração.¹⁰

Aqui, propõe-se um estudo sobre o comportamento de determinado tipo no tempo e no espaço, que não pensado apenas do ponto de vista da distribuição geográfica dos achados. Inclui-se a dimensão da apropriação sócio-cultural caracterizada como *paisagem*, cuja definição passa por alguns elementos fortemente conectados: tempo, espaço e dinâmicas sócio-culturais. O tempo e o espaço não estão fora da ação humana e é justamente essa relação constante que descreve a paisagem. Tal dinâmica será observada principalmente pela interação local-regional, entendendo-se, basicamente, região como “uma rede de trocas, de relações centradas em torno de um ou vários pólos”.¹¹ No tocante à questão específica aqui tratada, o

abordagens arqueológicas específicas. Aqui, como visto, a cultura material é situada mais no âmbito da prática sócio-culturalmente mediada que do objeto material, ele próprio.

¹⁰ “Os observadores do social entendem por *estrutura* uma organização, uma coerência, relações suficientemente fixas entre realidades e massas sociais. Para nós, historiadores, uma estrutura é, indubitavelmente, um agrupamento, uma arquitetura; mais ainda, uma realidade que o tempo demora imenso a desgastar e a transportar” (BRAUDEL, 1986, p. 14). É importante, neste ponto, apresentar elementos da viabilidade da utilização da idéia de longa duração, a perspectiva temporal de maior interesse aqui. Há claramente, no artigo *A longa duração*, de 1958, uma ampliação da proposta apresentada n’*O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II* (BRAUDEL, 1949; tese defendida em 1947 e publicada originalmente em 1949), a longa duração era pensada principalmente no âmbito do meio físico, ou seja, um forte aproveitamento da “contribuição da geografia”, o que foi ampliado na publicação específica sobre o conceito em 1958: “Pense-se na dificuldade em romper certos marcos geográficos, certos limites da produtividade e até reações espirituais: também os enquadramentos mentais representam prisões de longa duração” (BRAUDEL, 1986, p. 14). Para o autor, “(...) o exemplo mais acessível continua a ser ainda a reação geográfica” (*Idem*); mas essa não é a única possibilidade, já que “as mesmas permanências ou sobrevivências dão-se no imenso campo cultural” (*Ibidem*, p. 15). É importante notar, neste ponto, que a própria idéia de tradição é conectada à discussão de estrutura, considerando-se tradição como “suporte da transmissão, no espaço e no tempo, ou seja, quanto à difusão e **persistência** dos dados histórico-culturais registrados (...) no interior de uma cultura” e “um *background* de atitudes e valores **consolidados no tempo, mantidos inalterados no decurso da história**” (CAPRETTINI, 2001, p. 208) – grifos meus.

¹¹ ... *un réseau d'échanges, des relations centrées autour d'un ou de plusieurs pôles* (FEYEL, 2006, p. 367). Sobre *região*, “a palavra pode ser aplicada a uma fracção dum Estado ou duma nação, como um agrupamento de Estados e nações, próximos pela suas características econômicas, políticas ou culturais e, geralmente, pela situação geográfica” (RONCAYOLO, 1986, p. 161). A partir disso, pensa-se o local como unidade não independente ou isolada compondo um complexo mais amplo, considerando-se o processo abordado. As delimitações, assim, não definem absolutamente o grau de dependência de tais unidades ou subdivisões. Dessa forma, não se trata de regiões ou locais naturalmente estabelecidos nem absolutamente

regional está ligado ao chamado Mundo Grego e o local a Atenas-Ática; e, sobre isso, algumas explicações devem ser feitas. A noção de Mundo Grego é complexa dada a dificuldade de delimitação geográfica ou político-cultural.¹²

As dinâmicas que estruturaram tal entidade de base geográfica, política e cultural são bastante variadas em todo o processo. Com isso, pode-se dizer, de forma bem generalista, que o que é chamado de Mundo Grego é um determinado conjunto de relações entre entidades politicamente organizadas com certa horizontalidade cultural em constante mudança. Sobre a dimensão local (Atenas-Ática), deve-se notar que o interesse concentrado em aspectos variados de inserção das ânforas panatenaicas impele à escolha de um pólo específico (Atenas-Ática), cuja relação com o nível regional é mais complexo que o apresentado ao longo deste estudo. Aqui, opta-se pela observação de um aspecto específico e limitado de relação entre local e região. Além disso, a própria entidade Atenas-Ática pode ser observada internamente a partir da noção local-regional. Atenas é uma parte da Ática e se se pensa nas dinâmicas da produção dos vasos panatenaicos (ligada às oficinas ceramistas concentradas no Cerâmico, mas cuja espacialização é coerente ao plano regional (Ática) e a própria disseminação das *Moriai* (as oliveiras sagradas de Atenas, elemento básico para a produção do óleo panatenaico) reforça isso. Assim, uma dinâmica específica local-regional é situada no plano local por opção da abordagem aqui proposta. O importante a destacar é que a dimensão do regional e local é definida pelo processo abordado, cuja base pode ser ecológica, econômica, cultural etc., isoladamente ou articulados, e que pode haver coerência entre eles ou não.

Considerando isso, aqui interessa mais a dimensão estrutural do processo abordado que o seu desenvolvimento, mas não se abrirá mão de compreender certos contextos específicos. Em alguns casos, é imprescindível entender elementos factuais e sua projeção no plano estrutural ou os pontos de comunicação entre diferentes níveis de temporalidade. Ou seja, compreender a interface dialógica entre as

definidos, mas de delimitações e processos específicos que definem certa projeção regional-local em aspectos parciais.

¹² Basicamente é preciso notar que “o Mundo Grego é muito mais que a Grécia. No período clássico (do século V ao IV a.C.) ele se estendia da Espanha até a Síria, e do sul da Rússia até a costa da Líbia; no subsequente período helenístico, ele se dispunha do Leste da Índia ao sul do Sudão” (*The Greek world is much more than Greece. In the Classical age of the 5th and 4th centuries bc it extended from Spain to Syria, and from southern Russia to the coast of Libya; in the Hellenistic period that followed, it spread eastwards to India and south to the Sudan* – LING, 1990, p. 160).

durações, conforme Vovelle indica uma “nova dialética do tempo curto e do tempo longo”, propondo que tais categorias temporais não são comunicáveis.¹³

O aproveitamento desse debate será grande aqui, na medida em que há uma preponderante percepção do festival panatenaico como algo estático ao longo dos quase mil anos de sua duração,¹⁴ e essa situação estende-se à interpretação das ânforas panatenaicas. Isso não quer dizer que a bibliografia seja insensível às mudanças, mas que no tratamento histórico desse tipo de objeto, projetam-se freqüentemente generalizações artificiais. Assim, a análise da estrutura deve considerar seus diálogos com outros níveis da duração do tempo. A consequência disso é que não se opta pela permanência em detrimento da mudança, já que a estrutura não se restringe aos elementos fixos. Acredita-se que a mudança tenha também uma estrutura ou que estejam ligadas nesse jogo de temporalidades.

* * *

Tradição, permanência e derivação. Esses três elementos conectados são básicos para a caracterização do vaso panatenaico ao longo deste estudo; já que se interessa, sobretudo pela dimensão estrutural (a perspectiva diacrônica de sua trajetória); ou seja, características básicas que informam bastante sobre a produção, o uso e o discurso sobre esses vasos. A estrutura do texto, dessa forma, é constituída por quatro níveis de discussão e propostas de interpretação desse tipo de objeto. Inicialmente (*Panatenaicas I*), apresenta-se um breve histórico da pesquisa, procurando entender como foi produzido o conhecimento sobre as ânforas panatenaicas (o interesse acadêmico, sobretudo o arqueológico) e a discussão dos critérios de sua identificação, classificação e caracterização na pesquisa arqueológica

¹³ “A noção de estrutura, como a manejam em campo os historiadores sociais e das mentalidades, perde toda rigidez e monolitismo, exprimindo um encontro de vestígios, que sem dúvida se organizam num sistema coerente, mas no âmbito de um equilíbrio sem cessar questionado e de uma respiração que é da História” (VOVELLE, 1990, p. 89). No diálogo que estabeleceu com Braudel, Vovelle refere-se abertamente ao artigo de 1958 (BRAUDEL, 1986), afastando-se do paralelismo estrutura/longa duração/meio físico: apenas um item do capítulo de Vovelle trata mais diretamente de elementos do meio físico, biologia e afins (*Do habitat à estrutura dos homens: a história das lentíssimas evoluções* – VOVELLE, *op. cit.*, p. 71-2). E, cabe lembrar, ali, já se inseria, “as mentalidades [como] campo privilegiado da longa duração” (*Idem*, p. 74-5), ressaltando o que Braudel timidamente havia indicado em 1958. Com isso, infere-se que a perspectiva estrutural define-se pela longevidade e também pelos pontos de comunicação com outros níveis de temporalidade.

¹⁴ Shear (2001, p. iv) nota que “anteriormente, especialistas têm igualmente discutido [as Panatenéias] no contexto global da religião ateniense ou focado em detalhes particulares sem considerar o desenvolvimento de ocasiões no conjunto. Essas abordagens têm sido sincrônicas e elas assumem que o festival permaneceu estático sobre o curso de sua história” (*Previous scholars have either discussed the celebration in the overall context of Athenian religion or focused on particular details without consideration of the occasion's overall development. These approaches have been synchronic and they assume that the festival remained static over the course of its history*).

e sua validade interna. Com isso, será proposta uma atualização e revisão da organização dos dados publicados em forma de catálogo (ver **lista 1**), cuja constituição está ligada à proposição de alguns critérios arqueologicamente orientados que serão testados na seqüência. Dessa forma, a classificação arqueológica não será o fim da investigação, mas seu começo, e a discussão da inserção contextual em vários níveis fornecerá elementos para aferir a validade dos critérios arqueológicos.

Na segunda parte (*Panatenaicas II*), na qual a caracterização do vaso panatenaico será pensada a partir da perspectiva da produção e da tradição artesanal, a discussão principal é a dos processos tradicionais (internos e externos) relacionados à produção de ânforas panatenaicas e como eles interferiram na projeção diacrônica dessa produção. E a produção relacionada (paralela e derivada) fornecerá elementos para se pensar o grau da articulação tradicional no contexto produtivo e em que medida essa tradição pode informar sobre a articulação interna do grupo de artesãos ceramistas áticos.

Na seqüência (*Panatenaicas III*), a caracterização do vaso será discutida considerando os contextos de uso: a inserção primária e secundária – desde elementos concernentes à encomenda até a deposição/rejeição. O objetivo, nesse ponto, será a compreensão de um elemento essencial na caracterização do vaso panatenaico: a sua função no contexto da premiação; o que será ainda discutido na parte seguinte (*Panatenaicas IV*), na qual tal questão será observada a partir dos variados níveis de discursos sobre as ânforas panatenaicas, observáveis no amplo e variado processo de derivação nelas referenciado. Ou seja, mais que a discussão sobre a inserção primária, a difusão e o uso em contexto secundário, é a compreensão das variadas citações aos vasos panatenaicos, das aproximações feitas nesse contexto e sua característica ritualística que fornecerão base para se pensar em um “universo panatenaico” como orientador da questão do vaso no universo do prêmio.

A avaliação dos critérios arqueológicos, à luz da compreensão da ação artesanal, da inserção primária e secundária e dos discursos antigos sobre tais objetos, são base para se pensar uma tipologia arqueológica humanizada, que leva em conta os processos humanos que articularam sentido a esses objetos (a tipologia arqueológica dialogando com a tipologia sistêmica). Humanizada também, na medida em que se admite que há elementos exteriores à ação técnica de classificação que podem influenciar amplamente a ação do pesquisador, o que é indicado pelas esferas de inserção atual nas quais esses objetos estão inseridos. Por exemplo, as ânforas panatenaicas formam coleções de variados países (ver **mapa 1** e **lista 1.2.1** e **1.2.2**), e sua difusão em coleções atualmente pode ser observada a partir de três movimentos: o primeiro é a distribuição em grande parte coerente com a difusão antiga

(manutenção relacionada aos locais de achado) – ânforas panatenaicas que são mantidas em museus de sítios e relacionados; as quais, mesmo quando deslocadas, permanecem no país por determinação legal (ver **mapa 1**, “1”). O segundo, é o deslocamento dos locais de achados – um traslado para instituições em outros países relacionado à pesquisa arqueológica e pela aquisição em mercado de antiguidade (ver **mapa 1**, “2”); e o terceiro é a projeção tímida do cenário “2” em alguns casos específicos (ver **mapa 1**, “3”).

Dessa forma, a situação desses vasos em coleções atualmente é devida a uma gama de processos variados. O mais consistente do ponto de vista quantitativo é a manutenção relacionada ao local de achado “1”, que compreende mais de 2/3 das dinâmicas “2” e “3” juntas. É preciso saber que tais dinâmicas estão amplamente ligadas às diferentes formas de lidar com tais objetos ao longo do tempo. Até o início do século XX, muitos desses objetos encontrados na Grécia, mais especificamente em Atenas (o local de achados mais numerosos) foram deslocados de lá e compõem atualmente coleções como a do Museu Britânico: é o caso da *Burgon amphora* (Londres B 130, **cat. 1**). Entretanto, a legislação grega atual não permite a saída de objetos arqueológicos, o que interfere sensivelmente nesse cenário.¹⁵ Diferente disso, muitos vasos encontrados na Itália foram deslocados para fora do país, já que a legislação é mais flexível.¹⁶

Esse cenário é bastante indicativo da influência dos processos passados na organização dos dados, já que, mesmo com a dinâmica de trocas que proporcionaram a difusão desses vasos em vários pontos do mundo, a consistência entre o local de achado e sua manutenção ainda hoje em contornos geográficos similares é forte. Ainda, é digna de nota a quase ausência de ânforas panatenaicas em museus latino-americanos, levando em conta que se constituíram coleções de antiguidades nessa região. A única representante é uma ânfora panatenaica do Museu Nacional de Belas Artes de Havana, Cuba (**cat. 66**), que foi adquirida no contexto de formação de uma coleção particular (do Conde de Lagunillas), requisitada pelo estado posteriormente (não se tratou de uma política de aquisição de antiguidades de iniciativa estatal). Pode-se, mesmo, dizer que o exemplar de Cuba, de Kyoto (de localização desconhecida atualmente, ver **cat. 123**), de Toronto (**cat. 62 e 138**), de Madri (**cat.**

¹⁵ Ver VALAVANIS & DELEVORRIAS, 2007, p. 30; para as leis 5351 (de 1932) e 3028 (de 2002) sobre a proteção de antiguidades na Grécia.

¹⁶ Ver NISTRI, 2011; para a legislação italiana sobre bens culturais (incluindo-se as antiguidades) e CHAPPELL & MANACORDA, 2011 e MERRYMAN, ELSSEN & URICE, 2007, p. 404-18; para uma visão global da legislação sobre antiguidades.

110) e da Nova Zelândia¹⁷ estão fora do circuito de aquisição e conservação desses objetos que é concentrado no eixo Mediterrâneo (Europa, Oriente Próximo e Norte da África) e Atlântico Norte (incluindo-se Estados Unidos da América), onde é possível notar um considerável prestígio agregado às ânforas panatenaicas.¹⁸

Fora desse eixo principal, esses vasos também são importantes objetos de coleções, como indicam algumas notícias de aquisição. Por exemplo, em uma notícia de incorporação de uma ânfora de tipo panatenaico (apresentada como ânfora panatenaica) à coleção do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (Portugal), Rocha-Pereira refere-se de forma bastante entusiasmada a essa aquisição;¹⁹ situação parecida com a já citada ânfora panatenaica do Museu Nacional de Belas Artes de Havana (Cuba).²⁰

Como visto, é dado um considerável valor artístico e de mercado a esses vasos. Em um leilão de antiguidades da *Christie's* (em 8 junho de 2004, em Nova Iorque), uma ânfora panatenaica atribuída a um pintor “Próximo do Pintor de

¹⁷ O exemplar de Kyoto foi colocado a venda em 9 de julho de 2004 pela Christie's Nova Iorque (ver, aqui, **nota 21**). O exemplar da Nova Zelândia (Dunedin E 48.375), considerado ânfora panatenaica em BENTZ, 1998, nº 5.086, não foi incluído no catálogo de ânforas panatenaicas aqui organizado.

¹⁸ Sobre isso, Carpenter (2007, p. 399 e 402) diz: “muitos museus na Europa e Estados Unidos orgulhosamente expõem ânforas panatenaicas como importantes obras de arte e recentemente um exemplar do século V a.C. (...) foi vendido no mercado de arte por mais de meio milhão de dólares” (*Many art museums in Europe and the United States proudly display Panathenaic amphoras as important works of Greek art, and recently a fifth-century example (...) sold on the art market for more than half a million dollars*).

¹⁹ “Recorde-se aqui, de passagem, que o mesmo Museu pode agora gloriar-se de ter adquirido em haste pública, não há muitos anos, uma ânfora panatenaica que pertencera à Coleção Palmela, e que é exemplar único dessa forma cerâmica no nosso País” (ROCHA-PEREIRA, 2008). Esse vaso também foi destacado na divulgação de uma exposição recente de cerâmica grega no mesmo museu: “A coleção do MNA será extensivamente apresentada. Entre os exemplares a exibir, conta-se uma ânfora panatenaica de figuras negras, do final do século VI a.C., com a representação da deusa Atena na face A e uma cena de luta na face B. Esta peça foi adquirida em 1998, em leilão, por proposta do diretor do Museu, mediante sugestão nesse sentido recebida da Profª Maria Helena da Rocha Pereira, pioneira dos estudos de cerâmica grega e comissária científica desta exposição, que constitui também uma homenagem à sua obra. Trata-se de uma peça de valor simbólico especial, porque pertencera à Coleção Palmela, tendo sido adquirida em Itália logo depois da descoberta e das escavações iniciais em Pompéia ou Herculano. Representa, pois, um dos raros exemplos do colecionismo português esclarecido, que infelizmente foi tão raro entre nós” (*Boletim informativo do grupo de amigos do Museu de Arqueologia*, n. 8, janeiro de 2007). Ver ROCHA-PEREIRA, 2007, para o catálogo da exposição.

²⁰ Sobre tal vaso é dito, no catálogo da coleção: “esta ânfora é sem dúvida a peça mais valiosa da coleção de cerâmica grega do Museu Nacional de Cuba” (*Esta ânfora es sin duda la pieza más valiosa de la colección de cerámica griega del Museo Nacional de Cuba* – ver NUÑEZ GUTIÉRRES, 1990, p. 17). Vale dizer que num recente catálogo da cerâmica grega desse museu traz justamente uma fotografia desse vaso na capa, destacando a peça considerada de maior prestígio na coleção (OLMOS-ROMERA, 1993).

Cleofrades”,²¹ estimada entre US\$ 100.000-150.000, foi vendida por US\$ 119.000, bem menos que o meio milhão anunciado por Carpenter (ver, aqui, **nota 18**).²² Mas, essas quantias, aparentemente altas, situadas no campo do mercado de arte não são tão expressivas. Alguns anos antes, a *Christie’s* anunciou o maior rendimento até então em seus leilões de antiguidades, a partir das vendas dos dias 12 e 13 de junho de 2000: algo em torno de US\$ 15.000.000, dos quais, apenas dois objetos foram responsáveis por quase US\$ 3.000.000. Trata-se de dois vasos áticos de figuras vermelhas: uma taça assinada por Douris (por US\$ 1.776.000) e a famosa cratera de Toronto (por US\$ 1.051.000), valores próximos do estimado, que era a partir de US\$ 1.000.000.²³

Para completar o quadro, uma abordagem sistemática da questão²⁴ mostra que das cento e setenta e duas vendas mais caras entre os anos de 1969 e 2000 em leilões de antiguidades da *Sotheby’s NY*, *Christie’s NY*, *Hesperia Arts Auction NY*, *Numismatic Fine Arts NY*, *Bonhamsn Londres*, *Drouot Paris* e *Münzen und Medaillen AG Basileia*, sete são vasos panatenaicos vendidos entre US\$ 28.170 e US\$ 541.000.²⁵ Esses são valores altos relacionados a um grupo pequeno de vasos se se pensar no número de dezoito mil quatrocentos e setenta e um vasos no mercado de antiguidades entre os anos de 1954 e 1998.²⁶

²¹ *ABV*, p. 405-6. Ver *site The City Review 1* e *Christie’s 1* (seção 1384, lote 29).

²² O rendimento total para essa seção de número 1384 foi de US\$ 3.083.070, a partir da venda de cento e oitenta e um itens, entre eles a ânfora panatenaica acima citada. É interessante notar que em 1889 o Museu de Belas Artes de Boston adquiriu uma ânfora panatenaica (**cat. 41**) que compunha um lote de antiguidades, antes pertencentes a Edward Perry Warren, pelo equivalente a US\$ 32.500 todo o lote (os objetos do Museu de Boston entre os inventário 99.338 a 99.542 – ver *site Boston 1*), o que permite pensar na variação do valor que tais objetos já poderiam agregar no século XIX, atentando-se às variações que o valor dessa moeda experimentou ao longo do tempo.

²³ Essa seção (9448 - 12 de junho de 2000) arrecadou US\$ 7.053.906, a partir da venda de cento e cinquenta e uma peças, sendo duas delas os vasos acima citados: lotes 81 e 111, respectivamente - ver *site Christie’s 2*.

²⁴ NÖRSKOV, 2002, p. 356-9.

²⁵ No topo da lista está a venda de uma hídria de Caere, vendida por US\$ 3.302.250 e a posição mais baixa é a da venda de uma hídria ática de figuras negras por US\$ 3.120.

²⁶ NÖRSKOV, *op. cit.*, p. 352-5. Vale notar que esses valores, comparados aos das obras de arte contemporânea, são bastante modestos. Por exemplo, o leilão intitulado *Impressionist and Modern Art*, em 03 de novembro de 2004, na *Christie’s*, registrou para grande parte das obras valores acima de um milhão de dólares (US\$ 1.000.000), sendo a venda mais expressiva desse dia fixada em vinte milhões cento e sessenta e sete mil dólares (US\$ 20.167.000) – trata-se do lote 24, a tela *Londres, le Parlement, effet de soleil dans le brouillard*, de Claude Monet (ver *site The City Review 2*). Essa seção (1429) arrecadou cento e vinte e oito milhões duzentos e vinte e dois mil cento e cinquenta dólares (US\$ 28.222.150), a partir da venda de cinquenta e oito obras (ver *site Christie’s 3*). Valores dessa grandeza, no que tange aos objetos no comércio de antiguidades, são episódicos; como a venda de uma escultura helenística de Ártemis e um cervo, estimada entre cinco e sete milhões de dólares (US\$ 7.000.000), mas vendida por vinte e oito milhões e seiscentos mil dólares (US\$ 28.600.000), superando todas as expectativas da

Tudo isso pode influenciar a visão do pesquisador na interpretação desse tipo de vaso. Os vasos panatenaicos são comumente inseridos numa esfera de interesse e destaque bastante privilegiada. Um exemplo disso é o nome dado a uma tumba na necrópole dell'Osteria, em Vulci, como *Tomba della Panatenaica*, apesar de os achados nela serem bem diversos.²⁷ Para a ceramologia grega, o estudo das ânforas panatenaicas já foi apresentado como modelo²⁸ e especificamente nos estudos iconográficos, as imagens figuradas sobre elas são corriqueiramente usadas como fonte para a compreensão de provas atléticas no mundo antigo.²⁹ E esse caráter documental se mistura à sua apropriação como elemento de memória.³⁰

Esse cenário indica balizas importantes para se pensar a caracterização das ânforas panatenaicas. Os valores atribuídos a esse tipo de objeto atualmente estão

Sotheby's (leilão em 07 de junho de 2007, Lote 41). Os valores atuais indicam um tipo bastante distinto de inserção desses objetos, nada coerente com sua situação antiga. Uma estela do final do século V a.C. (IG I³ 422, 41-60) indica o valor de meio dracma para uma ânfora panatenaica; enquanto o valor de uma escrava era cento de cinquenta dracmas. Para algumas informações sobre os valores monetários dos vasos áticos no contexto de seu uso antigo, ver DUGAS, 1924, p. 40 e SPARKES, 1996, p. 140-5.

²⁷ Uma ânfora panatenaica foi encontrada em seu interior compondo um conjunto de “77 objetos, incluindo uma grande quantidade de vasos jônicos, ródios, coríntios, áticos de figuras negras e vermelhas, tanto como etrusco-coríntio e *bucchero*” (... 77 pieces, including a wide range of *Ionian, Rhodian, Corinthian, Attic b.f. and r.f. as well as Etrusco-Corinthian and bucchero* – RIDGWAY, 1967-1968, p. 41. Para a Tomba della Panatenaica, ver FALCONI AMORELLI, 1968).

²⁸ BENTZ, 2003, p. 111.

²⁹ Conforme indica Miller (2004a, p. 10), “... as ânforas panatenaicas são o tipo mais importante de evidência visual para as provas atléticas na Grécia. (...) essas pinturas detalhadas permitem-nos estabelecer uma ligação estreita com as provas atléticas antigas numa época antes das fotografias” (... *the Panathenaic amphora is the single most important type of visual evidence for ancient Greek athletics. (...) these detailed paintings give us the closest possible link to ancient athletics in those prephotographic days*). Sobre isso, Kyle (2007, p. 150) adverte: “Ironicamente, livros sobre Olímpia são ilustrados com vasos áticos pintados que se referem aos jogos em Atenas, não Olímpia” (*Ironically, books on Olympia are routinely illustrated with Athenian vase paintings referring to games at Athens, not Olympia*). Há, ainda, que se pensar no interesse icônico e níveis de representação relacionados a essas figuras.

³⁰ Por exemplo, Tyrrell (2004, p. 145) chegou a dizer: “toque uma ânfora panatenaica e você se conectará com um vencedor que uma vez a pegou e se orgulhou disso como um símbolo de sua *aretê*” (*Touch a Panathenaic amphora, and you connect with a victor who once handled it and took pride in it as a symbol of his aretê*). A comunicação entre presente e passado centrada no conteúdo atlético é também indicada na inserção de uma ânfora panatenaica em uma exposição do Museu de Belas Artes (Boston 99.520, **cat. 41**), na qual o vaso com figuras de corredores foi posicionado ao lado de dois pares de tênis esportivos atuais (ver CARIGAN & KEITH, 2007, p. 4). Esse tipo de vaso também estava presente no conjunto de referências ao passado, utilizadas no contexto das Olimpíadas modernas: nos jogos de Atenas (os primeiros da era moderna, em 1896 e os de 2004), foram produzidos selos com figuras de ânforas panatenaicas. Ainda, vale lembrar a citação constante desse tipo de vaso em troféus contemporâneos (ver BENTZ, 2003, p. 117; para um exemplo). Relacionado a isso, é notória a grande quantidade de publicações tendo as ânforas panatenaicas como elemento central, ou ao menos importante, ensejado por ocasiões como jogos olímpicos da era moderna (por exemplo, VALAVANIS, 2004).

ligados a determinadas expectativas quanto à compreensão de sua inserção antiga, e um exemplo claro disso é a sua caracterização quase imediata como “prêmio”. Assim, a tese aqui defendida repousa justamente na identificação da fragilidade da caracterização do vaso panatenaico em aspectos variados; seja na identificação básica de elementos relacionados à sua utilização em contexto primário e secundário, seja na validade de determinadas caracterizações para toda a experiência de sua utilização na Antigüidade. Ou seja, a tese defendida é a que, mesmo depois de duzentos anos de interesse concentrado sobre esse tipo de objeto, os argumentos que sustentam sua caracterização são geralmente frágeis. E isso se dá, não pela ausência de um conjunto satisfatório de informações, mas por alguns importantes limites informativos não serem considerados na caracterização do objeto e na interpretação de aspectos sócio-culturais relacionados a ele. A experiência ligada à produção, uso e imobilização/descarte desse tipo de objeto foi concernente a um amplo recorte temporal e a contextos específicos, e qualquer explicação relacionada a isso deve ser baseada numa delimitação de contextos ou certas generalizações que contenham satisfatoriamente essa amplitude cronológico/contextual.

PANATENAICAS I

A discussão arqueológica e a caracterização da ânfora panatenaica

O termo “ânfora panatenaica” tem dois níveis a serem considerados: a ocorrência nas fontes escritas antigas e sua apropriação arqueológica, ambos de tratamento complexo, dada a dificuldade de identificação do objeto específico. O termo “panatenaico” (*panathenaïkos*) e relacionados têm aplicação que remonta à Antiguidade. Seu uso é determinado pelo qualificativo de alguma relação com as Panatenéias, tendo sido usado por Tucídides (século V a.C.) para se referir à procissão das Panatenéias,¹ e também no título de um discurso de Isócrates (século V-IV a.C.), que foi replicado por Aelius Aristides (século II d.C.).² Há, nesse sentido, algumas referências em latim como o comentário de Plínio (século I d.C.) sobre o perfume panatenaico.³

Seu uso para designar um tipo de vaso é verificável numa inscrição de c. 414 a.C. (o provável inventário do espólio de Alcibiades), onde ele ocorre várias vezes.⁴ Há, ainda, registro numa inscrição deliana de c. 280 a.C. se referindo a estanos panatenaicos⁵ e Posidônio (século II-I a.C.) o teria utilizado para esse tipo de ânfora.⁶ Entretanto, boa parte das referências não utilizava o qualificativo “panatenaico”. Píndaro (século VI-V a.C.), que o menciona, utiliza apenas o termo “vaso”.⁷

A utilização do termo “panatenaico” nas línguas modernas remete claramente à noção antiga. Seu uso era feito desde o Renascimento e se nota, já no século XVIII, a seguinte formulação: “panatenaico, pertencente à Panatenéia, solenidade ateniense, que acontecia a cada ano e (a grande) a cada cinco”.⁸ Entretanto, apenas na primeira metade do século XIX, ele foi relacionado ao vaso considerado prêmio: em 1817, A.

¹ *Panathēnaikēn pompē* (*História da Guerra do Peloponeso* 1, 20).

² *Oração Panatenaica* (*Panathenaikos*). Para a citação de Isócrates por Aristides, ver SAÏD & TRÉDÉ, 1999, p. 130-1.

³ *Panathenaicum unguentum* (*História Natural* 13, 2, 6).

⁴ *Amphoreus panathenaïkos* (IG I³ 422).

⁵ *Stamnoi panathenaikos* – IG XI.2 165.17-18 (Contas dos *Hieropoioi*). Ver RICHTER & MILNE, 1935, p. 8; para os prováveis paralelismos antigos entre os termos *stamnos* e *amphoreus*.

⁶ 25 J – conforme L&S, verbete *panathenaïkos*.

⁷ *Angeïon* (*Nemeanas* 10, 65-7). Esses vasos chegaram mesmo a serem chamados de *hidriai* (segundo escoliasta de Píndaro; RICHTER & MILNE, 1935, p. 3, n. 2), além de *khalpides* (*Callimachi Fragmenta* a R. Bentley collecta, nº CXXII) e *khéramon* (Escólio de Aristófanes, *Nuvens* 1001). Para uma discussão da aplicação desses termos, ver BRONSTED, 1832, p. 130.

⁸ *Panathenaic, belonging to Panatheneia, Athenian Solemnities, kept every year, and (the greater) every fifth*. COLES, 1717, verbete “panathenaic”, s.p.

Böckh aproxima os termos “ânfora” e “prêmio panatenaico”,⁹ a partir de informações em fontes literárias. Seu uso para caracterizar um segmento de vasos que vinha sendo encontrado aparece logo em seguida. Quando Thomas Burgon encontrou, em 1813, a ânfora que ficaria conhecida como *Burgon amphora* (Londres B 130, **cat. 1** – ver **fig. 2a e 3a**), uma aquarela que ele próprio fez do vaso para sua divulgação apresenta a legenda “vaso grande”.¹⁰ Logo depois (em 1831), o chamaria de “ânfora panatenaica”;¹¹ mas, antes disso, para se referir ao mesmo vaso, Millingen já usava o mesmo termo “ânfora panatenaica”, “vaso panatenaico”.¹² Essa é uma terminologia que domina os estudos arqueológicos, dividindo espaço com o qualificativo “prêmio”: “vaso-prêmio”, “vaso-prêmio panatenaico” e “ânfora-prêmio”. Seu uso “tardio” para caracterizar tal tipo de vaso, tendo em vista que ele já era de comum uso para a denominação de outros elementos do festival, deve-se à própria dinâmica dos achados e de sua organização. A inserção desse tipo de vaso no universo das Panatenéias era desconhecida pelos pesquisadores, os quais começam a situá-lo nesse contexto no decorrer do século XIX e a discussão da *Burgon amphora* foi essencial; vaso que chegou a ser chamado de “reliquia singular”,¹³ o que indica um pouco do interesse acadêmico sobre ele.

Na bibliografia moderna, as referências às ânforas panatenaicas começam a aparecer no século XVIII de forma tímida e bastante esparsa, e alguma demonstração de conhecimento já minimamente organizado aparece na primeira metade do século XIX. A primeira notícia segura data do início do século XVIII, concernente a um vaso (**cat. 493**) preenchido com restos mortais encontrado em uma tumba em Bengazi em 1705-1706 por Claude Le Maire, cônsul francês em Trípoli (reportado, na íntegra, pelo mercador, naturalista e antiquário francês Paul Lucas), no qual ele caracteriza o vaso simplesmente como “urna”.¹⁴

⁹ *Amphoreus Panathenaischen Preinsen* (BÖCKH, 1817, p. 339, n. A).

¹⁰ *Large vase* - ver site *The Burgon archive project* 1 e 2.

¹¹ Ver BRÖNDSTED, 1832, p. 110 e CORBETT, 1960, p. 53.

¹² *Panathenaic amphora, Panathenaic vase* (MILLINGEN, 1822, p. 7, n. 31; 38, n. 18; pr. I-III). O que também foi registrado por Panofka (1829, n.6).

¹³ *Singular relic – Notice of Rose’s inscriptions*, *The Classical Journal*, 1928, p. 149

¹⁴ *Urne* – ver LUCAS, 1714, p. 84, 98-9; OMONT, 1902, p. 1043; LARONDE, 1987, p. 142 e COOK, 1997, p. 276; para o desenho do vaso, hoje perdido, ver BENTZ, 1998, pr. 131, nº 4.104. Vale, ainda, indicar outra possível referência: quando Winckelman menciona um prêmio na *Ilíada* (23, 259), um vaso em bronze relacionado aos jogos em honra a Pátroclo, diz: “não menos conhecido é o uso de tais vasos nos jogos da Grécia, onde já nos tempos mais antigos um mero vaso de argila era um prêmio de vitória” (*Not less known is the use of such vessels in the games of Greece, where already in earliest times a mere earthen vessel was a prize of victory* – WINCKELMAN, 1764; *Apud* VICKERS & GILL, 1996, p. 17-8, n. 77), o que poderia ser

Quanto ao início da organização dos dados, pode-se citar as informações sobre a coleção Canino apresentadas por Gehard que, além de listar as recém encontradas ânforas panatenaicas, discute a nomenclatura do vaso, a inscrição de tipo *athlon*, elementos iconográficos e cita o achado da *Burgon amphora*, estabelecendo paralelos.¹⁵ Nessa mesma linha, houve uma comunicação de Brönsted feita no encontro da *Royal Society of Literature* em 7 de dezembro de 1831, sobre alguns vasos integrados ao Museu Britânico, da qual foi publicado um resumo,¹⁶ e seu conteúdo integral foi posteriormente publicado em inglês¹⁷ e em francês.¹⁸ Nessa comunicação, o autor apresentou um quadro de comparações entre a *Burgon amphora* e achados na Itália, estabelecendo um diálogo com publicações variadas, tratando de elementos ornamentais, da inscrição de tipo *athlon*, da capacidade desse tipo de vaso, de sua função, entre outros.

Pode-se encontrar em meados do século XIX caracterizações razoavelmente maduras das ânforas panatenaicas;¹⁹ mas, quanto à compreensão de sua dispersão, o

uma referência à experiência que envolvia as ânforas panatenaicas, mas não se pode dizer com clareza se tal colocação inclui esse tipo de vaso.

¹⁵ GEHARD, 1830.

¹⁶ *The Gentleman's magazine*, vol. 150, p. 637-8 (com o título *Panathenaic vases*) e no *The London literary gazette and journal of belles lettres, arts, sciences, etc*, p. 827 (com o título *Memoir on Panathenaic Vases, by Chevalier Brönsted*), ambos em 1831.

¹⁷ BRÖNSTED, 1832.

¹⁸ BRÖNSTED, 1833 – com pequenas inclusões como pranchas com figuras de elementos tratados no texto.

¹⁹ Por exemplo, Hagemas (1863, p. 204-5) apresenta as ânforas panatenaicas da seguinte forma: “Panatenaico - diz-se dos vasos contendo o óleo sagrado, oferecidos como prêmios aos vencedores do ginásio, nas festas celebradas em honra de Minerva. Durante estas celebrações, rapsodos recitavam poemas, os filósofos defendiam seus princípios, e a juventude grega disputava na palestra o prêmio da vitória. Este prêmio consistia numa certa quantidade de óleo das *morai*, oliveiras sagradas, produto do transplante da oliveira primitiva plantada por Minerva na Acrópole, e depois transplantada perto da Academia. Sabe-se, a respeito dessas árvores, que foram mantidas pelo Estado, e que sofria a pena do exílio aquele que teria tido a infelicidade de destruir uma. Então, este óleo precioso não foi considerado indigno de fazer o principal prêmio da vitória. Mais tarde, mesmo o vaso que o continha era considerado prêmio, e pinturas figurando, de um lado Minerva, e de outro, as outras cenas de ginástica, lembram sua função. Frequentemente eles portam as inscrição *ton athenethen athlon*, o prêmio de Atenas. Deve-se notar que esses vasos são normalmente em estilo arcaico, o que não quer dizer que todos eles pertencem a um período tão remoto, mas se pode supor que a fidelidade às antigas tradições fez perpetuar o uso nos mais belos tempos da arte” (*Panathénaïque. — Se dit des vases qui contenaient l'huile sacrée, offerte en prix aux vainqueurs du gymnase, aux fêtes célébrées en l'honneur de Minerve. Durant ces fêtes, les rapsodes récitaient des poèmes, les philosophes défendaient leurs principes, et la jeunesse grecque disputait au palestre le prix de la victoire. Ce prix consistait en une certaine quantité d'huile provenant des morioi, oliviers sacrés, produits de la transplantation de l'olivier primitif planté par Minerve sur l'Acropol, et transplanté plus tard près de l'Académie. L'on sait avec quel respect ces arbres étaient entretenus par l'Etat, et l'on n'ignore pas qu'il eut encouru même les peines de l'exil, celui qui aurait eu le malheur d'en détruire un seul. Aussi celte huile précieuse ne fut-elle pas regardée comme indigne de faire le principal prix de la victoire. Plus tard le vase qui la contenait*

contexto bastante desigual de achados apresentava sérios limites à discussão: eles cresciam na região da Itália e no norte da África, enquanto na Grécia, durante quase todo o século XIX, a situação não mudava muito – além da *Burgon amphora*, os achados, até o fim do século XIX, se resumiam a poucos fragmentos apresentados em algumas publicações.²⁰ Martha, interpretando a situação dos achados, chegou a dizer que “parece então que em Atenas não se interessava pelas ânforas [panatenaicas], por que se acreditava que não valia à pena conservar tais vasos (...)”, e que depois da *Burgon amphora*, “o solo da Ática não ofereceu nenhuma ânfora panatenaica”,²¹ o que tornava bastante relevantes alguns fragmentos encontrados na Acrópole pouco antes de sua publicação em 1877.

Esse quadro tem certamente relação com a dinâmica das pesquisas arqueológicas em Atenas. As primeiras pesquisas sistemáticas empreendidas na região da Ágora ateniense (um dos locais de achados mais numerosos de ânforas panatenaicas) dar-se-iam por atuação da Sociedade Arqueológica Grega (*Greek Archaeological Society* ou *The Archaeological Society of Athens*) entre 1859 e 1862, retomando-se as atividades em 1898 até 1902. Entretanto, as pesquisas com publicações mais sistemáticas dos achados ocorreriam com a atuação da Escola Americana (*The American School of Classical Studies at Athens* – ASCSA) entre 1931 e 1940, sendo interrompida pela Segunda Guerra mundial e retomada em 1946 seguindo até hoje (vale lembrar, por exemplo, dos mais de trinta volumes da série *The Athenian Agora*, dos vinte e cinco volumes da série *Excavations of the Athenian Agora picture books*, e as inúmeras notícias das excavações, seus achados e interpretações na revista *Hesperia*, todos estes esforços da ASCSA). É importante também indicar aqui as atividades do Instituto Alemão de Arqueologia (*Deutsches Archäologisches Institut* – DAI), que concentrou suas pesquisas na região do Cerâmico, o local de

fut lui-même regardé comme le prix, et des peintures figurant d'un côté Minerve et de l'autre des scènes gymniques, en rappelèrent la destination. Souvent ils portaient l'inscription ton Athenethen athlon, le prix d'Athènes. Il est à remarquer que ces vases sont ordinairement du style archaïque; ce n'est pas à dire qu'ils appartiennent tous à une époque aussi reculée, mais on peut supposer que la fidélité aux antiques traditions en fit perpétuer l'usage aux plus beaux temps de l'art). Ver, ainda, a poesia de Edmund Head, sobre a trajetória de um vaso panatenaico (ver p. ii).

²⁰ Para os achados da Acrópole, ver GRAEF, 1925 e SMITH, 1896-7; para os fragmentos de Delfos, Elêusis e Melos, ver MARTHA, 1877; há, ainda, alguns outros achados de proveniência incerta que, provavelmente, teriam sido encontrados em Atenas, indicados por De Witte no *Bullettino dell'Istituto di Corrispondenza Archeologica* (vol. 4, 1832, p. 170) e em Samos ou Egina (*Idem*, vol. 2, 1930, p. 129 e vol. 3, 1931, p. 95 e 217). Vale lembrar que Thomas Burgon, na sua carta a Brøndsted, confessa ter destruído, alguns dias antes de encontrar a *Burgon amphora*, quatro vasos semelhantes por pura ignorância (BRÖNSTED, 1832, p. 111).

²¹ *Il paraît qu'alors à Athènes on ne faisait aucune attention aux amphores, parce qu'on croyait que ces vases ne valaient pas la peine d'être conservés... Le sol de l'Attique n'as pas donné une seule amphore panathénaique* (MARTHA, 1877, p. 174).

achados mais numerosos de ânforas panatenaicas; onde, só a partir desse cenário de pesquisas mais sistemáticas é que se estabeleceu um quadro mais coerente da dispersão das ânforas panatenaicas no Mediterrâneo. Entretanto, apesar de as escavações sistemáticas já terem começado no último quartel do século XIX, a publicação dos dados ainda hoje não foi feita sistematicamente (conforme discussão na sequência).

O primeiro estudo mais aprofundado, tendo como base uma documentação organizada (um repertório de 130 objetos), foi feito no início do século XX por Von Brauchitsch (1910) e, a partir disso, a necessidade que se colocava era a de apresentar interpretações relacionadas a um *corpus* organizado que crescia cada vez mais. É preciso notar que as tipologias que se tornariam modelares ainda estavam se desenvolvendo ao longo do século XIX; como, por exemplo, a de Thomsen sobre materiais pré-históricos diversos, já na primeira metade do século XIX e refinada por Montelius na segunda parte do mesmo século; e também as propostas de Pitt-rivers.²²

O levantamento de Von Brauchitsch apresenta um cenário bastante diferente daquele observado no século XIX: dos vasos repertoriados, aproximadamente 18 foram encontrados na Ática, além de 22 na Etrúria, 16 em Vulci, 7 em Bengazi e 4 na Cirenaica, entre outros. Vale a pena indicar o crescimento de achados na Grécia apresentados por Von Brauchitsch: além daqueles na Ática, pelo menos 7 em Esparta e ainda em outros sítios na Grécia. Sobre o repertório de Baruchitsch, segundo Brandt, há certas incorreções (uma referência dupla e dois vasos duvidosos), o que diminuiria o número de vasos para 127.²³ Gardiner, criticando a mesma lista, falava em 126 entradas válidas).²⁴ Além disso, tratava-se de um repertório evidentemente parcial, levando em conta que publicações contemporâneas já apresentavam projeções mais amplas, como a de Gardiner.²⁵ Deve-se incluir também os achados da Acrópole apresentados por Graef e levantamentos paralelos, como os das inscrições de arcontes (séc. IV a.C.), que também acabaram produzindo listas de ânfora panatenaicas, remontando ao final do século XIX, como Mommsen.²⁶

A documentação ainda bastante parcial apresentada em 1910 por Von Brauchitsch foi seguida por uma avaliação que não considerava fortemente a dinâmica dos achados arqueológicos: num contexto pouco definido dos dados e de achados

²² Ver TRIGGER, 2004, p. 73-6 e 152-7 e PITT-RIVERS, 1875.

²³ BRANDT, 1978, p. 1.

²⁴ GARDINER, 1912, p. 180.

²⁵ *Op. cit.*, p. 180-3.

²⁶ Ver GRAEF, 1925 e HAMILTON, 1993, p. 237-8.

constantes interferindo na interpretação, ele propõe que não haviam sido distribuídas ânforas panatenaicas entre 495 e 378 a.C., que a distribuição desses vasos teria sido feita nos festivais anuais (e não nos pentéricos) e apenas um vaso era oferecido ao primeiro colocado; propostas que foram logo em seguida criticadas por Gardiner.²⁷ É importante observar que ainda recentemente a dinâmica de publicação dos dados deve ser considerada. Por exemplo, o local de achados mais numerosos, o Cerâmico, ainda apresenta um cenário indefinido quanto às publicações dos dados. As escavações sistemáticas mais antigas nessa região em 1870 já apresentavam achados, conforme indica Frel, dizendo que até a época de sua publicação em 1973 o montante de achados poderia ser situado em algo em torno de 300 vasos;²⁸ mas, a nota recente de Eschbach, informando a existência de cerca de 2000 fragmentos isolados (cerca de 800 conjuntos), a maior parte inédita;²⁹ mostra que, quase um século e meio depois dos primeiros achados nessa região, a quantificação mais exata dos achados ainda é incerta. E se, por um lado, há um projeto abertamente apresentado para a publicação dos achados do Cerâmico; não se pode dizer o mesmo daqueles do Museu de Samos (a partir dos dados na bibliografia, procurei estudar todo o material publicado do Museu de Samos, onde há uma grande quantidade de fragmentos de ânforas panatenaicas e (ou) relacionados, a maior parte inédita).

Assim, se o catálogo de Bentz (1998) apresenta cerca de mil ânforas panatenaicas, como resultado da reunião de informações apresentadas ao longo de quase 200 anos de estudos, esse repertório não era tão desconhecido: Le Lasseur, numa publicação não específica, se baseando na lista de Von Brauchitsch (1910) e principalmente nos dados fornecidos por Gardiner, indicava um número de 767 ânforas panatenaicas em 1916.³⁰ Em 1936, Smets publica outra listagem sistemática com 210 ânforas panatenaicas (apenas inscritas), incluindo também os objetos duvidosos e a duplicação que constavam na publicação de 1910 de Von Brauchitsch.

Há que se considerar que a produção tardia (do período helenístico e romano) só começou a ser organizada em meados do século XX. Em 1936, Dow já propunha um alargamento da perspectiva cronológica da produção e uso dos vasos panatenaicos, o que foi comprovado pelos achados publicados por Edwards em 1957, que listou mais detidamente os exemplares da Ágora de Atenas (Museu da Ágora): 49 ao todo – 39 de figuras negras e 10 de fundo branco; e um vaso do século IV d.C.

²⁷ Ver AMYX, 1958, p. 179, para esse debate.

²⁸ FREL, 1973, p. 7.

²⁹ ESCHBACH, 2007, p. 91; s.d.

³⁰ LE LASSEUR, 1916, p. 62-3, n. 5; GARDINER, 1912, p. 181-2.

(interpretado como ânfora panatenaica) com engobo bege e figuras com verniz em marrom avermelhado e incisões (Atenas, Agora P 26600 – ver **fig. 40**), não computado no catálogo de Edwards,³¹ mas apresenta de forma generalista os achados em outros contextos. Por exemplo, os achados do Cerâmico e proximidades (hoje no Museu do Cerâmico e na Reserva Técnica da Terceira Eforia de Atenas) são caracterizados como “vários”, e o autor indica que não teve acesso a eles.

Vale dizer, esses números são constantemente colocados à prova. Bentz, num artigo de divulgação, amplia a cifra apresentada em 1998 para mais de mil objetos considerando os exemplares do século VI ao IV a.C.³² Pouco antes disso, Hamilton indica cerca de 200 vasos inscritos (dos quais ele listou 166 vasos, apenas aqueles aos quais ele teve acesso a alguma fotografia),³³ e Brandt repertoria 101 vasos (apenas para o século VI a.C.), sendo que 32 deles não apresentam a inscrição de tipo *athlon*. Sobre isso, Brandt diz que em seu catálogo alguns fragmentos não apresentam tal inscrição, mas são incluídos quando “(...) a dimensão do fragmento e a qualidade do desenho tornam-no um bom candidato a vaso prêmio”.³⁴ O levantamento mais citado, até Bentz (1998), foi Beazley ABV (1956), e mesmo depois do catálogo de Bentz o debate continua. Por exemplo, a base da sua projeção quantitativa vem sendo criticada.³⁵

A variedade de apresentação dos dados não permite um confronto automático entre tais levantamentos, já que há diferenças marcantes quanto ao grau de conhecimento das fontes do início do século XX até o momento atual e critérios nem sempre concordantes na identificação e caracterização do vaso panatenaico. A isso, adiciona-se um referencial semântico pouco rígido permitindo que diferentes tipos de vasos sejam chamados de ânforas panatenaicas. A partir de uma observação de tais ocorrências na bibliografia, verificam-se dois grupos: um composto por ânforas panatenaicas e outro por ânforas de forma panatenaica (em figuras negras, pseudo-panatenaicas, em figuras vermelhas, em dimensões menores e miniaturas, italiotas (em figuras vermelhas e uma cópia em figuras negras), agonísticas e ainda outros tipos de ânfora que não têm forma panatenaica, mas elementos ornamentais similares – ver **esquema 1**). Diferente do termo “ânfora panatenaica”, a caracterização de todo o outro grupo foi criada pela discussão científica desde o século XIX, lidando com

³¹ Ver THOMPSON, 1960, p. 366, pl. 80d.

³² BENTZ, 2003, p. 111.

³³ HAMILTON, 1996, p. 135 e 139.

³⁴ ... *the size of the fragment and the quality of the drawing makes it a good candidate for a prize-vase* (BRANDT, 1978, p. 3).

³⁵ Ver HAMILTON, 1999 e STISSI, 2002, p. 28-30.

certos elementos distintivos como estilo, técnica, elementos iconográficos, local de produção e função, estabelecendo-se algum tipo de relação com as ânforas panatenaicas.

A situação se agrava quando se trata da distinção entre os vasos panatenaicos e um grupo de vasos bastante similares. Para tanto, vários elementos foram considerados, mas a presença/ausência da inscrição *ton athenethen athlon* se tornou o mais significativo para distinguir vasos panatenaicos (aqueles que a possuem) e outros caracterizados como pseudo-panatenaicos (aqueles que não a possuem – que compõem um grupo bastante variado).³⁶ Comenta-se, aqui, uma parte dele com forma, dimensões lineares, proporção entre as partes e programa ornamental coerente com as ânforas panatenaicas, excetuando-se apenas a presença da inscrição de tipo *athlon*.

Sobre a caracterização de Bentz, há alguns pontos a serem ressaltados, tendo o cenário variado acima descrito: para ele, as ânforas pseudo-panatenaicas são vasos de forma panatenaica, em figuras negras, produzidos em Atenas entre meados do século VI e meados do V a.C., cujo conteúdo iconográfico seja ligado, em alguns aspectos, ao das ânforas panatenaicas ou ao espírito do festival. Entretanto, a situação é mais complexa, já que, mesmo com essa posição dominante, muitos vasos sem inscrição de tipo *athlon* (sejam vasos que nunca a possuíram ou fragmentos duvidosos quanto à sua existência em contexto original) são denominados “ânforas panatenaicas” e alguns outros com tal inscrição tem sua caracterização questionada.³⁷

Há alguns exemplos marcantes para situar a discussão. Enquanto Graef e Von Brauchitsch identificavam vasos de forma panatenaica sem inscrição como ânforas pseudo-panatenaicas já no início do século XX,³⁸ Pottier denominava um grupo de vasos com formas variadas como ânforas panatenaicas. Por exemplo, uma ânfora “com pescoço” do Louvre (F 284bis)³⁹ possui a figura da Atena similar à das ânforas panatenaicas nas duas faces. Esse vaso, apesar das diferenças formais e ornamentais, e de não ter inscrição de tipo *athlon*, foi caracterizado nesse volume do

³⁶ Ver BENTZ, 2001. Um exercício de comparação indica bem os limites dessa variedade. Há algumas ânforas consideradas pseudo-panatenaicas (por exemplo, ver **fig. 5 b** e **6 b**), cuja coerência do ponto de vista material é maior com as ânforas panatenaicas, mesmo se considerar um exemplar “típico” (ver **fig. 5 a** e **6 a**), do que se colocada ao lado de outro exemplar também considerado “pseudo-panatenaico” (ver **fig. 5 c** e **6 c**).

³⁷ Por exemplo, Stissi (2002, p. 29, n. 83) considera todos os vasos panatenaicos com inscrições de autoria como modelos.

³⁸ Ver GARDINER, 1912, p. 181.

³⁹ CVA França 8, Louvre 5, III H g, pr. 4, 6-9.

CVA como “ânfora panatenaica com decoração circular”,⁴⁰ indicando que outros elementos, além da inscrição, orientaram a caracterização do vaso.⁴¹ E, mais que isso, que a ausência dessa inscrição não era um elemento tão significativo para Edmond Pottier (em 1929), autor dessa publicação.

Nesse sentido, é importante notar que a inscrição de tipo *athlon* como único elemento (ou o mais importante) vem sendo rediscutida.⁴² A inscrição já era forte elemento de identificação e caracterização do vaso panatenaico, mais que a própria forma do vaso. Por exemplo, Von Brauchitsch caracterizou um vaso como ânfora panatenaica apesar dos vários desvios notados.⁴³

As abordagens críticas são recentes, sintetizadas nas propostas de Hamilton, que alarga o grupo de elementos possíveis na caracterização do vaso panatenaico,⁴⁴ e Bentz, reafirmando a inscrição de tipo *athlon* como elemento mais significativo para a distinção entre vasos panatenaicos e pseudo-panatenaicos.⁴⁵ Hamilton considera as dimensões lineares e a capacidade dos vasos no exercício de identificação e caracterização de um vaso como panatenaico. Adiciona-se aqui a posição de Hannah, que inclui a proporção entre as partes do vaso (diâmetro do pé, diâmetro do bojo e diâmetro da boca) como elemento de identificação e distinção.⁴⁶ Quanto a Bentz, pode-se situá-lo numa tradição já presente em Graef e Von Brauchitsch e com ampla aceitação.⁴⁷

⁴⁰ *Amphore panathénaique à décor circulaire (Idem).*

⁴¹ Ver CVA França 8, Louvre 5, p. 3, para a situação desse vaso frente aos vasos panatenaicos.

⁴² Para a articulação de outros elementos na caracterização do panatenaico, ver HAMILTON, 1996.

⁴³ “A forma é completamente diferente de uma ânfora panatenaica comum, a boca tem o diâmetro muito grande, as alças estendem-se muito para baixo, e são muito largas, o pé é muito grande, o conjunto é e atarracado” (*Die Form ist von der gewöhnlichen panathenäischen Amphora gänzlich verschieden, die Mündung ist sehr gross im Durchmesser, die Henkel reichen sehr weit hinunter und sind sehr breit, der Fuss ist sehr gross, das Ganze ungeheuer kurz und gedrunken* – VON BRAUCHITSCH, 1910, p. 39, nº 48). Um exame visual das fotografias do vaso (ver REBUFFAT, 1967, p. 666-7) é suficiente para perceber que não se trata de uma ânfora panatenaica, e mesmo que não é um vaso autêntico. Mas, mesmo identificadas suas idiossincrasias, ele foi caracterizado como ânfora panatenaica já que possuía a inscrição de tipo *athlon* (duas dela), o que foi seguido por alguns outros autores (por exemplo, SMETS, 1936, nº 77).

⁴⁴ HAMILTON, 1996.

⁴⁵ BENTZ, 1998, p. 18-22; e 2001.

⁴⁶ HANNAH, 2000.

⁴⁷ Por exemplo, Webster chegou a caracterizar um vaso da seguinte forma: “[nele] falta a inscrição e, dessa forma, a ânfora não é panatenaica (embora em todos os outros aspectos ela seja idêntica às ânforas panatenaicas)” (... *the inscription is missing and the amphora is therefore not a prize (although in all others respects it is identical with the prize amphora)* – WEBSTER, 1972, p. 64). Trata-se da ânfora de Mogúncia 74 (**cat. 148**).

O problema da inscrição nessa caracterização é orientada por um recorte cronológico preciso: aquele coincidente à produção das ânforas chamadas pseudo-panatenaicas entre meados do século VI e do V a.C. Para a produção posterior a esse período, ela perde peso como elemento de identificação e vasos sem inscrição de tipo *athlon*, e mesmo fragmentos que não a preservaram, são comodamente caracterizados como ânforas panatenaicas.

Discute-se, até o momento, a adequação de nomes arqueologicamente orientados na caracterização de certos objetos. O problema não se restringe ao nome em si, mas alcança o seu nível semântico. A nomenclatura arqueológica é em parte descritiva e interpretativa, fornecendo um sentido ao tipo que nomeia. Por conseqüência, usar um nome de forma equivocada significa imputar a determinado objeto um significado, no mínimo, artificial. Nesse sentido, o termo “pseudo-panatenaico” pode ter um duplo conflito: o primeiro é a sua indefinição quanto ao referencial panatenaico, o outro é a sua carga semântica.

Esse nome foi usado desde o século XIX para caracterizar objetos similares às ânforas panatenaicas, mas de forma bastante variada. Por exemplo, ânforas de forma panatenaica em figuras vermelhas foram caracterizadas como pseudo-panatenaicas em publicações nas quais se discutia a categoria de uma ânfora de figuras vermelhas do Museu de Belas Artes de Boston (P 6516).⁴⁸

De outra forma, contemporaneamente a isso, uma ânfora de figuras negras apresentada no *Annali dell' Instituto di corrispondenza archeologica* em 1836 como “pseudo-panatenaica” foi, dessa forma, integrada em outras obras.⁴⁹ A relação com o modelo panatenaico é principalmente iconográfica: uma cena com Hermes e Héracles (há um altar entre eles) ladeados por duas colunas (uma delas, à esquerda, encimada por um galo, a outra, por uma coruja). A forma do vaso é bastante diferente das ânforas panatenaicas (hoje convencionalmente chamada de “ânfora tipo A”). Mesmo,

⁴⁸ O vaso é chamado de pseudo-panatenaico dada a observação das seguintes fugas do modelo panatenaico: “(...) a Atena aparece nos dois lados do vaso, o uso da técnica de figuras vermelhas, a ausência de inscrição *ton athenethen athlon*, a altura do vaso (43,6 cm), e a lança da deusa está a sua esquerda – tudo isso mostra que não é uma verdadeira ânfora panatenaica, mas uma imitação, e ela é corretamente chamada de pseudo-panatenaica no *Trustees' Report 1895* (p. 19, n. 13)” (*The appearance of Athena upon both sides of the vase, the use of the red figured technique, the absence of the inscription ton Athhnēthen áthlōn, the height of the vase (0.436 m), and her spear in her left – all combine to show that is not a true panathenaic amphora, but a imitation, and it is correctly called pseudo-panathenaic in the Trustees' Report 1895* (p. 19, n. 13) – *Harvard studies in classical philology* de 1904, p. 143-4 e *American journal of Archaeology*, 1903, p. 96). Essa mesma situação ocorreu com outros vasos de figuras vermelhas apresentados no *Annual report of the Museum of Fine Arts of Boston* em 1896 (p. 19) e ecoada no *Jarbuch des Kaiserlich Deutschen Archäologischen Instituts*, vol. 11 em 1897.

⁴⁹ Ver REINACH, 1899, p. 257 e FAIRBANKS, 1907, p. 68.

recentemente, é possível encontrar o uso variado do termo pseudo-panatenaico. Por exemplo, são apresentados como ânforas pseudo-panatenaicas tanto uma ânfora de tipo panatenaico italiota,⁵⁰ como duas pequenas ânforas áticas de tipo panatenaico do período helenístico.⁵¹

Como visto, o termo “panatenaico” tinha aplicação na Antiguidade para descrever certo tipo de vaso e, por extensão, ele foi também associado a outro tipo de vaso paralelo, mas se adicionando o termo “pseudo”, ou seja, falso. Trata-se de um nome arqueológico, cuja aplicação para a inserção do vaso na Antiguidade é bastante incerto, e tal nome dá um significado a esse tipo de vaso que não se conhece bem. Deve-se entender que o termo responde mais a uma inquietação da discussão acadêmica que propôs certa organização desse tipo de objeto. O nome não descreve a experiência do vaso no contexto de sua produção, uso (primário e secundário) e deposição/rejeição. “Falso” (como cópia, imitação – o nível em que esse tipo de vaso é situado) por oposição a “verdadeiro” (as ânforas panatenaicas) descreve um tipo de relação hierárquica que não se pode verificar em todos níveis.

Essa situação agrava-se quando se percebe que a caracterização do vaso é feita pela “falta” de inscrição, ou seja, é a incompletude que o caracteriza, e pela constante referência ao vaso panatenaico, o que situaria sua experiência social. Interessa, neste ponto, a partir de um diálogo com a bibliografia, entender em que medida essa distinção entre “panatenaico” e “pseudo-panatenaico” é viável. Para isso, deve-se indicar com qual conceito de “pseudo-panatenaico” se dialoga; já que, como visto, a variedade do uso é corrente.

Como visto, os estudos de Martin Bentz são os mais importantes quanto à organização da documentação e de uma maior rigidez na caracterização tipológica; e a presença/ausência da inscrição de tipo *athlon* é o elemento central de distinção dos vasos cuja cronologia é situada entre meados do século VI e do V a.C., mas há alguns problemas de coerência na organização das informações, considerando os critérios de Bentz, já que objetos em situação similar são caracterizados de forma diferente e, nesse sentido, alguns exemplos chamam a atenção. Uma ânfora de Boston (01.8127, **cat. 30**, ver **fig. 5b** e **6b**) com programa ornamental, forma e dimensões lineares coerentes às das ânforas panatenaicas, mas sem inscrição de tipo *athlon*, é caracterizada como ânfora pseudo-panatenaica,⁵² reafirmando a presença/ausência da inscrição como critério de distinção. Entretanto, um vaso fragmentário do Louvre (F

⁵⁰ CAMBITOGLU & CHAMAY, 1997, p. 342.

⁵¹ WILLIAMS, 2007, p. 152, fig. 6a-b.

⁵² BENTZ, 2001, nº 165.

280, **cat. 127**, ver **fig. 7a**) é caracterizado como ânfora panatenaica,⁵³ por mais que tudo indique que tal vaso não tivesse portado a inscrição de tipo *athlon*.

A cronologia dos vasos é um pouco diferente (530-520 a.C., para o vaso de Boston e 500-480 a.C., para o vaso do Louvre), mas, ambos ligados ao recorte cronológico concernente à fixação do programa ornamental. O exemplar de Boston certamente não apresenta inscrição de tipo *athlon* (ver **fig. 5b** e **6b**). Quanto ao exemplar do Louvre, a caracterização é mais complexa, dado o estado fragmentário. Sua altura é de 59,5 cm (reconstituída) e quase todos os elementos preservados a integram no conjunto de ânforas panatenaicas, exceto o fato de parecer não ter havido nela a inscrição de tipo *athlon*: a comum estratégia de disposição desse tipo de inscrição (do século VI, depois da fixação do programa ornamental em c. de 530 a.C., ao V a.C. – ver **fig. 5a**) a situava desde a região entre o escudo de Atena e a parte alta da coluna até a parte da base desta, indicando que não seria possível haver inscrição na área fragmentada. Por mais que a altura preservada nessa região seja pequena, é possível observar áreas nas quais, se tivesse havido inscrição, restariam ao menos vestígios (ver **fig. 7a**, especialmente nas indicações A, B e C).

Em 1929, numa publicação de Pottier, a ânfora do Louvre é apresentada em fotografia com a restauração de quase toda parte alta do vaso (tinta escura e incisões foram feitas imitando o resultado estético da parte preservada, mas atualmente a área fragmentada foi evidenciada) e chamada de ânfora panatenaica “sem inscrição”.⁵⁴ A caracterização desse tipo de vaso nessa época era ainda pouco rígida; entretanto, se os parâmetros para essa discussão mudaram, parece importante situar essas novidades na organização da documentação. Dessa forma, se a avaliação dos restauradores daquela época já identificava essa ausência da inscrição de tipo *athlon* (o que foi ratificado por Pottier), se um exame rápido do vaso indica que realmente não poderia haver inscrição nele e se um vaso panatenaico sem inscrição para Bentz é uma vaso pseudo-panatenaico, por que essa ânfora do Louvre foi caracterizada como ânfora panatenaica? E, conseqüente a isso, pergunta-se: quais os reais critérios para a distinção desses vasos? E se deve estender essas questões a outros vasos em situação similar, como a ânfora de Boston (01.8127, **cat. 30**), já citada, de Berlim (F 1831, **cat. 51**), Bruxelas (A 13b e 229, **cat. 52**), Londres (B 135, **cat. 82**) e Princeton (1950.10, **cat. 80**), todos caracterizados como ânforas pseudo-panatenaicas por Bentz (2001, nº 165, 160, 166, 231 e 284) e que poderiam ser beneficiados com a dúvida.

⁵³ BENTZ, 1998, nº 5.025.

⁵⁴ *pas d'inscription* (CVA França 8, Louvre 5, III H g, pr. 2, nº 8 e 10).

Se a situação fragmentária do vaso do Louvre (F 280, **cat. 127**) o “beneficiou” com a dúvida, convertida em caracterização como vaso panatenaico, há ainda outro paralelo que chama a atenção. Trata-se da caracterização de um vaso do Museu Nacional de Atenas (19312, **cat. 29**, ver **fig. 7b**), de c. 540-30 a.C., também em estado fragmentário, com um programa ornamental e provável dimensão similares aos das ânforas panatenaicas; entretanto, caracterizado como ânfora pseudo-panatenaica;⁵⁵ o que está certamente ligado à cronologia atribuída ao vaso, situada no período de produção dessa produção paralela, e ao fato de ele não apresentar indícios da inscrição de tipo *athlon*.

O estado do vaso não interfere nessa verificação: mesmo com uma ampla área fragmentada, inclusive na região de ocorrência da inscrição, há trechos preservados da coluna esquerda, área de comum ocorrência da inscrição de tipo *athlon*, permitindo dizer, com segurança, que não houve ali tal inscrição (ver **fig. 7b**, indicações A e B). Entretanto, essa caracterização parece apressada, já que, cabe lembrar, a produção que se estendeu até c. 530 a.C. não tinha um programa ornamental tão rígido, e isso vale para a ocorrência desse tipo de inscrição, que poderia ser inserida na face de figuração atlética (**cat. 7**, 550/40 a.C.) ou mesmo na face com a figura de Atena em arranjos diferentes: sem a presença das colunas que ladeiam a deusa (**cat. 1**, 570/60 a.C.; **cat. 3**, c. 560 a.C.; **cat. 6**, 560/50 a.C.).

Ainda, mesmo em c. de 530 a.C., época em que se situa a fixação de um programa ornamental na produção de ânforas panatenaicas, há certos desvios como as inscrições relacionadas à coluna direita em dois vasos de 540-530 a.C. - um deles atribuído a Exéquias (Karlsruhe 65/45, **cat. 11**) e outro ao Pintor do Balanço (Malibu 81.AE.203.E, **cat. 9**) – trata-se de um fragmento de bojo com parte de inscrição:]*nethen a*[, situada entre a coluna e o limite lateral do painel, como outra que, apesar de estar relacionada a coluna esquerda, como era costume na época, também se posiciona entre a coluna e o limite lateral do painel (Boulogne-sur-Mer 441, **cat. 54**; 520-510 a.C.), destoando da grande maioria (ao menos até o século IV a.C.) que se situava dentro (entre a coluna e a figura da deusa).

A cronologia da ânfora do Museu Nacional de Atenas 19312 (**cat. 29**) é de 540-30 a.C., e observando a produção da mesma época, há que se considerar a possibilidade da ocorrência deslocada dessa inscrição numa região do vaso atualmente fragmentária (ver **fig. 7b**, indicações C e D). Assim, excluir tal vaso do grupo de ânforas panatenaicas é problemático. Ao contrário, a sua dimensão, forma e programa ornamental muito próximos aos das ânforas panatenaicas, permite que se

⁵⁵ BENTZ, 2001, nº 25.

proponha sua inclusão no grupo de ânforas panatenaicas. Dessa forma, pergunta-se ainda, qual a justificativa para distinguir vasos em situação semelhante? Bentz (1998) respeita, em vários casos, a possibilidade da existência da inscrição de tipo *athlon* na composição original de objetos atualmente fragmentários que não a preservaram, conforme nota Hamilton (1999, s.p.). Ora, a questão do objeto fragmentário é importante, mas a dúvida deve ser testada. Nos casos apresentados, o vaso do Louvre F 280 (**cat. 127**) que muito provavelmente não teve inscrição, foi caracterizado por Bentz como ânfora panatenaica, enquanto o exemplar do Museu Nacional de Atenas (19312, **cat. 29**), sobre o qual a dúvida deveria ser mantida, ele caracterizou como ânfora pseudo-panatenaica. Assim, entre esses dois exemplos e a massa de fragmentos que não preservaram a inscrição de tipo *athlon*, parece haver uma inconsistência metodológica no seu tratamento.

Nota-se que todos esses vasos citados podem ser reavaliados e, mais que isso, que ainda há uma considerável dificuldade em caracterizar com segurança um vaso panatenaico. É perceptível a falta de um método claro de identificação ou, ao menos, de explicitação dos critérios e de seu constante teste. Entretanto, se a distinção do vaso panatenaico, frente ao pseudo-panatenaico, se faz de forma bastante sinuosa, o mesmo não ocorre com os exemplares cuja cronologia não coincide com a produção dos vasos chamados pseudo-panatenaicos.⁵⁶

A força da inscrição como elemento caracterizador dos vasos produzidos até meados do século V a.C. é bastante grande e, para vasos mais recentes tal situação é bem diferente, como indica o tratamento que a bibliografia dá ao conjunto de variações em alguns vasos. Por exemplo, uma ânfora de Princeton (1950.10, **cat. 80** – ver **fig. 8a**) que não possui inscrição de tipo *athlon*,⁵⁷ e ainda outros desvios como as colunas ladeando Atena que têm capitel jônico (e não o padronizado dórico). Sobre tal vaso, Neils diz que ele poderia ter sido “rejeitado” por “inspetores” exatamente pela presença do capitel jônico, chamando a atenção também para franja de serpentes da veste da deusa que, neste exemplar, continua à frente do corpo, enquanto na maior parte dos exemplares ela continua por trás.⁵⁸

⁵⁶ A cronologia das ânforas pseudo-panatenaicas, segundo o catálogo de Bentz (2001), é fixada entre c. 550 a.C. (nº 14 e 236; 550-540 a.C., nº 1; 550-530/525 a.C., nº 4, 15, 145, 152, 164, 207, 212, 225-7, 238-9, 241, 245, 250, 261, 265, 267, 270, 275, 309-10) e 450 a.C. (500-450 a.C., nº 75, 94, 99, 103 e 107); ou seja, cobreteria um fenômeno de aproximadamente cem anos. Entretanto, há que se considerar a cronologia bizarra de um exemplar (480-400 a.C., nº 111), que não interfere tanto na observação acima.

⁵⁷ Caracterizada como ânfora pseudo-panatenaica (BENTZ, 2001, nº 284).

⁵⁸ Mesmo com isso, a autora caracteriza o vaso como ânfora panatenaica, o que parece uma caracterização generalista (NEILS, 1992, p. 174).

Poder-se-ia dizer que não é isoladamente a inscrição de tipo *athlon*, mas esse conjunto de fugas que afasta tal vaso do grupo de ânforas panatenaicas; entretanto o tratamento dado a dois vasos do século IV a.C. indicam outra situação. Trata-se de um vaso de Londres B 612 (**cat. 401**) e outro do Louvre CA 7427 (**cat. 402**) caracterizados por Bentz como ânforas panatenaicas (ver **fig. 8b** e **c**).⁵⁹ Tais vasos deveriam ser problematizadas quanto aos critérios de identificação: além da ausência da inscrição de tipo *athlon*, elas são menores que a média e apresentam figuras sobre as colunas que destoam da produção geral no século IV a.C. (respectivamente, 55 cm e figuras de cervídeo e bezerro, e 46,5 cm e figuras de galos) – ver **lista 1.6.1 e 1.6.2**. Vê-se, com isso, que há um grupo expressivo de fugas que ensejam a avaliação da coerência desses objetos no conjunto de ânforas panatenaicas. É preciso dizer que se conhece pouco dos motivos de tais desvios eventuais; e que esses elementos acima descritos são pouco comuns, mas são encontrados paralelos em alguns exemplares de ânforas panatenaicas “típicas” contemporâneos a eles.

Quanto ao vaso de Princeton, a franja de serpentes à frente era incomum, mas foi inserida em algumas ânforas panatenaicas como duas atribuídas a Sícelo (c. 500 a.C.: Nápoles 112848, **cat. 78**, e Genebra MF 151, **cat. 79**) e uma do Pintor de Cleofrades (Louvre F 277, **cat. 118**). Ainda, a coluna jônica também foi registrada (Louvre 278, **cat. 68**, e Genebra MF 150, **cat. 88**), vasos com cronologia coerente ao de Princeton (c. 500 a.C.).

Quanto aos vasos do Louvre e de Londres, a dimensão observada, mesmo que menor que a média, não pode ser elemento de exclusão dada a presença de outros vasos panatenaicos com inscrição de tipo *athlon* e com programa ornamental regular, com dimensões similares (ver **fig. 8b** e **c**). Ainda, os elementos sobre as colunas, apesar de serem incomuns nos exemplares contemporâneos conhecidos, estão contemplados num quadro de variação próprio de sua época. A presença de um único elemento sobre as colunas (a figura do galo) foi muito constante até o fim do século V a.C., e sua fuga, dessa forma, poderia indicar certa falta de coerência, mas a variedade que se impôs na produção posterior não permite estabelecer um quadro de coerência tão rígido e, assim, as figuras dos três animais citados (o galo, o bezerro e o cervídeo) não podem ser necessariamente excluídas de um repertório possível. E, para estes três vasos, a ausência da inscrição, como visto, isoladamente não é um critério definitivo de exclusão. Ou seja, há certa coerência desses vasos com os exemplares do grupo de ânforas panatenaicas típicas.

⁵⁹ Ver BENTZ, 1998, nº 4.015 e 4.016.

Considerando o tratamento de Bentz aos exemplares acima apresentados, percebe-se que tal autor aceita um conjunto de variações importantes (formais, iconográficas e mesmo quanto à inscrição de tipo *athlon*) dada a situação cronológica desses vasos (o primeiro contemporâneo à produção de ânforas pseudo-panatenaicas e os outros após o desaparecimento dessa produção). A questão colocada é a da caracterização desses vasos como panatenaicos ou não. A inclusão no catálogo aqui proposto (**cat. 80, 401 e 402**) é sustentada pela coerência que todos os desvios apresentam quando confrontados ao grupo de vasos típicos. Entretanto, tal inclusão é evidentemente baseada na dúvida. Ainda, verifica-se que a inscrição como parâmetro apresenta uma nova situação: Bentz admite a produção de vasos panatenaicos sem inscrição de tipo *athlon*, apenas posteriores a meados do século V a.C.⁶⁰

A partir da organização dos dados, como apresentado pela bibliografia,⁶¹ é clara a existência de uma produção paralela à das ânforas panatenaicas entre o século VI e meados do século V a.C., os chamados vasos pseudo-panatenaicos (pensados como uma consistente produção paralela tendo como referencial a produção das ânforas panatenaicas e completando, em algum nível, a demanda relacionada às ânforas panatenaicas) que ocorreu até meados do século V a.C. A consequência disso é que houve vasos panatenaicos produzidos depois de meados do século V a.C. sem a inscrição de tipo *athlon*. Sendo possível tal situação nesse contexto, por que não considerar sua possibilidade antes disso? O encaminhamento de uma resposta passaria pela própria compreensão da variedade interna do grupo caracterizado por Bentz (2001) como pseudo-panatenaicas, o qual, parece, possui exemplares que podem ser considerados, com certo grau de dúvida, ânforas panatenaicas sem inscrição.⁶²

Esses exemplos apresentam duas questões importantes a serem tratadas: a primeira é a possibilidade de reavaliação de parte dos vasos caracterizados como ânforas pseudo-panatenaicas; a segunda é o tratamento metodológico da documentação fragmentária (que concentra a maior parte dos objetos catalogados), o que também vale também para o conjunto de ânforas pseudo-panatenaicas, já que a distinção entre ânforas panatenaicas e pseudo-panatenaicas possui um conjunto cuja delimitação é duvidosa; e ainda, por que se trata de dois grupos com níveis de

⁶⁰ Na mesma linha de interpretação, mas considerando outro vaso, essa caracterização era também feita por Beazley: "Uma ânfora panatenaica do século II a.C. em Berlim, embora sem inscrição, foi sem dúvida um prêmio na Panateneia" (*A second-century Panathenaic in Berlim, although unscribed, was doubtless a prize at the Panatheneia* – BEAZLEY, 1986, p. 92).

⁶¹ Principalmente BENTZ, 2001.

⁶² Ver **lista 3**, para os vasos considerados pseudo-panatenaicos por Bentz (2001), aqui incluídos no catálogo de ânforas panatenaicas.

abstração diferentes quanto à sua coerência. As ânforas panatenaicas são objetos organizados a partir de critérios arqueológicos dialogando com um referencial antigo que oferece dados sobre alguns aspectos de sua função; já o grupo de ânforas pseudo-panatenaicas é de formulação unicamente arqueológica, e os aspectos mais amplos de sua função são propostos de forma bastante hipotética. Assim, a distinção é pensada a partir de grupos cuja base de coerência é bastante diferente.

Além disso, a própria formulação de um grupo chamado de pseudo-panatenaico apresenta outro grupo paralelo cuja caracterização ainda não foi feita: trata-se das ânforas de tipo panatenaico em figuras negras cujo tema da ornamentação destoa parcialmente (às vezes, completamente) do panatenaico e do pseudo-panatenaico. Para Bentz, a ânfora pseudo-panatenaica é aquela com forma panatenaica, com programa ornamental relacionado às ânforas panatenaicas, havendo uma face com a Atena entre colunas (ou algum desvio, o que é coerente com a própria produção de ânforas panatenaicas até c. de 530 a.C.) e uma face com uma prova atlética (as provas musicais, gímnicas, hípicas, grupais e a premiação). Há, com isso, um grupo de vasos em figuras negras também relacionado à forma panatenaica, que não são contemplados: havendo figuração de Atena entre colunas em uma face e na outra um tema destoante (como luta entre hoplitas, Gigantomaquia, Mênades e Sátiros, Héracles em alguns de seus trabalhos), a Atena entre colunas nas duas faces, entre outros.⁶³ Há, então, certa dificuldade de distinção entre ânforas panatenaicas, pseudo-panatenaicas e de forma panatenaica em figuras negras; três grupos de vasos, segundo as mais recentes tentativas de organização dos dados, a serem considerados. Por exemplo, como caracterizar dois fragmentos em situação semelhante (Atenas, Ágora P 12670 e Tarento 12216)? Bentz caracteriza um deles como ânfora panatenaica e o outro como ânfora pseudo-panatenaica (ver **fig. 9**); mas poderiam também compor um vaso com a Atena *Promakhos* nas duas faces, ou com tema destoante na face oposta a ela. Ou seja, poderiam ser incluídos potencialmente nos três grupos acima descritos.

O problema descrito relaciona-se à ação classificatória mais básica, que é a identificação do objeto. A aproximação de similares, o estabelecimento de um tipo, de um quadro quantitativo (e (ou) estatístico) ficam bastante comprometidos se esse primeiro passo não for bem dado. Parece ser o caso das ânforas panatenaicas. Assim, há duas questões centrais a serem consideradas: a definição mais precisa do vaso panatenaico e sua quantificação (levando em conta o grau fragmentário de grande

⁶³ Para as ânforas de forma panatenaica com temática diversa (tendo uma face com a Atena panatenaica ou não), ver BENTZ, 2001, p. 111-2, pr. 29 e 31. Para as ânforas com a Atena panatenaica nas duas faces, ver HANNA, 2000.

parte da documentação, sua correspondência a um cenário de vasos originalmente integrais e a dinâmica da publicação dos dados). A primeira, como visto, ainda é problemática e a segunda é algo que ainda está por ser feito de forma sistemática e sendo submetida a testes.⁶⁴ A compreensão desse cenário é importante por que indica o nível de limitações que o trabalho com essa documentação tem; e, nesse sentido, é essencial estar consciente disso nas projeções propostas no âmbito da interpretação arqueológica.

A organização recente dos dados no início do século XX causou uma série de propostas de interpretação hoje amplamente abandonadas: como os poucos exemplares áticos conhecidos até o final do século XIX, o que foi interpretado como um descaso com relação a esse tipo de vaso em Atenas;⁶⁵ o fim da produção de ânforas panatenaicas era, até o início do século XX, fixada no final do século IV a.C.,⁶⁶ em um artigo sobre as ânforas panatenaicas do período helenístico, Dow indica que essa crença ainda era corrente na época de sua publicação, mas já havia vários indícios de que essa produção teria alcançado o período romano,⁶⁷ o que foi apresentado de forma mais consistente por Edwards; ou seja, apenas em 1957 se apresentava de forma mais clara que a produção de ânforas panatenaicas alcançara o período romano.⁶⁸

Com isso, pode-se perceber que entre o século XIX e até a metade do século XX, pouco se desenvolveu o conhecimento sobre as ânforas panatenaicas produzidas no final do período helenístico e no romano. Mesmo o repertório apresentado em Edwards, concentra-se principalmente na descrição do material encontrado na Ágora ateniense.⁶⁹ Há uma série de vasos citados de forma sumária, sobre os quais ainda há pouca informação. Basta lembrar, por exemplo, das ânforas panatenaicas do Museu de Míconos (encontradas em Renéia), cuja apresentação se deu num artigo de Kondoleon, e que as ânforas panatenaicas tardias encontradas no Cerâmico ainda não foram sistematicamente publicadas.⁷⁰ Ao contrário, a fixação da cronologia final

⁶⁴ Deve-se citar a interessante proposta de agrupamento de fragmentos por Venuti (2001) e Eschbach (2007).

⁶⁵ Ver MARTHA, 1877.

⁶⁶ BIRCH, 1858b, p. 224; ver também SMITH, 1896-7, p. 189 e VICKERS, 1999, p. 76; para a tese de que os vasos posteriores ao século IV a.C. seriam de metal. Ver TOYNBEE, 1967, p. 278; para a tese sobre as figuras de ânforas panatenaicas em moedas como figuração de ânforas de metal.

⁶⁷ DOW, 1936, p. 50, 58.

⁶⁸ EDWARDS, 1957.

⁶⁹ *Idem*.

⁷⁰ Ver KONDOLEON, 1937. Para o projeto em curso de publicação, ver ESCHBACH, 2007.

das inscrições de arcontes continua a mesma. Edwards indica que em 1911, a partir dos achados à disposição, pensava-se que tais inscrições teriam ocorrido até 312/1 a.C., no arcontado de *Polemon*.⁷¹ O cenário de achados mudou bastante quanto à compreensão das inscrições de arcontes (por exemplo, em 2009, foi encontrado na Ágora de Atenas um fragmento de ânfora panatenaica com inscrição do arconte *Dieitrephes* – ver **cat. 389** e **fig. 10a**); entretanto, as mais recentes encontradas inscrições de arconte ainda são as de *Polemon* (ver **cat. 516-8**), indicando certo referencial para a extensão cronológica desse fenômeno.

Há, ainda, várias questões abertas como a distinção entre vaso panatenaico e pseudo-panatenaico, números da produção, relação vaso-óleo (função e uso). Tal debate, para além das propostas específicas de interpretação, indica caminhos importantes no tratamento da documentação, considerando a dinâmica da pesquisa arqueológica. Essa avaliação do cenário ainda confuso quanto a elementos básicos sobre as ânforas panatenaicas impele, na seqüência, pensar-se na organização mais rígida dos dados e em seu aproveitamento na interpretação de aspectos sócio-culturais, focando-se em questões da identificação, classificação tipológica e caracterização do objeto. A identificação é o nível mais simples: trata-se da tarefa de delimitar o que é uma ânfora panatenaica e o que não é (considerando uma fronteira duvidosa entre os grupos indicados). Em seguida, levando em conta a identificação, pensar-se-á na organização dos dados a partir de sua coerência interna; entendendo-se por coerência o sistema de correspondência de um grupo, levando em conta, neste estágio da discussão, a materialidade do objeto e seu comportamento frente a um grupo estabelecido por características similares. No caso das ânforas panatenaicas, como visto, o critério presença/ausência de inscrição de tipo *athlon* isoladamente é insuficiente para estruturar um quadro de coerência de um tipo, mesmo no plano da classificação arqueológica.

Por fim, tendo um conjunto de dados arqueologicamente organizados, partir-se-á para a compreensão da validade da classificação tipológica estabelecida, tendo aspectos sócio-culturais como parâmetro (é apenas nessa fase que se poderá dizer, por exemplo, qual o tipo de envolvimento do vaso panatenaico no contexto da premiação e posteriormente). A discussão sobre os dois primeiros pontos (identificação e classificação tipológica), que são temas deste capítulo, estarão na base da discussão do terceiro ponto (caracterização do objeto) ao longo do texto. Interessa, neste momento, a mobilização de elementos para a organização da documentação. Assim, a partir dos problemas identificados, pensa-se na estratégia de

⁷¹ EDWARDS, *op. cit.*, p. 331.

identificação e classificação tipológica do vaso panatenaico, que será baseada na observação da estrutura física (forma, dimensão e proporção); da estrutura ornamental (elementos ornamentais, elementos iconográficos e inscrições); da cronologia e do estado de preservação do objeto; ou seja, de aspectos variados que dão coerência ao conjunto.

Segue uma breve descrição da forma: o pé, inicialmente, era em equino invertido e, depois do período clássico, poderia variar de tipo. O corpo tem forma ovóide. A parte baixa caracteriza-se pelo aumento de conicidade responsável pela conexão entre o largo bojo e o estreito pé. Essa conexão torna-se paulatinamente mais estreita proporcionando certo alongamento da parte baixa do vaso. A parte alta do corpo, o ombro, une-se diretamente ao pescoço por meio de um pequeno cordão que marca da junção dessas partes. As alças, em bastão, situam-se entre a parte média do ombro e o pescoço. A boca inicialmente produzida em equino, torna-se, num processo longo, extroversa, assumindo um perfil praticamente oposto. A produção era feita em várias peças (pés, corpo, pescoço, boca e alças criadas separadamente e depois unidas), mas a boca era, até o período clássico, produzida junto ao pescoço, e o pescoço poderia ser criado separadamente ou conjuntamente ao corpo (a produção do corpo separadamente do pescoço, que marcou a composição das ânforas panatenaicas até o período clássico, acabou marcando apenas parte da produção das ânforas panatenaicas mais tardias (do final do período helenístico e romano).⁷²

O pescoço, mais marcado no início da produção das ânforas panatenaicas, foi paulatinamente substituído por um perfil mais alongado, com parte produzida juntamente ao ombro, e a parte superior separadamente. A observação desses elementos é importante, pois se pode situar esse tipo de vaso num campo arqueologicamente formulado. Ânforas com pescoço produzidos separadamente do corpo são caracterizadas como “ânforas com pescoço” (*neck-amphora*).⁷³ O termo “ânfora com pescoço” é empregado a um grupo de ânforas (além da panatenaica, a de tipo padrão [*standard*], ovóide, nicostênico e nolano), marcadas pela produção do corpo e do pescoço separadamente, proporcionando um perfil descontínuo entre essas partes. Elas se distinguem, assim, de um outro grupo de ânforas, as de perfil contínuo (*belly-amphora* [as ânforas de tipo A, B e C]). Entretanto, apesar da aceitação ampla dessa propriedade das ânforas panatenaicas, há outras propostas.

⁷² Ver EDWARDS, 1957, p. 327.

⁷³ Para as formas dos vasos áticos, ver **fig. 11**.

Sparkes, por exemplo, apresenta esse vaso no grupo de ânforas de perfil contínuo;⁷⁴ como Noble , que diz que o corpo, o pescoço e a boca dessas grandes vasos eram torneados em uma só peça, o que qualifica tal vaso como ânfora com perfil contínuo, segundo a própria tipologia que tal autor apresenta,⁷⁵ não citando as distinções no contexto dessa produção, como a produção em partes separadas, conforme boa parte da bibliografia. Assim, o mesmo tipo de vaso é apresentado como ânfora com pescoço e ânfora com perfil contínuo, e essas não são as únicas propostas. Há, ainda, quem situe as ânforas panatenaicas como uma variação da ânfora com pescoço;⁷⁶ ou num grupo especial, à parte.⁷⁷ Ora, a chave de tais caracterizações é a formal. A proposta de Noble, como visto, é pouco fundamentada, dado que existe um grupo de ânforas panatenaicas criadas a partir de peças separadamente produzidas e depois unidas. Além disso, existe uma descontinuidade entre o pescoço e o ombro que marcou toda a produção das ânforas panatenaicas – um pequeno cordão. Assim, há motivos mais fortes para inserir esses vasos no grupo das ânforas com pescoço (como será feito aqui), ou, ao menos, um grupo à parte.

Forma e dimensão, como elementos de identificação do vaso panatenaico, estão ligados à proposta de Hamilton que considera elementos como a altura do vaso e um sistema de variação de sua capacidade.⁷⁸ O arranjo proporcional de partes do vaso é outro elemento importante. Hannah chama a atenção para essa característica como um dos critérios de distinção entre vasos panatenaicos e não-panatenaicos.⁷⁹ Há nas ânforas panatenaicas um arranjo entre diâmetro do pé, do bojo e do conjunto pescoço/boca, como relação à altura: a parte baixa (pé) e a alta (pescoço/boca) são bastante estreitos com relação à parte média do vaso (bojo) – ver **gráfico 1**. Nos vasos de menor dimensão essa proporção é sensivelmente diferente.

O estado de conservação do objeto envolve duas questões importantes: seu grau de fragmentação, o que pode colocar dúvida na caracterização de boa parte da documentação, e as propostas de restauração. É importante notar que esses objetos vêm sendo restaurados desde o Renascimento e as propostas de intervenção mudaram ao longo do tempo. As restaurações mais antigas propunham a aplicação de material para completar áreas fragmentadas, interessando-se por uma solução

⁷⁴ SPARKES, 1996, p. 168-70.

⁷⁵ NOBLE, 1996, p. 12-3.

⁷⁶ NEILS, 1992, p. 38.

⁷⁷ SCHREIBER, 1999, p. 83-7.

⁷⁸ HAMILTON, 1993.

⁷⁹ HANNAH, 2000, p. 116.

estética próxima da provável feição original do objeto, o que não é mais amplamente difundido, procurando-se, recentemente, indicar claramente regiões fragmentadas.

Não há um critério necessariamente preponderante, já que, como visto, eles podem variar de importância em cenários específicos: é a articulação desses elementos que promove a identificação e conseqüente caracterização de um vaso como panatenaico. Dessa forma, não se trata de cumprir todos os critérios, mas de entender que eles são relevantes e indicam, no conjunto, certa coerência, mas há determinadas fugas que devem ser consideradas e avaliadas; ou seja, a fuga do modelo não é necessariamente uma indicação de incoerência. Metodologicamente falando, a distinção deve levar em conta a natureza das variações e, novamente, a própria coerência identificada no interior desses grupos é um bom guia. O grupo de vasos com altura superior a 60 cm e superior, apesar de ser menos variado internamente, apresenta importantes variações. Assim, pode-se falar num sistema de variações, cronologicamente orientado, que informa o grau de variação possível. Isso não significa que uma distinção muito clara sempre possa ser feita, já que algumas variações, analisadas sob a ótica dessa coerência, não apresentam resultado muito preciso. A partir disso, há duas linhas importantes a serem pensadas. A primeira, no plano arqueológico, é a própria validade do método de identificação aqui proposto, que, como se pode ver, é restrita. Além disso, no plano da inserção antiga desses objetos, observa-se uma transição tênue entre os grupos arqueologicamente identificados como distintos. Assim, resta saber como tais variações eram recebidas no contexto de uso antigo desses vasos.

A organização da documentação tem um referencial mínimo baseado no que se pode chamar um conjunto de ânforas panatenaicas “típicas”; ou seja, um grupo de vasos cuja identificação não é problemática (ver **lista 1.1**). Além disso, essa base será constituída por vasos em bom estado de preservação (inteiros ou pouco fragmentados), e cuja descrição nas publicações seja satisfatória. Trata-se de uma lista de 145 vasos (36 do século VI, 70 do V, 36 do IV e 1 vaso do século II a.C.). O interesse por este grupo está na possibilidade de verificação de aspectos variados como a articulação entre as partes e as estratégias de ornamentação do vaso como um todo. Tendo essa base como referência, é que se pensará na coerência da grande parte da documentação que, por algum motivo, não aparece como uma ânfora panatenaica “típica”, ou cujo estado de preservação não é bom (como um pequeno fragmento).

A partir desse *corpus* mínimo, verifica-se que, apesar de uma grande variação nas dimensões lineares (alturas entre 44 e 87 cm; diâmetro do bojo, entre 29 e 46 cm; diâmetro da boca, entre 14 e 25 cm e diâmetro do pé, entre 10 e 26 cm – ver **lista**

1.6.2), há certa recorrência quanto à proporção entre os diâmetros do pé, do bojo e da boca (ver **gráfico 1 e 2**), o que apresenta uma referência inicial quanto à estrutura formal do vaso e uma possibilidade de comparação com alguns dos vasos considerados pseudo-panatenaicos. O problema, neste caso, é cumprir o teste a partir dos critérios acima propostos, já que nem sempre tais informações são fornecidas nas publicações. Dessa forma, propõe-se outra possibilidade de teste: tendo-se como base a menor ânfora panatenaica com inscrição de tipo *athlon* (Londres B 143, **cat. 167**), parte-se desse referencial para avaliar as ânforas “pseudo-panatenaicas”, verificando-se visualmente a proporção entre as partes (a partir de fotografias) na maior parte dos casos. Depois disso, pensa-se na estrutura da ornamentação. Se o objeto for coerente com o *corpus* mínimo (mesmo que não possua a inscrição de tipo *athlon*) ele será inserido com dúvida.

Quanto à documentação fragmentária, a inscrição de tipo *athlon* é um excelente guia para a identificação. Do ponto de vista metodológico, isso quer dizer que um objeto fragmentário que conservou tal tipo de inscrição (mesmo que parcialmente) será incluído na lista de ânforas panatenaicas. Entretanto, pensando-se nos níveis de dúvida, um objeto fragmentário que não oferece elementos mínimos para o teste proposto, não será incluído já que apresenta um alto grau de dúvida sobre sua composição original. Já um vaso em bom estado de preservação, coerente com a estrutura formal e ornamental das ânforas panatenaicas identificadas no *corpus* mínimo, mesmo sem a inscrição de tipo *athlon*, será incluído com dúvida, como visto. Essa estratégia de identificação vale para os objetos correspondentes à produção que se estendeu até meados do séc. V a.C. E é preciso indicar certas especificidades cronológicas no teste de identificação dos vasos produzidos no século VI e V a.C. Para os exemplares mais antigos, produzidos antes da fixação do esquema ornamental em c. 530 a.C., há que se considerar um conjunto de variedades importantes quanto à estrutura da ornamentação. Os vasos produzidos antes da fixação do programa ornamental em c.530 a.C. apresentavam consistentemente inscrições que nomeavam a prova figurada (ver **lista 1.11, cat. 2, 4-6, 8, 12-3, 26-8**) na própria face com a figuração da prova. Esses são elementos que auxiliam de forma indireta a identificação de ânforas panatenaicas nesse contexto.

Sobre os objetos correspondentes à produção posterior, a identificação do uso da técnica de figuras negras, inicialmente, já é suficiente para propor, com pequeno grau de dúvida, que se trata de uma ânfora panatenaica; pois se assume aqui que houve de fato uma produção paralela às ânforas panatenaicas até meados do século V a.C. (os vasos chamados pseudo-panatenaicos). Entretanto, assume-se também que parte desses objetos identificados como pseudo-panatenaicos possa ser

caracterizada como ânforas panatenaicas sem inscrição ou que interfere na distinção entre os grupos de ânforas panatenaicas (com ou sem inscrição de tipo *athlon*) e ânforas de tipo panatenaico em figuras negras. Um elemento mais significativo de distinção entre as ânforas panatenaicas e as chamadas pseudo-panatenaicas é o conteúdo das provas figuradas. Por exemplo, um claro elemento de distinção entre as ânforas panatenaicas e as pseudo-panatenaicas é a presença das figuras de provas musicais, que aparecem muito consistentemente no grupo delimitado como pseudo-panatenaico,⁸⁰ e muito pontualmente no grupo de ânforas panatenaicas (apenas São Petesburgo 17794 – **cat. 188**; ver também Paris Eleonte 84 – **cat. 149**, aqui incluída) e a produção tardia em fundo branco – ver **lista 6**).

A documentação fragmentária parece ser o mais complexo elemento para a composição de um repertório definido e, conseqüentemente, de seu aproveitamento para interpretações no plano da interpretação de aspectos sócio-culturais. O fragmento aqui será tratado como forma documental flexível (que pode sofrer certo tipo de alteração). Com isso, o catálogo aqui estabelecido não é uniforme quanto às formas documentais, mas caracterizado por objetos em situação integral (ou próximo disso – uma pequena parcela) e fragmentários (a maior parte). Um vaso em bom estado de preservação, nada ou pouco fragmentado, relaciona-se mais diretamente a uma unidade coerente com o contexto de sua produção no passado; já um fragmento, é uma unidade cuja relação com o objeto integral produzido no passado nem sempre é clara. Conseqüente a isso, o número de objetos repertoriados no catálogo aqui proposto não é similar ao número de ânforas panatenaicas preservadas, mas ao número de objetos preservados em níveis diferentes de preservação.

Algumas tentativas recentes de aproximação de fragmentos vem mostrando como ainda há possibilidade ampla de reorganização da documentação fragmentária. Eschbach (2007), reavaliando achados do Cerâmico, aproxima vários fragmentos levando em conta elementos técnicos (coloração da argila, estado de preservação, estratigrafia) e elementos iconográficos. Num universo de cerca de 2000 fragmentos, obteve-se cerca de 800 números de inventário. Os resultados parciais mostram que um grupo de cerca de 400 fragmentos proporcionou cerca de 90 números de inventário. Eschbach (2007) tratou consistentemente de alguns exemplos: nove grupos de fragmentos (a partir de mais que 200 fragmentos isolados) aparentemente são provenientes de 5 ânforas panatenaicas (datadas de 325-290 a.C.). São elas: PA 647+637+645A+643 (cerca de 40 fragmentos correspondentes a um vaso); PA 648+633 (22 fragmentos correspondentes a um vaso); PA 656+657K (cerca de 34

⁸⁰ Ver BENTZ, 2001; KOTSIDU, 1991, p. 293-300 e SHAPIRO, 1989, p. 32 e sq.

fragmentos correspondentes a um vaso),⁸¹ PA 660 (mais que 80 fragmentos correspondentes a um vaso)⁸² e PA 657 (44 fragmentos correspondentes a um vaso)⁸³ – ver **lista 4, nº 13-6**. Trata-se, nesse caso, de uma proposta de agrupamento levando-se em conta a análise de um material coletado em escavações com registro preservado e mantidos, a grande maioria, na mesma instituição (o Museu do Cerâmico e uma parte na Reserva da Terceira Eforia de Atenas).

Entretanto, a dispersão pode alcançar coleções em diferentes países, proporcionando situações como a de um agrupamento, composto por objetos que estão, a maior parte, em Atenas e um outro em Londres (são eles: Atenas, M. N. Benaki B, C, E, F e Londres GR. 2002.4-20.1⁸⁴ – ver **lista 4, nº 10 e fig. 13**). Além desses conjuntos do Cerâmico e de Atenas-Londres, foram publicados outros de Samos (ver **lista 4, nº 1 e 2 e fig. 14**) e de Florença (ver **lista 4, nº 3-9 e fig. 15-6**). Em todos esses casos, a aproximação permitiu maior compreensão do conjunto, comparação com objetos cuja caracterização é mais clara, datação mais precisa e, em alguns casos, projeção da atribuição de autoria. Com isso, de vários fragmentos não publicados e outros antes isoladamente publicados em 1998 por Bentz, surgem novas possibilidades de organização da documentação.

Ainda, fica evidente uma série de incongruências relacionadas à sua organização. Por exemplo, alguns fragmentos de Florença (ver **lista 4, nº 5 e fig. 16a**), que foram convincentemente agrupados,⁸⁵ apareciam tanto em Bentz (1998) como ânforas panatenaicas, como em Bentz (2001), como ânforas pseudo-panatenaicas. Tem-se, então, um grupo consistentemente aproximado, cuja caracterização anterior era variada. Além disso, esse fragmento caracterizado por Bentz (2001) como advindo de uma ânfora pseudo-panatenaica (ver **lista 4, nº 5 (a, d)**), aparece em duas listas diversas numa mesma publicação: no já mencionado catálogo de ânforas pseudo-panatenaicas⁸⁶ e na lista de ânforas panatenaicas citadas nos textos da publicação,⁸⁷ o que acontece com mais outros fragmentos (ver **lista 4, nº 8 e 9**). E, por fim, há casos de os mesmos fragmentos serem caracterizados ora como ânforas panatenaicas e ora

⁸¹ ESCHBACH, 2007, p. 95.

⁸² *Idem*, p. 97.

⁸³ *Idem*.

⁸⁴ WILLIAMS, 2007, p. 150-1.

⁸⁵ VENUTI, 2001, p. 69, nº 1.

⁸⁶ BENTZ, 2001=BENTZ & ESCHBACH, 2001, apêndice 1.

⁸⁷ BENTZ & ESCHBACH, 2001, apêndice 4.

como pseudo panatenaicas pelo mesmo autor em diferentes publicações (ver **lista 4, nº 17 e 18**).⁸⁸

A partir disso, é possível pensar a integração dos objetos fragmentários no catálogo aqui proposto e nas interpretações tendo-as como base. Como visto, mesmo em estudos específicos ainda há certa variedade que está ligada à dinâmica do tratamento do objeto fragmentário. A dificuldade de articulação de grupos e de uma caracterização específica é grande quando se têm objetos cujas dimensões são parciais em relação ao objeto integral de que provêm e a relação entre eles é em grande medida desconhecida.

A questão do grau de preservação dos objetos aqui tratados vai além da característica fragmentária de boa parte deles, alcançando a questão da intervenção contemporânea, como o caso das restaurações, e é preciso pensar em tal situação na proposta de organização da documentação como aqui proposta. Por exemplo, Neils indica que haveria a figura de Atena numa ânfora panatenaica de Marselha s. inv. (**cat. 212**) com o corpo virado para a esquerda e a cabeça virada para a direita.⁸⁹ Entretanto, a verificação das informações em algumas publicações, deixa bastante claro que a feição do objeto a que Neils teve acesso é correspondente a uma proposta antiga de restauração, atualmente desfigurada, como indica a foto mais recente.⁹⁰

Ora, ter a referência equivocada de uma figura de Atena com esse tipo de torção corporal poderia influenciar a compreensão de toda a documentação cujo grau de fragmentação não permite observar a feição original do objeto. Assim, entender o histórico desses objetos nas coleções e as intervenções sobre eles (nem sempre documentadas) é importante. Essa situação está ligada à proposta de catálogo aqui feita: trata-se de um catálogo intensivo, opção baseada na identificação de um cenário bastante indefinido quanto ao objeto repertoriado.⁹¹

⁸⁸ BENTZ, 1998 e 2001.

⁸⁹ NEILS, 1992, p.31. Ver TIVERIOS, 2007, p. 3, n. 12, para a projeção dessa notícia. Ver, ainda, VOS, 1981; sobre a restauração de uma ânfora panatenaica – Leiden PC 7, cat. 145) e BENTZ & KÄSTNER, 2007, especialmente p. 52 e sq.; sobre a restauração de uma ânfora panatenaica e de uma figura deliberadamente modificada por restaurador mais antigo.

⁹⁰ Para uma fotografia recente, ver BENTZ, 1998, nº 5.203, pr. 90. Para a fotografia do estado anterior da restauração, ver DE GYPTIS, 1976, p. 48, nº 65, fig. S55(A).

⁹¹ “A definição extensiva de um dado termo é obtida pela enumeração de todos os objetos aos quais o termo é aplicável, ou fazendo-o dentro de um dado conjunto de limites específico e restrito. (...) As definições intensivas, por outro lado, especificam um conjunto de feições que os objetos, conhecidos ou não, devem apresentar para que sejam considerados referentes de um dado termo. (...) As definições intensivas identificam explicitamente os atributos invariáveis requeridos para se pertencer a uma unidade, de modo que se pode dizer quais atributos são variáveis. As definições intensivas fornecem uma estrutura para a descrição. Elas estabelecem em termos concretos o que está sendo descrito e fornecem a razão que está por trás da associação dos elementos da descrição. As definições intensivas são os meios que permitem a

Com isso, foram avaliados os grupos constituídos por Bentz como ânforas panatenaicas (1998) e pseudo-panatenaicas (2001), e por Edwards (1957), sobre a produção tardia. Alguns objetos considerados por Bentz (1998) ânforas panatenaicas foram deslocados (ver **lista 2**), pois não oferecem elementos mínimos para o teste a partir dos elementos acima descritos. Eles compõem um grupo duvidoso (ânforas panatenaicas? ânforas pseudo-panatenaicas? ânforas de forma panatenaica em figuras negras? outro tipo de ânfora?), mas não estão necessariamente fora da discussão aqui proposta; já que podem, por exemplo, fornecer dados sobre elementos tradicionais na produção de ânforas panatenaicas, na medida em que estavam ligados de alguma forma com elementos (formais, ornamentais e iconográficos) relacionados às ânforas panatenaicas. Outros foram incluídos a partir de informações em publicações recentes ou do trabalho direto com o material em reservas técnicas em museus; por exemplo, três exemplares de Paris, B. N. Froehner 1596 (**cat. 86**); 1595 (**cat. 85**) e 1604 (**cat. 548**) – ver **fig. 17**. Os fragmentos não publicados do Museu de Samos e do Museu do Cerâmico, só podem ser indicados de forma bastante generalista. Engrossando a discussão sobre a dinâmica da publicação dos achados, é interessante notar que uma coleção já bem conhecida como a do *Cabinet des Médailles* (Paris, B. N.), ainda possuísse exemplares inéditos. Há, ainda, outros, antes caracterizados como ânforas pseudo-panatenaicas, reavaliados e aqui incluídos com dúvida (ver **lista 3**), propondo-se, assim, uma listagem de ânforas panatenaicas que orientará a discussão sobre a caracterização dos objetos (**lista 1**).

Cabe, aqui, um esclarecimento quanto à dúvida. Antes, propôs-se o deslocamento de alguns fragmentos por serem duvidosos e, neste ponto, incluem-se vasos mesmo que duvidosos. A dúvida anterior está na dificuldade de se estabelecer algum dos testes aqui propostos, dado o grau de fragmentação de parte dos objetos. Já, neste ponto, a possibilidade de se empreender o teste é maior. A dúvida fica quanto a alguns critérios que não podem ser testados como algumas dimensões lineares (não apresentadas nas publicações); entretanto, um exame visual das fotografias mostra uma grande possibilidade de inserção. Além disso, trata-se de exemplares sem inscrição do tipo *athlon*. Mesmo que esse não seja um critério definitivo, a ausência/presença desse tipo de inscrição deve colocar certa reserva numa definitiva caracterização desses vasos, dada a dificuldade de se entender claramente o seu sentido em casos específicos. Dessa forma, mesmo ânforas consideradas pseudo-panatenaicas de 44 cm (ou maior), às quais não tive acesso a

uma pessoa comunicar a outra os limites dentro dos quais uma dada descrição é aplicável” (DUNNELL, 2006, p. 35-7).

uma fotografia ou descrição satisfatória para proceder ao teste aqui proposto, não foram incluídas.

* * *

Sobre a publicação organizada por Bentz e Eschbach (2001), a fonte da maior parte das novas indicações que não constavam em Bentz (1998) e Edwards (1957), ou atualizando dados presentes nessas publicações, ainda é preciso dizer algo. Ela apresenta uma série de problemas de referência interna e informações erradas na lista de ânforas panatenaicas citadas no texto (publicações de autores variados), o Apêndice 4.⁹² Explicitar tais enganos é importante, pois tais referências podem parecer novos dados ainda não publicados, quando se tratam de informação incorreta. Segue uma lista das referências erradas:

- Atenas, Cerâmico PA 342 (Sarapion) ou PA 36A?: o verdadeiro número de inventário correspondente à figura 4 da prancha 15 é **PA 36A** e não PA 342 (Sarapion);
- Cambridge, U. H. 2 1925.30.124A: O número de inventário apresentado no apêndice 4 é 1925.30.24A . Na verdade, trata-se de um erro, o número correto de inventário é **1925.30.124A**, já catalogado por Bentz (1998, nº 4.081);
- Paris, Museu do Louvre: F 274: O número apresentado no apêndice 4 é F 244, que não corresponde a nenhuma ânfora panatenaica do Louvre (essa informação foi-me dada por Anne Coulié (conservadora do *Musée du Louvre*, responsável para seção de antiguidades gregas e romanas), respondendo ao pedido de estudo desse vaso). Na verdade, trata-se de **F 274**;⁹³
- Samos, Museu Arqueológico K 7368.7370-3.7375.7334: É apresentado no apêndice 4 o número 7357, não coerente com a apresentação do número de inventário correspondente na prancha 6, fig. 1, no artigo de Kreuzer e na lista de referências das pranchas, onde é apresentado o número **7375** (o número correto).⁹⁴ Trata-se de um erro de correspondência;

⁹² *Appendix 4: Museumsregister der im Text behandelten Panathenäischen Preisamphoren* (BENTZ & ESCHBACH, 2001, p. 203-5).

⁹³ Objeto já registrado por Bentz (1998, nº 6.075).

⁹⁴ KREUZER, 2001, p. 20, n. 15 e BENTZ & ESCHBACH, 2001, p. xii.

- Samos, Museu Arqueológico K 7488-7490-7554.13: Os números de inventários apresentados na prancha 5, fig. 1, variam: o primeiro número de inventário é apresentado como 7448 no apêndice 4, e na prancha como 7488. O último, como 7554 na mesma prancha e 755413 no apêndice 4. Para este, o número 13 no catálogo parece indicar um complemento, mas, para o primeiro, trata-se certamente de um erro de correspondência. Em outras referências da publicação, o número apresentado é 7488,⁹⁵ bem como a apresentação isolada do número 7554, sem o complemento 13. De onde se conclui que o número 7448 na indicação das ânforas panatenaicas no texto (p. 205) trata-se de um erro. Por fim, vale dizer, nenhum desses números, mesmo com a apresentação incorreta, são apresentados no catálogo de Bentz (1998). Eles são caracterizados como ânforas panatenaicas, mas o estado fragmentário das peças não indica a presença de inscrição (trata-se de três fragmentos com temática atlética?);

- Samos, Museu Arqueológico K 7461-4.7473: No texto de Kreuzer é indicado como correspondente prancha 7, fig. 2, enquanto corresponde à prancha 7, fig. 1;⁹⁶

- Samos, Museu Arqueológico K 7534.7541: No texto de Kreuzer é indicado como correspondente prancha 7, fig. 1, enquanto corresponde à prancha 7, fig. 2.

- St. Petesburg, Staatliche Ermitage: Ku. 1913.4/386 (17553).⁹⁷ Trata-se de erro de digitação. Não é objeto novo, mas já publicado em Bentz, **Ku. 1913.4/389 (17553)**;⁹⁸

Há, ainda, dois problemas de identificação do objeto a partir das descrições apresentadas: o primeiro, um caso de informação duplicada em Bentz (1998) e outro, um caso de mistura de informações de dois vasos bem diferentes numa única entrada, como se fosse apenas um objeto. Stissi identifica um objeto provavelmente contado

⁹⁵ Índice das pranchas, p. xii e no artigo de B. Kreuzer, *Die panathenäischen Preisamphoren aus dem Heraion Von Samos: Ein Vorbericht*, p. 20, n. 8, além da legenda na prancha 5, fig. 1.

⁹⁶ KREUZER, 2001, p. 21, ver também n. 24.

⁹⁷ KREUZER, 2001, p. 22, ver também n. 27.

⁹⁸ BENTZ, 1998, nº 5.237.

duas vezes em Bentz (1998).⁹⁹ Trata-se da descrição de um vaso de Varsóvia (198605) e outro desaparecido, outrora no mercado de arte em Nápoles (s. inv.). Para o primeiro, Bentz faz a seguinte descrição:

Varsóvia 198605; outrora em Breslávia; Local de achado desconhecido; remontado, restaurado, repintado. Altura: 60 cm, Diam. Bojo 40 cm; Face A: Atena voltada para a esquerda, coluna dórica, o episema no escudo é uma figura de centauro, inscrição de tipo *athlon stoichedon*; Face B: Corrida de carro, Quadriga, virada para a direita; Pintor da ânfora panatenaica de Varsóvia (Beazley); Bibliografia: *Paralipomena* 127; Smets 1936, nº 35; Peters 1942, p. 22, n. 11; CVA 1 (1960) III H Taf. 20f.; Brandt 1978, nº 56.¹⁰⁰

O pintor indicado por Bentz é o “Pintor da ânfora panatenaica de Varsóvia”, conforme Beazley (integrado ao círculo do Pintor de Antimenes por Bentz). No CVA Varsóvia 1, Polônia IV, pr. 20, há a indicação de coleção anterior (Museu de Breslávia - Wroclaw), a atribuição é feita a um outro pintor (Pintor de Lisípides) e a cronologia é fixada em cerca de 520 a.C. (compatível com a apresentada por Bentz, de 520-510 a.C.). Para o segundo vaso, a descrição é a seguinte:

Desaparecido, outrora em Nápoles, mercado de arte; Local de Achado: Desconhecido; Conservação?; Face A: Atena voltada para a esquerda, episema no escudo é uma figura de centauro; Face B: Corrida de carro, Quadriga, virada para a direita; Bibliografia: Smets 1936, nº 35; Brandt 1978, nº 85.¹⁰¹

As duas descrições são bem parecidas (por exemplo, em ambos, o Centauro como episema e corrida de quadriga na face com a prova atlética), levando-se em conta a quantidade menor de informações para o exemplar desaparecido. Consultando-se as duas indicações bibliográficas que ocorrem nos objetos descritos em Bentz, as semelhanças acentuam-se: em Brandt, para o primeiro vaso:

⁹⁹ STISSI, 2002, p. 29, n. 83.

¹⁰⁰ *Warschau 198605; FO unbekannt; ehemals in Breslau; Zusammengesetzt, ergänzt, übermalt. H 60 DmB 40; A: Athena nach I., dor. Säulen. SZ Kentaur. AthlB I. (Stoi.); B: Wagenrennen. Viergspann nach r.; M. der Warchauer Preisamphore (Beazley); Lit.: Paralipomena 127; Smets, PPA Nr. 35; Peters, PPA 22 Nr. 11; CVA 1 (1960) III H Taf. 20f.; Brandt, ArchPan Kat. 56 (BENTZ, 1998, nº 6.076).*

¹⁰¹ *Verschollen, ehemals Neapel, Kunsthandel; FO unbekannt; Erhaltung?; A: Athena nach I. SZ Kentaur; B: Wagenrennen. Viergspann nach r.; Lit.: Smets, PPA Nr. 35; Brandt, ArchPan Kat. 85 (BENTZ, 1998, nº 6.138).*

“Varsóvia 198605, ex Breslávia. ABV, p. 127.2. – Atena (Centauro no episema como em 85); erro de escrita na inscrição ...ΑΛΟΝ. B. Quadriga. Pintor como acima”.¹⁰²

Para o segundo vaso:

Mercado em Nápoles. SM 35. – A (Eu não vi esse vaso – Centauro no episema como em 56). B, Quadriga.¹⁰³

Brandt, além de apresentar uma descrição parecida para os vasos, remonta (na descrição segundo) a informações sobre o primeiro. Ainda, Bentz (1998) indica para os dois vasos uma referência bibliográfica idêntica: Smets, que apresenta a seguinte descrição:

? – Apareceu no mercado de Nápoles. A. Episema: Centauro. Inscrição: 3 primeiras letras horizontais. B. Quadriga.¹⁰⁴

As informações bibliográficas acima mostram que em Bentz (1998) há uma descrição bastante parecida para os dois vasos e, conforme Brandt (1978) e de Smets (1936), que não chega a distinguir os dois vasos. É evidente que a referência ao vaso de Varsóvia é mais detalhada, e a dúvida maior recai sobre o exemplar apresentado como desaparecido por Bentz, e que já não tinha sido visto por Brandt. Assim, a situação bastante incerta desse segundo exemplar, e a constante referência mútua feita na bibliografia, são argumentos importantes para que sejam considerados um único objeto. Dessa forma, assume-se aqui se se trata do mesmo objeto que aparecera no mercado de arte em Nápoles (o que foi registrado por Smets em 1936) e posteriormente compusera alguma coleção na Breslávia e finalmente em Varsóvia (conforme indicam Brandt e Bentz).¹⁰⁵

Por fim, ainda, uma referência bastante confusa no *Beazley Archive* sobre uma ânfora panatenaica de Míconos. As informações sobre as ânforas panatenaicas de Míconos são bastante sumárias, havendo duas fontes principais de informações sobre esses vasos: Kondoleon (1937) e Edwards (1957). Entretanto, ambos os levantamentos não incluem uma ânfora panatenaica, cujo local de achado não é bem

¹⁰² Warsaw 198605, ex Breslau. ABV. P. 127.2. – Athena (centaur (nota 2: Centaur shield-device also no. 85.)); misspelt inscription ...ΑΛΟΝ. B. Quadriga. Painter as above (BRANDT, 1978, p. 7, nº 56). Nº 55, Pintor da ânfora panatenaica de Varsóvia.

¹⁰³ Naples market. Sm. 35. – A (centaur (nota 4: I have not seen this vase. Centaur as shield device also no. 56.)). B, Quadriga (BRANDT, 1978, p. 9, nº 85).

¹⁰⁴ ? – Paru sur le marché de Naples. A Épiseme: centaure. Inscr.: 3 premières lettres horizontales. B. Quadriga (SMETS, 1936, p. 91, nº 35).

¹⁰⁵ Aqui, ver cat. 60.

definido (no Museu de Míconos, ela compõe um nicho de objetos relacionados ao Santuário de Héracles em Renéia, conjuntamente com outra ânfora panatenaica fragmentária, na região do ombro e pescoço, e uma estátua em mármore de Héracles), cuja análise estilística indica ser do século V a.C. Encontrei uma informação compatível no *Beazley Archive Project*, com as seguintes informações:

número do vaso: 303164;
fabricação: ateniense;
técnica: figuras negras;
forma: ânfora panatenaica;
cronologia: 500-450;
atribuição: Nicômaco, S.;
decoração: A: Atena para a direita, coluna encimada por Afrodite;
coleção: Míconos, Museu Arqueológico XXXX303164.¹⁰⁶

Essa ficha, recentemente atualizada,¹⁰⁷ apresenta uma série de informações equivocadas. A cronologia proposta é a de 500-450, incompatível com a atribuição na linha seguinte, “série de Nicômaco”, situada em meados do século IV a.C., o que é coerente com a informação apresentada no *ABV*, 416.¹⁰⁸ As informações iconográficas, como a direção de Atena e a figura sobre a coluna, também não são compatíveis com o vaso produzido entre 500 e 450, mas coerente com o vaso do século IV. Em seguida, outro problema – a indicação de um volume do *CVA* (Nantes, França 36) que apresenta um vaso diferente. Assim, o que se tem é um conjunto de informações incongruentes sobre um vaso com número de inventário 303164 pertencente ao Museu de Míconos.

Entretanto, se se recorrer às publicações relacionadas,¹⁰⁹ vê-se que todas elas indicam que esse vaso do Museu de Míconos, de cronologia fixada em meados do

¹⁰⁶ vase number: 303164;

fabric: athenian;

technique: black-figure;

shape record: panathenaic amphora;

date range: 500-450;

attributed to: Nikomachos series (Beazley);

decoration: A: Athena to right, column surmounted by Aphrodite;

collection: 1: Mykonos, Archaeological Museum: XXXX303164;

publication record: Immerwahr, H., *A Corpus of Attic Vase Inscriptions, Preliminary Edition* (1998): 5408; Beazley, J.D., *Attic Black-Figure Vase-Painters* (Oxford, 1956): 416.18, 416; *AVI bibliography*: D. Frère, *CVA Nantes, France 36* (1997), pl. 7, 1-8, figs. 1 (profile) and 2 (facs. of inscription).

¹⁰⁷ Last updated 07/07/2010 18:56:00 by Parker, Greg. Created 19/10/2003 09:32:00 by Mannack, Thomas. Approved by Mannack, Thomas. Copyright © 2010 Beazley Archive, University of Oxford – ver Beazley Archive Home Page 2.

¹⁰⁸ Beazley retoma, para este vaso, KONDOLEON, 1937, p. 584-6.

¹⁰⁹ KONDOLEON, 1937, p. 584-6; ESCHBACH, 1986, nº 82; BENTZ, 1998, nº 4.121.

século IV a.C. (Série de Nicômaco), não possui número de inventário. Provavelmente, esse vaso (Míconos 303164), seja outro, não apresentado nessas publicações, coerente com a cronologia apresentada, citado acima. Assim, assume-se, aqui, que se trata de dois vasos do Museu de Míconos: um correspondente à Série de Nicômaco (**cat. 495**, meados do século IV a.C. – Bentz o situa no arcontado de Kephisodoros II, 323/2 a.C)¹¹⁰ e outro, anterior, correspondente à cronologia de 500-450 a.C., com número de inventário 303164 (**cat. 170**).

¹¹⁰ BENTZ, *op. cit.*

PANATENAICAS II

O contexto da produção e a tradição artesanal

Um catálogo de ânforas panatenaicas, como aqui proposto, expressa um tipo de organização parcialmente artificial, já que são determinadas similaridades materiais situadas no tempo que são a sua base e as informações de contexto sistêmico e arqueológico aparecem como secundárias.¹ Entretanto, a aproximação pela similaridade também oferece elementos para se empreender a observação de um contexto específico: alguns indícios do cenário produtivo desses vasos.² No caso das ânforas panatenaicas, os objetos relacionados ao início e ao fim de sua produção, colocados lado a lado, indicam uma considerável diferença na sua expressão material (ver **fig. 2 e 3**). Nesse sentido, a discussão será a de aspectos tradicionais na produção das ânforas panatenaicas relacionados à sua estrutura formal e ornamental, visando a compreensão de sua projeção transsecular, a partir de elementos dos quais ela deriva originalmente e a derivação relacionada à sua consolidação como referencial.

O primeiro nível de observação é a estrutura formal. Pensando-se nos inícios, além da forma do vaso, deve-se considerar também sua função. A bibliografia

¹ A artificialidade aqui evocada repousa em propostas que remontam ao século XIX, como a classificação tipológica de Pitt-Rivers baseada na classificação das espécies no âmbito da História Natural: “As idéias humanas, como representadas por vários produtos da indústria humana, são suscetíveis de classificação em gêneros, espécies e variedades, da mesma maneira que os produtos dos reinos vegetal e animal, e seu desenvolvimento do homogêneo ao heterogêneo obedecem as mesmas leis” (*Human ideas, as represented by various products of human industry, are capable of classification into genera, species and varieties, in the same manner as the products of the vegetable and animal kingdoms, and in their development from the homogenous to heterogenous they obey the same laws* - PITT-RIVERS, 1875, p. 307). Diferente disso, Franz Boas (1887, p. 588), na proposição de um “museu etnológico”, privilegiava elementos como o desenvolvimento histórico, distribuição geográfica e sua base fisiológica e psicológica; pode-se dizer, o objeto contextualizado.

² No campo específico da ceramologia grega, as propostas de Beazley (aproximação principalmente por estilo - ARV, ABV e complementos), amplamente seguidas, sofrem oposições parecidas. Por exemplo, Morris (1996, p. 108-10), retomando Vickers e Gill, indica um cenário de estudo da cerâmica ática ornamentada muito consistentemente baseado nas propostas de Beazley, havendo certo prejuízo das informações dos contextos de achado e de uso (para contexto sistêmico e arqueológico, ver SCHIFFER, 1972). A argumentação de Vickers e Gill é importante, mas é preciso indicar a contribuição das propostas de Beazley para o debate aqui estabelecido. Além da discussão estilística (que dá certa coerência à documentação no âmbito de determinadas semelhanças, propondo a delimitação da produção em grupos e indivíduos) há a possibilidade de se discutir um nível da inserção antiga desses objetos, o que é muito significativo quando se nota o grande número de vasos que chegam à contemporaneidade sem nenhuma informação sobre o achado; por vezes, nem mesmo informações mais generalistas como o país, região ou cidade do achado. A observação do catálogo aqui apresentado indica uma boa parte de objetos sobre os quais não há informações desse tipo (ver lista 1.3.1 e 1.3.4 – 8,6 % dos objetos repertoriados). A questão, parece, é a de explorar de maneira crítica tais levantamentos e não se esquecer das informações de contexto de achado, quando elas existem.

especializada situa a forma das ânforas panatenaicas como herdeira das ânforas de tipo SOS³ e se especula uma forma intermediária chamada de “proto-panatenaica” (**fig. 18**).⁴ O parâmetro para comparação são os vasos mais antigos produzidos pela chamada “primeira geração”,⁵ com bojo bastante largo com relação ao pé e a boca, o que é característico de ânforas de transporte. Além desse diálogo mais amplo, havia uma tradição interna ligada à amplitude cronológica da produção de ânforas panatenaicas; ou seja, a mobilização de elementos estruturais específicos da materialização desse tipo de vaso no contexto das oficinas ceramistas. Observando-se a forma das ânforas panatenaicas do século VI a.C. ao período romano, é perceptível um conjunto de variações importantes (ver **fig. 11**); entretanto, mantendo-se as características de ânforas de transporte e certa regularidade proporcional entre as partes (ver **gráfico 1** e **2**). Há que se considerar, ainda, a sorte de produções paralelas, que tiveram o referencial das ânforas panatenaicas em algum nível como propulsor de sua produção (**ver esquema 1**).

O segundo nível de observação é a estrutura ornamental. A divisão aqui proposta entre estrutura formal e ornamental é artificial, servindo ao interesse da análise, e há que se considerar a forte relação entre esses dois níveis. A estrutura formal do vaso oferece um tipo de superfície específica para a ornamentação que não tinha como objetivo “original” receber imagens.⁶ A materialidade desses objetos teve que ser pensada em vários aspectos para receber a ornamentação: há uma série de desníveis, interrupções abruptas, mudanças de inclinação e curvatura da superfície.⁷

³ Propõe-se também, menos freqüentemente, a ânfora *à la brosse* (VALAVANIS, 1986, p. 454, n. 4). A ânfora de tipo SOS foi produzida entre o final do século VIII a.C. e a primeira metade do século VI a.C. (a origem é prioritariamente ática, encontrada em vários pontos do Mediterrâneo (JOHNSTON & JONES, 1978, p. 103). Essa não era uma ânfora necessariamente para transporte, mas sua forma teria sido base para várias ânforas de transporte da porção oriental à ocidental do Mediterrâneo (JACOBSEN, 2002, p. 170).

⁴ Ver debate estabelecido por Neils (2007, p. 46-9) com Papaspyridi-Karouzou (1938).

⁵ A primeira geração é situada por Bentz (1998) entre 566/5 e c. 530 a.C., compreendendo a produção de vasos panatenaicos anteriores ao aparecimento do programa ornamental que se tornou padrão (conforme discussão em frente). Há quase um consenso em considerar a *Burgon amphora* (**cat. 1**) como o exemplar mais antigo; mas há propostas contrastantes: Moore (1999) propõe que a ânfora de Nícias e Lido (**cat. 6**) seja mais antiga (ver MOORE, *op. cit.*, p. 44, para a avaliação dos exemplares mais antigos) – ver **fig. 2a** e **b**; **3a** e **b**. Ao tomar a *Burgon amphora* como elemento indicador dos inícios do uso desse tipo de vaso, é preciso considerar que este é provavelmente o mais antigo a ser encontrado, não necessariamente o primeiro a ser produzido (KYLE, 1993, p. 35, n. 15).

⁶ Pensa-se na ânfora como uma forma de vaso cuja concepção original estava ligada a determinadas funções e, com isso, sua forma respondia mais imediatamente a determinada demanda relacionada ao uso.

⁷ A superfície de aplicação da ornamentação não deve ser confundida com suporte, que aqui é compreendido como todos os aspectos de materialização das informações visuais

Pensando-se nisso, a ornamentação será observada entre os níveis do programa e do esquema ornamentais.

O esquema ornamental é uma abstração, não é algo que se insere conscientemente na ação criativa dos artesãos; diferente do programa ornamental, este sim elemento mais consciente. O esquema está ligado a questões mais amplas na sua articulação (contatos interculturais, por exemplo); já o programa, às estratégias de materialização de certas formas ornamentais que, entendido como projeto, plano, algo previsto, também se situa numa dimensão abstrata; mas, enquanto o esquema está no plano da análise (a própria redução ou síntese de um complexo de relações sócio-culturais), o programa é algo próprio da ação do artesão antigo.

Dessa forma, identificar o esquema não significa caracterizar um pensamento esquemático dos artesãos antigos; mas destacar alguns aspectos sócio-culturais. O primeiro é a identificação das repetições: a observação de determinadas recorrências e também o que foge a elas; ou seja, caracterizar os elementos fundamentais que compõem o esquema. Tal ocorrência pode ser observada de forma mais restrita (num tipo de suporte, numa época e (ou) numa cultura) ou mais ampla (em vários suportes, em diferentes épocas e (ou) em variadas culturas). Quando observado na perspectiva ampla, é necessário entender as relações históricas entre as épocas e (ou) culturas envolvidas; já que a semelhança material na produção ornamental, por si só, não é elemento definidor. E, por fim, cabe entender que a semelhança material caracterizada como projeção de um esquema na produção ornamental em várias culturas e (ou) épocas, não se caracteriza apenas pela similaridade em todos os aspectos e, nesse sentido, deve-se pensar na interação entre forma e conteúdo.

Como o elemento fixo nesse tipo de observação é o formal (a materialidade resultante de um processo de organização chamado de esquema) é viável investigar o conteúdo e o significado relacionados e em que medida destoam em contextos diferentes. O esquema ornamental compreende elementos relacionados à organização da ornamentação, desde os padrões (faixas com motivos repetitivos, delimitadores de espaços etc.) até as imagens figurativas. Assim, concernente ao esquema ornamental está o esquema iconográfico, ligado mais detidamente aos aspectos figurativos, cujo interesse remonta aos princípios básicos que compõem a pesquisa iconográfica desde o século XIX.⁸

(ornamentais, iconográficas e escritas); ou seja, o suporte está no âmbito da interação entre a ornamentação e sua superfície de aplicação e na especificidade da técnica figurativa.

⁸ Ao lado da adequação da imagem ao texto (a perspectiva filológica), da importância dos atributos na caracterização e identificação das personagens figuradas e da influência da “grande” arte sobre as “menores”, elementos que estão na base de projetos de fôlego como o *LIMC* (SARIAN, 2005, p. 11) está o interesse pelo esquema iconográfico, ligado à a

Nas ânforas panatenaicas, os elementos não-figurativos são, basicamente, além da grande presença do verniz negro, a faixa com raios, a faixa com lingüetas e o motivo palmeta-lótus. No plano geral, os mais antigos são a faixa com raios e a com lingüetas, que já eram amplamente utilizados na produção de cerâmica grega em vários pontos do Mediterrâneo desde a produção orientalizante,⁹ remontando à produção protocoríntia, com a presença de faixas com raios desde o protocoríntio antigo, persistindo ao longo de toda a produção protocoríntia.¹⁰ Essa faixa também já ocorria na produção protoática antiga (700-675 a.C.), e na orientalizante de várias outras cidades durante o século VII a.C., indicando um cenário de utilização consistente desse elemento ornamental. E, além da presença, sua posição também era constante. Assim, apesar de certa variação, seu uso era consistente na parte baixa dos vasos, sobretudo na parte baixa do corpo, logo acima do pé. Quanto à ocorrência da faixa com lingüetas, ela é mais recente, mas também bastante comum na produção orientalizante. Os exemplares mais antigos são do século VII a.C., com lingüetas mais simples.¹¹ Da mesma forma, havia uma consistente ocorrência das faixas com lingüetas na parte superior dos vasos, sobretudo na região do final do ombro e logo abaixo do pescoço.

A estratégia de criação de painéis quadrangulares, reservando a argila e o preenchimento do restante a partir de uma consistente presença do verniz negro, e a faixa com a seqüência lótus-palmeta, também remontam à produção orientalizante,¹² e foram difundidos em vários centros produtivos de figuras negras, no século VI a.C., desde a região da Jônia até a Grécia continental. A produção ática, dialogando fortemente com a coríntia, acabou lançando mão de todos eles de forma consistente (em detrimento dos elementos tradicionalmente locais, como os encontrados na ornamentação protoática). Tais elementos já estavam presentes na produção de vasos

identificação de “(...) uma unidade na iconografia clássica, desde os mais antigos documentos até os mais recentes, [o que justificava] (...) os estudos de filiação nas figurações” (*Idem*).

⁹ Boardman caracteriza o estilo orientalizante a partir da noção de contato cultural (principalmente com os sírios e fenícios), por intermédio de materiais importados como metais, marfim e mesmo têxteis (BOARDMAN, 1998, p. 83) com padrões de ornamentação bastante diferente do que apresentava a experiência de ornamentação geométrica. O responsável pela intermediação desses padrões orientais e a criação artesanal entre os gregos teria sido o “artesão imigrante” (*immigrant craftsman*). É interessante observar que, relacionada e baseada nessa experiência de trocas culturais num cenário mais amplo, a erudição acadêmica identificou um “período orientalizante”, correspondente à parte inicial do período arcaico (ver BURKET, 1992, p. 128).

¹⁰ O estilo protocoríntio é dividido em três fases: protocoríntio antigo (720-690 a.C.), protocoríntio médio (690-650 a.C.) e protocoríntio tardio (650-630 a.C.) – BOARDMAN, 1998, p. 85.

¹¹ Ver BOARDMAN, *op. cit.*, p. 97

¹² Ver CLARK, ELSTON & HART, 2001, p. 120-1.

ornamentados áticos desde os mais antigos exemplares de figuras negras, produzidos pelos chamados “pioneiros”:¹³ vê-se na produção do Pintor de Berlim A 34, do Pintor de Nessos, do Pintor de Górgona, Sófilos, Pintor da Acrópole 606, entre outros, o uso desarticulado desses elementos que estruturariam a produção de vasos panatenaicos.

Quanto aos elementos figurativos, há a Atena em atitude combativa numa face e uma prova atlética na outra, com variação (na primeira fase da produção) quanto ao espaço específico das inscrições. A Atena panatenaica, chamada *Promakhos*, parece compor um esquema figurativo presente na produção artesanal do Mundo Grego desde o século VII a.C. em suportes diversos,¹⁴ e essa forma de apresentar a deusa já era comum nas oficinas coríntias, remontado a produção protocoríntia (séc. VII a.C.).¹⁵

A coerência modernamente criada, ligada à definição da Atena *Promakhos* presente no *LIMC*, não opera de forma positiva na identificação de um esquema figurativo específico, já que é baseada, sobretudo no tema (a deusa Atena combativa) e nos atributos (a lança e o escudo associados). Aqui, assume-se que o gesto é um elemento importante: a figura de Atena em passo à frente, segurando numa mão uma lança em posição de ataque, e um escudo em posição de proteção (ambos altos) e portando alguns outros elementos como o *gorgoneion*, o capacete e o quítion longo. Assim, recorta-se no grupo da Atena *Promakhos*, como proposto no *LIMC*, um grupo mais seletivo que atende aos três elementos básicos aqui indicados (tema, atributos e gesto).

Tendo como referência esse recorte, algumas aproximações podem ser feitas a outro grupo caracterizado no *LIMC* como *Palladium*, do qual, segundo Paul Demargne (autor do verbete “Atena” do *LIMC*), teria sido derivada a forma da Atena *Promakhos*. Para além da questão da derivação, é importante observar que a distinção entre a Atena *Promakhos* (como aqui proposto) e a figura do *Palladium* reside no gesto: se a Atena *Promakhos* é caracterizada em movimento (o passo aberto indicando certa projeção para frente), o *Palladium* tem os pés juntos, o que o situaria como figura de estátua, mas há um grupo coeso de figuras do *Palladium* que tem a lança e o escudo

¹³ Ver ABV 1-50 e BOARDMAN, 1974, p. 14-51.

¹⁴ Na sua publicação em 1832, Brøndsted (1932, p. 103-4) nomeia a deusa como Atena *Nikē* e Minerva *Gradiens*, recuperando o termo já utilizado na modernidade (ver HOLSTE & RYCKIUS, 1684, p. 292), sobretudo na descrição de tipos numismáticos (ver GOLTZ, 1708, p. 42). O termo *Promakhos* era usado, sobretudo para caracterizar a estátua de bronze da Acrópole (*Minervae Promakhos* – SPON, 1678, p. 290) entre outros (*Minerve à Promakhos* – DU MONT, 1699, p. 211). Entretanto, tal uso relacionado a Atena não é específico nem consistente na Antiguidade (ver RIDGWAY, 1992, n. 34; para o variado uso do termo *Promakhos* e uma breve crítica ao uso atual em projetos como o *LIMC*).

¹⁵ Para os exemplares do proto-coríntio e coríntio com figuras de Atena combativa, ver *LIMC* III, verbete *Athena* 67, 26, 29 e PARIANTE, 1991, p. 229, fig. 3.

em situação bastante similar à da Atena *Promakhos*. Tal aproximação não é artificial, se se notar que em contextos específicos alguns artesãos usaram a Atena com pés juntos na produção de ânforas panatenaicas (**cat. 437, 438, 476 e 477** – ver **fig. 19**), aproximando, com isso, figuras atualmente caracterizadas como Atena *Promakhos* e *Palladium*.

Não se sabe se o termo *Promakhos* era comum para caracterizar tais figuras de Atena (a panatenaica ou as estatuetas citadas), e mesmo quanto à estátua de Atena na Acrópole de Atenas, o uso só é atestado tardiamente.¹⁶ Ou seja, não se pode ter o qualificativo *Promakhos* como guia de forma irrestrita. Resta, nesse sentido, a proposta de coesão a partir de elementos temáticos e materiais. Especula-se, nesse sentido, certos paralelos entre a figura da Atena combativa e determinado tipo de figura da divindade semítica Baal como modelo, já que sua figuração tem as pernas em passo aberto e as mãos altas, semelhante a da Atena *Promakhos*,¹⁷ e com certas estatuetas de Zeus em atitude similar.¹⁸

Na Ática, essa Atena combativa foi utilizada na figuração do rapto de Cassandra. No século VI a.C., em figuras negras, a deusa aparece em esquema figurativo muito próximo do modelo panatenaico;¹⁹ assim como na figuração da

¹⁶ KEESLING, 2003, p. 81-5.

¹⁷ Ver KEESLING, *op. cit.*, fig. 22-3. Esse paralelismo insere alguns problemas do trabalho com objetos fragmentários. O gestual relacionado à figura da Atena combativa, conforme aqui estabelecido, é projetado a um grupo de imagens, sobretudo estatuetas, nas quais freqüentemente faltam alguns elementos como a lança e o escudo, e o gestual permite certas reconstituições nas quais esses objetos são subentendidos. No caso das estatuetas de Baal, a situação é parecida. Entretanto, quando se tem à disposição figuras cuja composição antiga ainda é observável, como pinturas e relevos, a situação dessas aproximações muda significativamente. Nesse sentido, enquanto a figura de Atena traz consigo uma lança e um escudo, a figura de Baal traz uma clava e uma lança-ramo – ver CORNELIUS, 1994; para as figuras de Baal. Com isso, a observação da composição mais integral indica que a aproximação é um tanto forçada.

¹⁸ Ver NEILS, 2007, p. 44. Nos dois casos, as aproximações são problemáticas. No tocante ao um provável modelo fixado nas figuras de Baal, tal aproximação parece responder mais a um quadro geral bastante comum na pesquisa atual em que se direciona para o “Oriente” para encontrar a “origem” de elementos desenvolvidos no mundo grego “posteriormente”. Esse caminho, que em certa medida afastou algumas perspectivas de pesquisa calcadas na idéia de um exacerbado invencionismo, criatividade e homogeneidade grega, é amplamente verificável, mas nesse caso a aproximação parece supervalorizada. Quanto ao paralelo com as estatuetas de Zeus, pode-se observar as mesmas semelhanças com figuras de Posidão e de hoplitas, o que diluiria um pouco qualquer referência muito direta.

¹⁹ ALROTH, 1992, p. 14. Essa similaridade entre a figura de Atena nas ânforas panatenaicas e aquelas inseridas na cena do rapto de Cassandra são restritas à produção em figuras negras. Essa mesma narrativa em figuras vermelhas apresenta a figura de Atena menos ativa e claramente situada como estátua (por exemplo, é comum o uso de uma base sob a figura da deusa, além da retenção do caráter arcaizante – *Idem*). Ver LIMC VII, verbete *Kassandra* I, 56, 60, 63-5, 67, 71, 73-4, 79, 82; *Aias* II, 18-9, 23, 28, 33a, 34-7, 41-2, 48-9, 51.

Gigantomaquia,²⁰ o que parece reforçar a constante relação entre a Atena panatenaica e o mito da Gigantomaquia.²¹

As colunas associadas a galos aparecem pouco antes da fixação do programa ornamental das ânforas panatenaicas em c. 530 a.C., e os exemplos mais antigos, nesse contexto, são ligados ao Pintor do Balanço e Exéquias (ver **cat. 9, 11**). Não há registro do uso das colunas encimadas por galos, outros animais ou elementos no enquadramento de cenas figurativas fora da Ática antes da produção de ânforas panatenaicas.²² Entretanto, ali, antes disso, essas colunas encimadas já eram utilizadas (ver **lista 5**, nº 1-10), o que indica que esse era um elemento propriamente ático, mas não era restrito às ânforas panatenaicas, sendo usado também paralelamente (ver **lista 5**, nº 11-32).

Já a inscrição de tipo *athlon* parece ser um elemento propriamente panatenaico; ou seja, não há paralelos anteriores do ponto de vista da produção. Especialistas situam esse tipo de inscrição numa tradição já presente, por exemplo, na inscrição-prêmio da enócoa do Dípilo. A inscrição de tipo *athlon* poderia também estar ligada à estratégia de apresentação de mecanismos de controle do conteúdo do vaso, situação coerente à ampla experiência de impressões sobre alças de vasos de transporte no Mundo Grego, e já presente nas inscrições pintadas em Linear B sobre vasos micênicos,²³ as quais poderiam indicar local de saída ou de chegada dos vasos preenchidos com determinados produtos comercializados. Valavanis indica que alguns especialistas situam o vaso panatenaico no âmbito do controle do conteúdo, uma espécie de selo de garantia,²⁴ mas o caráter ritualístico específico desse tipo de inscrição sobre as ânforas panatenaicas parece situá-las entre a experiência das inscrições (entre outros elementos de controle) sobre as ânforas de transporte e àquela notada na enócoa do Dípilo.²⁵

Entretanto, do ponto de vista ornamental, a inscrição de tipo *athlon* é um elemento novo, por sua concepção original (diferente da enócoa do Dípilo, um grafite aplicado posteriormente à produção do vaso) e pela situação cada vez mais específica

²⁰ Ver LIMC IV, verbete *Gigantes* 114, 120, 123, 178, 211, 226.

²¹ Ver SHEAR, 2001, p. 29-37; TIVERIOS, 2007, p. 5-7.

²² Ver CALLISEN, 1939; para as figuras de colunas encimadas por galos em contextos posteriores.

²³ Ver BIRS, 1992, p. 70 e FRANCISCO, 2008, p. 66-8, fig. 31-5.

²⁴ VALAVANIS, 1986, p. 454, n. 7.

²⁵ Ver NEILS, 1992, p. 29. Trata-se de um pequeno vaso datado da segunda metade do século VIII a.C. encontrado em contexto funerário não muito bem conhecido em Atenas, portando uma inscrição riscada, indicando ter sido prêmio numa disputa de dança. Para a enócoa do Dípilo, ver FRANCISCO, *op. cit.*, p. 39-43.

no programa ornamental. Dessa forma, pode-se dizer, a inscrição de tipo *athlon* foi o tipo de inscrição com ocorrência mais regular na história da produção de vasos áticos ornamentados.²⁶

Quanto à figuração das provas, que ocorria na face oposta do vaso, no que se refere ao tema, é o conteúdo mais tradicional, referenciada numa ampla projeção regional que parece retomar uma experiência bastante antiga. Observa-se um amplo repertório já presente na porção oriental do Mediterrâneo; por exemplo, as figuras de lutadores nas pinturas parietais em tumbas de Beni Hasai, Egito, de c. 2000 a.C.²⁷ A ocorrência da figuração atlética era comum no repertório minóico-micênico em suportes variados (afrescos, relevos, glíptica, vasos de cerâmica, vasos de pedra, marfim, entre outros): tanto a figuração de temas atléticos mais específicos do universo minóico (por exemplo, o salto do touro); como o pugilato, a corrida à pé e de carro.²⁸ No mundo grego, o desaparecimento da figuração na criação artesanal, entre os séculos XII e X a.C., deu espaço, já no século X a.C., a um lento reaparecimento e, no conjunto dos elementos figurativos mais antigos, destaca-se a presença de cavalos e de carros associados a eles, retomados com outro tratamento estético. O cavalo e o carro associado a ele, por exemplo, depois disso, não deixou de ser apresentado na cerâmica ática pintada até o desaparecimento dessa técnica de ornamentação, e persiste como tema figurativo até o período romano na produção das ânforas panatenaicas.

* * *

O aspecto tradicional relacionado às ânforas panatenaicas mais sistematicamente tratado pela bibliografia é a técnica de figuras negras;²⁹ já que sua

²⁶ A situação mais próxima foi a produção de taças com espaços de inscrição de autoria relativamente previsíveis. Entretanto, tal fenômeno foi bastante circunscrito cronologicamente (terceiro quartel do século VI a.C.) e o programa ornamental poderia variar bastante. Ver BEAZLEY, 1932.

²⁷ POLIAKOFF, 1987, p. 31, fig. 15.

²⁸ TORRALVO, 1996/1997, p. 34.

²⁹ Tal tradição é baseada na continuidade observada num amplo recorte temporal. Beazley (DEV, p. 81) diz que: “elas nos permitem recapitular a história da pintura de vasos em figuras negras, não do começo, mas do período de Clítias e Lido; e a continuar a história através do quinto e quarto séculos e depois na época em que a técnica de figuras vermelhas há muito tempo tinha deixado de existir” (*They enable us to recapitulate the history of Black-figure vase-painting, not from the beginning, but from the period of Kleitias or early Lydos; and to continue the history through the fifth and fourth centuries down to a time when the red-figure technique had long ceased to exist*). Nos termos de Frel (1973, p. 8): “as figuras negras forma mantidas no uso geral até meados do século V a.C. Depois disso, ela ocorre apenas nas ânforas panatenaicas; a força da tradição prolongou a vida da técnica através do período helenístico e romano, quando nenhum outro tipo de cerâmica pintada foi produzida” (*Black-figure remained in general use until the mid-fifth century. Thereafter, it occurs only on Panathenaics; the force of tradition prolonged the life of the technique through Hellenistic and Roman times, when no other painted pottery was produced*). Para uma apresentação da técnica, ver CLARK, ELSTON &

utilização persiste na produção de ânforas panatenaicas mesmo muito tempo depois do abandono dessa técnica figurativa no quadro geral da produção de vasos áticos em meados do século V a.C.;³⁰ entretanto, a técnica muda bastante. A qualidade da produção das ânforas panatenaicas do período helenístico e posterior decresce paulatinamente do ponto de vista técnico e se pode observar uma modificação clara das figuras negras produzidas nesse contexto.³¹ Um exemplo claro dessa mudança é a forma de estruturar as figuras femininas. Uma das convenções amplamente utilizadas na produção de imagens sobre a cerâmica grega (notadamente a ática) em figuras negras é a composição da cútis das figuras femininas com tinta branca, distinguindo-se das figuras masculinas, compostas a partir da cor da técnica,³² como também poderia acontecer com a técnica de figuras vermelhas. Nos dois casos, a tinta branca tem aplicação diferente: nas figuras negras, ela é aplicada sobre a silhueta negra e nas figuras vermelhas ela é aplicada diretamente sobre a superfície do vaso. Essa solução peculiar da técnica de figuras vermelhas passa a ser utilizada consistentemente nas figuras negras tardias sobre as ânforas panatenaicas, havendo, assim, a articulação de elementos a partir do verniz negro e as regiões próprias da

HART, 2002, p. 72; para o processo de queima (as fases de oxidação, redução e re-oxidação que poderiam chegar a 950°), ver *Idem*, p. 91-3.

³⁰ A seqüência cronológica da cerâmica ática não é algo absolutamente resolvido. Quanto às figuras negras e vermelhas, pensa-se que o surgimento das figuras vermelhas e a substituição das figuras negras no cenário geral da produção de vasos áticos teria se dado num processo entre o último quartel do século VI e o primeiro quartel do século V a.C., o referencial cronológico aqui seguido, levando-se em conta certa tolerância; já que há propostas diferentes. Por exemplo, Morris (1996, p. 109) indica, apresentando a proposta de Vickers, que “o fim do estilo das figuras vermelhas, em c. 320 a.C., é explicado pela grande oferta de ouro persa na Grécia depois de Alexandre. (...) E com um argumento ligado a esse, Vickers muda a data do início do estilo de “figuras de ouro/figuras vermelhas” para depois da convencional data de 530 a.C., para c. 470, explicando-a pelo uso pelos atenienses do saque feito depois das Guerras Pérsicas” (*The end of Athenian red-figure style, around 320 BC, is explained by the flood of Persian gold into Greece after Alexander. (...) In a linked argument, Vickers would move the beginning of the ‘gold-figure’/red-figure style down from the conventioned date around 530 BC, to about 470, explaining it as the Athenians use of booty captured after the Persian Wars*). Há algumas formas mais consistentes de datação desses objetos: vasos (ou estilos) datados por eventos históricos, por contexto arqueológico (relação com outros objetos e informações dos estratos arqueológicos) e por comparação com outras produções artísticas, sobretudo a escultura e relevos (ver BOARDMAN, 1974, p. 193-5 e SPARKES, 1991, p. 28-59). Todos eles, pouco precisos. Hamilton (1996, p. 156-7, n. 5), por exemplo, indica a dificuldade de relacionar os vasos panatenaicos a eventos históricos, dada a falta de precisão cronológica. Entretanto, há informações mais precisas, como indicações de personalidades (artesãos e homenageados nos vasos) em inscrições; e, no caso das ânforas panatenaicas, as inscrições de arcontes, tesoureiros e fiscais dos Jogos Panatenaicos que aparecem nesses vasos desde a primeira década do século IV e duram até o fim da produção. Estes são elementos que apresentam indícios cronológicos mais precisos.

³¹ Ver FREL, 1973, p. 30 e CLARK, ELSTON & HART, 2002, p. 127.

³² Ver KURTZ, 1989, p. 123-4 e NEILS, 2008; para a ocorrência variada do recurso da cútis em tinta branca, não apenas para figuras femininas.

cúteis da deusa Atena (braços, pés, colo e rosto) eram reservadas e a tinta branca era aplicada diretamente sobre a superfície do vaso; havendo, assim, uma clara influência do uso da tinta branca na técnica de figuras vermelhas, projetada nas figuras negras sobre os vasos panatenaicos. Essa situação indica que provavelmente as figuras negras dos vasos tardios remetia à técnica do período arcaico num nível estético (imitação da forma) e não necessariamente na manutenção restrita da técnica.

Diferente disso, o programa ornamental das ânforas panatenaicas, que sofreu uma série de mudanças ao longo do tempo, apresenta um exemplo mais consistente de tradição no contexto da produção. A primeira fase da produção, marcada pela variação do programa ornamental, é geralmente observada a partir de um referencial historicamente posterior: o momento da fixação de um modelo em c. 530 a.C. Do ponto de vista da produção, pensa-se nos elementos de coerência no contexto de uma produção bastante variada, sobretudo aqueles que forneceria a base para a criação padronizada. A partir de c. 530 a.C., o repertório de variações diminui bastante e se pode observar a fixação do programa ornamental.

No contexto da fixação do programa ornamental, a novidade era a escolha de uma forma específica de delimitação superior para cada painel, o que já vinha sendo parcialmente utilizado; mas que na primeira fase da produção era variada. Depois da fixação, o programa ornamental quase inteiramente especular tem a simetria quebrada pelas formas de delimitação superior dos painéis. Na face com a figura de Atena, ela é feita por uma faixa com lingüetas, situada imediatamente abaixo do final do ombro e início do pescoço; enquanto, na outra face (com a figura da prova), a delimitação superior imediata é feita com uma faixa negra e, acima dela, há uma faixa com lingüetas (ver **fig. 21**).

No painel com Atena, a deusa é ladeada por duas colunas encimadas por galos e, entre ela e a coluna da esquerda, há uma inscrição do tipo *athlon* (que passa a ocorrer apenas nessa face). Antes da fixação do programa ornamental, a presença das colunas não era algo imprescindível (os exemplares mais antigos não as apresentam) e a ocorrência da inscrição de tipo *athlon* era diversificada (na face da prova ou na face com Atena). Depois da fixação, o posicionamento da inscrição do tipo *athlon* dependia do arranjo que era iniciado com a organização das faces do vaso panatenaico. A parte superior, a partir do arranjo entre a faixa com lingüetas e a faixa inferior a partir do aumento estreitamento da conicidade da parte baixa do corpo do vaso. Dependia ainda da disposição da figura de Atena (sobretudo a posição do escudo) e da coluna da direita (em certos casos da esquerda). Assim criava-se um espaço entre o limite inferior (o chão da cena) e a figura de Atena com o escudo e a da coluna, o que muda em certa medida quando, já no século IV a.C., o escudo da figura

de Atena deixa de ser mostrado de frente, e passa a ser figurado de perfil, em posição muitas vezes mais alta que a dos exemplares mais antigos.³³ A proximidade entre o escudo e a coluna criava um espaço estreito, o ponto de origem da inscrição. O ajuste, dada essa conjunção de elementos, poderia, por vezes, promover certa distorção, como a falta de espaço para dispor a inscrição (dessa forma, é possível observar que se opta pelo estilo sinuoso – ver **fig. 20; cat. 40, 57 e 60**); e alguns outros desvios, como inscrições dos dois lados de uma mesma coluna (ver **fig. 10 b**), associada à coluna da direita (ver **fig. 20; cat. 14**) ou entre a coluna e a faixa delimitativa lateral (ver **fig. 20, cat. 54**).

Esses elementos são conservados no programa e desaparecem as inscrições nomeando as provas. A ocorrência de inscrições na face de figuração das provas atléticas foi comum antes da fixação do programa ornamental. O grupo mais numeroso é o de inscrições que estão relacionadas à prova atlética, mas houve também a ocorrência da inscrição *athlon* (ver **lista 1.11**). Com a fixação do programa ornamental em c. 530 a.C., uma clara distinção aconteceu: na produção desses grafismos sobre a superfície desses vasos, a ocorrência de inscrição passou a ser restrita à face com a figura de Atena e, além disso, houve um desaparecimento das inscrições das provas.³⁴ No século IV a.C., essa restrição foi aguçada com a inserção das inscrições de arcontes na face com Atena, o que ratificava a escolha da face com Atena para a aplicação das inscrições;³⁵ o que só foi desarticulado na produção tardia, quando, novamente, as inscrições poderiam ocorrer na face com as figuras das provas (ver **fig. 20, cat. 880**; ver também **cat. 863, 867, 870 e 871**).

³³ Em 363/2 a.C., por exemplo, aparece a parte interior do escudo e o braço de Atena associado a ele (ver **cat. 410**).

³⁴ Depois de fixado o programa ornamental em c. 530 a.C., a ocorrência de inscrições na face com as provas foi bastante rara. Uma delas de 500-450 a.C. (**cat. 163**) e a outra de 340/339 a.C. (**cat. 470**). Nos dois casos, a inscrição tem função explicativa: a primeira, “pancrácio” (*pankra[ti]on*) completa o sentido da cena apresentada, que dificilmente seria compreendida sem a inscrição; e a segunda, “Olímpia” (*Olympias*), ao lado de uma figura feminina parcialmente velada que, com o apoio da inscrição, é interpretada como uma alegoria da cidade de Olímpia. Há que se considerar que, além do espaço específico de inscrição, as inscrições antes da fixação do programa ornamental (antes de c. 530 a.C.) eram articuladas em três níveis: o próprio da indicação da prova (inscrições nomeando provas), da vocação pública do vaso (a inscrição de tipo *athlon*) e a especificidade no contexto produtivo (as inscrições de autoria), havendo alguns deles que portam os três tipos (ver **lista 1.11, cat. 4, 5 e 6**). A variedade de níveis de referência das inscrições, volta a marcar a produção desses vasos no século IV a.C. com presença das inscrições de arcontes, tesoureiros (*tamiai*) e dos fiscais (agonotetas). Entretanto, mesmo que as inscrições de autoria ainda ocorressem no século IV a.C., os três tipos não ocorriam ao mesmo tempo. Há apenas um caso de três tipos de inscrição no mesmo vaso (ver **lista 1.11, cat. 470**).

³⁵ A única exceção é a inscrição “Olímpia” em face da prova atlética – ver **nota 34**.

Fixou-se, assim, um programa ornamental caracterizado por diferentes formas de disposição das figuras em cada uma das faces, o que respondia à especificidade da lógica figurativa, sua complexa interação com os elementos delimitativos e às mudanças formais do vaso ao longo do tempo, indicando as formas de lidar com o espaço (a própria reflexão do artesão sobre a superfície disponível de aplicação das figuras e a lógica da figuração). Na face com a figura de Atena, a tendência da disposição das informações (a deusa, as colunas e a inscrição) era vertical (ver **fig. 23**) e, apesar de alguns elementos que tendessem à horizontalidade (a atitude em passo para frente e a situação da lança), o principal problema de ajuste está relacionado ao limite superior. A figura de Atena, depois de fixado o programa ornamental, sempre alcançou a faixa de lingüetas (seu capacete sobrepõe parte desse limite superior – ver **fig. 24**). Essa deusa na imagística ática era freqüentemente apresentada com um capacete na cabeça e essa situação promoveu constantes trespasses dos limites superiores dos painéis reservados à figuração.

Essa é uma característica bastante comum nas figuras que portam certos objetos.³⁶ Essa prática pode ser observada desde o século VII a.C., já na produção coríntia. A questão do trespasse parece, originalmente, responder a um problema de ajuste; ou seja, as figuras de capacete, para que preenchessem toda a extensão vertical poderiam trespassar alguma faixa ornamental e mesmo algum limite físico do vaso ou simplesmente ser cortado; assim, para semelhantes problemas de ajuste a solução poderia ser variada; mas, nas ânforas panatenaicas, a figura de Atena sempre trespassava o limite imediatamente superior – a faixa com lingüetas. Mas, se esse não era um limite efetivo, qual altura a figura de Atena poderia alcançar?

No caso das ânforas panatenaicas, a observação de alguns exemplares pode esclarecer bastante a respeito do real limite superior, dado que, a faixa com lingüetas também é considerado espaço dedicado à figuração. Há alguns exemplares nos quais a figura de Atena estende-se alcançando a faixa com lingüetas, mas mesmo essa projeção não é suficiente para conter tal figura em toda extensão vertical. Em todos eles, a solução foi a de cortar o capacete e não o estender até o pescoço (ver **fig. 24**). O corte é situado no cordão que marca a passagem do ombro para o pescoço. Com isso percebe-se que o real limite nessa face dos vasos panatenaicos é o físico, articulado pela ação anterior do oleiro.

Quanto à face da prova atlética, a disposição das figuras tem tendência horizontal (ver **fig. 23**), enquadradas pelo painel figurativo que respondia a alguns elementos delimitativos diferentes. Por exemplo, nessa face, a faixa de lingüetas não

³⁶ Ver FRANCISCO, 2008, p. 181-95; para as questões de limites e trespasses.

tinha interação direta com o painel figurativo. Assim, quase todos os problemas de delimitação espacial são laterais. A tendência horizontal da figuração das provas (pela descrição de atividades de deslocamento linear com velocidade ou pela disposição de várias figuras lado a lado) acabou proporcionando problemas de enquadramento nos limites laterais. A solução era cortar a figura (a mais freqüente) ou trespassar (a menos frequente) – ver **fig. 25**.

A relação entre os elementos que delimitam o espaço figurativo e as figuras, como até agora observado, parece bem restrito, mas a sua interação é mais dinâmica; havendo, em certos casos, uma quase indistinção entre eles; ou seja, uma faixa delimitativa pode assumir papel na organização iconográfica e operar nesses dois campos. No caso das ânforas panatenaicas, o painel fornece parâmetros delimitativos, às vezes trespassados (como a disposição da figura de Atena), às vezes recortados (como algumas figuras de atletas que não se enquadram no painel); mas há um elemento que suplantava a função delimitativa: trata-se da faixa inferior. Ela sempre ocorre como elemento figurativo importante, já que é o próprio “chão” sobre o qual as figuras situam-se fisicamente: fala-se, aqui, mais especificamente da fronteira entre a faixa negra e a região com argila reservada que era marcada muito frequentemente por uma linha negra fina (ver **fig. 21**). Pode-se pensar que a linha fina que separa a massa escura (o verniz negro) e a clara (a argila reservada) marcaria a distinção entre o que é propriamente figurativo e o que não é; mas há casos de interação imediata.³⁷ Ou seja, percebe-se que as estratégias de delimitação das cenas figurativas não são elementos alheios, e que além de enquadrar ou opor painéis, são também considerados no tocante à lógica figurativa e, por vezes, poderiam assumir alguma função figurativa.

Verifica-se, a partir dos vestígios existentes, um processo de contínua mudança com relação ao espaço disponível para as figuras em cada painel. Antes da fixação do programa ornamental, ambos painéis tinham espaço praticamente idêntico e conseqüentemente as figuras tinham alturas similares. Depois de c. 530 a.C., ele foi fixado tendo a diferença acima citada como elemento importante. Mas, aliado a isso, houve uma tendência paulatina de diminuição do espaço para a figuração das provas em relação à outra face. Assim, se a altura dos painéis das ânforas panatenaicas

³⁷ A delimitação entre a massa escura e a argila reservada na estruturação dos painéis era feita com o auxílio de uma linha fina próxima da fronteira entre ambas. Essa linha não tinha ocorrência absolutamente prevista (poderia ocorrer na delimitação inferior, lateral e superior, não necessariamente articuladas) e foi consistentemente utilizada nos séculos VI e V a.C., começando a desaparecer por completo no século IV a.C.; época em que a distinção entre a massa escura e a mais clara era feita unicamente pela linha de fronteira, criada pela descontinuidade entre ambas.

originalmente era praticamente idêntica (1:1), e no último quartel do século VI a.C. (época de fixação do programa ornamental) a diferença tendia a 1:5/6 (uma diferença não tão drástica); no final desse processo (período romano), a desproporção era de aproximadamente 1:1/2: a face destinada à figuração atlética tinha um espaço disponível de altura máxima correspondente à metade da altura da face da deusa Atena (ver **fig. 22**).

As diferentes tendências de distribuição das figuras em cada face poderiam explicar as diferentes estratégias de delimitação superior, mas não a discrepância crescente entre a proporção dos espaços figurativos ao longo do tempo. Parece, nesse caso, que é a interação entre oleiro e pintor/grafista num longo processo que explica com mais propriedade essas modificações. Houve um processo de mudanças na estrutura formal do vaso que receberia tais figurações (ver **fig. 12**), e o programa ornamental descrito responde em grande medida às especificidades da superfície à disposição para a aplicação das figuras. A conclusão óbvia é que se tal superfície muda, a ornamentação também muda; mas o cenário de mudanças pode ser mais complexo que isso. Já no final do século V a.C., algumas mudanças na estrutura física do vaso aguçavam-se, interferindo diretamente no programa ornamental, o que promoveu uma contínua desproporção entre a altura dos painéis e conseqüentemente das figuras de cada face.

Como o alongamento da transição entre o estreitamento do corpo e a conexão com o pé, e do ombro na conexão com o pescoço, proporcionando uma silhueta mais alongada para o vaso (ver **fig. 12 e 22**), promoveu-se conseqüentemente uma reorganização da sua parte alta: as alças (situadas entre a parte média do ombro e do pescoço) tornaram-se mais altas e próximas do pescoço; e uma parte do pescoço passa a ser feita conjuntamente ao resto do corpo e a outra parte (a superior) separadamente. Assim, as delimitações superiores dos painéis figurativos, orientadas pela posição das alças, acompanham tais mudanças. Além disso, a parte baixa do painel que era delimitada pela linha superior da faixa situada logo acima à faixa de raios, também se situa cada vez mais abaixo, se se considerar a altura do vaso.

Há que se considerar, ainda, que a faixa com raios é o primeiro elemento padronizado a desaparecer depois da fixação do programa, dado o seu isolamento no que se refere ao programa ornamental, diferente das faixas negras e com lingüetas que interferiam amplamente na disposição das figuras. Por exemplo, a faixa com lingüetas (situada geralmente entre o cordão que marcava a junção do pescoço e do ombro e a posição onde a alça se inseria no ombro) cresce bastante com o alongamento do ombro e do pescoço. Isso proporcionou um ganho grande de espaço para a figura de Atena, que se estendia até faixa com lingüetas (se na época da

fixação do programa ornamental apenas o capacete de Atena alcança a faixa, sobrepondo-a parcialmente ou inteiramente em algum segmento, paulatinamente a cabeça, mão e braço, além da lança, alcançam tal faixa) e a figura de Atena nos exemplares tardios poderia alcançar facilmente uma altura maior que o dobro da figura da prova atlética.

Em comparação, o aumento dessa faixa promoveu uma diminuição relativa do painel da face da figuração atlética que, além de não alcançar tal faixa, ainda tinha como limite uma outra faixa (a faixa negra) abaixo daquela. A quebra de simetria ressalta-se a ponto de a figura de Atena preencher quase todo o espaço da região da faixa com lingüetas, e essa faixa deixar de existir nessa face, persistindo apenas na face do painel com figuração atlética. Dessa forma, enquanto na face com a prova são mantidas as duas faixas superiores, na face com Atena, que já não possuía a faixa negra, exclui-se a faixa com lingüetas. Além disso, enquanto a figura de Atena estende-se por toda a altura do painel, na outra face poderia haver um espaço vazio acima e abaixo das figuras relacionadas às provas (ver **fig. 22 e 24c**).

Esse processo de claras mudanças pode ser observado a partir da perspectiva de continuidade no plano artesanal, já que muitas delas ocorreram no intuito de se manter o programa ornamental, e como ele respondia em grande medida à estrutura física do vaso, as mudanças ocorreram consoante à manutenção do programa ornamental; ou seja, mudou-se na tentativa de ser fiel à rigidez de um programa no qual o elemento memória é fundamental. Não se sabe se esses artesãos tinham modelos à sua disposição, mas é possível identificar, a partir da caracterização do programa ornamental, que existiam importantes elementos físicos do vaso para a memória no âmbito da produção. As alças, por exemplo, eram guias para a disposição das faixas delimitativas dos painéis (sejam as laterais ou as superiores) e, se ocorreram mudanças do ponto de vista estético, foi justamente porque tais guias mudaram de situação, mas não de importância como referência a partir da qual a atividade do pintor/grafista se desenvolvia. Tratava-se de uma produção repetitiva, caracterizada por números que beiram aos milhares, e a regularidade buscada é em grande medida assegurada por tais elementos-guia.

* * *

A produção de ânforas panatenaicas foi descrita principalmente a partir de sua dinâmica interna; entretanto, pensando-se no amplo recorte temporal coincidente, há que se considerar que houve inúmeras mudanças no plano social, político e econômico que interferiram em algum grau nesse processo; mas, no que se refere às formas de lidar com o programa ornamental, a explicação mais satisfatória baseia-se nessa dinâmica interna. Alguns exemplos pontuais indicam isso: sabe-se que houve,

em alguns contextos, a produção de ânforas panatenaicas com dimensões menores que o usual, como no contexto da destruição de boa parte das oliveiras sagradas de Atenas pelos espartanos, por ocasião da Guerra do Peloponeso,³⁸ o que acabou proporcionando certa escassez do óleo e uma conseqüente diminuição dos vasos panatenaicos.³⁹ Nesse caso, seria observado uma influência direta do evento histórico na produção desses vasos. Entretanto, no que se refere ao programa ornamental não há mudanças significativas. Tais vasos, mesmo com dimensões menores, possuem o mesmo programa ornamental dos outros maiores.

Outro exemplo é a inserção sistemática das inscrições do arconte na produção do século IV a.C. que é situada no quadro das práticas tradicionais de ornamentação, já que o novo tipo de inscrição é disposta de forma parecida com o usual, mas na outra coluna; ou seja, utiliza-se a coluna como orientação para a disposição como tradicionalmente feito com a inscrição de tipo *athlon*. As inscrições dos arcontes parecem responder a uma nova sensibilidade político-administrativa que, neste caso específico, perdurou menos de cem anos na sua materialização por meio dessas inscrições.⁴⁰ Entretanto, mesmo esse novo elemento responde a um programa tradicional de disposição no espaço do vaso (essa lógica também pode ser identificada na aplicação de algumas inscrições de autoria).⁴¹

As mudanças formais desses vasos são bastante significativas e a observação do processo estruturalmente articulado indica um quadro de mudança lento e certa coesão interna. Nesse sentido, a figura do artesão envolvido foi tratada aqui de forma abstrata. Ora, há vários elementos para se propor, mesmo nesse tipo de produção tão regular, a atribuição de autoria a partir do estilo e outras informações como nomes de alguns artesãos em assinaturas, referências em fontes epigráficas ou outros elementos indicativos, propondo-se autores ou oficinas específicos; ou seja, reconhecer níveis de individualidade,⁴² mas, os elementos de composição específica

³⁸ Segundo Lísias (7,7 e 7,24); ver OBER, 1985, p. 15, n. 1.

³⁹ BENTZ, 2003, p. 112. Ver HAMILTON, 1996, p. 138 e 156-7, n. 5; para as críticas entre paralelismos entre eventos históricos específicos e a produção de tais vasos.

⁴⁰ Ver lista, 1.11, **cat. 391-2, 394-8, 400, 406-7, 411-3, 416-7, 425, 435-7, 439-40, 443, 448-9, 451, 455, 462, 464-70, 475-7, 479-82, 484, 486-94, 501, 503-5, 508-20, 522, 646, 675-84.**

⁴¹ As inscrições dos arcontes, um elemento novo no início do século IV a.C., apesar de serem dispostas nesses vasos tendo como base a já tradicional inscrição de tipo *athlon*, contratava do ponto de vista lingüístico. Desde sua utilização, elas era, cosistentemente escritas em jônico, com algumas exceções em ático (ver lista 1.11, **cat. 394**); enquanto as inscrições de tipo *athlon* eram ainda escritas em ático inicialmente, proporcionando vários casos com inscrição de tipo *athlon* em ático e a inscrição do arconte em jônico (ver lista 1.11, **cat. 395, 397-8, 400, 411-3, 436-7, 439-40, 466, 469-70, 475-6, 479-80**).

⁴² Bentz (2003, p. 112) diz que as características particulares são insignificantes na produção das ânforas panatenaicas. Entretanto, apesar do cenário geral bastante regular, é possível

da experiência de um artesão não permitem visualizar efetivamente o quadro geral, transecular. Interessa, nesse sentido, o grupo de artesãos, um *ethnos demiourgikōn* (especificamente, o *kerameōn*) e sua articulação estrutural; ou seja, situar o individual nesse quadro mais amplo.

Desde a modernidade, a noção de *ethnos* foi amplamente associada à idéia de *raça* e de *estado* na discussão sobre dinâmicas políticas em contextos variados,⁴³ mas é importante notar que sua acepção era mais ampla na Antigüidade, podendo incluir, além do sentido político e genealógico, elementos de coerência de determinados grupos a partir de características de base essencialmente biológicas, como a delimitação mais específica de animais (a “raça” das abelhas, das aves e dos peixes)⁴⁴ e a mais generalista (grupos dos animais);⁴⁵ e mesmo entre os seres humanos, como a delimitação sexual e de gênero (sexo feminino, sexo masculino; grupo dos homens e grupo das mulheres).⁴⁶ Ainda, a prática religiosa também baseava caracterizações como o grupo de brâmanes e o grupo de sacerdotes, conforme uma inscrição do século II a.C.⁴⁷

Essa amplitude indica a criação de certa coesão na delimitação de grupos a partir de elementos referenciais variados. Nesse repertório de usos, inclui-se o que hoje seria chamado de classe profissional. Por exemplo, Xenofonte fala em *ethnos rapsōdōn* para o grupo de rapsodos⁴⁸ e Platão apresenta os artesãos como *ethnos dēmiourgikon*.⁴⁹ Mas, identificar essa definição antiga sobre o grupo de artesãos parece insuficiente, devendo-se considerar alguns elementos referenciais. Por diferenciação dos outros *ethnē* acima indicados, nota-se que não são elementos relacionados à política, à natureza ou à religião que delimitam o *ethnos dēmiourgikon*,

observar várias estratégias de as situar a partir de referências menos amplas, como algumas poucas assinaturas de autoria, os episemas do período arcaico e clássico, que podem ser indicações de oficinas, entre outros. Vale lembrar, no âmbito das referências mais particulares, que esses vasos também foram considerados nos estudos de atribuição de autoria (ver ABV, p. 403-17).

⁴³ Ver DELOS, 1971, p. 63-5; para uma discussão da aplicação do termo, sua aproximação dos termos latinos *genos* e *natio*. Para projeção do conceito de *ethnos* para vários contextos, ver SMITH, 2004, p. 17-30.

⁴⁴ *Ethnos melissaōn* (*Ilíada* 2, 87); *ethnos ornithōn* (*Ilíada* 2, 459); *ethnos ikhthōn* (Platão, *Timeu* 92c).

⁴⁵ *Thērōn ethnē* (Sófocles, *Antígone* 345).

⁴⁶ *Thēlu ethnōs* (Xenofonte, *Econômico* 7, 26); *arren ethnōs* (*Idem*); *ethnos anerōn* (Píndaro, *Olímpicas* 1, 36); *ethnos gynaikōn* (Píndaro, *Píticas* 4, 252).

⁴⁷ *Brachmanōn ethnōs* (Diodoro da Sicília 17, 102); *ta hiera ethnōs* (*Orientis Graeci Inscriptions Selectae* 2357).

⁴⁸ *Simpósio* 3, 6.

⁴⁹ *Gorgias* 455 b.

mas a *ação*, o *fazer*, mais precisamente, a *tekhnē*. Platão cita mais alguns *ethnē* profissionais (grupo dos arautos e grupo de domésticos, de jornaleiros);⁵⁰ mas, o que mais esclarece sobre a relação entre o *ethnos* profissional e a *téchnē* é a discussão que ele estabelece no *Górgias*. Trata-se de Sócrates num diálogo com Górgias sobre a retórica como arte. O primeiro campo de referência comparativa é a ação do pintor (*zōgraphos*): a retórica é uma arte (*tekhnē*) como a pintura?⁵¹ Ele dá outros exemplos referenciais para a caracterização da retórica, com a indicação de profissionais aos quais poderiam recorrer os cidadãos, citando o médico⁵² e um grupo específico de artesãos: os construtores de navios,⁵³ ampliando o cenário a “qualquer outro grupo de artesão”.⁵⁴ Há claramente uma *tekhnē* específica na ação do médico, na do construtor de embarcações e em outros domínios artesanais.

É nesse campo que reside o elemento referencial que define tais grupos como *ethnē*. Isso fica claro pela própria discussão em que se insere essa passagem. A primeira referência, como visto, é a *tekhnē* do *zōgraphos*; e quando Sócrates comenta a escolha de vários profissionais, diz que são os mais habilidosos que são escolhidos, os *tekhnikōtatoní*, termo derivado de *tekhnē* e que também foi usado para caracterizar o artesão.⁵⁵ Outra questão é a da cronologia das definições: a de Xenofonte (sobre os rapsodos) e as de Platão (sobre os artesãos) são próximas (século V e IV a.C.), e se deve pensar na sua projeção diacrônica. Uma indicação posterior (século III a.C.) pode alargar um pouco essa caracterização sobre esse *ethnos*: trata-se de um papiro de Gurob, Egito, que aproxima *ethnos* de *ergastēria* (um grupo profissional);⁵⁶ de onde, *ergastērion* (oficina).⁵⁷ Mas, vale dizer, essas informações são esparsas.

A articulação do grupo de artesãos áticos pode ser pensada a partir diferentes elementos, sendo os mais retomados a estrutura familiar e o estilo, a base para as propostas de linhagens no âmbito da produção. No caso das ânforas panatenaicas, situando-as no contexto da produção derivada e paralela, é possível perceber uma trama de relações diretas e indiretas entre ceramistas áticos, sobretudo entre o século VI e V a.C. (ver **esquema 4**). A observação das linhagens de artesãos que estruturaram a produção ceramista leva a um contexto fixado aproximadamente no

⁵⁰ *Ethnos kerukikon* (*Política* 290 b); *ethnos penestikon* (*Leis* 776 d).

⁵¹ *Górgias* 454 b.

⁵² *Iatros* (*Idem*).

⁵³ *Naupēgos* (*Ibidem*).

⁵⁴ *Allou tinos dēmiourgikou ethnous* (*Ibidem*).

⁵⁵ *Tekhnitēs* – ver Xenofonte, *Memoráveis* 2, 7, 5.

⁵⁶ *The Flinders Petrie Papyri* 3, p. 67.

⁵⁷ Heródoto 4, 14; Isócrates 40, 11; Lísias 120; Plutarco *Moralia* 598d.

segundo quartel do século VI a.C., relacionado ao Pintor C, anterior à produção das primeiras ânforas panatenaicas; observando-se, por exemplo, o esquema da Atena-*Palladium* (no contexto do rapto de Cassandra)⁵⁸ e da Atena *Promakhos* (nascimento de Atena),⁵⁹ e a forma desse tipo de vaso já vinha sendo utilizada,⁶⁰ podendo-se perceber forte similaridades entre alguns desses exemplares mais antigos, chamados de “pré-panatenaicos”, e a *Burton amphora* (cat. 1, ver fig. 2a e 3a).

O Pintor do Balanço (próximo dele e sua oficina) é um dos casos de utilização de algumas referências identificadas à produção de ânforas panatenaicas no plano geral, seja a figuração atlética isolada ou com a presença de juízes (o caso da corrida a pé e da luta), ou a Atena combativa na Gigantomaquia e do rapto de Cassandra e associada à própria forma do vaso panatenaico, além de figuras entre colunas encimadas por galos, corujas e panteras.⁶¹ A cronologia da sua produção é fixada entre 540-520 a.C., ou seja, compreendeu a época de fixação do programa ornamental panatenaico, sendo ele mesmo identificado, junto a Exéquias, como pioneiro nesse aspecto.⁶²

Entretanto, tais níveis de articulação, importantes para a compreensão desse grupo, não fornecem elementos para o compreender no plano estrutural. O importante exercício atribucionista deve ser cercado de cuidados, já que lidar com as personalidades e com linhagens de artesãos a partir do estilo pode esbarrar em problemas, como alguns casos de “indivíduos” duplicados (um mesmo artesão caracterizado como dois, o caso do oleiro Amasis e do Pintor de Amasis, os quais eram provavelmente a mesma pessoa);⁶³ e o oposto (mais de um artesão agrupado numa personalidade, como Sakonides, definido por Rumpf como um artesão e por Beazley, como um grupo). Mesmo as inscrições de autoria (a partir das fórmulas -*epoiesen* e -*egrapsen*) não podem ser diretamente usadas como elemento de caracterização de oleiros e pintores.⁶⁴

⁵⁸ LIMC II, verbete *Aias* II 16.

⁵⁹ LIMC III, verbete *Athena* 345.

⁶⁰ Oxford 1920.107; ver CVA Inglaterra 9, Oxford II, III H, pr. IV, 1.

⁶¹ Ver BÖHR, 1982, nº 5, 25, 51, 64, 91, 140 e U 7, para as figuras de provas atléticas; nº 10bis, para Atena no rapto de Cassandra; nº 12, 41, 49, 95, 97, 106, 144 e M 2, para Atena na Gigantomaquia; nº 89, 90 e 91 para Atena combativa em vasos de tipo panatenaico; nº 17, 89, 90, 99, 105, P 6 e M2, para figuras entre colunas.

⁶² Ver BOARDMAN, 1974, p. 168.

⁶³ Ver BOARDMAN, *op. cit.*, p. 54-6.

⁶⁴ Para o estado recente da discussão sobre as assinaturas de autoria sobre vasos áticos, ver VILANUEVA-PUIG, 2007.

Com isso, é importante explicitar o tipo de aproveitamento a partir da discussão do estilo. Aqui, tais similaridades são entendidas como uma coerência cronologicamente orientada que permite, de forma limitada, aproximar artesãos e se pensar em dinâmicas internas de determinadas oficinas ou parcerias; entretanto, percebe-se a seqüência numa mesma oficina sem haver continuidade estilística, como indicam determinados episemas nos escudos da figura de Atena nas ânforas panatenaicas que provavelmente situam um conjunto produzido pela mesma oficina: uma seqüência de um século relacionada à oficina originamente de Eufilito (Pintor de Eufileto, Pintor da Ânfora Panatenaica de Samos, Pintor de Berlim, Pintor de Aquiles e Grupo de Compiègne 985), que se estendeu de 520 a 420 a.C. Entretanto, se os episemas realmente indicam a produção numa mesma oficina, de forma geral, não se pode falar numa continuidade estilística entre tais pintores.⁶⁵ Mas, diferente disso, parece possível identificar a cooperação entre artesãos, como o trabalho conjunto do Pintor da Coruja de Havana e o Pintor de Michigan (ver **cat. 65-72**).⁶⁶

Outro elemento articulador, amplamente retomado pela bibliografia, são as relações familiares, sobre as quais há várias indicações no contexto da produção ceramista. Pais, filhos e netos artesãos podem ser rastreados a partir de suas assinaturas e por informações a partir de fontes literárias. É o caso de Tleson, que provavelmente aproveitava a fama que seu pai tivera anteriormente com a produção de vasos ornamentados, e do ceramista Ergoteles, irmão de Tleson, ambos filhos de Nearco. No caso das ânforas panatenaicas, o exemplo mais retomado é o da família de Cito (séc. IV a.C.), cujo irmão (Báquio) e filhos foram também oleiros ativos na Ática e fora dela. Esses são apenas dois exemplos de um conjunto bem maior, mas, vale dizer, a compreensão das dinâmicas familiares relacionadas às oficinas ceramistas baseia-se num cenário esparso e lacunar de informações.⁶⁷ Além disso, deve-se considerar a composição variada das oficinas ceramistas: poderia haver estrangeiros, cidadãos e escravos trabalhando lado a lado,⁶⁸ e, dessa forma, as especificidades das relações familiares não são suficientes para pensar o quadro geral.

⁶⁵ Stissi (2002, p. 141-2) apresenta ainda o exemplo de Eufrônio, que assina como filho de Amasis, mas não é possível estabelecer uma ligação estilística estrita entre ele e o pai (considerando que o Pintor de Amasis fosse o próprio oleiro Amasis).

⁶⁶ FREL, 1994, p. 26-7.

⁶⁷ Para uma discussão sobre as famílias de oleiros e pintores de vasos áticos, ver WEBSTER, 1972, p. 9-11; sobre o caso específico da família de Báquio e Cito, ver WEBSTER, *op. cit.*, p. 11 e FREL, 1973, p. 21-2.

⁶⁸ Ver BOARDMAN, 2001, p. 139-52.

Propõe-se, então, considerando o programa ornamental, discutir a coesão desse grupo a partir de sua técnica, de seu fazer artesanal – a *tekhnē* de um *ethnos* específico; um elemento bastante relevante para a observação do grupo de ceramistas no plano da longa duração. Metodologicamente falando, a abordagem baseia-se na compreensão da coerência interna da documentação e sua aproximação a elementos externos, visando entender como se dava o diálogo entre tradição interna (propriamente ática) e externa (mais ampla, concernente às oficinas ceramistas do mundo grego) no plano estrutural. Como visto, havia um sólido programa ornamental (baseado num tradicional esquema ornamental) que foi mantido em sua essência, acompanhando certas transformações na estrutura física do vaso, o que aqui é interpretado como um elemento de tradição interna. Assim, propõe-se pensar no grau de articulação que tal característica poderia ter.

Ao longo de toda a experiência de produção de ânforas panatenaicas houve uma série de derivações, algumas relacionadas à constituição de um modelo e outras como paralelos.⁶⁹ Pensando-se na constituição de um referencial sólido, o exemplo aparentemente mais claro é o da produção das ânforas chamadas pseudo-panatenaicas, entretanto a cronologia dos mais antigos vasos não permite visualizar com clareza o referencial a partir de um modelo bem constituído, mas uma produção paralela contemporânea.⁷⁰ Já a produção de figuras entre colunas em vasos de vários tipos, apesar de serem bastante variadas no início (ver **lista 5, nº 1-9**), foram consistentemente delimitadas num campo de referência à ornamentação dos vasos panatenaicos logo depois da fixação do programa ornamental, o que indica já uma

⁶⁹ A idéia de derivação, como aqui compreendida, não é necessariamente hierárquica e nem absoluta. A derivação é um dos elementos abordados para a compreensão de certos níveis da experiência social na qual tais vasos estavam inseridos, mas não resume toda essa experiência e, nesse sentido, é importante formalizar a idéia. A situação da produção derivada (e paralela) tendo as ânforas panatenaicas como referência, serão aqui tratados a partir de três relações básicas: a) **ânforas panatenaicas → outros**: a situação de objetos cuja intenção da produção estivesse em algum nível ligada à produção “anterior” das ânforas panatenaicas, como o caso das miniaturas e das ânforas de tipo panatenaico. Entretanto, essa situação deve ser compreendida considerando-se que, mesmo observada a relação de derivação acima caracterizada, tais objetos “derivados” tinham existência (uso social) não absolutamente dependente ou referente às ânforas panatenaicas como “origem”; ou seja, este aspecto aqui privilegiado não resume toda a experiência no âmbito sócio-cultural que envolvia tais objetos; b) **ânforas panatenaicas ↔ outros**: a observação da produção de diversificados objetos com características materiais semelhantes às das ânforas panatenaicas, sobre os quais não é possível estabelecer linhagens que remonte à produção das ânforas panatenaicas; c) **ânforas panatenaicas ← outros**: a identificação de elementos materiais presentes na produção das ânforas panatenaicas a partir de referências “anteriores”, como já visto.

⁷⁰ Para a cronologia das ânforas “pseudo-panatenaicas”, ver *Panatenaicas I*, **nota 56**.

exemplo de um referencial panatenaico relativamente bem constituído.⁷¹ O que também ocorre com as ânforas de tipo panatenaico em figuras vermelhas, cuja produção era bastante variada do ponto de vista figurativo;⁷² mas, em alguns casos, é possível observar certo diálogo (por exemplo, a Atena entre colunas e figuras relacionadas ao universo atlético), como em algumas outras formas de vaso com a figura de Atena combativa, tal como a das ânforas panatenaicas (ver **fig. 26**).⁷³

Mas, além desse tipo de referência mais direta, uma aparente duplicação do modelo panatenaico, há exemplos de referências “narrativas” mais complexas, como indica uma de Mississipi (1977.3.115), produzida pelo Pintor de Nicóxenos e datada de c. 500 a.C. (ver **fig. 27**) Em um painel, há uma figura feminina voltada para a direita, com quítion e cabelos longos, segurando em uma das mãos (a direita) um capacete. No braço esquerdo, porta um escudo (visto de dentro na cena) e onde se apóia uma lança obliquamente disposta. À sua frente, há um altar com volutas no topo. Essa cena é ladeada por duas colunas com capitéis jônicos encimadas por um galo cada uma. Na outra face dessa ânfora, há uma figura feminina voltada para a esquerda, com quítion e manto longos, usando capacete na cabeça. Sua mão direita segura a parte alta de uma lança vertical, e o braço esquerdo um escudo (visto de fora – a efígie é a figura de um cão cercado pela inscrição com o nome do oleiro Nicóxenos). Ainda, o mesmo tipo de altar e colunas citados no painel anteriormente descrito.

Os elementos em cena, sua disposição, os gestos, tudo isso sugere uma continuidade entre as duas cenas. É difícil, entretanto, estabelecer um ponto de partida. Poder-se-ia dizer que se trata da preparação da deusa Atena, que se paramenta diante de um altar (provavelmente dela própria), depois de um sacrifício, indicado pelo sangue (tinta rubra) escorrido no altar. Assim, a cena inicial seria aquela em que a deusa se encontra no momento de preparação, e a final aquela em que ela já se encontra pronta. Mas uma interpretação inversa também é válida, considerando que a deusa, depois de alguma ação executada, despoja-se de suas vestes e armamentos. A questão, aqui, não é resolver esse impasse da interpretação iconográfica, mas entender em que medida essas cenas relacionadas que ocorrem nesse vaso dialogam com a referência panatenaica. Ora, tem-se nas ânforas

⁷¹ A figura de Atena entre colunas com galos aparece consistentemente sobre vasos de outras formas no contexto da fixação do modelo panatenaico e posterior a isso (Ver lista 5, nº 7, 11, 20-2, 25-7, 29-30, 32).

⁷² Ver SHAPIRO, 2001 (com catálogo=BENTZ & ESCHBACH, 2001, apêndice 3).

⁷³ Gottet G 269 e Munique 8728. Ele chega mesmo a situar Atena no âmbito da competição musical – trata-se de uma Atena citareda entre colunas jônicas encimadas por galos e; na outra face, um citaredo propriamente dito no mesmo esquema (Berlim 2169), c. 500-480 a.C. Ver LIMC III, verbete *Athena* 585.

panatenaicas uma figuração de Atena que sugere prontidão para o combate: a lança em posição de ataque, o escudo em posição alta, e ela está em passo que sugere a movimentação.

O pintor que executou as cenas acima descritas de uma ânfora de tipo panatenaico em figuras vermelhas parece propor um diálogo com essa referência figurativa constantemente apresentada nas ânforas panatenaicas. Assim, há um momento de ação combativa (aquela presente na figura das ânforas panatenaicas) e um momento de preparação ou despojamento dessa situação justamente tratado pelo pintor dessa ânfora de figuras vermelhas. Nesse sentido, ele proporia uma seqüência narrativa que não se encerraria num painel, nem mesmo num vaso. A narrativa, nesse caso, só seria completada (teria começo, meio e fim) se se considerasse uma referência externa ao próprio vaso; uma referência amplamente conhecida a que se poderia citar sem muitos problemas de identificação; ou seja, um esquema bem constituído.⁷⁴ Assim, parece que em meados do século V a.C. as ânforas panatenaicas forneciam um referencial consolidado ao qual se poderia dialogar.

Pensando ainda na produção paralela e derivada, pode-se observar elementos de coesão e coerência da tradição artesanal que se estruturou em torno da produção desse tipo de objeto. A produção de ânforas panatenaicas (com ou sem inscrição de tipo *athlon*) é, até onde se sabe, uma exclusividade de oficinas áticas,⁷⁵ mas há uma ânfora de tipo panatenaico produzida na Magna Grécia, com estrutura formal e ornamental extremamente próxima às das ânforas panatenaicas (ver **fig. 28a**). O vaso em questão é atribuído ao Pintor de Pisticci (c. 440-410 a.C.),⁷⁶ cuja produção em figuras vermelhas é aproximada estilisticamente à do Pintor de *Christie* (artesão ático, c. 450-420 a.C., do Grupo de Polignoto) e, no seu repertório (e no de sua oficina), há a presença de elementos relacionados à produção ática. A presença da faixa de animais em silhueta negra⁷⁷ e de ânforas de tipo panatenaico em figuras vermelhas⁷⁸ indicam

⁷⁴ De forma menos complexa, é possível observar essa mesma lógica em uma ânfora de tipo panatenaico em figuras vermelhas atribuída ao mesmo Pintor de Nicóxenos (Boston 95.19), que apresenta nas duas faces a figura de Atena entre colunas com galos levando o capacete em uma das mãos.

⁷⁵ Exclui-se, aqui, as ânforas agonísticas que, apesar de apresentarem paralelos importantes com as ânforas panatenaicas na sua composição, não são réplicas.

⁷⁶ O nome Pintor de Pisticci foi dado a esse artesão dada a grande quantidade de vasos atribuídos a ele terem sido encontradas na cidade de Pisticci, Lucânia; havendo oitenta e quatro vasos em figuras vermelhas atribuídos a esse artesão (TRENDALL, 1967, p. 9). Sua oficina era também composta pelo Pintor de Âmico, o Pintor de Ciclope, o Pintor de Palermo, o Pintor de Karneia, o Pintor de Policoro, e os Seguidores do Pintor de Âmico: o Pintor das Cabeças Grandes e o Pintor de Vaste.

⁷⁷ TRENDALL, *op. cit.*, nº 23, 178, 182.

que a técnica de figuras negras, a memória orientalizante relacionada a ela, e a forma do vaso panatenaico eram ao menos presentes, o que permite contextualizar melhor a ânfora produzida pelo Pintor de Pisticci.⁷⁹

Tais informações estão relacionadas a um debate em curso sobre a origem específica desse artesão. Sabe-se que ele trabalhou em Metaponto (Lucânia), e alguns especialistas propõem que ele teria sido um artesão ático imigrante; já outros, um artesão italiota que teria aprendido a técnica de ornamentação dos vasos áticos, talvez na própria Ática.⁸⁰ A tal questão, de difícil resolução, pode-se adicionar a discussão aqui encaminhada sobre a tradição artesanal e, com isso, verificar a situação desse artesão. A ânfora do Pintor de Pisticci, datada de meados do século V a.C., apesar das similaridades indicadas, apresenta também alguns desvios: como visto, ela não possui inscrição de tipo *athlon*, a altura do vaso é 40,2 cm e a figura de Atena entre as colunas encaixa-se internamente entre os limites inferior e superior. A ausência da inscrição e a altura do vaso são elementos destoantes, mas não absolutamente; já que encontram paralelos na produção ática, o que não acontece com o desvio relacionado à figura de Atena no vaso em questão.

Como visto, o trespasse do limite superior na face com Atena foi muito consistentemente presente na produção de ânforas panatenaicas posterior à fixação do programa ornamental. Esse desvio do exemplar produzido na Magna Grécia indica que o Pintor de Pisticci não compartilhava inteiramente do tradicional programa ornamental; ou seja, ele pensava o espaço de forma diferente – o limite, para ele, é outro. Assim, na discussão sobre tal artesão (se um ceramista ático imigrante ou um lucânico que aprendera em Atenas tal técnica), parece que o distanciamento num

⁷⁸ *Idem*, nº 57, 184, 218-220, 246-250, 289. Neste ponto, é importante notar que existia um tipo de produção exclusiva da Magna Grécia que aproveitou a forma do vaso, mas com programa ornamental e aspectos iconográficos próprios. Ver NEILS, 2001.

⁷⁹ Metaponto (na Lucânia) é situada numa região de vários achados de ânforas panatenaicas; por exemplo, Tarento, Ruvo e Saturo (ver lista 1.3.1 e 1.3.2) e, inclusive em Cuma, onde foi encontrada uma ânfora panatenaica atribuída aos Pintor de Aquiles (**cat. 175**), artesão a partir do qual aparentemente o Pintor de Pisticci teria se inspirado para criar o vaso em questão (ver OAKLEY, 1997, p. 113; para a aproximação estilística entre esses artesãos). Ver, ainda, **fig. 28b**. No que se refere ao programa ornamental, é importante notar que as ânforas de tipo panatenaico em figuras vermelhas produzidas na oficina do Pintor de Pisticci, apesar de terem painéis figurativos com temáticas variadas e destoantes das ânforas panatenaicas, apresentam alguns elementos próprio das ânforas panatenaicas como a faixa com palmetas no pescoço, a faixa com lingüetas contornadas logo abaixo do cordão que delimitava o pescoço e a parte alto do ombro, e em algumas a faixa com raios na parte baixa do vaso. Sobre a ausência da inscrição *athlon*, é importante lembrar que são poucas as inscrições encontradas em vasos em vasos lucânicos (TRENDAL, *op. cit.*, p. 9). Num repertório de 306 vasos relacionados à oficina do Pintor de Pisticci, menos de dez apresentam inscrições (*Idem*, nº 6, 24, 250, 260, 275, 282, 285, 286 e 305). Assim, pode-se dizer que esse vaso não era completamente estranho.

⁸⁰ Ver DENOYELLE, 1997, para o debate.

ponto específico, mas tão importante na composição do vaso panatenaico, o situa como alheio ao grupo de ceramistas áticos. A questão do trespasse, isoladamente, é apenas um elemento sugestivo no debate sobre a origem de tal pintor; entretanto, aqui, a discussão sobre a avaliação do espaço e sua importância na compreensão da tradição artesanal dá uma nova dimensão a tal elemento, sendo possível pensar no grau de adesão à tradição artesanal relacionada a certo grupo.

A força dessa tradição interna pode ser ainda observada a partir de uma produção paralela tardia, circunscrita entre os séculos II e I a.C.: trata-se das ânforas de tipo panatenaico em fundo branco (ver **lista 6**). Esteticamente, as ânforas panatenaicas em figuras negras contemporâneas a elas são bastante diferentes: a técnica de figuras negras mantinha a tradicional delimitação de massas claras e escuras (as silhuetas em verniz negro e as áreas em argila reservada, além das faixas negras delimitando os painéis); enquanto a figuração e as delimitações nas ânforas em fundo branco eram organizadas a partir de linhas em tinta marrom amarelada. Mas, apesar de visualmente bem diferente (baseada em técnicas figurativas distintas), a disposição das figuras no espaço seguia o programa ornamental antes estabelecido: as figuras de musicistas (as figuradas nas faces com a prova) não trespassavam o limite superior que também era organizado a partir de duas faixas superiores e a figura de Atena alcançava e trespassava parcialmente a faixa superior de lingüetas (ver **fig. 29**); ou seja, o espaço é pensado de forma coerente ao do programa estruturalmente estabelecido, o que indica sua circunscrição à tradição artesanal que envolveu a produção das ânforas panatenaicas.

A produção derivada, como visto, oferece informações importantes para se pensar na solidez da tradição artesanal, observada a partir da experiência transsecular das ânforas panatenaicas. Neste ponto, volta-se para a própria produção das ânforas panatenaicas, procurando-se entender os níveis de representação relacionados às imagens que ocorriam sobre esses vasos, nos quais há dois campos bem delimitados de figuração. Há uma série de distinções importantes entre a face com a deusa Atena e aquela com as provas e, nesse contexto, parece possível observar diferentes sistemas de figuração.

No caso da face com Atena, a figura da deusa entre colunas é bastante discutida quanto ao seu significado específico. A opinião recorrente é a de situar a Atena panatenaica como representação de uma estátua de culto na Acrópole (um *csoanon* perdido)⁸¹ e as colunas como a indicação de algum edifício sagrado

⁸¹ Tal estátua estaria retida no interior do *Erecteion* e a característica arcaizante presente na figura da deusa nas ânforas panatenaicas seria explicada por essa referência a um ídolo arcaico (HARRISON, 1957, p. 208-9).

relacionado à Atena, provavelmente situado na Acrópole, o que está claramente ligado à forte identificação desses elementos à deusa Atena cultuada nas Panatenéias.⁸² Tiverios, que recentemente publicou um artigo geral sobre as ânforas panatenaicas, apresenta o estado da discussão e uma interpretação nova para o esquema figurativo,⁸³ o que será observado mais detalhadamente. Inicialmente, ele situa o aparecimento das colunas na iconografia ática:

Em cerca de 540-535 a.C. podemos ver pela primeira vez duas colunas ladeando Atena. Elas são comumente dóricas com um galo no alto. O significado dessas colunas é um tanto problemático. Baseando-se em outros exemplos pintados principalmente na cerâmica ática, a presença das colunas freqüentemente é interpretada como uma referência indireta a templos ou recintos de Atena na Acrópole. Todavia, a presença dos galos e a falta de entablatura enfraquecem essa interpretação.⁸⁴

Na esteira dessas críticas atuais, Tiverios indica certo descrédito à interpretação mais comum que situa as colunas com galos no plano da representação, com certa abstração, de edifícios reais. Nessa linha, ainda há outros paralelismos:

Alguns especialistas tem considerado a possibilidade de que as colunas sejam ecos de oferendas na Acrópole. Outros, conectam-nas à possível existência, na Acrópole, de colunas usadas na adoração de Zeus ou de outra divindade, uma forma de adoração com traços desde a pré-história.⁸⁵

⁸² Kyle (1993, p. 34, n. 1) resume tal interpretação: "A representação de Atena deve ter sido retirada de uma antiga estátua de culto; as colunas sugerem seu templo; e os galos são provavelmente símbolos do espírito da competição" (*The depiction of Athena may have been taken from a early cult statue; the columns may suggest her temple; and the cocks are probably symbols of the spirit of the competition*). Tal visão vem sendo atualmente colocada em questão; sobre isso, Moore (1999, n.5) diz: "A idéia de que as colunas referem-se a um templo de Atena e de que os galos são símbolos do espírito da luta parece começar com Beazley (1986, 1951, p. 91) e foi repetida nas duas últimas edições (1964, p. 91; 1986, p. 84). Bentz (1998, p. 52) refuta a idéia de que as colunas refiram-se a uma estrutura específica, pelo fato de elas não serem sempre em uma ordem arquitetural específica e ele as conecta ao aspecto esportivo das Panatenéias" (*The idea that the columns refer to Athena's temple and the cocks are symbols of the fighting spirit seems to start with Beazley (Development [1951], p. 91) and is repeated in the two later editions (1964, p. 91; 1986, p. 84). Bentz (p. 52) refutes the idea that the columns refer to a specific structure, namely because they are not always of the same architectural order, and he links them with the sporting aspect of the Panathenaia*).

⁸³ TIVERIOS, 2007, p. 5-7.

⁸⁴ *About 540-535 B.C. we see for the first time two columns flanking Athena. They are usually Doric with a cock on the top. The significance of these columns is somewhat problematic. On the basis of other examples drawn mainly from Attic vase painting the presence of columns is frequently interpreted as an oblique reference to the temples or precincts of Athena on the Acropolis. Nevertheless, the presence of the cocks and lack of entablature weaken this interpretation*

⁸⁵ *Some scholars have considered the possibility that the columns with cocks echo Acropolis dedications. Other scholars have linked them to the possible existence, on Acropolis, of columns used in the worship of Zeus or some other deity, a form of worship traced to prehistoric times.*

Essas outras propostas também mantêm o foco da explicação das colunas com galos nas ânforas panatenaicas como representação de elementos situados no plano do culto. A esses paralelismos, Tiverios apresenta um proposta diferente, baseada em fontes literárias e iconográficas:

Antigas fontes literárias falam de pilares ou colunas de Heracles e de Dioniso, o que indica as fronteiras da atividade dessas divindades. Poder-se-ia recordar que a coluna com que Prometeu foi atado, na pintura de um vaso arcaico (Vaticano, Museu Gregoriano 16592), marca a fronteira do leste. Assim, as colunas ladeando Atena representada nas ânforas panatenaicas podem definir os limites da atividade e influência da deusa, ou seja, os limites do mundo conhecido. Sobre vasos áticos de figuras negras, por exemplo, os limites da atividade de outras figuras é mostrada de forma similar, ou seja, com colunas enquadrando os protagonistas do episódio. Os galos são mais facilmente interpretados. A maioria dos especialistas concorda que eles simbolizam o espírito competitivo e a persistência desses animais era bem conhecida. O fato é que sobre ânforas panatenaicas os galos afrontados provavelmente referem-se, embora indiretamente, à difundida e fatal rinha de galos na Antiguidade. Esta hipótese é reforçada considerando-se algumas pinturas de vasos representando dois galos afrontados em cada lado de uma Atena Prómachos.⁸⁶

Colunas e galos situados no mito pareceriam, segundo o autor, fornecer elementos mais sólidos para se pensar na presença das colunas com galos e, neste ponto, ele apresenta um dado importante que ele próprio não desenvolve muito: a presença de colunas com galos na figuração de vasos áticos não era restrita às ânforas panatenaicas. Ainda, parece adequado situar a figura do galo no espírito agonístico dada a sua associação constante a esse contexto. Tivérios indica sua relação com o culto de Atena (*Idem*) e a dinâmica da rinha de galos, e se pode pensar, ainda, numa consistente iconografia de galos afrontados disponível na Antigüidade.⁸⁷ A sua inserção no enquadramento de cenas associadas a colunas na iconografia ática parece reforçar esses aspecto competitivo, já que sua presença está ligada a vários níveis do *agon* mítico e não mítico; por exemplo, no contexto da atuação de Heracles,

⁸⁶ *Ancient literary sources talk of pillars or columns of Heracles and Dionysus, which indicate the boundaries of the activities of these divinities. It should be recalled that the column to which Prometheus is tied in Archaic vase paintings marks the boundary of the east [Vatican, Gregorian Etruscan Museum 16592]. Thus it may be that the columns flanking Athena depicted on Panathenaic amphoras define the limits to the activity and influence of the goddess, that is, the limits of the known world. On Attic black-figure vases, for example, the limits to the activity of other figures is shown in a similar way, that is, with two columns framing the protagonists of the episode. The cocks are more easily interpreted. Most scholars agree that they symbolize the competitive spirit and persistence of these animals were well-known. The fact that on Panathenaic amphoras the cocks face one another probably refers, albeit indirectly, to the widespread and fatal cock fights of antiquity. This hypothesis is reinforced by consideration of some vase paintings depicting two cocks facing each other on either side of a Panathenaic Athena Promachos.*

⁸⁷ Ver BRUNEAU, 1965; especialmente, p. 107.

na Gigantomaquia, guerreiros e musicistas. A propósito dos galos sobre as colunas, Tiverios continua:

Porém, é possível que os galos no topo das colunas das ânforas panatenaicas enquadrem Atena (e, neste caso, a Atena da Gigantomaquia) deve referir-se ao nascer do sol que chegava no próximo dia, o dia posterior à terrível batalha na qual os deuses triunfaram sobre os Gigantes. Evidências literárias antigas informam-nos que Zeus proibiu Hélios (o Sol) de brilhar durante a batalha até poder encontrar e destruir a erva solicitada por Gaia (a Terra), com a qual ela poderia tornar seus filhos invulneráveis. Na Antiguidade, também, galos que anunciavam a vinda do dia era um motivo difundido. Pausânias (5.29.9) explica o significado do galo usado como episema no escudo da estátua de Idomeneus em Olímpia, 'a figura com o galo no brasão do escudo é Idomeneu, descendente de Minos. Conta a história que Idomeneus era descendente do Sol, o pai de Pasífae, e que o galo é sagrado para o Sol e proclama quando ele está prestes a aparecer' (ver também Plutarco, *Moralia*, 400 C). Assim, é possível que os galos aludem o nascer do sol e a eventual vitória de Atena e, paralelamente, alude ao espírito competitivo dos jogos e talvez o da própria Atena. Tudo isso ilumina a cena sobre uma ânfora mencionada (Paris, B. N. 245), mostrando a Gigantomaquia, na qual Atena desempenha papel preponderante, enquadrada por colunas com galos (...).⁸⁸

A proposta de Tiverios é bastante interessante por apresentar uma alternativa ao paralelo pouco convincente entre tais colunas com galos e edificações sagradas realmente existentes; mas, vale dizer, o paralelo restrito que Tiverios propõe entre as colunas com galos, a deusa Atena e a Gigantomaquia desconsidera a variedade do grupo de figuras enquadradas por colunas com galos (e mesmo com outros elementos), que aparecem mesmo antes de seu uso nas ânforas panatenaicas (ver **lista 5, nº 1-10**). Propor um significado específico a essas colunas é complicado, como visto, e não se pode situá-la exclusivamente no campo da Gigantomaquia (como relacionar a figura de Heracles e o Leão de Neméia entre colunas com galos e essa interpretação específica baseada em conteúdo da Gigantomaquia?); mas é possível

⁸⁸ However, it is possible that the cocks atop the columns of the Panathenaic amphoras framing Athena (and thus Athena of the Gigantomachy) may also refer to the rising of the sun, that, the day after the fearful battle in which the gods triumphed over the giants. Ancient literary evidence informs us that Zeus forbade Helios (Sun) to rise during this battle until he could find and destroy the herb that was sought by Gaia (Earth), with which she could render her children invulnerable. In antiquity, too, cocks that herald the coming of the day are a widespread motif. Pausanias (5.25.9) explains the significance of a statue of Idomeneus at Olympia, 'the figure with the cock emblazoned on the shield is Idomeneus the descendant of Minos. The story goes that Idomeneus was descended from the Sun, the father of Pasiphae, and that the cock is sacred to the Sun and proclaims when he is about to rise' (see Plut. Mor. 400C). Thus it is possible that the cocks allude to sunrise and the eventual victory of Athena, apart from hinting at the competitive spirit of the games and perhaps of the Athena herself. All this illuminates the scene on the amphora mentioned (Paris, B. N. 245), showing the Gigantomachy, in which Athena is playing a leading role, framed by columns with cocks (...).

identificar que em c. de 550 a.C. esse esquema de enquadramento de figuras já era disponível,⁸⁹ e parece ter sido apropriado na produção de ânforas panatenaicas.

Quanto à Atena panatenaica, ela é freqüentemente situada pela bibliografia no campo da representação de alguma estátua de culto; mas, como visto, a figura de Atena em situação combativa já era presente na produção regional e local anteriormente e contemporaneamente à produção das ânforas panatenaicas; onde o esquema de Atena entre colunas é bastante regular até o século V a.C., quando começa a mudar significativamente e, já em meados do século IV a.C., é possível observar um novo aspecto estético (caracterizado como arcaizante), e essa figura de Atena aparece no centro de outro debate sobre representação. O estilo arcaizante é caracterizado como uma retomada consciente do “estilo arcaico” a partir do século IV a.C.⁹⁰ Pode-se situar as ânforas panatenaicas nesse movimento, mas é preciso saber que a permanência relacionada à produção desse tipo de vaso não respondeu a uma “retomada”.

É possível notar a presença de elementos próprios desse estilo na organização de figuras nas ânforas panatenaicas do século IV a.C., mas não se tratou necessariamente de um fenômeno arcaizante que, como indica Havelock pressupõe uma separação consciente entre passado e presente (uma consciência do passado como algo exterior).⁹¹ Assim, parece, a distinção entre o arcaico como “remanescente” e do arcaizante como um “estilo novo”⁹² é essencial para a compreensão da situação da produção das ânforas panatenaicas nesse contexto. Há, nesse caso, um entrelaçamento de referências: uma tradicional situada numa continuidade estrutural e outra baseada numa retomada de modelos arcaicos.

⁸⁹ As colunas com galos (e outros elementos relacionados como corujas, Esfinges, *dinoi*, e mesmo a coluna isolada – sendo o galo o elemento mais presente) enquadrando cenas em vasos áticos era um elemento presente na produção geral (além das ânforas panatenaicas e de tipo panatenaicos). O grupo E, do qual teria saído Exéquias, chegou a utilizar esse recurso (ver **lista 5**, nº 1), assim como o Pintor do Balanço (ver **lista 5**, nº 3-5), ambos ligados à fixação do programa onramental em c. 530 a.C e mesmo depois disso alguns artesãos que produziram ânforas panatenaicas também utilizaram essas colunas na produção geral – é o caso do Pintor de Eufileto, do Pintor de Cleofrades e do Pintor de Eucarides (ver **lista 5**, nº 10, 23 e 29).

⁹⁰ Ver POLLIT, 1986, p. 180; para a cronologia do estilo arcaizante. Além da discussão sobre a sua cronologia (se formulado originalmente no século V, IV ou III a.C.), o que está ligado à distinção entre a idéia de “arcaístico” e “arcaizante” (ver *Panatenaicas IV*, **nota 95**). E há certa personalização do pioneirismo apresentada pela bibliografia na figura do escultor e arquiteto do século IV a.C., Scopas de Paros; sobretudo pela criação do friso do templo de Apolo em Bassae (ver LEHMANN & SPITTLE, 1959, p. 258; LEHMANN, 1973, p. 13); estilo que foi continuamente utilizado, por exemplo, na segunda metade do século V em algumas esculturas de Alcámenes. Além da arte figurativa (ver HAVELOCK, 1964, 1965 e 1980), essa consistente manifestação é observada em outros campos como a literatura (ver HAVELOCK, 1996, p. 33) e a produção de inscrições (THREATTE, 1996, p. 676).

⁹¹ HAVELOCK, 1996, *op. cit.*

⁹² HAVELOCK, 1965.

A Atena panatenaica, a partir do século IV a.C., apresenta similaridades marcantes com figuras em suportes diversos, caracterizada pela bibliografia moderna como Atena *Alkis* ou *Alkidemos*, o que reponde a duas situações específicas: a distinção da Atena *Promakhos* e a derivação (interpretada como representação) de uma estátua de culto – a própria Atena *Alkis* em Pela.⁹³ Tzouvara-Souli, por exemplo, situa certas figuras de Atena produzidas em Samos e Cassopa num processo de representação indireta da estátua de Pela, sem ao menos considerar a possibilidade de uma origem alternativa (ou paralela) baseada na Atena panatenaica. A autora apresenta um tipo de impressão com a figura da Atena em pesos de tear encontrados em Cassopa (Épiro),⁹⁴ recorrendo à comparação com outro tipo de impressão similar em alças de ânforas samianas do final século IV a.C.

Sobre eles, a autora diz muito seguramente que são tipos numismáticos cuja origem estaria na produção monetária macedônica que, por sua vez, representaria a estátua de culto de Atena em Pela.⁹⁵ A cunhagem dessas moedas teria sido iniciada entre 326 e 325 a.C. e apareceu posteriormente sob Antigonos II em 277, Filipe V (220-179 a.C.), Ptolomeu I (315/4 a.C.), Agatocles de Siracusa e Pirro do Épiro (ver **fig. 36 a**).⁹⁶ E essa relação entre a impressão de selos com a figura de Atena *Promakhos* e as cunhagens acima citadas seria reforçada pelos vários achados em Cassopa (cerca de 1200 moedas), o que situaria as relações entre o Épiro e os locais dessas cunhagens.⁹⁷ A autora, assim, firma sua interpretação nas relações político comerciais (sobretudo no cenário da propaganda política), recompondo um itinerário específico entre referencial e referentes (estátua de culto em Pela → cunhagem de moedas em variados locais → impressões em pesos de Cassopa e alças de ânforas de Samos).

Diferente disso, Barringer caracteriza inclusive a figura de Atena em cunhagens de moedas macedônicas (normalmente interpretadas como representação da estátua em Pela, o que é ratificado por Tzouvara-Souli) como derivada do modelo

⁹³ Sobre os termos *Alkis* e *Alkidemos*, trata-se de nomes propostos na pesquisa numismática, baseados numa referência um tanto arbitrária feita à estátua de Atena em Pela feita por Tito Lívio (XLII, 51) – LACROIX, 1949, p. 168. A distinção proposta pela bibliografia entre a Atena *Promakhos* e a *Alkis* repousa, sobretudo no seu atributo; ou seja, enquanto a primeira porta numa das mãos uma lança, a outra porta um raio.

⁹⁴ TZOUVARA-SOULI, 1996, nº 1/12, 1/14.

⁹⁵ *Idem*, p. 499.

⁹⁶ *Idem*.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 501.

panatenaico.⁹⁸ O referencial, dessa forma, ora é situado no âmbito da produção da figura de Atena nas ânforas panatenaicas (que, como visto, também é comumente situada no âmbito da representação de uma estátua de culto na Acrópole de Atenas), e ora na estátua de culto em Pela. O paralelismo bastante recorrente entre as figuras de moedas e estátuas está ligado a um tipo muito comum de interpretação nem sempre comprovada.⁹⁹

Uma forma de esclarecer a questão é a avaliação cronológica dessas produções. Esse tipo arcaizante de Atena aparece antes nas ânforas panatenaicas,¹⁰⁰ e depois nas cunhagens e impressões acima indicadas, o que favoreceria a interpretação da Atena panatenaica como referencial. Pode-se aliar, ainda, o contexto de aparecimento de tais imagens nas cunhagens citadas, coincidente à atração de

⁹⁸ “De 336 a, pelo menos, até 278 a.C., Alexandre e seus sucessores cunharam moedas empregando o esquema da Atena arcaizante em passo largo como visto nas ânforas panatenaicas em um esforço de estabelecer relações entre eles e Atenas e se declararem como herdeiros de seu legado.” (*From 336 to at least 278 B.C., Alexander and the Successors minted coins employing the device of the archaizing striding Athena as seen on the Panathenaic amphorae in an effort to link themselves to Athens and declare themselves as the inheritors of its legacy* – BARRINGER, 2003, p. 244). Na mesma linha, Zagdoun (1989, p. 67) diz que a influência da Atena *Promakhos* panatenaica sobre os tipos monetários helenísticos é incontestável.

⁹⁹ Ainda, sobre isso, Lacroix (1949, p. 167-9) comenta moedas sob Seleucus I, na Antioquia: “a deusa aparece em pé, para a direita, brandindo a lança na mão direita e se cobrindo com seu escudo. Os sucessores de Seleucus emitiram, eles também, moedas de bronze com o tipo da Atena combatente. Essa Atena, que os numismatas designam geralmente com o nome de Atena *Alkis* ou *Alkidemos*, reproduz a estátua do santuário de Pela na Macedônia? Não se deve pensar antes em uma Atena de bronze, erguida em Antioquia por Seleucus e que Malalas notou o aspecto assustador (*andrianta chalkoun phobeun*)? Observa-se, ententanto, que o tipo de Atena combatente não tem nenhuma característica local; encontra-se, na verdade, não apenas em Antioquia, mas em Selêucia sobre o Tigre, em Susa e em Tarso. Ainda mais, a Atena combatente, tendo na mão a lança ou o raio, é um tema que aparece constantemente sobre as moedas das dinastias helenísticas e essas representações da deusa são inspiradas em modelos arcaizantes que parecem ter sido concebidos por desenho e relevo, mais que por uma escultura plena (mas próximos das ânforas panatenaicas; o manto colocado a tiracolo sobre os ombros, cujas laterais são cortadas em “cauda de andorinha” é uma característica que aparece sobre as ânforas panatenaicas na primeira metade do século IV a.C.)” (... *la déesse apparaît debout à droite, brandissant la lance dans la main droite et se couvrant de son bouclier. Les successeurs de Séleucus ont émis, eux aussi, des monnaies de bronze au type d'Athéna combattante. Cette Athéna, que les numismates désignent généralement sous le nom d'Athéna Alkis ou Alkidemos, reproduit-elle la statue du sanctuaire de Pella en Macédoine ? Ne faudrait-il pas plutôt songer à une Athéna de bronze, érigée à Antioche par Séleucus et dont Malalas a noté l'aspect effrayant (andrianta chalkoun phoberon) ? On observera, cependant, que ce type d'Athéna combattante n'a aucun caractère local ; on le trouve, en effet, non seulement à Antioche, mais à Séleucie sur le Tigre, à Suse et à Tarse. Bien plus, l'Athéna combattante, tenant en main la lance ou le foudre, est un thème qui apparaît constamment sur les monnaies des dynasties hellénistiques et ces représentations de la déesse s'inspirent de modèle archaïsants qui semblent conçus pour le dessin et relief plutôt que pour la sculpture en ronde bosse (...). On en rapprochera les Athéna des amphores panathénaïques ; le manteau jeté en écharpe sur les épaules et dont les pans se découpent « en queue d'aronde » est un trait caractéristique qui apparaît sur les amphores dans la première moitié du IV^e siècle).*

¹⁰⁰ Os mais antigos exemplares são de c. 340 a.C.; ver **cat. 469**.

artistas e intelectuais de Atenas para o Egito ptolomaico;¹⁰¹ mas não se pode excluir algum tipo de referência à Atena macedônica, já que o atributo de Atena (o raio) parece remeter a esse contexto, mas a sua formulação estética responde mais a um diálogo entre diferentes domínios artesanais que a certo interesse em representar fielmente uma estátua de culto. Assim, mais que identificar uma “origem” (o referencial) no debate sobre tais figurações, é interessante observar que há um importante diálogo artesanal.¹⁰²

É evidente o paralelo entre a figuração da deusa Atena dessas moedas e as ânforas panatenaicas; porém, as especificidades desse suporte colocam questões sobre a figuração, ausentes na figuração dos vasos. Um exemplo disso é a relação entre o corpo e o tecido na figura da moeda. Se o caimento é bastante parecido ao da Atena panatenaica, a adaptação ao corpo, denunciando em volume as formas das pernas (o recurso do “pano molhado”) não é pertinente nas figurações panatenaicas (que são caracteristicamente compostas a partir da lógica gráfica), mas recurso amplamente disseminado na produção de esculturas e relevos desde, pelo menos, o final do período arcaico. Nesse sentido, apesar do forte paralelo com o modelo panatenaico, o artesão responsável pela criação dessas figuras situava-se entre tradições figurativas tecnicamente distintas, o que não impediu materializações semelhantes.

Como visto, a figura da Atena combativa foi apropriada em vários contextos: a cunhagem de moedas com figura de Atena *Alkis* ou *Promakhos*, por exemplo, deu-se sob governantes macedônicos no contexto de dominação e expansão no período helenístico, sendo cunhada na Macedônia, Egito até o Extremo Oriente em reinos indo-gregos que compreendiam a região da atual Índia e Paquistão, na Antiguidade, os reinos de Paropamisadae, Aracósia, Gandhara e Punjab (ver **fig. 36 a e b**). A cunhagem de moedas com a figura da Atena combativa na região desses reinos compreendeu quase todo o período de permanência grega na região (de meados do século II a.C. ao terceiro quartel do século I a.C.), em moedas do reinado de Menândro, Strato I, Polyxênio, Epândro, Apollodoto, Dioniso, Nícias, Apolofanes, entre outros. Nessa mesma linha, a cunhagem de moedas sob os imperadores romanos Claudius (41-54 d.C.), Domiciano (81-96 d.C.) e Commodus (180-192 d.C.) também apresentava uma versão composta por um esquema bastante parecido – um tipo de Minerva apta ao combate. Assim, Atena *Promakhos* ou *Alkis*, *Palladium* ou *Minerva*,

¹⁰¹ POLLITT, 1996, p. 28.

¹⁰² Para o paralelo entre figuras das ânforas panatenaicas, moedas citadas e alguns relevos onde ocorrem esse elemento de drapejamento com finalização em rabo de andorinha, ver POLLITT, 1996, p. 181-3 e HAVELOCK, 1965 e 1980.

todas elas apresentam elementos materiais importantes já tradicionalmente estabelecidos na produção artesanal na época dessas cunhagens.

As formas de alguns exemplares indicam esse diálogo na constituição material dessas figuras de Atena. Há um grupo de ânforas panatenaicas com as figuras de Atena com um pequeno desvio: os pés juntos, tal como a figura de Atena num selo do Turquestão chinês.¹⁰³ Essa formulação material, que seria caracterizada como *Palladium*, guarda elementos comuns com o restante da série, a ponto de não apresentarem um desvio tão grande. Pode-se, ainda, notar que, nesse selo, a figura de Atena não carrega no braço um escudo, mas sua égide (o que também é observado na moeda de Faselis). Entretanto, o desvio só confirma a inserção no esquema, já que a posição e forma da égide, esteticamente falando, cumprem papel semelhante.

A partir dos elementos apresentados, pode-se dizer que a paisagem que estruturalmente foi descrita pela produção de ânforas panatenaicas tinha níveis diferentes, sem hierarquias claras: um nível interno, próprio da produção ceramista ática e peculiar da produção de ânforas panatenaicas especificamente; e outro mais amplo, relacionado aos diálogos ao longo da produção em diferentes domínios artesanais e diferentes espaços do mundo grego.¹⁰⁴

Considerando esse cenário, pode-se pensar também nos níveis de intenção desses artesãos áticos. Como visto, a formulação da figura de Atena e sua projeção temporal foram baseadas em diferentes níveis de diálogos artesanais situados no âmbito do esquema figurativo e não se pode verificar com clareza alguma intenção específica de figuração de um referencial exterior, como determinada estátua de culto. Assim, a produção de ânforas panatenaicas estava baseada na formulação da figura de Atena que dialogou com esquemas atualmente caracterizados de forma diferente (*Palladium*, Atena *Promakhos*, Atena *Alkis* e Minerva), mas que guardam importantes semelhanças materiais relacionadas a um complexo conjunto de relações desenvolvidas numa perspectiva estrutural no plano local e regional.

No caso da figuração das provas atléticas, o referencial figurativo é bem diferente, já que, apesar de estarem conectadas a uma longa tradição em nível

¹⁰³ Datado do século II a.C., encontrado no deserto de Cathay (SELTMAN, 1939, p. 132, fig. d).

¹⁰⁴ De maneira geral, é interessante observar os diálogos entre diferentes domínios artesanais no âmbito geral da produção artesanal. Por exemplo, colocada a polêmica de lado, o estudo de Vickers e Gill (1996) mostra claramente um forte diálogo entre os artesãos produtores de vasos de cerâmica e outros produtores de vasos de metal. Ainda, Billot (1994) mostra que vários elementos ornamentais utilizados nos vasos de cerâmica eram também utilizados por produtores de mosaicos e de elementos arquiteturais; informações que, por mais que não forneçam elementos específicos para a discussão aqui empreendida, permitem situar esses diálogos entre artesãos.

regional fundamentada no tema, não é possível visualizar a apropriação de esquemas figurativos específicos.¹⁰⁵ O campo de relação entre as provas atléticas figuradas nas ânforas panatenaicas e as provas, elas mesmas, é de complexa interpretação. Geralmente, se propõe que tais figuras fossem representações das provas; mas há que se pensar no grau de representação. Ou seja, seriam elas representações de um evento específico das Grandes Panatenéias (uma prova dos Jogos Panatenaicos) ou da prova, de forma mais abstrata?

A prova situada no âmbito das Grandes Panatenéias poderia fornecer elementos interessantes para se pensar nas figuras dos participantes e na influência do espaço para a descrição figurativa do evento. Por exemplo, uma ânfora panatenaica de Havana 226 (**cat. 66**) traz um competidor da corrida armada (o primeiro, da esquerda para a direita, entre quatro corredores, considerando o sentido da corrida à esquerda). Este primeiro atleta carrega um escudo com a letra “alfa”, que no sistema alfabético de numeração grego quer dizer “um” ou “primeiro”,¹⁰⁶ e ele é interpretado como o vencedor.¹⁰⁷ Assim, haveria, além da figuração da prova e dos competidores, a identificação do vitorioso.

Outra possibilidade de identificação do vitorioso seria a figuração de apenas um atleta, como as corridas de carro, nos quais o atleta apresentado é geralmente situado como o vencedor. Nesse sentido, é interessante notar que a seleção efetuada (a presença de apenas um concorrente, talvez o vencedor) deu-se pela especificidade do espaço disponível para figurar: o painel quadrangular, espaço que não era adequado para a figuração de vários corredores de carro atrelados a cavalos. Com isso, a indicação do vencedor estaria ligada à seleção de uma figura apenas e não necessariamente de elementos distintivos de um atleta (o vitorioso), dentro de um grupo de competidores.

As figuras das provas, a partir do século IV a.C., trazem novos elementos que auxiliam essa identificação. Por exemplo, algumas delas com dois atletas (como os tipos de luta) relacionadas a figuras de Vitórias, por vezes se dirigindo a um dos atletas, provavelmente o vencedor. Entretanto, é preciso notar que a maior parte das figuras de provas observadas não apresentam elementos claros que distinguem um vencedor, e que há um repertório de figuras relacionadas à premiação (ver **lista 1.10.1**).

¹⁰⁵ Percebe-se uma articulação mais livre das cenas figuradas. Por exemplo, a quantidade de atletas nas corridas poderia variar bastante (ver **fig. 30**).

¹⁰⁶ Ver COOK, 1987, p. 328-9.

¹⁰⁷ Ver OLMOS ROMERA, 1993, p. 132, fig. 52; que também apresenta uma interpretação alternativa.

Apesar de ser possível observar prováveis propostas dos artesãos na constituição dessas imagens, a verificação do seu grau de representação é complicado. Entretanto, a discussão sobre a distinção da figuração entre algumas provas similares fornece elementos interessantes para esse debate. É bastante clara a identificação de elementos distintivos entre as provas figuradas nas ânforas panatenaicas. A quantidade de cavalos atrelados ao carro, por exemplo, distinguem a corrida de biga (*synōris*) da corrida de quadriga (*tethrippon*). E a presença do guerreiro junto ao auriga permite identificar o *apobates* nesse grupo de provas. Tais distinções são claras dada a composição dos elementos bastante distintivos, o que não acontece no contexto das lutas.

A dificuldade em distinguir essas provas de luta está na própria relação de proximidade que elas tinham. Filóstrato¹⁰⁸ diz que os melhores candidatos ao pancrácio são lutadores de boxe com aptidão para a luta (*palē*) e lutadores da *palē* com aptidão para o boxe;¹⁰⁹ e Platão¹¹⁰ indica que o guerreiro bem treinado era praticante de uma dessas três modalidades. Entretanto, o pancrácio era um tipo de luta mais violento, admitindo-se práticas como o estrangulamento e o chute na virilha. Filóstrato,¹¹¹ por exemplo, a caracteriza como uma prova perigosa.¹¹² Quanto as figuras nas ânforas panatenaicas, o boxe (*pygmē*) apresenta um elemento singular: as bandagens nas mãos dos atletas. Já a distinção entre o pancrácio (*pankration*) e da *palē* passa pelo tipo de envolvimento entre os lutadores. O pancrácio é uma luta de maior contato físico, diferente da *palē*. Assim, a distinção entre tais provas passa pelo gesto.

No caso das provas de corrida a pé (a de curta e a de longa distância), a distinção também parece ser satisfeita a partir da análise do gesto; ou seja, a partir de

¹⁰⁸ *Sobre a Ginástica* 35.

¹⁰⁹ Ver LARMOUR, 1999, p. 109.

¹¹⁰ *As leis* 795 b.

¹¹¹ *Imagens* 2, 6. Ver GARDINER, 1970, p. 438. Para os vários Filóstratos e uma discussão de atribuição das obras, ver ANDERSON, 1986, p. 291-6; para o Filóstrato, autor de *Sobre a Ginástica* (*Peri Gymnastikos*), provavelmente *Lucius Flavius Philostratus*, ver GOLDEN, 2004, p. 134 (com bibliografia).

¹¹² “Os gregos distinguiam dois estilos de luta: a luta de pé (a luta, propriamente dita, a única luta admitida no pentatlo e nas competições de luta) e a “luta no chão” (da qual fazia parte o pancrácio). O pancrácio era extremamente brutal, com poucas regras (...) não havia divisão por peso ou limite de tempo. (...) Filóstrato descreve o pancrácio como “a competição mais honrada nas Olimpíadas e a mais importante para a preparação dos guerreiros” (*The Greeks distinguished two styles of wrestling: ‘upright wrestling’ (wrestling proper; the only wrestling admitted in the pentathlon and wrestling competitions) and ‘ground wrestling’ (that was part of the pankration). Pankration was extremely brutal, with few rules, (...) There were no weight division or time limits. (...) Philostratus described the pankration as the most ‘worthiest contest in the Olympiads and the most important for preparation of warriors* – JENKINS, 2005, p. 149).

elementos figurativos,¹¹³ o que é ratificado por um comentário de Filóstrato sobre os dois tipos de corrida,¹¹⁴ que vem sendo utilizado para a compreensão de práticas atléticas na Antigüidade, inclusive em sua formulação imagética.¹¹⁵ A partir disso, percebe-se um estreito paralelo entre o comentário de Filóstrato e as figuras aqui tratadas, sendo possível observar certo interesse icônico na criação figurativa, coerente ao que diz Filóstrato, a partir da observação de práticas atléticas.¹¹⁶ A distinção entre os atletas da corrida de longa e curta distância, nesses termos, é tradicional na figuração das ânforas panatenaicas, indicando que, de algum modo, tal

¹¹³ Shear, ao comentar a ocorrência de tais provas nas ânforas panatenaicas, diz que: “a chave para identificar o evento é a representação dos braços e mãos dos corredores. Os braços dos corredores de curta distância ficavam afastados do corpo, enquanto as mãos estão muitas vezes na altura da cabeça e sempre estendidas (...). Ao contrário, os corredores de longa distância mantinham seus braços baixos e próximos de seu corpo e suas mãos fechadas em punhos” (*The key to identifying the event is the depiction of the runners’ arms and hands. The sprinters’ arms are held away from the body, while the hands are often at head-level and always extended (...). In contrast, the distance runners hold their arms lower and close to their bodies, while their hands are clenched in fists* – SHEAR, 2001, p. 250). Na mesma linha, Miller (2004a, p. 32) se refere ao *dolichos* (corrida de longa distância) da seguinte forma: “Nós podemos identificar um *dolichos* em pinturas onde os joelhos do corredor estão baixos e pouco dobrados, com os braços desenhados próximos de sua lateral” (*We can identify a dolichos in paintings where the runner’s knees are low and barely bent, with the arms drawn in close to the sides*).

¹¹⁴ “O melhor candidato para o *dolichos* deve ter pescoço e ombros fortes como o candidato para o pentatlo, mas deve ser leve, ter pernas finas, como os corredores do *stadion*. O último movimenta as pernas na corrida, usando suas mãos como se fossem asas. Os corredores do *dolichos* fazem isso perto do final da corrida; mas, no resto do tempo, eles se movem quase como se estivessem caminhando, segurando as mãos na sua frente e, por isso, precisam de ombros mais fortes...” (*The best candidate for the dolichos should have a powerful neck and shoulders like the candidate for the pentathlon, but should have light, slender legs like the runners of the stadion. The latter stir legs into the sprint by using their hands as if they were wings. The runners in the dolichos do this near the end of the race, but the rest of the time they move almost as if they were walking holding up their hands in front them, and because of this they need stronger shoulders...* – Filóstrato *Sobre a ginástica* (c. 230 d.C.), 32; tradução, a partir do inglês – SEARS, 2001, p. 32 e MILLER, 2004b, p. 23 – ver também ROBINSON, 1955; *Apud* SCANLON, 2002, p. 140).

¹¹⁵ Ao comentar as figuras sobre um vaso etrusco da coleção Hirschmann (G 48), Bloesch e Ilser (1982, p. 97) dizem: “os braços estendidos indicam sem dúvida corredores de curta distância. Filóstrato [*Sobre a Ginástica*, 32 e 43] recomenda aos corredores a usarem essa posição enquanto ele aconselha aos corredores de longa distância manter seus braços próximos ao corpo para manter a energia” (*The outstretched arms unmistakably indicate short distance runners. Philostratus recommends sprinters to use just this position while he advises long distance runners to keep their arms close to the body and thus save energy*).

¹¹⁶ *Sobre a Ginástica* é geralmente apresentado como um tratado sobre a prática atlética, dado o seu caráter didático. Gardiner (1970, p. 192), referindo-se ao argumento de Jüthner, diz que “Filóstrato não tinha conhecimento técnico da ginástica. Ele era um retórico escrevendo um ensaio sobre o que era evidentemente um questão candente e, como um jornalista de hoje em dia, ele naturalmente derivou seu conhecimento de um dos muitos tratados técnicos sobre ginástica que existiram e naturalmente cometeu enganos” (*Philostratus had no technical knowledge of gymnastic. He was a rethorician, writing na essay on what was evidently a burningquestion, and, like a modern journalist, He naturally derived his knowledge from one of the many tekhnical treatises on gymnastic which existed, and as naturally made mistakes*); que parece ser a opinião mais aceita.

intenção icônica é estrutural e em parte referenciada num plano de práticas atléticas verificável pontualmente em Filóstrato.¹¹⁷

Se a distinção entre a corrida de longa distância (o *dolichos*) é bem clara no âmbito figurativo, não é possível observar a mesma clareza nas duas provas de corrida de curta distância (o *stadion* e o *diaulos*), apesar de haver algumas diferença entre elas,¹¹⁸ não transportadas ao plano da figuração. As inscrições indicando as provas produzidas pela “primeira geração” mostram que se optou pela mesma formulação figurativa para essas duas provas e que sua distinção precisa só é possível com o apoio dessas inscrições.¹¹⁹ Entretanto, tal situação só coloca em evidência o aparente interesse icônico acima indicado, já que as semelhanças e diferenças notadas nessas provas eram caracterizados em figuras a partir de algum referencial com o plano fenomenológico, mas não se tratava de apresentar a prova tal e qual e poderia haver certa abstração, como as figuras de Vitórias e uma personificação da cidade de Olímpia, todas do século IV a.C. (ver, aqui, **nota 34**).

Esse cenário indica diferentes intenções no grau de representação das imagens nas faces das ânforas panatenaicas. Na produção da figura da Atena combativa (que não pode ser claramente situada no plano da representação de uma estátua de culto específica), lançou-se mão de um esquema figurativo; diferente disso, na figuração das provas, os artesãos muito provavelmente projetaram elementos de descrição imagética das provas no plano fenomenológico. Identifica-se, assim, dois diferentes sistemas de representação na constituição das figuras das ânforas panatenaicas. Situação que só reforça alguns aspectos de formulação específica em

¹¹⁷ É importante lidar com a temporalidade relacionada a tais formulações sobre essas provas de corrida. Filóstrato apresenta tal distinção no campo da prática atlética no século III d.C. enquanto as ânforas panatenaicas aqui tratadas apresentam um repertório desde o século VI a.C. até o I a.C. Para além do descompasso cronológico, é possível observar que, nos dois casos, trata-se da mesma distinção, que aparece como elemento distintivo na figuração das corridas e na argumentação de Filóstrato. E, apesar dos elementos específicos de sua composição (ver, aqui, **nota 116**), tais elementos podem ser observados atualmente (SCANLON, *op. cit.*), o que permite situar tais práticas atléticas no plano fenomenológico.

¹¹⁸ Sobre essas duas provas de corrida de curta distância, Filóstrato (*Idem*) diz: “Candidatos do *diaulos* devem ser mais fortes do que aqueles do *stadion*, mas mais leves que os do *hoplitodromos*. Aqueles que competem em todas as três corridas devem reunir as qualificações necessárias para cada corrida” (*Candidates for diaulos should be stronger than those for the stadion, but lighter than those in the hoplitodromos. Those who compete in all three races should be put together from qualifications which are needed in each single race* – tradução a partir do inglês; ver **nota 114**). O *stadion* era uma corrida com 200 m de extensão e o *diaulos*, 400 m (SEARS, *op. cit.*). Já, sobre o *dolichos* “nós sabemos pouco. Diferentes autoridades davam-no como extensão 7, 8, 10, 12, 20 e 24 vezes o *stadion* (... we know little. Different authorities give as it length 7, 8, 10, 12, 20 e 24 stades – HARRIS, 1979, p. 73); sendo comumente fixado entre 7,5 e 9 km (MILLER, 2004a, p. 32).

¹¹⁹ Para as inscrições do *stadion*, ver lista 1.11, **cat. 2?**, **5**, **6**, **12** e **13**, e para o *diaulos*, ver **cat. 8** e **26**.

cada uma das faces das ânforas panatenaicas, como a esquematização “arcaizante” cada vez mais forte da figura de Atena e um detalhamento dos elementos corporais cada vez maior na face com a prova atlética (indicando estilos figurativos diferentes a partir da mesma técnica e no mesmo objeto).

* * *

Descritos o programa ornamental das ânforas panatenaicas, sua importância na projeção temporal e a sua avaliação na caracterização de uma tradição artesanal, vale a pena recuperar a discussão do início deste capítulo, sobre a constituição de um catálogo de ânforas panatenaicas. A aproximação baseada na similaridade material e orientada cronologicamente poderia indicar uma dinâmica que descreve um ciclo com um início ingênuo (a produção bastante variada), um período posterior de maior maturidade (marcado pela projeção do programa ornamental fixo e cujo ápice seria a presença das inscrições de arconte) e um desfecho marcado pela desorganização dessa produção (o empobrecimento técnico da produção e a redução significativa do número de exemplares). Entretanto, a contextualização da produção de ânforas panatenaicas mostrou claramente que em todo o seu recorte temporal tal produção foi baseada em um ambiente tradicional (interno e externo) e não apenas no momento de “maturidade”. Seus inícios foram baseados num rico diálogo artesanal e não numa aparição a partir do nada; e o final da produção, ao contrário de indicar uma fragilidade dessa tradição, apresenta um cenário de derivação (como no caso das ânforas de tipo panatenaico em fundo branco) no qual se percebe claramente a presença do projeto de ornamentação estruturalmente estabelecido.

A apresentação desses objetos no catálogo segue uma lista corrida, cuja orientação principal é a cronológica, em grande medida similar ao catálogo apresentado por Bentz (1998), onde há uma apresentação a partir de uma divisão por século. Assim, fala-se de ânforas panatenaicas do século VI, do V e do IV a.C., o que cria uma idéia de coerência secular que não existiu necessariamente. Propõe-se aqui, levando em conta a dinâmica da produção desses vasos, delimitações de períodos. O primeiro (entre meados do século VI a c. 530 a.C.) compreende a produção inicial, marcada pela grande variação dos elementos ornamentais e iconográficos (o elemento mais fixo era a forma do vaso), e pode ser dividido em duas partes: uma primeira, mais antiga, relacionada à mobilização de elementos formais e figurativos diversificados, produzindo-se um resultado estético relativamente diferente internamente; e uma segunda, caracterizada pela mobilização de elementos que seriam, na maior parte, usados na fixação do programa ornamental;

Na seqüência, (c. 530 a.C. ao final do século V a.C.), houve a fixação do programa ornamental, cristalizando-se elementos, na maioria já disponíveis na fase

anterior, mas com variação mínima quanto ao programa ornamental. Assim, a posição das faixas ornamentais e as formas de disposição das figuras dos painéis e inscrição de tipo *athlon* seguem firmemente na produção das ânforas panatenaicas. É importante situar a fixação do programa ornamental na época de criação de outras técnicas figurativas. Ainda, é preciso dizer que, inicialmente, essa fase é marcada por uma produção de vasos bastante similares quanto à forma e, por vezes, programa ornamental. Dessa forma, essa fase pode ser dividida em duas partes: a primeira, relacionada à fixação do programa (por motivo não definido), relacionado ao aparecimento das figuras vermelhas (técnica ainda secundária no plano geral) e da existência de uma produção paralela (vasos de tipo panatenaico em figuras negras). A segunda parte é caracterizada pelo contínuo desaparecimento da técnica de figuras negras no cenário geral e a consolidação de figuras vermelhas como a técnica preponderante; ainda, do contínuo desaparecimento das ânforas de tipo panatenaico em figuras negras e o aparecimento das ânforas de tipo panatenaico em figuras vermelhas.

A delimitação cronológica para essa parte específica é complicada, já que seus dois limites (inicial e final) são marcados por eventos difusos; tanto no que se refere ao arranjo tecnológico em sua parte inicial (o contínuo desaparecimento das figuras negras e a consolidação do uso da técnica de figuras vermelhas, e o desaparecimento das figuras negras no cenário geral e mesmo das ânforas de tipo panatenaico em figuras negras). Geralmente, esses eventos são situados em c. 475 a.C., mas há exemplares de figuras negras datados do terceiro quartel do século V a.C.,¹²⁰ o que dificulta a compreensão mais precisa dos limites cronológicos.

Na seqüência (século IV a.C.), a produção de ânforas panatenaicas sofre algumas importantes modificações que permitem identificar uma nova fase marcada pela mudança dos elementos que encimavam as colunas, pela distinção crescente entre a figura de Atena e das provas atléticas do ponto de vista estilístico, do aparecimento de inscrições de arcontes, pela mudança da posição do escudo de Atena, pela mudança da direção a que Atena voltava-se. Do ponto de vista do programa ornamental, é importante notar o desaparecimento da faixa com raios, e do rearranjo ornamental-figurativo dada a constante mudança de forma do vaso que se tornava cada vez mais alongado;

¹²⁰ Trata-se de alguns fragmentos de lutróforos datados entre 450-420 a.C., relacionados ao Pintor de Aquiles (próximo dele, e do Pintor de Fiala) – ver OAKLEY, 1997, p. 165, B3, L67 e N20. Oakley (*Idem*, p. 31) chega a notar que tais fragmentos são bem distantes dos exemplares em figuras vermelhas e em fundo branco, mais próximos entre si; o que, vale dizer, parece já situar a técnica de figuras negras como algo à parte no terceiro quartel do século V a.C.

A última fase da produção (séc. III e posterior) é marcada pela redução da produção. A inscrição de tipo *atlhon* aparece em situação variada e há um consistente uso de inscrições de *tamai* e *agonotetas*. É nessa fase que aparecem exemplares (com inscrição de *tamiai* e, provavelmente, de tipo *athlon*) em fundo branco (ver **lista 6**) relacionados às provas musicais. Os últimos exemplares são datados do século I a.C. e há um único exemplar do século IV d.C., cuja coerência com o conjunto não indica uma necessária continuidade.

PANATENAICAS III

A inserção primária e a secundária

A compreensão dos contextos de uso dos vasos panatenaicos é em grande medida parcial, dada a dificuldade de estabelecer uma observação normatizada de algumas informações elementares; principalmente o descompasso entre as informações disponíveis sobre sua inserção em contexto primário e secundário e a dinâmica de publicação dos dados concernentes à situação de achado. Os vestígios relacionados ao contexto primário (o evento específico para qual o vaso foi produzido, as Grandes Panatenéias)¹ são muito pontuais e pouco consistentes do ponto de vista arqueológico, promovendo um debate amplamente hipotético sobre questões básicas do evento² e do vaso panatenaico, como sua função (se eram utensílios de armazenamento e transporte) e simbólica (se eram os vasos efetivamente considerados parte importante da premiação).³ De outra forma, a situação desses objetos após sua difusão em vários pontos Mediterrâneo proporciona um debate arqueológico mais consistente, já que o seu contexto de rejeição e (ou) imobilização (parcialmente ligado às condições de achado) é, em grande parte, relacionado a práticas antigas.

Optou-se aqui pela observação da dispersão dos vasos panatenaicos em detrimento da observação da inserção em contextos específicos (que poderá ser considerada eventualmente, mas não está no centro do debate). A opção pela informação mais generalista deu-se pela possibilidade de visualização de boa parte da documentação a partir de um elemento comum (sua inserção na paisagem), já que a especificidade da situação de achado não oferece um cenário regular de informações, impedindo uma projeção consistente no nível da interpretação de aspectos sócio-

¹ Há uma extensa bibliografia sobre as Panatenéias. Como ela será descrita aqui apenas em alguns elementos essenciais, vale a indicação de algumas publicações básicas: para uma introdução a esse festival, ver NEILS, 1992, p. 13-28; para uma visão detalhada de seu desenvolvimento, ver SHEAR, 2001 (com a apresentação extensiva e comentada das fontes literárias e epigráficas). Para uma apresentação mais breve das fontes literárias sobre as Panatenéias, ver DAVISON, 1958.

² Como indica Neils (2007, p. 41) há ainda várias importantes questões em debate, como o significado do nome do festival, o fundador mítico (Teseu ou Ericônio), aquele que promoveu a reorganização do festival em meados do século VI a.C. (Hípcleides ou Pisístrato), o programa gímico e hípico, a época da inclusão de determinadas provas musicais, a natureza da premiação nas provas não-atléticas, e o grau de influência das Atenaias.

³ A distinção entre elementos práticos e simbólicos é puramente instrumental; ou seja, a atribuição de uma função prática a determinado objeto já o situa numa esfera simbólica definida. Dessa forma, aqui, quando se fala em prático e simbólico, pensa-se em diferentes níveis de simbolismo relacionados a esses objetos, mais que uma delimitação entre prático e simbólico.

culturais, sobretudo do plano diacrônico. Isso, já que há dinâmicas diferentes de publicação dos dados e mesmo as situações básicas de contexto, como organizadas (locais públicos, santuários, contexto funerário e doméstico) apresentam uma coerência por vezes ilusória.

Por exemplo, ânforas panatenaicas encontradas em contexto funerário como a *Burgon Amphora* (ver **cat. 1**) e alguns outros em uma tumba tarantina (ver **cat. 130-3**), foram utilizados de maneira bastante diferente (o primeiro como urna cinerária e os outros ladeando um sarcófago), mas respondem a uma caracterização básica, como utilizados em contexto funerário. Esses locais de achado mereceriam uma tipologia interna para, depois, se pensar na sua articulação e no significado da inserção das ânforas panatenaicas, o que é um estudo em si, bastante dificultado pela desigualdade da apresentação dos dados nas publicações (desde descrições detalhadas até indicações sumárias).⁴

Como visto, a inserção dos vasos panatenaicos posterior à experiência das Grandes Panatenéias será aqui caracterizada inicialmente como *secundária*, sendo, dessa forma, a *primária*, aquela própria das Grandes Panatenéias. Tal divisão coloca alguns problemas que sevem ser ao menos delineados para a seqüência da discussão. A distinção entre contexto primário e secundário de inserção justifica-se, em certa medida, pela ação relacionada à produção e uso projetado desses vasos. Ou seja, entende-se aqui como contexto primário aquela inserção para a qual a produção do vaso responde mais imediatamente. Assim, uma quantidade de vasos produzidos em lotes e em certa periodicidade, respondendo a uma demanda específica (a utilização no evento atlético que compunha as Grandes Panatenéias); o que, nesse contexto, teria inserção previsível. Mas fora (ou “posterior”) a ele, havia tipos de inserção não previstas no projeto inicial; portanto, contextos secundários.

Essa distinção é problemática na medida em que seja formulada pensando-se numa hierarquia natural (que o contexto primário fosse mais importante que o secundário). O projeto e o uso previsível descrevem apenas parte da trajetória, mas não necessariamente parte mais importante. Como o interesse aqui reside sobretudo na prática humana sócio-culturalmente mediada, só é possível estabelecer tais hierarquias se ela é observada como prática sócio-cultural. E, consoante a isso, deve-se pensar na caracterização do contexto secundário a partir de sua não-previsibilidade

⁴ Segundo Bentz (2003, p. 114-5), para a produção do século VI ao IV a.C., 40% dos achados são relacionados a santuários; 36% a locais públicos, 16% a tumbas e o restante a espaços domésticos; sobretudo em Atenas, Etrúria e norte da África. Para a discussão dos contextos específicos de achado, ver BENTZ, 1998, p. 95-110. Ainda, Kotsidu (2001, p. 56), revisando os dados (tratando-os em contextos mais delimitados), fala em 79 achados em santuários, 29 em sepulturas, 21 em espaços públicos e 17 em espaços provados.

e variabilidade; ou seja, o que se compreende como contexto secundário é um conjunto amplo de práticas que proporcionaram diferentes formas de imobilização desses vasos na Antiguidade. Assim, não-previsível nem necessariamente unificado.

O que se compreende como inserção primária é um conjunto de ações organizadas desde a preparação do evento até o momento da premiação e o elemento que dá certa coerência no plano estrutural é a ação administrativa da pólis. A organicidade das Grandes Panatenéias, tal como conhecida atualmente, é amplamente derivada de informações em fontes epigráficas e literárias, das quais a mais detalhada é a *Constituição de Atenas* (59-60) atribuída a Aristóteles,⁵ a partir da qual é possível reconstituir algumas fases de preparação do festival: o arconte epônimo era responsável pela coleta de óleo sagrados das *Moriai* (arconte); o óleo era entregue para armazenamento na Acrópole (arconte → tesoureiro (*tamias*)); procedia-se a medição do óleo, que era encaminhado durante o festival (tesoureiro → fiscal (*athloteta*)); o óleo era entregue aos vitoriosos nos jogos (fiscal → atleta). Deve-se considerar que se trata de uma descrição que responde à estrutura do festival na época de Aristóteles, mas esse evento mudou bastante ao longo do tempo.⁶

A situação específica de tais mudanças não é tão clara. O caso das provas repertoriadas nas Grandes Panatenéias é um exemplo. Não se sabe quando aparecem algumas provas hípicas que constam em listas de vencedores na Panatenéias do século II a.C.⁷ e algumas provas que aparecem figurados em ânforas panatenaicas logo depois da reorganização dos jogos (em meados do século VI a.C.) indicam uma reestruturação do festival em c. de 530 a.C.⁸ Sabe-se que o festival mudou bastante ao longo do tempo, mas não exatamente como. Além disso, essa descrição das atividades dos oficiais da cidade como aqui apresentada é bastante

⁵ Para uma breve apresentação do texto e da questão da autoria, ver STANTON, 2002, p. 130.

⁶ Por exemplo, "(...) até 418 a.C. eram os *hieropoioi* que entregavam a premiação e não os atlótetas. Além disso, durante o quarto século IV a.C. e no período helenístico, o óleo panatenaico foi provavelmente armazenado no *Pompeion* no Cerâmico ou no Arsenal" (... *at least until 418 B.C., (...) the hieropoioi not the athlothetai were responsible for the distribution of olive oil to the victors of games. Moreover, during the fourth century B.C. and Hellenistic period, the Panathenaic olive oil was probably stored in the Pompeion in the Kerameikos or in the Arsenal* – THEMELIS, 2007, p. 25). Barringer (2003, p. 245) indica a substituição dos nomes dos arcontes pelos dos tesoueiros (*tamiai*) nos vasos panatenaicos, o que sugere uma mudança na organização do festival em c. 310 a.C., época de Demétrio do Fálero; e Williams (2007, p. 150), um cenário parecido, com a substituição dos nomes dos tesoueiros pelos fiscais (agonotetas), na segunda metade do século III a.C., e o mais antigo vestígio é um inscrição de Deinias de Érquia, 266/5 a.C. Ainda, Valavanis (2004, p. 367) indica a introdução de concursos dramáticos em 162 a.C., inspirados no modelo das Grandes Dionísias.

⁷ OAKLEY, 1992, p. 199.

⁸ Ou revelam apenas uma lacuna no registro arqueológico para o registro anterior, como sugere Moore (1999, p. 49).

circunscrita. Nesse sentido, cabe lembrar que a sua ação era bem mais ampla que a preparação e fiscalização nos jogos.⁹

Há mudanças em vários aspectos ao longo da ampla experiência das Panatenéias, mas a iniciativa administrativa como elemento mediador era amplamente presente: foi uma demanda específica da pólis ateniense que deu início e manteve a produção de ânforas panatenaicas durante séculos;¹⁰ assim, os elementos materiais dos vasos, por mais que estivessem ligados a uma dinâmica artesanal estruturalmente articulada (ver *Panatenaicas II*), eram fortemente condicionados a um interesse público.¹¹ Mas, na passagem para a inserção em contexto secundário, essa mediação oficial é bem menos presente.¹²

O objetivo aqui não é a apresentação detalhada dos contextos primário e secundário de inserção das ânforas panatenaicas, mas a mobilização de elementos desse âmbito da paisagem (local; local-regional) para a caracterização do vaso panatenaico e, a partir disso, discutir a própria noção de inserção primária e secundária. Nesse sentido, duas questões básicas são colocadas: qual a relação do vaso com o óleo panatenaico (eram as ânforas panatenaicas relacionadas ao armazenamento e transporte de óleo panatenaico? e a difusão dos vasos panatenaicos em vários pontos do Mediterrâneo está ligado ao transporte de óleo – à sua comercialização ou à manutenção própria do interesse do atleta vitorioso?); e qual a situação do vaso panatenaico na caracterização do prêmio? As duas questões estão intrinsecamente conectadas já que a relação funcional entre esse tipo do vaso e o óleo é a base da discussão sobre seu grau de envolvimento na composição do prêmio.

⁹ Para as várias fontes e uma análise detalhada da preparação do festival, ver SHEAR, 2001, p. 120-230; 962-87. Para a descrição das atividades dos oficiais ligados às Panatenéias, ver *Idem*, p. 451-504.

¹⁰ Segundo Shear (*op. cit.*, p. 505), o financiamento da polis pode ser observado até o terceiro quartel do século III a.C.

¹¹ “A indústria de cerâmica e o culto de Atena Polias estiveram indissociavelmente ligados por mais que dois séculos através da produção em larga escala cada quatro anos para a Granda Panatenéia” (*The pottery industry and the cult of Athena Polias were for more than two centuries inextricably linked, through the prize amphoras manufactured in large numbers every four years for the Greater Panathenaia* – SHAPIRO, 1998, p. 18). A questão da encomenda é pouco conhecida no detalhe, havendo informações pontuais como na *Constituição de Atenas* (60, 1). A presença de inscrições de caráter público (aquelas de tipo *athlon* e , no século IV a.C., as dos arcontados e, depois disso, dos tesoureiros e agonotetas) esclarecem um pouco mais essa situação. Para outro exemplo de provável produção de vasos comissionada pela pólis ateniense, ver PRITCHARD, 2010, p. 272-3. Trata-se de lutróforos de c. 430 a.C., no contexto do arcontado de Polemarco, com cenas relacionadas às atividades militares, provavelmente ligados à memória daqueles que foram mortos em guerra.

¹² Há interpretações que compreendem a ânfora panatenaica como um espécie de selo de qualidade, uma efetiva marca do controle da entidade emissora: a cidade de Atenas (ver VALAVANIS, 1986, p. 454, n. 7; HANNAH, 2001, p. 162). Nesse contexto, o controle da administração do festival é nula, já que tal trajetória do vaso estaria ligada ao comércio de óleo.

Percebe-se, a partir das questões colocadas, que há ainda elementos básicos pouco claros sobre esse tipo de vaso e que sua discussão deve ser feita a partir de uma perspectiva relacional; ou seja, a situação do vaso frente ao óleo panatenaico. Assim, os tipos de inserção (situação na paisagem) e a dinâmica funcional (o vaso como continente e, conseqüentemente, a natureza de seu conteúdo) estão no centro do debate aqui proposto, cujo ponto de partida é o contexto primário – a inserção nas Grandes Panatenéias.

As Panatenéias de frequência quadrienal eram chamadas “Grandes Panatenéias” (*Panathēnaia ta megala*) e a anual de “Panatenéias anuais” (*Panathēnaia ta kat’eniauton*) ou, como aparecem nas fontes literárias, “Pequenas Panatenéias” (*Panathēnaia ta mikra*). O termo “Panatenéia” isolado (*Panathēnaia*) indica, na maior parte das vezes, a Grande Panatenéia.¹³ As Panatenéias foram originalmente baseadas num festival já tradicional em Atenas. Há, por exemplo, referências na *Ilíada* (2, 550-1) às Atenéias (mas pode ser uma interpolação inserida na época de Pisístrato) e Aelius Aristides se refere a esse festival como o mais antigo da Grécia, talvez menos que as Eleusinas.¹⁴ Essa fase do festival não é bem conhecida e tem sua organização relacionada à dois heróis locais Erictônio e Teseu.¹⁵

A cronologia da nova fase do festival, na sua dimensão histórica, é fixada entre meados do século VI a.C. até o final do século IV/início do V d.C. A data de 566/5 para a reorganização das Panatenéias é apresentada por Jerônimo de Estrídon (século IV d.C., baseado na *Crônica* de Eusébio de Cesaréia) situando esse evento no ano 53.3-4 (olímpico) e 1450-1 (de Abraão),¹⁶ data relacionada ao arcontado de Hipocleides; entretanto, as fontes não citam esse arconte como o reorganizador dos festejos, mas Pisístrato.¹⁷ A interferência de Pisístrato e, sobretudo de seus filhos, correspondente ao período de tirania em Atenas, está aparentemente ligada a alguns atos de reorganização do festival. Por exemplo, Nagy situa o início da cristalização do texto homérico (trechos da *Ilíada* e da *Odisséia* para a recitação nas Panatenéias) na época

¹³ Para a ocorrência dos nomes, ver DAVISON, 1958, p. 23.

¹⁴ *Oração Panatenaica* 13, 189.4-5; assim como Aristóteles (*Peplos* frag. 637) e Pausânias (8, 2, 1). Para as fontes, ver DAVISON, *op. cit.* e SHEAR, *op. cit.*, p. 31.

¹⁵ Para o papel de Erictônio-Ericteu (principalmente Erictônio) e Teseu, como fundadores do festival panatenaico; ver SHEAR, 2001, p. 55-66.

¹⁶ Uma versão armênia dessa obra apresenta as datas de 53.4 e 1451, correspondentes a 565 a.C. (DAVISON, *op. cit.*, p. 27).

¹⁷ Ver DAVISON, *op. cit.*, p. 28-9; para a apresentação das fontes e sua discussão. Segundo Shear (*Op. cit.*, p. 521), não há elementos suficientes para dizer a organização do festival teria acontecido na tirania de Pisístrato; mas, logo depois, há evidências mais consistentes (ver *Idem*, p. 597-614).

dos Pisistratidas,¹⁸ o que pode ser relacionado também à reestruturação do concurso atlético,¹⁹ à introdução das provas musicais²⁰ e à fixação do programa ornamental na produção das ânforas panatenaicas (ver *Panatenaicas II*, p. 55-7 e 83-4).

O final do festival também tem a cronologia discutida. Shear indica a data de 391 ou 395 d.C., articulando informações variadas, como a última inscrição encontrada sobre o festival datada do final do século IV d.C., época da legislação anti-pagã de Teodósio I e da destruição de Atenas por Alarico e seu exército composto de visigodos em 396 d.C.²¹ Já Valavanis acredita numa sobrevida do festival até 410 d.C., dizendo que nesse festival se concentrava os últimos esforços de reação de atletas e filósofos à legislação anti-pagã, mas sem apresentar algum indício mais consistente. Assim, como aconteceu com outros festivais proibidos pela legislação de Teodósio I, tal proibição teve que ser ratificada por Teodósio II, dada a ineficácia da anterior.²² Valavanis apresenta uma dimensão importante que é a resistência a essa legislação (que não teria tido efetividade num primeiro momento), o que impele a pensar na relatividade das datas muito fixas para o fim do festival panatenaico – dessa forma, final do século IV e início do século V a.C.

A experiência do festival correspondeu a um recorte de quase mil anos ao qual a produção de ânforas panatenaicas corresponde parcialmente. Elas aparecem em meados do século VI a.C. A *Burgon amphora* (ver **cat. 1**) é constantemente

¹⁸ NAGY, 2002, p. 5-6.

¹⁹ O que sustenta tal interpretação é o aparecimento de um repertório mais variado de provas não registradas até c. 530 a.C. nas ânforas panatenaicas (ver MOORE, 1999, p. 49; para tal tese e sua crítica).

²⁰ Não se sabe ao certo a data de introdução das provas musicais nas Panatenéias, mas é usual relacioná-las ao aparecimento das figuras de concurso musicais sobre as ânforas chamadas pseudo-panatenaicas (ver SHAPIRO, 1992, p. 64-6; SHEAR, *op. cit.*, p. 521 e HAMILTON, 2004, s.p.). Segundo o catálogo de Bentz (2001), os mais antigos exemplares com provas musicais datam do terceiro quartel do século VI a.C. (c. 550 a.C. – nº 236; c. 530 a.C. – 234 e 550-525 a.C. – nº 145, 164, 225, 261 e 275), coerente com a cronologia do aparecimento da figura de musicista entre colunas em outros tipos de vasos (c. 550 a.C. – ver **lista 5, nº 1**).

²¹ SHEAR, 2001, p. 659.

²² VALAVANIS, 2004, p. 390. Sobre esse contexto, Fleischer, Lund e Nielsen (2001, p. 194) dizem que “muitos proeminentes cidadãos, governadores e oficiais em Roma e em Atenas ignoraram as leis contra a adoração pagã e as multas no século IV d.C. Apesar da proibição dos sacrifícios pagãos emitidos por Constâncio II em 341 d.C., as Panatenéias quadrienais continuaram a ser celebradas ao menos até o início do século V d.C. O imperador Juliano (361-363 d.C.) reabriu os templos e renovou o culto dos deuses, e a ativa comunidade pagã em Atenas poderia continuar suas atividades religiosas sob a política de tolerância no século IV d.C. (*Many prominent private citizens, governors, and officials in Rome and Athens ignored the laws against pagan sacrifices and the penalties in the 4th century. Despite the ban on pagan sacrifices issued by Constantine in AD 341, the quadrennial Panathenaia festival continued to be celebrated at least until the early 5th century AD. Emperor Julian (AD 361-363) reopened the temples and renewed the cult of the gods, and the active pagan community in Athens could continue their religious activities under the imperial policy of toleration in the 4th century*).

apresentada como o vestígio mais antigo e comumente datada de 566/5, dada sua provável relação com o festival panatenaico reformulado nessa época; entretanto, não há elementos suficientes para situar a cronologia desse vaso numa data tão precisa. Já os mais recentes vestígios são datados do período romano (até o século I a.C.) – ver **cat. 935-40**; mas há uma ânfora aparentemente panatenaica (com ornamentação em verniz escuro e detalhes incisos, clara referência à técnica de figuras negras) datada do século IV d.C. (ver **fig. 40**).²³ Entretanto, o isolamento desse objeto não permite propor uma continuidade do século I a.C. ao IV d.C., situando-se, assim, o final da produção provavelmente no início do período romano, com possibilidade de criações isoladas posteriores (ver **lista 1.4**).²⁴

Quando as Grandes Panatenéias foram instituídas (pouco depois dos festivais com concursos atléticos em Delfos, Corinto e Neméia), já havia mais de duzentos anos de experiência relacionada ao festival em Olímpia, e uma experiência específica das Atenéias, cuja origem remonta a um fundo mítico relacionado a heróis da cidade; mas a perspectiva ampla, com a tendência pan-helênica que ele foi adquirindo, estava certamente ligada ao quadro dos mais importantes festivais gregos, entre os quais o olímpico era o mais tradicional.

Neils recentemente tratou da questão das Panatenéias em meados do século VI a.C. e a provável influência a partir de outros festivais panalênicos, sobretudo o de Olímpia e o de Delfos,²⁵ e algumas propostas interessam bastante aqui. A autora começa estabelecendo relações entre Atena e Zeus, sobretudo no plano do culto,

²³ Atenas, Ágora P 26600. A datação, conforme indica Frel (1973, p. 32) é baseada no contexto arqueológico. A caracterização do vaso como panatenaico não é clara, mas possível, considerando-se a presença da técnica de figuras negras e a figura de um atleta (?) numa face e de Atena (?) na outra – ambas duvidosas. A figura do atleta é proposta a partir de um esquema figurativo bastante comum para a época (por exemplo, em moedas cunhadas sob Galiano (século III d.C.), Héliogábalo (século III d.C.) e Cômodo (século II d.C.) e, num esquema um pouco diferente, em mosaicos de banhos de Caracala (século III d.C.): trata-se do atleta carregando uma palma numa mão (preservada parcialmente no vaso em questão) e, na outra, levando uma coroa em direção a própria cabeça (o atleta coroando-se); o que, na ânfora da Ágora, é sugerido pela posição alta do braço (não preservado). Para a moeda de Galieno, ver TOURATSOGLU, 1988, p. 309, no. 38, V5, R19; para a moeda de Heliogábalo, ver SNG Varbanov 1462; para a moeda de Cômodo, ver SNG UK 1085 e para os mosaicos de Caracala, ver NEWBY, 2005, p. 67-86. Quanto à figura de Atena, sua identificação é baseada no quítion longo e da lança vertical (preservados apenas a parte baixa); ou seja, apresenta elementos comuns da figuração da deusa, mas destoando do esquema panatenaico observado até o século I a.C. Há, ainda, que se considerar a base vazada do vaso, o que o caracteriza claramente como um objeto não relacionado ao armazenamento de líquidos.

²⁴ Há alguns indícios (não conclusivos) que sugerem a presença de ânforas panatenaicas depois do século I a.C., como o *Biel Throne* (Londres G.R. 2001.5-8.1), datado de 140-143 d.C., que tem a figura de uma mesa agonística em relevo numa lateral, composta pela figura de uma oliveira (ao lado), de guirlandas e de uma ânfora panatenaica. Mas, vale dizer, não se trata de um indício consistente da continuação da produção até essa época.

²⁵ NEILS, 2007.

lembrando que havia uma forte proximidade entre eles – por exemplo, a Atena *Polias* e o Zeus *Polieus*;²⁶ mas, pode-se ainda, lembrar de Atena *Morias* e de Zeus *Morieus* responsáveis pelas oliveiras sagradas na região da Academia em Atenas, Atena *Archegetes* e Zeus *Archegetis*; Atena *Soteria* e Zeus *Soter*, Atena *Boulaia* e Zeus *Boulaios* e Atena *Phratria* e Zeus *Phratrio*.²⁷ Reforçaria tal proximidade, a mesma atitude promaquêia de Zeus em estatuetas votivas, e que o modelo das figurinhas de Zeus poderia ter influenciado a criação do modelo da Atena *Promachos*.²⁸ Para ela, nas primeiras décadas das Panatenéias, a premiação deveria ser trípodes de bronze e não vasos cheios de óleo (argumentação é baseada em interpretação iconográfica de vasos cujo tema teria ligação com as Panatenéias e paralelos com os concursos em Olímpia e Delfos).²⁹

Quanto à situação interna, há que se considerar que havia uma série de festas no calendário ateniense, algumas compostas por concursos atléticos: além das Grandes Panatenéias (que acontecia no *Hekatombaion*), as Teséias, as Genésias e as Epitáfias, as Antestérias, as Olimpiéias, os festejos a Héracles, as Eleusinas, as Skiras e as Osoforias (entre outros); nenhuma delas com a projeção temporal e a importância que atingiram as Panatenéias.³⁰ Deve-se notar que nos festivais da Ática, além da homenagem à deusa Atena nas Panatenéias (e em outros festejos), Zeus, Deméter, Afrodite, Hefesto, Apolo e Ártemis também eram cultuados.

Nota-se, com isso, que a história das Panatenéias transitou entre um forte referencial local (instituído sobretudo na época da sua reestruturação em meados do século VI a.C.) e uma tentativa de inserção em âmbito regional, referenciado no plano pan-helênico. Um exemplo disso é a forma de participação no festival panatenaico: havia as provas *ek tōn pantōn* (de participação aberta aos atletas do mundo grego) e as *ek tōn politōn* (como a dança pírrica, a *euandria*, a *lampadeforia* – cuja participação era restrita a grupos politicamente definidos).³¹

²⁶ *Idem*, p. 44.

²⁷ Para os paralelismos entre Atena e Zeus, ver DEACY, 2008, p. 76-9 e NEILS, 2001.

²⁸ NEILS, 2007, p. 44.

²⁹ *Idem*, p. 50. Para a relação entre as Panatenéias e outros festivais, ver SWEET & SEGAL, 1987, p. 8; SHEAR, 2001, p. 22 e DUNNING & MALCOLM, 2003, p. 10.

³⁰ Para as festas na Ática, considerando também as evidências arqueológicas, ver SIMON, 2002; para aqueles com concursos atléticos (e seu calendário), ver KYLE, 1993, p. 32-56 e 168.

³¹ “As competições musicais e gímnicas eram abertas a todos, mas o começo e o fim da competição equestre eram abertos apenas aos atenienses, assim como as competições tribais, a exibição da cavalaria conhecida como *anthippasia*, e a corrida com tocha... os quatro jogos nos quais os vitoriosos obtinham coroas, o pítio, o nemeu, o ístmico e o olímpico eram realmente pan-helênicos, com todas competições abertas” (... *the musical and gymnastic competitions were open to all, but the beginning and end of the equestrian competition was*

Sua expressão no plano pan-helênico cresce paulatinamente, a ponto de haver criação em outras cidades de Panatenéias próprias, tendo o festival de Atenas como referência, no período helenístico e romano. No final do século IV a.C. e depois, algumas cidades (Ilíon, Priene, Éfeso e Pérgamo) instituíram Panatenéias próprias,³² e em algumas delas foram produzidas com argila local, ânforas agonísticas (vasos de tipo panatenaico, muitas vezes portando figuras de provas atléticas e, aparentemente utilizadas como premiações específicas) é o caso de Éfeso, na Ásia Menor, de Alexandria, do sul da Rússia e de Rodes.³³ Nesta última, pode-se pensar em conexões mais consistentes com a Ática, já que há indícios que a produção de ânforas agonísticas em Rodes estaria ligada à presença de artesãos áticos na segunda metade do século IV a.C. (filhos de Báquio e sobrinhos de Cito, produtores de ânforas panatenaicas – ver **esquema 4, nº 6 e lista 1.5**), onde foram produzidas ânforas com figuração de prova atlética numa face e, na outra, a figura de Hélios, a divindade local (ver **fig. 31**) e, no mesmo local, foram encontradas ânforas panatenaicas assinadas por Báquio.³⁴

Esse foi um período de projeção do festival, no qual, em 330/29 a.C., logo depois da Batalha de Queroneia (338 a.C.), e do assassinato de Felipe II (336 a.C.), foi construído o novo estádio Panatenaico por Licurgo, filho de Licofrão, tesoureiro entre 336-321 a.C.; que ficou pronto em 330/29,³⁵ e nele havia alguns tronos, um deles com figura de uma mesa agonística com uma ânfora panatenaica em relevo (*Biel Throne* – Museu Britânico GR 2001.5-8.1), encontrado em escavações em 1870 por E. Ziller.³⁶ E a popularidade do festival cresceria ainda mais.³⁷

open only to Athenians as were the tribal competitions, the massed cavalry display known as the anthippasia, and the torch race. (...) the four crown-awarding games, the Pythian, Nemean, Isthmian, and Olympic games were truly panellenic with all competitions open – TRACY, 2007, p. 53).

³² Ver BARRINGER, 2003, p. 251 e VALAVANIS, 2004, p. 400.

³³ Ver BARRINGER, *Idem*, n. 53 (com bibliografia).

³⁴ FREL, 1973, p. 21.

³⁵ Ver *IG II²* 351. Sobre isso, Williams (2007, p. 147-52) diz: “Adriano morreu em 138 d.C., o mesmo ano da morte do pai de Herodes Ático e seu acesso à enorme riqueza; Herodes Ático, quando aceitou a responsabilidade como agonoteta de dirigir a Grande Panatenéia de 143/4 d.C. (...) prometeu ao povo ateniense construir um novo ‘estádio de mármore branco’” (*Hadrian died in A.D. 138, the same year that saw the death of the father of Herodes Atticus and his accession to enormous wealth. Herodes Atticus, when he accepted as agonothetes the responsibility of directing the next Great Panathenaia in A.D. 143/4, (...) vowed to the Athenian people to build a new ‘stadium of white marble’*).

³⁶ Ver VALAVANIS, 2004, p. 383; para uma apresentação detalhada do *Biel Throne*, ver WILLIAMS, *op. cit.*, p. 152-6.

³⁷ “O reinado de Adriano foi o arauto de uma nova era nos Jogos Panatenaicos quando seu estatuto aumentou, sendo elevados ao grau de maior competição panelência entre eles. A partir de 119/20 d.C. os anos foram calculados em Panatenaicos como os Olímpicos” (*The*

O tipo de premiação das Panatenéias era diferente daquele peculiar dos grandes festivais pan-helênicos, nos quais se utilizavam coroas vegetais e, por isso, são chamados pela bibliografia de *crown-festivals*, *crown-circuit* ou *crown games*,³⁸ indicando ser esse um importante elemento caracterizador comum desses festivais dos quais o panatenaico não fazia parte, dada a dimensão pecuniária da premiação; e, por isso, festivais como este são caracterizados como *money games*.³⁹

Nesse sentido, vale a pena contextualizar os prováveis valores da premiação. Young indica a correlação entre o valor do óleo panatenaico, sua correspondência em dracmas e em dólares americanos na época de sua publicação.⁴⁰ Uma ânfora de óleo seria equivalente a 12 dracmas (valor do século IV a.C.), correspondente a US\$ 670. Nesse sentido, há dois elementos a serem considerados – o valor do óleo relacionado ao das ânforas panatenaicas e a projeção desse valor no contexto da IG II² 2311; mais precisamente os números de ânforas de óleo apresentados nessa inscrição. O valor de uma ânfora panatenaica de segunda mão e sem óleo indicado na IG I³ 422, 41-60 (datada de 415-413 a.C.) é de meio dracma, o que seria equivalente a 27,9 US\$, na correlação apresentada por Young.⁴¹ No contexto da IG II² 2311, sabe-se que as premiações nas provas gímnicas, hípicas e algumas tribais, poderia variar entre 1 e 140 ânforas de óleo de oliva; ou seja, entre 12 e 1.680 dracmas (US\$ 670-93.800).⁴² Young indica que em Atenas, na época de Platão (coerente com a IG II² 2311), com 1.200 dracmas, era possível comprar 7 escravos de preço médio e 1 ou 2 casas na cidade; ou várias casas no campo.⁴³

reign of Hadrian was to herald of a new era in the Panathenaics Games when he gave them increased status, elevating them into the ranks of the major Panhellenic competitions themselves. From A.D. 119/20 years were reckoned in 'Panathenais', like Olympiads – WILLIAMS, op. cit., p. 152).

³⁸ Ver MILLER, 2004, p. 31-86 e KYLE, 2007, p. 75.

³⁹ Ver MILLER, *op. cit.*, p. 129-49.

⁴⁰ YOUNG, 1984, p. 115-27.

⁴¹ A correlação parece viável, mesmo para um período pouco posterior, considerando que o valor de um escravo, segundo Young (*Idem*), seria equivalente a 170 dracmas no período tratado por ele; já que no contexto da IG I³ 422, o valor de um escravo é de 150 dracmas.

⁴² Ver VALAVANIS, 1986, p. 456. Hamper e Simon (1984, p. 145), dizem que o óleo panatenaico valia três vezes mais que o óleo de cozinha comum. Ver MILLER, 2004a, p. 133-4, para as equivalências entre o dracma e o dólar nas provas musicais.

⁴³ Nessa linha, Valavanis (2004, p. 372-5) diz: “Por exemplo, se o vencedor da corrida de carro vendesse todo o óleo obtido, ele poderia receber uma quantia de dinheiro equivalente a 6 anos de salários diários. Com isso, ele poderia comprar uma ampla casa na cidade ou um rebanho de ovelhas ou 15 escravos. Deveria ser notado, porém, que os vencedores nos jogos pan-helênicos, incluindo aqueles nos Jogos Olímpicos, obtinham grandes ganhos materiais, mesmo se o seu prêmio fosse apenas uma simples coroa. Pois uma vitória olímpica era seguida por tantas honras e doações da cidade natal do vencedor que sua vida poderia mudar radicalmente. Muitas cidades, por exemplo, ofereciam um montante fixo, refeições vitalícias no

Além da compreensão do benefício que o atleta vitorioso poderia obter, esses valores podem indicar algo do investimento da pólis nesses festivais. Pensando-se nos números de ânforas de óleo, conforme as propostas de reconstituição da *IG II*² 2311, estima-se um investimento entre US\$ 670.000 (mil ânforas de óleo, equivalente a 12.000 dracmas) e US\$ 1.340.000 (o dobro), considerando apenas o óleo. Entretanto, tal cenário de equivalência só pode fornecer um pálido referencial do real valor do óleo e do vaso panatenaico; já que o exercício de correspondência entre o valor do óleo e do vaso, do dracma e do dólar esbarra num conjunto de fontes fragmentárias e isoladas e na compreensão não muito clara das dinâmicas específicas da economia antiga, além da dificuldade de se estabelecer paridades entre moedas separadas por milhares de anos, cada qual inserida em lógicas econômicas muito distintas.

Esse óleo que a compunha consistentemente a premiação também pode ser considerado uma citação a elementos simbólicos vegetais (o próprio óleo das oliveiras sagradas de Atenas, elemento ligado ao mito de fundação da cidade e o culto da deusa Atena),⁴⁴ como nas coroas dos quatro maiores festivais; e que, compondo tal simbolismo da premiação, além do óleo, num período não bem datado (talvez período helenístico ou romano), os vencedores teriam recebido também uma coroa de ramos de oliveira nas Panatenéias.⁴⁵

Entretanto, o programa competitivo das Grandes Panatenéias apresentava certa variedade de premiação. A partir de algumas fontes,⁴⁶ sabe-se que, no concurso musical, a premiação era em dracmas; enquanto as ânforas panatenaicas eram inseridas nas provas de gímnicas, hípicas e grupais, a composição da premiação era mais variada, sobretudo nas provas grupais: além das ânforas panatenaicas (corrida a

Prinateu, isenção de taxas, assentos honorários em todos os eventos públicos e muitos outros privilégios" (*For example, if the winner of the chariot race sold all the oil he had won, he would receive an amount of money equal to at least 6 years of daily wages. With this, he could buy a large house in the city or a flock of sheep or 15 slaves. It should be noted, however, that the victors in the panhellenic games, including those at Olympic, received greater material gains, even if their prize was only a simple wreath. For a Olympic victory was followed by so many honours and donations from the victor's native city that his life might be radically changed. Many cities, for example, offered large lump-sum payments, dining rights for life in the prytaneion, exemption from taxes, honorary seats at all public events, and many other privileges*).

⁴⁴ Lasseur (1919, p. 42, n. 8) indica a possibilidade de um culto antigo à oliveira desarticulado da deusa Atena, remontando ao século XII a.C., conforme alguns indícios em Creta, e inserido no campo do mito, aproximando-se de Atena, pela ação de Cécrops e de Erictu. Essa interpretação aproxima-se daquela de Mommsen (1898, p. 155), situando a origem do festival atenaico no culto das oliveiras (um ciclo de festas agrárias) e Atena relacionada a ele como uma divindade mais tarde identificada à Atena *Morias*, guardiã das *Moriai*, elemento que remonta o mito de fundação da cidade; ou seja, a oliveira situada no meio de um *agon* mítico entre Posidão e Atena.

⁴⁵ SHEAR, 2001, p. 404.

⁴⁶ Ver *IG II*² 2311 e Aristóteles, *Constituição de Atenas* 60, 1-2.

cavalo, corrida com dois cavalos, procissão de carro com dois cavalos, acertar o alvo a cavalo), eram oferecidos dracmas e um touro (dança pírrica e competição de excelência viril; adicionando-se refeições ao primeiro lugar da prova de corrida de barco e uma hídria ao vencedor da prova individual de corrida de tocha).

Isso mostra que a inserção das ânforas e do óleo panatenaicos era ampla, mas não absoluta como elemento que compunha a premiação nas Grandes Panatenéias; ou seja, se dava num contexto específico de um festival composto por atividades ritualísticas, e se pode dizer que os eventos atléticos eram uma das etapas de maior abertura (participação menos restrita). Nesse sentido, há uma série de atletas participantes provenientes de cidades do Mundo Grego no concurso ali estabelecido.⁴⁷

O termo “concurso” e “jogo” são utilizados de forma praticamente sinonímica para designar os eventos relacionados às provas atléticas das Panatenéias e em outros festivais; entretanto, há certos descompassos. Vidal-Naquet, por exemplo, ao abordar a função de coesão grupal que eventos desse tipo teriam (o *panelenismo*), diz que “Delfos, Dodona, Olímpia, Neméia e Corinto viam se desenrolar a cada quatro anos, concursos que chamamos erroneamente de jogos”,⁴⁸ sem uma argumentação mais detida sobre a viabilidade dos termos. “Concurso”, atualmente, é a tradução mais freqüente para o termo *agōn*, e a recompensa relacionada (o prêmio) como *athlon*; entretanto, a abrangência semântica de ambos apresenta usos similares, compreendendo o âmbito da competição e o seu espaço físico;⁴⁹ havendo, em certos casos, sua articulação:⁵⁰ ambos usados para se referir ao combate e não para discernir o combate, em si, de algum tipo de recompensa relacionada ele. Reforça essa similaridade, os termos *agonoteta* e *atlóteta*, nome dado a determinados oficiais relacionados às competições em vários festivais.⁵¹ Nesse contexto, uma prova pode ser caracterizada como atlética, recuperando o próprio sentido do termo comum nas ânforas panatenaicas; abrangendo-se, inclusive às provas musicais.⁵² Assim, as

⁴⁷ Para as restrições da participação nas Panatenéias, ver MAURIZIO, 1998 e ZHOU, 2010, p. 80 (com bibliografia).

⁴⁸ VIDAL-NAQUET, 2002, p. 96.

⁴⁹ Ver L&S e Bailly, verbetes *athlon*, *athlos* e *agōn*.

⁵⁰ *Aethl'agōnōn* (ver Sófocles, *Traquínias* 506).

⁵¹ *Agōnothetēs* e *athlothetēs* são nomes usados, ao lado de *Hellanodikai*, por Pausânias (5.9.4-6), e são freqüentemente traduzidos como juiz ou árbitro – SCHAUS, 2007, p. 97-8. Para os oficiais das Panatenéias, ver SHEAR, *op. cit.* p. 451-504; especificamente para os *agonotetas* e *atlótetas*, p. 455-62 e p. 472-89.

⁵² *Athlon mousikēs* – IG II 814.

provas grupais, gímnicas e hípicas⁵³ e musicais situadas no âmbito do termo *athlon*; ou seja, todas são provas atléticas.

A estrutura dos eventos atléticos não é tão clara: sabe-se, a partir de fontes variadas, da presença de determinadas provas, da ação organizacional por parte de alguns oficiais que representavam a pólis ateniense e algumas informações sobre a premiação e os premiados.⁵⁴ Entretanto, as fontes são muito lacunares o que impede uma reconstituição precisa do programa atlético ao longo de sua ampla experiência; mas a partir de informações pontuais, pode-se pensar em contextos específicos.⁵⁵

Considerando esse quadro pouco claro do programa atlético, a caracterização do cenário quantitativo das ânforas panatenaicas, que está ligado a uma equação entre certo número de provas atléticas e a quantidade de óleo fornecido pela pólis aos vencedores, é difícil de ser estabelecida. Há apenas uma fonte básica que aparentemente condensa tais informações: uma inscrição apresentando uma lista de premiação para provas atléticas – trata-se da *IG II² 2311* (ver **lista 8** e **fig. 32**).⁵⁶ Tendo em vista a sua grande importância como base dessa discussão, é devido propor uma observação mais consistente dessa inscrição, a partir de três questões críticas: a coerência interna, o grau de limitação de suas informações e sua adequação ao debate quantitativo das ânforas panatenaicas.

Trata-se de uma inscrição gravada sobre uma estela fragmentária de mármore datada da primeira metade do século IV a.C.⁵⁷ São dois fragmentos sem áreas de remontagem. A peça maior tem algumas peculiaridades que é preciso, ao menos, descrever. Ela tem duas faces de quebra expostas acima e abaixo. A parte baixa não é visível dada a reconstituição da continuação da estela e uma base de 58 x 22 cm. Na parte superior, é perceptível um encaixe de grampo na posição da maior ruptura vertical que dividiu a peça de cima a baixo (ver **fig. 33b**). Além disso, na parte traseira (de acabamento grosseiro, bem diferente da superfície alisada sobre a qual ocorre a

⁵³ Ou eqüestres – diferentes denominações da mesma característica, a partir dos termos grego *hippos* e latino *equus* para cavalo.

⁵⁴ Para uma detalhada apresentação do concurso atlético e das fontes, ver SHEAR, 2001, p. 231-376.

⁵⁵ Sabe-se, por exemplo, a partir de “uma passagem de Platão sugere que o programa atlético panatenaico era iniciado pelo *stadion*, seguido pelo *diaulos*, e a corrida hípica, o *dolichos*, e a corrida armada” (... *a passage from Plato suggests that the Panathenaic athletic program opened with the stadion, followed by the diaulos, hippios and dolichos races, and the hoplitodromos came last* – *As leis*, 8.833 a-b).

⁵⁶ *IG II² 2311=IG II 965=SEG³ 1055*, correspondentes a dois fragmentos de estela localizadas no Museu Epigráfico de Atenas (EM 8092 e EM 8070), as quais estudei pessoalmente em agosto de 2008.

⁵⁷ Sobre a datação mais precisa (c. 375 a.C.), mesmo Johnston (1987, p. 125, n. 1) que a propôs indica que não há argumentos tão sólidos para sustentá-la.

inscrição), na altura média, há também um encaixe de grampo (ver **fig. 33c**). Essa estratégia de fixação de duas partes remontadas parece moderna, já que é perceptível no encaixe da parte alta da peça que a superfície do mármore é mais clara, destoando, por exemplo, de outro encaixe lateral esquerdo (ver **fig. 33a**) cuja superfície tem a mesma pátina do restante da peça, o que indica sua provável produção mais antiga. Os encaixes superior e traseiro provavelmente estão ligados ao contexto de achado dessa estela, que não é bem noticiado nos estudos dessa inscrição.

Sobre o contexto de sua produção, algumas informações chamam a atenção. Sabe-se pouco das intenções administrativas às quais ela estaria ligada e se ela era um tipo de texto isolado na época de sua produção ou se é um vestígio isolado. A questão é que sua produção está ligada a uma mudança significativa no quadro produtivo das ânforas panatenaicas, uma situação em que é possível observar claramente as interações entre a administração da cidade que financiava e organizava o festival e a produção dos vasos panatenaicos; dada a inserção sistemática da inscrição com o nome do arconte na época de produção do óleo panatenaico.⁵⁸

A primeira publicação dessa inscrição na série *Inscriptiones Graecae* (IG) deu-se em 1883.⁵⁹ Antes disso, Rangabe aproximou os dois fragmentos de inscrição como provenientes de uma mesma estela,⁶⁰ indicando uma coerência provável não absolutamente comprovada; e elas foram efetivamente observadas como peça única numa publicação de Ulrich Köhler em 1869⁶¹ e integrada na série *Inscriptiones Graecae* (em 1883) como fragmentos de uma mesma peça, mas é preciso indicar que o achado de cada uma foi específico. O fragmento menor foi encontrado antes de 1835⁶² e o maior em 1839.⁶³ Assim, há, pelo menos, quatro anos de diferença entre um achado e outro. Quanto à indicação dos locais de achado, o fragmento maior, indica Rangabe, foi encontrado “a oeste do Pártenon”,⁶⁴ e o menor, “sobre a Acrópole”

⁵⁸ Os vestígios mais antigos com esse tipo de inscrição são datados com certa incerteza em cerca de 392/1 a.C., no arcontado de Fílocles - ver **cat. 386**. O nome de Fílocles é reconstituído a partir de uma inscrição bastante fragmentária (*js arkhēn* → *Philoklejs arkhēn*). Entretanto, como indica Shear (2001, p. 398), o nome do arconte também poderia ser *Euthyklejs* (398/7 a.C.), *Theodotojs* (387/6 a.C.), *Dechitheojs* (385/4 a.C.) ou *Euandrojs* (382/1 a.C.), todos do primeiro quartel do século IV a.C.

⁵⁹ IG II 965.

⁶⁰ RANGABE, 1855, p. 673.

⁶¹ Ver MARTIN, 1886, p. 228.

⁶² Quando foi publicado, ver PITTAKYS, 1835, p. 381 sq.

⁶³ RANGABE, *op. cit.*

⁶⁴ ... à l'ouest du Parthenon (*Idem*).

(ver **mapa 5**),⁶⁵ uma caracterização um tanto generalista tendo a outra informação como referência. Entretanto, Pittakys dá informações mais precisas: ao descrever alguns achados epigráficos em uma escavação na Acrópole, ele diz: “não longe do opistodomo, no meio das ruínas eu encontrei essa outra” (ver **mapa 5**);⁶⁶ trata-se do fragmento em questão. Assim, parece que há certa coerência na localização dos achados.

Essa aproximação foi defendida desde o século XIX e, desde então, não surgiram novos elementos significativos do ponto de vista arqueológico (como um exame petrológico identificando os veios da pedra e outras propriedades físicas desses fragmentos de estela poderiam auxiliar esse debate). As conquistas mais significativas residem no campo da discussão epigráfica: no tocante ao estilo das letras e do conteúdo. Nesse sentido, para a aproximação dos dois fragmentos, a bibliografia considerou outros elementos materiais e, sobretudo a estrutura do texto, além de informações externas. Nas propostas mais antigas de reconstituição⁶⁷ o fragmento com texto relacionado às provas musicais é caracterizado como inscrição “a”, o outro (das provas gímnicas, hípicas e grupais) como “b”, e a posição do fragmento “a” acima do “b”. Levando em conta que a leitura do texto dessa estela é da esquerda para a direita e de cima para baixo, a posição acima colocaria “a” como portadora de um texto com leitura anterior ao de “b”. Além disso, no que se refere ao processo de produção da inscrição, o estabelecimento das duas colunas, a altura do conjunto do texto escrito teria como elemento orientador a informação escrita acima. Do ponto de vista de sua materialidade, o que se tem como indícios claros são as preservações parciais de duas faces laterais do fragmento maior e apenas da parte da superfície lateral esquerda do fragmento menor.

Há vários argumentos favoráveis à coesão dos dois fragmentos como provenientes de uma mesma inscrição. Trata-se do mesmo tipo de pedra (mármore pentélico), o mesmo tipo de acabamento (alisado na superfície da inscrição e nas laterais e com acabamento grosseiro na traseira), a mesma espessura (c. 11 cm). No que se refere à inscrição, o estilo de escrita é o mesmo, tal como as dimensões das letras. Ainda, quanto à forma e o conteúdo literários, trata-se de uma listagem; apesar de conteúdo específico (informações de provas musicais em um e de provas gímnicas, hípicas e grupais no outro).

⁶⁵ ... *sur l'Acropole d'Athènes (ibidem)*.

⁶⁶ ... *non loin de l'Opistodome au milieu des ruines j'ai trouvé cette autre* (PITTAKYS, 1835, p. 381).

⁶⁷ IG II 965, em 1883.

Assim, sabe-se, por exemplo, que a organização em duas colunas apresentada no fragmento maior é realmente ligada ao contexto de sua produção. Mas, sobre a posição do fragmento menor em relação ao maior, pouco se sabe: pode-se situá-lo numa projeção da lateral esquerda da lateral do fragmento maior, mas acima ou abaixo? A que distância? A posição acima, amplamente aceita pelos especialistas, é baseada em um elemento: trata-se de algumas informações a partir de fontes literárias sobre o programa dos concursos nas Grandes Panatenéias que indicam que as provas musicais antecederiam as provas gímnicas, hípicas e grupais; ou seja, o texto estaria conectado à ordem do programa do evento.⁶⁸ Shear comenta que o trecho relativo às provas musicais estaria acima, mas não muito próximo, já que haveria espaço para muitas outras informações das provas musicais.⁶⁹

Tudo isso indica que não se sabe muito sobre a formulação original dessa inscrição (o que foi preservado remete a que parte do texto original?). Além das informações conhecidas sobre o festival, tais projeções aproveitam o quadro proporcional das informações preservadas na inscrição (ver **lista 8**, quadro de proporção). O conteúdo do texto informa valores de premiações em provas musicais e, no caso das provas gímnicas, hípicas e grupais, baseou as propostas de números para a produção de ânforas panatenaicas, geralmente projetando-se tais números para a produção de ânfora panatenaicas no plano diacrônico. Por exemplo, a partir da estimativa de 1.300 ânforas de óleo para cada Grande Panatenéia (seguindo uma tradição próxima de Mommsen), Webster projeta para a produção das últimas oito Grandes Panatenéias do século VI a.C. (mais de cem anos antes da ocorrência da *IG II² 2311*) cerca de 10.400 vasos produzidos. A conta é simples: $8 \times 1.300 = 10.400$.⁷⁰ Da mesma forma, Oakley, que acredita numa produção em torno de 2.000 para cada Grande Panatenéia, propõe cerca de 50.000 (25×2.000) ânforas panatenaicas por século.⁷¹

A primeira proposta mais consistente de reconstituição desses números foi apresentada por Mommsen, que acreditava ser possível, a partir do fragmento de texto disponível, chegar a um número aproximado de 1.400 ânforas de óleo para cada Grande Panatenéia, proposta que continua sendo discutida,⁷² variando entre 700 e

⁶⁸ SHEAR, 2001, p. 390, n. 6. Aqui, ver **nota 54-5**.

⁶⁹ *Idem*. Ver também JOHNSTON, 1987, p. 125; para a apresentação da discussão e de algumas propostas quanto à situação relativa dos dois fragmentos.

⁷⁰ WEBSTER, 1972, p. 3.

⁷¹ OAKLEY, 1992, p. 199-200.

⁷² MOMMSEN, 1889. Ver também JOHNSTON, *op. cit.*; VOS, 1981, p. 41; THEMELIS, 2007, p. 26; KRATZMÜLLER, 2003.

2000 ânforas de óleo.⁷³ Entretanto, há que se considerar que a reconstituição do texto da *IG II² 2311* é ainda problemática dado o seu grau fragmentário, o que interfere diretamente nas propostas do cenário quantitativo que, como visto, é bastante variado.

Outro problema relacionado são as propostas de índice de preservação dos vasos panatenaicos, também variadas.⁷⁴ O complicado é que se lança mão de outro elemento de caracterização pouco clara: a relação entre os objetos repertoriados (fragmentos, vasos fragmentados e vasos integrais) e o número de vasos produzidos. Ou seja, as duas informações básicas para se pensar algum índice de preservação desses vasos não são seguras. O problema é ampliado, quando se pensa que o índice de preservação das ânforas panatenaicas é projetado para se pensar o cenário quantitativo dos vasos áticos com ornamentação pintada produzidos entre o século VI e IV a.C. – uma projeção ao cenário geral. Bentz, por exemplo, diz que o índice de preservação das ânforas panatenaicas “pode certamente ser igualmente aplicado a outros tipos de vasos”.⁷⁵

A correspondência entre o número de ânforas panatenaicas e as “ânforas de óleo” da *IG II² 2311* é problemática, ainda, já que alguns desses vasos (aqueles que portam inscrições de autoria) são considerados modelos ou amostras;⁷⁶ e, aliado a isso, há um problema de referência: a que exatamente se refere às “ânforas de óleo de oliva” (*amphores elaío*) citadas na *IG II² 2311*? O termo “ânforas panatenaicas” ocorre, por exemplo, numa estela do séc. V a.C.;⁷⁷ ou seja, o uso do termo mais geral “ânforas de óleo de oliva” contrasta com a possibilidade do termo específico.

Os números projetados a partir da *IG II² 2311* só foram abertamente relacionados às ânforas panatenaicas depois de Amyx e amplamente seguidos; mas, antes disso, a bibliografia não apresentava necessariamente tal equivalência.⁷⁸ Assim,

⁷³ Ver EDWARDS, 1957, p. 335; para a primeira proposta, e OAKLEY, *op. cit.*, para a segunda. O número de cerca de 700 ânforas de óleo no total é pouco viável se se pensar na *IG II² 2311* e seu estado de conservação. A partir do texto preservado, e recorrendo a certas reconstituições prováveis (levando em conta a recorrência da proporção entre os primeiros e segundos lugares – ver **lista 8**), observa-se claramente 679 ânforas de óleo, e as amplas áreas lacunares sugerem um número maior que 700 ânforas de óleo para suprir as várias provas e posições nesse concurso. Dessa forma, pensa-se, aqui, num número entre 1.000 (1.200) e 2.000 ânforas de óleo, conforma as propostas mais recorrentes na bibliografia (ver SHEAR, 2001, p. 1162-6; para as duas propostas de reconstituição da *IG II² 2311*).

⁷⁴ Por exemplo, 0,2 % (OAKLEY, 1992); 0,4 % (NEILS, 1992); 0,8 % (WEBSTER, 1972); 1,0 % (BENTZ, 2003). Ver STISSI, 2002, p. 26; para as várias propostas.

⁷⁵ ... *peut sûrement s'appliquer à d'autres types de vases également* (BENTZ, 2003, p. 111).

⁷⁶ Ver STISSI, 2002, p. 26, n. 83.

⁷⁷ *Amphores panathenaïkoi* (*IG I³ 422*, linhas 41-60).

⁷⁸ Ver THEMELIS, 2007, p. 28, sobre AMYX, 1958, p. 181. A partir disso, pensou-se em cenários de milhares de vasos panatenaicos para cada Grande Panatenéia (ver **fig. 34**).

sabendo-se que “ânfora” (*metrētēs*)⁷⁹ era uma medida de capacidade e que as dimensões das ânforas panatenaicas variavam bastante (diacronicamente e sincronicamente),⁸⁰ alguns especialistas rejeitam a idéia de esses números serem relativos ao número de ânforas panatenaicas, mas relacionados a outros tipos de vasos de armazenamento.

A partir dos dados recentes, observa-se uma capacidade média das ânforas panatenaicas em torno de 34 litros, uma média a partir de uma variação entre 11,7 litros e 41,4 litros (ver **lista 1.6.2 e 1.6.3**), destoando do *metrētēs* que, cabe dizer, não era uma medida absolutamente fixa. Com isso, há propostas que aproximam a medida “ânfora” da ânfora de tipo B, identificada em vários contextos como um vaso com capacidade controlada; entretanto, as correspondências muito diretas são problemáticas.⁸¹ Assim, a situação da variação dimensional das ânforas panatenaicas e a inserção da ânfora de tipo B na discussão acaba por basear propostas que afastam as ânforas panatenaicas do óleo panatenaico obtido mediante vitória no contexto das Grandes Panatenéias, sobretudo as ânforas panatenaicas tardias; já que, argumenta-se, elas não teriam sido utilizadas como vasos de armazenamento e de transporte.⁸²

⁷⁹ *Metrētēs* é uma medida de líquidos equivalente a ânfora (*metrētēs=amphoreus* – ver L&S, verbete *metrētēs*). Há, ainda, outras formas de vasos correspondentes a medidas como a côtila (*kotyle*) e cóe (*khous*) – 12 côtilas = 1 cóe (3,28 litros) → 12 cóes = 1 *metrētēs* (CLARK, ELSTON & HART, 2002, p. 118). Para a questão da relação entre as ânforas panatenaicas e a medida ânfora, ver LANG & CROSBY, 1964, p.59; e HANNAH, 2001, p. 162.

⁸⁰ As diferenças de dimensões vinham sendo observadas, sobretudo a partir de certos eventos históricos relacionados, é o caso, por exemplo, das ânforas de dimensões menores (ver VOS, 1981, p. 38-46). Entretanto, Hamilton (1992; 1996, p. 138, n. 6) observa que mesmo em produções coesas, de mesma época, há diferenças consideráveis de medidas lineares e conseqüentemente de capacidade desses vasos, muitas vezes do mesmo arcontado. Variação dimensional entre ânforas panatenaicas contemporâneas:

- cat. 397-8, 400:** Polyzelos, 367 a.C. (variação de 13%);
- cat. 412-3:** Charikleides, 363 a.C. (variação de 1%);
- cat. 436-8:** Kallimedes 360 a.C. (variação de 3%);
- cat. 468-70:** Theophrastos 340 a.C. (variação de 4%);
- cat. 475-9:** Pythodelos 336 a.C. (variação de 21%);
- cat. 486-7:** Niketes 332 a.C. (variação de 3%);
- cat. 488-9:** Euthykritos 328 a.C. (variação de 25%);
- cat. 491-3:** Hegesias 324 a.C. (variação de 14%).

Variação de volume de um arcontado para o outro (29%):

- cat. 412-3:** Charikleides 363 a.C.;
- cat. 436-8:** Kallimedes 360 a.C.

⁸¹ Ver TIVERIOS, 2007, p. 13 e THEMELIS, 2007; para os estado recente do debate.

⁸² A partir da interpretação iconográfica e da forma de um vaso singular (a ânfora *Trachones*), Themelis propõe que o armazenamento do óleo panatenaico era feito em ânforas do tipo B e que o transporte do óleo era feito por ânforas de transporte (como a ânfora de tipo pontudo). A partir disso, o autor parte para a argumentação de que as ânforas panatenaicas não teriam sido vasos de transporte, o que seria reforçado dada a sua variação dimensional. Ver

No âmbito da materialidade, Frel diz que os vasos de cerâmica não são bons continentes de óleo, pois têm superfície porosa, havendo certa decomposição da parede interna do vaso e, dessa forma, não seriam bons continentes de armazenamento e transporte.⁸³ Ainda, Eschbach apresenta alguns exemplares com espessura de parede do bojo com 0,2 a 0,4 cm, retomando um outro relatado por Themelis, com menos de 0,2 cm;⁸⁴ e comenta um tipo de reparo feito no contexto da produção, características que inviabilizariam o uso de certo vaso como continente de óleo.⁸⁵

Quanto aos aspectos quantitativos, o número de achados relacionados à produção tardia (correspondente ao III século a.C. e posterior) é de 96 objetos (ver **cat. 845-940**), pouco mais que 10% do total. Mesmo considerando que cada objeto (ou grupos de objetos), no cômputo final, não é equivalente ao número de vasos inteiros aos quais estiveram relacionados na origem e que há ainda muitos fragmentos do Museu do Cerâmico não publicados que podem reorganizar sensivelmente esse cenário, o desnivelamento quantitativo entre a produção posterior ao século III a.C. e a anterior é bastante grande.⁸⁶ Pensa-se, nesse sentido, em tal redução como indicativa de um contexto no qual tais vasos teriam deixado de desempenhar a função de continente de óleo, sendo utilizado como uma espécie de troféu; o que ficaria reforçado com a “ânfora panatenaica” do século IV d.C. (com pedestal vazado – ver **fig. 40**), que indicaria um estágio posterior desse processo de “desinstrumentalização” do vaso. Ainda, parece que a própria inserção de figuras de ânforas panatenaicas sobre vasos áticos, desde o século VI a.C. (sobretudo aquelas situadas no contexto da premiação), não apresentam conjuntos expressivos de vasos panatenaicos, mas um vaso apenas (o vaso isolado), o que reforçaria o aspecto de troféu que esse tipo de vaso poderia ter.⁸⁷ E tudo isso seria ratificado pela existência de várias ânforas

THEMELIS, *op. cit.*, p. 25. Essa interpretação deve ser aliada à medição do óleo, indicada na *Constituição de Atenas* (60, 3), feita pelos tesoureiros antes de repassarem-no aos atlétetas (o verbo utilizado é *apometreō*, medir).

⁸³ FREL, 1973, p. 9, 16 – ver ESCHBACH, 2007, p. 94, n. 19 que retoma tal argumento.

⁸⁴ *Idem*, n. 18.

⁸⁵ ESCHBACH, *op. cit.*, p. 94-5, fig. 7 – Museu do Cerâmico PA 647M (**cat. 681**).

⁸⁶ A queda considerável nos números dos achados após o século IV a.C. é relacionada a um contexto pouco definido quanto às Grandes Panatenéias e conseqüentemente quanto à produção das ânforas panatenaicas (ver BARRINGER, 2003).

⁸⁷ Para um levantamento de figuras de ânforas panatenaicas sobre vasos áticos, ver FRIELINGHAUS, 2001, p. 151.

panatenaicas que não apresentam vestígios de uso, o que as desarticulava da efetiva armazenagem ou transporte do óleo.⁸⁸

Esse cenário acaba propondo ao menos uma relativização das propostas interpretativas sobre o uso e função das ânforas panatenaicas, os números relacionados à sua produção e sua projeção para o quadro produtivo geral da cerâmica ornamentada ática. Assim, qual o papel das ânforas panatenaicas? Onde elas seriam inseridas no processo de premiação?

A relativização de certos tópicos recorrentes nos estudos sobre as ânforas panatenaicas faz pensar na própria inserção do vaso no evento. Ora, o vaso tinha alguma relação com a premiação, mas é cada vez mais difícil entender qual era. Se o vaso tinha a mesma força do próprio óleo no que se refere aos aspectos simbólicos, se ele era apenas continente, ou se era um objeto de referência à premiação. O campo de relação entre o óleo e as ânforas panatenaicas, e as questões simbólicas conseqüentes, para serem bem compreendidos, devem passar pela básica compreensão da relação entre o vaso e o óleo, entre o vaso e a referência à premiação. É óbvio que, com os dados disponíveis, não é possível assumir uma postura radical; entretanto, pode-se pensar nos elementos essenciais e em um campo de tolerâncias no qual se pode transitar com mais segurança.

O afastamento entre as ânforas panatenaicas e o óleo panatenaico têm aceitação limitada e obviamente não encerram a discussão, mas colocam novos elementos importantes para se pensar os paralelismos constantes entre a inscrição *IG II² 2311* e a produção das ânforas panatenaicas. Nesse sentido, é preciso verificar tais propostas, em que medida elas apresentam argumentação pertinente e tomar partido nessa discussão, na medida do possível. Recapitulando, os argumentos são os seguintes: a desarticulação das “ânforas de óleo” da *IG II² 2311* que, pensadas como a medida ânfora (*metrētēs*) são aproximadas da ânfora de tipo B; a caracterização das ânforas panatenaicas como continentes inaptos ao armazenamento de óleo, seja pela porosidade de sua parede interna, seja pela presença de paredes muito finas ou remendos; a redução considerável de exemplares posteriores ao século IV a.C.; as inscrições de autoria que indicariam certos vasos como modelos; a existência de ânforas panatenaicas sem vestígios de uso; e algumas figuras de ânforas panatenaicas em vasos áticos em cena sobre a premiação apresentando apenas um vaso.

⁸⁸ Frel (1973, p. 9 e 1; 1994, p. 28-30) indica que o desgaste da parede interna produzido pelo óleo proporciona uma clara identificação do uso do vaso.

É preciso notar que alguns desses pontos tratam de um afastamento parcial entre o vaso panatenaico e o óleo. Os vasos com inscrição de autoria, por exemplo. A questão é que o sentido específico desse tipo de informação sobre esses vasos é pouco claro (não se pode dizer com certeza que fossem modelos) e, além disso, seria difícil pensar num mesmo sentido válido entre os séculos VI e IV a.C., recorte coerente à incidência dessas inscrições (ver **lista 1.11**). Outro exemplo são os vasos sem vestígio de uso, que contrastam com um grupo de objetos que apresentam vestígios claros de uso. Dessa forma, esse distanciamento entre o vaso panatenaico e o óleo não é absoluto.

Sobre a aptidão dos vasos como continentes de óleo, Koehler diz que havia uma série de formas de preparar a superfície interna de vasos de armazenamento, tapando tais poros, como a adição de borra de óleo, cera, resina e, no caso das ânforas panatenaicas tardias, nelas poderia ter sido usada uma nova técnica: uma camada de verniz que preveniria tal corrosão.⁸⁹ A questão da espessura da parede, por exemplo, é um argumento sem comprovação empírica. Se algumas ânforas panatenaicas do período helenístico não teriam bom desempenho no armazenamento e transporte de óleo, dada a espessura fina de sua parede, vale perguntar: qual a espessura adequada para um vaso de transporte e armazenamento? Esse tipo de colocação deveria ser acompanhada de sua verificação e comparação das medidas de paredes de vasos de transporte e armazenamento e de ânforas panatenaicas. Nesse sentido, pode-se dizer com certeza, que há vários vasos panatenaicos de produção tardia que tem paredes grossas.⁹⁰

Quanto à apresentação do vaso único nas cenas que incluem figuras de ânforas panatenaicas, essa poderia ser uma solução metonímica para a apresentação da premiação, responderia à viabilidade da articulação de um discurso imagético. Um vaso figurado, a partir dessa lógica, remeteria à grande quantidade que o vencedor poderia obter, e não seria necessária a apresentação figurativa de uma grande quantidade de vasos que compunham a premiação, pois a referência à premiação, em seu caráter simbólico, já se satisfazia com a referência figurativamente articulada de um único vaso.

⁸⁹ KOEHLER, 1986, p. 52, n. 15.

⁹⁰ Por exemplo, alguns fragmentos aos quais tive acesso do museu do Cerâmico, indicam uma variação entre 0,4 e 1,5 cm. Vasos de armazenamento e de transporte têm geralmente paredes do bojo espessas, mas há vários casos de paredes finas (ver SAMS, 1994, p. 98 e COOK & DUPONT, 1998, p. 131; ver, ainda, SANDE, 2008, p. 321; para fragmentos reutilizados de ânforas de transporte romanas do período imperial e republicano, com espessura entre 0,6 e 1,2 cm).

Não é possível, como visto, relacionar diretamente a quantidade de ânforas panatenaicas produzidas e as informações a partir da *IG II² 2311*; entretanto, pode-se discutir algum campo de relação, considerando que o vaso panatenaico estava ligado, pelo menos parcialmente, ao armazenamento e transporte do óleo panatenaico; já que há traços de uso causados por óleo em várias ânforas panatenaicas⁹¹ e uma consistente presença de inscrições de arcontado no século IV a.C., indicando certa discriminação dos vasos por cada arconte nos anos anteriores ao festival, o que parece estar conectado ao armazenamento do óleo panatenaico coletado nos arcontados dos anos anteriores às Grande Panatenéias.⁹² Além disso, há uma grande quantidade de ânforas panatenaicas encontradas na Acrópole e no *Pompeion*, locais de armazenamento da premiação; informações que não permitem afastar as ânforas panatenaicas definitivamente da função de continente de óleo.⁹³ Considerando isso, e acreditando que há uma relação entre o vaso panatenaico e o óleo no armazenamento e, provavelmente, no transporte, as informações da *IG II² 2311* podem oferecer um referencial indireto.

A medida ânfora (*metrētēs*) realmente não é coerente à variação de capacidade das ânforas panatenaicas no plano sincrônico e diacrônico;⁹⁴ entretanto, pode-se pensar em mecanismos de controle do conteúdo de óleo e a capacidade dos vasos panatenaicos. Pensa-se, aqui, num uso articulado de vasos (aparelhos). A situação do controle do volume de óleo, frente à variação interna da capacidade de ânforas panatenaicas, poderia ser resolvida pelo uso de um tipo de vaso-medidor padrão, talvez a própria ânfora de tipo B. Tiverios apresenta um vaso provavelmente ligado a essa função: trata-se da ânfora de uma ânfora tipo B com a inscrição *demosios*, indicando a vocação cívica do vaso (ver **fig. 35**).⁹⁵ Sua capacidade (35,5 kg de água) é menor que a comumente aceita para um *metrētēs*,⁹⁶ entretanto, essa não parece ter sido uma medida fixa, e essa variação encontrada na ânfora de tipo B pode indicar a medida de uma ânfora (um *metrētēs*) na época da produção do vaso (c. 510-

⁹¹ Ver FREL, 1973, p. 9 e 16 e 1994, p. 28. Ver, ainda, GARLAN, 1983; para os tipos de exames físico-químicos na identificação de traços de uso pelo óleo em vasos de cerâmica.

⁹² Ver HAMILTON, 1993, p. 237.

⁹³ Ver FREL, *op. cit.*; para os vasos do *Pompeion* sem traços de uso. Ver também, STISSI, 2002, p. 29.

⁹⁴ Ver HAMILTON, 1993 e 1996.

⁹⁵ TIVERIOS, 2007, p. 15-6.

⁹⁶ 39,312 kg de água, aproximadamente 36 kg de óleo de oliva. A massa de óleo é conhecida dada a densidade específica do óleo de oliva proveniente da *olea europaea*, de 0,92 g/cm³. Assim, considerando uma ânfora de óleo de oliva (um *metrētēs*), a massa é equivalente a aproximadamente 36 kg.

500 a.C.).⁹⁷ Com isso, mesmo que o número de ânforas de óleo da IG II² 2311 não seja equivalente à quantidade de ânforas panatenaicas produzidas, pode-se pensar que haveria certa equivalência considerando esse controle externo. Assim, o número fixado em milhares (não sendo possível precisá-lo) é viável para se pensar a produção desse tipo de vaso.

Aceitando-se que o vaso panatenaico poderia ter uma relação prática com o óleo, resta entender qual o significado que essa relação poderia alcançar. A bibliografia transita entre a sua subvalorização na composição do prêmio até o reconhecimento de certa importância.⁹⁸ É devido reconhecer que a interferência da presença física do vaso era bastante forte: era ele que dava forma à premiação, era a sua feição, sua apresentação material. O óleo, por sua característica fluída, dependia de seu continente para sua estabilidade; e, mais que isso, depois do uso do óleo, o vaso poderia permanecer e se tornar um mecanismo de memória do óleo panatenaico e mesmo a memória do evento atlético de expressão ritualística. A forma do vaso, sua ornamentação, sua massa, tudo isso deve ser discutido no plano da premiação, ou seja, no plano da interação entre continente e conteúdo. Com isso, há dois níveis interessantes para se pensar essa constante relação: a constituição simbólica do prêmio e a materialidade do óleo e do vaso conjuntamente. O primeiro nível é situado no debate sobre a circulação do óleo e na interferência do vaso panatenaico nesse contexto; já o segundo, na discussão da caracterização do vaso como prêmio.

Imagina-se, a partir das informações as quais se tem à disposição, que o surto de distribuição quadrienal das ânforas panatenaicas deveria provocar certa alteração na paisagem de Atenas. Obviamente esta não era a única disrupção no cotidiano provocada no contexto das Grandes Panatenéias, já que a cidade preparava-se para os festejos panatenaicos compostos pela procissão, sacrifícios, competições atléticas entre outros; e, dessa forma, a própria circulação do espaço mudava nesse contexto.⁹⁹

⁹⁷ Ver THEMELIS, 2007; para outra ânfora de tipo B, produzida quase um século depois (a ânfora *Trachones*, 420-410 a.C. – Museu do Pireu 7341), também interpretada como ânfora-medida.

⁹⁸ Por exemplo, Shear (2001, p. 404), apoiando-se em Aristóteles e Píndaro, diz que “a ânfora, claramente, não era o verdadeiro prêmio, mas o continente para o óleo sagrado que era a verdadeira recompensa” (... *the amphora, of course, were not the actual prizes but the container for the sacred oil which was the real reward*). Para a apresentação das fontes e sua discussão, ver *Idem*, p. 398-412. Já Hannah, afirma que “embora o verdadeiro prêmio consistisse no óleo contido no vaso, o recipiente era importante, tanto pela forma como pela decoração, que servia para identificar o produto e garantir sua qualidade” (*Although the prize actually consisted of the olive oil inside the vase, the packaging was important, both shape and decoration serving to identify the product and guarantee its fine quality* – HANNAH, 2001, p. 115). Ver VALAVANIS, 1986, para um breve balanço dessa questão.

⁹⁹ Para as relações entre o festival e a topografia de Atenas, ver NUEZ PÉREZ, 2004. Deve-se notar, ainda, que a paisagem de Atenas era marcada consistentemente por alterações

Entretanto, havia elementos mais fixos, como as oliveiras (*Moriai*), que originalmente remontariam a um bosque sagrado na Academia e foram disseminadas pela Ática¹⁰⁰ e compunham um elemento importante da preparação da premiação e conseqüentemente de seu impacto na paisagem.¹⁰¹

Quanto à produção das ânforas panatenaicas, apesar de não se compreender com muita clareza seus números, pensa-se que ela alcançava os milhares de exemplares a cada Grande Panatenéia;¹⁰² objetos que deveriam ser armazenados, transportados de um espaço para outro, no contexto da produção, da preparação da premiação (o provável preenchimento com o óleo) e de seu escoamento (transporte feito pelos vencedores nas provas atléticas ou de eventuais compradores do óleo). Assim, o impacto na paisagem não se resumia ao ambiente da premiação nas Panatenéias, mas já estava presente nas oficinas ceramistas e na preparação da premiação, cujas diretivas estavam ligadas a autoridades da pólis; e, posteriormente, levando em conta que o escoamento desses vasos poderia levar algum tempo.

Tem-se, assim, uma série de informações advindas de fontes de natureza diversa, o que deve ser considerado no seu cotejamento. Elas esclarecem um pouco sobre essa trajetória inicial – produção, utilização em contexto primário e início da dispersão – situações básicas para a compreensão da inserção na paisagem no contexto do evento e do início da sua difusão. No âmbito do festival, um primeiro elemento a ser compreendido é a própria transitoriedade dessa inserção, o que já está inscrito na forma do vaso panatenaico (trata-se de um tipo de ânfora de transporte), o

causadas por inúmeros festejos e por concursos atléticos. Além das Panatenéias no *Hekatombeion*, havia festivais com concursos atléticos no *Metageitnion*, *Pyanepsion*, *Poisedeon*, *Gamelion*, *Anthesterion*, *Elaphebolion*, *Thargelion* e *Skirophorion* (ver KYLE, 1993, p. 168). Para o calendário ateniense, ver SEALEY, 1976, p. 496-8 (com bibliografia).

¹⁰⁰ Ver ROBERTS, 1984, p. 19.

¹⁰¹ Themelis (2007, p. 24-5, n. 3), por exemplo, indica o cenário nebuloso: “O arconte epônimo coleta três hemi-cótilos de óleo de cada oliveira (*stelekhos*) dos proprietários rurais onde as *Moriai* cresciam. (...) Se ‘*stelekhos*’ significar ‘árvore’, então a quantidade de óleo de oliva coletada das *moriai* de toda a Ática (3 hemi-cótilos por árvore) dificilmente poderia suprir a necessidade de mais de 43 toneladas (!) de óleo de oliva para os jogos” (*The eponymus archon collected three hemicotylia of oil from each olive tree (stelechos) from the owners of the land where the sacred moriai grew. (...) If ‘stelechos’ means ‘tree’, then the quantity of olive oil collected from the sacred moriai all over Attica (3 hemicotylia per tree) would hardly be enough to fulfil the need of more than 43 tons(!) of olive oil for the games*). A etapa de colheita era feita a partir da agitação de varinhas sobre os ramos da oliveira proporcionando a queda dos frutos da árvore. Tal estratégia apresentada em figuras de vasos áticos, apesar de haver grande mecanização atualmente, ainda é observável. O processo mecânico atual de colheita do fruto das oliveiras é em grande medida baseado na técnica antiga. Trata-se de uma máquina que tem uma larga vara com pinça na extremidade que agarra um galho da árvore e promove, por meio de motor a combustão, a agitação do galho e conseqüente queda dos frutos maduros. A partir dessa técnica, obtêm-se apenas os frutos maduros, os que caem com a agitação.

¹⁰² Quanto à produção, parece que ela era situada nos três anos precedentes à Grande Panatenéia, conforme indicam as inscrições de arcontes do século IV a.C.

que indica a possibilidade de movimentação em longos percursos que o seu conteúdo poderia experimentar. Além disso, eram objetos criados para a inserção em um evento com duração curta e prevista, e a inserção primária desses vasos respondia à própria efemeridade do evento que supriam.

É comum observar na bibliografia uma preocupação grande com a quantidade de óleo envolvida (seu volume e sua massa, que poderiam alcançar milhares de litros e várias toneladas no conjunto e, em alguns casos, mesmo isoladamente);¹⁰³ mas, considerando que essa massa de óleo circulava em ânforas panatenaicas, a própria massa do vaso coloca um elemento novo para a discussão; já que, quando se fala em armazenamento e circulação, o óleo não pode ser situado isoladamente.¹⁰⁴ A projeção de um cenário provável de dispersão da premiação envolvendo milhares de ânforas panatenaicas cheias de óleo coloca inicialmente uma necessidade de um aparato mecânico de transporte, dada a massa do conjunto de vasos preenchidos com óleo.

Além dos elementos específicos do festival na preparação e entrega da premiação, para a compreensão da trajetória desse tipo de vaso, deve-se considerar a topografia de Atenas, um elemento estrutural que também condicionava a paisagem relacionada ao percurso das ânforas panatenaicas ao longo do tempo, levando em

¹⁰³ Themelis (2007, p. 25, n. 3) fala em mais de 43 toneladas para cada Grande Panatenéia, considerando provavelmente 1.200 ânforas de óleo. O cenário de medidas relacionado ao óleo pode ser descrito a partir das seguintes equivalências: 1 ânfora de óleo = 1 *metrētēs* = 39,4 litros = 36 kg. O cenário para 1.000 ânforas de óleo indica 39.400 litros (36 toneladas) de óleo; e a premiação para o vencedor da corrida de carro no contexto da *IG II² 2311* (140 ânforas de óleo) é equivalente a 5.516 litros (5.040 toneladas) de óleo.

¹⁰⁴ Um estudo sistemático da massa do conjunto de ânforas panatenaicas ainda está por ser feito. Há uma série de problemas, como o acesso a objetos, o seu grau de preservação e as intervenções de restaurações ao longo do tempo que interferem sensivelmente na verificação da massa dos vasos panatenaicos. Tive acesso a um pequeno grupo variado de ânforas panatenaicas do Museu do Louvre o qual pude verificar a massa (cap. – capacidade; mo – massa do óleo; mv – massa do vaso):

cat. 59 – cap.: 37,5 litros – mo.: 34,5 kg – mv.: 9,4 kg (21,4 %) – total: 43,9 kg;
cat. 68 – cap.: 35,4 litros – mo.: 32,6 kg – mv.: 8,2 kg (20,1 %) – total: 40,8 kg;
cat. 119 – cap.: 37,5 litros – mo.: 34,5 kg – mv.: 9,4 kg (21,4 %) – total: 43,9 kg;
cat. 468 – cap.: 36,3 litros – mo.: 33,4 kg – mv.: 9,4 kg (22,0 %) – total: 42,8 kg;
cat. 494 – cap.: 18,9 litros – mo.: 17,4 kg – mv.: 4,8 kg (21,6 %) – total: 22,2 kg;
cat. 503 – cap.: 19,1 litros – mo.: 17,6 kg – mv.: 4,9 kg (21,7 %) – total: 22,5 kg.

Em todos os casos, nota-se que a massa do vaso é equivalente a cerca de 21% da massa do óleo, considerando-se vasos isolados, produzidos entre o último quartel do século VI e 321/0 a.C. Entretanto, a massa desses vasos só apresenta um referencial aproximado, já que todos eles sofreram inclusões no processo de restauração o que interfere na massa final do objeto. Esperando por uma apresentação mais ampla e sistemática desses dados, é preciso notar que, mesmo com as inclusões relacionadas ao processo de restauração, nota-se certa recorrência proporcional da massa do vaso, se relacionada à massa do provável conjunto óleo-vaso (cerca de 21 % da massa). E, sobre a quantidade dos dados apresentados (apenas seis vasos medidos), é preciso lembrar que a discussão sobre a capacidade dos vasos panatenaicos até BENTZ (1998) era baseada na capacidade de seis vasos da Ágora de Atenas situados entre 566 e 403 a.C. (ver, por exemplo, LANG & CROSBY, 1964).

conta as possíveis modificações de terreno ao longo do tempo, sobretudo no caso de Atenas, em uma região de grande impacto urbano. Entretanto, algumas referências fixas, como a base dos edifícios antigos, topos e bases de montes e a própria redução da altitude tendendo a zero (nível do mar) na região do Pireu são elementos que não foram modificados ao longo do tempo. Assim, a difusão desses vasos cheios de óleo estava ligada a necessidade imediata de transposição até um porto disponível, como o Pireu, localizado a cerca de oito quilômetros da região da Acrópole de Atenas. Há um declive topográfico desde a região da Acrópole, Licabeto e Coridalos, onde a altitude variava de c. 140 a 450 m (139 m é a altitude aproximada para o topo da Acrópole, e a da base é c. 100 m),¹⁰⁵ atenuando-se até o Pireu. A metade do caminho entre a Acrópole e o Pireu, direcionado pelos grandes muros (o norte e o intermediário)¹⁰⁶ é caracterizada pela altitude de 10 m (ver **mapa 6**).¹⁰⁷

Já no porto do Pireu, pode-se pensar no acondicionamento em embarcações de onde seriam novamente retiradas em contextos não bem definidos (o local e origem do vencedor ou algum mercado onde o óleo poderia ser vendido). Assim, considerando as dezenas ou centenas de vasos cheios de óleo compondo a premiação isolada, esse era um esforço para vários homens e animais de tração. Assim, em locais diferentes, o dono das várias ânforas cheias de óleo deveria mobilizar esforços não conhecidos detalhadamente para encaminhar a premiação que obteve, seja lá qual fosse o destino almejado. E essa projeção pode também ser pensada em trajetos por terra, onde um grande esforço de tração deveria ser feito para o seu deslocamento.¹⁰⁸

O restante da trajetória estava ligada a interesses variados. Pode-se pensar na sua projeção pelo mar, mas o caminho não é linear; ou seja, não havia necessariamente uma linha entre pólo de produção e uso primário dos vasos (Ática) e local de achado; já que tais percursos estavam ligados a dinâmicas não previstas, mas parcialmente delimitadas. Um elemento importante para se pensar nessa situação geográfica, relacionada à paisagem, que descrevia o uso desse tipo de vaso já em

¹⁰⁵ Para as altitudes, ver WELLER, 1924, p. 18, fig. 13, aferido a partir do *Google Earth*.

¹⁰⁶ Para os grandes muros norte, sul e intermediário (descrição e cronologia), ver SOUZA, 2008, p. 683-9.

¹⁰⁷ A Acrópole de Atenas é indicada por Aristóteles (*Constituição de Atenas* 60, 3) como local de armazenamento do óleo panatenaico, no século IV a.C. Provavelmente, logo depois o espaço de armazenamento foi substituído pelo *Pompeion* (no Cerâmico). É o que indica a maior parte dos achados nesse edifício (fragmentos de vasos panatenaicos sem indícios de uso como continentes de óleo – ver FREL, 1973, p. 16). Ver, ainda, POUNDER, 1983, p. 250-1; para o *Pompeion* e depois o Arsenal (na Ágora) como espaços de armazenamento do óleo e vasos panatenaicos.

¹⁰⁸ Para a preferencial opção pelo mar para o deslocamento de produtos, ver CASSON, 1994.

contexto secundário são determinadas dinâmicas no Mediterrâneo. Os contornos da dispersão desse tipo de vaso (observados a partir dos espaços de sua imobilização-rejeição – ver **mapa 2**) são amplamente relacionados às delimitações politico-culturais do Mundo Grego, acompanhando-se suas mudanças.¹⁰⁹

É importante notar que o comércio de óleo panatenaico não era absolutamente isolado e que, possivelmente, estava ligado ao suprimento de certas necessidades ritualísticas ou não,¹¹⁰ que estruturavam relações comerciais amplamente tradicionais no Mediterrâneo; datadas, pelo menos, do terceiro milênio a.C.¹¹¹ É claro que o valor específico do óleo panatenaico apresenta um dado novo nesse contexto. Sabe-se, por exemplo, que o óleo panatenaico valia, em determinado contexto, três vezes mais que o óleo comum (ver aqui, **nota 42**); e Plínio comentou a boa reputação do perfume obtido a partir do óleo panatenaico.¹¹²

Pensar nessas ações práticas relacionadas ao início da dispersão desses objetos enseja a discussão do interesse em transportar grandes quantidades de ânforas panatenaicas cheias de óleo. Como visto, havia uma série de necessidades básicas para a movimentação desses conjuntos de vaso cheios de óleo. No contexto da produção, do armazenamento e entrega da premiação, o esforço mobilizado estava ligado à ação administrativa; mas, fora disso, o esforço relacionado à sua movimentação era provavelmente responsabilidade do atleta. Dessa forma, estabelecer a comercialização dos vasos cheios de óleo ali mesmo em Atenas poderia parecer uma estratégia interessante.¹¹³ A observação da proporção de achados fora de Atenas parece indicar essa possibilidade: ali, foram encontrados cerca de 47,5 %

¹⁰⁹ Ver KOTSIDU, 2001 (com bibliografia); para a situação da dispersão dos vasos panatenaicos.

¹¹⁰ Por exemplo, o óleo panatenaico evidentemente relacionado ao culto de Atena, poderia ser consumido como alimento e como produto importante utilizado pelos atletas nas práticas esportivas (ver LASSEUR, 1919, p. 42, n. 8).

¹¹¹ Sobre a presença das oliveiras, há vestígios desde o Neolítico em Creta (tratavam-se de oliveiras selvagens), mas a explicação mais consistente para a propagação e domesticação das oliveiras na região da Grécia é a sua vinda a partir do Oriente próximo. O próprio nome (*elaia*, do grego, e *oleum*, do latim) parece ter derivado do termo semítico *ulu*. O cultivo mais antigo é identificado em Creta (c. 2.500 a.C.), época em que, muito provavelmente, já havia um comércio de óleo articulado, por exemplo, com exportação para o Egito (para a produção de óleo de oliva na Antiguidade, ver DALBY, 2003, p. 239 (com bibliografia) e SALLARES, 1991, p. 304-9. Para o histórico do cultivo de oliveiras na Grécia, sobretudo na Ática, ver SALLARES, *op. cit.* e FORBES, 1965, p. 101-4).

¹¹² *História Natural* 13, 2, 6. Ainda, é interessante notar que as oliveiras sagradas (as *Moriai*) eram protegidas por lei (ver Lísias 7, discurso sobre um cepo). Por exemplo, Aristóteles (*Constituição de Atenas* 60, 2) comenta que numa época anterior quem derrubasse uma oliveira sagrada poderia ser condenado à morte. Para as leis de proteção das *Moriai*, ver PAPAZARKADAS, 2011, p. 260-84.

¹¹³ Para a comercialização de óleo, ver KEPHALIDOU, 2001, p. 15, n. 27 (com bibliografia).

dos objetos repertoriados e, pensando na Grécia, 73,3 %; o que contrasta com o número de achados no resto do Mediterrâneo (ver **lista 1.3.2**). Webster, ao comentar a situação da *Burgon amphora*, diz que este poderia ser um vaso mantido pelo atleta para futuramente ser utilizado como sua urna;¹¹⁴ uma interpretação bastante expeculativa, que indica uma possibilidade importante para se pensar a trajetória dos vasos panatenaicos: a manutenção relacionada ao interesse do atleta poderia ser parcial; ou seja, o atleta poderia vender grande ou menor parte dos vasos com óleo e conservar uma parte consigo.

Os elementos específicos da difusão mais ampla desse conjunto vaso-óleo são pouco claros. Há algumas listas de vencedores nas Panatenéias, que permitem precisar, em alguns casos, o percurso da premiação; mas há que se considerar que o local de origem do vencedor não é necessariamente o ponto de chegada do vaso, já que, como visto, muito desses vasos poderiam ser adquiridos num comércio ligado ao óleo e, dessa forma, a origem do atleta vencedor não define necessariamente os espaços de uso secundário e imobilização desses vasos. Aliás, a constatação de contextos certamente ligados à imobilização de ânforas panatenaicas coerente a uma provável ação de um atleta vitorioso ou mais diretamente ligada a ele é bem rara.

Para compor um cenário da trajetória das ânforas panatenaicas depois de seu uso em contexto primário, recorre-se, ainda, às informações relacionadas à proveniência desses vasos, sejam aquelas de contexto arqueológico mais bem definidos (situação no sítio, relação com outros objetos etc.), mas também alguns dados mais genéricos como a região de proveniência, lembrando que muitos desses vasos não possuem informações mais detidas sobre seu achado (ver **lista 1.3.1 e 1.3.2**); e também indicações em inscrições e fontes literárias.

Sabe-se do caso de Teaios de Argos, filho de Ulías, um vencedor de luta em concursos relacionados a vários festivais pan-helênicos e nas Panatenéias,¹¹⁵ que teria (no segundo quartel do século V a. C.) levado para Argos o óleo panatenaico que obtivera mediante vitória na prova de luta, em “vasos ricamente decorados”.¹¹⁶ Ou seja, um exemplo bem datado, com o indivíduo ganhador (conhece-se inclusive a prova) e provável local de chegada dos vasos que são caracterizados por Píndaro

¹¹⁴ WEBSTER, 1972, p. 285. A tumba em que foi encontrada a *Burgon amphora* parece ter sido composta por mais quatro vasos panatenaicos que, segundo conta o próprio Thomas Burgon em uma carta, foram destruídos no curso da escavação (ver BRÖNDSTED, 1932, p. 111).

¹¹⁵ Segundo Píndaro (*Nemeanas*), Teaios (membro de uma família de atletas vencedores – 39) fora vencedor na Hecatombéia em Argos, nos jogos píticos, nemeus e ístmicos (25-6), além do panatenaico (30-6), e se preparava para o olímpico (29-30).

¹¹⁶ *Angeōn herkesin pampoikilois* (*Idem*, 10, 35).

como continentes de óleo; entretanto, tal indicação contrasta com a ausência de achados de ânforas panatenaicas em Argos.

Em Atenas, há o caso do político, general e atleta Alcibíades (451/0 a 404/3 a.C.). Em 416 a.C., segundo Tucídides, quando ele participou com sete carros na prova de corrida de carro em Olímpia, alcançou os primeiro, segundo e quarto lugares.¹¹⁷ Sabe-se, também, que ele participou, nessa mesma prova, dos concursos de Delfos, Neméia e Atenas, onde ele teria concorrido numa Panatenéia em 418 a.C.¹¹⁸ Em 415 a.C., depois de ser acusado de profanação de estátuas de Hermes e dos mistérios de Eleusis, e de ter desertado depois de uma incursão militar na Sicília, fugindo para Esparta, ele teve seu espólio colocado à disposição da cidade de Atenas, conforme inscrição datada de 414-3 a.C.,¹¹⁹ que apresenta o espólio de Alcibíades à venda (*IG I*³ 422, 41-60), na qual, a partir das passagens preservadas, nota-se 102 ânforas panatenaicas à venda, com preço sugerido de três óbulos (meio dracma) cada uma.¹²⁰ Pode-se pensar na especificidade desse conjunto, já que (como visto) há notícias do grande envolvimento de Alcibíades no concurso de corrida de carros, o que sugere que esses vasos, se obtidos pelo próprio Alcibíades, ou por sua influência, sejam relacionados a essa prova;¹²¹ e o número de ânforas panatenaicas apresentadas na inscrição indica certa coerência com o número de ânforas de óleo oferecidas para o vencedor da corrida de carro, se se tomar como base a *IG II*² 2311, de cronologia pouco posterior (ver **lista 8**).

A compreensão da trajetória dos vasos panatenaicos posterior às Panatenéias, nos casos de Teaios e Alcibíades, é reconstituída a partir de informações textuais e não há elementos seguros para estabelecer relações diretas com os objetos remanescentes; mas é possível, a partir dos próprios vasos panatenaicos, pensar em trajetórias especificando inclusive o responsável pela dispersão. Por exemplo, Frel comenta a situação de vários fragmentos de ânforas panatenaicas encontradas em Rodes (ver **cat. 514**) com indício de uso (traços de corrosão da parede interna a partir de contato com óleo) relacionadas à vitória de Nicágoras.¹²² Elas são de 316/5 a.C. (arcontado de Democleides) e provavelmente obtidas por Nicágoras em 313/2, e

¹¹⁷ Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, 6, 16, 2.

¹¹⁸ KYLE, 2007, p. 175.

¹¹⁹ KYLE, 1993, p. 195-6.

¹²⁰ *IG I*³ 422.21 41-60.

¹²¹ Sobre Alcibíades, ver ELLIS, 1989; para sua participação nos concursos pan-helênicos, ver KYLE, 2007, p. 192-4; para a estela com o espólio de Alcibíades, ver MORRIS, 1996, p. 119 (com bibliografia); e SHEAR, 2001, p. 400, n. 37.

¹²² FREL, 1994, p. 28.

possuem inscrições com o nome desse atleta (grafite sobre fragmentos de ânforas panatenaicas com figuras de corrida de carro, prova em que ele ganhou prêmios em vários festivais gregos).¹²³ Há, nesse caso, local de achado razoavelmente bem definido, cronologia da produção e da utilização em contexto primário, elementos que podem fornecer informações do cenário de transição do contexto primário ao secundário, de forma mais ampla (situados, geograficamente entre Atenas e Rodas) ou mais específica (a participação de Nicágoras em determinado evento e a transposição, manutenção e deposição de ânforas panatenaicas provavelmente ligados a seu interesse, o que permite pensar em ações individuais). Frel e Valavanis acreditam que a deposição desses vasos panatenaicos teria sido feita pelo próprio atleta,¹²⁴ o que seria bem difícil de comprovar; já que, o grafite com o nome de Nicágoras não apresenta a fórmula “dedicou” (*anethēken*).¹²⁵ Mesmo sem a comprovação mais estrita da deposição por Nicágoras, todos os outros elementos indicam um cenário bastante coerente entre os contextos primário e secundário.

Outra possibilidade de mapeamento dá-se a partir das poucas listas de vencedores. Trata-se de algumas inscrições fragmentárias datadas do final do século III e II a.C. (entre 202 a 142/1 a.C.).¹²⁶ Apenas uma delas é fisicamente acessível;¹²⁷ as outras são conhecidas a partir de sua transcrição, mas não se sabe de suas localizações atualmente. Tracy, que apresenta esse cenário, diz que a *IG II² 2313* tinha sido redescoberta num museu italiano em Pesaro, e discute uma nova inscrição com lista de vitoriosos sem referência (até 1991) na série *Inscriptiones Graecae*.¹²⁸ Há, ainda, algumas informações esparsas, como a inscrição *IG I² 472*, uma dedicatória dos Alcmeônides a *Ptoion*, que cita sua vitória na Grande Panatenéia de 546 a.C.,¹²⁹ e outras tantas informações pontuais em fontes literárias. (existem também inscrições dedicatórias com nomes de atletas vitoriosos).¹³⁰

As listas de vencedores citadas indicam uma variedade de locais de proveniência dos vencedores: Magna Grécia e Itália (Ligúria); Colônias gregas ocidentais (Corcira); Grécia continental (Épiro, Beócia, Atenas, Sicião, Corinto, Argos,

¹²³ *Idem*. Trata-se de um conjunto de fragmentos possivelmente de 14 ânforas panatenaicas ainda não publicadas (ver BENTZ, 1998, p. 76, n. 399 e nº 4.125).

¹²⁴ HAMILTON, 1996, p. 142, n. 43.

¹²⁵ *Idem*.

¹²⁶ *IG II² 2313, 2314, 2315, 2316 e 2317*.

¹²⁷ *IG II², 2314* – Atenas, Museu Epigráfico.

¹²⁸ TRACY, 1991, p. 136-7. já publicado como *SEG XLI 115* – conforme SHEAR, 2007, p. 135.

¹²⁹ Ver KYLE, 1993, p. 148, n. 155.

¹³⁰ Ver THEMELIS, 2007, p. 30-1); ver, ainda, TRACY & HABICHT, 1991.

Messênia, Lacônia); Ilhas gregas (Tenos, Tenedos, Samos, Cós); Ásia Menor (Cime, Sílion, Esmirna, Eritrea [Litri], Cólofon, Éfeso, Magnésia [Maiandros], Alabanda [Antióquia *Chrysaoron*], Milas, Mindos, Halicarnasso); Sul da Turquia (Gagai [Lícia], Zéfiro [Cilícia], Antióquia [Cídmo, Tarso], Antióquia [Píramo, Magárso/Malo]); Chipre (Cítio, Carpas); Norte da África (Ptolemais/Barka, Cirene, Alexandria); Oriente Próximo (Antioquia [prox. Dafne [Orontes]; Laodicéia [Síria]; Laodicéia na Fenícia [Berito], Sídon, Tiro, Antioquia [Mygdonios, Nisibis], Seleucéia [Tigre]).¹³¹

Baseando-se nessas listas de vencedores e na identificação das proveniências desses atletas, percebe-se que vários locais identificados não são locais de achado de ânforas panatenaicas para esse período, que são Atenas, Olbia, Corinto, Alexandria, Delos/Renéia, Cirenaica e Pérgamo; mas há coincidências, como em Atenas, Corinto, Cirene, Alexandria e Pérgamo. Se se pensar nos concorrentes membros da realza, percebe-se uma consistente participação dos Ptolomeus, Atalidas e Selêucidas nas Panatenéias. Em alguns casos, é possível pensar nas vitórias, a obtenção de vasos panatenaicos e os achados de Alexandria no cemitério Hadra (ver **cat. 867-9**) e o de Pérgamo (**cat. 932**), coerentes cronologicamente,¹³² indicando as possíveis trajetórias Atenas → Alexandria e Atenas → Pérgamo, conduzidas por esses concorrentes da realza.

Ainda, há casos onde não se pode delimitar o indivíduo precisamente, mas a transição para o contexto secundário; por exemplo, grupos de ânforas panatenaicas encontradas com a mesma prova figurada (por exemplo, as encontradas em Atenas (*Lembessi-Porinou*), com a figuração da corrida armada e em uma casa na Erétria, provavelmente obtidas por um lutador numa Panatenéia em 358 a.C.); todos apresentando traços de uso, diferente alguns encontrados em grande quantidade no *Pompeion*, provável espaço de armazenamento de ânfora panatenaicas no período

¹³¹ Ver SHEAR, 2007.

¹³² Essas inscrições apresentam 55 nomes de vitoriosos em duas provas hípicas, e se pode verificar a presença maciça de vencedores Ptolomeus e Atalidas (ou ligados a eles): em 202 a.C. (*IG II² 2313*), Zeuxo, Eucratéia e Hermione (?), filhas de Polícrates de Argos, um ministro dos Ptolomeus; e em 198 a.C., Polícrates de Argos, Zeuxo de Cirene (sua esposa); em 182 a.C. (*IG II² 2314*), príncipe Átalo, rei Eumenes, príncipe Filetairo, príncipe Atenaio e Hermione (filha de Polícrates); em 170 a.C. (*SEG XLI 115*), Irene de Alexandria, Olímpio de Esparta (cujo irmão estava a serviço de Ptolomeu VI), rei Eumenes e o príncipe Átalo; e em 162 a.C., Agatocléia (filha de um embaixador ptolomaico), rainha Cleópatra II, rei Eumenes e rei Ptolomeu VI; em 158 a.C. (*IG II² 2316*), príncipe Mastanabal da Numídia e o rei Ptolomeu VI; e em 150 ou 146 a.C. (*IG II² 2317*) Rei Alexandre (Balas)? – Ver TRACY, 1991, p. 144-5.

helenístico e posterior,¹³³ geralmente interpretados como vasos excedentes, não ofertados aos atletas;¹³⁴ ou seja, não teriam cumprido a função em contexto primário.

Outro exemplo bastante retomado pela bibliografia é o de quatro ânforas panatenaicas relacionadas a um atleta (?) tarentino, encontradas numa tumba como mobiliário funerário (ladeando as quinas de um sarcófago).¹³⁵ E haveria, nesse sentido, uma conexão entre obtenção mediante vitória no concurso panatenaico, a manutenção de vasos panatenaicos pelo mesmo atleta e a sua imobilização (também relacionada a ele) em contexto funerário; assim, uma trajetória bem definida. Entretanto, Frel discorda dessa interpretação, já que o repertório das provas figuradas nesses vasos panatenaicos é variada (pentatlo, corrida de carro e boxe), incompatível com a experiência dos atletas naquele contexto, altamente especializados,¹³⁶ como os casos de Nicágoras, Teaios e Alcibíades acima apresentados.

Geralmente, as ânforas panatenaicas encontradas em contexto funerário apresentam traços de uso,¹³⁷ diferente dessas encontradas em Tarento. Assim, o grupo variado de provas atléticas apresentadas e o não-uso dos vasos como continente de óleo (é o que indica o exame da superfície interna) parece afastá-los de um exemplo de trajetória linear entre obtenção em contexto primário (as Panatenéias) e imobilização em contexto secundário (como mobiliário funerário). Com isso, a imobilização desses vasos nessa tumba tarantina não parece estar ligada à aquisição direta nos jogos panatenaicos; e nem mesmo indireto (relacionado à comercialização do óleo panatenaico). Esse parece um exemplo de aquisição do vaso a partir do interesse pelo próprio vaso.¹³⁸

Mais que apenas aferir as trajetórias desses vasos, tal discussão é essencial para a argumentação na distinção entre contexto primário e secundário e os aspectos tradicionais envolvidos. Como visto, a mediação entre esses contextos teria o atleta vitorioso como agente principal. Entretanto, há claros indícios de vasos panatenaicos sem uso. Aqueles encontrados no *Pompeion*,¹³⁹ seriam explicados pela retenção em contexto, pode-se dizer, “pré-primário”; ou seja, eles não chegaram a cumprir a função

¹³³ O provável armazenamento no *Pompeion* teria sido finalizado por ocasião de sua destruição por Sulla em 86 a.C., o que é coerente ao desaparecimento das ânforas panatenaicas com cronologia posterior a isso no registro arqueológico (FREL, 1973, p. 17)

¹³⁴ FREL, 1973, p. 16.

¹³⁵ Ver LO PORTO, 1967, p. 82 e sq. (cat. 130-3).

¹³⁶ FREL, 1994, p. 28.

¹³⁷ *Idem*.

¹³⁸ O vaso com remendo ou com paredes muito finas poderiam ter suprido esse tipo de interesse sobre as ânforas panatenaicas, desarticulado do óleo e das Grandes Panatenéias.

¹³⁹ FREL, 1973, p. 7, 16-7 e 1994, p. 28 e 31, n. 20.

prevista (seja por que fossem excedentes ou por que teriam sido danificados ali na região de seu armazenamento antes da preparação da premiação).¹⁴⁰ Entretanto, o achado de vasos panatenaicos não utilizados como continente de óleo em contextos alheios, como o caso da tumba tarantina, indica que a obtenção mediante vitória no concurso panatenaico não era a única forma de obtenção direta do vaso; e se pode pensar em formas alternativas, como a negociação direta entre artesão e comprador, eliminando-se intermediários. Ou seja, uma situação que não envolveria a pólis ateniense como mediadora, nem mesmo a inserção nas Panatenéias.

A própria noção de contexto primário e secundário, como apresentada, torna-se relativa já que o uso previsto das ânforas panatenaicas não se restringiria à inserção nas Panatenéias (pensando-o como continente de óleo) e a sua difusão também poderia estar incluída numa dinâmica primária de inserção (um tipo de encomenda desarticulada do festival panatenaico). Além disso, nota-se que o controle mais rígido por parte da administração do concurso estaria relacionado ao óleo (coleta, armazenamento e distribuição) e a parte dos vasos panatenaicos e conseqüentemente, o conhecimento estrito do número do número de ânforas panatenaicas produzidas torna-se menos claro, já que mesmo que se confie na lista dos prêmios (como a *IG II² 2311*), a quantidade de vasos produzidos talvez não fosse restrito ao universo tratado ali. Assim, a caracterização da ânfora panatenaica como vaso-prêmio deve ser revista como definição absoluta; pois, a situação do vaso panatenaico, fortemente ligada ao óleo panatenaico, poderia também ser independente dele.

Com isso, pensa-se em dois tipos básicos de trajetória às quais esses vasos poderiam estar ligados. O primeiro, ligado às Grandes Panatenéias: 1) a produção excedente ou danificada em contexto “pré-primário”, com uso projetado para as Grandes Panatenéias, mas não inserida nesse evento; 2) a manutenção dos vasos relacionada ao interesse do atleta que os obteve nas Grandes Panatenéias como continentes do óleo-prêmio; 3) sua aquisição relacionada ao comércio de óleo (as trajetórias 2 e 3 poderiam ocorrer mecladas, pensando-se na manutenção de parte do conjunto vaso-óleo pelo atleta e a comercialização do restante) e 4) a aquisição do vaso, não mais relacionado ao óleo; portanto, de segunda mão. O segundo tipo de trajetória tem a descrição mais simples: ela seria desarticulada das Grandes Panatenéias e do óleo panatenaico, e baseado no interesse pelo vaso e sua comercialização não mediada pela pólis ateniense ou por atletas vitoriosos.

* * *

¹⁴⁰ Ver, aqui, **nota 93**.

O termo *ânfora-prêmio* já era comum no século XIX¹⁴¹ e é ainda bastante utilizado;¹⁴² entretanto, ele tem que ser discutido mais detalhadamente quanto à sua viabilidade como um nome arqueológico e a consistência de seu uso na bibliografia. No que se refere à seu uso na bibliografia recente, as propostas são variadas. Sua identificação às “ânforas de óleo” da *IG II² 2311* o relaciona ao contexto da premiação. Por exemplo, Valavanis, ao comentar a *IG II² 2311*, diz que os prêmios entregues nos eventos atléticos “eram ânforas de óleo – isto é, ânforas panatenaicas”.¹⁴³ De outra forma, Shapiro que também usa o termo “ânfora-prêmio”, diz que “o Estado comissiona esses vasos que claramente não eram o próprio prêmio, mas continentes do óleo de oliva-prêmio”.¹⁴⁴ Com isso, parece, quando se pensa em ânfora-prêmio, o campo semântico é aberto, e a compreensão da participação do vaso na composição do prêmio não é bem definido.

Nessa discussão, o conceito de “prêmio” geralmente é relacionado ao termo grego *athlon*, que carrega consigo uma pluralidade semântica composta por, além do sentido de “prêmio obtido numa competição”, a própria “competição” e seu “espaço”;¹⁴⁵ de onde se observa que, na concepção grega, essa dimensão do prêmio está amplamente ligada a seu aspecto competitivo. Esse termo aparece no tipo mais recorrente de inscrição das ânforas panatenaicas (*ton athenethen **athlon***) e, apesar de sua tradução não ser tão clara, dados os significados possíveis, ela é muito consistentemente fixada no âmbito do prêmio: “um prêmio dos jogos de Atenas”, “um prêmio de Atenas” ou “dos jogos de Atenas” (note-se que a primeira proposta carrega nela a duplicidade expressa do termo *athlon*).¹⁴⁶ Na sua acepção como prêmio, *athlon* é associado ao termo *nikētērion*, e sendo diretamente identificado ao vaso que porta a inscrição que contém a partícula *athlon*; assim, o vaso prêmio.¹⁴⁷

Do ponto de vista sociológico, a obtenção do prêmio implica na existência de duas partes distintas: aquela responsável pela premiação (no caso, a administração do

¹⁴¹ Por exemplo, ver BURGON, 1847, p. 278.

¹⁴² Está no título do estudo de Bentz (1998), por exemplo.

¹⁴³ ...were ‘amphoras of oil’ – that is, Panathenaic amphoras (VALAVANIS, 2007, p. 370).

¹⁴⁴ State commissions for these vases, which of course were not the prize itself, but only containers of the prize olive oil (SHAPIRO, 1998, p. 18).

¹⁴⁵ Ver L&S, verbete *athlon*.

¹⁴⁶ Ver FRANCISCO, 2008, p. 157; para as possíveis traduções e seu uso na bibliografia.

¹⁴⁷ A caracterização do prêmio é constantemente apresentada no nominativo plural(-neutro): *ta athla*, *ta nikētēria* (ver L&S, verbete *nikētērios*). *Athlon/athlos* podem denominar a premiação, a própria disputa e o espaço físico onde ela ocorria, na forma como aparece sobre as ânforas panatenaicas (genitivo, neutro, plural), parece estar relacionado ao sentido “prêmio”. Para uma discussão do termo, ver IMMERWAR, 1990, p. 183-5 e HANNAH, 2001, p. 163-6.

festival panatenaico) e aquela que recebe (aqui, o atleta), e a relação entre elas é mediada por regras estabelecidas por uma das partes e seguida pela outra. Ou seja, o prêmio consolidado é a expressão material da aceitação e concordância entre tais partes. Nesse contexto, o prêmio pode ser observado como um elemento de distinção do vencedor no quadro dos concorrentes e sua materialização pode ser marcada por um alto grau simbólico (a própria idéia do troféu) e (ou) pecuniário (um “atrativo”), o que pode revelar algo da popularidade do evento em que o evento está inserido.¹⁴⁸ O prêmio, ainda, pode ser inserido no campo da memória da vitória e do próprio evento em que foi adquirido.

Cabe dizer, o vaso, para ser considerado prêmio, deve ter participado dessa situação; ou seja, ele não é naturalmente prêmio, mas a sua inserção em determinado evento mediado pelas relações acima indicadas é que o definem como tal. Fora disso, mesmo que situado no âmbito do troféu, ele não pode ser caracterizado como prêmio. Com isso, a discussão metodológica deve ocupar-se da observação dos indícios dessa participação no evento. No caso das Grandes Panatenéias, se o prêmio é claramente indicado como o óleo,¹⁴⁹ o exame da superfície interna dos vasos panatenaicos¹⁵⁰ é essencial.

¹⁴⁸ Ver BASU, 2000, p. 84, para uma caracterização geral do conceito de prêmio; e KYLE, 1996, p. 106-8, para a discussão do termo e sua aplicação no contexto do atletismo antigo.

¹⁴⁹ As referências mais explícitas são a *IG II²* 2311 (que, apesar de toda discussão apresentada, indica claramente o óleo como prêmio no concurso hípico e ginástico), *A Constituição de Atenas* de Aristóteles (na qual é indicado o tipo de prêmio: “óleo para os atletas” – *elaion tois athlêtais* [60,1] e *elaion* é aproximado do termo *athla* [60, 3]) e as *Nemeanas* de Píndaro (o prêmio das Panatenéias é o óleo: “o fruto das oliveiras – *karpos elaias* [10, 35]). No caso de Píndaro e de Aristóteles, o vaso (*amphoreus* e *angeion*) é claramente instrumentalizado.

¹⁵⁰ Conforme FREL, 1973 e 1994.

PANATENAICAS IV

O universo panatenaico

Esta última parte tem como objetivo completar a discussão estabelecida na parte anterior (*Panatenaicas III*) sobre a caracterização do vaso panatenaico no âmbito da premiação a partir de outra ótica. Essa tarefa, até este ponto, seguiu um caminho partindo da discussão arqueológica (os argumentos de delimitação de um grupo de objetos chamado de “ânforas panatenaicas”), passando pela observação do contexto da produção (onde se propôs a discussão da tradição artesanal ligada a sua produção) e da inserção em contexto primário e secundário (ali, foi a relação entre o vaso e o óleo que baseou a discussão sobre a situação do vaso no âmbito da premiação nas Grandes Panatenéias). Aqui, será discutida a caracterização essencialmente simbólica do vaso panatenaico considerando-se determinados aspectos formais, de localização e o aproveitamento dos discursos variados sobre esse tipo de vaso. Dessa forma, não é apenas a sua dispersão que interessa, mas também a situação variada dessas citações. E se pode pensar, a partir disso, em um “universo panatenaico” que, como aqui proposto, está abertamente ligado ao interesse da caracterização do vaso panatenaico. Assim, cabe repetir, a produção derivada e paralela na sua trajetória em contexto sistêmico não era situada unicamente no campo da referência ao vaso panatenaico, havendo a possibilidade de inserção bastante independentes dele, o que não será consistentemente tratado neste estudo.

Há poucas referências às ânforas panatenaicas nas variadas fontes até o século IV a.C. Antes disso, havia um repertório interno menos variado, composto pelas ânforas chamadas pseudo-panatenaicas, de tipo panatenaico em figuras vermelhas, algumas miniaturas (ver **esquema 1** e **fig. 4**) e eventualmente alguma citação em suporte variado.¹ Fora da Ática, no século V e IV a.C., havia também um conjunto de citações em vasos produzidos na Magna Grécia e em alguns outros espaços.² Foi, a partir do século IV a.C., que parece ter começado a se dispersar certo interesse em citar mais freqüentemente esse tipo de vaso, o que estava muito provavelmente ligado à projeção que esse festival foi tomando. As Panatenéias, festival de vocação até então local, passam a desempenhar um papel amplamente referenciado no plano pan-

¹ Por exemplo, uma cunhagem em Atenas com provável figura de ânfora panatenaica (ver **fig. 36 d**) que é inserida na série *Wappenmünzen*, cunhagens anteriores aos tetradracmas com corujas, cuja cronologia é bastante discutida (ver STANTON, 2002, p. 40, n. 3 e 4); mas freqüentemente fixada em meados do século VI a.C. A datação da cunhagem em questão é tratada por Cahn (2001, p. 146), a partir de paralelos com a *Burgon amphora* (ver **cat. 1**).

² Para as ânforas de tipo panatenaico produzidas na Magna Grécia, ver NEILS, 2001; para as ânforas agonísticas, ver *Panatenaicas III*, p. 94.

helênico (ver *Panatenaicas III*, p. 92-3). Valavanis, que fez um mapeamento das variadas referências sobre ânforas panatenaicas em figuras espalhadas por vários pontos do Mediterrâneo e Oriente próximo, apresenta citações em suportes diversos (figuras em câmaras, sarcófagos e estelas funerários; sobre vasos-Hadra, em mosaicos e em ornamentação arquitetural, e sua forma foi usada em vasos de cerâmica e de metal); compreendendo uma ampla projeção espacial (Bulgária, Palestina, Dardanelos, Beócia, Mileto, Bizâncio, Quíos, Rodes, Odessa, Arcádia, Alexandria, Ólbia e Cíclades), situados no período clássico tardio, helenístico e romano.³

Tal situação coloca, já de início, a questão do interesse sobre esse tipo de objeto, não necessariamente relacionado à sua obtenção, mas por meio de sua citação e, além disso, a projeção geográfica desse interesse. Frente a um conjunto tão grande e variado de referências, é preciso apresentar a opção de tratamento das fontes. Cada objeto citado mereceria um estudo específico, contemplando aspectos importantes como elementos de composição, situação física, o tipo de inserção, aspectos simbólicos etc. Entretanto, esse tipo de tratamento ensejaria um estudo particular;⁴ não coerente ao interesse específico deste estudo: a caracterização do vaso panatenaico. Assim, a análise será baseada em três tipos básicos de informação: tipo de objeto, seu provável significado e indicação geográfica.

* * *

Parece claro que as ânforas panatenaicas estavam ligadas à composição do prêmio nas Grandes Panatenéias e essa inserção no universo da premiação foi consistentemente ratificada nas citações feitas a elas em contextos diversos. Na figuração de vasos áticos, esse tipo de vaso foi algumas vezes relacionado ao universo da premiação. Não há muitas referências às ânforas panatenaicas na figuração dos vasos áticos e sua identificação é problemática,⁵ mas alguns deles são identificados com certa probabilidade a partir do contexto em que aparecem na cena: 1) uma ânfora de tipo panatenaico com ânfora panatenaica sendo carregada por atleta (?) que compõe uma procissão;⁶ 2) uma cratera do início do século IV a.C.⁷ com cena de premiação de vitorioso sendo coroado por uma Vitória (*Nikē*) alada e um

³ Ver VALAVANIS, 2001.

⁴ Os estudos dessas derivações são geralmente desarticulados. Para uma tentativa de observação de um conjunto em Delos/Renéia, ver KONDOLEON, 1937; para uma proposta de síntese de citações das ânforas panatenaicas em vários contextos e suportes variados, ver VALAVANIS, *op. cit.*

⁵ Ver FRIELINGHAUSS, 2001.

⁶ Atenas, M.N. Akr 842; ver VALAVANIS, 1991, p. 490, fig. 1.

⁷ Montreal 1994.Cb.2; ver OAKLEY, 2007, p. 82-3, fig. 1-4.

cortejo, no qual um jovem (atloteta?) carrega no ombro uma ânfora panatenaica; 3) uma enócoa do início do século IV a.C., com figura de prova hípica, na qual há e uma Vitória alada aproximando-se, e ambos associados a um pedestal (em forma de coluna jônica) com uma ânfora panatenaica acima;⁸ 4) uma cratera datada de 440-430 a.C., com figura de uma Vitória alada carregando nas mãos uma ânfora panatenaica indo em direção a um corredor da prova de quadriga;⁹ 5) uma ânfora de forma panatenaica em figuras vermelhas com figura de atlotetas (?) do século V a.C., onde há um grupo figurado ao lado de uma oliveira, todos coroados (o próprio vaso é coroadado: há uma coroa de oliveira figurada contornando a boca do vaso) e um deles carregando uma ânfora panatenaica – associados a uma inscrição fragmentária *eupomp*;¹⁰ 6) outra ânfora de forma panatenaica em figuras vermelhas com um jovem coroadado (atloteta?) isolado, carregando no ombro uma ânfora panatenaica.¹¹

Nesses casos, as figuras do vaso panatenaico, se bem identificados como tal, estão aparentemente inseridas no âmbito da premiação, e elementos como coroas de oliveiras e a figura da Vitória alada indicam isso. Vitórias, palmas, coroas vegetais e fitas são associadas ao campo de referências à premiação nesse contexto. Nas ânforas panatenaicas, por exemplo, figuras de juízes geralmente aparecem coroadas, associadas a palmas e há uma consistente presença de Vitórias nos exemplares do século IV a.C., por vezes com fitas e palmas.¹² Desses elementos, os que aparecem mais freqüentemente relacionados às citações de ânforas panatenaicas são as coroas e palmas, e um pequeno inventário de figurações desses vasos em contextos variados indica isso: 1) Figuras de ânforas panatenaicas associadas a palmas: moeda (hecte) de Mitilene, c.377-326 a.C.;¹³ estela de Bizâncio, primeira metade do século II a.C.;¹⁴ ânforas-Hadra encontrados em Alexandria, segunda metade do século III a.C.¹⁵ e

⁸ Munique 44989 (?); ver *site Wikipedia Commons* 1.

⁹ Atenas, Ágora P 9486; ver *Hesperia*, vol. 7, 1938, p. 345, fig. 28.

¹⁰ Atenas, Ágora P 10554; ver *Hesperia*, vol. 18, 1949, p. 306-7, pr. 74. A reconstituição da inscrição é proposta como *Eupomp*[os (um nome próprio), *eupomp*[os ou *eupomp*[oi (“bom carregador” ou “bons carregadores” – dessa forma, uma possível referência às personagens figuradas).

¹¹ Munique, M.A.K. 2315; ver CVA Alemanha 12, Munique IV, pr. 191.

¹² Juízes com coroas (**cat. 128, 143-4, 153, 172, 188, 207-8, 238, 247, 249, 399, 402, 436, 468, 470** e com palmas: **400, 486, 491, 478 e 503**); Vitórias (**cat. 411, 439**; com fita: **410, 412, 437, 441**; com palma: **413, 475**; com fita e palma: **438**); Atleta com coroa, palma e fita (**cat. 468**).

¹³ Ver NOMOS, 2009, p. 72, nº 99.

¹⁴ Istambul 965.

¹⁵ Coleção Benaki 348G ; Cairo 26255 e Amsterdão, Six; ver VALAVANIS, 2001, p. 166-5, pr. 44, 2-4.

mosaico da Casa das Máscaras, Delos, século II a.C.¹⁶ 2) Figuras de ânforas panatenaicas associadas a coroas: moedas “novo estilo”, Atenas, século II a.C. (ver **fig. 36 c**);¹⁷ estela da Beócia, período romano;¹⁸ estela com lista de prêmios um atleta de Ramnus, período imperial (época de Antonio, século II d.C.)¹⁹ e relevo em trono do estádio de Atenas (*Biel Throne*), 140-143 d.C.²⁰ 3) Figuras de ânforas panatenaicas associadas a coroas e palmas: mosaico da Casa do Tridente, Delos, século II a.C.;²¹ estela com epigrama comemorativo da vitória do efebo Macriâno no arcontado de Herodes Ático, 126-127 a.C.²² e moedas de Atenas do período de Augusto e Adriano (mesa agonística com ânfora panatenaica (?) em baixo).²³

Considerando esse conjunto de referências, como interpretá-lo? O interesse aqui está ligado a um provável conteúdo comum entre eles; mais que a compreensão de elementos específicos (lógica interna) a que eles certamente estavam ligados. Entretanto, as propostas de interpretação de alguns casos podem fornecer direções para se pensar o conteúdo comum entre tais citações. E, para tanto, serão observados dois casos de forma mais detida. O primeiro é o de uma moeda (hecte) de Mitilene (Lesbos) e o segundo, de dois mosaicos de Delos.

A figura de ânforas panatenaicas sobre moedas não era tão comum. Sabe-se do didracma ateniense da série *Wappenmünzen* (ver, aqui, **nota 1** e **fig. 36 d**) em meados do século VI a.C., e ainda no século IV a.C. esse era um tema ainda pouco citado; o que mudaria significativamente com a cunhagem “novo estilo” no século II-I a.C.²⁴ Nesse sentido, a moeda de Mitilene (ver **fig. 36 e**), na sua época, era bastante

¹⁶ Para a Casa das Máscaras (*Maison des Masques*), ver BRUNEAU & DUCAT, 2005, p. 293-5 (com bibliografia); para os mosaicos da Casa das Máscaras, ver CHAMONNARD, 1933, p. 36-8, pr. VIII e IX. Para os mosaicos de Delos, ver BRUNEAU, 1972.

¹⁷ A cunhagem das moedas “novo estilo” é situada entre os séculos II e I a.C. (164 a 42 a.C.), e encerrada pela inserção da moeda própria dos romanos (o denário), evento possivelmente ligado a ida de Marco Antônio a Atenas. Mas essas datas são amplamente discutidas. Para a primeira proposta de sequência cronológica do “novo estilo” (atualmente bastante criticada), ver THOMPSON, 1961. Ver MØRKHOLM, 1984 e MATTINGLY, 2004, p. 85; para recentes correções da cronologia do “novo estilo”.

¹⁸ Tebas; ver VALAVANIS, 2001, p. 165, pr. 42, 4.

¹⁹ Nova Iorque, Metr. 59.11.19; ver COOK, 1987, p. 20.

²⁰ Londres GR 2001.5-8.1; ver STELMAN, 1947, pr. VIc e IXb; e WILLIAMS, 2007.

²¹ Para a Casa do Tridente (*Maison du Trident*), ver BRUNEAU & DUCAT, 2005, p. 301-3 (com bibliografia).

²² Atenas, M.E.; ver *IG II²* 3734.

²³ Ver STELMAN, *op. cit.*, p. 29, fig. 5-7 e pr. IX a.

²⁴ Os diálogos mais consistentes, até então, podem ser observados a partir da citação da Atena *Promakhos* (ver *Panatenaicas II*, p. 75-8) em cunhagens de vários locais do Mundo Grego (ver **fig. 36 a e b**) e algumas cunhagens pontualmente localizadas, como o dracma de Priene (séc. II a.C.) com figura de ânfora panatenaica – ver SEAR, 1979, p. 415 (*SNG von Aulock* 7965).

particular, o que é ressaltado na interpretação proposta no catálogo onde ela foi recentemente publicada.²⁵ Essa moeda é situada no campo da premiação, dada a presença da efígie da Vitória²⁶ numa face, reforçando o caráter simbólico do prêmio (uma ânfora panatenaica), na outra; o que é situado no campo de referência restrita: um vencedor de Mitilene nas Grandes Panatenéias.²⁷ Entretanto, o grau de especificidade dessas informações pode ser discutido, se se pensar que, contemporaneamente, foram cunhadas em Mitilene moedas com figuras de trípode e tocha, elementos também situados no campo da premiação e do atletismo.²⁸

Além disso, é preciso situar historicamente as relações entre Mitilene e Atenas. Mitilene foi aliada de Atenas durante a Guerra do Peloponeso, revoltando-se duas vezes (em 428-7 e 412 a.C.), passando ao controle de Esparta em 412 a.C. Em 377 a.C., ela volta a ser aliada de Atenas no contexto da Segunda Liga de Delos e, em 333 a.C., capitula diante de um ataque naval persa, sendo libertada (e governada depois disso) por governantes ligados ao império macedônico.²⁹ A cunhagem dessas moedas mitilênicas citadas é relacionada à reaproximação entre Mitilene e Atenas depois de 377 a.C., e foi nesse mesmo contexto em que foram cunhadas, ali mesmo, cópias do dracma ateniense com a efígie de Atena numa face e da coruja na outra.³⁰ Todas essas informações parecem situar a figura de ânfora panatenaica sobre essa moeda de Mitilene num quadro coerente não necessariamente ligado à comemoração da vitória de um atleta mitilênio especificamente. Além disso, é preciso notar que tal

Quanto à cunhagem das moedas “novo estilo”, é interessante notar que o modelo foi também apropriado em cunhagens de várias outras cidades (ver THOMPSON, *op. cit.*, p. 441-2 e MATTINGLY, *op. cit.*, p. 31).

²⁵ A publicação dessa moeda no catálogo da Nomos AG (2009, p. 72, nº 100) é a primeira notícia do objeto. Não há registro no catálogo de Bodensedt (1981), publicação de referência sobre o repertório de moedas de Mitilene; ou notícia de qualquer outro exemplar da mesma cunhagem.

²⁶ Sobre a identificação da efígie feminina, no catálogo da Nomos AG é dito que “É muito provável que a pessoa representada no obverso desta moeda seja uma Nike, deusa da vitória. Seu penteado sóbrio é também encontrado sobre figuras de Nike de Terina, Olímpia, Cízico, Lâmpsaco e em outros lugares” (*This almost certainly means that the person depicted on the obverse of this coin must be Nike, goddess of victory. The rather sober hairstyle she has is also found on figures of Nike from Terina, Olympia, Kyzikos, Lampsakos and elsewhere* – NOMOS, 2009, p. 72).

²⁷ “A natureza bastante específica desse tipo sobre a moeda implica que ela foi cunhada para comemorar a vitória de alguém de Mitilene nos Jogos Panatenaicos em Atenas, provavelmente em cerca de 350 a.C.” (*The very specific nature of the types on this coin implies that it was struck to commemorate the victory of someone from Mytilene in the Panathenaic Games at Athens, probably around 350 BC. - Idem*).

²⁸ Para o repertório de moedas de Mitilene, ver BODENSTEDT, *op. cit.*

²⁹ Ver SACKS, MURRAY & BUNSON, 1997, p. 151.

³⁰ Ver NOMOS, *op. cit.*, p. 73, nº 100 (Bodensedt 105, SNG Copenhagen 315).

moeda segue um modelo comum de apresentação (a ânfora panatenaica associada a uma palma) o que a situa num quadro recorrente e geral de citação da premiação. Ou seja, mais que indicar um vencedor local (o que não é descartado como possibilidade), essa moeda parece estar situada num ambiente tradicional (local e regional) de citação desse tipo de vaso no âmbito da premiação.

O outro exemplo é mais complexo, dada a quantidade de elementos relacionados: trata-se da interpretação sobre alguns mosaicos delianos com figura de ânforas panatenaicas, datados da segunda metade do século II a.C., com um esquema figurativo parecido: uma delas (a da ânfora da Casa do Tridente) compõe um painel sobre um tablado e associada a uma palma e uma coroa; enquanto a outra (a da Casa das Máscaras - **ver fig. 37b**), compõe um esquema um pouco diferente no qual há, associados à ânfora panatenaica, uma palma, duas rosáceas (uma de cada lado) e uma ave empoleirada abaixo.³¹ Esses mosaicos são situados por Valavanis no âmbito da vitória numa Grande Panatenéia e numa referência à cidade de Atenas;³² mas, para pensar sua inserção, é preciso compreender algo das condições históricas deste período, principalmente as relações Delos/Atenas e Delos/Renéia.

São poucos os poucos achados de ânforas panatenaicas nas Cíclades até o período helenístico.³³ A partir de então, há um crescimento dos achados, e as Cíclades passam a ser o segundo local de achados mais numerosos para o período.³⁴ Ora, a situação de Delos e Renéia permite que se pense numa mesma dinâmica, dadas as relações históricas.³⁵ A inserção de variadas referências a ânforas panatenaicas deve ser compreendida no âmbito das relações Delos/Renéia na Antiguidade e na Contemporaneidade; assim, é preciso também considerar o complexo Delos, Renéia e Míconos. Trata-se de uma tríade de ilhas cicládicas, com relações muito próximas no que se refere aos estudos arqueológicos. A relação Delos/Renéia é mais clara, dada as dinâmicas entre tais espaços na Antigüidade – a saber, já no período arcaico, Renéia foi espaço que servia como necrópole de Delos

³¹ Ver, aqui, **nota 16 e 21**. Para a situação geográfica desses edifícios, ver BRUNEAU & DUCAT, 2005, mapa (*dépliant*) VII.

³² Sobre seu significado, Valavanis (2001, p. 168-9) diz: “1. A ânfora simbolizava a vitória do proprietário ou um de seus antepassados. (...) 2. A ânfora panatenaica era um símbolo característico da cidade de Atenas.” (1. *Die Amphora symbolisierte einem Sieg des Besitzers oder eines seiner Vorfahren.* (...) 2. *Die panathenäische Amphora war das charakteristischste Symbol der Stadt Athen*).

³³ Delos (**cat. 643**) e Renéia (**cat. 170 e 495**).

³⁴ Depois apenas de Atenas: Delos (**cat. 927-9**), Renéia (**cat. 910-4, 930-1, 933-4**) e Melos (**cat. 935**).

³⁵ Para as relações entre Delos e Renéia, ver BRUNEAU & DUCAT, 2005, p. 321-6 (com bibliografia).

(ver, aqui, **nota 35**). Com isso, muitos objetos que tinham sido já imobilizados em Delos, relacionados a contexto funerário foram deslocados para Renéia e, além disso, o próprio funcionamento da necrópole em Renéia teve continuidade ainda relacionada a Delos. Quanto aos achados arqueológicos, os de Renéia foram deslocados da ilha e enviados inicialmente ao Museu de Míconos (a maior parte do material exposto e guardado nesse museu advém da fossa de purificação de Renéia), e atualmente seguem para o Museu de Delos.³⁶ As ânforas panatenaicas encontradas em Renéia provêm do Santuário de Heracles e hoje compõem parte bastante tímida da exposição do Museu de Míconos (apenas uma quina entre paredes com alguns elementos do Santuário de Héracles, e a maior parte delas foi deslocada para uma exposição temporária no Museu Arqueológico de Olímpia).³⁷

A experiência de dominação ateniense sobre Delos não promoveu um interesse especial sobre a figura da deusa Atena,³⁸ e é nesse cenário que se deve situar a inserção das ânforas panatenaicas. Ou seja, não foi o culto da deusa que deu materialidade a essas referências a ânforas panatenaicas em Delos. No século III a.C., a relação entre Delos e Atenas já era longa. No período clássico, houve uma forte influência ateniense sobre a estruturação das Délías (festividades locais em Delos) que, em vários aspectos, teve as Grandes Panatenéias como referência principal. Por exemplo, todo o programa atlético tinha como base aquele das Grandes Panatenéias e não o dos grandes festivais pentéricos.³⁹ Vale notar, antes do período helenístico, a presença de ânforas panatenaicas na região era pequena, mas havia algumas ânforas áticas de tipo panatenaico em figuras negras, oriundas da fossa de purificação de Renéia (hoje, expostas no Museu de Míconos). O material cerâmico encontrado em Renéia e já publicado (cerâmica pré-histórica, geométrica, orientalizante não-meliana, meliana e ática de figuras vermelhas)⁴⁰ não compreende os exemplares em figuras

³⁶ BRUNEAU & DUCAT, *op. cit.*, p. 323.

³⁷ Para as crônicas de escavação da fossa de Renéia, ver COUILLOUD, 1974, p. 36-8; para um resumo das crônicas de Stravopoullos (publicadas no *Praktika tis Athinais Archaialogikis Etaireias* em 1899 e 1900) e breve histórico das escavações do final do século XIX.

³⁸ Por exemplo, a partir da quantificação de elementos relacionados ao culto de divindades entre os séculos II-I a.C. em Delos (em plena época de dominação ateniense), sabe-se que Atena era sexta divindade mais referenciada (com uma contagem de 55 objetos de culto num universo de estatuetas, estátuas, relevos, máscaras, bustos, estelas, figurinhas, símbolos, pinturas parietais, mosaicos e jóias), atrás de Afrodite (499), Héracles (133), Eros (111), Artemis (66) e Ísis/Ísis Tique (56) (há que se notar ainda que, mesmo Apolo, a divindade maior do santuário, situa-se no décimo lugar dessa lista. Ver, HADJIDAKIS, 2003, p. 37).

³⁹ Para as relações próximas entre as Panatenéias e as Délías, ver CHANKOWSKI, 2008, p. 72, 105, 152-3.

⁴⁰ Ver DUGAS, & RHOMAIOS, 1934; DUGAS, 1935 e 1952; ZAPHIROPOULOU, 2003.

negras, e apenas as ânforas panatenaicas foram publicadas em conjunto.⁴¹ A avaliação desses vasos, a partir desse conjunto parcialmente conhecido, não permite falar numa referência especial às Panatênias até o período helenístico.

Apesar da forte relação entre Delos e Atenas estar inclusive manifestada na estrutura das Délías (o maior festejo local), a presença de ânforas panatenaicas ou de representações delas só apareceriam no período helenístico, e sua diversidade não permite conectá-la apenas à presença ateniense na ilha.⁴² Com a retomada do controle sobre a ilha de Delos, os atenienses restauraram as Délías, depois de 166 a.C. Entretanto, apesar de novamente estarem ligados à festa deliana, não há registro de referências às ânforas panatenaicas diretamente ligadas a essa festa. Ainda, é importante saber que o próprio culto de Atena em Delos não era amplamente independente, haja vista as suas relações com o culto de Zeus, e com a Tríade Apolínea. As Atenéias em Delos, por exemplo, eram fortemente ligadas às Apolônias

Nesse ambiente, havia um repertório bastante rico relacionado ao universo panatenaico. Além das figuras de ânforas panatenaicas sobre os mosaicos citados, foram encontradas ânforas panatenaicas em Delos e na Acrópole de Renéia (Santuário de Héracles),⁴³ miniaturas de ânforas panatenaicas do Complexo da Casa dos Atores,⁴⁴ um grupo bastante expressivo de figuras de ânforas panatenaicas em pinturas de vários locais da ilha,⁴⁵ figuras de ânforas panatenaicas (grafites) em uma escultura de tipo hermaico encontrada no Ginásio de Delos⁴⁶ e três esculturas de ânforas panatenaicas em mármore, provavelmente relacionadas à necrópole de Renéia.⁴⁷

As figuras de ânforas panatenaicas nos mosaicos delianos, como visto, são situadas no campo de referência de uma vitória específica e à cidade de Atenas (ver, aqui, **nota 32**); assim como as “miniaturas” encontradas no complexo da Casa

⁴¹ Ver KONDOLEON, 1937.

⁴² Ver BRUNEAU, 1970, p. 248-9, para o culto de Atena em Delos e p. 83-4 para a restauração das Délías no século II a.C.

⁴³ Hoje no Museu de Delos e no Museu de Míconos; ver, aqui, **nota 33 e 34**.

⁴⁴ Delos D 70 e D 72. Trata-se de vasos citando a forma panatenaica em dimensões menores, mas bem maiores que as miniaturas do séc. IV a.C. (*Bulas Group* – ver BEAZLEY, 1940-1945 e BENTZ & ESCHBACH, 2001, apêndice 2). Para o complexo da Casa dos Atores (*L'îlot de la Maison des Comédiens*), ver BRUNEAU et al., 1970; especialmente para as “miniaturas”, ver *Idem*, p. 250.

⁴⁵ Ver ALABE, 2002, p. 241-3, fig. 12 e 14; BULARD, 1908, pr. IV e 1926a, pr. IV, IX e p. 135, fig. 48; MENESES, 1981, vol. II, nº 40; MENESES & SARIAN, 1973, p. 88, nº 11, fig. 19 e p. 92, nº 16, fig. 24.

⁴⁶ Ver MICHALWSKI, 1930 e AUDIAT, 1970, p. 121-2, 124-9, fig. 71 e pr. 25.

⁴⁷ Ver KONDOLEON, 1937, p. 588, fig. 17-8.

dos Atores que, segundo Williams, poderiam estar conectadas à presença do epimeleta Adeimantos do *demos* ateniense Icária;⁴⁸ que é, inclusive, indicado como provável habitante dessa casa onde esses objetos foram encontrados.⁴⁹ Ou seja, a contextualização desses objetos é geralmente feita, buscando-se entender elementos específicos de sua inserção: seu encomendante, um provável vitorioso ao qual estariam ligados e alguma ligação com Atenas; mas, diferente disso, as figuras de ânforas panatenaicas em pinturas murais em Delos estão, na sua maioria, ligadas ao culto dos *Lares Compitales*, estabelecido pelos Competalistas, e a seu festejo na ilha – as *Compitalia*.⁵⁰ Assim, qualquer ligação mais direta com Atenas não é sustentada dada a coerência que esses elementos têm no quadro interno dessas figurações em Delos.

Chamonnard, em um estudo da Casa das Máscaras, relaciona a ânfora panatenaica do mosaico da chamada “Sala da Ânfora” à figura da ânfora panatenaica no mosaico da Casa do Tridente e à figura de uma hídria num mosaico da Ágora dos Italianos (ver **fig. 37c**),⁵¹ dado o esquema compositivo bastante similar.⁵² Para completar as aproximações, Ele diz que elementos como ânforas panatenaicas e palmas são freqüentemente encontrados em pinturas religiosas associadas às portas de habitações de Delos; mas, neste caso, a aproximação merece ressalvas. As ânforas panatenaicas e as palmas são, para ele, um elemento comum entre as figuras dos mosaicos e das pinturas – uma forma de citação a prêmios relacionados a uma vitória.⁵³ Entretanto, as pinturas relacionadas aos Competalistas, segundo ele, não teriam nada em comum com a premiação no campo dos jogos pan-helênicos; portanto, “menos honorífico” se comparadas às figuras de ânforas panatenaicas e palmas nos mosaicos citados, conectadas a “vitórias mais gloriosas”, como a de Públio Satricânio, citada no mosaico da Ágora dos Italianos, e talvez ligadas ao próprio mito de origem da relação entre as palmas e o universo atlético: Teseu teria, retornando de Creta, colhido algumas palmas em Delos e ofertado-as em jogos em honra de Apolo, conforme Pausânias (8, 48, 3).⁵⁴

⁴⁸ Adeimantos, filho de Adeimantos, de Icária, foi magistrado em 147/6 a.C. e epimeleta em Delos em 140/39 a.C. e provavelmente agonoteta em 146/5 ou 138/7 a.C. Para Adeimantos, ver WILLIAMS, 2007, p. 150, n. 25 (com bibliografia).

⁴⁹ Ver WILLIAMS, 2007, p. 151-2, fig. 6 (ver, aqui, **nota 44**).

⁵⁰ Ver CHAMONNARD, 1933, p. 36-7 e MENESES & SARIAN, 1973, p. 99. Para as *Compitalia* em Delos, ver HASENOHR, 2003.

⁵¹ Para a Ágora dos Italianos, ver BRUNEAU & DUCAT, 2005, p. 219-22.

⁵² Ver CHAMONNARD, *op. cit.*

⁵³ *Idem.*

⁵⁴ *Ibidem.* Ver, sobre o significado da palma, TARBELL, 1908.

A distinção de classe, nesse caso, sustentaria certas especificidades como aquelas apresentadas. De um lado, figuras de expressão como o epimeleta Adeimantos (possivelmente proprietário da Casa dos Atores), o premiado Públio Satricânio e os proprietários (talvez atletas vitoriosos nas Grandes Panatenéias) da Casa das Máscaras e da Casa do Tridente. Pode-se pensar, inclusive, em paralelismos mais estritos: por exemplo, conexões entre a ânfora panatenaica no mosaico da Casa do Tridente, que apresenta uma prova de biga, e algumas ânforas panatenaicas encontradas em Renéia, possivelmente com a mesma prova figurada, no santuário de Héracles. Haveria uma conexão entre a obtenção desses vasos na vitória em uma Grande Panatenéia, a citação em um mosaico, cristalizando tal feito e a sua deposição? E, de outro lado, os escravos e libertos de origem italiana que compunham a associação dos Competalistas.

Entretanto, não parece possível delimitar o patrimônio pan-helênico ao qual essas citações estavam ligadas, como um patrimônio de classe, nem mesmo étnico – a grande presença de vasos panatenaicos em tumbas etruscas parece indicar isso.⁵⁵ As figuras de ânforas panatenaicas nos painéis pintados e relacionados aos competalistas, por mais que estivessem ligadas a um festejo específico, apresenta claros elementos de referência ao universo panatenaico; também observados nos mosaicos citados, em várias outras citações espalhadas pelo Mundo Grego e fora dele. Nesse contexto, a própria referência à cidade de Atenas parece discutível. Em todas citações, desde o século IV a.C., a figura da Atena *Promakhos* (a divindade cultuada nas Panatenéias) não aparece. É a forma do vaso o elemento mais constante; mas há várias citações do painel com a prova atlética.⁵⁶ Parece, assim, que o conteúdo atlético (o vaso-prêmio e a citação da prova atlética) de expressão pan-helênica (presente no mosaico de uma rica habitação deliana e pintado nas paredes de edifícios relacionados a escravos e libertos italianos em Delos) operou de forma mais significativa.

* * *

Havia uma forte inserção das ânforas panatenaicas em contexto funerário, o que é indicado não apenas pela identificação de seu uso freqüente nesse contexto

⁵⁵ Para os vasos panatenaicos em tumbas etruscas, ver SPIVEY, 1991, p. 143-4.

⁵⁶ Além dos mosaicos da Casa do Tridente e das pinturas ligadas aos Competalistas, a prova atlética aparece na pintura parietal de uma câmara funerária de Maglish (ver VALAVANIS, 2001, p. 162, pr. 42,1), em hídrias-Hadra (ver **nota 15**); e em ânforas agonísticas, como, por exemplo, aquelas de Rodes (ver **fig. 31**) e de Olbia (ver VALAVANIS, *op. cit.*, p. 167, pr. 44,5 e 45,1).

(seja como mobiliário ou urna de recepção de ossos ou cinzas),⁵⁷ e também pela situação de algumas derivações, como as esculturas plenas em mármore utilizadas como monumento funerário,⁵⁸ além de outras citações explícitas em pintura ou relevo;⁵⁹ o que é ratificado pela presença maciça em contexto funerário de vasos de tipo panatenaico produzidos na Magna Grécia (especialmente na Lucânia e na Apúlia), com forma e temática figurativa que citavam constantemente as ânforas panatenaicas.⁶⁰ É importante lembrar, nesse sentido, que a cópia de ânfora panatenaica produzida pelo Pintor de Pisticci (ver *Panatenaica II*, p. 68-70 e fig. 28a) foi encontrada numa tumba de Pisticci.⁶¹ Ou seja, a presença de ânforas panatenaicas e (ou) formas de citação a elas constituíram elementos recorrentes nas paisagens funerárias na Antigüidade.⁶² Dessa forma, um elemento importante para situar o grau de simbolismo das ânforas panatenaicas são as relações constantes entre esses vasos e as hídrias; vasos que, apesar de seu uso cotidiano para transporte de água, foram consistentemente utilizados em contexto funerário e também como premiação.

De início, percebe-se a presença de hídrias relacionadas a Vitórias sobre na figuração de vasos áticos, situando esse tipo de vaso no contexto da premiação; assim como as ânforas panatenaicas.⁶³ É devido observar que havia uma série de outros objetos relacionados às figuras de Vitórias;⁶⁴ mas as hídrias e as ânforas panatenaicas são precisamente situadas no âmbito da premiação.⁶⁵ Tem-se, assim, hídrias e

⁵⁷ Para a situação dos achados de ânforas panatenaicas em contexto funerário, ver *Panatenaicas III*, nota 4.

⁵⁸ Para as ânforas panatenaicas de mármore (esculturas plenas) em Delos, ver KONDOLEON, 1937, p. 588-9 e VALAVANIS, 2001, p. 168, n. 56; em Atenas (Cerâmico), ver KNIGGE, 1991, p. 161-5 e VALAVANIS, 1999; em Nemi, ver EDWARDS, 1957, p. 323, n. 6, pr. 87 e ROMANO, 2006, p. 146-53; em Maratona, ver VALAVANIS, 2000. Os exemplares de Delos, de Atenas e de Maratona estavam relacionados a contexto funerário. Já os de Nemi, junto a outras esculturas de caldeirões em mármore, foram encontrados no santuário de Diana Nemorensis.

⁵⁹ Ver VALAVANIS, 2001, p. 162-6.

⁶⁰ Ver NEILS, 2001.

⁶¹ *Idem*, p. 125.

⁶² Deve-se notar que havia um repertório variado de vasos relacionados ao contexto funerário (ver, por exemplo; NEILS, 2008).

⁶³ Hídrias associadas a Vitórias: Nova Iorque, Metr. 07.286.67; Oxford 1930.36, ex Giorgenti, Coleção Baron Giudice, s. inv.; Londres E 251 (ver HOPPIN, 1919, p. 96; GARDINER, 1930, fig. 11; BEAZLEY, 1967, p. 71, 202 e 1974, p. 10; CVA Londres 6, pr. 101,1). Ânforas panatenaicas associadas a Vitórias: Atenas, Ágora P 9486; Montreal 1944.Cb.2 e Munique 44989(?).

⁶⁴ Trípodes, coroas, enócoas, páteras, fitas, ramos de lótus e ramos isolados, escudos, capacetes, quadros, palmas entre outros. Para a iconografia das Vitórias, ver *LIMC IV*, verbete *Nike*.

⁶⁵ As duas figuras de ânforas panatenaicas relacionadas a Vitórias estão claramente conectadas a provas atléticas (duas cenas de premiação iminente em prova hípica). No caso das figuras de hídrias, há uma ânfora nolana executada pelo Pintor de Berlim (Oxford 1930.36;

ânforas panatenaicas aproximadas no âmbito da premiação a partir do “discurso figurativo” de artesãos áticos. É interessante observar, nesse sentido, a colocação da figura da Atena *Promakhos* entre colunas com galos na ornamentação de uma hídria (cálpide) – ver **fig. 26b**. Em outro contexto e em outro suporte, mas completando a discussão sobre o “discurso figurativo”, há o exemplo, já parcialmente tratado, das figuras de ânforas panatenaicas em mosaicos na ilha de Delos (na Casa do Tridente e na Casa das Máscaras – ver, aqui, **p. 126**), com um esquema figurativo muito parecido com outro mosaico (da Ágora dos Italianos – ver, aqui, **nota 51**), com figura de uma hídria; o que indica novamente a aproximação desses tipos de vasos no âmbito da premiação.

A relação entre as hídrias, como vasos relacionados ao universo da premiação, e as ânforas panatenaicas parece ter sido sólida. Se se lembrar da composição variada nas Grandes Panatenéias, no contexto da *IG II² 2311*, nota-se a grande presença de ânforas panatenaicas em provas gímnicas e hípicas abertas. Já nas grupais, a composição da premiação era mais variada e, na prova de corrida de tocha (*lampadeforia*), o vencedor obtinha uma hídria (ver **lista 8**); tipo de premiação já utilizado em Atenas: por exemplo, hídrias e *lebetes* de bronze como premiação num concurso fúnebre (logo após as guerras pérsicas),⁶⁶ com inscrições de tipo *athlon* (*Athenaioi athla epi tois en toi polemoi*);⁶⁷ contemporâneas a outras hídrias (cálpide) de bronze,⁶⁸ também com inscrição atlética “prêmio das Anaquéias” (*eks Anakio athlon; athlon eks Anakion*), provavelmente utilizadas em Atenas para a festa dos Dióscuros.⁶⁹ Pode-se, ainda, adicionar a esse grupo, algumas hídrias de bronze de Argos, Tebas,

ex Giorgenti, Col. Baron Giudice, s. inv. – *ARV² 202*, 89), na qual a conexão com o espírito atlético é completada com a figura de um jovem atleta correndo na outra face do vaso (ver BEAZLEY, 1967, p. 202 e 1974, p. 10). Nesse sentido, vale indicar a presença da figura de Vitórias sobre ânforas panatenaicas do século IV a.C. – ver, aqui, **nota 12**.

⁶⁶ A Eleutéria de Platéia ou a Heracléia de Maratona (ver ARGOUD, 1978, p. 15).

⁶⁷ Ver AMANDRY, 1971, p. 602-10. Argoud (*op. cit.*) propõe a seguinte tradução: “Os atenienses oferecem esses prêmios em honra daqueles que morreram na guerra” (*les Athéniens on offert ces prix en l'honneur de ceux qui sont morts à la guerre*).

⁶⁸ O nome cálpide (*kalpis*) era usado na Antigüidade como sinônimo de hídria (*hydria*); entretanto, na nomenclatura arqueológica, ele descreve um tipo de hídria específica – aquela que o pescoço e o corpo eram produzidos como peça única; dessa forma, sem interrupção na transição entre uma parte e outra. Por delimitação, a hídria é o nome dado ao tipo de hídria cujos pescoço e corpo eram produzidos separadamente e unidos depois, havendo, assim, uma interrupção no contorno na transição entre ombro e pescoço – ver RICHTER & MILNE, 1935, p. 11 e CLARK, ELSTON & HART, 2002, p. 98-9. (ver **fig. 11**).

⁶⁹ AMANDRY, *op. cit.*, p. 615. Para as Anaquéias, ver SMITH, 1843, p. 56 e PARKER, 2005, p. 457.

Fílaxe, Lâmpsaco e de regiões de produção desconhecidas, todas do século V a.C. e com inscrições de tipo *athlon* (prováveis prêmios em concursos locais).⁷⁰

Esses tipos de vaso, ligados ao universo da premiação, foram freqüentemente utilizados em contexto funerário. E, novamente, a aproximação entre ânforas panatenaicas e hídrias parece reforçar-se. O primeiro exemplo são as hídrias-Hadra que foram consistentemente utilizadas como urnas funerárias: seu nome está ligado ao local de achados mais numerosos (a necrópole Hadra), onde elas foram utilizadas como urnas cinerárias.⁷¹ Esses vasos apresentam um repertório figurativo bastante variado, incluindo temas atléticos como Vitória entre trípodes, corrida armada e ânforas panatenaicas.⁷² Um deles (uma hídria assinada por Pílon) carrega uma inscrição agonística “Pílon pintou para o concurso” (*Pylōn agōni egrapse*).⁷³ Além disso, é importante notar que, nesse mesmo cemitério Hadra, foram encontradas ânforas panatenaicas, possivelmente relacionadas à vitória dos Ptolomeus, que participaram do concurso hípico nas Grandes Panatenéias durante o século II a.C. (ver *Panatenaicas III*, **nota 132**). Assim, hídrias e ânforas panatenaicas, eram dois tipos de vaso que transitavam entre o contexto da premiação e de imobilização funerária. Quanto a isso, é preciso dizer, retomando um exemplo acima citado, que uma das hídrias relacionadas às Anaquéias também foi utilizada como urna funerária;⁷⁴ ou seja, parece que a situação desses vasos era mediada pela forte ligação entre os jogos fúnebres (remontando a tradição da poesia homérica indicada, por exemplo, nos jogos em honra a Pátroclo)⁷⁵ e a instituição dos festivais com competições atléticas, inclusive os panelênicos.⁷⁶

O último exemplo está ligado a uma antiga discussão sobre uma eventual substituição das ânforas panatenaicas tardias por exemplares de prata. Reavivando-a, recentemente foi encontrada em Aigai (Vergina) uma ânfora de forma panatenaica em

⁷⁰ Ver AMANDRY, *op. cit.*, p. 615-8 para uma lista de objetos variados (8 hídrias, lebetes e moedas com inscrições de tipo *athlon*).

⁷¹ *Idem*, p. 197; ver também POLLIT, 1990, p. 256-7. Eles foram também encontrados em Chatby, Ibrahimieh e outros locais, quase sempre em contexto funerário (ver SPARKES, *op. cit.*).

⁷² Para os temas das figuras sobre as hídrias-Hadra, ver COOK, 1997, p. 198; para as hídrias-Hadra com figuras de ânforas panatenaicas, ver VALAVANIS, *op. cit.*, p. 166-7, pr. 44, 2-4.

⁷³ Berlim, Antiquarium 3767. Para Pílon, o artesão de Cnossos, ver CALLAGHAN, 1992, p. 791-2; para a inscrição, ver PAGENSTECHER, 1909, p. 402.

⁷⁴ MORGAN, 2007, p. 256-7, n. 202.

⁷⁵ *Ilíada* 23.

⁷⁶ Para as relações entre jogos fúnebres e festivais panelênicos, ver SARIAN, 1996/1997; KYLE, 2007, p. 90-2 e YOUNG, 2004, p. 10-1 e 21-3.

prata.⁷⁷ Até então, pensava-se na existência desse tipo de vaso baseado-se em um conjunto de informações indiretas. Por exemplo, Ateneu comenta que dezesseis ânforas panatenaicas em prata compunham a procissão de Ptolomeu Filopator (222-204 a.C.);⁷⁸ informação que foi aproximada por Edwards ao aspecto estético das ânforas de tipo panatenaico em fundo branco.⁷⁹ E, ainda, a existência desse tipo de vaso em metal era também sustentada a partir de paralelos com figuras dessas ânforas em moedas “novo estilo” (*new style*).⁸⁰ Esse achado em Aigai apresenta informações contextuais interessantes para a discussão aqui colocada: além do caráter cívico do enterramento (no meio da Ágora), esse vaso panatenaico em prata foi encontrado ao lado de uma hídria de mesmo material (um deles continha restos mortais);⁸¹ reafirmando a constante aproximação entre hídrias e vasos panatenaicos. Vale dizer, a descrição da procissão de Ptolomeu Filopator por Ateneu (ver, aqui, **nota 78 e 80**), indica que, além dos vasos panatenaicos em metal, era ela também composta por vinte e seis hídrias de prata, além de outros objetos.

Outro importante elemento para situar o componente simbólico presente nas ânforas panatenaicas na perspectiva diacrônica é a permanência da técnica de figuras negras. Como visto, tratava-se de uma continuidade baseada em mudanças importantes (ver *Panatenaicas II*, p. 53-5); entretanto, o aspecto físico das figuras, na sua formulação final, era claramente conectado (ao menos esteticamente) às figuras negras do início do processo de produção: figuras estruturadas por silhuetas em verniz negro e a argila reservada como fundo, com detalhes marcados por incisões reencontrando a coloração clara da argila; estabelecendo, assim, o contraste entre o negro e o alaranjado e, ainda, utilizando-se tinta branca e rubra na composição das figuras. Essa técnica de ornamentação deixa de ser utilizada na produção geral de vasos áticos paulatinamente e, em meados do século V a.C., tinha sido praticamente substituída pela técnica de figuras vermelhas; e, como visto, ela continuou sendo usada na produção de ânforas panatenaicas até o século I a.C. (o exemplo mais

⁷⁷ Esse achado ainda não foi publicado. Para uma breve notícia com fotografias, ver *síte Neokosmos* 1.

⁷⁸ *O banquete dos sofistas V*, 199, d-e.

⁷⁹ EDWARDS, 1957, p. 328, n. 30. Tal aproximação levava em conta, ainda, o tipo de premiação nos concursos musicais, aos quais essas ânforas estariam ligadas conforme *IG II*² 2311 (ver **lista 8**) e a *Constituição de Atenas* (60, 3) – prêmio em outro e prata.

⁸⁰ Ver TOYNBEE, 1967, p. 27. Para a cronologia das moedas “novo estilo”, ver, aqui, **nota 17**.

⁸¹ Ver ANDRONIKOS, 1984, p. 212 e BAHN, 1996, p. 113; para outra hídria de prata encontrada em Aigai e utilizada como urna funerária.

consistente dessa continuidade).⁸² Mas, há vários outros casos de usos da técnica de figuras negras na Ática e fora dela depois de sua queda da popularidade.⁸³

Há dois casos bastante conhecidos de vasos ritualísticos caracterizados pela utilização consistente da técnica de figuras negras no período tardo-arcaico: trata-se dos léцитos e lutróforos funerários.⁸⁴ Esses tipos de vasos, como as ânforas panatenaicas, foram amplamente utilizados em contexto funerário e suas formas forneceram inspiração para a criação de relevos e esculturas em estelas funerárias e esculturas plenas.⁸⁵ Percebe-se, nesses casos, que a delimitação do uso pode ter condicionado a permanência da técnica de figuras negras que, logo depois disso, foi substituída pelas técnicas de figuras vermelhas e de fundo branco na confecção de léцитos e lutróforos. Há, ainda, outro exemplo bastante delimitado de uso ritualístico relacionado à retenção da técnica de figuras negras: alguns crateriscos em figuras negras relacionados ao culto de Ártemis na Ática também situados no período tardo arcaico.⁸⁶

Entretanto, nem sempre é possível identificar um sentido ritualizado nessa continuidade. Por exemplo, a cerâmica de figuras negras da Campânia desenvolveu-se desde o século VI e V a.C., aparentemente dialogando fortemente com as figuras negras etruscas,⁸⁷ alcançando o final do século IV a.C. (ver **fig. 39a**).⁸⁸ Assim, o ambiente de produção de figuras negras na Campânia tinha uma tradição local bem estruturada. Ao contrário disso, há dois exemplos interessantes de produção delimitada (não relacionada a um ambiente tradicional de produção) que parecem reforçar o uso da técnica de figuras negras em objetos situados no âmbito da ação ritualística. Trata-se das figuras negras de estilo cabírio e sobre alguns vasos-Hadra.

⁸² É interessante notar que a técnica de figuras negras é citada em pleno século IV d.C., na “ânfora panatenaica” encontrada na Ágora de Atenas (Agora P 26600).

⁸³ Ver BOARDMAN, 1998, p. 257-8; para um breve panorama.

⁸⁴ Beazley (1986, p. 80) comenta que os mais recentes léцитos de figuras negras repertoriados por Haspels datam de meados do século V a.C., e Oakley (1997, p. 165, B3, L67 e N20) apresenta lutróforos funerários em figuras negras relacionados à oficina do Pintor de Aquiles datados do terceiro quartel do século V a.C. Ver *Panatenaicas II*, **nota 120**.

⁸⁵ Para os monumentos funerários do Cerâmico, ver KNIGGE, 1991 (com bibliografia). Para as esculturas de ânforas panatenaicas em mármore, ver, aqui, **nota 58**.

⁸⁶ Ver GHALI-KAHIL, 1965, p. 31 e MANNACK, 2001, p. 7.

⁸⁷ Banti (1973, p. 12) diz que eles são tão similares que muitas vezes são confundidos; e Jannot (2005, p. 96) aglutina os dois nomes no termo “vasos etrusco-campânios em figuras negras” (*Etruscan-Campanian Black-figure vases*).

⁸⁸ Os achados mais recentes são datados do último quartel do século IV a.C. (ver VICKERS, 1978, p. 103 e MAYO, 1982, p. 218-9).

O estilo cabírio (ver **fig. 39b**)⁸⁹ é normalmente aproximado das figuras negras sobre as ânforas panatenaicas pela bibliografia;⁹⁰ o que é reforçado pelo sólido diálogo entre as oficinas áticas e as beócias (sua produção é datada do terceiro quartel do século V ao III a.C.).⁹¹ O próprio nome é baseado no uso relacionado ao culto no santuário cabírio de Tebas (*Kabirion*),⁹² onde a maior parte desses vasos foi encontrada. E, nesse sentido, a conexão com as ânforas panatenaicas parece reforçar-se, já que os achados de ânforas panatenaicas nesse santuário de Tebas são bastante consistentes: 35 objetos repertoriados, situando esse local como o quarto local de achados mais numerosos, depois apenas de Atenas, Eleusis e Vulci (ver **lista 1.3.2**). Já a produção dos vasos-Hadra,⁹³ especialmente as hídrias, é menos delimitada quanto ao pólo produtivo. Os mais antigos, em figuras negras (ver **fig. 39c**), são de produção cretense (conforme indicam o estilo ornamental e o exame da argila); mas, posteriormente, foram produzidas versões policrômicas em Alexandria e, talvez,

⁸⁹ Para o estilo cabírio, ver COOK, 1997, p. 97 e CLARK, ELSTON & HART, 2002, p. 74.

⁹⁰ Ver SPARKES, 1991, p. 96. Stansbury-O'Donnell (2011, p. 44), por exemplo, diz que: “as figuras eram feitas em figuras negras, técnica que continua a ser usada em pequena escala no século V a.C., mesmo depois do desenvolvimento da pintura em figuras vermelhas a partir do final do século VI a.C. Muitos vasos em figuras negras podem ser associados a cultos e rituais tais como aqueles de Cabiros, assim como em Atenas sobre ânforas panatenaicas produzidas a cada quatro anos para os Jogos Panatenaicos. Embora não estejamos certos sobre a natureza dos rituais cabírios e qual o papel que taças como essas poderiam ter desempenhado neles, o estilo é distintivamente reconhecível quando encontrado em um museu, criando um grande contraste com os mais idealizados e mais naturalísticos vasos em figuras vermelhas que normalmente dominam exposições de arte clássica. Eles sugerem que o estilo específico pode ter uma proposta particular expressiva” (*The figures are made in Black-figure, a technique that continued to be used at a small scale in the fifth century, even after the developments of red-figure painting in the late sixth century. Many black-figure vases can be associated with cults and rituals such as those at Cabiros, as well as in Athens on Panathenaic prize amphorae made every four years for the Panathenaic games. Although we are not sure about the nature of Cabiran rituals and what role a cup like this would have played in them, the style is distinctly recognizable when encountered in a museum and forms a strong contrast to the more idealized and naturalistic red-figure vases that usually dominate displays of Classical art. They suggest that a specific style can have a particular expressive purpose*).

⁹¹ Ver CLARK, ELSTON & HART, *op. cit.* Cook (*op. cit.*) diz que se tentava, inclusive, imitar a coloração da cerâmica ática avermelhada banhando vasos com tinta vermelha, apresentando um aspecto diferente do marrom desbotado próprio da cerâmica local. Entretanto, o estilo cabírio é bastante peculiar quanto à sua temática e tratamento estético das figuras. As cenas são, geralmente, cômicas e figuras com elementos corporais distorcidos; mas há a possibilidade de se encontrar exceções (como uma figura não explicitamente cômica de Odisseu e cenas de simpósio – ver VICKERS, *op. cit.*, p. 99 e BOARDMAN, *op. cit.*, p. 258, fig. 506).

⁹² Para uma investigação do culto dos Cabiros e do sentido desses vasos nele (a partir de uma interpretação, caracterizada por Parker (2001, p. 254m n. 82) como bastante especulativa; ver DAUMAS, 1998.

⁹³ Para os vasos-Hadra, ver COOK, 1997, p. 197-9; SPARKES, 1991, p. 54. Para os vasos-Hadra em figuras negras, ver COOK, *op. cit.*, p. 198.

em Rodes, Tera, Tanagra, Mírina e Ucrânia (a produção é delimitada entre o século IV e I a.C.).⁹⁴

Esses exemplos indicam que o uso das figuras negras, depois de ter sido a técnica mais utilizada no século VI a.C., foi, não absolutamente, mas consistentemente ligado a práticas ritualizadas – na Ática e fora dela. O que está ligado ao movimento chamado “arcaístico” e “arcaizante”.⁹⁵ Mas, vale dizer, seja arcaístico (o caso dos léцитos, lutróforos e crateriscos citados) ou arcaizante (a recuperação da técnica de figuras negras no estilo cabírio e nos vasos-Hadra), o sentido ritualístico pode ser observado e a produção de ânforas panatenaicas esteve ligada a ambos: mediada pelo maneirismo (o arcaístico) e um processo de delimitação e consciência de um aspecto estético “antigo” (o arcaizante).⁹⁶ E, nesse sentido, é interessante observar a produção e uso das ânforas panatenaicas como um fenômeno constantemente relacional; mas não o único: em outros campos, é possível observar a produção de esculturas de vários deuses (Ártemis/Diana, Ártemis/Hécate, Atena/Minerva, Tyche/Fortuna, Spes, Dioniso, Apolo e Hermes) com características claramente arcaizantes utilizadas ainda no período romano.⁹⁷ Novamente, a retenção de determinado aspecto relacionado ao “antigo” em contexto ritual.

Pode-se, evidentemente, pensar na questão da memória; mas, sobretudo, ligada à idéia de controle. Ou seja, objetos rituais aos quais se impõe certa “paralização” (controle da mudança e, talvez, do próprio tempo). Entretanto, para isso, é preciso identificar a base dos argumentos. Do ponto de vista arqueológico, a delimitação do uso desses objetos em contexto ritual dá-se a partir da combinação de informações variadas, obtidas por meio da discussão cronológica (datação e

⁹⁴ Ver COOK, *op. cit.*, p. 197 e 199.

⁹⁵ Para uma discussão do termo “arcaizante” e seus usos, ver FULLERTON, 1998, p. 71-3 (sobretudo 72-3, para a distinção entre “arcaístico” e “arcaizante”); ZAGDOUN, 1989, p. 11-22 e HARRISON, 1965, p. 50. Ridgway (2002, p. 142), faz uma breve apresentação da distinção: “eu chamo de ‘arcaístico’ uma obra que à primeira vista quase parece arcaica, com alguns poucos traços maneiristas ou anacrônicos traindo o fato de que foi feita depois de 480 a.C. Diferente disso, eu chamo ‘arcaizante’ uma obra feita no estilo de seu próprio período – mais explicitamente, o barroco helenístico – mas cujo padrão subjacente é arcaico” (*I call Archaistic a work which at first glance looks almost coherently Archaic, with only a few mannerisms or anachronistic traits betraying the fact it was made after 480. By contrast, I call Archaizing a work made in the style of its own period – most explicitly, the Hellenistic Baroque – but whose underlying pattern is Archaic*).

⁹⁶ O exemplo de discussão mais profunda de aspectos arcaizantes das ânforas panatenaicas é sobre a Atena *Promakhos* do século IV a.C. Há, mesmo, quem situe o início do estilo arcaizante a partir da Atena panatenaica em meados do século IV a.C. (ver FURTWÄNGLER, 2010, p. 439, n. 6). Para os tipos de Atena/Minerva arcaizantes (o tipo *Promakhos*, *Palladium* e outras), ver FULLERTON, 1990, p. 45-84. Para uma discussão específica da Atena *Promakhos* no âmbito arcaizante, ver HAVELOCK, 1964, 1965 e 1980.

⁹⁷ Ver FULLERTON, 1990.

organização seqüencial), o estudo do estilo e o contexto de achado – todos amplamente conectados. Por exemplo, o estilo ou a situação de achado podem indicar elementos precisos de datação desses objetos. Articulados, eles parecem indicar a retenção de aspectos materiais “antigos”, claramente situados em períodos mais recentes e freqüentemente utilizados em contextos bastante delimitados.

* * *

Os vários exemplos de citação das ânforas panatenaicas, sua aproximação com as hídrias e a permanência da técnica de figuras negras, como visto, indicam um alto grau simbólico relacionado a esse tipo de objeto; dada sua forte inserção no conjunto de elementos que remetem à premiação, em contexto funerário (o próprio vaso imobilizado ou referências a ele), e também por sua aparência (fala-se, sobretudo da técnica de figuras negras), aspectos aqui observados de forma analítica mas que, se pensados na sua conexão, indicam importantes níveis de inserção simbólica dos vasos panatenaicos. E, nesse sentido, é viável recuperar a discussão da caracterização do vaso panatenaico como prêmio. Na parte anterior (*Panatenaicas III*), a discussão da inserção em contexto primário e secundário mostrou tipos de usos diferentes (relacionados ou não às Grandes Panatenéias – ver *Panatenaicas III*, p. 118), o que baseou a identificação de trajetórias possivelmente desarticuladas do óleo panatenaico e do próprio festival panatenaico e, dessa forma, identifica-se a possibilidade de ter havido vasos panatenaicos que nunca foram utilizados como premiação; o que permitiu, inclusive, relativizar sua comum caracterização como prêmio.

Entretanto, a discussão nesta parte parece fornecer novos elementos para a discussão sobre o vaso panatenaico como prêmio. Ora, a caracterização do vaso como elemento secundário, instrumentalizado no contexto da composição da premiação (preenchimento com óleo panatenaico), parece perder a força quando se pensa no grau de simbolismo ao qual esse tipo de vaso poderia estar ligado, não necessariamente ligado ao óleo. A relação prática e original com o óleo poderia ser transposta e mesmo vasos panatenaicos não utilizados como continentes de óleo poderiam tomar parte desse universo simbólico. Talvez tenha sido o caso das ânforas panatenaicas encontradas numa tumba tarentina (ver *Panatenaicas III*, p. 117-8), sem indícios de uso como continente de óleo e variados quanto aos temas das provas apresentadas.

Esse caso é indica o interesse sobre o vaso panatenaico, cuja aquisição, muito provavelmente, não foi ligada à vitória no festival, mas sua imobilização respondia a práticas simbólicas estruturalmente articuladas. Ou seja, é complicado situar as ânforas panatenaicas no âmbito da memória de uma vitória específica, mesmo quando

elas estiveram ligadas a um atleta vitorioso. Talvez, elas fossem conectadas a uma espécie de memória (compreendida como ação tradicional, não necessariamente reflexiva ou crítica) de projeção pan-helênica, maior que o festival de Atenas. Assim, quando se fala em ânfora-prêmio, é preciso dizer exatamente a que se refere: ao objeto utilizado como prêmio no contexto das Grandes Panatenéias (o que, como visto, não é possível aplicar a todos os vasos panatenaicos) ou ao objeto que, a despeito de sua trajetória específica, potencialmente estava inserido num universo de referências à premiação.

CONCLUSÃO

O reconhecimento dos vários limites de caracterização, orientado pela discussão até aqui estabelecida, é importante para se pensar nas duas principais questões tratadas: a delimitação do vaso panatenaico como um tipo definido e sua situação na esfera da premiação, ambas compreendidas no amplo recorte cronológico concernente à sua produção, uso e imobilização. O caso das ânforas “pseudo-panatenaicas”, por exemplo, está conectado a esse debate. Sua produção é situada entre meados do século VI e meados do V a.C., uma extensão do uso da técnica de figuras negras coerente à de vasos ritualísticos como os léцитos e os lutróforos, situadas no âmbito do “arcaístico”. Esse tipo de citação feita às ânforas panatenaicas acabou gerando certa dificuldade de delimitação desses grupos (referente e referencial) no âmbito da tipologia arqueológica. A explicação de seu uso passa pelo nível de duplicação das ânforas panatenaicas (cópia) e por determinadas demandas relacionadas às Grandes Panatenéias. E, nesse sentido, é importante notar que a dispersão das ânforas “pseudo-panatenaicas” é praticamente idêntica à das ânforas panatenaicas (entre Oriente Próximo e a região da Itália, entre o Mar Negro e o Norte da África)¹ e, além disso, a concentração desse tipo de vaso em Atenas, também é observada.² Esse tipo de vaso parece sido a primeira expressão de um movimento maior de citação das ânforas panatenaicas em contextos variados e, com isso, é complicado pensar num tipo de interesse específico, relacionado às Grandes Panatenéias, sobretudo quando se considera a possibilidade de vasos panatenaicos terem sido comercializados não articulados diretamente a esse festejo. Assim, o interesse generalizado sobre as ânforas panatenaicas teve, nesse momento, a produção de um tipo de vaso paralelo como elemento viável. Ou seja, para bem compreender o sentido das ânforas “pseudo-panatenaicas”, é preciso situá-las no plano tradicional.

Quanto à inserção no universo da premiação, como visto, há dois níveis importantes: a experiência específica das ânforas panatenaicas no âmbito das Grandes Panatenéias e a sua comum situação no âmbito mais geral da premiação, cuja projeção não se restringia a Atenas, mas abrangia um “patrimônio pan-helênico” conectado ao universo funerário e atlético. Para o primeiro, a identificação dos traços de uso do vaso é fundamental para se pensar a relação do conjunto vaso-óleo, e se coloca como tarefa importante para o desenvolvimento do conhecimento sobre o grau

¹ Ver BENTZ, 2001, p. 116.

² Segundo o catálogo de Bentz (*op. cit.*, nº 2-24, 28-144, 281), cerca de 43,4% em Atenas.

de envolvimento das ânforas panatenaicas nas Grandes Panatenéias. Além disso, aplicar tal teste de identificação nas ânforas panatenaicas em fundo branco, por exemplo, esclareceria um pouco mais sobre a vocação desses vasos relacionados, ao que tudo indica, ao concurso musical; e o mesmo pode ser aplicado aos objetos tardios (ânforas panatenaicas do século III a.C. e posteriores). Entretanto, é necessária uma abordagem sistemática, com uma clara apresentação do método de avaliação dos vestígios de uso e a análise de um *corpus* bem definido. Já, para o segundo, é preciso construir uma caracterização mais sólida dos tipos de contexto de inserção e de imobilização. Como dito, a delimitação em quatro esferas possíveis (santuários, espaços funerários, públicos e domésticos) é bastante abrangente e esconde especificidades internas. Mas, é preciso notar que uma caracterização mais firme dos tipos de inserção e de imobilização depende de informações mais detalhadas dos achados, muitas vezes não registradas, publicadas sumariamente ou nem mesmo publicadas. O mesmo pode ser dito sobre as citações sobre as ânforas panatenaicas, que também mereceriam estudos de contexto mais detalhados.

Entretanto, identificar essas necessidades básicas não apresenta um cenário necessariamente negativo. Ao contrário, elas indicam limites importantes a serem considerados na interpretação e, parece, esse é o aspecto mais significativo deste trabalho. Não apenas a sua identificação, mas a sua natureza e interferência na caracterização dos vasos panatenaicos. Nesse sentido, cabe retomar a caracterização inicial sobre as ânforas panatenaicas (ver *Introdução*, p. 1). É preciso notar que se trata de uma definição de manual (um verbete em uma obra sobre elementos variados sobre a cerâmica grega); entretanto, mesmo uma introdução muito simples às ânforas panatenaicas poderia considerar as variadas questões ainda abertas sobre a interpretação de tal objeto, ele mesmo, e sobre sua inserção no plano sócio-cultural. Essa caracterização, dessa forma, parece basear-se na perspectiva majoritária de interpretação dos vasos panatenaicos, situando esse tema de estudo (centrado em torno de um objeto) como já bem definido e modelar. Todas as questões levantadas e tratadas ao longo deste texto (mesmo aquelas com elementos mais sólidos na base da interpretação) indicam um cenário ainda duvidoso quanto a alguns aspectos das ânforas panatenaicas. Dessa forma, retoma-se a questão: “o que são ânforas panatenaicas?” Segundo a citada definição de manual:

Grandes ânforas com pescoço e pé estreito com pequenas alças verticais, sempre decoradas com a técnica de figuras negras (mesmo muito tempo depois da invenção das figuras vermelhas).

A descrição da forma é consistente, levando em conta que mesmo tendo havido uma série de mudanças formais, a proporção entre as partes é constante e essas características de vaso de transporte são mantidas no plano estrutural. Entretanto, se a técnica de figuras negras presente em toda a produção destoa da técnica utilizada na produção das ânforas panatenaicas em fundo branco (pontualmente produzidas entre os séculos II e I a.C.), o programa ornamental é o mesmo. Além disso, a forma desses vasos (incluindo-se a proporção entre as partes) e a presença da inscrição com nome de tesoueiros ratificam tal proximidade. Dessa forma, há que se considerar esse desvio bastante pontual na trajetória estrutural da técnica de figuras negras na produção dos vasos panatenaicos. E a caracterização continua. Quanto a seu uso:

Preenchidas com óleo de oliva das árvores dos bosques sagrados de Atena, essas ânforas eram entregues como prêmio de vitória nos Jogos Panatenaicos, um festival esportivo que acontecia a cada quatro anos em Atenas em honra a Atena, a padroeira da cidade.

Como visto, há uma série de vasos que não apresentam traços de uso como continentes de óleo de oliva. Assim, tendo em vista que o óleo era o prêmio (ao menos em grande parte da trajetória do festival panatenaico), pode-se dizer que parte dos vasos panatenaicos não era relacionada ao óleo-prêmio; ou seja, não compunham a premiação. Quanto aos exemplares tardios, a possibilidade de alguns vasos serem troféus (não relacionados ao óleo) é colocada. Além disso, há que se considerar a possibilidade do uso relacionado à premiação do concurso musical em contextos isolados indicados mais consistentemente pela produção em fundo branco e por algumas ânforas panatenaicas com figura de prova musical. Assim, é preciso relativizar sua relação necessária com o óleo panatenaico e seu uso no concurso gímico e hípico. Mas, é importante notar que, apesar dessa desarticulação parcial entre o vaso panatenaico e o festival panatenaico, esse vaso era um objeto de referência constante ao universo da premiação e, nesse sentido, a caracterização como prêmio, de forma mais abrangente, parece viável para o conjunto. Na sequência, alguns referenciais cronológicos:

As primeiras ânforas panatenaicas foram provavelmente entregues como prêmio em 566/5 a.C., quando os Jogos Panatenaicos foram reorganizados; essas ânforas continuaram a ser produzidas até o segundo século a.C. e, em figuras negras muito modificadas, até o período romano. (...) No século IV a.C., algumas ânforas panatenaicas eram também inscritas com o nome do arconte (o magistrado mais importante) de Atenas, o que torna possível datá-las precisamente.

A cronologia das Grandes Panatenéias (seu início e fim) é ainda discutível. Quanto à sua criação, fontes tardias indicam o ano de 566/5 a.C., ao qual se pode indicar com alguma desconfiança; entretanto, a produção de ânforas panatenaicas não pode ser relacionada diretamente a essa data. O estudo do estilo da *Burgon amphora* (cat. 1) mostra uma época coerente (segundo quartel a meados do século VI a.C.); mas, como os achados para essa época são ainda pouco claros, não se pode dizer com certeza que essa ânfora panatenaica seja correspondente à data de reorganização do festival, que também é discutida. Ou seja, tais elementos sugerem que não se pode entender de forma equivalente a cronologia da reorganização do festival, a da *Burgon amphora* e a do início da produção de ânforas panatenaicas. Quanto à cronologia do fim da produção, é preciso lembrar que há exemplares datados do século I a.C. e que há um vaso, isolado, aparentemente conectado às ânforas panatenaicas, do século IV d.C., o que coloca a possibilidade de se pensar, de forma menos precisa, o fim da produção. Aliás, é importante dizer, a seqüência cronológica das ânforas panatenaicas, como a dos vasos áticos em geral, é baseada em aproximações a elementos externos e sofre uma série de revisões. Aparentemente, a única possibilidade de precisão cronológica é colocada para os exemplares do século IV a.C. com inscrições com nome de arconte (conforme indicado) e outros posteriores com inscrição com nome de tesoureiros e fiscais. Continuando a caracterização do vaso, no tocante à sua inserção, é dito:

Sabe-se que cerca de 140 ânforas devem ter sido concedidas a um único vencedor pela vitória em uma única prova.

A compreensão da quantidade de vasos panatenaicos produzidos para cada Grande Panatenéia e, especificamente, para cada prova, esbarra na qualidade das fontes que se tem à disposição: fala-se principalmente da *IG II² 2311*, bastante fragmentada e datada do primeiro quartel do século IV a.C.; ou seja, considerando as constantes mudanças no programa do concurso atlético, não se pode projetar eventuais números de ânforas de óleo apresentadas nessa inscrição para toda a experiência do festival. No caso da premiação de algumas provas claramente indicadas ali, o problema é estabelecer uma relação direta entre as “ânforas de óleo” ali citadas e as ânforas panatenaicas. Dessa forma, a quantidade precisa de vasos panatenaicos oferecidos compondo a premiação é desconhecida. Quanto à relação com seu conteúdo (o óleo), especificamente sobre a capacidade do vaso, é dito que:

Teoricamente, cada vaso comportava um *metrētēs*, 39,39 litros (...). Recentes tiragens de medidas vêm mostrando, porém, que uma típica ânfora panatenaica continha cerca de três litros a menos que um *metrētēs*.

A capacidade das ânforas panatenaicas não pode ser relacionada diretamente à medida “ânfora” e ao *metretes*. A grande variação interna (entre exemplares contemporâneos) e externa (no plano diacrônico) não permite propor tal equivalência, mesmo considerando um conjunto de ânforas panatenaicas “típicas” (coerentes quanto à forma, à proporção entre as partes, ao programa ornamental, aos elementos figurativos e portando inscrições de tipo *athlon*), também caracterizadas por grande variação dimensional. Quanto às situação das figuras, elas são situadas da seguinte forma:

Na parte frontal do vaso, a própria Atena é representada e, na traseira, a prova na qual o vaso era obtido é (presumivelmente) retratada.

A idéia de frente e verso das ânforas panatenaicas tem validade parcial. Acredita-se, sem argumentação consistente, que a face com a figura de Atena e a inscrição de tipo *athlon* fosse a principal (por isso ela é chamada de face A, frente, anverso); por oposição à face com as figuras das provas atléticas (face B, traseira e reverso). Entretanto, a referenciação consistente da face com as figuras das provas atléticas nas figuras de ânforas panatenaicas espalhadas pelo Mundo Grego indica a forte relevância dessa face. Assim, se se pensar em certa hierarquia entre face A e B, frente e traseira, anverso e reverso, parece que a face com a figura de Atena perde a força na constituição de uma nova hierarquia entre as faces. A questão é que a constatação dessa hierarquia só pode ser feita pensando-se na trajetória complexa do vaso em contexto sócio-cultural e na sua constante mudança. Sobre a correspondência entre a prova figurada e a aquisição do vaso mediante vitória na prova citada no vaso, os indícios são cada vez mais consistentes. Casos como o de Nicágoras e de conjuntos de fragmentos de ânforas panatenaicas encontradas no Cemitério do Cerâmico (ambos apresentando conjuntos coesos – a mesma prova figurada e traços de uso como continente de óleo) ratificam essa interpretação. Ao contrário, o conjunto variado encontrado numa tumba tarentina (quatro vasos panatenaicos com três provas bem diferentes e sem vestígio de uso como continente de óleo) reforça isso. Ou seja, conjuntos variados poderiam estar ligados à aquisição não relacionada ao festival. Sobre a delimitação desse tipo de vaso, supõe-se que

Todas as ânforas panatenaicas são inscritas com as palavras “(um prêmio) dos jogos de Atenas” (*ton athenethen athlon*). (...) Vasos de tipo panatenaico sem inscrição – provavelmente não eram vasos-prêmio na maioria dos casos, mas,

todavia, muitas vezes decorados com a Atena em uma face – são conhecidos como *ânforas de tipo panatenaico* ou *ânforas pseudo-panatenaicas*.

A inscrição de tipo *athlon* é um elemento, entre outros, relevantes na identificação do vaso panatenaico. Por extensão, a própria caracterização do vaso “pseudo-panatenaico” também não pode ser baseada unicamente nesse critério. É a coerência desses vasos no grupo que fornece elementos para a distinção entre vasos panatenaicos e a produção paralela. Ficou claro que, mesmo autores que defendem a inscrição como critério mais relevante para a identificação do vaso panatenaico, oscilam quanto à sua importância nesse contexto. Por fim, propõe-se o seguinte texto reformulado:

Ânforas panatenaicas são grandes ânforas com pescoço e pé estreito com pequenas alças verticais, quase sempre decoradas com a técnica de figuras negras (mesmo muito tempo depois da invenção das figuras vermelhas), havendo uma produção pontual (século II-I a.C.) em fundo branco destinada exclusivamente às provas musicais. Muitas delas foram preenchidas com óleo de oliva das árvores dos bosques sagrados de Atena e provavelmente entregues como prêmio de vitória nos Jogos Panatenaicos, um festival esportivo que acontecia a cada quatro anos em Atenas em honra à Atena, a padroeira da cidade. Entretanto, havia vasos panatenaicos não relacionados ao armazenamento e transporte de óleo, talvez não obtidos no contexto dos jogos e outros que não chegaram a ser utilizados para conter óleo. A cronologia das mais antigas ânforas panatenaicas é situada no segundo quartel do século VI a.C. e se pensa que esses primeiros exemplares estavam ligados à reorganização dos festejos panatenaicos tradicionalmente situados em 566/5 a.C. Sua produção durou até o período romano (já com o estilo de figuras negras sensivelmente modificado) e há um exemplar datado do século IV d.C. (citando a técnica de figuras negras), cuja coerência com a produção anterior é difícil de estabelecer. A maior precisão cronológica sobre esses vasos é relacionada a parte dos exemplares do século IV a.C., dadas as inscrições com o nome do arconte (o magistrado mais importante) de Atenas; e posteriores, quando identificados os nomes de tesoureiros e fiscais. A quantidade de vasos panatenaicos produzidos e entregues em cada Grande Panatenéia para os atletas vitoriosos no concurso panatenaico não é clara. Entretanto, pensa-se numa relação indireta entre essa quantidade e aquela indicada numa lista de provas de c. 375 a.C. (*IG II² 2311*), de onde se sabe, por exemplo, que cerca de 140 ânforas de óleo devem ter sido concedidas a um único vencedor pela

vitória em uma única prova. A capacidade dos vasos panatenaicos é bastante variável e, com isso, pensa-se num mecanismo de controle exterior (um tipo de ânfora-medida padronizada), talvez relacionada à própria medida “ânfora” (equivalente ao *metrētēs*), mas isso poderia variar. Numa face, a própria Atena é figurada e, na outra, a prova na qual o vaso era obtido é (presumivelmente) retratada. Essas ânforas apresentam consistentemente as palavras “(um prêmio) dos jogos de Atenas” (*ton athenethen athlon*); mas há algumas que, por motivo desconhecido, apesar de serem idênticas em todos outros aspectos, não apresentam tal inscrição. Há, ainda, uma produção paralela de vasos evidentemente relacionados às ânforas panatenaicas, que não portam a inscrição de tipo *athlon*. Eles são conhecidos como *ânforas de tipo panatenaico* ou *ânforas pseudo-panatenaicas*.

Lista 1. Catálogo de ânforas panatenaicas

1. Londres - B 130
l.a.: Atenas, T.
cron.: 570/60
aut.: Burgon, G.
dim.: alt. 61,2; dp. 13,8; dbj. 41,8; dbc. 20,5; cap. 35
epis.: Golfinho
col.: sem colunas
dir. Atena: ←
prova: corrida de biga
inscr.: fa. *ton athenethn athlon:emi (sic)*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.001
2. Halle - 560
l.a.: Atenas?
cron.: c. 560
aut.: Lido (prox.)
dim.: alt. 62; dp. 14; dbj. 41,5; dbc. 19,5
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fp. *]dron*
bibl.: BENTZ, 1998, 6 6.002
3. Atenas, Cerâmico - PA 443
l.a.: Atenas, Cerâmico T.
cron.: c. 560
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *Hypereids epoie[, hAndrogenos, ton athenethen a[]]*
bibl.: BENTZ, 1998, 6.004
4. Atenas, Ágora - PA 10204
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: c. 560
dir. Atena: ←
inscr.: fa. *]os epoiesen*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.005
5. Genebra, J. Ch. - s./inv.
l.a.: Etrúria?
cron.: c. 560
aut.: Calicles, P.
dim.: fr. c. 25
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *Kalikle[]epoiesen; []then[]then[; fp. An[]ad[]?;]s[(localização incerta)*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.006; CHAMAY, 2001, p. 7-9, pr. 1
6. Nova Iorque, Metr. - 1978.11.13
l.a.: Itália?
cron.: 560-550
aut.: Lido, Nícias
dim.: alt. 61,8 (r); dbj. c. 42
epis.: leão (parte frontal)
col.: sem colunas
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *Nikias epoiesen, ton athenethen athlon; fp. andron stadion*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.007
7. Florença - 97779
l.a.: Orvieto, T.
cron.: 550-540
aut.: Lido
dim.: alt. 58; dp. 11; dbj. 45; dbc. 16; cap. 35,1
epis.: rosácea (6 pontas)
col.: sem colunas
dir. Atena: ← (acompanhada de atleta)
prova: corrida de quadriga
inscr.: fp. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.008
8. Atenas, M. N. Acr. 921
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 550-540
aut.: Mnesiades
col.: sem colunas
dir. Atena: ←
prova: corrida armada
inscr.: fa. *Mnes[; fp. diaul[*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.011
9. Malibu - 81.AE.203.E
cron.: 540-530
aut.: Balanço, P.
dim.: frs. [boca, pescoço, bojo (fa. e fp.); dbc. 17,5
dir. Atena: →
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *]nethen a[*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.013; LINDNER, 2000
10. Basiléia (comércio de arte)
cron.: 550-525
aut.: Balanço, P.
dim.: alt. 45
epis.: águia
col.: sem colunas
dir. Atena: → (figura feminina com coroa); ← (Atena); Hermes, ← (cabeça), → pés
prova: boxe
inscr.: sem inscrição
bibl.: BENTZ, 2001, nº 152
11. Karlsruhe - 65/45
l.a.: Vulci
cron.: 540-530
aut.: Exéquias
dim.: alt. 59,6; dp. 11,4; dbj. 41; dbc. 18,1; cap. 33
epis.: 2 golfinhos
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: palē
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.014
12. Munique - 1451.WAF (J498)
l.a.: Etrúria (Canino)
cron.: c. 530
dim.: alt. 63,5; dp. 12; dbj. 41,2; dbc. 18,9; cap. 39,2
epis.: palmeta e 2 folhas de figueira
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *ton athenethen athlon; fp. stadio andron nik[*

bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.016

13. Munique - 9399
l.a.: Vulci (Candelori?)
cron.: c. 530
dim.: fr.
epis.: pantera (cabeça)
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *ton athene*[; fp. *]ad[] a[]dron*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.017

14. Atenas, M. N. - Akr. 914
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 540-530
dim.: fr. 9,4
epis.: trípode
col.: sem colunas
dir. Atena: ←
inscr.: fa. *Hekhekle*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.020

15. Corinto - C-30-85
l.a.: Corinto, Templo E (NO)
cron.: 566-530
dim.: fr. 6,4
dir. Atena: ←
inscr.: fa. *to*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.032

16. Atenas, M. N. - Akr. 1084
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 566-530
dim.: fr. 5,3
col.: sem colunas
dir. Atena: ←
inscr.: fa. *]nathe*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.034

17. Atenas, M. N. - Akr. 1985
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 566-530
dim.: fr.
col.: sem colunas
inscr.: fa. *]n ath*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.035

18. Atenas, M. N. - Akr. 1086
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 566-530
dim.: fr. 8,2
col.: sem colunas
inscr.: fa. *]ethen e*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.036

19. Atenas, M. N. - Akr. 1087
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 566-530
dim.: fr.
inscr.: fa. *]lon e*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.037

20. Atenas, Ágora - P 10361
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 566-530
dim.: fr.
inscr.: fa. *]then a*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.038

21. Oxford - G 141.45

cron.: 566-530
dim.: fr. 4,8
inscr.: fa. *]ath*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.039

22. Atenas, Ágora - P 269
l.a.: Atenas, Pnyx
cron.: 566-530
dim.: fr. 16,9
dir. Atena: ←
inscr.: fa. *]th[]athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.040

23. Tarento –
l.a.: Saturo
cron.: 566-530
inscr.: fa. *]thenenethe[]thlon (sic)*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.041

24. Tocrá - 2127/2128
l.a.: Tocrá, St. de Deméter e Perséfone
cron.: 566-530
inscr.: fa. *]athene*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.042

25. Atenas, M. N. - 1100
l.a.: Grécia Continental
cron.: 566-530
dim.: fr. (dbc) 17,8 (r)
inscr.: fa. *]on athenethen athlo*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.043

26. Atenas, M. N. - 2468
l.a.: Ática
cron.: c. 550
aut.: Boston C. A., P.
dim.: fr. 22
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fp. *díaulo dromo eimi*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.044

27. Atenas, M. N. - Akr. 1043
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 540-530
dim.: fr. 4,9
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fp. *and*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.046

28. Atenas, M. N. - Akr. 1044
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 540-530
dim.: fr. 5
prova: corrida a pé (não identificada)
inscr.: fp. *and*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.047

29. Atenas, M. N. - 19312
l.a.: Grécia
cron.: c. 540-30
dim.: alt. c. 60 (r)
epis.: carneiro
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: sem inscrição?
bibl.: BENTZ, 2001, nº 25

30. Boston – 01.8127
cron.: c. 530
aut.: Mastro, P.

dim.: alt. 60,2
epis.: corrocera
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: boxe
inscr.: sem inscrição
bibl.: BENTZ, 2001, nº 165

31. Roma, Vila Giulia 74957
l.a.: Etrúria (sul)
cron.: c. 530
aut.: Masto, P. (prox.)
dim.: alt. 44
epis.: trípole
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (longa distância)
inscr.: sem inscrição
bibl.: BENTZ, 2001, nº 296

32. Heidelberg - 73.3
cron.: 550-525
dim.: alt. 44
epis.: remoinho
col.: sem colunas
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: sem inscrição
bibl.: BENTZ, 2001, nº 212

33. Liverpool 56.19.23
cron.: 550-525
dim.: alt. 58,5
epis.: 3 círculos
col.: galos
dir. Atena: ←
prova: palê
inscr.: sem inscrição
bibl.: BENTZ, 2001, nº 226

34. Londres - B 144
l.a.: Vulci
cron.: 550-525
dim.: alt. 44,7
epis.: astro
col.: sem colunas
dir. Atena: ← (Atena) entre Hermes (→) e Zeus? (←)
prova: hipica; entrega de prêmio
inscr.: fa. sem inscrição; fp. *dyneiketu* : *hipos* : *nikai*
bibl.: BENTZ, 2001, nº 238

35. Oxford 1965117
cron.: 550-525
aut.: Antimenes, P.
dim.: alt. 49,5
epis.: trípole
col.: dórico; galos
dir. Atena: ← (Atena e Hermes)
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: sem inscrição
bibl.: BENTZ, 2001, nº 270

36. Nova Iorque, Metr. - 56.171.5
cron.: 530-520
aut.: Masto, P.

dim.: alt. 63,3; dp. 12,4; dbj. 40,4; dbc. 17,9
epis.: pombo
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.049

37. Vulci - 64220
l.a.: Vulci, Necrópole
cron.: 530-520
aut.: Masto, P.
dim.: alt. 61,5; dp. 17,5; dbj. c. 40; cap. 37
epis.: bode
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.050

38. Nauplia - 1
cron.: 530-520
aut.: Masto, P.
dim.: alt. 60; dp. 15,2; dbj. 42; dbc. 15,2
epis.: Triskelis
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: entrega do prêmio
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.051

39. Copenhaga, M. N. - Chr. VIII 797 (99)
l.a.: Vulci
cron.: 530-520
aut.: Copenhaga 99, G.
dim.: alt. 63; dbj. 41
epis.: peixe
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.055

40. Amsterdão - 1897
l.a.: Vulci
cron.: 530-520
aut.: Eufileto, P.
dim.: alt. 60; dbj. c. 40
epis.: perna
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.057

41. Boston - 99.520
l.a.: Vulci
cron.: 530-520
aut.: Eufileto, P.
dim.: alt. 60,7; dp. 12,9; dbj. 40,4; dbc. 18,6
epis.: pantera (parte frontal)
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (longa distância)
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.058

42. Londres - B 134
l.a.: Vulci
cron.: 530-520
aut.: Eufileto, P.

dim.: alt. 62,5; dp. 13,2; dbj. 42; dbc. 18,3;
cap. 35,5
epis.: roda
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: pentatlo
inscr.: fa. *ton athenethen athlon; Euphiletos kalos*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.059

43. Leida - PC 8
l.a.: Vulci
cron.: 530-520
aut.: Eufileto, P.
dim.: alt. 63,3; dp. 13,6; dbj. 41,2; dbc. 17,7;
cap. 36
epis.: pantera mordendo veado
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: pentatlo
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.060

44. Munique - 1453.WAF, J 655
l.a.: Vulci
cron.: 530-520
aut.: Eufileto, P.
dim.: alt. 61; dp. 12,2; dbj. 41; dbc. 18,6;
cap. 37,3
epis.: Gorgoneion
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *ton athe[*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.061

45. Munique - 1452.WAF, T657
l.a.: Vulci
cron.: 530-520
aut.: Eufileto, P.
dim.: alt. 61,7; dp. 14; dbj. 41; dbc. 18,6;
cap. 35,6
epis.: cão
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.062

46. Geri (desap.) - s./inv.
cron.: 530-520
aut.: Eufileto, P.
dim.: alt. 62,5; 67 (t); dbj. 40
epis.: galo
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida armada
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.063

47. Nova Iorque, Metr. - 14.130.12
l.a.: Vulci
cron.: 530-520
aut.: Eufileto, P.
dim.: alt. 62,3; dp. 13,5; dbj. 42; dbc. 17,5;
cap. 39,3
epis.: 3 círculos
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*

bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.064

48. Bolonha - PU 198 A
l.a.: Etrúria
cron.: 530-520
aut.: Eufileto, P.
dim.: alt. 65 (r); dbj. 40 (r)
epis.: cavalos afrontados
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
inscr.: fa. *ton ath[]ne[*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.065

49. Malibu 81.AE.203.F
l.a.: Etrúria
cron.: 530-520
aut.: Eufileto, P.
dim.: frs. alt. max. 19,5 [bojo, fa.]
col.: galos
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *]ethenath[]n*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.066; ZISA, 2000, p. 69-70, fig. 10a-c.

50. Roma, Villa Giulia - 79524
cron.: 530-520
aut.: Eufileto, P.
dim.: fr.
inscr.: fa. *]ath[*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.068

51. Berlim - F 1831
l.a.: Nola
cron.: c. 520
aut.: Antimenes, P.
dim.: alt. 50,5; cap. 18,1
epis.: serpente
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: boxe
inscr.: sem inscrição
bibl.: BENTZ, 2001, nº 160

52. Bruxelas - A 13b
cron.: c. 520
aut.: Antimenes, P. (prox.)
dim.: alt. 45; cap. 11
epis.: serpente
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: boxe
inscr.: sem inscrição
bibl.: BENTZ, 2001, nº 166

53. Gela - Sop BL 181
l.a.: Gela, Bosco Littorio
cron.: 530-510
aut.: Eufileto, P.
dim.: fr. (vários)
col.: dórico
dir. Atena: ←
inscr.: fa. *ton a[*
bibl.: PANVINI, 2004, p. 215-8

54. Bolonha-sobre-o-Mar - 441
l.a.: Vulci
cron.: 520-510
aut.: Bolonha 441, P.
dim.: alt. 65; dbj. c. 42
epis.: âncora

col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: palê
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*; Q B
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.070

55. São Petesburgo - 1510
l.a.: Etrúria
cron.: 520-510
aut.: AP de Varsóvia, P.
dim.: alt. 62; dbj. c. 39,2
epis.: roda de carroça
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a cavalo
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.071

56. Londres - B 136
cron.: 520-510
aut.: AP de Varsóvia, P.
dim.: alt. 64,2; dp. 14; dbj. 42,2; dbc. 19,4;
cap. 38,8
epis.: touro (parte frontal)
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: pentatlo
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.072

57. Nova Iorque, Metr. - 56.171.4
cron.: 520-510
aut.: AP de Varsóvia, P.
dim.: alt. 62,5; dp. 13,5; dbj. 40,5; dbc. 19,3
epis.: Vitória
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.073

58. Paris, Louvre - F 273
l.a.: Etrúria
cron.: 520-510
aut.: Antimenes, P.
epis.: 3 folhas de hera?
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *ton athenethen*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.074

59. Paris, Louvre - F 274
l.a.: Etrúria
cron.: 520-510
aut.: AP de Varsóvia, P.
dim.: alt. 62,5; dp. 12,5; dbj. 41,5; dbc.
18,5; cap. 37,5
epis.: golfinho
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a cavalo
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.075

60. Varsóvia - 198605
cron.: 520-510
aut.: AP de Varsóvia, P.
dim.: alt. 60; dbj. 40
epis.: Centauro
col.: dórico; galos

dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.076

61. Tarento - 12220/12217
l.a.: Tarento, Via Oberdan
cron.: 520-510
aut.: AP de Varsóvia, P.
dim.: fr. 8,5
epis.: cântaro
col.: dórico
dir. Atena: ←
prova: palê
inscr.: fa. ¶
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.077

62. Toronto 915.24
cron.: 530-500
dim.: alt. 62,2
epis.: carroceria
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: sem inscrição
bibl.: BENTZ, 2001, nº 313

63. Nápoles 112852
l.a.: Tarento
cron.: 525-500
dim.: alt. 47,5
col.: jônico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: sem inscrição
bibl.: BENTZ, 2001, nº 256

64. Roma, Vaticano 16929 (377)
l.a.: Vulci?
cron.: 520-500
aut.: Leagro, G.; Munique 1519, P.
dim.: alt. 45; cap. 11,7
epis.: carroceria
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: sem inscrição
bibl.: BENTZ, 2001, nº 290

65. Compiègne - 986
l.a.: Vulci
cron.: 510-500
aut.: Michigan, P.; Coruja de Havana, P.
dim.: alt. 62,5; dbj. c. 39; dbc. 19
epis.: coruja
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida armada
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.085

66. Havana - 226
cron.: 510-500
aut.: Michigan, P.; Coruja de Havana, P.
dim.: alt. 65; dp. 14,5; dbj. 41,6; dbc. 18,6
epis.: coruja

col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida armada
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*; fp. *a* (alfa em escudo de corredor)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.086

67. Munique - 1454.WAF (J449)
cron.: 510-500
aut.: Michigan, P.; Coruja de Havana, P.
dim.: alt. 62,5; dp. 13,5; dbj. 40,4; dbc. 18,8; cap. 35
epis.: coruja
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (longa distância)
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.087

68. Paris, Louvre - F 278
l.a.: Etrúria
cron.: 510-500
aut.: Michigan, P.; Coruja de Havana, P.
dim.: alt. 62; dp. 14; dbj. 40; dbc. 17,5; cap. 35,4
epis.: perna
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: pancrácio
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.088

69. Roma, Vaticano - 17048 (374)
l.a.: Vulci
cron.: 510-500
aut.: Michigan, P.; Coruja de Havana, P.
dim.: alt. 64,8 (r); dp. 13,5; dbj. 40,5
epis.: coruja
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: pentatlo
inscr.: fa. *ton athenethel*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.089

70. Basiléia, H. A. C. - HC 878
cron.: 510-500
aut.: Michigan, P.; Coruja de Havana, P.
dim.: 2 frs. 15,2; 20,7
col.: dórico
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *ton athenethen*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.090

71. Cirene/Shahat - Sb 416.1a-b;81.1
l.a.: Cirene, St. de Deméter e Perséfone
cron.: 510-500
aut.: Michigan, P.; Coruja de Havana, P.
dim.: fr. 10,8
inscr.: fa. *jo*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.091

72. Atenas, M. N. - Akr. 927
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 510-500
aut.: Michigan, P.; Coruja de Havana, P.
dim.: fr. 12
epis.: coruja
dir. Atena: ←
inscr.: fa. *jon ath*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.093

73. Tarento - 4595
l.a.: Tarento, Via Crispi, T.
cron.: 510-500
aut.: Leagro, G.
dim.: alt. 63,2; 68 (r); dbj. 40,5; dbc. 18,8; cap. 33,7
epis.: Sirene
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.096

74. Esparta - s./inv.
l.a.: Esparta, St. de Atena Khalcioecus
cron.: 510-500
aut.: Leagro, G.
dim.: alt. 53 (r); dbj. 34; dbc. 10
epis.: Sirene
col.: dórico
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *ton athenethen athlo*; *if* *tathanaiai* (sob a base)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.097

75. Esparta - s./inv.
l.a.: Esparta, St. de Atena Khalcioecus
cron.: 510-500
aut.: Leagro, G.
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. Inscrição de tipo *athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.101

76. Nova Iorque, Metr. - 07.286.80
l.a.: Cuma, Agrigento
cron.: 510-500
aut.: Leagro, G.
dim.: alt. 64,8; dp. 13,8; dbj. 42; dbc. 18,7
epis.: Sirene
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a cavalo
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.104

77. Tarento - 12218
l.a.: Tarento, Via Oberdan
cron.: 510-500
aut.: Leagro, G.
dim.: fr. 9,8
epis.: Sirene
col.: dórico
dir. Atena: ←
inscr.: fa. *if*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.105

78. Nápoles - 112848
l.a.: Tarento, Via Oberdan, T.
cron.: c. 500
aut.: Sícelo
dim.: alt. 66,5; dp. 13,8; dbj. 43; dbc. 19,5; cap. 37,1
epis.: Pegaso
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: pancrácio
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*; *Sikelos egraphsen* (grafite)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.127

79. Genebra, M. A. H. - MF 151
 cron.: c. 500
 aut.: Sícelo
 dim.: alt. 64; dp. 14; dbj. 40; dbc. 18,8; cap. 36,3
 epis.: Pegaso
 col.: dórico; galos
 dir. Atena: ←
 prova: corrida a pé (curta distância)
 inscr.: fa. *ton athenethen athlon*; III ME
 (grafite na base)
 bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.128

80. Princeton 1950.10
 cron.: c. 500
 aut.: Wurtzburgo 173, P.
 dim.: alt. 62,4
 epis.: *Gorgoneion*
 col.: jônico; galos
 dir. Atena: ←
 prova: corrida de quadriga
 inscr.: fa. sem inscrição
 bibl.: BENTZ, 2001, nº 284

81. Aiani - 11123
 l.a.: Macedônia, Aiani, Sep. Z, IA; T. ΣΤ
 cron.: c. 500
 aut.: Eucarides, P.
 dim.: alt. c. 60 (r); dp. 12,2; dbj. c. 40 (r);
 dbc. 16,7
 col.: dórico; galos
 dir. Atena: ←
 prova: corrida a pé (não identificada)
 inscr.:] *athe*[
 bibl.: KEPHALIDOU, 2001, p. 12

82. Londres - B 135
 l.a.: Grécia, Kamiros
 cron.: c. 500
 dim.: alt. 62,4; cap. 37,1
 epis.: tripode
 col.: dórico; galos
 dir. Atena: ←
 prova: corrida de quadriga
 inscr.: sem inscrição
 bibl.: BENTZ, 2001, nº 231

83. Liverpool - 56.19.29
 cron.: c. 500
 dim.: alt. 46,5
 epis.: serpente
 col.: dórico; galos
 dir. Atena: ←
 prova: boxe
 inscr.: sem inscrição
 bibl.: BENTZ, 2001, nº 229

84. Aiani - 11124
 l.a.: Macedônia, Aiani, Sep. Z, IA; T. ΣΤ
 cron.: Séc. V, primeira metade
 dim.: alt. c. 60 (r); dp. 12,8; dbj. c. 40 (r);
 dbc. 16
 dir. Atena: ←
 inscr.:] *the*[] *thlo*[
 bibl.: KEPHALIDOU, 2001, p. 13-5

85. Paris, B. N. Froehner 1595
 l.a.: Atenas?
 cron.: séc. VI, último quartel a séc. V,
 primeira metade

dim.: frs. 11,5 [bojo]
 dir. Atena: ←
 inscr.:] *thenethe*[
 bibl.: não publicado

86. Paris, B. N. Froehner 1596
 l.a.: Atenas?
 cron.: séc. VI, último quartel a séc. V,
 primeira metade
 dim.: fr. 6 [bojo]
 inscr.:] *eneth*[
 bibl.: não publicado

87. Compiègne - 987
 l.a.: Vulci
 cron.: Séc. VI-V
 dim.: alt. 63,5; dbj. c. 39,5
 epis.: carroceria
 col.: dórico; galos
 dir. Atena: ←
 prova: corrida de quadriga
 inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
 bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.132

88. Genebra, M. A. H. - MF 150
 l.a.: Vulci
 cron.: séc. VI-V
 dim.: alt. fr. 57; dbj. 42,5
 epis.: pentagrama
 col.: jônico; galos
 dir. Atena: ←
 prova: corrida a pé (curta distância)
 inscr.: fa. *ton*[
 bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.133

89. Erlangen - I 517 a
 cron.: séc. VI-V
 dim.: alt. 63,5 (r); dbj. 40,8
 epis.: cântaro com penacho de capacete na
 alça
 col.: dórico; galo
 dir. Atena: ←
 prova: boxe
 inscr.: fa.] *nethen athlo*] *n*
 bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.134

90. Siracusa - s./inv.
 l.a.: Siracusa, T.
 cron.: séc. VI-V
 dim.: fr. 17
 dir. Atena: ←
 prova: luta (não identificada)
 inscr.: fa.] *ne*[
 bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.135

91. Tarento - s./inv.
 l.a.: Saturo, St.
 cron.: séc. VI-V
 dir. Atena: ←
 prova: corrida a pé (curta distância)
 inscr.: fa. *enethen a*];] *etheke tai basilidi*
 bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.136

92. Roma (desap.) –
 cron.: séc. VI-V
 epis.: Sátiro
 col.: dórico; galos
 dir. Atena: ←
 prova: boxe
 inscr.: fa. *ton athenethen athlon* (conforme
 desenho)

bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.137

93. Atenas, M. N. - Akr. 1089
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: séc. VI-V
inscr.: fa.]*theneth*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.144

94. Atenas, M. N. - Akr. 1090
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: Séc. VI-V
dir. Atena: ←
inscr.: fa.]*n athe*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.145

95. Atenas, M. N. - Akr. 1091
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: Séc. VI-V
inscr.: fa.]*eneth*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.146

96. Atenas, M. N. - Akr. 1093
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: Séc. VI-V
inscr.: fa.]*athen*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.147

97. Atenas, M. N. - Akr. 1099
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: Séc. VI-V
inscr.: fa.]*n athlo*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.148

98. Atenas, M. N. - Akr. 1101
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: Séc. VI-V
inscr.: fa.]*lon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.149

99. Atenas, Ágora - P 774
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: Séc. VI-V
dim.: fr. 5,1
inscr.: fa.]*ath*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.150

100. Panticapéia –
l.a.: Panticapéia, Acrópole
cron.: Séc. VI-V
inscr.: fa.]*then*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.151

101. Atenas, Ágora - P 19585
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: Séc. VI-V
dim.: fr. 5,4
inscr.: fa.]*n a*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.152

102. Atenas, Ágora - P 19999
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: Séc. VI-V
dim.: fr. 4,6
dir. Atena: ←
inscr.: fa. *to*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.153

103. Atenas, M. N. - Akr. 1088
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: Séc. VI-V
dim.: fr. 4,8

dir. Atena: ←
inscr.: fa. *ton a*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.154

104. Bucareste MIRS 16788b
l.a.: Histria
cron.: Séc. VI-V
epis.: flor de lótus
dir. Atena: ←
inscr.: fa.]*en athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.155;
ALEXANDRESCU 1978, n. 294, pr. 30

105. Erlangen –
cron.: Séc. VI-V
inscr.: fa.]*nethen a*[]*o*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.156

106. Moscou, P. - M.85c84n.50
l.a.: Panticapéia
cron.: Séc. VI-V
dir. Atena: ←
inscr.: fa.]*lon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 6.157

107. Basiléia, M. A. & C. L. - BS 494
cron.: 500-480
aut.: Cleofrades, P.
dim.: alt. 65,7; dp. 13; dbj. 40,2; dbc. 18,3
epis.: Pegaso
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.001

108. Leida - PC 6
l.a.: Vulci
cron.: 500-480
aut.: Cleofrades, P.
dim.: alt. 64,5; dp. 14,1; dbj. 39,8; dbc. 17,8; cap. 34
epis.: Pegaso
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: pancrácio
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.002

109. Los Angeles - s./inv.
cron.: 500-480
aut.: Cleofrades, P.
dim.: alt. 64,4; dbj. 40,0
epis.: Pegaso
col.: dórico
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.003

110. Madri - 10900
cron.: 500-480
aut.: Cleofrades, P.
dim.: alt. 66; dbj. c. 41,5
epis.: Pegaso
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.004

111. Munique - 1456 WAF

l.a.: Vulci
cron.: 500-480
aut.: Cleofrades, P.
dim.: alt. 64,5; dp. 13,9; dbj. 38,6; dbc. 18,6; cap. 36
epis.: Pegaso
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: pentatlo
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.005

112. New Haven, Yale Univ. - 1909.13

cron.: 500-480
aut.: Cleofrades, P.
dim.: alt. 65,5; dbj. 40,2
epis.: Pegaso
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. Inscrição de tipo *athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.006

113. New Haven, Yale Univ. - 1909.12

cron.: 500-480
aut.: Cleofrades, P.
dim.: frs. alt. 65,2 (r); dbj. c. 39,5 [bojo, fa, fb; ombro e boca]
epis.: Pegaso
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *ton athen[]en athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.007

114. Nova Iorque, Metr. - 07.286.79

l.a.: Cuma/Agrigento
cron.: 500-480
aut.: Cleofrades, P.
dim.: alt. 65; dp. 13,4; dbj. 40,1; dbc. 17,8
epis.: Pegaso
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.008

115. Nova Iorque, Metr. - 16.71

l.a.: Vulci
cron.: 500-480
aut.: Cleofrades, P.
dim.: alt. 63; dp. 14,3; dbj. 39,1; dbc. 17,9; cap. 37,7
epis.: Pegaso
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: pancrácio
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.009

116. Nova Iorque, Z. - s./inv.

cron.: 500-480
aut.: Cleofrades, P.
dim.: alt. 65,8; dp. 12,5; dbj. 40,4; dbc. 17,9
epis.: Pegaso
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida armada
inscr.: fa. Inscrição de tipo *athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.010

117. Norwich - 26.49

cron.: 500-480
aut.: Cleofrades, P.
epis.: Pegaso
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (longa distância)
inscr.: fa. *ton athenethen athlthn (sic)*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.011

118. Paris, Louvre - F 277

l.a.: Etrúria
cron.: 500-480
aut.: Cleofrades, P.
dim.: fr. alt. 53; dbj. c.42 [parte baixa di bojo até o pescoço]
epis.: Pegaso
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *lon athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.012

119. Paris, Louvre - F 279

cron.: 500-480
aut.: Cleofrades, P.
dim.: alt. 64; dp. 14,5; dbj. 41; dbc. 15,3; cap. 37,5
epis.: Pegaso
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.013

120. Paris, Louvre - F 276

l.a.: Etrúria
cron.: 500-480
aut.: Cleofrades, P. (prox.)
dim.: frs. 34; 38 [bojo fa. e fp.]
epis.: Pegaso
dir. Atena: ←
prova: boxe
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.014

121. Cambridge 103.15

cron.: 500-480
aut.: Cleofrades, P. (prox.)
dim.: alt. 65,3; dbj. 41,5
epis.: Pegaso
col.: dórico; galo
dir. Atena: ←
prova: pancrácio
inscr.: fa. *ton a[]ne[]en athlo[]*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.019

122. Ístímia - IP 1172

l.a.: Istímia, St. Posídon
cron.: 500-480
aut.: Cleofrades, P. (prox.)
dim.: alt. 71 (r); dbj. 40,5
epis.: Pegaso
col.: dórico; galo
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (longa distância)
inscr.: fa. *ton[]nethen athlon ; Damon anetheke* (grafite em faixa sob painel)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.020

123. Quioto? - s./inv. (mercado de arte – Christie's Nova Iorque em 2004)
 l.a.: Istímia, St. Posídon
 cron.: 500-480
 aut.: Cleofrades, P. (prox.)
 epis.: Pegaso
 col.: dórico; galos
 dir. Atena: ←
 prova: pentatlo
 inscr.: fa. *ton athenethen[]thlon*
 bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.021; *site The City Review* 01 e *Christie's* 01

124. Londres - B 131
 l.a.: Vulci
 cron.: 500-480
 aut.: Cleofrades, P. (prox.)
 dim.: alt. 63,7; dp. 13,8; dbj. 40,5; dbc. 16,8; cap. 36
 epis.: Pegaso
 col.: dórico; galos
 dir. Atena: ←
 prova: corrida de biga
 inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
 bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.022

125. Londres - B 132
 l.a.: Vulci
 cron.: 500-480
 aut.: Cleofrades, P. (prox.)
 dim.: alt. 63,1; dp. 13,1; dbj. 39; dbc. 16,6; cap. 35,5
 epis.: Pegaso
 col.: dórico; galos
 dir. Atena: ←
 prova: corrida de biga
 inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
 bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.023

126. Malibu - 79.AE.9
 l.a.: Vulci
 cron.: 500-480
 aut.: Cleofrades, P. (prox.)
 dim.: alt. 65; dp. 13; dbj. 40,3; dbc. 17,9
 epis.: Pegaso
 col.: dórico; galos
 dir. Atena: ←
 prova: corrida de quadriga
 inscr.: fa. *]thene[]athlon*
 bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.024

127. Paris, Louvre F 280
 l.a.: Etrúria
 cron.: 500-480
 aut.: Cleofrades, P. (prox.)
 dim.: alt. 59,5 (r); dbj. c. 38,5
 epis.: Pegaso
 dir. Atena: ←
 prova: corrida a pé (curta distância)
 inscr.: sem inscrição
 bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.025

128. Toledo (Ohio) - 1961.24
 cron.: 500-480
 aut.: Cleofrades, P. (prox.)
 dim.: alt. 63,5; dp. 14,4; dbj. 41; dbc. 17,8
 epis.: Pegaso
 col.: dórico; galos
 dir. Atena: ←
 prova: palê
 inscr.: fa. *ton athenethen athlon*

bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.026

129. Tolmeita/Ptolemais –
 l.a.: Aslaia
 cron.: 500-480
 aut.: Cleofrades, P. (prox.)
 dim.: alt. 61; 68,5 (t); dbj. 40,4
 epis.: Pegaso
 col.: dórico; galos
 dir. Atena: ←
 prova: pentatlo
 inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
 bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.027

130. Tarento - 115474
 l.a.: Tarento, T. Via Genova
 cron.: 500-480
 aut.: Cleofrades, P. (prox.)
 dim.: alt. 64; 70 (t); dp. 13,4; dbj. 40,5; cap. 36
 epis.: Pegaso
 col.: dórico; galos
 dir. Atena: ←
 prova: pentatlo
 inscr.: fa. *ton ath[]ne[]en athlon*
 bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.028

131. Tarento - 115472
 l.a.: Tarento, T. Via Genova
 cron.: 500-480
 aut.: Cleofrades, P. (prox.)
 dim.: 65,3; 73 (t) / 13,1 / 41 / 17,4 / 36,6
 epis.: Pegaso
 col.: dórico; galos
 dir. Atena: ←
 prova: boxe
 inscr.: fa. *ton athene[]athlon*
 bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.029

132. Tarento - 115473
 l.a.: Tarento, T. Via Genova
 cron.: 500-480
 aut.: Cleofrades, P. (prox.)
 dim.: alt. 64,5; 69,5 (t); dp. 13,7; dbj. 45,5; dbc. 17,2; cap. 35,4
 epis.: Pegaso
 col.: dórico; galos
 dir. Atena: ←
 prova: corrida de quadriga
 inscr.: fa. *ton ath[]ethen ath[]; Δ / I* (sob a base)
 bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.030

133. Tarento - 115475
 l.a.: Tarento, T. Via Genova
 cron.: 500-480
 aut.: Cleofrades, P. (prox.)
 dim.: fr. 13,5
 dir. Atena: ←
 inscr.: fa. *]on[*
 bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.032

134. Heidelberg - 241
 cron.: 500-480
 aut.: Cleofrades, P. (prox.)
 dim.: fr. 17,2
 epis.: Pegaso
 dir. Atena: ←
 inscr.: fa. *ton athenethen a[*
 bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.033

- 135.** Florença 94779, 94840, 94768 C,
94884, 94768 E, 94820, 94843, 94881
l.a.: Etrúria
cron.: 500-480
aut.: Cleofrades, P. (prox.)
dim.: frs. 9,3; 11; 4,1; 8; 8; 9,2 [bojo, fa.]
epis.: Pegaso
dir. Atena: ←
inscr.:]lon
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.039, 5.107, 5.330;
BENTZ & ESCHBACH, 2001, p. 203, pr.
21, 1-3
- 136.** Londres - B 133
l.a.: Vulci
cron.: 500-480
aut.: Eucarides, P.
dim.: alt. 65,5; dp. 14,3; dbj. 41,8; dbc.
18,3; cap. 37
epis.: serpente
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a cavalo
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.046
- 137.** Nova Iorque, Metr. - 56.171.3
cron.: 500-480
aut.: Eucarides, P.
dim.: alt. 66,1; dp. 14,2; dbj. 39,2; dbc. 18,8
epis.: serpente
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a cavalo
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.047
- 138.** Toronto - 919.5.148
cron.: 500-480
aut.: Eucarides, P.
dim.: alt. 65; dp. 14,4; dbj. 39,5; dbc. 18,3
epis.: serpente
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a cavalo
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*; APIΣ; Q;
HΛC (grafite sob o pé)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.048
- 139.** Munique - 8746
cron.: 500-480
aut.: Eucarides, P.
epis.: serpente
col.: dórico
dir. Atena: ←
prova: corrida a cavalo
inscr.: fa. *ton ath[]en athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.049
- 140.** Atenas, Cerâmico M. - PA 192
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 500-480
aut.: Eucarides, P.
col.: dórico
dir. Atena: ←
prova: boxe
inscr.: fa. *ton[]nethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.050
- 141.** Siracusa - s./inv.
l.a.: Siracusa, Atenaion
cron.: 500-480
inscr.: fa.]n
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.066
- 142.** Gela - Sop BL 183
l.a.: Gela, Bosco Littorio
cron.: 500-480
dim.: 2 frs.
inscr.: fa.]*nethē*
bibl.: PANVINI, 2004 p. 215-8
- 143.** Berlim - F 1833
l.a.: Vulci
cron.: 500-480
aut.: Berlim 1833, P.
dim.: alt. 65; dp. 15,5; dbj. 41,8; dbc. 19,3;
cap. 38,5
epis.: serpente
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: boxe
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*; FAΣ
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.067
- 144.** Munique - 1455 WAF (J455)
l.a.: Vulci
cron.: 500-480
aut.: Berlim 1833, P.
dim.: alt. 64,8; dp. 15; dbj. 41,8; dbc. 19,2;
cap. 36
epis.: serpente
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: palē
inscr.: fa. *ton[]thneth[]n athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.068
- 145.** Leinden - PC 7
l.a.: Vulci
cron.: 500-480
aut.: Berlim 1833, P. (prox.)
dim.: alt. 66,4; dp. 14,4; dbj. 41; dbc. 18,6;
cap. 38,6
epis.: serpente
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a cavalo
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*;
APIΣTH; Q E; HPX (grafite sob o pé)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.069
- 146.** Paris, B. N. - 244
l.a.: Vulci
cron.: 500-480
aut.: Berlim 1833, P. (prox.)
dim.: alt. 67; dp. 15; dbj. c. 38,5; dbc. 19
epis.: serpente
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a cavalo
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*;
ΔΔΔΔΔΔΔΔΔΔΔΔIII; I (grafite sob o pé)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.070
- 147.** Bruxelas - R 229
l.a.: Vulci
cron.: 500-480
aut.: Atalante de Munique, P.
dim.: alt. 44
epis.: serpente
col.: dórico; galos

dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: sem inscrição
bibl.: BENTZ, 2001, nº 167

148. Mogúncia - 74
l.a.: Cavalupo
cron.: 500-480
dim.: alt. 52,7 ; cap. 22
epis.: Pegaso (parte frontal)
col.: dórico, galos
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. sem Inscrição de tipo *athlon*; fp.
nikon kalos; *e[la]*]*la*
bibl.: BENTZ, 2001, nº 244; CVA Alemanha
15, Mogúncia I, p. 37-8, pr. 35

149. Paris, Louvre - Eleonte 84
l.a.: Elaeus
cron.: 500-475
dim.: alt. 45; cap. 10,4
col.: dórico, galos
dir. Atena: ←
prova: prova musical (cítara, imberbe)
inscr.: sem inscrição
bibl.: BENTZ, 2001, nº 276

150. Berlim - F 1832
l.a.: Nola
cron.: 480-460
aut.: Berlim, P.
dim.: alt. 62,2; dp. 13,9; dbj. 41,5; dbc.
18,4; cap. 37,9
epis.: *Gorgoneion*
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.071

151. Ferrara - 9356
l.a.: Spina, Valle Pega, T. 11C
cron.: 480-460
aut.: Berlim, P.
dim.: alt. 61,3; 69 (t); dbj. c.40,3; dbc. 17,3
epis.: *Gorgoneion*
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.072

152. Varsóvia - 142346
l.a.: Vulci
cron.: 480-460
aut.: Berlim, P.
dim.: alt. 62; dbj. 41; dbc. 18,5
epis.: *Gorgoneion*
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a cavalo
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.073

153. Hanover, D. College - C.956.53
cron.: 480-460

aut.: Berlim, P.
dim.: alt. 62,2; dbj. c. 40
epis.: *Gorgoneion*
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: palê
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.074

154. Karlsruhe - 69/65
cron.: 480-460
aut.: Berlim, P. (ou oficina)
dim.: alt. 62; dp. 13,6; dbj. 41,6; dbc. 17,8;
cap. 37
epis.: *Gorgoneion*
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.075

155. Cirene/Shahat? - s./inv.
l.a.: Barke, Merg
cron.: 480-460
aut.: Berlim, P.
epis.: *Gorgoneion*
col.: dórico
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *ton[]lon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.076

156. Melbourne - s./inv.
cron.: 480-460
aut.: Berlim, P.
dim.: alt. 63,5; dbj. c. 41
epis.: *Gorgoneion*
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.078

157. Nova Iorque, C. - L 1982.102.3
l.a.: Vulci
cron.: 480-460
aut.: Berlim, P.
dim.: alt. 62,3; dp. 13,9; dbj. 41,9; dbc. 18,5
epis.: *Gorgoneion*
col.: dórico
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (longa distância)
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.079

158. Roma, Vaticano – 16959 (375)
l.a.: Vulci
cron.: 480-460
aut.: Berlim, P.
dim.: alt. 64; dp. 13,8; dbj. c. 40; dbc. 18;
cap. 38,2
epis.: *Gorgoneion*
col.: dórico
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *lenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.080

159. Brunswick, B. College - 30.13.1-2
cron.: 480-460
aut.: Berlim, P.?

dir. Atena: ←
inscr.: fa.]*n athenē*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.085

160. Estrime - s./inv.
l.a.: Estrime
cron.: 480-460
aut.: Berlim, P.
epis.: *Gorgoneion*
col.: dórico
dir. Atena: ←
inscr.: fa. *to*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.087

161. Atenas, M. N. - Akr. 1023
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 480-460
aut.: Berlim, P. (prox.)
dim.: fr. 11
epis.: Atena (cabeça)
col.: dórico
dir. Atena: ←
inscr.: fa. *to*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.089

162. Nápoles, Santangelo - 693
l.a.: Ruvo
cron.: c. 460
aut.: Egisto, P.
dim.: alt. 62,5; dbj. 41; dbc. 17,2; cap. 34
epis.: serpente
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: entrega do prêmio
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.090

163. Nápoles - 81294
cron.: 500-450
dim.: alt. 64; dbj. 40; cap. 35,8
epis.: *Gorgoneion*
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: pancrácio
inscr.: fa.]*the*[]*ethen*[]*thlon*; fp. *pankra*[]*n*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.091

164. Nápoles - 81293
l.a.: Ruvo, Nola
cron.: 500-450
dim.: alt. 70; dp. 15; dbj. 40; dbc. 20,3; cap. 38,4
epis.: Pegaso
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida armada
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.092

165. Wurtzburgo - CAP.III 301 (L171)
l.a.: Vulci
cron.: 500-450
dim.: alt. 66; dbj. c. 43; cap. 36,2
epis.: leão (parte frontal)
col.: dórico
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. Inscrição de tipo *athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.093

166. Frankfurt - ST V2

l.a.: Vulci
cron.: 500-450
dim.: alt. 44,9; dp. 13; dbj. 29; dbc. 16,1;
cap. 11,8
epis.: Pegaso
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.094

167. Londres - B 143
l.a.: Gela
cron.: 500-450
dim.: alt. 44; dp. 12,5; dbj. 30,2; dbc. 15,7;
cap. 11,7
epis.: serpente
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida armada
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.095

168. Eleusis - s./inv.
l.a.: Eleusis
cron.: 500-450
dir. Atena: ←
prova: corrida a cavalo
inscr.: fa.]*n*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.096

169. Atenas, M. N. - Akr. 988
l.a.: Atenas, Acropole
cron.: 500-450
dim.: fr. 9,5
col.: dórico
dir. Atena: ←
inscr.: fa. *ton*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.102

170. Míconos 303164
l.a.: Renéia
cron.: 500-450
dim.: frs. (r)
dir. Atena: ←
prova: luta (não identificada)
inscr.: fa. []*th*[]*then a*[]
bibl.: site Beazley Archive 02

171. Bolonha - Pell. 12 (18040)
l.a.: Bolonha
cron.: c. 430
aut.: Aquiles, P.
dim.: alt. 62; dp. 14; dbj. 40,5; dbc. 17; cap. 33,9
epis.: *Gorgoneion*
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.162

172. Bolonha - Pell. 11 (18039)
l.a.: Bolonha
cron.: c. 430
aut.: Aquiles, P.
dim.: alt. 62; dp. 14,3; dbj. 40,5; dbc. 17,5;
cap. 33,8
epis.: *Gorgoneion*
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←

prova: corrida a pé (curta distância);
entrega do prêmio
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.163

173. Moscou, M. N. - Uljap 82.4-19 ou
820.4-41 (conforme Oakley 1997, nº 300)
l.a.: Uljap
cron.: c. 430
aut.: Aquiles, P.
dim.: alt. 68,2 (r); dp. 24,8; dbj. 39,2; dbc.
18,5 (r)
epis.: *Gorgoneion*
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (longa distância)
inscr.: fa. ¶
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.164

174. Moscou, M. N. - Uljap 82.4-10 ou
820.4-10 (conforme Oakley 1997, nº 298)
l.a.: Uljap
cron.: c. 430
aut.: Aquiles, P.
dim.: alt. 66,9 (r); dp. (r) 16,3; dbj. 41,5;
dbc. (r) 17
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: entrega do prêmio
inscr.: fa. *]athenethen[]thlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.165

175. Nápoles - 8633 (RC 184)
l.a.: Cuma
cron.: c. 430
aut.: Aquiles, P.
dim.: alt. 50; dp. 13; dbj. 32; dbc. 15,6; cap.
16,8
epis.: *Gorgoneion*
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: pentatlo
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.166

176. Cambridge, U. H. 1 - 60.309
l.a.: Ática, T.
cron.: c. 430
aut.: Aquiles, P.
dim.: alt. 64,3; dbj. 40,2
prova: corrida a pé (curta distância)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.167

177. Atenas, Cerâmico - PA 168
l.a.: Atenas, Cerâmico, Pompeion
cron.: c. 430
aut.: Aquiles, P.
dim.: fr. 21,5
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (longa distância)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.168

178. Atenas, M. N. - Akr. 1100
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: c. 430
aut.: Aquiles, P.?
inscr.: fa. *]lon[*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.169

179. Atenas, Ágora - P 47
l.a.: Atenas, Ágora

cron.: c. 430
aut.: Aquiles, P.
dim.: fr. 6,5
prova: corrida a pé (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.170

180. Atenas, M. N. - Akr. 1118
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: c. 430
aut.: Aquiles, P.
dim.: fr. 12
prova: corrida a pé (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.171

181. Copenhage, G. C. - 3606
cron.: 430-420
aut.: Cleofonte, P.; Robinson, G.
dim.: alt. 62,8; dbj. 40,5
epis.: Vitória
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: pancrácio
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.172

182. Atenas, Ágora - P 10007
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 430-420
aut.: Cleofonte, P.; Robinson, G.
dim.: frs. 50; dbj. 42 (r) [bojo, fa, fp.]
epis.: Vitória
col.: dórico; galo
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. ¶
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.173

183. Oxford - 1952.548
l.a.: Al Mina
cron.: 430-420
aut.: Cleofonte, P.; Robinson, G.
dim.: alt. 69; dbj. 41,8
epis.: Vitória
col.: galo
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *]th[]th[]a[]on*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.174

184. Cambridge, U. H. 1 - 1959.128
l.a.: Ática
cron.: 430-420
aut.: Robinson, G.
dim.: alt. 50,2; dbj. 32,4
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: palê
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.175

185. Oxford (Mississipi) –
l.a.: Ática
cron.: 430-420
aut.: Robinson, G.
dim.: alt. 53,4; dbj. 32
epis.: Vitória
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: boxe
inscr.: fa. *]a[]nethen a[*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.176

186. Baltimore - 1960.55-3
l.a.: Ática, T.
cron.: 430-420
aut.: Robinson, G.
dim.: alt. 53,4; dbj. 33,8
col.: dórico; galo
dir. Atena: ←
prova: palē
inscr.: fa. *ton athenethen a[*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.177

187. Atenas, M. N. - Akr. 1041
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 430-420
aut.: Robinson, G.
dim.: fr. 17
epis.: Vitória
col.: dórico
dir. Atena: ←
inscr.: fa. *ton a[*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.178

188. São Petesburgo - 17794
l.a.: Tanais
cron.: 430-420
aut.: Robinson, G.
dim.: alt. 54; dbj. 35
epis.: coroa
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: concurso musical (cítara)
inscr.: fa. *ton a[]enethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.179

189. Atenas, Cerâmico - PA 735
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 430-420
aut.: Robinson, G.
dim.: fr. 16,5
prova: pancrácio
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.180

190. Bern - 23725
l.a.: Maratona
cron.: 430-420
aut.: Robinson, G. (prox.)
dim.: fr. 21,5
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
inscr.: fa. *ton athenethen[*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.181

191. Amsterdão - Scheuleer 546
cron.: 430-420
aut.: Robinson, G.?
dim.: fr. 7,5
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.182

192. Atenas, Ágora - P 454
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 430-420
aut.: Robinson, G.?
dim.: fr. 6
col.: dórico
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.183

193. Compiègne - 985
l.a.: Nola
cron.: 430-420
aut.: Compiègne 985, P.

dim.: alt. 51,5; dbj. c. 31,5; dbc. 14
epis.: *Gorgoneion*
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.184

194. Atenas, M. N. - Akr. 1124
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 430-420
aut.: Compiègne 985, P.
prova: corrida a pé (curta distância)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.185

195. Atenas, M. N. - Akr. 991
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 430-420
aut.: Compiègne 985, P.
dim.: fr. 11
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.186

196. Atenas, M. N. - Akr. 1102
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 430-420
aut.: Compiègne 985, P.
dim.: fr. 11,7
epis.: *Gorgoneion*
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.187

197. Atenas, M. N. - Akr. 1104
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 430-420
aut.: Compiègne 985, P.
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.188

198. Atenas, M. N. - Akr. 1106
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 430-420
aut.: Compiègne 985, P.
dim.: fr. 9
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.189

199. Atenas, M. N. - Akr. 1103
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 430-420
aut.: Compiègne 985, P.
dim.: fr. 4
epis.: *Gorgoneion*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.190

200. Atenas, M. N. - Akr. 982
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 430-420
aut.: Compiègne 985, P.
dim.: fr. 6
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.191

201. Berlim - 3979
l.a.: Bengasi
cron.: c. 450
dim.: alt. 63,5; dp. 13,8; dbj. 40; dbc. 17,6;
cap. 37,8
epis.: coroa de oliveira
col.: dórico; galos

dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.192

202. Atenas, Cerâmico - PA 700
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Z
cron.: c. 450
dim.: alt. 60 (sem base); dbc. 18,3
epis.: coroa de oliveira
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *ton a[]en athln (sic)*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.193

203. Reggio di Calabria –
l.a.: Locri
cron.: 450-430
dim.: alt. 63 (r)
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (não identificada)
inscr.: fa. *]n athenethen ath[*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.194

204. Atenas, Cerâmico - PA 685
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Z
cron.: 450-430
aut.: Aquiles, P.
dir. Atena: ←
prova: luta (não identificada); entrega do prêmio
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.195

205. Tarento - 4601
l.a.: Tarento
cron.: 450-430
dim.: alt. 62; dp. 14,3; dbj. 41,3; dbc. 18;
cap. 38,6
epis.: cavalo
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: boxe
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.196

206. Heracleion - 2074
l.a.: Praios
cron.: 450-430
dim.: 2 frs.
dir. Atena: ←
inscr.: fa. *]on a[*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.197

207. Atenas, M. N. - 451
l.a.: Atenas
cron.: 430-410
dim.: alt. 55; dbj. c. 30
epis.: *Gorgoneion*
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: palê
inscr.: fa. Inscrição de tipo *athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.198

208. Trieste - 1405
cron.: 430-410
dim.: alt. 50,5; dp. 13,5; dbj. 30,4; dbc. 15
epis.: *Gorgoneion*
col.: dórico; galos

dir. Atena: ←
prova: boxe; entrega do prêmio
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.199

209. Atenas, M. N. - 452
l.a.: Atenas
cron.: 430-410
dim.: alt. fr. 50
epis.: *Gorgoneion*
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.200

210. Atenas, Cerâmico - PA 675
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Z
cron.: 430-410
epis.: *Gorgoneion*
dir. Atena: ←
prova: entrega do prêmio
inscr.: fa. *]n a[]neth[*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.201

211. Egina - 332
l.a.: Egina, St. de Apolo
cron.: 430-410
dim.: fr. 27,5
epis.: *Gorgoneion*
dir. Atena: ←
prova: corrida armada
inscr.: fa. *]n athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.202

212. Marselha - s./inv.
l.a.: Cnidos
cron.: 430-410
dim.: alt. 60,5; dbj. 41
col.: galos
dir. Atena: ←
prova: boxe
inscr.: fa. *athenethen athlon (sic)*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.203

213. Atenas, Ágora - P 30139
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 430-410
aut.: Aquiles, P. (prox.); Robinson, G.
dim.: frs. 9,5; 8,3; 4,7; 5,5
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: boxe
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.204

214. Atenas, Cerâmico - PA 544A
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 430-410
dim.: alt. fr. 21,8; dbc. 18,2
epis.: serpente
col.: dórico; colunas
dir. Atena: ←
inscr.: fa. *¶*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.205

215. Vergina - s./inv.
l.a.: Vergina
cron.: 430-410
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.206

216. Siracusa - s./inv.
l.a.: Siracusa, Atenaion
cron.: 430-410
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.207

217. Atenas, Cerâmico - PA 205
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 450-410
dim.: fr. 9,8 (boca e pescoço)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.208

218. Malibu - 83.AE.998.1-14
cron.: 450-410
dir. Atena: ←
inscr.: fa.]*ethen*[]*n*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.208a

219. Atenas, Ágora - P 19079
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 450-410
dim.: fr. 8,1
col.: galo
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.209

220. Atenas, Ágora - P 20111
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 450-410
dim.: fr. 7,2; dbj. 51 (r)
inscr.:] *ath*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.210

221. Atenas, Ágora - P 25601
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 450-410
dim.: fr. 11,7
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.211

222. Atenas, Cerâmico - PA 110
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 450-410
dim.: fr. 6,3
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.212

223. Atenas, Cerâmico - PA 163
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 450-410
dim.: fr. 8
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.213

224. Atenas, Cerâmico - PA 164
l.a.: Atenas, Cerâmico, Pompeion
cron.: 450-410
dim.: fr. 8
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.214

225. Atenas, Cerâmico - PA 664 B
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Z
cron.: 450-410
dim.: fr. 6,7
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.215

226. Atenas, Cerâmico - PA 200
l.a.: Atenas, Cerâmico

cron.: 450-410
dim.: fr. 4,5
epis.: *Gorgoneion*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.216

227. Atenas, M. N. - Akr. 1024
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 450-410
dim.: fr. 7
epis.: coroa associada a figura não preservada (Vitória?)
col.: dórico; galo
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.217

228. Atenas, M. N. - Akr. 1107
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 450-410
dim.: fr. 7
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.218

229. Atenas, M. N. - Akr. 1108
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 450-410
dim.: fr. 6
col.: galo
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.219

230. Oxford - G 137.7
l.a.: Naucratis, Hellenion
cron.: 450-410
dim.: fr. 8,2
col.: dórico; galo
inscr.: fa. *to*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.220

231. Tebas - A 397
l.a.: Kabirion
cron.: 450-410
dim.: frs. 5,9; 4,8
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.221

232. Tebas - K 511
l.a.: Kabirion
cron.: 450-410
dim.: fr. 6,4
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.222

233. Tessalônica - 34.357 H
l.a.: Olinto
cron.: 450-410
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.223

234. Atenas, Ágora - P 19215
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 450-410
dim.: fr. 9
prova: boxe
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.224

235. Atenas, Cerâmico - PA 483
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 450-410
dim.: fr. 11
prova: corrida a pé (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.225

236. Atenas, M. N. –
l.a.: Kabirion

cron.: 450-410
dim.: fr. 5,9
prova: entrega do prêmio
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.226

237. Heidelberg - S 97

l.a.: Atenas
cron.: 450-410
dim.: fr. 14,6
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.227

238. Copenhage, M. N. - 13812

cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
dim.: alt. 63,5; dbj. 36,5
epis.: Vitória
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: pentatlo; entrega do prêmio
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.228

239. Londres - 1903.2-17-1

l.a.: Bengasi
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
dim.: alt. 57; dp. 15,1; dbj. 33; dbc. 20; cap. 20,6
epis.: Vitória
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: acertar o alvo a cavalo
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.229

240. Heracleion - 26556

l.a.: Praios
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
dim.: alt. 69 (r); dbj. c. 40,5
epis.: Vitória
dir. Atena: ←
prova: entrega do prêmio
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.230

241. Giessen - S 131

cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (prox.)
dim.: fr. 29,5
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.231

242. Atenas, M. N. –

l.a.: Kabirion
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (prox.)
dim.: frs. 3; 3,6
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.232

243. Atenas, M. N. - s./inv.

l.a.: Kabirion
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
dim.: fr. 7,8
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.233

244. Atenas, Cerâmico - PA 734+777

l.a.: Atenas, Cerâmico

cron.: 410-390

aut.: Kuban, G.

dim.: fr. 14,3; 5,5 [pescoço, ombro]

epis.: Vitória

dir. Atena: ←

bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.234; BENTZ & ESCHBACH, 2001, p.203

245. Atenas, Ágora - P 492

l.a.: Atenas, Pnyx
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
dim.: fr. 6,8
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.235

246. Atenas, Ágora - P 19481

l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
dim.: fr. 5,2
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.236

247. São Petesburgo - Ku.1913.4/389 (17553)

l.a.: Kuban, Kurgan
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
epis.: astro
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: boxe
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.237

248. Londres - B 606

l.a.: Tocrá
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
dim.: alt. 67; dp. 16,2; dbj. 40; dbc. 20,3; cap. 33
epis.: astro
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.238

249. Londres - B 605

l.a.: Tocrá
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
dim.: alt. 72,5; dp. 16,2; dbj. 40; dbc. 20,8; cap. 37,8
epis.: Tiranidas (escultura)
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: pentatlo
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.239

250. Tessalônica - 34.352

l.a.: Olinto
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
dim.: dbc. 20,6
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.240

251. Atenas, Ágora - P 496

l.a.: Atenas, Pnyx
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
dim.: fr. 6,2
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.241

252. Oxford - 1966.935
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
dim.: fr. 4,7
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.242

253. Tessalônica - 34.357
l.a.: Olinto
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (prox.)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.243

254. Hildsheim - 1253
l.a.: Ptolemais/Tolmeita
cron.: 410-390
aut.: Aristófanos
dim.: alt. 68,5; dp. 16,5; dbj. 41; dbc. 20,2;
cap. 35,9
epis.: Tiranicidas (escultura)
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *ton athenethen alon (sic)*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.244

255. Hildsheim - 1254
l.a.: Ptolemais/Tolmeita
cron.: 410-390
aut.: Aristófanos
dim.: alt. 67; dp. 14,7; dbj. 40; dbc. 20,5;
cap. 35,1
epis.: Tiranicidas (escultura)
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *ton athenethen athlon (sic)*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.245

256. Cirene/Shahat 317/31
l.a.: Cirenaica
cron.: séc. V, final
dim.: alt. c. 69; dp. c. 14; dbj. c. 42
epis.: Tiranicidas (escultura)
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *ton a[]then a[] (sic)*
bibl.: MAFFRE, 2001, p. 26-7, pr. 9, 3-4.;
11, 1

257. Cirene/Shahat - s./inv.
l.a.: Cirene, Necrópole L
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
prova: corrida a pé (curta distância)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.246

258. Cirene/Shahat - s./inv.
l.a.: Barke
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
dim.: alt. 62; dp. 16; dbj. 40
epis.: coroa de oliveira
col.: dórico; galos

dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. Inscrição de tipo *athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.247

259. Tessalônica - 34.267
l.a.: Olinto, C. de Dioniso
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (prox.)
dim.: alt. fr. 43 (sem pé); dbc. 18
epis.: coruja com coroa
col.: dórico; Vitórias
dir. Atena: ←
prova: boxe
inscr.: fa. Inscrição de tipo *athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.248

260. Heracleion - 26.554
l.a.: Praios
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
dim.: alt. 69 (r); dbj. 37; dbc. 21
epis.: coruja com coroa
col.: dórico; Vitórias
dir. Atena: ←
prova: boxe; entrega do prêmio
inscr.: fa. Inscrição de tipo *athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.249

261. Tarento - 112351
l.a.: Tarento, Via Tirrenia
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
dim.: fr. 11
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.250

262. Tebas - K 3-5
l.a.: Kabirioin
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
dim.: fr. 4
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.251

263. Tubinga - S/101648a
l.a.: Atenas
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
dim.: fr. 9,7
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.252

264. Atenas, Cerâmico - PA 448
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
col.: Vitória
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.253

265. Tessalônica - 34.357 c
l.a.: Olinto
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
epis.: coruja com coroa
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.254

266. Tessalônica - 34.357 d
l.a.: Olinto
cron.: 410-390

aut.: Kuban, G.
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.255

267. Poligiros - 8.29
l.a.: Olinto
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (prox.)
dim.: alt. 63 (r); dbj. 38,2 (r)
epis.: coruja com coroa
col.: jônico; Vitórias
dir. Atena: ←
prova: boxe
inscr.: fa. *ton athl*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.256

268. Heracleion - 26.555
l.a.: Praisos, T.
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
dim.: alt. 68,5 (r); dbj. c. 35,5; dbc. 22
col.: dórico; Vitória
dir. Atena: ←
prova: boxe
inscr.: fa. Inscrição de tipo *athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.257

269. Atenas, Cerâmico - PA 494/5
l.a.: Atenas, Cerâmico, Dípilo
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
col.: jônico?
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.258

270. Atenas, Cerâmico - PA 528
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
dim.: fr. 7
col.: Vitória
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.259

271. Tessalônica - 34.357 B,B'
l.a.: Olinto
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
col.: Vitória
dir. Atena: ←
prova: luta (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.260

272. Tessalônica - 34.357 K
l.a.: Olinto
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
dim.: fr. 7
col.: dórico?; Vitória
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.261

273. Tebas - K 1509+483
l.a.: Kabirion
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
dim.: 7 frs.
epis.: Vitória
inscr.: fa. *lon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.262

274. Atenas, M. N. - s./inv.

l.a.: Kabirion
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
dim.: fr. 3,5
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.263

275. Tessalônica - 34.357 F,F'
l.a.: Olinto
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
epis.: Vitória
col.: dórico; Vitória
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.264

276. Tessalônica - 34.358
l.a.: Olinto
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (prox.)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.265

277. Atenas, Cerâmico - PA 161
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
dim.: fr. 7,7
epis.: coruja
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.266

278. Tessalônica - 34.357 J
l.a.: Olinto
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
dim.: fr. 4,1
col.: jônico
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.267

279. Tessalônica - 34.357 E
l.a.: Olinto
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
col.: dórico
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.268

280. Tessalônica - 34.357 G,G'
l.a.: Olinto
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G.
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.269

281. Atenas, Ágora - P 2989
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 5,5
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.270

282. Atenas, Ágora - P 5224a
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 9,4
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.271

283. Atenas, Ágora - P 20112
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)

dim.: fr. 5,7
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.272

284. Atenas, S. A. - s./inv.
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 7,5
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.273

285. Atenas, Cerâmico - PA 52
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 7,4
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.274

286. Atenas, Cerâmico - PA 162
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.275

287. Atenas, Cerâmico - PA 196
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 7
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.276

288. Atenas, Cerâmico - PA 193A
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 4,1
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.277

289. Atenas, Cerâmico - PA 536
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 5,2
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.278

290. Atenas, Cerâmico - PA 695
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Z
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 7
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.279

291. Atenas, Cerâmico - PA 738
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 10,6
col.: dórico; galo
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.280

292. Atenas, M. N. - s./inv.
l.a.: Kabirion
cron.: 410-390

aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 12,9
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.281

293. Atenas, M. N. - Akr. 1105
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 6
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.282

294. Heidelberg - 244
l.a.: Grécia Continental
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 5,9
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.283

295. Larnaca - 4940
l.a.: Larnaca, St.
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: 6,1
col.: dórico
dir. Atena: ←
inscr.: fa. ¶
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.284

296. Corinto - C-1985-97
l.a.: Corinto, L do Teatro
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 4,7
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.285

297. Olímpia - s./inv.
l.a.: Olímpia
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.286

298. Oxford - 1960.936
l.a.: Sul da Rússia
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 3,5
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.287

299. Tessalônica - 34.357 (L)
l.a.: Olinto
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.288

300. Tebas - K-
l.a.: Kabirion
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.289

301. Atenas, Ágora - P 20110
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)

dim.: fr. 10,2 (pescoço)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.290

302. Atenas, Ágora - P 497
l.a.: Atenas, Pnyx
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 6,9
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.291

303. Tessalônica - 34.357
l.a.: Olinto
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. (pescoço, ombro)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.292

304. Atenas, Cerâmico - PA 560
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 6,3
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.293

305. Atenas, Cerâmico - PA 445 K
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 5,5
prova: corrida de quadriga?
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.294

306. Atenas, Cerâmico - PA 559
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 9,2
prova: hípica (não identificada); entrega do prêmio
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.295

307. Atenas, Cerâmico - PA 576/577
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 16,5
prova: palê
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.296

308. Atenas, M. N. - Akr. 1123
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 4,5
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.297

309. Atenas, Ágora - P 27794
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 9,1
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.298

310. Atenas, Ágora - P 22926
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 21,6
prova: corrida a pé (curta distância)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.299

311. Atenas, Ágora - P 27371
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 13
prova: corrida a pé (curta distância)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.300

312. Atenas, Ágora - P 220379
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 11; 12,7
prova: boxe
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.301

313. Atenas, Cerâmico - PA 47
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 8
prova: corrida a pé (curta distância)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.302

314. Atenas, Cerâmico - PA 67
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 6,2
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.303

315. Atenas, Ágora - PA 127
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 6,9
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.304

316. Atenas, Cerâmico - PA 176
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 5
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.305

317. Atenas, M. N. - Akr. 1121
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.306

318. Atenas, M. N. - Akr. 1122
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 9,6
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.307

319. Heidelberg - 243
l.a.: Atenas
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 6
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.308

320. Tessalônica - 8.31
l.a.: Olinto

cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 17
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.309

321. Tessalônica - 8.30
l.a.: Olinto
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 12
prova: palē
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.310

322. Tebas - A 387
l.a.: Kabirion
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 5,8
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.311

323. Atenas, Cerâmico - PA 172
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 6,8
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.312

324. Tessalônica - 113
l.a.: Olinto
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 7,7
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.313

325. Atenas, Ágora - P 4304
l.a.: Atenas, Ágora (
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
dim.: fr. 6
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.314

326. Tessalônica - 34.357 M-N
l.a.: Olinto
cron.: 410-390
aut.: Kuban, G. (circ.)
prova: luta (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.315

327. Atenas, Ágora - P 18349
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. V
dim.: fr. 6,7
inscr.: fa.]*eneth*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.316

328. Atenas, Cerâmico - PA 491
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. V
dim.: fr. 6,5
inscr.: fa.]*on athene*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.317

329. Atenas, Cerâmico - PA 493
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. V
dim.: fr. 4
inscr.: fa.]*n*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.318

330. Atenas, M. N. - s./inv.
l.a.: Kabirion

cron.: séc. V
dim.: fr. 5
inscr.: fa. *ton a*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.319

331. Atenas, M. N. - Akr. 1092
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*nethē*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.320

332. Atenas, M. N. - Akr. 1094
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*nethen*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.321

333. Atenas, M. N. - Akr. 1095
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: séc. V
dim.: fr.
inscr.: fa.]*ethen ath*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.322

334. Atenas, M. N. - Akr. 1096
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*then*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.323

335. Atenas, M. N. - Akr. 1097
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*then ath*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.324

336. Atenas, M. N. - Akr. 1098
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*n athlo*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.325

337. Atenas, M. N. - Akr. 1127
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.326

338. Atenas, M. N. - Akr. 1128
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*thlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.327

339. Brunswick - 30.13.3
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*n ath*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.328

340. Florença – 94770 A-D, 94829, 94833,
94831, 949895, 94908, 94842
l.a.: Etrúria
cron.: séc. V
dim.: frs. 15; 11,4; 11,5; 6,9 [bojo, fa.]
dir. Atena: ←
inscr.: fa.]*neth*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.106, 5.042, 5.329;
BENTZ & ESCHBACH, 2001, p. 203, pr.
20, 4

341. Florença - 94844

I.a.: Etrúria
cron.: séc. V
dim.: fr. 3,8
inscr.: fa.]*then*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.331

342. Florença – 94768 A-D, 94823, 94845, 94847, 94856, 94859 A-B, 94847, 94849, 94897

I.a.: Etrúria
cron.: 500-480
aut.: Cleofrades, P. (prox.)
dim.: frs. 9,7; 8,3; 5; 5,3; 8,9; 11 [bojo, fa.]
col.: dórico, galo
dir. Atena: ←
inscr.: fa.]*eth*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.034, 5.332, 5.040;
BENTZ & ESCHBACH, 2001, p. 203, pr. 20, 1-3

343. Larnaca - 3988
I.a.: Larnaca, St.
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*the*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.333

344. Cirene/Shahat - 78-505
I.a.: Cirene, St. de Deméter e Perséfone
cron.: séc. V
dim.: fr. 7,2
inscr.: fa. *to*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.334

345. Cirene/Shahat - 78-679
I.a.: Cirene, St. de Deméter e Perséfone
cron.: séc. V
dim.: fr. 7,4
inscr.: fa. *ton a*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.335

346. Londres - B 144,1
cron.: séc. V
dim.: fr. 14
inscr.: fa.]*nethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.336

347. Nova Iorque, Metr. - 07.286.62
I.a.: Grécia continental
cron.: séc. V
dim.: fr. 4,3
inscr.: fa.]*then*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.337

348. Oxford - 1956.262
cron.: séc. V
dim.: fr. 11
inscr.: fa.]*n athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.338

349. Panticapéia - s./inv.
I.a.: Pantikapion, Acrópole, St.?
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*lon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.339

350. Samos - K 7326
I.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*e*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.340

351. Samos - K 7327
I.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*on*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.341

352. Samos - K 7328
I.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*on*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.342

353. Samos - K 7329
I.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*thlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.343

354. Samos - K 7330
I.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*thlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.344

355. Samos - K 7331
I.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*n*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.345

356. Samos - K 7332
I.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*on*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.346

357. Samos - K 7333
I.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*n*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.347

358. Samos - K 7334, 7368, 7370-73, 7375
I.a.: Samos, Heraion
cron.: séc. V
epis.: *Gorgoneion*
dim.: frs. 6,5; 6,4; 11; 5,6; 6,7 [bojo, fa.]
col.: dórico; galo
dir. Atena: ←
inscr.: fa.]*thlo*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.348

359. Samos - K 7335
I.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*on*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.349

360. Samos - K 7336
I.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*athlo*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.350

361. Samos - K 7337
I.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*athlo*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.351

362. Samos - K 7338

l.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*then*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.352

363. Samos - K 7339

l.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa. ..[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.353

364. Samos - K 7340

l.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*the*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.354

365. Samos - K 7341

l.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*ene*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.355

366. Samos - K 7342

l.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*on*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.356

367. Samos - K 7343

l.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa.*n*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.357

368. Samos - K 7344

l.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*athe*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.358

369. Samos - K 7345

l.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*nethen*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.359

370. Samos - K 7346

l.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*ϕ*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.360

371. Samos - K 7347

l.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*th?*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.361

372. Samos - K 7348

l.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa. *ton ath*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.362

373. Samos - K 7349

l.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*atheneth*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.363

374. Samos - K 7350

l.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*ϕ*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.364

375. Samos - s./inv.

l.a.: Samos
cron.: séc. V
inscr.: fa. *ton athe*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.365

376. Samos - s./inv.

l.a.: Samos
cron.: séc. V
dim.: fr. 12,2
inscr.: fa.]*n ath*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.366

377. Tarento - 12219

l.a.: Tarento, Via Oberden, T.
cron.: séc. V
dim.: fr. 5,6
inscr.: fa.]*nn*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.367

378. Tubinga - S./101648c

cron.: séc. V
inscr.: fa.]*the*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.368

379. Coleção Von Bissing (desap.) –

l.a.: Naucratis
cron.: séc. V
inscr.: fa.]*on a*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.369

380. Istmia - IP 1173

l.a.: Istmia, St. Poseidon
cron.: séc. V
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.370

381. Cirene/Shahat? - s./inv.

l.a.: Cirenaica
cron.: séc. V
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.371

382. Munique - s./inv.

cron.: séc. V
dim.: fr. pé
inscr.: APYΣTH; quoppa Δ; ΗΛΕ (sob o pé)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.372

383. Coleção Pourtalès (desap.) –

l.a.: Vulci
cron.: séc. V
dim.: alt. 69 (t)
epis.: Sereia com *auloi*
prova: corrida a pé (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 5.373

384. Atenas, Ágora - s. inv.

l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. V-IV
dim.: fr. c. 9 [bj., fa.]
inscr.: *ton athe*[
bibl.: site Agathe 01

- 385.** Atenas, Ágora - s. inv.
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. V-IV
col.: dórico
bibl.: *site* Agathe 02
- 386.** Berlim - 3980
l.a.: Cirenaica
cron.: 392/1
dim.: alt. 65; dp. 14,2; dbj. 38,3; dbc. 20,9;
cap. 31,6
epis.: Triptólemo?
col.: dórico; galos
dir. Atena: ←
prova: acertar o alvo a cavalo
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*;]s *erkhen*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.001
- 387.** Tebas - A 377
l.a.: Kabirion
cron.: 392/1
dim.: fr. 8
col.: homem com cornucópia
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.002
- 388.** Atenas, Cerâmico - PA 692
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Y
cron.: 392/1
dim.: fr. 3,5
col.: homem com cornucópia
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.003
- 389.** Atenas, Ágora – s. Inv.
l.a.: Atenas, Ágora, Ed. Ao sul do *Tholos*
cron.: 384/3 a.C.
dim.: frs. c. 9; c. 5,5 [bojo, fa. e fp.]
inscr.:]*ieitrephes*
bibl.: PITT, 2010, p. 3
- 390.** Detroit - 50.193
l.a.: Bengasi (prox.)
cron.: 380-370
aut.: Asteio, G.
dim.: alt. 70,5; 84,6 (t); dp. 16,2; dbj. 37,5;
dbc. 22,1
epis.: coroa
col.: dórico; homem com cetro e cornucópia
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.004
- 391.** Atenas, Ágora - P 27556
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 380/79
col.: figura com ramo?
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. Inscrição de tipo *athlon*;]*as*
er]
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.005
- 392.** Istambul - L. 3149
l.a.: Rhodes (Lindos), St. Atena Lindia
cron.: 375/4
inscr.: fa. *Hippo*] ; *Bakk*]
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.006; Beazley Dev.,
p. 89, pr. 99, 6
- 393.** Atenas, Cerâmico - PA 157
l.a.: Atenas, Cerâmico, Pompeion
cron.: 375/4
col.: dórico
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *Bakkhios epoiesen*; *toathenen*
(sic)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.007
- 394.** Oxford - 1911.257
l.a.: Atenas, dir. colina Philopopos
cron.: 373/2
aut.: Asteio, G.
dim.: alt. 56,3; dp. 12,5; dbj. 31; dbc. 18
epis.: astro
col.: Vitórias
dir. Atena: ←
prova: palē
inscr.: fa.]*on athenethen athlon*; *epi Aste*]
arkhontos
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.008
- 395.** Alexandria - 18.239
l.a.: Bengasi
cron.: 371/0
aut.: Asteio, G.
dim.: alt. fr. 52 (sem pé); dbj. c. 30
epis.: Vitória
col.: dórico; Vitórias
dir. Atena: ←
prova: entrega do prêmio
inscr.: fa.]*athenethen athlon*; *Phrasikleides*
arkhon
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.009
- 396.** Atenas, Ágora - P 113
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 371/0
dim.: fr. 4,6
inscr.: fa.]*sik*]
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.010
- 397.** Nova Iorque, Metr. - 56.171.6
l.a.: Tolmeita/Bengasi
cron.: 367/6
aut.: Cito, G.
dim.: alt. 70,5; 93 (t); dp. 14; dbj. 39; dbc.
22,8
epis.: astro
col.: jônico; Triptólemo
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*; *Polyzelos*
arkhon
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.011
- 398.** Bruxelas - A 1703
l.a.: Bengasi
cron.: 367/6
aut.: Mársias, P.
dim.: alt. c. 75; 93 (t); dbj. 36; dbc. 22,4;
cap. 35,6
col.: dórico; Triptólemo
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*;
Polyzelos:arkhon
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.012
- 399.** Londres - B 604
l.a.: Tocra

cron.: 367/6
aut.: Cito, G.
dim.: alt. 71,3; dp. 14; dbj. c. 39,5; dbc. 22;
cap. 37,8
epis.: astro
col.: dórico; Triptólemo
dir. Atena: ←
prova: pancrácio
inscr.: fa. *Kittos epoiesen; ton athenethen :
athlon*; YHY (sob escudo); ΔΔΔ ΙΙΙΙΙ /
Λ (gr. Sob a base)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.013

400. Londres - B 603
l.a.: Tocra
cron.: 367/6
aut.: Cito, G.
dim.: alt. 64,5; dp. 15,4; dbj. 37,5; dbc.
20,6; cap. 28,2
epis.: astro
col.: dórico; Triptólemo
dir. Atena: ←
prova: palē; entrega do prêmio
inscr.: fa. *ton athenethen athlon; Polyzelos
arkhon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.014

401. Londres - B 612
l.a.: Tocra
cron.: 367/6
aut.: Cito, G.
dim.: alt. 55; dp. 13,4; dbj. 33; dbc. 18; cap.
19,4
epis.: astro
col.: dórico; carneiros
dir. Atena: ←
prova: boxe
inscr.: sem inscrição
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.015

402. Paris, Louvre - CA 7427
cron.: 367/6
dim.: alt. 46,5; dp. 11,6; dbj. 24,7; dbc. 16
epis.: astro
col.: sem capitel; galos
dir. Atena: ←
prova: boxe
inscr.: sem inscrição
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.016

403. Iasos - s./inv.
l.a.: Iasos, St. Zeus Megistos (dep. votivo)
cron.: 367/6
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.017

404. Atenas, Cerâmico - PA 527
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 365/4
dim.: fr. 4,1
col.: Heracles
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.018

405. Eleusis - 2661
l.a.: Eleusis
cron.: 365/4
dim.: 4,7
col.: sem capitel; Heracles
inscr.: fa. ¶
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.019

406. Eleusis -
l.a.: Eleusis
cron.: 364/3
inscr.: fa.]imo[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.020

407. Atenas, Ágora - P 270
l.a.: Atenas, Pnyx
cron.: 364/3
dim.: fr. 4,8
inscr.: fa.]rate[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.021

408. Eleusis - 2662
l.a.: Eleusis
cron.: 364/3
dim.: fr. 6,1
epis.: Triptólemo
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.022

409. Eleusis - 2671
l.a.: Eleusis
cron.: 364/3
dim.: fr. 8
epis.: *Gorgoneion*
col.: Triptólemo
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.023

410. Malibu - 93.AE.55
cron.: 363/2
dim.: alt. 75,2; 89,5 (t); dbj. 38,3
col.: dórico (fuste com folhas de acanto);
Vitórias
dir. Atena: →
prova: boxe; entrega do prêmio
inscr.: fa. *Nikodemos epoiesen; ton
athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.024

411. Eretria - 14813
l.a.: Eretria
cron.: 363/2
aut.: Pourtalès, P.
dim.: alt. 69,5; dp. 14,5; dbj. 36,5; dbc.
20,2; cap. 29,7
epis.: astro
col.: dórico; Vitórias
dir. Atena: ←
prova: palē
inscr.: fa. Inscrição de tipo *athlon*;
Kharikleides erkhen
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.025

412. Atenas, M. N. - 20048
l.a.: Eretria
cron.: 363/2
aut.: Pourtalès, P.
dim.: alt. 70; dp. 15,5; dbj. 36,5; dbc. 20,5;
cap. 31,6
epis.: astro
col.: dórico (fuste com folhas de acanto);
Vitórias
dir. Atena: ←
prova: palē
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*;
Kharikleides erkhen
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.026

413. Atenas, M. N. - 20047
l.a.: Eretria

cron.: 363/2
aut.: Pourtalès, P.
dim.: alt. 70,5 (r); dbj. 35,5; dbc. 21; cap. 32,9
epis.: astro
col.: dórico (fuste com folhas de acanto); Vitória
dir. Atena: ←
prova: palê
inscr.: fa. Inscrição de tipo *athlon*; *Kharikleides erkhen*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.027

414. Cirene/Shahat - F 4544
l.a.: Beda
cron.: 363/2
prova: palê
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.028

415. Eretria - E/5-V 312
l.a.: Eretria, Casa dos Mosaicos
cron.: 363/2
dim.: dbc. 21,6
col.: fuste com folhas de acanto; Vitória
dir. Atena: ←
inscr.: fa. *[on a] [enethen athlon]*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.029

416. Eretria - E/5-V 313
l.a.: Eretria, Casa dos Mosaicos
cron.: 363/2
aut.: Pourtalès, P.
epis.: astro
col.: fuste com folhas de acanto
dir. Atena: ←
prova: palê
inscr.: fa. *Kharikleid[*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.030

417. Eretria - E/5-V 314
l.a.: Eretria, Casa dos Mosaicos
cron.: 363/2
aut.: Pourtalès, P.
epis.: astro
col.: fuste com folhas de acanto; Vitória
dir. Atena: ←
inscr.: fa. Inscrição de tipo *athlon*; *Kharikleides er[*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.031

418. Eretria –
l.a.: Eretria, Casa dos Mosaicos
cron.: 363/2
epis.: Vitória
col.: fuste com folhas de acanto; Vitória
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.032

419. Tebas - K1723, K2305b
l.a.: Kabirion
cron.: 363/2
dim.: frs. 5; 6
col.: coluna com folhas de acanto
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.033

420. Eleusis - 2696(+2657/8)
l.a.: Eleusis, Telesterion
cron.: 363/2
dim.: fr. c. 20
epis.: astro
col.: fuste com folhas de acanto

dir. Atena: ←
inscr.: fa. *[athen[*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.035

421. Eleusis - s./inv.
l.a.: Eleusis, Telesterion
cron.: 363/2
aut.: Atenas 12592, P.
epis.: *Gorgoneion*
col.: fuste com folhas de acanto; Vitória
dir. Atena: ←
prova: boxe
inscr.: fa. Inscrição de tipo *athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.036

422. Eleusis - s./inv.
l.a.: Eleusis
cron.: 363/2
aut.: Caricleides, G.
dim.: fr. 8,4
inscr.: fa. *[os epoese[*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.037; Smith 1896-7, pr. XVI c

423. Eleusis - s./inv.
l.a.: Eleusis, Telesterion
cron.: 363/2
aut.: Atenas 12592, P.
col.: fuste com folhas de acanto; Vitória
dir. Atena: ←
prova: corrida a pé (curta distância)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.038

424. Eleusis - 2656, 2660
l.a.: Eleusis
cron.: 363/2
col.: fuste com folhas de acanto
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.039

425. Eleusis - 2703
l.a.: Eleusis, Telesterion, Sul
cron.: 363/2
epis.: *Gorgoneion*
col.: fuste com folha de acanto; Vitória
dir. Atena: ←
prova: acertar o alvo a cavalo
inscr.: *[arikle[]s er[*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.040

426. Atenas, Cerâmico - PA 122
l.a.: Atenas, Cerâmico, Pompeion
cron.: 363/2
dim.: fr. 3,2
col.: fuste com folha de acanto
inscr.: fa. *[athe[*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.041

427. Atenas, Cerâmico - PA 133
l.a.: Atenas, Cerâmico, Pompeion
cron.: 363/2
aut.: Mársias, P.
col.: Vitória
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.042

428. Atenas, Cerâmico - PA 136
l.a.: Atenas, Cerâmico, Pompeion
cron.: 363/2
col.: Vitória
dir. Atena: ←

prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.043

429. Atenas, Cerâmico - PA 143
l.a.: Atenas, Cerâmico, Pompeion
cron.: 363/2
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.044

430. Atenas, Cerâmico - PA 145, 146, 149
l.a.: Atenas, Cerâmico, Pompeion
cron.: 363/2
col.: fuste com folha de acanto; Vitórias
dir. Atena: ←
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.045

431. Atenas, Cerâmico - PA 147
l.a.: Atenas, Cerâmico, Pompeion
cron.: 363/2
col.: Vitória
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.046

432. Atenas, Cerâmico - PA 148
l.a.: Atenas, Cerâmico, Pompeion
cron.: 363/2
col.: Vitória
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.047

433. Atenas, Cerâmico - PA 608
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Z
cron.: 363/2
dim.: fr. 6,5
col.: sem capitel; Vitória?
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.048

434. Heidelberg - 246
cron.: 363/2
dim.: fr. 5,7
col.: Vitória
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.049

435. Balagrai - 2279
l.a.: Cirenaica
cron.: 363/2
dim.: alt. 47 cm (s/b); dbj. 31; dbc. 12,4
epis.: coroa envolvendo objeto
quadranguloso com discos
col.: dórico; Atenas
dir. Atena: ←
prova: luta
inscr.: fa. *ton athenethen athlon; epi*
Kharikleides arkhontos
bibl.: BENTZ & ESCHBACH, 2001 p. 203

436. Atenas, M. N. - 20044
l.a.: Eretria
cron.: 360/59
aut.: Mársias, P.
dim.: alt. 72,8; dp. c. 16,5; dbj. 38,5; dbc. 21,7; cap. 39,5
epis.: *Gorgoneion*
col.: jônico; Irene e Pluto
dir. Atena: →
prova: palê
inscr.: fa. Inscrição de tipo *athlon; arkhon*
Kallimedes
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.050

437. Atenas, M. N. - 20045
l.a.: Eretria

cron.: 360/59
aut.: Mársias, P.
dim.: alt. 73,5; dp. 14; dbj. 37,5; dbc. 21,1;
cap. 40,7
epis.: *Gorgoneion*
col.: jônico; Irene e Pluto
dir. Atena: →
prova: pancrácio
inscr.: fa. *ton athenethen athlon; arkhon*
Kallimedes
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.051

438. Atenas, M. N. - 20046
l.a.: Eretria
cron.: 360/59
aut.: Atenas 12592, P.
dim.: alt. 71,6; dp. 15,5; dbj. 38,5; dbc. 21,3; cap. 39,7
epis.: *Gorgoneion*
col.: eólio; Irene e Pluto
dir. Atena: →
prova: palê
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.052

439. Atenas, M. N. - 20049
l.a.: Eretria
cron.: 360/59
aut.: Cortejo do Casamento, P.
dim.: alt. 71,8; dp. 14,5; dbj. 39,5; dbc. 21,3; cap. 40,5
epis.: *Gorgoneion*
col.: jônico; Irene e Pluto
dir. Atena: ←
prova: palê
inscr.: fa. *[n athenethen athl];]llimedes*
arkh[on
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.053

440. Eretria - 14814
l.a.: Eretria
cron.: 360/59
aut.: Mársias, P.
dim.: alt. 74,5; dp. 14,5; dbj. 39,3; dbc. 21,8; cap. 37,6
epis.: *Gorgoneion*
col.: jônico; Irene e Pluto
dir. Atena: →
prova: palê
inscr.: fa. Inscrição de tipo *athlon; ar[]*
Kallimedes
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.054

441. Eretria - 14815
l.a.: Eretria
cron.: 360/59
aut.: Atenas 12592, P.
dim.: alt. 71,2; dp. 13,7; dbj. 39; dbc. 21;
cap. 34,4
col.: eólio; Irene e Pluto
dir. Atena: →
prova: palê
inscr.: fa. Inscrição de tipo *athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.055

442. Oxford - 1927.4475
l.a.: Atenas
cron.: 360/59
dim.: fr. 4,8
col.: Irene e Pluto
dir. Atena: →

bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.056

443. Atenas, Ágora - P 31
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 360/59
aut.: Cortejo do Casamento, P.
dim.: fr. 14,2
dir. Atena: ←
prova: entrega do prêmio
inscr.: fa.]medes ar[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.057

444. Atenas, Ágora - P 27082
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 360/59
col.: Irene e Pluto
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.058

445. Atenas, Ágora - P 27083
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 360/59
dim.: fr. 7,3
col.: Irene e Pluto?
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.059

446. Eleusis - 2670
l.a.: Eleusis
cron.: 360/59
col.: Irene e Pluto
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.060

447. Eretria - s./inv.
l.a.: Eretria, Casa dos Mosaicos
cron.: 360/59
col.: Irene
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.061

448. Chicago - 1967.115.265
cron.: 360/59
dim.: fr. 7
inscr.: fa.]tode[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.062

449. Cirene/Shahat 717
l.a.: Cirenaica
cron.: 363/2
aut.: Caricleides, G.
dim.: fr. 52 [da parte média do bojo até a boca]; dbc. c. 22; dbj. c. 39
col.: fuste com folhas de acanto; Vitória
dir. Atena: ←
prova: luta?
inscr.: Khar[]idēs arkho[];]lon
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.034; MAFFRE, 2001, p. 29-31, pr. 10,4; 11,6; 12, 1-2

450. Cirene/Shahat 2690
l.a.: Cirenaica
dim.: frs. 6,8; 6; 3,5 [pescoço]
cron.: séc. IV, primeira metade
bibl.: MAFFRE, 2001, p. 30, pr. 12, 3

451. Atenas, Cerâmico - PA 13
l.a.: Atenas, Cerâmico, Tritopatreion
cron.: 348/7
col.: dórico; Amazonomaquia
dir. Atena: →
inscr.: fa. to[; Th[]ilos arkh[]n

bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.063

452. Atenas, Cerâmico - PA 258
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 348/7
dim.: fr. 7
col.: combatente (em Amazonomaquia?)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.064

453. Atenas - s./inv.
l.a.: Atenas
cron.: 348/7
col.: dórico; Amazonomaquia
dir. Atena: →
inscr.: fa. to[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.065

454. Eleusis - 2665
l.a.: Eleusis
cron.: 348/7
dim.: fr. c. 7
col.: Amazonomaquia?
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.066

455. Atenas, S. A. –
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 347/6
dim.: fr. 6,3
inscr.: fa. Them[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.067

456. Atenas, T. E. - 6368
l.a.: Atenas, Lembessi-Porinou, T. 3
cron.: 347/6-343/2
col.: Deméter e Perséfone
prova: corrida armada
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.068

457. Eleusis - 2664
l.a.: Eleusis
cron.: 347/6-343/2
dim.: fr. 6,6
col.: Deméter e Perséfone
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.069

458. Eleusis - 2666
l.a.: Eleusis
cron.: 347/6-343/2
dim.: fr. c. 11
col.: Deméter e Perséfone
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.070

459. Eleusis - 2672
l.a.: Eleusis
cron.: 347/6-343/2
col.: Deméter e Perséfone
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.071

460. Eleusis - s./inv.
l.a.: Eleusis
cron.: 347/6-343/2
col.: Deméter e Perséfone
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.072

461. Atenas, T. E. - 6374
l.a.: Atenas, Lembessi-Porinou, T. 3
cron.: 344/3
dim.: fr. 55

col.: Deméter e Plutão
dir. Atena: →
prova: corrida armada
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.073

462. Atenas, T. E. - 6367
l.a.: Atenas, Lembessi-Porinou, T. 3
cron.: 344/3
col.: jônico; mulher com menino
dir. Atena: →
inscr.: fa. *Arkho[]skos*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.074

463. Paris, B. N. - 246
cron.: 344/3
aut.: Mársias, P.; Nicômaco, S.
dim.: alt. 77; dbj. c. 38; dbc. 22,2
col.: dórico; Deméter e Perséfone
dir. Atena: →
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. *[on athenethen athlon]*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.075

464. Vergina - s./inv.
l.a.: Vergina
cron.: 344/3
aut.: Mársias, P.; Nicômaco, S.
inscr.: fa. *Lyk[]*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.076

465. Leida - RO II 149
l.a.: Grécia continental
cron.: 344/3
dim.: fr. 5,7
inscr.: fa. *[n Lyk[]]*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.077

466. Alexandria - 18.238
l.a.: Bengasi
cron.: 341/0
col.: Atena com capacete carregando
Vitória?
dir. Atena: →
prova: corrida a pé (não identificada)
inscr.: fa. *[]athenethen[]; Nikomakhos
arkhon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.078

467. Samos - K 7505-12+3605, 3637,
4171?
l.a.: Samos, Heraion
cron.: 340/30
dim.: frs. 9,5; 7,5; 5,7; 3,4; 3,15; 12,5; 17,5;
5,9; 6,4; 3,3; 7,5 [bojo fa. e fp., pescoço,
boca]
prova: luta (não identificada)
inscr.: *[ar[]]*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.382; KREUZER,
2001, p. 22, n. 36

468. Paris, Louvre - MN 706
l.a.: Bengasi
cron.: 340/39
aut.: Nicômaco, S.
dim.: alt. 77; 95,5 (t); dp. 15,8; dbj. 39; dbc.
23; cap. 36,3
col.: dórico; Atena, Zeus
dir. Atena: →
prova: entrega do prêmio
inscr.: fa. Inscrição de tipo *athlon*;
Theophrastos arkhon

bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.079

469. Malibu - 79.AE.147
cron.: 340/39
aut.: Mársias, P.
dim.: alt. 78,5; 99,5 (t); dbj. c. 39
col.: dórico; Atena, deus com cetro
dir. Atena: →
prova: *apobates*
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*;
Theiophrastos erkhe
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.080

470. Cambridge, U. H. 2 - 1925.30.124 A
l.a.: Cápua
cron.: 340/39
aut.: Mársias, P.
dim.: alt. 80; dbj. c. 40
col.: jônico; Atena, Zeus
dir. Atena: →
prova: boxe
inscr.: fa. Inscrição de tipo *athlon*;
Theophrasto erkhe; fp. *Olympias*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.081

471. Eleusis - 2663
l.a.: Eleusis
cron.: 340/39
col.: Zeus
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.082

472. Eleusis - 2668
l.a.: Eleusis
cron.: 340/39
dim.: fr. 12,2
col.: Atena
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.083

473. Eleusis - 2649, 2653, 2667, 2697
l.a.: Eleusis
cron.: 340/39
aut.: Mársias, P.
col.: Atena
dir. Atena: →
inscr.: fa. *ton atheneth[] thlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.084

474. Cirene/Shahat - s./inv.
l.a.: Cirene, T.
cron.: 340/39
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.085

475. Londres - B 607
l.a.: Caere
cron.: 33/5
aut.: Nicômaco, S.
dim.: alt. 83,1; dp. 15,9; dbj. 42,3; dbc.
23,7; cap. 41,4
col.: jônico; Atena; Triptólemo
dir. Atena: →
prova: boxe
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*;
Pythodelos arkhon
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.086

476. Londres - B 608
l.a.: Caere
cron.: 336/5
aut.: Hobble, G.

dim.: alt. 82,4; dp. 15,5; dbj. 41; dbc. 25;
cap. 39,2
col.: jônico; Triptólemo, Vitória
dir. Atena: →
prova: corrida armada
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*;
Pythodeloa nrkhen (sic)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.087

477. Munique - 7767
l.a.: Atenas
cron.: 336/5
aut.: Hobbles, G.
dim.: alt. 81 (r); dp. 16,8; dbj. 40; cap. 36,8
col.: jônico; Triptólemo, figura feminina
dir. Atena: →
prova: corrida a cavalo
inscr.: fa. Inscrição de tipo *athlon*; *Pythodel*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.088

478. Paris, B. N. - 247
cron.: 336/5
aut.: Nicômaco, S.
dim.: alt. 68 (r); dbj. c. 34; dbc. 23
col.: dórico; Triptólemo, Vitória
dir. Atena: →
prova: palê
inscr.: fa. *ton atheneth*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.089

479. Volos - Ka 4266/91
l.a.: Demetrias, Apharai
cron.: 336/5
aut.: Nicômaco, S.
col.: sem capitel; Triptólemo, Vitória
dir. Atena: →
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. Inscrição de tipo *athlon*;
Pythodelo[s]
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.090

480. Basiléia, H. A. C. - HC 1444
cron.: 336/5
aut.: Nicômaco, S.
col.: Triptólemo, Vitória
dir. Atena: →
inscr.: fa. *ton athe[]lon*; *Pythodelos nrkh*
(*sic*)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.091

481. Atenas, Ágora - P 22916
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 336/5
aut.: Nicômaco, S.
dim.: fr. 7,8
dir. Atena: →
inscr.: fa. *ode*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.092

482. Pela - 833853
l.a.: Pela, Ágora, Stoa Sul
cron.: 336/5
aut.: Nicômaco, S.
col.: Atena?
dir. Atena: →
inscr.: fa. *rkhon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.093

483. Atenas, Cerâmico - PA 716
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Y
cron.: 336/5

aut.: Nicômaco, S.
dim.: fr. 6,4
col.: Triptólemo
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.094

484. Londres - B 609
l.a.: Bengasi
cron.: 333/2
aut.: Nicômaco, S.
dim.: alt. 68,5; dp. 12,4; dbj. 32,5; dbc.
20,8; cap. 21,2
col.: dórico; Atenas
dir. Atena: →
prova: corrida a pé (longa distância)
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*; *arkhon*
Nikokrates
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.095

485. Atenas, Cerâmico - PA 690
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Z
cron.: 333/2
dim.: fr. 4
col.: Atena
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.096

486. Londres - B 610
l.a.: Cápuia
cron.: 332/1
aut.: Nicômaco, S.
dim.: alt. 78,2; dp. 16; dbj. 39,3; dbc. 23,6;
cap. 36,3
col.: sem capitel; Vitórias
dir. Atena: →
prova: pancrácio
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*; *Niketes*
arkhon
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.097

487. Sèvres - 7230
l.a.: Cirenaica
cron.: 332/1
aut.: Nicômaco, S.
dim.: alt. 80; dbj. c. 39; dbc. 19,5
col.: dórico; Vitórias
dir. Atena: →
prova: corrida a pé (longa distância)
inscr.: fa. *athenethen athlon*; *A[]ketes*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.098

488. Berlim - 3981
l.a.: Cirenaica
cron.: 328/7
aut.: Nicômaco, S.
dim.: alt. 62; dbj. 33,8; dbc. 22; cap. 18,9
col.: dórico; Atena?, Atena
dir. Atena: →
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *Euthykritos arkhon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.099

489. Londres - B 611
l.a.: Tocra
cron.: 328/7
aut.: Nicômaco, S.
dim.: alt. 78,2; dbj. c. 39
col.: dórico; Atenas com Vitórias
dir. Atena: →
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *ton athenethen athlon*; *Arkhon*
Euthy
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.100

- 490.** Pela - 87.847
l.a.: Pela, Ágora, Stoa Sul
cron.: 327/6
dim.: fr. 4,9
inscr.: fa. *lemōn*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.101
- 491.** Paris, Louvre - MNB 3223
l.a.: Bengasi, Necrópole
cron.: 324/3
aut.: Cortejo de Casamento, P.
dim.: alt. 73; dp. 15,5; dbj. 34; dbc. c. 15
col.: dórico; Vitórias
dir. Atena: →
prova: boxe
inscr.: fa. *ton athenethen athlon; Hegesias arkhon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.102
- 492.** Paris, B. N. - 248
cron.: 324/3
aut.: Nicômaco, S.
dim.: alt. 68; dbj. 31
col.: dórico; Vitórias
dir. Atena: →
prova: corrida armada
inscr.: fa. *ton athenethen athlon; Hegesias arkhon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.103
- 493.** Paris, Lemaire (desap.) –
l.a.: Bengasi
cron.: 324/3
aut.: Nicômaco, S.
col.: Vitórias
dir. Atena: →
prova: palê
inscr.: fa. *ton athenethen athlon; Hegesias arkhon* (segundo desenho)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.104
- 494.** Paris, Louvre - MN 704
l.a.: Bengasi
cron.: 323/2
aut.: Nicômaco, S.
dim.: alt. 66,5; dp. 14; dbj. 33; dbc. 20,8; cap. 19,6
col.: dórico; Vitórias
dir. Atena: →
prova: corrida armada
inscr.: fa. *ton athenethen athlon; Kephisodoros arkhon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.105
- 495.** Míconos - s./inv.
l.a.: Renéia/Delos?
cron.: 320/19
aut.: Nicômaco, S.
dim.: fr. 26
col.: Afrodite com Eros, Atena com Vitória
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.121
- 496.** Atenas, Cerâmico - PA 54
l.a.: Atenas, Cerâmico, Pompeion
cron.: 323/2
dim.: fr. 5
col.: Vitória
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.106
- 497.** Atenas, M. N. - Akr. 1112
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 323/2
dim.: fr. 13,6 [bojo]
col.: Vitória
inscr.: fa. *ton*
bibl.: EDWARDS, 1957, p. 321; BENTZ, 1998, nº 4.107
- 498.** Heidelberg - S 96
l.a.: Atenas
cron.: 323/2
dim.: fr. 5,2
col.: Vitória
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.108
- 499.** Atenas, T. E. - 6365
l.a.: Atenas, Lembessi-Porinou, T. 3
cron.: 323/2
col.: Tique
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.109
- 500.** Atenas, T. E. - 6373
l.a.: Atenas, Lembessi-Porinou, T. 3
cron.: 323/2
col.: Tique
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.110
- 501.** Atenas, T. E. - 6369
l.a.: Atenas, Lembessi-Porinou, T. 3
cron.: 323/2
col.: capitel em forma retangular; figura feminina
dir. Atena: →?
inscr.: fa. *Kephisodor*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.111
- 502.** Atenas, T. E. –
l.a.: Atenas, Lembessi-Porinou, T. 3
cron.: 323/2
col.: figura feminina
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.112
- 503.** Paris, Louvre - MN 705
l.a.: Bengasi
cron.: 321/0
aut.: Cortejo do Casamento, P.
dim.: alt. 67; dp. 15,5; dbj. 31; dbc. 17; cap. 19,1
col.: sem capitel; Vitórias
dir. Atena: →
prova: pentatlo; entrega do prêmio
inscr.: fa. *ton athenethen athlon; Arkhippos arkhon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.113
- 504.** São Petesburgo - AK.B.45
l.a.: Panticapéia
cron.: 320/19
dim.: alt. 87; dbj. c. 40
col.: dórico; Atena, Afrodite com Eros
dir. Atena: →
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fa. *ton athenethen athlon; Arkh*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.114
- 505.** Atenas, Cerâmico - PA 190
l.a.: Atenas, Cerâmico

cron.: 320/19
dim.: fr. 4,5
inscr.: fa.]ea[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.115

506. Atenas, Cerâmico - PA 255
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 320/19
dim.: fr. 5,7
col.: Atena?
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.116

507. Atenas, Cerâmico - PA 256
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 320/19
dim.: fr. 10
col.: Afrodite?
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.117

508. Coleção Robinson (desap.) –
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 320/19
dim.: fr. 7
inscr.: fa.]n Neaikho[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.118

509. São Petesburgo - 17.685, 17.686
l.a.: Taman-Halbinsel
cron.: 320/19
col.: Afrodite com Eros
dir. Atena: →
inscr.: fa.]n Neaikh[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.119

510. Moscou, P. ? - s./inv.
l.a.: Panticapéia
cron.: 320/19
inscr.: fa.]khmo[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.120

511. Atenas, Ágora - P 2106
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 316/5
dim.: fr. 7,3
inscr.: fa. Demok[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.122

512. Atenas, Cerâmico - PA 10
l.a.: Atenas, Cerâmico, Tritopatreion
cron.: 316/5
dim.: fr. 10,4
inscr.: fa. Demok[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.123

513. Atenas, Cerâmico - PA 29
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 316/5
inscr.: fa.]kleides
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.124

514. Rodes – (vários)
l.a.: Rodes
cron.: 316/5
dir. Atena: →
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa. Demokleides
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.125

515. Tebas - K 127, K 174
l.a.: Kabirion
cron.: 316/5

prova: boxe; entrega do prêmio
inscr.: fa.]id[; Inscrição de tipo *athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.126

516. Atenas, T. E. –
l.a.: Atenas, Rua de Aquiles
cron.: 312/1
prova: palê
inscr.: fa. Inscrição *Polemon* não publicada
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.127

517. Atenas, Cerâmico - PA 589 D
l.a.: Atenas, Cerâmico, Dípilo (próx.)
cron.: 312/1
col.: asa (Vitória)
dir. Atena: →
prova: corrida a pé (não identificada)
inscr.: fa.]emon
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.128

518. Atenas, M. N. ? - s./inv.
l.a.: Eretria, Ginásio
cron.: 312/1
inscr.: fa.]n Polemon
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.129

519. Malibu - 76.AE.5
cron.: séc. IV
dim.: alt. 68; dbj. c. 31
col.: dórico; Vitórias
dir. Atena: →
prova: corrida a pé (longa distância)
inscr.: fa.]arkhon
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.130

520. Moscou, P. - s./inv.
cron.: séc. IV
col.: figura feminina
dir. Atena: →
inscr.: fa. a[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.131

521. Atenas, M. N. - s./inv.
l.a.: Kabirion
cron.: séc. IV
dim.: frs. 2,3; 2,3; 5,5; 3,9
inscr.: fa.]n ath[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.132

522. Atenas, Cerâmico - PA 661
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Z
cron.: séc. IV
dim.: fr. 17,1
dir. Atena: ←
prova: corrida a cavalo
inscr.: fa.]arkhonto[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.133

523. Atenas, Ágora - P 19531
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. IV
aut.: Mársias, P.
dim.: fr. 20
dir. Atena: →
prova: corrida de quadriga
inscr.: fa.]on athe[]n athlon
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.134

524. Atenas, Ágora - P 14626
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. IV

dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.135

525. Tessalônica - 18151
l.a.: Potidéia/Macedônia
cron.: séc. IV
dir. Atena: →
prova: corrida de quadriga
inscr.: *Aristoboulos; Euboulidou;]mati;]l*
(grafite na baixa negra horizontal sob a
face com figura de prova atlética)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.136; TIVERIOS,
2001, p. 41, n. 12, PR. 18, 3-4

526. Atenas, Cerâmico - PA 648A+633
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Z
cron.: séc. IV, segunda metade
dim.: frs. c. 15; 2,5 [bojo, fa. e fp.]
dir. Atena: →
prova: palê
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.137 e 4.379;
ESCHBACH, 2007, p. 94, fig. 5

527. Salamina - Sal. 1235α,β
l.a.: Salamina
cron.: séc. IV
dim.: fr. 21; 10
dir. Atena: →
prova: corrida a pé (curta distância)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.139

528. Atenas, Cerâmico - PA 656+657K
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 320/19
dir. Atena: →
prova: corrida armada
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.140; ESCHBACH,
2007, p. 95-7, fig. 8-9

529. Anfípolis (Local de Achado) –
l.a.: Anfípolis
cron.: séc. IV
dir. Atena: →
prova: corrida armada
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.141

530. Pela - 83.3854
l.a.: Pela, Ágora, Stoa Leste
cron.: séc. IV
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.142

531. Atenas, Cerâmico - PA 657+636 A
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Z
cron.: séc. IV, segunda metade
col.: Atena
dir. Atena: →
inscr.: fa. *]eneth[]n athl*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.143; ESCHBACH,
2007, p. 97-100, fig. 11

532. Atenas, Cerâmico - PA 660
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Z
cron.: séc. IV, segunda metade
col.: Atena
dir. Atena: →
prova: palê
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.144; ESCHBACH,
2007, p. 97-100, fig. 10, 12-3

533. Eleusis - s./inv.

l.a.: Eleusis
cron.: séc. IV
col.: figura feminina
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.145

534. Eleusis - 2669
l.a.: Eleusis
cron.: c. 370-364/3
dim.: fr. 11
col.: Atena
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.146

535. Atenas, Ágora - P 19848
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. IV
dim.: fr. 4,7
col.: dórico
inscr.: fa. *to[*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.147

536. Atenas, Cerâmico - PA 605
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 8,5
col.: figura masculina com cetro
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.148

537. Atenas, Cerâmico - PA 55
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 5,7
col.: figura masculina coroada com cetro
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.149

538. Atenas, Ágora - P 20380
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. IV
dim.: fr. 8
col.: Afrodite e Eros
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.150

539. Praga, M. N. - 2004
l.a.: Grécia continental
cron.: séc. IV
dim.: fr. 5,3
col.: homem barbudo com cetro
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.151

540. Atenas, Cerâmico - PA 180
l.a.: Atenas, Cerâmico, Pompeion
cron.: séc. IV
col.: dórico; Vitória
inscr.: fa. *]on[*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.152

541. Heidelberg - 245
l.a.: Atenas
cron.: séc. IV
dim.: fr. 2,2
col.: Atena
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.153

542. Atenas, T. E. - 3882
l.a.: Atenas
cron.: séc. IV
col.: Vitória
dir. Atena: →

inscr.: fa. Inscrição de tipo *athlon* não publicada
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.154

543. Bonn - 61
l.a.: Atenas
cron.: séc. IV
col.: figura masculina
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.155

544. Atenas, Cerâmico - PA 53
l.a.: Atenas, Cerâmico, Pompeion
cron.: séc. IV
dim.: fr. 5,1
col.: Atena?
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.156

545. Atenas, Cerâmico - PA 573
l.a.: Atenas, Cerâmico, Pompeion
cron.: séc. IV
dim.: fr. 6
col.: jônico?; figura masculina com cetro
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.157

546. Atenas, Cerâmico - PA 800
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Y
cron.: séc. IV
dim.: fr. 4,6
col.: Vitória (asa)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.158

547. Atenas, Ágora - P 488
l.a.: Atenas, Pnyx
cron.: séc. IV
dim.: fr. 3,1
col.: homem com tigela sentado
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.159

548. Paris, B. N. Froehner 1604
cron.: séc. IV
dim.: fr. 16,5 [pescoço, ombro, alça]
dir. Atena: →
bibl.: não publicado

549. Atenas, Ágora - P 495
l.a.: Atenas, Pnyx
cron.: c. 360
aut.: Caricleides, G.?
dim.: fr. 3,7
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.160

550. Atenas, Cerâmico - PA 213
l.a.: Atenas, Cerâmico, Pompeion
cron.: c. 360
aut.: Atenas 12592, P.
dim.: fr. 10
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.161

551. Eleusis - s./inv.
l.a.: Eleusis
cron.: c. 360
aut.: Atenas 12592, P.
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.162

552. Eleusis - s./inv.
l.a.: Eleusis
cron.: c. 360
dir. Atena: ←

bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.163

553. Eleusis - s./inv.
l.a.: Eleusis
cron.: c. 360
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.164

554. Corinto - C-61-397
l.a.: Corinto, Sant. Deméter e Perséfone
cron.: c. 360
dim.: frs. 4,5; 6,7
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.165

555. Coleção Robinson (desap.) –
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: c. 360
dim.: fr. 7
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.166

556. Atenas, Ágora - P 8735
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 340-320
dim.: fr. 5
dir. Atena: →
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 2; BENTZ, 1998, nº 4.167

557. Atenas, Cerâmico - PA 65
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 340-320
dim.: fr. 6,1
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.168

558. Atenas, Cerâmico - PA 82
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 340-320
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.169

559. Atenas, Cerâmico - PA 272
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 340-320
dim.: fr. 6
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.170

560. Atenas, Cerâmico - PA 281
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 340-320
dim.: fr. 4,4
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.171

561. Atenas, Cerâmico - PA 706
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Y
cron.: 340-320
dim.: fr. 7
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.172

562. Heidelberg - 249
l.a.: Atenas
cron.: 340-320
dim.: fr. 14,4
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.173

563. Insbruke - II 25.3
cron.: 340-320
aut.: Nicômaco, S.
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.174

564. Oropos, Amphiaraiion - s./inv.
l.a.: Oropos, Amphiaraiion
cron.: 340-320
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.175

565. Tebas - A 201
l.a.: Kabirion
cron.: 340-320
dim.: fr. 3,8
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.176

566. Tubinga - 5510
l.a.: Atenas
cron.: 340-320
dim.: fr. 6
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.177

567. Atenas, Ágora - P 10766
l.a.: Atenas, Ágora, Cisterna
cron.: 320-300
dim.: fr. 18
dir. Atena: →
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 5; BENTZ, 1998, nº 4.178

568. Atenas, Ágora - P 25622
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 320-300
dim.: 1 fr. c. 10,5 [pescoço]
dir. Atena: →
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 6; BENTZ, 1998, nº 4.179

569. Atenas, Cerâmico - PA 48
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 320-300
dim.: fr. 14,1
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.180

570. Atenas, Cerâmico - PA 279
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 320-300
dim.: fr. 5,8
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.181

571. Heidelberg - S 92
l.a.: Atenas
cron.: 320-300
dim.: fr. 9
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.182

572. Lúpsia - T 1879
l.a.: Atenas
cron.: 320-300
dim.: fr. 25
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.183

573. Oropos, Amphiaraiion - s./inv.
l.a.: Oropos, Amphiaraiion

cron.: 320-300
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.184

574. Pela - 86.56
l.a.: Pela, Ágora
cron.: 320-300
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.185

575. Berlim - P 255
l.a.: Pérgamo
cron.: 320-300
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.186

576. Atenas, Ágora - P 19672
l.a.: Atenas, Areópago
cron.: c. 360
dim.: fr. 11
dir. Atena: →
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 1; BENTZ, 1998, nº 4.187

577. Atenas, Ágora - P 22224
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: c. 360
dim.: fr. 6,3
dir. Atena: →
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 4; BENTZ, 1998, nº 4.188

578. Atenas, Ágora - P 24654
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: c. 360
dim.: fr. 5,5
dir. Atena: →
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 3; BENTZ, 1998, nº 4.189

579. Atenas, Cerâmico - P 64
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: c. 360
dim.: fr. 4
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.190

580. Atenas, Cerâmico - PA 504
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: c. 360
dim.: fr. 3,4
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.191

581. Atenas, Cerâmico - PA 515
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: c. 360
dim.: fr. 4
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.192

582. Atenas, Cerâmico - PA 516
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: c. 360
dim.: fr. 6
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.193

583. Atenas, Cerâmico - PA 518
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: c. 360

dim.: fr. 5,5
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.194

584. Atenas, Cerâmico - PA 665
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Z
cron.: c. 360
dim.: fr. 9,5
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.195

585. Eleusis - s./inv.
l.a.: Eleusis
cron.: c. 360
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.196

586. Heidelberg - 251
l.a.: Atenas
cron.: c. 360
dim.: fr. 5,3
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.197

587. Corinto - C-32-44ab
l.a.: Corinto
cron.: c. 360
dim.: fr. 8,5
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.198

588. Pela - 88.976
l.a.: Pela, Ágora (prox.)
cron.: c. 360
dim.: fr. 9 [pescoço]
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.199

589. Tróia - VIII 250 (z08.0071:2)
l.a.: Tróia
cron.: c. 360
dim.: fr. 12,4
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.200

590. Atenas, Ágora - P 27079
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: c. 360
dim.: fr. 5
dir. Atena: ←?
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.201

591. Atenas, Cerâmico - PA 132
l.a.: Atenas, Cerâmico, Pompeion
cron.: c. 360
dim.: fr. fr. 6
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.202

592. Atenas, Cerâmico - PA 135
l.a.: Atenas, Cerâmico, Pompeion
cron.: c. 360
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.203

593. Atenas, Cerâmico - PA 655
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Z
cron.: c. 360
dim.: fr. 19,5
epis.: astro
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.204

594. Heidelberg - 250
l.a.: Atenas
cron.: c. 360
dim.: fr. 10,5
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.205

595. Eleusis - s./inv.
l.a.: Eleusis
cron.: c. 360
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.206

596. Atenas, Cerâmico - PA 517
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 340-300
dim.: fr. 8
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.207

597. Atenas, Ágora - P 22985
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 340-300
aut.: Nicômaco, S.
dim.: fr. 8,5
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.208

598. Atenas, Cerâmico - PA 228
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 340-300
dim.: fr. 12,5
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.209

599. Atenas, Cerâmico - PA 229
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 340-300
dim.: fr. 6,5
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.210

600. Atenas, Ágora - P 20378
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 340-300
aut.: Nicômaco, S.
dim.: frs. 4,4; 9
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.211

601. Atenas, Cerâmico - PA 732
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 340-300
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.212

602. Atenas, Cerâmico - PA 58
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 340-300
dim.: fr. 10,5
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.213

603. Atenas, M. N. - Akr. 1115
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 340-300
dim.: fr. 9
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.214

604. Atenas, M. N. - Akr. 1114
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 340-300
dim.: fr. 10,5
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.215

605. Sídón - s./inv.
l.a.: Sídón, Sant. Aschmun
cron.: 340-300
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.216

606. Sídón - s./inv.
l.a.: Sídón, Sant. Aschmun
cron.: 340-300
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.217

607. Sídón - s./inv.
l.a.: Sídón, Sant. Aschmun
cron.: 340-300
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.218

608. Atenas, Cerâmico - PA 216
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 340-300
dim.: fr. fr. 9,2
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.219

609. Atenas, Cerâmico - PA 62
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 340-300
dim.: fr. 7,5
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.220

610. Atenas, Cerâmico - PA 63
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 340-300
dim.: fr. 8,2
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.221

611. Atenas, Cerâmico - PA 225
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 340-300
dim.: fr. 4,3
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.222

612. Atenas, Cerâmico - PA 232
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 340-300
dim.: fr. 5,8
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.223

613. Alexandria - 9352
l.a.: Naucratis
cron.: c. 360
dim.: fr. 8
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.224

614. Atenas, Ágora - P 5224d
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: c. 360
aut.: Hobble, G.

dim.: fr. 7
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.225

615. Atenas, Ágora - P 27075
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: c. 360
dim.: fr. 7,5
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.226

616. Atenas, Ágora - P 27076
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: c. 360
dim.: fr. 6,8
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.227

617. Atenas, Ágora - P 27077
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: c. 360
dim.: fr. 5,7
dir. Atena: ←
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.228

618. Atenas, Cerâmico - PA 66
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: c. 360
dim.: fr. 3,5
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.229

619. Atenas, Cerâmico - PA 215
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: c. 360
dim.: fr. 3,3
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.230

620. Atenas, Cerâmico - PA 231
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: c. 360
dim.: fr. 6,3
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.231

621. Atenas, Cerâmico - PA 639
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Z
cron.: c. 360
dim.: fr. 5
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.232

622. Atenas, Cerâmico - PA 725
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Y
cron.: c. 360
dim.: fr. 6,9
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.233

623. Atenas, Cerâmico - PA 735?
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: c. 360
dim.: fr. 10,5
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.234

624. Atenas, M. N. - Akr. 1116
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: c. 360
dim.: fr. 7,5
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.235

625. Basiléia, H. A. C. - HC 881

l.a.: Bodrum
cron.: c. 360
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.236

626. Heidelberg - 248
cron.: c. 360
dim.: fr. 5,9
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.237

627. Heidelberg - S 90
l.a.: Atenas
cron.: c. 360
dim.: fr. 5
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.238

628. Heidelberg - S 95
l.a.: Atenas
cron.: c. 360
dim.: fr. 7,8
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.239

629. Esmirna - 49-134/184/31
l.a.: Labranda, Sant. Zeus
cron.: c. 360
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.240

630. Corinto - C-37-2946
l.a.: Corinto, Fórum
cron.: c. 360
dim.: fr. fr. 3,8
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.241

631. Tebas - K 59, K141
l.a.: Kabirion
cron.: c. 360
dim.: fr. 5,7
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.242

632. Tebas - K 1555
l.a.: Kabirion
cron.: séc. IV
dim.: fr. 3,7
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.243

633. Atenas, Ágora - P 31g
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: Séc. IV
dim.: fr. 9,7
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.244

634. Londres - B 607,1
l.a.: Paphos, Templo de Afrodite
cron.: c. 360
dim.: fr. 7,4
dir. Atena: →
inscr.: fa.] *athe*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.245

635. Eleusis –
l.a.: Eleusis
cron.: c. 360
epis.: *Gorgoneion*
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.246

636. Atenas, Cerâmico - PA 249
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: c. 360
dim.: fr. 8
dir. Atena: →
inscr.: fa. ¶
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.247

637. Atenas, Cerâmico - PA 224
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: c. 360
dim.: fr. 13,5
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.248

638. Atenas, Cerâmico - PA 222
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: c. 360
dim.: fr. 6
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.249

639. Atenas, Cerâmico - PA 220
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: c. 360
dim.: fr. 4,7
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.250

640. Atenas, Cerâmico - PA 88
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: c. 360
dim.: fr. 6,5
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.251

641. Atenas, Cerâmico - PA 221
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: c. 360
dim.: fr. 1,8
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.252

642. Cirene/Shahat - A 59 P2
l.a.: Cirene
cron.: c. 360
dir. Atena: →
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.253

643. Delos 88.211.7
l.a.: Delos, Teatro
cron.: séc. IV, primeira metade
dim.: fr. c. 5,5 [bojo, fa.]
dir. Atena: ←
inscr.:] *n athe*[
bibl.: BCH 13 (1989), p. 747, fig. 3

644. Atenas, Ágora - P 271
l.a.: Atenas, Pnyx
cron.: 348/7
dim.: fr. 5,5
inscr.: fa.] *on athe*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.254

645. Atenas, Ágora - 273
l.a.: Atenas, Pnyx
cron.: 348/7
dim.: fr. 5,4
inscr.: fa.] *then ath*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.255

646. Varvakeion (desap.) - s./inv.
cron.: 348/7
inscr.: fa.]es e[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.256

647. Atenas, Ágora - P 66
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 348/7
dim.: fr. 6,8
inscr.: fa.]n athe[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.257

648. Atenas, Ágora - P 2045
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 348/7
dim.: fr. 4,4
inscr.: fa.]n a[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.258

649. Atenas, Ágora - P 3120
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 348/7
dim.: fr. 3,9
inscr.: fa.]the[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.259

650. Atenas, Ágora - P 3782
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 348/7
dim.: fr. 4,8
inscr.: fa.]s[;]ene[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.260

651. Atenas, Ágora - P 9457
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 348/7
dim.: fr. 6,5
inscr.: fa.]nethen athlon
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.261

652. Atenas, Ágora - P 18635
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 348/7
dim.: fr. 4
inscr.: fa.]se[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.262

653. Atenas, Ágora - P 19465
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 348/7
inscr.: fa.]lon
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.263

654. Atenas, Ágora - P 22989
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 348/7
dim.: fr. 8,1
dir. Atena: ←
inscr.: fa.]n ath[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.264

655. Atenas, Cerâmico - PA 69
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 348/7
dim.: fr. 6,2
dir. Atena: ←
inscr.: fa.]en[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.265

656. Atenas, Cerâmico - PA 179

l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 348/7
dim.: fr. 5,2
inscr.: fa.]on athen[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.266

657. Atenas, Cerâmico - PA 664
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Z
cron.: 348/7
dim.: fr. 6,2
inscr.: fa.]en athlon
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.267

658. Atenas, Cerâmico - PA 720?
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 348/7
dim.: fr. 3,7
inscr.: fa.]ethen[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.268

659. Atenas, M. N. - Akr. 1129
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 348/7
inscr.: fa.]n athlo[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.269

660. Atenas, M. N. - Akr. 1130
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 348/7
dir. Atena: ←
inscr.: fa.]on athen[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.270

661. Münster - 859
cron.: 348/7
dim.: fr. 8,5
dir. Atena: ←
inscr.: fa.] athenethen [
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.271

662. Tebas - K-
l.a.: Kabirion
cron.: 348/7
dim.: fr. 3,6
inscr.: fa.]thene[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.272

663. Atenas, Ágora - P 3557
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 367/6-336/5
dim.: fr. 3,5
inscr.: fa.]nethe[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.273

664. Atenas, Ágora - P 5224b,c,e
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 367/6-336/5
inscr.: fa.]ethe[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.274

665. Atenas, Cerâmico - PA 113
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 367/6-336/5
dim.: fr. 4,3
inscr.: fa.]en[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.275

666. Atenas, Cerâmico - PA 186
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 367/6-336/5
dim.: fr. 2,4

inscr.: fa. *ton*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.276

667. Atenas, M. N. - Akr. 1134
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 367/6-336/5
inscr.: fa. *]eth*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.277

668. Eleusis - s./inv.
l.a.: Eleusis
cron.: 367/6-336/5
inscr.: fa. *]thlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.278

669. Eleusis - s./inv.
l.a.: Eleusis
cron.: 367/6-336/5
inscr.: fa. *]n athen*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.279

670. Eleusis - s./inv.
l.a.: Eleusis
cron.: 367/6-336/5
inscr.: fa. *] athenethen*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.280

671. Eleusis - s./inv.
l.a.: Eleusis
cron.: 367/6-336/5
inscr.: fa. *]athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.281

672. Atenas, Ágora - P 272/274
l.a.: Atenas, Pnyx
cron.: 367/6
dim.: frs. 9,3; 9,2
inscr.: fa. *]ath*; *]erkhe*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.282

673. Atenas, Ágora - P 21692
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 367/6
dim.: fr. 9,5
inscr.: fa. *]erkhe*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.283

674. Atenas, Cerâmico - PA 534
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Y
cron.: 367/6
dim.: fr. 4
inscr.: fa. *]n*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.284

675. Atenas, Cerâmico - PA 718
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Y
cron.: 367/6
dim.: fr. 7
dir. Atena: →
inscr.: fa. *]s arkh*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.285

676. Atenas, Cerâmico - PA 768
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Y
cron.: 367/6
dim.: fr. 7,8
inscr.: fa. *]arkhon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.286

677. Atenas, Ágora - P 3631
l.a.: Atenas, Ágora

cron.: 340-310
inscr.: fa. *arkho*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.287

678. Atenas, Cerâmico - PA 191
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 340-310
dim.: fr. 4,6
inscr.: fa. *]rkhon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.288

679. Atenas, Cerâmico - PA 642
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Z
cron.: 340-310
dim.: fr. 7,1
inscr.: fa. *]os arkhon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.289

680. Atenas, Cerâmico - PA 644
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Z
cron.: 340-310
inscr.: fa. *]khon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.290

681. Atenas, Cerâmico - PA
647+637+645A+643
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Z
cron.: 321/0
dim.: frs. [bojo fa. e fp.]
col.: Atena? com *aphlaston*
dir. Atena: →
prova: palē
inscr.: fa. *Arkhi ippos arkhon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.138, 4.291;
ESCHBACH, 2007, p. 92-3, fig. 1-3

682. Atenas, M. N. - Akr. 1136
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 340-310
dim.: fr. 4,5
inscr.: fa. *ar*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.292

683. Heidelberg - S 89
l.a.: Atenas
cron.: 340-310
dim.: fr. 7
inscr.: fa. *]khon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.293

684. Oxford - G 141.59
cron.: 340-310
dim.: fr. 7,8
inscr.: fa. *]ar*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.294

685. Atenas, Ágora - P 4930
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: 340-300
dim.: fr. 7,9
inscr.: fa. *]n athe*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.295

686. Atenas, Cerâmico - PA 183
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 340-300
dim.: fr. 12,7
inscr.: fa. *]en athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.296

687. Atenas, Cerâmico - PA 184

l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 340-300
dim.: fr. 5
inscr.: fa.]*thene*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.297

688. Atenas, Cerâmico - PA 185
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 340-300
dim.: fr. 4,3
inscr.: fa.]*a*[]*on*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.298

689. Atenas, Cerâmico - PA 188
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 340-300
dim.: fr. 4,3
inscr.: fa.]*on ath*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.299

690. Atenas, Cerâmico - PA 189
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 340-300
dim.: fr. 3
inscr.: fa.]*n a*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.300

691. Atenas, Cerâmico - PA 668
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Z
cron.: 340-300
dim.: fr. 4,5
inscr.: fa.]*ethen ath*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.301

692. Atenas, Cerâmico - PA 766
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 340-300
dim.: fr. 4,2
inscr.: fa.]*n ath*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.302

693. Atenas, M. N. –
l.a.: Kabirion
cron.: 340-300
inscr.: fa.]*en ath*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.303

694. Atenas, M. N. - 1101
cron.: 340-300
inscr.: fa. Inscrição de tipo *athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.304

695. Atenas, M. N. - 1102
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 340-300
inscr.: fa.]*athenethen*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.305

696. Atenas, M. N. - Akr. 1132
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 340-300
inscr.: fa.]*on ath*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.306

697. Atenas, M. N. - Akr. 1133
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 340-300
inscr.: fa.]*athene*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.307

698. Atenas, M. N. - Akr. 1135

l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 340-300
inscr.: fa.]*athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.308

699. Chicago - 1967.115.260
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 340-300
dim.: fr. 5
inscr.: fa.]*ton a*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.309

700. Delfos - s./inv.
l.a.: Delfos, Sant. Apolo
cron.: 340-300
dim.: fr. 5
inscr.: fa.]*the*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.310

701. Tessalônica 181.51
l.a.: Cassandréia
cron.: c. 310
prova: hípica (não identificada)
bibl.: BARRINGER, 2003, p. 245

702. Eleusis - s./inv.
l.a.: Eleusis
cron.: 340-300
inscr.: fa.]*thlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.311

703. Eleusis - s./inv.
l.a.: Eleusis
cron.: 340-300
inscr.: fa.]*enethe*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.312

704. Oxford - 1962.427
cron.: 340-300
dim.: fr. 12
inscr.: fa.]*athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.313

705. Oxford - 1962.428
cron.: 340-300
dim.: fr. 10,5
inscr.: fa.]*n athlon*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.314

706. Rodes - 3148
l.a.: Rodes (Lindos), Sant. Atena Lindia
cron.: 340-300
dim.: fr. 4,5
inscr.: fa.]*on athe*[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.315

707. Cirene/Shahat - s. inv.
l.a.: Cirenaica
cron.: séc. IV, segunda metade
dim.: fr. 6,8 [pescoço]
bibl.: MAFFRE, 2001, pr. 30, n. 2, pr. 12, 4

708. Cirene/Shahat - s. inv.
l.a.: Cirenaica
cron.: séc. IV, segunda metade
dim.: frs. 9,7; 4,2 4; 4,9; 4; 2,4; 6,1 [bojo, fa. e fp.]
col.: Plutão-Hades?
bibl.: MAFFRE, 2001, pr. 31, n. 4, pr. 12, 6

709. Atenas, Cerâmico - PA 181

l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 2,7
inscr.: fa.]on[;]th[?
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.316

710. Atenas, Cerâmico - PA 182

l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 4,4
inscr.: fa.]ath[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.317

711. Atenas, M. N. - Akr. 1131

l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: séc. IV
dim.: fr. 4,5
inscr.: fa.]then[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.318

712. Anfípolis (Local de Achado)

l.a.: Anfípolis, Ginásio (NE)
cron.: séc. IV
inscr.: fp.]rak[(gr.)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.319

713. Eleusis - s./inv.

l.a.: Eleusis
cron.: séc. IV
inscr.: fa.]ythel[;]on[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.320

714. Eleusis - s./inv.

l.a.: Eleusis
cron.: séc. IV
inscr.: fa.]ka[;]pe[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.321

715. Eleusis - s./inv.

l.a.: Eleusis
cron.: séc. IV
inscr.: fa.]ra[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.322

716. Eleusis - s./inv.

l.a.: Eleusis
cron.: séc. IV
inscr.: fa.]ll[]ka[; .[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.323

717. Eleusis - s./inv.

l.a.: Eleusis
cron.: séc. IV
inscr.: fa.]s[]ra[;]on[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.324

718. Eleusis - s./inv.

l.a.: Eleusis
cron.: séc. IV
inscr.: fa.]s[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.325

719. Eleusis - s./inv.

l.a.: Eleusis
cron.: séc. IV
aut.: Kuban, G.
dim.: fr. 4,6
inscr.:]kh[;]on[(dispõe-se nas duas faces)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.326

720. Eleusis - s./inv.

l.a.: Eleusis
cron.: séc. IV
dim.: fr. 14,5
prova: corrida a pé (longa distância)
inscr.: fp.]m[;]athena[;]dolikh[
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.327

721. Atenas, M. N. - s./inv.

l.a.: Kabirion
cron.: c.360
dim.: frs. 8,6; 5,6; 10,3; 4; 4,8
prova: palê; entrega do prêmio
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.328

722. Tarento - s./inv.

l.a.: Tarento, prox. Ospedate
cron.: c.360
aut.: Cito, G.
dim.: fr. 13,5
prova: palê
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.329

723. Atenas, Cerâmico - PA 27

l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: c.360
dim.: fr. 7
prova: corrida a cavalo
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.330

724. Atenas, Cerâmico - PA 578

l.a.: Atenas, Cerâmico, T. Theinikhos
cron.: c.360
dim.: fr. 10,8
prova: corrida a cavalo
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.331

725. Atenas, Cerâmico - PA 26

l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: c.360
dim.: fr. 8
prova: corrida a cavalo
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.332

726. Atenas, M. N. - s./inv.

l.a.: Kabirion
cron.: c.360
dim.: fr. 5,1
prova: entrega do prêmio
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.333

727. Atenas, M. N. - s./inv.

l.a.: Kabirion
cron.: c.360
dim.: frs. 9,2; 7,2; 3,8; 2,6; 5; 5
prova: entrega do prêmio
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.334

728. Atenas, Cerâmico - PA 582

l.a.: Atenas, Cerâmico, T. Theonikhos
cron.: c.360
dim.: fr. 6,8
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.335

729. Heidelberg - 242

cron.: c.360
dim.: fr. 16,1
prova: *apobates*
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.336

730. Atenas, Cerâmico - PA 90

l.a.: Atenas, Cerâmico

cron.: c.360
dim.: fr. 6
prova: acertar o alvo a cavalo
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.337

731. Atenas, Cerâmico - PA 312
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: c.360
dim.: fr. 6,3
prova: corrida a pé (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.338

732. Atenas, Cerâmico - PA 592
l.a.: Atenas, Cerâmico, T. Theonikhos
cron.: c.360
dim.: fr. 4,5
prova: corrida a pé (curta distância)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.339

733. Atenas, Ágora - P 3798
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: c.360
aut.: Cito, G.
dim.: fr. 25,7
prova: corrida armada
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.340

734. Tebas - K 302
l.a.: Kabirion
cron.: c.360
dim.: fr. 3,6
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.341

735. Tebas - A 357
l.a.: Kabirion
cron.: c.360
dim.: fr. 4,2
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.342

736. Tebas - A 352
l.a.: Kabirion
cron.: c.360
dim.: fr. 7,3
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.343

737. Atenas, M. N. - s./inv.
l.a.: Kabirion
cron.: c.360
dim.: fr. 3,5; 3,8
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.344

738. Atenas, Cerâmico - PA 572
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: c.360
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.345

739. Atenas, Cerâmico - PA 350 H
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: c.360
dim.: fr. 11
prova: hípica (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.346

740. Atenas, Cerâmico - PA 463
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: c.360
dim.: fr. 6,2
prova: hípica (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.347

741. Alexandria (desap.) - s./inv.

l.a.: Alexandria, Necrópole Hadra
cron.: séc. IV
aut.: Labranda, P.
prova: corrida a pé (curta distância)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.348

742. Atenas, Cerâmico - PA 1
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
aut.: Labranda, P.
dim.: fr. 9,2
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.349

743. Atenas, Cerâmico - PA 7
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
aut.: Labranda, P.
dim.: fr. 8,6
prova: corrida a pé (curta distância)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.350

744. Atenas, Cerâmico - PA 8
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 6,6
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.351

745. Atenas, Cerâmico - PA 654
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Z
cron.: séc. IV
dim.: fr. 9
prova: corrida a pé (curta distância)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.352

746. Atenas, Cerâmico - PA 724
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Y
cron.: séc. IV
dim.: fr. 11,3
prova: corrida a pé (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.353

747. Atenas, M. N. - Akr. 1120
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: séc. IV
dim.: fr. 3
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.354

748. Esmirna - 1949
l.a.: Labranda, Sant. Zeus
cron.: séc. IV
dim.: fr. 6,1
prova: corrida a pé (curta distância)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.355

749. Esmirna - 48-188.1948
l.a.: Labranda, Sant. Zeus
cron.: séc. IV
dim.: alt. 41 (fr.); dbj 45-50 (aprox.)
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fb. *Ἰκλῆς Καλ[]κλειου[]* ; *Ἐρακλεο[]κε[]*
Ἰσάνδρας []
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.356

750. Corinto - C-37-2942
l.a.: Corinto, Fórum
cron.: séc. IV
dim.: fr. 5,6
prova: corrida a pé (curta distância)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.357

751. Corinto - C-38-282

l.a.: Corinto, Fórum
cron.: séc. IV
dim.: fr. 6,9
prova: corrida a pé (curta distância)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.358

752. Leida - RO II 48
l.a.: Grécia continental
cron.: séc. IV
dim.: fr. 7,5
prova: corrida a pé (curta distância)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.359

753. Col. Robinson (desap.) - s./inv.
l.a.: Atenas
cron.: séc. IV
dim.: fr. 10,3
prova: corrida a pé (curta distância)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.360

754. Sídon - s./inv.
l.a.: Sídon, Sant. Eschmun
cron.: séc. IV
prova: corrida a pé (curta distância)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.361

755. Atenas, Cerâmico - PA 44
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 9,3
prova: corrida a pé (longa distância)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.362

756. Atenas, Cerâmico - PA 723
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Y
cron.: séc. IV
dim.: fr. 5
prova: corrida a pé (longa distância)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.363

757. Sídon - s./inv.
l.a.: Sídon, Sant. Eschmun
cron.: séc. IV
prova: corrida a pé (longa distância)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.364

758. Atenas, Ágora - P 23-34
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. IV
dim.: fr. 10,2
prova: corrida armada
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.365

759. Nova Iorque, Metr. - 60.92.5
l.a.: Grécia continental
cron.: séc. IV
aut.: Cito, G.
dim.: fr. 16,5
prova: corrida armada
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.366

760. Tubinga - S/101.647a,b
cron.: séc. IV
aut.: Nicômaco, S.
dim.: fr. 8,8; 6,1
prova: corrida armada
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.367

761. Atenas, Ágora - P 5224f
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. IV

dim.: fr. 8,7
prova: corrida a pé (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.368

762. Atenas, Ágora - P 27087
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. IV
dim.: fr. 9,5
prova: corrida a pé (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.369

763. Atenas, Cerâmico - PA 316
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 6,4
prova: corrida a pé (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.370

764. Atenas, Cerâmico - PA 497
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 9
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.371

765. Atenas, Cerâmico - PA 506
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 12
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.372

766. Atenas, Cerâmico - PA 669
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Z
cron.: séc. IV
dim.: fr. 3
prova: corrida a pé (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.373

767. Atenas, Ágora - P 20324
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. IV
dim.: fr. 8,3
prova: luta (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.374

768. Atenas, Cerâmico - PA 9 (antigo 87?)
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
aut.: Labranda, P.
dim.: fr. 5,7
prova: boxe
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.375

769. Atenas, Cerâmico - PA 667
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Z
cron.: séc. IV
dim.: fr. 6
prova: luta (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.376

770. Atenas, Cerâmico - PA 719
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Y
cron.: séc. IV
dim.: fr. 3,4
prova: luta (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.377

771. Atenas, Cerâmico - PA 624
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Z
cron.: séc. IV
dim.: fr. 8
prova: palê

bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.378

772. Atenas, M. N. - Akr. 1125
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: séc. IV
dim.: fr. 3,5
prova: palê
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.380

773. Corinto - C-68-306
l.a.: Corinto
cron.: séc. IV
dim.: fr. 3
prova: luta (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.381

774. Tubinga - 6249
cron.: séc. IV
dim.: fr. 7,2
prova: boxe
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.383

775. Atenas, Ágora - P 61
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. IV
dim.: fr. 6
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.384

776. Atenas, Ágora - P 10432
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. IV
dim.: fr. 10,8
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.385

777. Atenas, Ágora - P 27091
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. IV
dim.: fr. 5,7
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.386

778. Atenas, Ágora - P 27092
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. IV
dim.: fr. 6,2
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.387

779. Atenas, Cerâmico - PA 109
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 6,5
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.388

780. Atenas, Cerâmico - PA 116 C
l.a.: Atenas, Cerâmico, Pompeion
cron.: séc. IV
dim.: fr. 5,5
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.389

781. Atenas, Cerâmico - PA 119
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 7
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.390

782. Atenas, Cerâmico - PA 126
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 4
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.391

783. Atenas, Cerâmico - PA 285
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 8,2
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.392

784. Atenas, Cerâmico - PA 294
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 11,4
prova: hípica (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.393

785. Atenas, Cerâmico - PA 295
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 6,3
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.394

786. Atenas, Cerâmico - PA 301
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 8,3
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.395

787. Atenas, Cerâmico - PA 313
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 4
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.396

788. Atenas, Cerâmico - PA 525
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 3,8
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.397

789. Atenas, Cerâmico - PA 693
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Y
cron.: séc. IV
dim.: fr. 7
prova: hípica (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.398

790. Atenas, Cerâmico - PA 696
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: 10,4
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.399

791. Atenas, Cerâmico - PA 721
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Y
cron.: séc. IV
dim.: fr. 8,1
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.400

792. Atenas, Cerâmico - PA 728

I.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Y
cron.: séc. IV
dim.: fr. 7,9
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.401

793. Eleusis - s./inv.
I.a.: Eleusis
cron.: séc. IV
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.402

794. Eleusis - s./inv.
I.a.: Eleusis
cron.: séc. IV
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.403

795. Heracleion - s./inv.
I.a.: Praios
cron.: séc. IV
prova: hípica (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.404

796. Pela - 83.5485
I.a.: Pela, Ágora, Stoa Sul
cron.: séc. IV
dim.: fr. 5,8 [bojo, fp.]
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.405

797. Istambul - L 3147
I.a.: Rodas (Lindos), Sant. Atena Lindia
cron.: séc. IV
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.406

798. Tebas - K 2174
I.a.: Kabirion
cron.: séc. IV
dim.: frs. 3,5; 3,8; 1,9
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.407

799. Pela - 83.2518
I.a.: Pela, Ágora, Stoa Leste
cron.: séc. IV
dim.: fr. 14
prova: corrida de quadriga
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.408

800. Atenas, Cerâmico - PA 46?
I.a.: Atenas, Cerâmico?
cron.: séc. IV
prova: hípica (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.409

801. Atenas, Cerâmico - PA 283
I.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 11,2
prova: hípica (não identificada)
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.410

802. Atenas, Cerâmico - PA 568
I.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 9
prova: acertar o alvo a cavalo
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.411

803. Atenas, Ágora - P 19530

I.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. IV
dim.: frs. 8,5; 9,8
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.412

804. Atenas, Ágora - P 20381
I.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. IV
dim.: fr. 10,1
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.413

805. Atenas, Cerâmico - PA 5
I.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 5,9
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.414

806. Atenas, Cerâmico - PA 43
I.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 13,8
prova: boxe; entrega do prêmio
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.415

807. Atenas, Cerâmico - PA 156
I.a.: Atenas, Cerâmico, Pompeion
cron.: séc. IV
aut.: Atenas 12592, P.
dim.: fr. 30
prova: boxe; entrega do prêmio
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.416

808. Atenas, Cerâmico - PA 449
I.a.: Atenas, Cerâmico, Via sacra
cron.: séc. IV
dim.: fr. 6,8
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.417

809. Atenas, Cerâmico - PA 774
I.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 7,5
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.418

810. Atenas, M. N. - Akr. 1126
I.a.: Atenas, Acrópole
cron.: séc. IV
dim.: fr. 8,6
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.419

811. Kiel - B 455
cron.: séc. IV
aut.: Nicômaco, S.?
dim.: fr. 6,3
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.420

812. Samos - s./inv.
I.a.: Samos
cron.: séc. IV
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.421

813. Atenas, Ágora - P 27090
I.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. IV
dim.: fr. 5,8
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.422

814. Atenas, Cerâmico - PA 2
I.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 5,8

bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.423

815. Atenas, Cerâmico - PA 309
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
dim.: fr. 5,1
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.424

816. Atenas, Cerâmico - PA 694
l.a.: Atenas, Cerâmico, Ed. Y
cron.: séc. IV
dim.: fr. 4
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.425

817. Atenas, Cerâmico - PA 785
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. IV
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.426

818. Atenas, M. N. - s./inv.
l.a.: Kabirion
cron.: séc. IV
dim.: fr. 4,1
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.427

819. Atenas, M. N. - Akr. 1119
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: séc. IV
dim.: fr. 4
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.428

820. Eleusis - s./inv.
l.a.: Eleusis
cron.: séc. IV
aut.: Atenas 12592, P.
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.429

821. Heidelberg - S 91
l.a.: Atenas
cron.: séc. IV
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.430

822. Kenkhereeai - KE 1300, P 362
l.a.: Kenkhereeai
cron.: séc. IV
dim.: fr. 4,8
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.431

823. Corinto - C-1987-49
l.a.: Corinto, Leste do Teatro
cron.: séc. IV
dim.: fr. 3,4
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.432

824. Corinto - C-37-2301
l.a.: Corinto, Fórum
cron.: séc. IV
dim.: fr. 4,4
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.433

825. Tebas - K 1167
l.a.: Kabirion
cron.: séc. IV
dim.: fr. 3,8
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.434

826. Tebas - K 1371
l.a.: Kabirion
cron.: séc. IV
dim.: fr. 2,3
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.435

827. Pela - 83.2519
l.a.: Pela, Ágora
cron.: séc. IV
dim.: fr. 3,6 [bojo, fa.]
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.436

828. Pela - 90.1
l.a.: Pela, Ágora
cron.: séc. IV
dim.: fr. 5
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.437

829. Tebas - K 823, K 2100
l.a.: Kabirion
cron.: séc. IV
dim.: fr. 11,8
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.438

830. Tebas - K –
l.a.: Kabirion
cron.: séc. IV
dim.: fr. 9,5
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.439

831. Olímpia - s./inv.
l.a.: Olímpia
cron.: séc. IV
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.440

832. Corinto - C-64-442
l.a.: Corinto, Sant. Deméter e Perséfone
cron.: séc. IV
dim.: fr. 12
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.441

833. Corinto - C-63-700
l.a.: Corinto, Fórum
cron.: séc. IV
dim.: fr. 8,5
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.442

834. Goritsa - IV C 1
l.a.: Goritsa
cron.: séc. IV
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.443

835. Atenas, M. N. - s./inv.
l.a.: Kabirion
cron.: séc. IV
dim.: fr. 11,5
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.444

836. Atenas, Ágora - P 498
l.a.: Atenas, Pnyx
cron.: séc. IV
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.445

837. Pela - 83.3855
l.a.: Pela
cron.: séc. IV
dim.: fr. 6,2 [pé]
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.446

838. Pela - 83.2520, 83.3854
l.a.: Pela
cron.: séc. IV
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.447

839. Tessalônica - I 117.296b (1323)
l.a.: Akanthos

cron.: séc. IV
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.448

840. Dion – s. inv.
l.a.: Dion
cron.: séc. IV
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.449

841. Anfípolis (Local de Achado) –
l.a.: Anfípolis, Ginásio
cron.: séc. IV
bibl.: BENTZ, 1998, nº 4.450

842. Pela 95/19-22
l.a.: Pela
cron.: séc. IV
dim.: 4 frs. 15; 10,5; 7,2; 11,3 [bojo, fa. e fp.; pé?]
dir. Atena: →
bibl.: TIVERIOS, 2001, p. 48, n. 122, pr. 18, 5-7

843. Cirene/Shahat - s. inv.
l.a.: Cirenaica
cron.: séc. IV, segunda metade
dim.: fr. 4,1 [pescoço]
bibl.: MAFFRE, 2001, pr. 31, n. 3, pr. 12, 5

844. Tróia - z08.0422:2+z08.0461:3
l.a.: Tróia
dim.: frs. c. 10; c. 4,5 [bj.; fp.]
cron.: séc. IV
prova: hípica (não identificada)
bibl.: *site McMicken College of Arts and Sciences* 01

845. Atenas, M. N. - Akr. 1113b
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: séc. III
bibl.: EDWARDS, 1957, p. 321

846. Atenas, M. N. - Akr. 1113a
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: 248/7
dim.: frs. 36,5; 23 [bojo, fa. e fp.]
col.: sem capitel, figura com quítion curto, botas, pisando escudo com o pé esquerdo
dir. Atena: →
prova: corrida a pé (longa distância)
inscr.: fa. *Jeuntos Eurykleidou* (k., j.)
bibl.: DOW, 1936, p. 56, fig. 9; EDWARDS, 1957, p. 321; BARRINGER, 2003, p. 247, fig. 1

847. Atenas, Ágora - P 109
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: c. 215
dim.: fr. 8,5 [bojo]
col.: base de escultura com inscrição; acima, figura com botas
inscr.: fa. *Jeuntos; Ionos* (2 linhas)
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 27; BARRINGER, 2003, p. 246-7, n. 26, fig. 2; WILLIAMS, 2007, p. 150

848. Atenas, Cerâmico – PA 345
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: séc. III
dim.: 1 fr. [pescoço]

dir. Atena: →
bibl.: FREL, 1973, p. 29, fig. 29.

849. Atenas, Ágora - P 120
l.a.: Atenas, Ágora, Kolonos Ágoraios
cron.: séc. III
dim.: fr. 15 [pescoço]
dir. Atena: →
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 7

850. Atenas, Ágora - P 339
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. III
dim.: fr. 12 [pescoço]
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 36

851. Atenas, Ágora - P 19085
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. III
dim.: fr. 10,5 [pescoço]
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 37

852. Ansedonia - s./inv.
l.a.: Cosa
cron.: Séc. III?
dim.: fr. 20 (r) dbc
bibl.: EDWARDS, 1957, p. 349.

853. Atenas, Ágora - P 6920
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. III-II
dim.: fr. 6 [bojo]
inscr.: fa. *Jukriti*
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 28

854. Atenas, Ágora - P 3630
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. III-II
dim.: fr. 4,5 [bojo]
inscr.: fa. ? *ton* [
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 30

855. Atenas, Ágora - P 6868
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. III-II
dim.: fr. 10,7 [bojo]
inscr.: fa. *Jon* [
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 31

856. Atenas, Ágora - P 6988
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. III-II
dim.: fr. 4,2 [bojo]
inscr.: fa. *Jotheo* [
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 29

857. Atenas, M. N. - Akr. 1137?
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: séc. III-II
bibl.: EDWARDS, 1957, p. 321

858. Atenas, M. N. - Akr. 1138
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: séc. III-II
dim.: 1 fr. 9,5 [bojo]
inscr.: *[gonoth]*
bibl.: EDWARDS, 1957, p. 321

859. Atenas, Ágora - P 25487
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. III-II?

dim.: fr. 9 [bojo]
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 26

860. Atenas, Ágora - P 25553
l.a.: Atenas, Ágora, Kolonos Ágoraios
cron.: séc. II, início
dim.: fr. 7 [pescoço]
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 9

861. Atenas, Ágora - P 372
l.a.: Atenas, Ágora, Kolonos Ágoraios
cron.: séc. II, primeira metade
dim.: fr. 26 [pescoço, boca]
dir. Atena: →
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 8

862. Celle, antes em Berlim - 4950
l.a.: Olbia
cron.: séc. II, primeira metade
dim.: alt. 78,4 (t)
col.: coluna com pináculo
dir. Atena: →
prova: corrida de biga
inscr.: sem inscrição
bibl.: EDWARDS, 1957, p. 321; BENTZ & ESCHBACH, 2001, p. 203

863. Corinto - C-46-51
l.a.: Corinto, Stoa sul, Well XV
cron.: séc. II, primeira metade
dim.: 2 frs.
col.: dórico
prova: hípica (não identificada)
inscr.: fp. *ton ath*
bibl.: EDWARDS, 1957, pr. 81

864. Atenas, Ágora - P 22984
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. II, primeira metade
dim.: fr. 10 [bojo]
prova: luta?
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 17

865. Atenas, Ágora - P 22910
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: c. 150
dim.: fr. 1,4 [bojo]
dir. Atena: →
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 15

866. Atenas, Ágora - P 1893
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: c. 150
dim.: fr. 12,5
prova.: hípica (não especificada)
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 23

867. Londres - GR 2002.4-20.1+Atenas, M. N. - Benaki B, C, E e F
l.a.: Alexandria, Necrópole Hadra?
cron.: séc. II, meados
aut.: Adeimantos, P.
dim.: [bojo, fp.] c. 7 [bojo, fp.?];
dir. Atena: →
inscr.: fp. *agon* []; *M* []; *oun* [] *u*
bibl.: WILLIAMS, 2007, p. 150, fig. 4, 5a-c;
British Museum Magazine 44, 2002, p. 37; EDWARDS, 1957, p. 348 (Benaki B, C, E, F);

868. Atenas, M. N., Benaki A

l.a.: Alexandria, Necrópole Hadra
cron.: séc. II, meados
aut.: Adeimantos, P.
dim.: fr. c.4 (bojo, fa.?)
inscr.: fa. *]thene*
bibl.: EDWARDS, 1957, p. 348 (Benaki A);
WILLIAMS, 2007, p. 151, fig. 5 b

879. Atenas, M. N., Benaki D
l.a.: Alexandria, Necrópole Hadra
cron.: séc. II, meados
aut.: Adeimantos, P.
dim.: fr. [bojo, fp.]
bibl.: EDWARDS, 1957, p. 348 (Benaki D);
WILLIAMS, 2007, p. 151, fig. 5 c

870. Atenas, T. E. - A 1918
l.a.: Atenas, prox. Theseion
cron.: 150/40
aut.: Adeimanto, P.
dim.: frs. 74 (sem pé); dbj. c. 40 cm; dbc. 24,5
col.: dórico; escudo (fp.)
dir. Atena: →
prova: lançamento de dardo
inscr.: fp. *ton athene* [] *en athlon*; *]nothe* [] *us Adeimantou* [(k., j.)
bibl.: TSOUKLIDOU, 2001, p. 39

871. Atenas, Ágora - P 5911
l.a.: Atenas, Ágora, Tholos (prox.)
cron.: séc. II, terceiro quartel
dim.: frs. [bojo, pescoço, boca]
dir. Atena: →
prova: luta
inscr.: fb. *]toun* []; fb. ? *ton* []
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 14

872. Atenas, Ágora - P 25540
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. II, terceiro quartel
dim.: fr. 7 [boca]
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 34

873. Atenas, Ágora - P 25539
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. II, terceiro quartel
dim.: fr. 6 [boca]
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 35

874. Atenas, Ágora - P 18008
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. II, terceiro quartel
dim.: frs. 40; 12; 7 [bojo e boca]
dir. Atena: →
prova: hípica (não identificada)
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 19

875. Atenas, Ágora - P 3871
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: século II, terceiro quartel
dim.: fr. 7 [bojo]
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 16

876. Atenas, M. N. - Akr. 1109
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: séc. II, terceiro quartel
dim.: fr. 13 [ombro, fa.]
dir. Atena: →
inscr.: fa. *]onoth* [?
bibl.: EDWARDS, 1957, p. 321

877. Atenas, M. N. - Akr. 1110
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: séc. II, terceiro quartel
dim.: fr. 14 [bojo, fa.]
dir. Atena: →
bibl.: EDWARDS, 1957, p. 321

878. Atenas, M. N. - Akr. 1111
l.a.: Atenas, Acrópole
cron.: séc. II, terceiro quartel
dim.: 2 frs. 20; 9 [bojo, fa.]
dir. Atena: →
bibl.: EDWARDS, 1957, p. 321

879. Atenas, Ágora - P 25485
l.a.: Atenas, Ágora, Kolonos Ágoraios
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: fr. 10,5 [pescoço]
dir. Atena: →
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 11;
TSOUKLIDOU, 2001

880. Atenas, M. N. - A 17934
l.a.: Atenas, Olimpieion
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: fr. 76,5 (sem boca e base
reconstituída)
col.: fa. e fp., dórico, Vitória e escudo
dir. Atena: →
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: fb. *ton athenethen*[; *agonothetountos*
ba] ; *Ariaratos philopa*[]*us*
bibl.: EDWARDS, 1957, p. 321;
TSOUKLIDOU, 2001

881. Atenas, Cerâmico - PA 101
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: fr. [bojo, fp.]
prova: corrida (não identificada)
bibl.: FREL, 1973, p. 29, fig. 30;
TSOUKLIDOU, 2001

882. Atenas, T. E. - A 9659
l.a.: Atenas, Cerâmico?
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: fr. alt. 56; dbj. (r) 43 [bojo – parte
média – até a boca]
col.: fa. três figuras femininas; fp. Tique
dir. Atena: →
prova: corrida a pé (curta distância)
inscr.: *ton athene*[
bibl.: TSOUKLIDOU, 2001

883. Atenas, T. E. - A 9661α
l.a.: Atenas, Ágora NO
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: frs. 31,5 [bojo, fa. e fp.]
col.: fa. três figuras femininas; fp. Tique
inscr.: *ton athenethen athlon*
bibl.: TSOUKLIDOU, 2001, p. 36, fig. 3a, pr.
13, 5

884. Atenas, T. E. - A 9661β
l.a.: Atenas, Ágora NO

cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: frs. 41 [bojo, fp.]
prova: corrida a pé (curta distância)
bibl.: TSOUKLIDOU, 2001, p. 36, fig. 3a, pr.
14,2; 16, 1

885. Atenas, T. E. - A 9661γ
l.a.: Atenas, Ágora NO
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: frs. 46 [bojo, fp.]
prova: corrida a pé (curta distância)
bibl.: TSOUKLIDOU, 2001, p. 36, fig. 3a, pr.
14,3

886. Atenas, T. E. - A 9662α
l.a.: Atenas, rua Erysiikhthonos (prox.
Theseion)
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: fr. 29,8; dbc. 24,3 [pescoço, parte do
ombro e uma alça]
dir. Atena: →
bibl.: TSOUKLIDOU, 2001, pr. 13, 3

887. Atenas, T. E. - A 9662β
l.a.: Atenas, rua Erysiikhthonos (prox.
Theseion)
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: frs. dp. 23 [pé]

888. Atenas, T. E. - A 9662γ
l.a.: Atenas, rua Erysiikhthonos (prox.
Theseion)
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: fr. 33,5 [bojo: lateral, fa. e fb.]
bibl.: TSOUKLIDOU, 2001, pr. 14, 1

889. Atenas, T. E. - A 9662ε
l.a.: Atenas, rua Erysiikhthonos (prox.
Theseion)
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: fr. 24,5 [bojo, fa.]
dir. Atena: →
bibl.: TSOUKLIDOU, 2001, pr. 13

890. Atenas, T. E. - A 9662δ
l.a.: Atenas, rua Erysiikhthonos (prox.
Theseion)
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: 21,5 [bojo, fa.]
dir. Atena: →
inscr.: fa. *jos*
bibl.: TSOUKLIDOU, 2001, pr. 13, 4

891. Atenas, T. E. - A 9662κ
l.a.: Atenas, rua Erysiikhthonos (prox.
Theseion)
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: 1 fr. 6 [bojo, fp.]

892. Atenas, T. E. - A 9662λ
l.a.: Atenas, rua Erysiikhthonos (prox.
Theseion)
cron.: 130-120

aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: fr. 7,2 [bojo]

893. Atenas, T. E. - A 9662μ
l.a.: Atenas, rua Erysiikhthonos (prox.
Theseion)
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: fr. 9,3 [bojo]

894. Atenas, T. E. - A 9662ν
l.a.: Atenas, rua Erysiikhthonos (prox.
Theseion)
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: fr. 3,2 [bojo]

895. Atenas, T. E. - A 9662η
l.a.: Atenas, rua Erysiikhthonos (prox.
Theseion)
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: fr. 22 [bojo, fp.]
prova: corrida a pé (não identificada)
bibl.: TSOUKLIDOU, 2001, pr. 14, 5

896. Atenas, T. E. - A 9662ο
l.a.: Atenas, rua Erysiikhthonos (prox.
Theseion)
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: fr. 7,5 [bojo, fa.?)

897. Atenas, T. E. - A 9662στ
l.a.: Atenas, rua Erysiikhthonos (prox.
Theseion)
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: fr. 19,8 [bojo, fa.]
dir. Atena: →
bibl.: TSOUKLIDOU, 2001, pr. 13, 4

898. Atenas, T. E. - A 9662τ
l.a.: Atenas, rua Erysiikhthonos (prox.
Theseion)
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: 7,1 [bojo]
inscr.:]on
bibl.: TSOUKLIDOU, 2001, pr. 14

899. Atenas, T. E. - A 9662j
l.a.: Atenas, rua Erysiikhthonos (prox.
Theseion)
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: fr. 8 [bojo, fa.]
dir. Atena: →

900. Atenas, T. E. - A 9662π
l.a.: Atenas, rua Erysiikhthonos (prox.
Theseion)
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: fr. 12,5 [bojo, fa.?)
col.: sem capitel, figura humanizada
inscr.: fa.?]on
bibl.: TSOUKLIDOU, 2001

901. Atenas, T. E. - A 9662ρ

l.a.: Atenas, rua Erysiikhthonos (prox.
Theseion)
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: fr. 8 [bojo, fa.?)
col.: Tique?
bibl.: TSOUKLIDOU, 2001, pr. 14, 4

902. Atenas, T. E. - A 9662σ
l.a.: Atenas, rua Erysiikhthonos (prox.
Theseion)
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: fr. 8,3 [bojo, fa.?)
col.: dórico; figura com manto

903. Atenas, T. E. - A 9662θ
l.a.: Atenas, rua Erysiikhthonos (prox.
Theseion)
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: fr. 14,5 [pé]

904. Atenas, T. E. - A 9662ι
l.a.: Atenas, rua Erysiikhthonos (prox.
Theseion)
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: fr. 16,5 [bojo, fp.]
prova: corrida (não identificada)
bibl.: TSOUKLIDOU, 2001, pr. 14, 5

905. Atenas, T. E. - A 9662ξ
l.a.: Atenas, rua Erysiikhthonos (prox.
Theseion)
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: fr. 7 [bojo, fp.]

906. Atenas, T. E. - A 10317
l.a.: Atenas, rua Erysiikhthonos (prox.
Theseion)
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dim.: fr. 38 [bojo, fb.]
col.: fp. Tique
prova: corrida a cavalo
bibl.: TSOUKLIDOU, 2001

907. Wurtzburgo 4077
cron.: 130-120
aut.: Congresso de Giessen, P.
dir. Atena: →
bibl.: TSOUKLIDOU, 2001, p. 38, n. 52.

908. Atenas, Ágora - P 25533
l.a.: Atenas, Ágora, Kolonos Ágoraios
cron.: séc. II, último quartel
dim.: fr. 5,5 [pescoço]
dir. Atena: →
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 10

909. Atenas, Ágora - P 6901; P 6901bis; P 6901ter
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. II, último quartel
dim.: frs. 8,5; 22; 16; 11; 8,5 [bojo]
col.:? Atena?
prova: hípica (não identificada)
inscr.: fa.]os;]amph[
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 20-22

910. Míconos - 1

l.a.: Renéia, Santuário de Heracles
cron.: séc. II, último quartel
dim.: 78,5 (r)
col.: fb., Atena?
dir. Atena: →
prova: corrida de biga
bibl.: KONDOLEON, 1937, p. 577;
EDWARDS, 1957, p. 322

911. Míconos - 2

l.a.: Renéia, Santuário de Heracles
cron.: séc. II, último quartel
dim.: 77 (r)
dir. Atena: →
prova: corrida de quadriga
bibl.: KONDOLEON, 1937, p. 577;
EDWARDS, 1957, p. 322

912. Míconos - 3

l.a.: Renéia, Santuário de Heracles
cron.: séc. II, último quartel
dim.: 80 (r)
dir. Atena: →
prova: corrida de biga?
bibl.: KONDOLEON, 1937, p. 577;
EDWARDS, 1957, p. 322

913. Míconos - 4

l.a.: Renéia, Santuário de Heracles
cron.: séc. II, último quartel
prova: corrida de biga?
bibl.: KONDOLEON, 1937, p. 577;
EDWARDS, 1957, p. 322

914. Míconos - 5

l.a.: Renéia, Santuário de Heracles
cron.: séc. II, último quartel
prova: corrida a cavalo
bibl.: KONDOLEON, 1937, p. 577;
EDWARDS, 1957, p. 322

915. Atenas, Ágora - P 25457

l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. II, segunda metade
dim.: fr. 9 [bojo]
prova: boxe?
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 18; METAXA-
PROKOPIOU, 1970, p. 98.

916. Atenas, T. E. – s. inv.

l.a.: Atenas, Colina de Filopapo
cron.: séc. II, segunda metade
inscr.:]th[
bibl.: METAXA-PROKOPIOU, 1970, p. 98

917. Atenas, Cerâmico – KEP 515

l.a.: Atenas, Colina de Filopapo
cron.: séc. II, segunda metade
dir. Atena: →
bibl.: METAXA-PROKOPIOU, 1970, p. 98

918. Atenas, Cerâmico – KEP 68

l.a.: Atenas, Colina de Filopapo
cron.: séc. II, segunda metade
dim.: fr. 14,5 [bj., fp.]
prova: hípica (não identificada)
bibl.: METAXA-PROKOPIOU, 1970, p. 98

919. Atenas, Cerâmico – KEP 435

l.a.: Atenas, Colina de Filopapo
cron.: séc. II, segunda metade
bibl.: METAXA-PROKOPIOU, 1970, p. 98

920. Atenas, Cerâmico – KEP 70-448

l.a.: Atenas, Colina de Filopapo
cron.: séc. II, segunda metade
dir. Atena: →
bibl.: METAXA-PROKOPIOU, 1970, p. 98

921. Atenas, Cerâmico – KEP 33

l.a.: Atenas, Colina de Filopapo
cron.: séc. II, segunda metade
prova: hípica (não identificada)
bibl.: METAXA-PROKOPIOU, 1970, p. 98

922. Atenas, Cerâmico – KEP 312

l.a.: Atenas, Colina de Filopapo
cron.: séc. II, segunda metade
dir. Atena: →
bibl.: METAXA-PROKOPIOU, 1970, p. 98

923. Atenas, Ágora – P 8865

l.a.: Atenas, Colina de Filopapo
cron.: séc. II, segunda metade
prova: pancrácio
bibl.: METAXA-PROKOPIOU, 1970, p. 98

924. Cirene/Shahat 2667, 2693

l.a.: Cirenaica
cron.: séc. II
dim.: frs. dbc. c. 22 [boca; pescoço]
bibl.: MAFFRE, 2001, p. 32, pr. 12, 7

925. Atenas, Ágora - P 20323

l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. II
dim.: fr. 16 [ombro]
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 38

926. Atenas, Ágora - P 25532

l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. II
dim.: fr. 10 [pé]
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 39

927. Delos - 6780

l.a.: Delos
cron.: séc. II
dim.: 2 frs. [bojo, fp.]
prova: hípica (não identificada)
bibl.: EDWARDS, 1957, p. 321

928. Delos - 6778

l.a.: Delos
cron.: séc. II
dim.: 1 fr. [pescoço]
bibl.: KONDOLEON, 1937, p. 578;
EDWARDS, 1957, p. 321

929. Delos - 6719

l.a.: Delos
cron.: séc. II
dim.: 1 fr. [pescoço, ombro]
dir. Atena: →
bibl.: KONDOLEON, 1937, p. 578;
EDWARDS, 1957, p. 321

930. Míconos - 8

l.a.: Renéia, Santuário de Heracles
cron.: séc. II

dim.: 1 fr. [bojo, fp.]
prova: hípica (não identificada)
bibl.: KONDOLEON, 1937, p. 577;
EDWARDS, 1957, p. 322

dim.: fr. 6 [pescoço]
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 25

931. Míconos - 9
l.a.: Renéia, Santuário de Heracles
cron.: séc. II
dim.: [tampa]
bibl.: KONDOLEON, 1937, p. 579;
EDWARDS, 1957, p. 322

932. Pérgamo - s. inv.
l.a.: Pérgamo
cron.: séc. II
dim.: 1 fr.
inscr.: fa.?]*then ath*]
bibl.: EDWARDS, 1957, p. 322

933. Míconos - 6
l.a.: Renéia, Santuário de Heracles
cron.: séc. II?
dim.: fr. 13[bojo, fp.]
prova: hípica (não identificada)
bibl.: KONDOLEON, 1937, p. 577;
EDWARDS, 1957, p. 322

934. Míconos - 7
l.a.: Renéia, Santuário de Heracles
cron.: séc. II?
dim.: fr. 12 [bojo, fp.]
prova: hípica (não identificada)
bibl.: KONDOLEON, 1937, p. 577;
EDWARDS, 1957, p. 322

935. Atenas, B.S.A. - s./inv.
l.a.: Melos
cron.: séc. II-I
inscr.:]*thetouto*]
bibl.: EDWARDS, 1957, p. 322; SMITH,
1896-7, pr. XVI b

936. São Petesburgo - s./inv. (Hermitage
amphora)
l.a.: Olbia
cron.: séc. II-I?
bibl.: EDWARDS, 1957, p. 321

937. Atenas, Cerâmico - PA 342
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 98/7
dir. Atena: →
inscr.: fa. *Agonothetountos Sararap*]
bibl.: FREL, 1973, p. 31, fig. 31

938. Atenas, Cerâmico - PA 36A
l.a.: Atenas, Cerâmico
cron.: 98/7
dim.: fr. 25 [pescoço, ombro]
dir. Atena: →
bibl.: FREL, 1973, p. 31, fig. 32

939. Atenas, Ágora - P 25535a,b,c
l.a.: Atenas, Ágora, Kolonos Ágoraios
cron.: período romano
dim.: frs. 8; 7; 19 [boca, pescoço]
bibl.: EDWARDS, 1957, nº 24

940. Atenas, Ágora - P 25541
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: período romano

Lista 1.1. *Corpus* mínimo de ânfora panatenaicas

1. Londres - B 130
2. Halle - 560
6. Nova Iorque, Metr. - 1978.11.13
7. Florença - 97779
11. Karlsruhe - 65/45
12. Munique - 1451.WAF (J498)
36. Nova Iorque, Metr. - 56.171.5
37. Vulci - 64220
38. Nauplia - 1
39. Copenhage, M. N. - Chr. VIII 797 (99)
40. Amsterdão - 1897
41. Boston - 99.520
42. Londres - B 134
43. Leida - PC 8
44. Munique - 1453.WAF, J 655
45. Munique - 1452.WAF, T657
46. Geri (desap.) - s./inv.
47. Nova Iorque, Metr. - 14.130.12
54. Bolonha-sobre-o-Mar - 441
55. São Petesburgo - 1510
56. Londres - B 136
57. Nova Iorque, Metr. - 56.171.4
59. Paris, Louvre - F 274
60. Varsóvia - 198605
65. Compiègne - 986
66. Havana - 226
67. Munique - 1454.WAF (J449)
68. Paris, Louvre - F 278
69. Roma, Vaticano - 17048 (374)
73. Tarento - 4595
74. Esparta - s./inv.
76. Nova Iorque, Metr. - 07.286.80
78. Nápoles - 112848
79. Genebra, M. A. H. - MF 151
87. Compiègne - 987
89. Erlangen - I 517 a
107. Basiléia, M. A. & C. L. - BS 494
108. Leida - PC 6
109. Los Angeles - s./inv.
110. Madri - 10900
111. Munique - 1456 WAF
112. New Haven, Yale Univ. - 1909.13
114. Nova Iorque, Metr. - 07.286.79
115. Nova Iorque, Metr. - 16.71
116. Nova Iorque, Z. - s./inv.
119. Paris, Louvre - F 279
121. Cambridge 103.15
122. Ístímia - IP 1172
124. Londres - B 131
125. Londres - B 132
126. Malibu - 79.AE.9
128. Toledo (Ohio) - 1961.24
129. Tolmeita/Ptolemais -
130. Tarento - 115474
131. Tarento - 115472
132. Tarento - 115473
136. Londres - B 133
137. Nova Iorque, Metr. - 56.171.3
138. Toronto - 919.5.148
143. Berlim - F 1833
144. Munique - 1455 WAF (J455)
145. Leida - PC 7
146. Paris, B. N. - 244
150. Berlim - F 1832
151. Ferrara - 9356
152. Varsóvia - 142346
153. Hanover, D. College - C.956.53
154. Karlsruhe - 69/65
156. Melbourne - s./inv.
157. Nova Iorque, C. - L 1982.102.3
158. Roma, Vaticano - 16959 (375)
162. Nápoles, Santangelo - 693
163. Nápoles - 81294
164. Nápoles - 81293
165. Wurtzburgo - V.III 301 (L171)
166. Frankfurt - ST V2
167. Londres - B 143
171. Bolonha - Pell. 12 (18040)
172. Bolonha - Pell. 11 (18039)
173. Moscou, M. N. - Uljap 82.4-19 ou 820.4-41(conforme Oakley 1997, nº 300)
174. Moscou, M. N. - Uljap 82.4-10 ou 820.4-10 (conforme Oakley 1997, nº 298)
175. Nápoles - 8633 (RC 184)
176. Cambridge, U. H. 1 - 60.309
181. Copenhagen, G. C. - 3606
183. Oxford - 1952.548
184. Cambridge, U. H. 1 - 1959.128
185. Oxford (Mississipi) -
186. Baltimore - 1960.55-3
188. São Petesburgo - 17794
193. Compiègne - 985
201. Berlim - 3979
205. Tarento - 4601
207. Atenas, M. N. - 451
208. Trieste - 1405
212. Marselha - s./inv.
238. Copenhagen, M. N. - 13812
239. Londres - 1903.2-17-1
240. Heracleion - 26556
248. Londres - B 606
249. Londres - B 605
254. Hildsheim - 1253
255. Hildsheim - 1254
256. Cirene/Shahat 317/31
258. Cirene/Shahat - s./inv.
260. Heracleion - 26.554
268. Heracleion - 26.555
386. Berlim - 3980
390. Detroit - 50.193
394. Oxford - 1911.257
397. Nova Iorque, Metr. - 56.171.6
398. Bruxelas - A 1703
399. Londres - B 604
400. Londres - B 603
401. Londres - B 612
402. Paris, Louvre - CA 7427
410. Malibu - 93.AE.55
411. Eretria - 14813
412. Atenas, M. N. - 20048
413. Atenas, M. N. - 20047
436. Atenas, M. N. - 20044
437. Atenas, M. N. - 20045
438. Atenas, M. N. - 20046
439. Atenas, M. N. - 20049
440. Eretria - 14814
441. Eretria - 14815
463. Paris, B. N. - 246
468. Paris, Louvre - MN 706
469. Malibu - 79.AE.147
470. Cambridge, U. H. 2 - 1925.30.124 A
475. Londres - B 607
476. Londres - B 608
477. Munique - 7767

- 484.** Londres - B 609
- 486.** Londres - B 610
- 487.** Sèvres – 7230
- 488.** Berlim - 3981
- 489.** Londres - B 611
- 491.** Paris, Louvre - MNB 3223
- 492.** Paris, B. N. - 248
- 494.** Paris, Louvre - MN 704
- 503.** Paris, Louvre - MN 705
- 504.** São Petesburgo - AK.B.45
- 519.** Malibu - 76.AE.5
- 862.** Celle, antes em Berlim - 4950

Lista 1.2.1. Museus e coleções (por inventário)

Aiani	511. P 2106	874. P 18008
81. 11123	523. P 19531	875. P 3871
84. 11124	524. P 14626	879. P 25485
Alexandria	535. P 19848	908. P 25533
395. 18.239	538. P 20380	909. P 6901; P 6901bis; P 6901ter
466. 18.238	547. P 488	915. P 25457
613. 9352	549. P 495	923. P 8865
Alexandria (desap.)	556. P 8735	925. P 20323
741. s. inv.	567. P 10766	926. P 25532
Amsterdão	568. P 25622	939. P 25535a,b,c
40. 1897	576. P 19672	940. P 25541
191. Scheuleer 546	577. P 22224	Atenas, B.S.A.
Anfípolis	578. P 24654	935. s. inv.
529. s. inv.	590. P 27079	Atenas, Cerâmico
712. s. inv.	597. P 22985	3. PA 443
841. s. inv.	600. P 20378	140. PA 192
Ansedônia	614. P 5224d	177. PA 168
852. s. inv.	615. P 27075	189. PA 735
Atenas (?)	616. P 27076	202. PA 700
453. s. inv.	617. P 27077	204. PA 685
Atenas, Ágora	633. P 31g	210. PA 675
4. PA 10204	644. P 271	214. PA 544A
20. P 10361	645. 273	217. PA 205
22. P 269	648. P 2045	222. PA 110
99. P 774	647. P 66	223. PA 163
101. P 19585	649. P 3120	224. PA 164
102. P 19999	650. P 3782	225. PA 664 B
179. P 47	651. P 9457	226. PA 200
182. P 10007	652. P 18635	235. PA 483
192. P 454	653. P 19465	244. PA 734+777
213. P 30139	654. P 22989	264. PA 448
219. P 19079	663. P 3557	269. PA 494/5
220. P 20111	664. P 5224b,c,e	270. PA 528
221. P 25601	672. P 272/274	277. PA 161
234. P 19215	673. P 21692	285. PA 52
245. P 492	677. P 3631	286. PA 162
246. P 19481	685. P 4930	287. PA 196
251. P 496	733. P 3798	288. PA 193A
281. P 2989	758. P 23-34	289. PA 536
282. P 5224a	761. P 5224f	290. PA 695
283. P 20112	762. P 27087	291. PA 738
301. P 20110	767. P 20324	304. PA 560
302. P 497	775. P 61	305. PA 445 K
309. P 27794	776. P 10432	306. PA 559
310. P 22926	777. P 27091	307. PA 576/577
311. P 27371	778. P 27092	313. PA 47
312. P 220379	803. P 19530	314. PA 67
315. PA 127	804. P 20381	316. PA 176
325. P 4304	813. P 27090	323. PA 172
327. P 18349	836. P 498	328. PA 491
384. s. inv.	847. P 109	329. PA 493
385. s. inv.	849. P 120	388. PA 692
389. s. inv.	850. P 339	393. PA 157
391. P 27556	851. P 19085	404. PA 527
396. P 113	853. P 6920	426. PA 122
407. P 270	854. P 3630	427. PA 133
443. P 31	855. P 6868	428. PA 136
444. P 27082	856. P 6988	429. PA 143
445. P 27083	859. P 25487	430. PA 145, 146, 149
481. P 22916	860. P 25553	431. PA 147
	861. P 372	432. PA 148
	864. P 22984	433. PA 608
	865. P 22910	451. PA 13
	866. P 1893	452. PA 258
	871. P 5911	
	872. P 25540	
	873. P 25539	

483. PA 716
 485. PA 690
 496. PA 54
 505. PA 190
 506. PA 255
 507. PA 256
 512. PA 10
 513. PA 29
 517. PA 589 D
 522. PA 661
 526. PA 648A+633
 528. PA 656+657K
 531. PA 657+636 A
 532. PA 660
 536. PA 605
 537. PA 55
 540. PA 180
 544. PA 53
 545. PA 573
 546. PA 800
 550. PA 213
 557. PA 65
 558. PA 82
 559. PA 272
 560. PA 281
 561. PA 706
 569. PA 48
 570. PA 279
 579. P 64
 580. PA 504
 581. PA 515
 582. PA 516
 583. PA 518
 584. PA 665
 591. PA 132
 592. PA 135
 593. PA 655
 596. PA 517
 598. PA 228
 599. PA 229
 601. PA 732
 602. PA 58
 608. PA 216
 609. PA 62
 610. PA 63
 611. PA 225
 612. PA 232
 618. PA 66
 619. PA 215
 620. PA 231
 621. PA 639
 622. PA 725
 623. PA 735?
 636. PA 249
 637. PA 224
 638. PA 222
 639. PA 220
 640. PA 88
 641. PA 221
 655. PA 69
 656. PA 179
 657. PA 664
 658. PA 720?
 665. PA 113
 666. PA 186
 674. PA 534
 675. PA 718
 676. PA 768
 678. PA 191
 679. PA 642
 680. PA 644

681. PA 647+637+645A+643
 686. PA 183
 687. PA 184
 688. PA 185
 689. PA 188
 690. PA 189
 691. PA 668
 692. PA 766
 709. PA 181
 710. PA 182
 723. PA 27
 724. PA 578
 725. PA 26
 728. PA 582
 730. PA 90
 731. PA 312
 732. PA 592
 738. PA 572
 739. PA 350 H
 740. PA 463
 742. PA 1
 743. PA 7
 744. PA 8
 745. PA 654
 746. PA 724
 755. PA 44
 756. PA 723
 763. PA 316
 764. PA 497
 765. PA 506
 766. PA 669
 768. PA 9 (antigo 87?)
 769. PA 667
 770. PA 719
 771. PA 624
 779. PA 109
 780. PA 116 C
 781. PA 119
 782. PA 126
 783. PA 285
 784. PA 294
 785. PA 295
 786. PA 301
 787. PA 313
 788. PA 525
 789. PA 693
 790. PA 696
 791. PA 721
 792. PA 728
 800. PA 46?
 801. PA 283
 802. PA 568
 805. PA 5
 806. PA 43
 807. PA 156
 808. PA 449
 809. PA 774
 814. PA 2
 815. PA 309
 816. PA 694
 817. PA 785
 848. PA 345
 881. PA 101
 917. KEP 515
 918. KEP 68
 919. KEP 435
 920. KEP 70-448
 921. KEP 33
 922. KEP 312
 937. PA 342
 938. PA 36A

Atenas, M. N.
 8. Akr. 921
 14. Akr. 914
 16. Akr. 1084
 17. Akr. 1985
 18. Akr. 1086
 19. Akr. 1087
 25. 1100
 26. 2468
 27. Akr. 1043
 28. Akr. 1044
 72. Akr. 927
 29.? 19312
 93. Akr. 1089
 94. Akr. 1090
 95. Akr. 1091
 96. Akr. 1093
 97. Akr. 1099
 98. Akr. 1101
 103. Akr. 1088
 161. Akr. 1023
 169. Akr. 988
 178. Akr. 1100
 180. Akr. 1118
 187. Akr. 1041
 194. Akr. 1124
 195. Akr. 991
 196. Akr. 1102
 197. Akr. 1104
 198. Akr. 1106
 199. Akr. 1103
 200. Akr. 982
 207. 451
 209. 452
 227. Akr. 1024
 228. Akr. 1107
 229. Akr. 1108
 236. Atenas, M. N. –
 242. Atenas, M. N. –
 243. s. inv.
 274. s. inv.
 292. s. inv.
 293. Akr. 1105
 308. Akr. 1123
 317. Akr. 1121
 318. Akr. 1122
 330. s. inv.
 331. Akr. 1092
 332. Akr. 1094
 333. Akr. 1095
 334. Akr. 1096
 335. Akr. 1097
 336. Akr. 1098
 337. Akr. 1127
 338. Akr. 1128
 412. 20048
 413. 20047
 436. 20044
 437. 20045
 438. 20046
 439. 20049
 497. Akr. 1112
 518. s. inv.
 521. s. inv.
 603. Akr. 1115
 604. Akr. 1114
 667. Akr. 1134
 624. Akr. 1116
 659. Akr. 1129
 660. Akr. 1130

682. Akr. 1136
694. 1101
693. s. inv.
695. 1102
696. Akr. 1132
697. Akr. 1133
698. Akr. 1135
711. Akr. 1131
721. s. inv.
726. s. inv.
727. s. inv.
737. s. inv.
747. Akr. 1120
772. Akr. 1125
810. Akr. 1126
818. s. inv.
819. Akr. 1119
835. s. inv.
845. Akr. 1113b
846. Akr. 1113a
857. Akr. 1137?
858. Akr. 1138
867. Benaki B, C, E e F
868. Benaki A
869. Benaki D
876. Akr. 1109
877. Akr. 1110
878. Akr. 1111
880. A 17934

Atenas, S. A.
284. s. inv.
455. s. inv.

Atenas, T. E.
456. 6368
461. 6374
462. 6367
499. 6365
500. 6373
501. 6369
502. s. inv.
516. s. inv.
542. 3882
870. A 1918
882. A 9659
883. A 9661 α
884. A 9661 β
885. A 9661 γ
886. A 9662 α
887. A 9662 β
888. A 9662 γ
889. A 9662 ϵ
890. A 9662 δ
891. A 9662 κ
892. A 9662 λ
893. A 9662 μ
894. A 9662 ν
895. A 9662 η
896. A 9662 $\omicron$
897. A 9662 $\sigma\tau$
898. A 9662 τ
899. A 9662 j
900. A 9662 π
901. A 9662 ρ
902. A 9662 σ
903. A 9662 θ
904. A 9662 ι
905. A 9662 ξ
906. A 10317

916. s. inv.

Balagrai
435. 2279

Baltimore
186. 1960.55-3

Basiléia (comércio de arte)
10.? s. inv.

Basiléia, H. A. C.
70. HC 878
480. HC 1444
625. HC 881

Basiléia, M. A. & C. L.
107. BS 494

Berlim
51.? F 1831
143. F 1833
150. F 1832
201. 3979
386. 3980
488. 3981
575. P 255

Berna
190. 23725

Bolonha
48. PU 198 A
171. Pell. 12 (18040)
172. Pell. 11 (18039)

Bonn
543. 61

Boston
30.? 01.8127
41. 99.520

Bolonha-sobre-o-Mar
54. 441

Brunsvique, B. College
159. 30.13.1-2

Brunsvique
339. 30.13.3

Bruxelas
52.? - A 13b
147.? R 229
398. A 1703

Bucareste
104. MIRS 16788b

Cambridge
121. 103.15

Cambridge, U. H. 1
176. 60.309
184. 1959.128

Cambridge, U. H. 2
470. 1925.30.124 A

Celle

863. s. inv.

Chicago
699. 1967.115.260

Cirene/Shahat
71. Sb 416.1a-b;81.1
155. s. inv.
256. 317/31
257. s. inv.
258. s. inv.
344. 78-505
345. 78-679
381. s. inv.
414. F 4544
449. 717
450. 2690
474. s. inv.
642. A 59 P2
707. s. inv.
708. s. inv.
843. s. inv.
924. 2667, 2693

Coleção Pourtalès
383. s. inv. (desap.)

Coleção Von Bissing
379. s. inv. (desap.)

Coleção Robinson
508. s. inv. (desap.)
555. s. inv. (desap.)
753. s. inv. (desap.)

Compiègne
65. 986
87. 987
193. 985

Copenhage, M. N.
39. Chr. VIII 797 (99)
238. 13812

Copenhage, G. C.
181. 3606

Corinto
15. - C-30-85
296. C-1985-97
554. C-61-397
587. C-32-44ab
630. C-37-2946
750. C-37-2942
751. C-38-282
773. C-68-306
823. C-1987-49
824. C-37-2301
832. C-64-442
833. C-63-700
863. C-46-51

Delfos
700. s. inv.

Delos
643. 88.211.7
927. 6780
928. 6778
929. 6719

Detroit
390. 50.193

Díon
840. s. inv.

Egina
211. 332

Eleusis
168. s. inv.
405. 2661
406. s. inv.
408. 2662
409. 2671
420. 2696(+2657/8)
421. s. inv.
422. s. inv.
423. s. inv.
424. 2656, 2660
425. 2703
446. 2670
454. 2665
457. 2664
458. 2666
459. 2672
460. s. inv.
471. 2663
472. 2668
473. 2649, 2653, 2667, 2697
533. s. inv.
534. 2669
551. s. inv.
552. s. inv.
553. s. inv.
585. s. inv.
595. s. inv.
635. s. inv.
668. s. inv.
669. s. inv.
670. s. inv.
671. s. inv.
702. s. inv.
703. s. inv.
713. s. inv.
714. s. inv.
715. s. inv.
716. s. inv.
717. s. inv.
718. s. inv.
719. s. inv.
720. s. inv.
793. s. inv.
794. s. inv.
820. s. inv.

Erlangen
89. I 517 a
105. s. inv.

Eretria
411. 14813
415. E/5-V 312
416. E/5-V 313
417. E/5-V 314
418. s. inv.
440. 14814
441. 14815
447. s. inv.

Esparta

74. s. inv.
75. s. inv.

Ferrara
151. 9356

Esmirna
629. 49-134/184/31
748. 1949
749. 48-188.1948

Estrime
160. s. inv.

Florença
7. 97779
135. 94779, 94840, 94768 C,
94884, 94768 E, 94820,
94843, 94881
340. 94770 A-D, 94829,
94833, 94831, 949895,
94908, 94842
341. 94844
342. 94768 A-D, 94823,
94845, 94847, 94856,
94859 A-B, 94847, 94849,
94897

Frankfurt
166. ST V2

Gela
53. Sop BL 181
142. Sop BL 183

Genebra, J. Ch.
5. s. inv.

Genebra, M. A. H
79. MF 151
88. MF 150

Geri
46. s. inv. (desap.)

Giessen
241. S 131

Goritsa
834. IV C 1

Havana
66. 226

Halle
2. 560

Hanover, D. College
153. C.956.53

Heidelberg
32.? 73.3
134. 241
237. S 97
294. 244
319. 243
434. 246
498. S 96
541. 245
562. 249
571. S 92

586. 251
594. 250
626. 248
627. S 90
628. S 95
683. S 89
729. 242
821. S 91

Heracleion
206. 2074
240. 26556
260. 26.554
268. 26.555
795. s. inv.

Hildsheim
254. 1253
255. 1254

Iasos
403. s. inv.

Insbruque
563. II 25.3

Istambul
392. L. 3149
797. L 3147

Ístimia
122. IP 1172
380. IP 1173

Karlsruhe
11. 65/45
154. 69/65

Kenchereai
822. KE 1300, P 362

Kiel
811. B 455

Lanarca
295. 4940
343. 3988

Leida
43. PC 8
108. PC 6
145. PC 7
465. RO II 149
752. RO II 48

Lípsia
572. T 1879

Liverpool
33.? 56.19.23
83.? 56.19.29

Londres
1. B 130
34.? B 144
42. B 134
56. B 136
82.? B 135
124. B 131
125. B 132
136. B 133

167. B 143
239. 1903.2-17-1
248. B 606
249. B 605
346. B 144,1
399. B 604
400. B 603
401. B 612
475. B 607
476. B 608
484. B 609
486. B 610
489. B 611
634. B 607,1
867. GR 2002.4-20.1

Los Angeles

109. s. inv.

Madri

110. 10900

Malibu

9. 81.AE.203.E
49. 81.AE.203.F
126. 79.AE.9
218. 83.AE.998.1-14
410. 93.AE.55
469. 79.AE.147
519. 76.AE.5

Marselha

212. s. inv.

Melbourne

156. s. inv.

Míconos

170. 303164
495. s. inv.
910. 1
911. 2
912. 3
913. 4
914. 5
930. 8
931. 9
933. 6
934. 7

Mogúncia

148.? 74

Moscou, P.

106. M.85c84n.50
510. s. inv.
520. s. inv.

Moscou, M. N.

173. Uljap 82.4-19 ou 820.4-41 (conforme Oakley 1997, cat. 300)
174. Uljap 82.4-10 ou 820.4-10 (conforme Oakley 1997, cat. 298)

Munique

12. 1451.WAF (J498)
13. 9399
44. 1453.WAF, J 655
45. 1452.WAF, T657

67. 1454.WAF (J449)
111. 1456 WAF
139. 8746
144. 1455 WAF (J455)
382. s. inv.
477. 7767

Münster

661. 859

Nápoles

63.? 112852
78. 112848
163. 81294
164. 81293
175. 8633 (RC 184)

Nápoles, Santangelo

162. 693

Nauplia

38. 1

New Haven, Yale Univ.

112. 1909.13
113. 1909.12

Norwich

117. 26.49

Nova Iorque, C.

157. L 1982.102.3

Nova Iorque, Metr.

6. 1978.11.13
36. 56.171.5
47. 14.130.12
57. 56.171.4
76. 07.286.80
114. 07.286.79
115. 16.71
137. 56.171.3
347. 07.286.62
397. 56.171.6
759. 60.92.5

Nova Iorque, Z.

116. s. inv.

Olímpia

297. s. inv.
831. s. inv.

Oropos, Amphiarion

564. s. inv.
573. s. inv.

Oxford

21. G 141.45
35.? 1965117
183. 1952.548
230. G 137.7
252. 1966.935
298. 1960.936
348. 1956.262
394. 1911.257
442. 1927.4475
684. G 141.59
704. 1962.427
705. 1962.428

Oxford (Mississippi)

185. s. inv.

Panticapéia

100. s. inv.
349. s. inv.

Paris, B. N.

85. Froehner 1595
86. Froehner 1596
146. 244
463. 246
478. 247
492. 248
548. Froehner 1604

Paris, Lemaire

493. s. inv. (desap.)

Paris, Louvre

58. F 273
59. F 274
68. F 278
118. F 277
119. F 279
120. F 276
127. F 280
149.? Eleonte 84
402. CA 7427
468. MN 706
491. MNB 3223
494. MN 704
503. MN 705

Pela

482. 833853
490. 87.847
530. 83.3854
574. 86.56
588. 88.976
796. 83.5485
799. 83.2518
827. 83.2519
828. 90.1
837. 83.3855
838. 83.2520, 83.3854
842. Pela 95/19-22

Pérgamo

932. s. inv.

Poligiros

267. 8.29

Praga, M. N.

539. 2004

Princeton

80.? 1950.10

Quioto?

123. s. inv.

Reggio di Calabria

203. s. inv.

Rodes

514. s. inv.
706. 3148

Roma

92. s. inv. (desap.)

Roma, Vaticano

64.? 16929 (377)

69. 17048 (374)

158. 16959 (375)

Roma, Vila Giulia

31.? 74957

50. 79524

Salamina

527. Sal. 1235 α , β

Samos

350. K 7326

351. K 7327

352. K 7328

353. K 7329

354. K 7330

355. K 7331

356. K 7332

357. K 7333

358. K 7334, 7368, 7370-73, 7375

359. K 7335

360. K 7336

361. K 7337

362. K 7338

363. K 7339

364. K 7340

365. K 7341

366. K 7342

367. K 7343

368. K 7344

369. K 7345

370. K 7346

371. K 7347

372. K 7348

373. K 7349

374. K 7350

375. s. inv.

376. s. inv.

467. K 7505-12+3605, 3637, 4171?

812. s. inv.

São Petesburgo

55. 1510

188. 17794

247. Ku.1913.4/389 (17553)

504. AK.B.45

509. 17.685, 17.686

937. s. inv. (Hermitage amphora)

Sèvres

487. 7230

Sídon

605. s. inv.

606. s. inv.

607. s. inv.

754. s. inv.

757. s. inv.

Siracusa

90. s. inv.

141. s. inv.

216. s. inv.

Tarento

23. s. inv.

61. 12220/12217

73. 4595

77. 12218

91. s. inv.

130. 115474

131. 115472

132. 115473

133. 115475

205. 4601

261. 112351

377. 12219

722. s. inv.

Tebas

231. A 397

232. K 511

262. K 3-5

273. K 1509+483

300. K -

322. A 387

387. A 377

419. K1723, K2305b

515. K 127, K 174

565. A 201

631. K 59, K141

632. K 1555

662. K -

734. K 302

735. A 357

736. A 352

798. K 2174

825. K 1167

826. K 1371

829. K 823, K 2100

830. K -

Tessalônica

233. 34.357 H

250. 34.352

253. 34.357

259. 34.267

265. 34.357 c

266. 34.357 d

271. 34.357 B,B'

272. 34.357 K

275. 34.357 F,F'

276. 34.358

278. 34.357 J

279. 34.357 E

280. 34.357 G,G'

299. 34.357 (L)

303. 34.357

320. 8.31

321. 8.30

324. 113

326. 34.357 M-N

525. 18151

701. 181.51

839. I 117.296b (1323)

Tocra

24. 2127/2128

Toledo (Ohio)

128. 61.24

Tolmeita/Ptolemais

129. s. inv.

Toronto

62.? 915.24

138. 919.5.148

Trieste

208. 1405

Tróia

589. VIII 250 (z08.0071:2)

844. z08.0422:2+z08.0461:3

Tubinga

263. S/101648a

378. S./101648c

566. 5510

760. S/101.647a,b

774. 6249

Varsóvia

60. 198605

152. 142346

Varvakeion

646. s. inv. (desap.)

Vergina

215. s. inv.

464. s. inv.

Volos

479. Ka 4266/91

Vulci

37. 64220

Wurtzburgo

165. V.III 301 (L171)

907. 4077

Lista 1.2.2. Museus e coleções (por quantidade)

Atenas, Cerâmico	192	20,4 %	Ansedônia	1	0,1 %
Atenas, Ágora	117	12,4 %	Atenas (?)	1	0,1 %
Atenas, M. N.	98	10,4 %	Atenas, B.S.A.	1	0,1 %
Eleusis	45	4,8 %	Balagrai	1	0,1 %
Atenas, T. E.	36	3,8 %	Baltimore	1	0,1 %
Samos	29	3,1 %	Basiléia (CA)	1	0,1 %
Londres	23	2,4 %	Basiléia, M. A. & C. L.	1	0,1 %
Tessalônica	22	2,3 %	Berna	1	0,1 %
Tebas	21	2,2 %	Bonn	1	0,1 %
Heidelberg	18	1,9 %	Bolonha-sobre-o-Mar	1	0,1 %
Cirene/Shahat	17	1,8 %	Brunsvique, B. College	1	0,1 %
Corinto	13	1,4 %	Brunsvique	1	0,1 %
Paris, Louvre	13	1,4 %	Bucareste	1	0,1 %
Tarento	13	1,4 %	Cambridge	1	0,1 %
Oxford	12	1,3 %	Cambridge, U. H. 2	1	0,1 %
Pela	12	1,3 %	Celle	1	0,1 %
Miconos	11	1,2 %	Chicago	1	0,1 %
Nova Iorque, Metr.	11	1,2 %	Coleção Pourtalès	1	0,1 %
Munique	10	1,1 %	Coleção Von Bissing	1	0,1 %
Eretria	8	0,9 %	Copenhague, G. C.	1	0,1 %
Berlim	7	0,7 %	Delfos	1	0,1 %
Malibu	7	0,7 %	Detroit	1	0,1 %
Paris, B. N.	7	0,7 %	Díon	1	0,1 %
São Petesburgo	6	0,6 %	Egina	1	0,1 %
Florença	5	0,5 %	Ferrara	1	0,1 %
Heracleion	5	0,5 %	Estrime	1	0,1 %
Nápoles	5	0,5 %	Frankfurt	1	0,1 %
Sidon	5	0,5 %	Genebra, J. Ch.	1	0,1 %
Tubinga	5	0,5 %	Geri	1	0,1 %
Delos	4	0,4 %	Giessen	1	0,1 %
Alexandria	3	0,3 %	Goritsa	1	0,1 %
Anfípolis (LA)	3	0,3 %	Havana	1	0,1 %
Basiléia, H. A. C.	3	0,3 %	Halle	1	0,1 %
Bolonha	3	0,3 %	Hanover, D. College	1	0,1 %
Bruxelas	3	0,3 %	Iasos	1	0,1 %
Coleção Robinson	3	0,3 %	Insbruque	1	0,1 %
Compiègne	3	0,3 %	Kenchereai	1	0,1 %
Esmirna	3	0,3 %	Kiel	1	0,1 %
Moscou, P.	3	0,3 %	Quioto?	1	0,1 %
Roma, Vaticano	3	0,3 %	Leida	1	0,1 %
Siracusa	3	0,3 %	Lípsia	1	0,1 %
Aiani	2	0,2 %	Los Angeles	1	0,1 %
Amsterdão	2	0,2 %	Madri	1	0,1 %
Atenas, S. A.	2	0,2 %	Mogúncia	1	0,1 %
Boston	2	0,2 %	Marselha	1	0,1 %
Cambridge, U. H. 1	2	0,2 %	Melbourne	1	0,1 %
Copenhague, M. N.	2	0,2 %	Münster	1	0,1 %
Erlangen	2	0,2 %	Nápoles, Santangelo	1	0,1 %
Esparta	2	0,2 %	Nauplia	1	0,1 %
Gela	2	0,2 %	Norwich	1	0,1 %
Genebra, M. A. H	2	0,2 %	Nova Iorque, C.	1	0,1 %
Hildsheim	2	0,2 %	Nova Iorque, Z.	1	0,1 %
Istambul	2	0,2 %	Oxford (Mississipi)	1	0,1 %
Istímia	2	0,2 %	Paris, Lemaire	1	0,1 %
Karlsruhe	2	0,2 %	Pérgamo	1	0,1 %
Lanarca	2	0,2 %	Polígiros	1	0,1 %
Liverpool	2	0,2 %	Praga, M. N.	1	0,1 %
Moscou, M. N.	2	0,2 %	Princeton	1	0,1 %
New Haven, Yale Univ.	2	0,2 %	Reggio di Calábria	1	0,1 %
Olímpia	2	0,2 %	Roma	1	0,1 %
Oropos, Amphiaraiion	2	0,2 %	Salamina	1	0,1 %
Panticapéia	2	0,2 %	Sèvres	1	0,1 %
Rodes	2	0,2 %	Tocra	1	0,1 %
Roma, Vila Giulia	2	0,2 %	Toledo (Ohio)	1	0,1 %
Toronto	2	0,2 %	Tolmeita/Ptolemais	1	0,1 %
Tróia	2	0,2 %	Trieste	1	0,1 %
Varsóvia	2	0,2 %	Varvakeion	1	0,1 %
Vergina	2	0,2 %	Volos	1	0,1 %
Wurtzburgo	2	0,2 %	Vulci	1	0,1 %
Alexandria (desap.)	1	0,1 %			

Lista 1.3.1. Locais de achado (por número de catálogo)

Não identificado	402	19
	410	20
9	434	22
10	448	27
21	463	28
30	469	72
32	478	85
33	480	86
35	492	93
36	519	94
38	520	95
46	548	96
50	563	97
52	626	98
56	646	99
57	661	101
60	684	102
62	694	103
66	704	140
67	705	161
70	729	169
79	760	177
80	774	178
83	811	179
89	907	180
92		182
105		187
107	Acanto	189
109	839	192
110		193
112	Al Mina	194
113	183	195
116		196
117	Alexandria	197
119	741	198
121	867	199
128	868	200
134	869	202
137		204
138	Anfípolis	207
139	529	209
153	712	210
154	841	213
156		214
159	Aslaia	217
163	129	219
181		220
191	Atenas	221
208	1	222
218	2	223
238	3	224
241	4	225
252	8	226
339	14	227
346	16	228
348	17	229
378	18	234
382		

235	394	545
237	396	546
244	404	547
245	407	549
246	426	550
251	427	555
263	428	556
264	429	557
269	430	558
270	431	559
277	432	560
281	433	561
282	442	562
283	443	566
284	444	567
285	445	568
286	451	569
287	452	570
288	453	571
289	455	572
290	456	576
291	461	577
293	462	578
301	466	579
302	477	580
304	481	581
305	483	582
306	485	583
307	496	584
308	497	586
309	498	590
310	499	591
311	500	592
312	501	593
313	502	594
314	505	596
315	506	597
316	507	598
317	508	599
318	511	600
319	512	601
323	513	602
325	516	603
327	517	604
328	522	608
329	523	609
331	524	610
332	526	611
333	528	612
334	531	614
335	532	615
336	535	616
337	536	617
338	537	618
384	538	619
385	540	620
388	541	621
389	542	622
391	543	623
393	544	624

627	725	813
628	728	814
633	730	815
636	731	816
637	732	817
638	733	819
639	738	821
640	739	836
641	740	845
644	742	846
645	743	847
647	744	848
648	745	849
649	746	850
650	747	851
651	753	853
652	755	854
653	756	855
654	758	856
655	761	857
656	762	858
657	763	859
658	764	860
659	765	861
660	766	864
663	767	865
664	768	866
665	769	870
666	770	871
667	771	872
672	772	873
673	775	874
674	776	875
675	777	876
676	778	877
677	779	878
678	780	879
679	781	880
680	782	881
681	783	882
682	784	883
683	785	884
685	786	885
686	787	886
687	788	887
688	789	888
689	790	889
690	791	890
691	792	891
692	800	892
695	801	893
696	802	894
697	803	895
698	804	896
699	805	897
709	806	898
710	807	899
711	808	900
723	809	901
724	810	902

903	476	852
904		
905	Cápua	Cuban
906	470	247
908	486	
909		Cuma
915	Cassandréia	76
916	701	114
917		175
918	Cavalupo	
919	148	Delfos
920		700
921	Cencrea	
922	822	Delos
923		643
925	Cirenaica	927
926	256	928
937	381	929
938	386	
939	435	Demetrias
940	449	479
	450	
Ática	487	Dion
26	488	840
176	707	
184	708	Egina
185	843	211
186	924	
		Elaeus
Barke	Cirene	149
155	71	
258	257	Eleusis
	344	168
Beda	345	405
414	474	406
	642	408
Bengasi		409
201	Cítio	420
239	295	421
390	343	422
395		423
397 (ou Ptolemais)	Cnidos	424
398	212	425
466		446
468	Corinto	454
484	15	457
491	296	458
493	554	459
494	587	460
503	630	471
	750	472
Bodrum	751	473
625	773	533
	823	534
Bolonha	824	551
171	832	552
172	833	553
	863	585
Caere		595
475	Cosa	635

668	341	379
669	342	613
670		
671	Gela	Nola
702	53	51
703	142	150
713	167	164 (ou Ruvo)
714		193
715	Goritsa	
716	834	Olbia
717		863
718	Grécia	937
719	29	
720	82	Olímpia
793		297
794	Grécia continental	831
820	25	
	294	Olinto
Erétria	347	233
411	465	250
412	539	253
413	752	259
415	759	265
416		266
417	Histria	267
418	104	271
436		272
437	Iasos	275
438	403	276
439		278
440	Istimia	279
441	122	280
447	123	299
518	380	303
		320
Esparta	Itália	321
74	6	324
75		326
	Labranda	394
Espina	629	916
151	748	917
	749	918
Estrime	768	919
160		920
	Locri	921
Etrúria	203	922
5		923
12	Macedônia	
31	81	Oropos
48	84	564
49	525 (Potidaia)	573
55		
58	Maratona	Orvieto
59	190	7
68		
118	Melos	Pantikapaion
120	935	100
127		106
135	Naucratis	349
340	230	504

510		73
Pafos	Salamina	77
634	527	78
		130
Pela	Samos	131
482	350	132
490	351	133
530	352	205
574	353	261
588	354	377
796	355	722
799	356	
827	357	Tebas (Cabirion)
828	358	231
837	359	232
838	360	236
842	361	242
	362	243
	363	262
Pergamo	364	273
575	365	274
932	366	292
	367	300
Praisos	368	322
206	369	330
240	370	387
260	371	419
268	372	515
795	373	521
	374	565
Ptolemais/Tolmeita	375	631
254	376	632
255	467	662
397 (ou Bengasi)	812	693
		721
Renéia	Saturo	726
170	23	727
495	91	734
910		735
911	Sídon	736
912	605	737
913	606	798
914	607	818
930	754	825
931	757	826
933		829
934	Siracusa	830
	90	835
Rodes	141	
392	216	Tocra
514		24
706	Taman-Halbiensel	248
797	509	249
		399
Rússia (sul)	Tanais	400
298	188	401
		489
Ruvo	Tarento	
162	61	Tróia
164 (ou Nola)	63	589

844	40	124
	41	125
Ulja	42	126
173	43	136
174	44	143
	45	144
Vergina	47	145
215	54	146
464	64	147
	65	152
Vulci	69	157
11	87	158
13	88	165
34	108	166
37	111	383
39	115	

Lista 1.3.2. Locais de achado (por quantidade)

Não ident.	81	8,6 %	Cápua	2	0,2 %
.....	...		Cosa	1	0,1 %
<i>Total</i>	<i>81</i>	<i>8,6 %</i>	Espina	1	0,1 %
			Etrúria	16	1,7 %
			Gela	3	0,3 %
			Locri	1	0,1 %
EGITO			Nola	4	0,4 %
Alexandria	4	0,4 %	Orvieto	1	0,1 %
Náucratis	3	0,3 %	Olbia	2	0,2 %
.....	...		Ruvo	2	0,2 %
<i>Total</i>	<i>7</i>	<i>0,7 %</i>	Saturo	2	0,2 %
			Siracusa	3	0,3 %
			Tarento	13	1,4 %
			Vulci	36	3,8 %
				...	
GRÉCIA			<i>Total</i>	<i>92</i>	<i>9,8 %</i>
Grécia	2	0,2 %			
Grécia cont.	7	0,7 %			
.....	...				
Acanto	1	0,1 %	LÍBANO		
Anfípolis	3	0,3 %	Sídon	5	0,5 %
Atenas	447	47,5 %		...	
Ática	5	0,5 %	<i>Total</i>	<i>5</i>	<i>0,5 %</i>
Cencrea	1	0,1 %			
Corinto	13	1,4 %			
Delfos	1	0,1 %	LÍBIA		
Delos	4	0,4 %	Barke	1	0,1 %
Demetrias	1	0,1 %	Barke (Aslaia)	1	0,1 %
Dion	1	0,1 %	Barke (Merg)	1	0,1 %
Egina	1	0,1 %	Beda	1	0,1 %
Elaeus	1	0,1 %	Bengasi	13	1,4 %
Eleusis	45	4,8 %	Cirenaica	12	1,3 %
Eretria	15	1,6 %	Cirene	6	0,6 %
Esparta	2	0,2 %	Tolmeita/Ptolemais	3	0,2 %
Estrime	1	0,1 %	Teucheira/Tocra	7	0,7 %
Goritsa	1	0,1 %		...	
Ístmia	3	0,3 %	<i>Total</i>	<i>45</i>	<i>4,8 %</i>
Macedônia	3	0,3 %			
Maratona	1	0,1 %			
Melos	1	0,1 %	ROMÊNIA		
Olinto	29	3,1 %	Hístria	1	0,1 %
Oropos	2	0,2 %		...	
Pela	12	1,3 %	<i>Total</i>	<i>1</i>	<i>0,1 %</i>
Praisos	5	0,5 %			
Renéia	11	1,2 %			
Rodes	4	0,4 %	RÚSSIA		
Samos	29	3,1 %	Rússia (sul)	1	0,1 %
Tebas (Kabirion)	35	3,7 %	Kuban	1	0,1 %
Vergina	2	0,2 %	Taman-Halbinsel	1	0,1 %
.....	...		Tanais	1	0,1 %
<i>Total</i>	<i>690</i>	<i>73,3 %</i>	Ul'jap	2	0,2 %
				...	
ITÁLIA			<i>Total</i>	<i>6</i>	<i>0,6 %</i>
Itália	1	0,1 %			
.....	...				
Bolonha	2	0,2 %	SÍRIA		
Caere	2	0,2 %	Al Mina	1	0,1 %
				...	

<i>Total</i>	1	0,1 %
--------------	---	-------

TURQUIA

Bodrum	1	0,1 %
Iasos	1	0,1 %
Cnidos	1	0,1 %
Labranda	4	0,4 %
Pérgamo	2	0,2 %
Tróia	2	0,2 %
.....	...	
<i>Total</i>	11	1,2 %

CHIPRE

Cítio	2	0,2 %
Pafos	1	0,1 %
Salamina	1	0,1 %
.....	...	
<i>Total</i>	4	0,4 %

.....

Atenas	447	47,5 %
Eleusis	45	4,8 %
Vulci	36	3,8 %
Tebas (Kabirion)	35	3,7 %
Olinto	29	3,1 %
Samos	29	3,1 %
Etrúria	16	1,7 %
Eretria	15	1,6 %
Bengasi	13	1,4 %
Corinto	13	1,4 %
Tarento	13	1,4 %
Cirenaica	12	1,3 %
Pela	12	1,3 %
Renéia	11	1,2 %
Grécia cont.	7	0,7 %
Teucheira/Tocra	7	0,7 %
Cirene	6	0,6 %
Ática	5	0,5 %
Praisos	5	0,5 %
Sídon	5	0,5 %
Delos	4	0,4 %
Labranda	4	0,4 %
Nola	4	0,4 %
Rodes	4	0,4 %
Anfípolis	3	0,3 %
Gela	3	0,3 %
Ístmia	3	0,3 %

Macedônia	3	0,3 %
Siracusa	3	0,3 %
Tolmeita/Ptolemais	3	0,2 %
Bolonha	2	0,2 %
Caere	2	0,2 %
Cápua	2	0,2 %
Cítio	2	0,2 %
Esparta	2	0,2 %
Grécia	2	0,2 %
Olbia	2	0,2 %
Oropos	2	0,2 %
Pérgamo	2	0,2 %
Ruvo	2	0,2 %
Saturo	2	0,2 %
Tróia	2	0,2 %
Uljam	2	0,2 %
Vergina	2	0,2 %
Acanto	1	0,1 %
Al Mina	1	0,1 %
Barke	1	0,1 %
Barke (Aslaia)	1	0,1 %
Barke (Merg)	1	0,1 %
Beda	1	0,1 %
Bodrum	1	0,1 %
Cencrea	1	0,1 %
Cnidos	1	0,1 %
Cosa	1	0,1 %
Cuban	1	0,1 %
Delfos	1	0,1 %
Demetrias	1	0,1 %
Dion	1	0,1 %
Egina	1	0,1 %
Elaeus	1	0,1 %
Espina	1	0,1 %
Estrime	1	0,1 %
Goritsa	1	0,1 %
Hístria	1	0,1 %
Iasos	1	0,1 %
Itália	1	0,1 %
Locri	1	0,1 %
Maratona	1	0,1 %
Melos	1	0,1 %
Orvieto	1	0,1 %
Pafos	1	0,1 %
Potidéia	1	0,1 %
Rússia (sul)	1	0,1 %
Salamina	1	0,1 %
Taman-Halbinsel	1	0,1 %
Tanais	1	0,1 %

Lista 1.4. Distribuição por cronologia (em quarto de século) – por número de catálogo

SÉCULO VI	91	80
	92	81
Segundo quartel	93	82
01	94	83
02	95	84
03	96	85
04	97	86
05	98	87
06	99	88
	100	89
Terceiro quartel	101	90
07	102	91
08	103	92
09	104	93
10	105	94
11	106	95
12		96
13	Último quartel	97
14	36	98
15	37	99
16	38	100
17	39	101
18	40	102
19	41	103
20	42	104
21	43	105
22	44	106
23	45	
24	46	SÉCULO V
25	47	
26	48	Primeiro quartel
27	49	107
28	50	108
29	51	109
30	52	110
31	53	111
32	54	112
33	55	113
34	56	114
35	57	115
36	58	116
37	59	117
38	60	118
39	61	119
40	62	120
41	63	121
42	64	122
43	65	123
44	66	124
45	67	125
46	68	126
47	69	127
48	70	128
49	71	129
50	72	130
84	73	131
85	74	132
86	75	133
87	76	134
88	77	135
89	78	136
90	79	137

138	362	337
139	363	338
140	364	339
141	365	340
142	366	341
143	367	343
144	368	344
145	369	345
146	370	346
147	371	347
148	372	348
149	373	349
150	374	350
151	375	351
152	376	352
153	377	353
154	378	354
155	379	355
156	380	356
157	381	357
158	382	358
159	383	359
160	384	360
161	385	361
162		362
163	Segundo quartel	363
164	150	364
165	151	365
166	152	366
167	153	367
168	154	368
169	155	369
170	156	370
327	157	371
328	158	372
329	159	373
330	160	374
331	161	375
332	162	376
333	163	377
334	164	378
335	165	379
336	166	380
337	167	381
338	168	382
339	169	383
340	170	384
341	171	385
343	172	
344	173	Meados
345	174	201
346	175	202
347	176	
348	177	Terceiro quartel
349	178	171
350	179	172
351	180	173
352	327	174
353	328	175
354	329	176
355	330	177
356	331	178
357	332	179
358	333	180
359	334	181
360	335	182
361	336	183

184	343	209
185	344	210
186	345	211
187	346	212
188	347	213
189	348	214
190	349	215
191	350	216
192	351	217
193	352	218
194	353	219
195	354	220
196	355	221
197	356	222
198	357	223
199	358	224
200	359	225
203	360	226
204	361	227
205	362	228
206	363	229
207	364	230
208	365	231
209	366	232
210	367	233
211	368	234
212	369	235
213	370	236
214	371	237
215	372	256
216	373	257
217	374	258
218	375	259
219	376	260
220	377	261
221	378	262
222	379	263
223	380	264
224	381	265
225	382	266
226	383	267
227	384	268
228	385	269
229		270
230	Último quartel	271
231	181	272
232	182	273
233	183	274
234	184	275
235	185	276
236	186	277
237	187	278
327	188	279
328	189	280
329	190	281
330	191	282
331	192	283
332	193	284
333	194	285
334	195	286
335	196	287
336	197	288
337	198	289
338	199	290
339	200	291
340	207	292
341	208	293

294	362	278
295	363	279
296	364	280
297	365	281
298	366	282
299	367	283
300	368	284
301	369	285
302	370	286
303	371	287
304	372	288
305	373	289
306	374	290
307	375	291
308	376	292
309	377	293
310	378	294
311	379	295
312	380	296
313	381	297
314	382	298
315	383	299
316	384	300
317	385	301
318		302
319	SÉCULO IV	303
320		304
321	Primeiro quartel	305
322	238	306
323	239	307
324	240	308
325	241	309
326	242	310
327	243	311
328	244	312
329	245	313
330	246	314
331	247	315
332	248	316
333	249	317
334	250	318
335	251	319
336	252	320
337	253	321
338	254	322
339	255	323
340	257	324
341	258	325
343	259	326
344	260	384
345	261	385
346	262	386
347	263	387
348	264	388
349	265	389
350	266	390
351	267	391
352	268	392
353	269	393
354	270	450
355	271	519
356	272	520
357	273	521
358	274	522
359	275	523
360	276	524
361	277	525

527	775	842
529	776	844
530	777	
533	778	Segundo quartel
535	779	384
536	780	385
537	781	394
538	782	395
539	783	396
540	784	397
541	785	398
542	786	399
543	787	400
544	788	401
545	789	402
546	790	403
547	791	404
548	792	405
632	793	406
633	794	407
643	795	408
709	796	409
710	797	410
711	798	411
712	799	412
713	800	413
714	801	414
715	802	415
716	803	416
717	804	417
718	805	418
719	806	419
720	807	420
741	808	421
742	809	422
743	810	423
744	811	424
745	812	425
46	813	426
747	814	427
748	815	428
749	816	429
750	817	430
751	818	431
752	819	432
753	820	433
754	821	434
755	822	435
756	823	436
757	824	437
758	825	438
759	826	439
760	827	440
761	828	441
762	829	442
763	830	443
764	831	444
765	832	445
766	833	446
767	834	447
768	835	448
769	836	449
770	837	450
771	838	519
772	839	520
773	840	521
774	841	522

523	631	763
524	632	764
525	633	765
527	634	766
529	635	767
530	636	768
533	637	769
534	638	770
535	639	771
536	640	772
537	641	773
538	642	774
539	643	775
540	709	776
541	710	777
542	711	778
543	712	779
544	713	780
545	714	781
546	715	782
547	716	783
548	717	784
549	718	785
550	719	786
551	720	787
552	721	788
553	722	789
554	723	790
555	724	791
576	725	792
577	726	793
578	727	794
579	728	795
580	729	796
581	730	797
582	731	798
583	732	799
584	733	800
585	734	801
586	735	802
587	736	803
588	737	804
589	738	805
590	739	806
591	740	807
592	741	808
593	742	809
594	743	810
595	744	811
613	745	812
614	46	813
615	747	814
616	748	815
617	749	816
618	750	817
619	751	818
620	752	819
621	753	820
622	754	821
623	755	822
624	756	823
625	757	824
626	758	825
627	759	826
628	760	827
629	761	828
630	762	829

830	528	652
831	529	653
832	530	654
833	531	655
834	532	656
835	533	657
836	535	658
837	536	659
838	537	660
839	538	661
840	539	662
841	540	663
842	541	664
844	542	665
	543	666
Terceiro quartel	544	667
384	545	668
385	546	669
451	547	670
452	548	671
453	556	672
454	557	673
455	558	674
456	559	675
457	560	676
458	561	677
459	562	678
460	563	679
461	564	680
462	565	682
463	566	683
464	567	684
465	568	685
466	569	686
467	570	687
468	571	688
469	572	689
470	573	690
471	574	691
472	575	692
473	596	693
474	597	694
475	598	695
476	599	696
477	600	697
478	601	698
479	602	699
480	603	700
481	604	702
482	605	703
483	606	704
484	607	705
485	608	706
486	609	707
487	610	708
488	611	709
489	612	710
490	632	711
519	633	712
520	644	713
521	645	714
522	646	715
523	647	716
524	648	717
525	649	718
526	650	719
527	651	720

741	808	517
742	809	518
743	810	519
744	811	520
745	812	521
46	813	522
747	814	523
748	815	524
749	816	525
750	817	526
751	818	527
752	819	529
753	820	530
754	821	531
755	822	532
756	823	533
757	824	535
758	825	536
759	826	537
760	827	538
761	828	539
762	829	540
763	830	541
764	831	542
765	832	543
766	833	544
767	834	545
768	835	546
769	836	547
770	837	548
771	838	556
772	839	557
773	840	558
774	841	559
775	842	560
776	843	561
777	844	562
778		563
779	Último quartel	564
780	384	565
781	385	566
782	491	567
783	492	568
784	493	569
785	494	570
786	495	571
787	496	572
788	497	573
789	498	574
790	499	575
791	500	596
792	501	597
793	502	598
794	503	599
795	504	600
796	505	601
797	506	602
798	507	603
799	508	604
800	509	605
801	510	606
802	511	607
803	512	608
804	513	609
805	514	610
806	515	611
807	516	612

632	762	829
633	763	830
677	764	831
678	765	832
679	766	833
680	767	834
681	768	835
682	769	836
683	770	837
684	771	838
685	772	839
686	773	840
687	774	841
688	775	842
689	776	843
690	777	844
691	778	
692	779	SÉCULO III
693	780	
694	781	Primeiro quartel
695	782	848
696	783	849
697	784	850
698	785	851
699	786	852
700	787	853
701	788	854
702	789	855
703	790	856
704	791	857
705	792	858
706	793	859
707	794	
708	795	Segundo quartel
709	796	848
710	797	849
711	798	850
712	799	851
713	800	852
714	801	853
715	802	854
716	803	855
717	804	856
718	805	857
719	806	858
720	807	859
741	808	
742	809	Terceiro quartel
743	810	845
744	811	846
745	812	848
46	813	849
747	814	850
748	815	851
749	816	852
750	817	853
751	818	854
752	819	855
753	820	856
754	821	857
755	822	858
756	823	859
757	824	
758	825	Último quartel
759	826	847
760	827	848
761	828	849

850	865	930
851	866	931
852	867	932
853	868	933
854	869	934
855		935
856	Terceiro quartel	936
857	853	
858	854	Último quartel
859	855	853
	856	854
SÉCULO II	857	855
	858	856
Primeiro quartel	859	857
853	870	860
854	871	861
855	872	879
856	873	880
857	874	881
858	875	882
859	876	883
860	877	884
861	878	885
862	879	886
863	880	887
864	881	888
924	882	889
925	883	890
926	884	891
927	885	892
928	886	893
929	887	894
930	888	895
931	889	896
932	890	897
933	891	898
934	892	899
935	893	900
936	894	901
	895	902
Segundo quartel	896	903
853	897	904
854	898	905
855	899	906
856	900	907
857	901	908
858	902	909
859	903	910
861	904	911
862	905	912
863	906	913
864	907	914
924	915	915
925	916	916
926	917	917
927	918	918
928	919	919
929	920	920
930	921	921
931	922	922
932	923	923
933	924	924
934	925	925
935	926	926
936	927	927
	928	928
Meados	929	929

930
931
932
933
934
935
936

SÉCULO I

Primeiro quartel

935
936
937
938

Segundo quartel

935
936

Terceiro quartel

935
936

Último quartel

935
936

PERÍODO ROMANO

939
940

Lista 1.5. Artesãos e relacionados (por número de catálogo)

Adeimantos, P.		107
867	Balanço, P.	108
868	9	109
869	10	110
870		111
		112
	Berlim, P.	113
Antimenes, P.	150	114
35	151	115
51	152	116
52	153	117
58	154	118
	155	119
	156	120
AP de Varsóvia, P.	157	121
55	158	122
56	159	123
57	160	124
59	161	125
60		126
61		127
	Berlim 1833, P.	128
	143	129
Aquiles, P.	144	130
171	145	131
172	146	132
173		133
174		134
175	Bolonha 441, P.	135
176	54	342
177		
178		
179	Burgon, G.	Compiègne 985, P.
180	1	193
204		194
213		195
	Calicles	196
	5	197
Aristófanes		198
254		199
255	Caricleides, G.	200
	422	
	449	
Asteio, G.	549	Congresso de Giessen, P.
390		879
394		880
395	Cito, G.	881
	397	882
	399	883
Atalante de Munique, P.	400	884
147	401	885
	722	886
	733	887
Atenas 12592, P.	759	888
421		889
423		890
438	Cleofonte, P.	891
441	181	892
550	182	893
551	183	894
807		895
820		896
	Cleofrades, P.	897

898		306
899	Kuban, G.	307
900	238	308
901	239	309
902	240	310
903	241	311
904	242	312
905	243	313
906	244	314
907	245	315
	246	316
	247	317
Copenhagen 99, G.	248	318
49	249	319
	250	320
	251	321
Cortejo de Casamento, P.	252	322
439	253	323
443	257	324
491	258	325
503	259	326
	260	719
	261	
Coruja de Havana, P.	262	
65	263	Labranda, P.
66	264	741
67	265	742
68	266	743
69	267	768
70	268	
71	269	
72	270	Leagros, G.
	271	64
	272	73
Egisto, P.	273	74
162	274	75
	275	76
	276	77
Eucarides, P.	277	
81	278	
136	279	Lido
137	280	2
138	281	6
139	282	7
140	283	
	284	
	285	Marsias, P.
Eufileto, P.	286	398
40	287	427
41	288	436
42	289	437
43	290	440
44	291	463
45	292	464
46	293	469
47	294	470
48	295	473
49	296	523
50	297	
53	298	
	299	Masto, P.
	300	30
Hobble, G.	301	31
476	302	36
477	303	37
614	304	38
	305	

	188
Michigan, P.	189
65	190
66	191
67	192
68	213
69	
70	
71	Sícelo
72	78
	79
Mnesiades	
8	Würzburg 173, P.
	80
Munique 1519, P.	
64	
Nícias	
6	
Nicômaco, S.	
463	
464	
468	
475	
478	
479	
480	
481	
482	
483	
484	
486	
487	
488	
489	
492	
493	
494	
495	
563	
597	
600	
760	
811	
Pourtalès, P.	
411	
412	
413	
416	
417	
Robinson, G.	
181	
182	
183	
184	
185	
186	
187	

Lista 1.6.1. Medidas das ânforas panatenaicas (alt., dp., dbj., dbc., cap.), por número de catálogo

1.	61,2	13,8	41,8	20,5	35	137.	66,1	14,2	39,2	18,8	-
2.	62	14	41,5	19,1	-	138.	65	14,4	39,5	18,3	-
6.	61,8	-	42	18,5	-	143.	65	15,5	41,8	19,3	38,5
7.	58	11	45	16	35,1	144.	64,8	15	41,8	19,2	36
11.	59,6	11,4	41	18,1	33	145.	66,4	14,4	41	18,6	38,6
12.	63,5	12	41,2	18,9	39,2	146.	67	15	38,5	19	-
36.	63,3	12,4	40,4	17,9	-	150.	62,2	13,9	41,5	18,4	37,9
37.	61,5	17,5	40	-	37	151.	61,3	-	40,3	17,3	-
38.	60	15,2	42	15,2	-	152.	62	-	41	18,5	-
39.	63	-	41	-	-	153.	62,2	-	40	-	-
40.	60	-	40	-	-	154.	62	13,6	41,6	17,8	37
41.	60,7	12,9	40,4	18,6	-	156.	63,5	-	41	-	-
42.	62,5	13,2	42	18,3	35,6	157.	62,3	13,9	41,9	18,5	-
43.	63,3	13,6	41,2	17,7	36	158.	64	13,8	40	18	38,2
44.	61	12,2	41	18,6	37,3	162.	62,5	-	41	17,2	34
45.	61,7	14	41	18,6	35,3	163.	64	-	40	21,5	35,8
46.	62,5	-	40	-	-	164.	70	15	40	20,3	38,4
47.	62,3	13,5	42	17,5	39,3	165.	66	-	43	-	36,2
54.	65	-	42	-	-	166.	44,9	13	29	16,1	11,8
55.	62	-	39,2	-	-	167.	44	12,5	30,2	15,7	11,7
56.	64,2	14	42,2	19,4	38,8	171.	62	14	40,5	17	33,9
57.	62,5	13,5	40,5	19,3	-	172.	62	14,3	40,5	17,5	33,8
59.	62,5	12,5	41,5	18,5	37,5	173.	62	-	32	-	-
60.	60	-	40	-	-	174.	56	-	29	-	-
65.	62,5	-	39	19	-	175.	50	13	32	15,6	16,8
66.	65	14,5	41,6	18,6	-	176.	64,3	-	40,2	-	-
67.	62,5	13,5	40,4	18,8	35	181.	62,8	-	40,5	-	-
68.	62	14	40	17,5	35,4	183.	69	-	41,8	-	-
69.	64,8	13,5	40,5	-	-	184.	50,2	-	32,4	-	-
73.	63,2	-	40,5	18,8	33,7	185.	53,4	-	32	-	-
74.	53	10	34	16	-	186.	53,4	-	33,8	-	-
76.	64,8	13,8	42	18,7	-	188.	54	-	35	-	-
78.	66,5	13,8	43	19,5	37,1	193.	51,5	-	31,5	14	-
79.	64	14	40	18,8	36,3	201.	63,5	13,8	40	17,6	37,8
87.	63,5	-	39,5	18	-	205.	62	14,3	41,3	18	38,6
89.	63,5	-	40,8	-	-	207.	55	-	30	-	-
107.	65,7	13	40,2	18,3	-	208.	50,5	13,5	30,4	15	-
108.	64,5	14,1	39,8	17,8	34	212.	60,5	-	41	-	-
109.	64,4	-	40	-	-	238.	63,5	-	36,5	-	-
110.	66	-	41,5	-	-	239.	57	15,1	33	20	20,6
111.	64,5	13,9	38,6	18,6	36	240.	69	-	40,5	-	-
112.	65,5	-	40,2	-	-	248.	67	16,2	40	20,3	33
114.	65	13,4	40,1	17,8	-	249.	72,5	16,2	40	20,8	37,8
115.	63	14,3	39,1	17,9	37,7	254.	68,5	16,5	41	20,2	35,9
116.	65,8	12,5	40,4	17,9	-	255.	67	14,7	40	20,5	35,1
119.	64	14,5	41	15,3	37,5	256.	69	14	42	-	-
121.	65,3	-	41,5	-	-	258.	62	16	40	-	-
122.	71	-	40,5	-	-	260.	69	-	37	21	-
124.	63,7	13,8	40,5	16,8	36	268.	68,5	-	35,5	22	-
125.	63,1	13,1	39	16,6	35,5	386.	65	14,2	38,3	20,9	31,6
126.	65	13	40,3	17,9	-	390.	70,5	16,2	37,5	22,1	-
128.	63,5	14,4	41	17,8	-	394.	56,3	12,5	31	18	-
129.	61	-	40,4	-	-	397.	70,5	14	39	22,8	-
130.	64	13,4	40,5	-	36	398.	75	-	36	22,4	35,6
131.	65,3	13,1	41	17,4	36,6	399.	71,3	14	39,5	22	37,8
132.	64,5	13,7	45,5	17,2	35,4	400.	64,5	15,4	37,5	20,6	28,2
136.	65,5	14,3	41,8	18,3	37	401.	55	13,4	33	18	19,4

402.	46,5	11,6	24,7	16	-
410.	75,2	-	38,3	-	-
411.	69,5	14,5	36,5	20,2	29,7
412.	70	15,5	36,5	20,5	31,6
413.	70,5	13,7	35,5	21	32,9
436.	72,8	16,5	38,5	21,7	39,5
437.	73,5	14	37,5	21,1	40,7
438.	71,6	15,5	38,5	21,3	39,7
439.	71,8	14,5	39,5	21,3	40,5
440.	74,5	14,5	39,3	21,8	37,6
441.	71,2	13,7	39	21	34,4
463.	77	25,5	38	22,2	-
468.	77	15,8	39	23	36,3
469.	78,5	-	39	-	-
470.	80	-	40	-	-
475.	83,1	15,9	42,3	23,7	41,4
476.	82,4	15,5	41	25	39,2
477.	81	16,8	40	-	36,8
484.	68,5	12,4	32,5	20,8	21,2
486.	78,2	16	39,3	23,6	36,3
487.	80	-	39	19,5	-
488.	62	-	33,8	22	18,9
489.	78,2	-	39	-	-
491.	73	15,5	34	15	-
492.	68	26	31	23,6	-
494.	66,5	14	33	20,8	19,6
503.	67	15,5	31	17	19,1
504.	87	-	40	-	-
519.	68	-	31	-	-
862.	61,4	13,8	31,5	16,8	-

Lista 1.6.2. Medidas de ânforas panatenaicas (isoladas e por grandeza)

Alt.	39. 63	268. 68,5
167. 44	115. 63	484. 68,5
166. 44,9	125. 63,1	183. 69
402. 46,5	73. 63,2	240. 69
175. 50	36. 63,3	256. 69
184. 50,2	43. 63,3	260. 69
208. 50,5	12. 63,5	411. 69,5
193. 51,5	87. 63,5	164. 70
74. 53	89. 63,5	412. 70
185. 53,4	128. 63,5	390. 70,5
186. 53,4	156. 63,5	397. 70,5
188. 54	201. 63,5	413. 70,5
207. 55	238. 63,5	122. 71
401. 55	124. 63,7	441. 71,2
174. 56	79. 64	399. 71,3
394. 56,3	119. 64	438. 71,6
239. 57	130. 64	439. 71,8
7. 58	158. 64	249. 72,5
11. 59,6	163. 64	436. 72,8
38. 60	56. 64,2	491. 73
40. 60	176. 64,3	437. 73,5
60. 60	109. 64,4	440. 74,5
212. 60,5	108. 64,5	398. 75
41. 60,7	111. 64,5	410. 75,2
44. 61	132. 64,5	463. 77
129. 61	400. 64,5	468. 77
1. 61,2	69. 64,8	486. 78,2
151. 61,3	76. 64,8	489. 78,2
862. 61,4	144. 64,8	469. 78,5
37. 61,5	54. 65	470. 80
45. 61,7	66. 65	487. 80
6. 61,8	114. 65	477. 81
2. 62	126. 65	476. 82,4
55. 62	138. 65	475. 83,1
68. 62	143. 65	504. 87
152. 62	386. 65	
154. 62	121. 65,3	Dbj.
171. 62	131. 65,3	402. 24,7
172. 62	112. 65,5	166. 29
173. 62	136. 65,5	174. 29
205. 62	107. 65,7	207. 30
258. 62	116. 65,8	167. 30,2
488. 62	110. 66	208. 30,4
150. 62,2	165. 66	394. 31
153. 62,2	137. 66,1	492. 31
47. 62,3	145. 66,4	503. 31
157. 62,3	78. 66,5	519. 31
42. 62,5	494. 66,5	193. 31,5
46. 62,5	146. 67	862. 31,5
57. 62,5	248. 67	173. 32
59. 62,5	255. 67	175. 32
65. 62,5	503. 67	185. 32
67. 62,5	492. 68	184. 32,4
162. 62,5	519. 68	484. 32,5
181. 62,8	254. 68,5	239. 33

401. 33
 494. 33
 186. 33,8
 488. 33,8
 74. 34
 491. 34
 188. 35
 268. 35,5
 413. 35,5
 398. 36
 238. 36,5
 411. 36,5
 412. 36,5
 260. 37
 390. 37,5
 400. 37,5
 437. 37,5
 463. 38
 386. 38,3
 410. 38,3
 146. 38,5
 436. 38,5
 438. 38,5
 111. 38,6
 65. 39
 125. 39
 397. 39
 441. 39
 468. 39
 469. 39
 487. 39
 489. 39
 115. 39,1
 55. 39,2
 137. 39,2
 440. 39,3
 486. 39,3
 87. 39,5
 138. 39,5
 399. 39,5
 439. 39,5
 108. 39,8
 37. 40
 40. 40
 46. 40
 60. 40
 68. 40
 79. 40
 109. 40
 153. 40
 158. 40
 163. 40
 164. 40
 201. 40
 248. 40
 249. 40
 255. 40

258. 40
 470. 40
 477. 40
 504. 40
 114. 40,1
 107. 40,2
 112. 40,2
 176. 40,2
 126. 40,3
 151. 40,3
 36. 40,4
 41. 40,4
 67. 40,4
 116. 40,4
 129. 40,4
 57. 40,5
 69. 40,5
 73. 40,5
 122. 40,5
 124. 40,5
 130. 40,5
 171. 40,5
 172. 40,5
 181. 40,5
 240. 40,5
 89. 40,8
 11. 41
 39. 41
 44. 41
 45. 41
 119. 41
 128. 41
 131. 41
 145. 41
 152. 41
 156. 41
 162. 41
 212. 41
 254. 41
 476. 41
 12. 41,2
 43. 41,2
 205. 41,3
 2. 41,5
 59. 41,5
 110. 41,5
 121. 41,5
 150. 41,5
 66. 41,6
 154. 41,6
 1. 41,8
 136. 41,8
 143. 41,8
 144. 41,8
 183. 41,8
 157. 41,9
 6. 42

38. 42
 42. 42
 47. 42
 54. 42
 76. 42
 256. 42
 56. 42,2
 475. 42,3
 78. 43
 165. 43
 7. 45
 132. 45,5
 Cap.
 1. 35
 7. 35,1
 11. 33
 12. 39,2
 37. 37
 42. 35,6
 43. 36
 44. 37,3
 45. 35,3
 47. 39,3
 56. 38,8
 59. 37,5
 67. 35
 68. 35,4
 73. 33,7
 78. 37,1
 79. 36,3
 108. 34
 111. 36
 115. 37,7
 119. 37,5
 124. 36
 125. 35,5
 130. 36
 131. 36,6
 132. 35,4
 136. 37
 143. 38,5
 144. 36
 145. 38,6
 150. 37,9
 154. 37
 158. 38,2
 162. 34
 163. 35,8
 164. 38,4
 165. 36,2
 166. 11,8
 167. 11,7
 171. 33,9
 172. 33,8
 175. 16,8
 201. 37,8

205. 38,6
239. 20,6
248. 33
249. 37,8
254. 35,9
255. 35,1
386. 31,6
398. 35,6
399. 37,8
400. 28,2
401. 19,4
411. 29,7
412. 31,6
413. 32,9
436. 39,5
437. 40,7
438. 39,7
439. 40,5
440. 37,6
441. 34,4
468. 36,3
475. 41,4
476. 39,2
477. 36,8
484. 21,2
486. 36,3
488. 18,9
494. 19,6

Lista 1.6.3. Relação das medidas de ânforas panatenaicas (alt./dbj./cap.)

cat.	alt.	cap.
167.	44 (1º)	11,7 (1º)
166.	44,9 (2º)	11,8 (2º)
175.	50 (3º)	16,8 (3º)
401.	55 (4º)	19,4 (6º)
239.	57 (5º)	20,6 (8º)
7.	58 (6º)	35,1 (25º)
11.	59,6 (7º)	33 (15º)
44.	61 (8º)	37,3 (50º)
1.	61,2 (9º)	35 (24º)
37.	61,5 (10º)	37 (46º)
45.	61,7 (11º)	35,3 (27º)
488.	62 (12º)	18,9 (4º)
68.	62 (13º)	35,4 (28º)
171.	62 (14º)	33,9 (19º)
172.	62 (15º)	33,8 (18º)
205.	62 (16º)	38,6 (62º)
154.	62 (17º)	37 (47º)
150.	62,2 (18º)	37,9 (58º)
47.	62,3 (19º)	39,3 (67º)
67.	62,5 (20º)	35 (23º)
162.	62,5 (21º)	34 (20º)
59.	62,5 (22º)	37,5 (51º)
42.	62,5 (23º)	35,6 (31º)
115.	63 (24º)	37,7 (54º)
125.	63,1 (25º)	35,5 (30º)
73.	63,2 (26º)	33,7 (17º)
43.	63,3 (27º)	36 (37º)
201.	63,5 (28º)	37,8 (55º)
12.	63,5 (29º)	39,2 (65º)
124.	63,7 (30º)	36 (36º)
79.	64 (31º)	36,3 (41º)
158.	64 (32º)	38,2 (59º)
163.	64 (33º)	35,8 (33º)
130.	64 (34º)	36 (38º)
119.	64 (35º)	37,5 (52º)
56.	64,2 (36º)	38,8 (64º)
400.	64,5 (37º)	28,2 (10º)
111.	64,5 (38º)	36 (35º)
108.	64,5 (39º)	34 (21º)
132.	64,5 (40º)	35,4 (29º)
144.	64,8 (41º)	36 (39º)
386.	65 (42º)	31,6 (12º)
143.	65 (43º)	38,5 (61º)
131.	65,3 (44º)	36,6 (44º)
136.	65,5 (45º)	37 (48º)
165.	66 (46º)	36,2 (40º)
145.	66,4 (47º)	38,6 (63º)
494.	66,5 (48º)	19,6 (7º)
78.	66,5 (49º)	37,1 (49º)

cat.	alt.	cap.
503.	67 (50º)	19,1 (5º)
248.	67 (51º)	33 (16º)
255.	67 (52º)	35,1 (26º)
484.	68,5 (53º)	21,2 (9º)
254.	68,5 (54º)	35,9 (34º)
411.	69,5 (55º)	29,7 (11º)
412.	70 (56º)	31,6 (13º)
164.	70 (57º)	38,4 (60º)
413.	70,5 (58º)	32,9 (14º)
441.	71,2 (59º)	34,4 (22º)
399.	71,3 (60º)	37,8 (56º)
438.	71,6 (61º)	39,7 (69º)
439.	71,8 (62º)	40,5 (70º)
249.	72,5 (63º)	37,8 (57º)
436.	72,8 (64º)	39,5 (68º)
437.	73,5 (65º)	40,7 (71º)
440.	74,5 (66º)	37,6 (53º)
398.	75 (67º)	35,6 (32º)
468.	77 (68º)	36,3 (42º)
486.	78,2 (69º)	36,3 (43º)
477.	81 (70º)	36,8 (45º)
476.	82,4 (71º)	39,2 (66º)
475.	83,1 (72º)	41,4 (72º)

cat.	dbj.	cap.
166.	29 (1º)	11,8 (2º)
167.	30,2 (2º)	11,7 (1º)
503.	31 (3º)	19,1 (5º)
175.	32 (4º)	16,8 (3º)
484.	32,5 (5º)	21,2 (9º)
401.	33 (6º)	19,4 (6º)
239.	33 (7º)	20,6 (8º)
494.	33 (8º)	19,6 (7º)
488.	33,8 (9º)	18,9 (4º)
413.	35,5 (10º)	32,9 (14º)
398.	36 (11º)	35,6 (32º)
411.	36,5 (12º)	29,7 (11º)
412.	36,5 (13º)	31,6 (13º)
400.	37,5 (14º)	28,2 (10º)
437.	37,5 (15º)	40,7 (71º)
386.	38,3 (16º)	31,6 (12º)
438.	38,5 (17º)	39,7 (69º)
436.	38,5 (18º)	39,5 (68º)
111.	38,6 (19º)	36 (35º)
125.	39 (20º)	35,5 (30º)
441.	39 (21º)	34,4 (22º)

cat.	dbj.	cap.
468.	39 (22°)	36,3 (42°)
115.	39,1 (23°)	37,7 (54°)
440.	39,3 (24°)	37,6 (53°)
486.	39,3 (25°)	36,3 (43°)
399.	39,5 (26°)	37,8 (56°)
439.	39,5 (27°)	40,5 (70°)
108.	39,8 (28°)	34 (21°)
37.	40 (29°)	37 (46°)
68.	40 (30°)	35,4 (28°)
201.	40 (31°)	37,8 (55°)
79.	40 (32°)	36,3 (41°)
158.	40 (33°)	38,2 (59°)
163.	40 (34°)	35,8 (33°)
248.	40 (35°)	33 (16°)
255.	40 (36°)	35,1 (26°)
164.	40 (37°)	38,4 (60°)
249.	40 (38°)	37,8 (57°)
477.	40 (39°)	36,8 (45°)
67.	40,4 (40°)	35 (23°)
171.	40,5 (41°)	33,9 (19°)
172.	40,5 (42°)	33,8 (18°)
73.	40,5 (43°)	33,7 (17°)
124.	40,5 (44°)	36 (36°)
130.	40,5 (45°)	36 (38°)
11.	41 (46°)	33 (15°)
44.	41 (47°)	37,3 (50°)
45.	41 (48°)	35,3 (27°)
162.	41 (49°)	34 (20°)
119.	41 (50°)	37,5 (52°)
131.	41 (51°)	36,6 (44°)
145.	41 (52°)	38,6 (63°)
254.	41 (53°)	35,9 (34°)
476.	41 (54°)	39,2 (66°)
43.	41,2 (55°)	36 (37°)
12.	41,2 (56°)	39,2 (65°)
205.	41,3 (57°)	38,6 (62°)
150.	41,5 (58°)	37,9 (58°)
59.	41,5 (59°)	37,5 (51°)
154.	41,6 (60°)	37 (47°)
1.	41,8 (61°)	35 (24°)
144.	41,8 (62°)	36 (39°)
143.	41,8 (63°)	38,5 (61°)
136.	41,8 (64°)	37 (48°)
47.	42 (65°)	39,3 (67°)
42.	42 (66°)	35,6 (31°)
56.	42,2 (67°)	38,8 (64°)
475.	42,3 (68°)	41,4 (72°)
165.	43 (69°)	36,2 (40°)
78.	43 (70°)	37,1 (49°)
7.	45 (71°)	35,1 (25°)
132.	45,5 (72°)	35,4 (29°)

.....

cat.	dbj.	alt.+	cap.
166.	73,9 (1°)		11,8 (2°)
167.	74,2 (2°)		11,7 (1°)
175.	82 (3°)		16,8 (3°)
401.	88 (4°)		19,4 (6°)
239.	90 (5°)		20,6 (8°)
488.	95,8 (6°)		18,9 (4°)
503.	98 (7°)		19,1 (5°)
494.	99,5 (8°)		19,6 (7°)
11.	100,6 (9°)		33 (15°)
484.	101 (10°)		21,2 (9°)
37.	101,5 (11°)		37 (46°)
400.	102 (12°)		28,2 (10°)
68.	102 (13°)		35,4 (28°)
44.	102 (14°)		37,3 (50°)
125.	102,1 (15°)		35,5 (30°)
115.	102,1 (16°)		37,7 (54°)
171.	102,5 (17°)		33,9 (19°)
172.	102,5 (18°)		33,8 (18°)
45.	102,7 (19°)		35,3 (27°)
67.	102,9 (20°)		35 (23°)
1.	103 (21°)		35 (24°)
7.	103 (22°)		35,1 (25°)
111.	103,1 (23°)		36 (35°)
386.	103,3 (24°)		31,6 (12°)
205.	103,3 (25°)		38,6 (62°)
201.	103,5 (26°)		37,8 (55°)
162.	103,5 (27°)		34 (20°)
154.	103,6 (28°)		37 (47°)
73.	103,7 (29°)		33,7 (17°)
150.	103,7 (30°)		37,9 (58°)
79.	104 (31°)		36,3 (41°)
158.	104 (32°)		38,2 (59°)
163.	104 (33°)		35,8 (33°)
59.	104 (34°)		37,5 (51°)
124.	104,2 (35°)		36 (36°)
108.	104,3 (36°)		34 (21°)
47.	104,3 (37°)		39,3 (67°)
130.	104,5 (38°)		36 (38°)
43.	104,5 (39°)		36 (37°)
42.	104,5 (40°)		35,6 (31°)
12.	104,7 (41°)		39,2 (65°)
119.	105 (42°)		37,5 (52°)
413.	106 (43°)		32,9 (14°)
411.	106 (44°)		29,7 (11°)
131.	106,3 (45°)		36,6 (44°)
56.	106,4 (46°)		38,8 (64°)
412.	106,5 (47°)		31,6 (13°)
144.	106,6 (48°)		36 (39°)
143.	106,8 (49°)		38,5 (61°)
248.	107 (50°)		33 (16°)
255.	107 (51°)		35,1 (26°)
136.	107,3 (52°)		37 (48°)
145.	107,4 (53°)		38,6 (63°)

cat.	alt.+ dbj.	cap.
165.	109 (54°)	36,2 (40°)
254.	109,5 (55°)	35,9 (34°)
78.	109,5 (56°)	37,1 (49°)
164.	110 (57°)	38,4 (60°)
132.	110 (58°)	35,4 (29°)
438.	110,1 (59°)	39,7 (69°)
441.	110,2 (60°)	34,4 (22°)
399.	110,8 (61°)	37,8 (56°)
398.	111 (62°)	35,6 (32°)
437.	111 (63°)	40,7 (71°)
436.	111,3 (64°)	39,5 (68°)
439.	111,3 (65°)	40,5 (70°)
249.	112,5 (66°)	37,8 (57°)
440.	113,8 (67°)	37,6 (53°)
468.	116 (68°)	36,3 (42°)
486.	117,5 (69°)	36,3 (43°)
477.	121 (70°)	36,8 (45°)
476.	123,4 (71°)	39,2 (66°)
475.	125,4 (72°)	41,4 (72°)

Lista 1.7. Episemas (números, por catálogo)

3 círculos	Coroa	175
33	188	193
47	201	196
	202	199
	227	207
Águia	258	208
10	259	209
	260	210
Âncora	265	211
54	267	226
	390	358
Astro	435	409
34		421
247	Coruja	425
248	65	436
394	66	437
397	67	438
399	69	439
400	72	440
401	259	635
402	260	
411	265	Leão
412	267	6
413	277	165
416		
417	Flor de lótus	Peixe
420	104	39
593		
Atena (cabeça)	Folhas	Perna
161	11	40
	58	68
Bode	Galo	Palmeta
37	49	12
Cântaro	Golfinho	Pantera
60	1	13
89	11	41
	59	43
Cão	Gorgoneion	Pégaso
45	44	78
Carneiro	80	79
29	150	107
	151	108
Carroceria	152	109
30	153	110
62	154	111
64	155	112
87	156	113
	157	114
Cavalo	158	115
48	160	116
205	163	117
	171	118
Centauro	172	119
60	173	120

121	
122	Tiranicidas
123	249
124	254
125	255
126	256
127	
128	Touro
129	56
130	
131	Trípode
132	14
134	31
135	35
148	82
164	
166	Triptolemo
	386
Pentagrama	397
88	398
	399
Pombo	400
36	408
	409
Remoinho	475
32	476
	477
Roda	478
42	479
55	480
	483
Rosácea	
7	Triskelis
	38
Sátiro	
92	Vitória
	57
Serpente	181
51	182
52	183
83	185
136	187
137	227
138	238
139	239
143	240
144	244
145	273
146	275
147	395
162	418
167	
214	
Sirene	
73	
74	
76	
77	
383	

Lista 1.8.1. Tipos de colunas e elementos relacionados (por número de catálogo)

1.	sem colunas		88.	jônico	galos
6.	sem colunas		89.	dórico	galo
7.	sem colunas		92.	dórico	galos
8.	sem colunas		107.	dórico	galos
10.	sem colunas		108.	dórico	galos
11.	dórico	galos	109.	dórico	-
12.	dórico	galos	110.	dórico	galos
13.	dórico	galos	111.	dórico	galos
14.	sem colunas		112.	dórico	galos
16.	sem colunas		113.	dórico	galos
17.	sem colunas		114.	dórico	galos
18.	sem colunas		115.	dórico	galos
29.	dórico	galos	116.	dórico	galos
30.	dórico	galos	117.	dórico	galos
31.	dórico	galos	118.	dórico	galos
32.	sem colunas		119.	dórico	galos
33.	-	galos	121.	dórico	galos
34.	sem colunas		122.	dórico	galos
35.	dórico	galos	123.	dórico	galos
36.	dórico	galos	124.	dórico	galos
37.	dórico	galos	125.	dórico	galos
38.	dórico	galos	126.	dórico	galos
39.	dórico	galos	128.	dórico	galos
40.	dórico	galos	129.	dórico	galos
41.	dórico	galos	130.	dórico	galos
42.	dórico	galos	131.	dórico	galos
43.	dórico	galos	132.	dórico	galos
44.	dórico	galos	136.	dórico	galos
45.	dórico	galos	137.	dórico	galos
46.	dórico	galos	138.	dórico	galos
47.	dórico	galos	139.	dórico	-
48.	dórico	galos	140.	dórico	-
49.	-	galos	143.	dórico	galos
51.	dórico	galos	144.	dórico	galos
52.	dórico	galos	145.	dórico	galos
53.	dórico	-	146.	dórico	galos
54.	dórico	galos	147.	dórico	galos
55.	dórico	galos	148.	dórico	galos
56.	dórico	galos	149.	dórico	galos
57.	dórico	galos	150.	dórico	galos
58.	dórico	galos	151.	dórico	galos
59.	dórico	galos	152.	dórico	galos
60.	dórico	galos	153.	dórico	galos
61.	dórico	-	154.	dórico	galos
62.	dórico	galos	155.	dórico	-
63.	jônico	galos	156.	dórico	galos
64.	dórico	galos	157.	dórico	-
65.	dórico	galos	158.	dórico	-
66.	dórico	galos	160.	dórico	-
67.	dórico	galos	161.	dórico	-
68.	dórico	galos	162.	dórico	galos
69.	dórico	galos	163.	dórico	galos
70.	dórico	-	164.	dórico	galos
73.	dórico	galos	165.	dórico	-
74.	dórico	-	166.	dórico	galos
76.	dórico	galos	167.	dórico	galos
77.	dórico	-	169.	dórico	-
78.	dórico	galos	171.	dórico	galos
79.	dórico	galos	172.	dórico	galos
80.	jônico	galos	173.	dórico	galos
81.	dórico	galos	174.	dórico	galos
82.	dórico	galos	175.	dórico	galos
83.	dórico	galos	181.	dórico	galos
87.	dórico	galos	182.	dórico	galos

183.	-	galo	409.	-	Triptólemo
184.	dórico	galos	410.	dórico (fuste em folhas de acanto)	Vitórias
185.	dórico	galos	411.	dórico	Vitórias
186.	dórico	galo	412.	dórico (fuste em folhas de acanto)	Vitórias
187.	dórico	-	413.	dórico (fuste em folhas de acanto)	Vitórias
188.	dórico	galos	415.	fuste em folhas de acanto	Vitórias
190.	dórico	galos	416.	fuste em folhas de acanto	-
192.	dórico	-	417.	fuste em folhas de acanto	Vitórias
193.	dórico	galos	418.	fuste com folhas de acanto	Vitórias
198.	dórico	galos	419.	fuste com folhas de acanto	-
201.	dórico	galos	420.	fuste com folhas de acanto	-
202.	dórico	galos	421.	fuste com folhas de acanto	Vitórias
203.	dórico	galos	423.	fuste com folhas de acanto	Vitórias
205.	dórico	galos	424.	fuste com folhas de acanto	-
207.	dórico	galos	425.	fuste com folhas de acanto	Vitórias
208.	dórico	galos	426.	fuste com folha de acanto	Vitória
209.	dórico	galos	427.	-	Vitória
212.	-	galos	428.	-	Vitória
213.	dórico	galos	430.	fuste com folha de acanto	Vitórias
214.	dórico	-	431.	-	Vitória
219.	-	galo	432.	-	Vitória
227.	dórico	galo	433.	sem capitel	Vitória?
229.	-	galo	434.	-	Vitória
230.	dórico	galo	435.	dórico	Atenas
238.	dórico	galos	436.	jônico	Irene, Pluto
239.	dórico	galos	437.	jônico	Irene, Pluto
247.	dórico	galos	438.	eólio	Irene, Pluto
248.	dórico	galos	439.	jônico	Irene, Pluto
249.	dórico	galos	440.	jônico	Irene, Pluto
254.	dórico	galos	441.	eólio	Irene, Pluto
255.	dórico	galos	442.	-	Irene, Pluto
256.	dórico	galos	444.	-	Irene, Pluto
258.	dórico	galos	445.	-	Irene, Pluto?
259.	dórico	Vitórias	446.	-	Irene, Pluto
260.	dórico	Vitórias	447.	-	Irene
264.	-	Vitória	449.	fuste com folhas de acanto	Vitória
267.	jônico	Vitórias	451.	dórico	Amazonomaquia
268.	dórico	Vitória	452.	-	Amazonomaquia?
269.	jônico?	-	453.	dórico	Amazonomaquia
270.	-	Vitória	454.	-	Amazonomaquia?
271.	-	Vitória	456.	-	Deméter, Perséfone
272.	dórico?	Vitória	457.	-	Deméter, Perséfone
275.	dórico	Vitória	458.	-	Deméter, Perséfone
278.	jônico	-	459.	-	Deméter, Perséfone
279.	dórico	-	460.	-	Deméter, Perséfone
291.	dórico	galo	461.	-	Deméter, Pluto?
295.	dórico	-	462.	jônico	mulher com menino
342.	dórico	galo	463.	dórico	Deméter, Perséfone
358.	dórico	galo	466.	-	Atena com capacete carregando Vitória?
385.	dórico	-	468.	dórico	Atena, Zeus
386.	dórico	galos	469.	dórico	Atena, fig. masculina com cetro
387.	-	homem com cornucópia	470.	jônico	Atena, Zeus
388.	-	homem com cornucópia			
390.	dórico	homem com cetro e cornucópia			
391.	-	figura com ramo?			
393.	dórico	-			
394.	-	Vitórias			
395.	dórico	Vitórias			
397.	jônico	Triptólemo			
398.	dórico	Triptólemo			
399.	dórico	Triptólemo			
400.	dórico	Triptólemo			
401.	dórico	carneiros			
402.	sem capitel	galos			
404.	-	Héracles			
405.	sem capitel	Héracles			

471. -	Zeus	533. -	figura feminina
472. -	Atena	534. -	Atena
473. -	Atena	535. dórico	-
475. jônico	Atena Triptólemo	536. -	figura masculina com cetro
476. jônico	Triptólemo, Vitória	537. -	figura masculina coroada com cetro
477. jônico	Triptólemo, figura feminina	538. -	Afrodite e Eros
478. dórico	Triptólemo, Vitória	539. -	homem barbudo com cetro
479. sem capitel	Triptólemo, Vitória	540. dórico	Vitória
480. -	Triptólemo, Vitória	541. -	Atena
482. -	Atena?	542. -	Vitória
483. -	Triptólemo	543. -	figura masculina
484. dórico	Atenas	544. -	Atena?
485. -	Atena	545. jônico?	figura masculina com cetro
486. sem capitel	Vitórias	546. -	Vitória (asa)
487. dórico	Vitórias	547. -	homem com tigela sentado
488. dórico	Atena?, Atena	681. -	Atena? com aflasto
489. dórico	Atenas com Vitórias	708. -	Plutão-Hades?
491. dórico	Vitórias	846. sem capitel,	figura com quítion curto, botas, pisando escudo com o pé esquerdo
492. dórico	Vitórias	847. base de escultura com inscrição acima,	figura com botas
493. -	Vitórias	862. coluna com pináculo	
494. dórico	Vitórias	863. dórico	-
495. -	Afrodite com Eros, Atena com Vitória	870. dórico	escudo (fp.)
496. -	Vitória	880. fa. e fp., dórico,	Vitória e escudo
497. -	Vitória	882. -	fa. três figuras femininas, fp. Tique
498. -	Vitória	883. -	fa. três figuras femininas fp. Tique
499. -	Tique	900. sem capitel	figura humanizada
500. -	Tique	901. -	Tique?
501. capitel em forma retangular	figura feminina	902. dórico	figura com manto
502. -	figura feminina	906. -	fp. Tique
503. sem capitel	Vitórias	910. -	fb., Atena?
504. dórico	Atena, Afrodite com Eros		
506. -	Atena?		
507. -	Afrodite?		
509. -	Afrodite com Eros		
517. -	Vitória?		
519. dórico	Vitórias		
520. -	figura feminina		
531. -	Atena		
532. -	Atena		

Lista 1.8.2. Tipos de colunas e elementos relacionados

Sem colunas	109	198
1	110	201
6	111	202
7	112	203
8	113	205
10	114	207
14	115	208
16	116	209
17	117	213
18	118	214
32	119	227
34	121	230
	122	238
Dórico	123	239
11	124	247
12	125	248
13	126	249
29	128	254
30	129	255
31	130	256
35	131	258
36	132	259
37	136	260
38	137	268
39	138	272?
40	139	275
41	140	279
42	143	291
43	144	295
44	145	342
45	146	358
46	147	385
47	148	386
48	149	390
51	150	393
52	151	395
53	152	398
54	153	399
55	154	400
56	155	401
57	156	410
58	157	411
59	158	412
60	160	413
61	161	435
62	162	451
64	163	453
65	164	463
66	165	468
67	166	469
68	167	478
69	169	484
70	171	487
73	172	488
74	173	489
76	174	491
77	175	492
78	181	494
79	182	504
81	184	519
82	185	535
83	186	540
87	187	863
89	188	870
92	190	880
107	192	902
108	193	

Jônico	473	67
63	482	68
80	484	69
88	485	73
267	488	76
269?	506	78
278	466	79
397	468	80
436	469	81
437	489	82
439	504	83
440	531	87
462	532	88
470	534	89
475	541	92
476	544	107
477	681	108
545	910	110
		111
Eólio	Deméter, Deméter e	112
438	Perséfone	113
441	456	114
	457	115
Fuste com folhas de	458	116
acanto	459	117
410	460	118
412	463	119
413	461	121
415		122
416	Escudo	123
417	870	124
418	880	125
419		126
420	Galos	128
421	11	129
423	12	130
424	13	131
425	29	132
426	30	136
430	31	137
449	33	138
	35	143
Sem capitel	36	144
402	37	145
405	38	146
433	39	147
479	40	148
486	41	149
503	42	150
846	43	151
900	44	152
.....	45	153
	46	154
Afrodite, Afrodite e Eros	47	156
495	48	162
507	49	163
509	51	164
538	52	166
504	54	167
	55	171
Amazonomaquia	56	172
451	57	173
452	58	174
453	59	175
454	60	181
	62	182
Atena	63	183
435	64	184
470	65	185
472	66	186
		188

190	437	487
193	438	489
198	439	491
201	440	492
202	441	493
203	442	494
205	444	496
207	445	497
208	446	498
209	461	517
212	708	503
213		519
219	Tique	540
227	499	542
229	500	546
230	882	880
238	883	
239	901?	Zeus
247	906	470
248		471
249	Triptólemo	468
254	397	
255	398	Outros
256	399	387
258	400	388
291	409	390
342	475	391
358	476	401
386	477	462
402	478	501
	479	502
Héracles	480	520
404	483	533
405		536
	Vitórias	537
Irene, Pluto	259	539
447	260	543
436	264	545
437	267	547
438	268	845
439	270	846
440	271	847
441	272	862
442	275	882
444	394	883
445	395	900
446	410	902
436	411	
437	412	
438	413	
439	415	
440	417	
441	418	
442	421	
444	423	
445	425	
446	426	
	427	
Pluto	428	
447	430	
436	431	
437	432	
438	433	
439	434	
440	449	
441	466	
442	476	
444	478	
445	479	
446	480	
436	486	

Lista 1.9. Direção de Atena

1 ←	74 ←	149 ←
2 ←	76 ←	150 ←
3 ←	77 ←	151 ←
4 ←	78 ←	152 ←
5 ←	79 ←	153 ←
6 ←	80 ←	154 ←
7 ←	81 ←	155 ←
8 ←	82 ←	156 ←
9 →	83 ←	157 ←
10 ←	84 ←	158 ←
11 ←	85 ←	159 ←
12 ←	87 ←	160 ←
13 ←	88 ←	161 ←
14 ←	89 ←	162 ←
15 ←	90 ←	163 ←
16 ←	91 ←	164 ←
22 ←	92 ←	165 ←
29 ←	94 ←	166 ←
30 ←	102 ←	167 ←
31 ←	103 ←	168 ←
32 ←	104 ←	169 ←
33 ←	106 ←	170 ←
34 ←	107 ←	171 ←
35 ←	108 ←	172 ←
36 ←	109 ←	173 ←
37 ←	110 ←	174 ←
38 ←	111 ←	175 ←
39 ←	112 ←	177 ←
40 ←	113 ←	181 ←
41 ←	114 ←	182 ←
42 ←	115 ←	183 ←
43 ←	116 ←	184 ←
44 ←	117 ←	185 ←
45 ←	118 ←	186 ←
46 ←	119 ←	187 ←
47 ←	120 ←	188 ←
48 ←	121 ←	190 ←
49 ←	122 ←	191 ←
50 ←	123 ←	193 ←
51 ←	124 ←	195 ←
52 ←	125 ←	196 ←
53 ←	126 ←	197 ←
54 ←	127 ←	198 ←
55 ←	128 ←	200 ←
56 ←	129 ←	201 ←
57 ←	130 ←	202 ←
58 ←	131 ←	203 ←
59 ←	132 ←	204 ←
60 ←	133 ←	205 ←
61 ←	134 ←	206 ←
62 ←	135 ←	207 ←
63 ←	136 ←	208 ←
64 ←	137 ←	209 ←
65 ←	138 ←	210 ←
66 ←	139 ←	211 ←
67 ←	140 ←	212 ←
68 ←	143 ←	213 ←
69 ←	144 ←	214 ←
70 ←	145 ←	215 ←
71 ←	146 ←	216 ←
72 ←	147 ←	218 ←
73 ←	148 ←	219 ←

221 ←
223 ←
224 ←
225 ←
227 ←
228 ←
231 ←
238 ←
239 ←
240 ←
241 ←
242 ←
243 ←
244 ←
245 ←
246 ←
247 ←
248 ←
249 ←
250 ←
251 ←
252 ←
253 ←
254 ←
256 ←
258 ←
259 ←
260 ←
261 ←
263 ←
264 ←
265 ←
266 ←
267 ←
268 ←
269 ←
271 ←
272 ←
275 ←
277 ←
281 ←
282 ←
283 ←
284 ←
285 ←
286 ←
287 ←
289 ←
290 ←
291 ←
292 ←
293 ←
294 ←
295 ←
296 ←
297 →
298 ←
300 ←
302 ←
340 ←
342 ←
358 ←
386 ←
390 ←
391 ←
393 ←
394 ←

395 ←
397 ←
398 ←
399 ←
400 ←
401 ←
402 ←
403 ←
409 ←
410 →
411 ←
412 ←
413 ←
415 ←
416 ←
417 ←
418 ←
420 ←
421 ←
423 ←
425 ←
427 ←
428 ←
430 ←
431 ←
435 ←
436 →
437 →
438 →
439 ←
440 →
441 →
442 →
443 ←
444 →
445 →
446 →
449 ←
451 →
453 →
454 →
457 →
458 →
461 →
462 →
463 →
466 →
468 →
469 →
470 →
471 →
473 →
475 →
476 →
477 →
478 →
479 →
480 →
481 →
482 →
484 →
486 →
487 →
488 →
489 →
491 →
492 →

493 →
494 →
495 →
496 →
499 →
500 →
501 →
503 →
504 →
509 →
514 →
517 →
519 →
520 →
522 ←
523 →
524 ←
525 →
526 →
527 →
528 →
529 →
530 →
531 →
532 →
533 ←
534 ←
536 →
537 →
542 →
548 →
549 ←
550 ←
551 ←
552 ←
553 ←
555 ←
556 →
557 →
558 →
559 →
560 →
561 →
562 →
564 →
565 →
566 →
567 →
568 →
569 →
570 →
571 →
572 →
573 →
574 →
575 →
576 →
577 →
578 →
579 →
580 →
581 →
582 →
583 →
584 →
585 →
586 →

587 →
588 →
589 →
590 ←
591 →
593 →
594 →
595 →
596 →
597 →
598 →
599 →
600 →
601 →
602 →
603 →
604 →
605 →
606 →
607 →
608 →
609 →
610 →
611 →
612 →
613 →
615 →
616 →
617 ←
618 →
619 →
623 →
624 →
625 →
626 →
627 →
628 →
629 →
630 →
631 →
634 →
635 →
636 →
637 →
638 →
639 →
640 →
641 →
642 →
643 ←
654 ←
655 ←
660 ←
661 ←
675 →
681 →
842 →
846 →
848 →
849 →
861 →
862 →
865 →
867 →
870 →
871 →
874 →

876 →
877 →
878 →
879 →
880 →
882 →
886 →
889 →
890 →
897 →
899 →
907 →
908 →
910 →
911 →
912 →
917 →
920 →
922 →
929 →
937 →
938 →

Lista 1.10.1. Provas atléticas (por número de catálogo)

PROVAS GÍMNICAS	745	46
	748	65
Corrida a pé (curta distância)	749	66
2	750	116
3	751	164
5	752	167
6	753	211
9	754	456
12	880	461
13	882	476
26	884	492
27	885	494
35		528
37	Corrida a pé (longa distância)	529
39	31	733
40	41	758
44	67	759
47	117	760
62	122	
79	157	Pentatlo
88	173	42
91	177	43
118	484	56
127	487	69
147	519	111
150	720	123
154	755	129
155	756	130
158	757	175
166	846	238
171		249
172	Corrida a pé (não identificada)	503
176	28	870
193	81	
194	179	Boxe
254	180	10
256	203	30
257	215	51
258	235	52
310	286	83
311	383	89
313	465	92
390	517	120
391	731	131
397	746	140
398	761	143
423	762	185
479	763	205
488	766	208
489	845	212
504	895	213
527		234
732		247
741	Corrida armada	259
743	8	260
		267

268	189	182
312	399	183
401	437	201
402	486	212
410	923	209
421		216
470	Luta (não identificada)	241
475	90	248
491	170	255
515	204	305
768	271	306
774	326	314
806	467	315
807	769	316
915	770	380
	773	381
Pale		393
11	PROVAS HÍPICAS	427
33		428
54	Corrida de biga	430
61	1	463
128	124	514
144	125	523
153	862	525
184	910	775
186	912	776
207	913	777
307		778
321	Corrida de quadriga	779
394	7	780
400	29	781
411	32	782
412	36	783
413	45	785
414	49	786
416	57	787
436	58	788
438	60	790
439	63	791
440	64	792
441	70	793
478	73	794
493	74	796
516	75	797
526	80	799
532	82	911
685	87	
721	107	Apobates
722	109	469
771	110	729
772	112	
	113	Prova hípica (não identificada)
Pancrácio	114	34
68	119	306
78	126	701
108	132	739
115	148	740
121	151	784
163	156	789
181	165	

795	208
800	210
801	236
844	238
863	240
866	260
874	306
909	395
918	400
921	410
927	443
930	468
933	503
934	515

Corrida a cavalo

55	721
59	726
76	727
136	806
137	807
138	
139	
145	
146	
152	
168	
239	
386	
425	
477	
522	
723	
724	
725	
730	
802	
906	
914	

Acertar o alvo a cavalo

239
386
425
730
802

PROVAS MUSICAIS

Prova de cítara

149
188

ENTREGA DO PRÊMIO

34
38
162
172
174
204

Lista 1.10.2. Provas atléticas (por quantidade)

Corrida de quadriga	77	20 %
Corrida a pé (curta distância)	64	16,6 %
Boxe	36	9,4 %
<i>Pale</i>	34	8,9 %
Entrega do prêmio	25	6,5 %
Corrida a cavalo	23	6 %
Prova hípica (não identificada)	21	5,5 %
Corrida a pé (não identificada)	19	4,9 %
Corrida armada	19	4,9 %
Corrida a pé (longa distância)	16	4,1 %
Pentatlo	13	3,4 %
Pancrácio	12	3,1 %
Luta (não identificada)	9	2,3 %
Corrida de biga	7	1,8 %
Acertar o alvo a cavalo	5	1,3 %
<i>Apobates</i>	2	0,5 %
Prova de cítara	2	0,5 %

Lista 1. 11.1. Inscrições pintadas

cat.		inscr. athlon	outras
1.	fa. <i>ton athenethn athlon:emi</i> (sic)	s/a	-
2.	fp. [<i>stadion an</i>]dron	-	s/a
3.	fa. <i>Hypereids epoie[sen], hAndrogenos, ton athenethen a[th]lon</i>	s/a	s/a
4.	fa. [<i>Hypereides Androgen</i>]os epoiesen fa. <i>Kalikle[s m']epoiesen; ton a[th]en[e]then [athon; fp. an]dron</i>	-	s/a
5.	<i>s]ad[ion]?</i> ; <i>]s[</i>	s/a	s/a
6.	fa. <i>Nikias epoiesen, ton athenethen athlon; fp. andron stadion</i>	s/a	s/a
7.	fp. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
8.	fa. <i>Mnes[iades epoiesen?; fp. diaul]os</i>	s/-	s/a
9.	fa. <i>ton athe]nethen a[thlon</i>	s/a	-
11.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
12.	fa. <i>ton athenethen athlon; fp. stadio andron nik[ai</i>	s/a	s/a
13.	fa. <i>ton athene[then athlon; fp. st]ad[ion] a[n]dron</i>	s/a	s/a
14.	fa. <i>Hekhekle[ides epoiesen</i>	-	s/-
15.	fa. <i>to[n athenethen athlon</i>	s/a	-
16.	fa. <i>to[n athe[nethen athlon</i>	s/a	-
17.	fa. <i>ton athenethe]n athlon</i>	s/-	-
18.	fa. <i>ton athen]ethen e[mi athlon?</i>	s/a	-
19.	fa. <i>ton athenethen ath]lon e[mi?</i>	s/a	-
20.	fa. <i>ton athene]then a[thlon</i>	s/-	-
21.	fa. <i>ton athenethen] athlon</i>	s/-	-
22.	fa. <i>]th[]athlon</i>	s/a	-
23.	fa. <i>ton a]thenenethe[n a]thlon</i> (sic)	s/a	-
24.	fa. <i>ton] athene[n athlon</i>	s/a	-
25.	fa. <i>flon athenethen athlo[n</i>	s/a	-
26.	fp. <i>diaulo dromo eimi</i>	-	s/a
27.	fp. <i>and[ron</i>	-	s/-
28.	fp. <i>and[ron</i>	-	s/-
34.	fp. <i>dyneiketu : hipos : nikai</i>	-	s/a
36.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
37.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
38.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
39.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
40.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
41.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
42.	fa. <i>ton athenethen athlon; Euphiletos kalos</i>	s/a	s/a
43.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
44.	fa. <i>ton athe[nethen athlon</i>	s/a	-
45.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
46.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
47.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
48.	fa. <i>ton ath[e]ne[then athlon</i>	s/a	-
49.	fa. <i>ton athen]ethen athlon</i>	s/a	-
50.	fa. <i>ton athenethen] athlon</i>	s/a	-
53.	fa. <i>ton a[thenethen athlon</i>	s/a	-
54.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
55.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
56.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
57.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
58.	fa. <i>ton athenethe]n athlon</i>	s/a	-

cat.		inscr. athlon	outras
59.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
60.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
61.	fa. <i>ῥon athenethen athlon</i>	s/-	-
65.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
66.	fa. <i>ton athenethen athlon</i> ; fp. a (alfa em escudo de corredor)	s/a	-
67.	fa. <i>ton <u>a</u>thenethen athlon</i>	s/a	-
68.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
69.	fa. <i>ton athenethe[</i>	s/a	-
70.	fa. <i>ton athenethen [athlon</i>	s/a	-
71.	fa. <i>ῥo[n athenethen athlon</i>	s/a	-
72.	fa. <i>ῥon ath[enethen athlon</i>	s/a	-
73.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
74.	fa. <i>ton athenethen athlo[n</i>	s/a	-
75.	fa. Inscrição de tipo <i>athlon</i>	s/a?	-
76.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
77.	fa. <i>ῥon athenethen athlon</i>	s/-	-
78.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
79.	fa. <i><u>ton</u> athenethen athlon</i>	s/a	-
81.	fa. <i>ton] athe[nethen athlon</i>	s/a	-
84.	fa. <i>]the[]thlo[</i>	s/a	-
85.	fa. <i>ton a]thenethe[n athlon</i>	s/a	-
86.	fa. <i>ton ath]eneth[en athlon</i>	s/a	-
87.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
88.	fa. <i>ton [athenethen athlon</i>	s/a	-
89.	fa. <i>ton athe]nethen ath[lo]n</i>	s/a	-
90.	fa. <i>ton athe]ne[then athlon</i>	s/a	-
91.	fa. <i>ton ath]enethen a[thlon</i> ; <i>an]etheke tai basilidi</i>	s/a	-
92.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
93.	fa. <i>ton a]theneth[en athlon</i>	s/a	-
94.	fa. <i>to]n athe[nethen athlon</i>	s/a	-
95.	fa. <i>ton ath]eneth[en athlon</i>	s/a	-
96.	fa. <i>ton]athen[ethen athlon</i>	s/a	-
97.	fa. <i>ton athenethe]n athlo[n</i>	s/a	-
98.	fa. <i>ton athenethen ath]lon</i>	s/a	-
99.	fa. <i>ton]ath[enethen athlon</i>	s/-	-
100.	fa. <i>]then[</i>	s/-	-
101.	fa. <i>]n a[</i>	s/-	-
102.	fa. <i>to[n athenethen athlon</i>	s/a	-
103.	fa. <i>ton a[thenethen athlon</i>	s/a	-
104.	fa. <i>ton atheneth]en athlon</i>	s/a	-
105.	fa. <i>ton athe]nethen a[thl]o[n</i>	s/a	-
106.	fa. <i>ton athenethen ath]lon</i>	s/a	-
107.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
108.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
109.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
110.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
111.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
112.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
113.	fa. <i>ton athen[eth]en athlon</i>	s/a	-
114.	fa. <i>ton <u>a</u>thenethen athlon</i>	s/a	-
115.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
116.	fa. Inscrição de tipo <i>athlon</i>	s/-	-
117.	fa. <i>ton athenethen athlthn</i> (sic)	s/a	-

cat.		inscr. athlon	outras
118.	fa.]on athenethen athlon	s/a	-
119.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
120.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
121.	fa. ton a[the]ne[th]en athlo[n]	s/a	-
122.	fa. ton[ath]nethen a[thlon]	s/a	-
123.	fa. ton athenethen[a]thlon	s/a	-
124.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
125.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
126.	fa. ton a]thene[then] athlon	s/a	-
128.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
129.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
130.	fa. ton ath[e]ne[th]en athlon	s/a	-
131.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
132.	fa. ton ath[en]ethen ath[on]	s/a	-
133.	fa.]on[	s/a	-
134.	fa. ton athenethen a[thlon]	s/a	-
135.	ton athenethen ath[lon]	s/a	-
136.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
137.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
138.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
139.	fa. ton ath[eneth]en athlon	s/a	-
140.	fa. ton[athe]nethen athlon	s/a	-
141.	fa. ton athenethen athlo[n]	s/-	-
142.	fa. ton athe]nethe[n athlon]	s/a	-
143.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
144.	fa. ton [a]thneth[e]n athlon	s/a	-
145.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
146.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
148.	fp. nikon kalos; e]a[e]la	-	s/a
150.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
151.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
152.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
153.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
154.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
155.	fa. ton [athenethen ath]lon	s/a	-
156.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
157.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
158.	fa. ton ath]enethen athlon	s/a	-
159.	fa. to]n athenethen athlon	s/a	-
160.	fa. to[n athenethen athlon	s/a	-
161.	fa. to[n athenethen athlon	s/a	-
162.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
163.	fa. ton a]the[n]ethen[a]thlon; fp. pankrat[i]on	s/a	s/-
164.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
165.	fa. Inscrição de tipo athlon	s/a	-
166.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
167.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
168.	fa. ton athenethen athlo[n]	s/-	-
169.	fa. ton [athenethen athlon	s/a	-
170.	fa. [ton a]th[ene]then a[thlon]	s/-	-
171.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
172.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
173.	fa. t[on athenethen athlon	s/a	-

cat.		inscr. athlon	outras
174.	fa. ton] athenethen[a]thlon	s/a	-
177.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
178.	fa. ton athenethen ath]lon	s/a	-
181.	fa. ton athenethen athlon	s/j	-
182.	fa. t[on athenethen athlon	s/a	-
183.	fa. ton a]th[ene]th[en] a[th]lon	s/j	-
185.	fa. ton] a[the]nethen a[thlon	s/j	-
186.	fa. ton athenethen a[thlon	s/j	-
187.	fa. ton a[athenethen athlon	s/a	-
188.	fa. ton a[th]enethen athlon	s/a	-
190.	fa. ton athenethen [athlon	s/a	-
193.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
201.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
202.	fa. ton a[theneth]en athln (sic)	s/a	-
203.	fa. to]n athenethen ath[lon	s/a	-
205.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
206.	fa. t[on a]thenethen athlon	s/a	-
207.	fa. Inscrição de tipo athlon	s/j	-
208.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
209.	fa. <u>ton</u> athenethen athlon	s/a	-
210.	fa. to]n a[the]neth[em athlon	s/a	-
211.	fa. to]n athenethen athlon	s/a	-
212.	fa. athenethen athlon (sic)	s/j	-
214.	fa. t[on athenethen athlon	s/a	-
218.	fa. ton athen]ethen [athlo]n	s/a	-
220.	] ath[	s/a	-
230.	fa. to]n athenethen athlon	s/a	-
238.	fa. ton athenethen athlon	s/j	-
239.	fa. ton athenethen athlon	s/j	-
247.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
248.	fa. ton athenethen athlon	s/a	-
249.	fa. ton athenethen athlon	s/j	-
254.	fa. ton athenethen alon (sic)	s/j	-
255.	fa. ton athenethen athlon (sic)	s/j	-
256.	fa. ton a[thene]then a[thlon] (sic)	s/a	-
258.	fa. Inscrição de tipo athlon	s/j	-
259.	fa. Inscrição de tipo athlon	s/a	-
260.	fa. Inscrição de tipo athlon	s/a	-
267.	fa. ton ath[enethen athlon	s/j	-
268.	fa. Inscrição de tipo athlon	s/a	-
273.	fa. ton athenethen ath]lon	s/a	-
295.	fa. t[on athenethen athlon	s/a	-
327.	fa. ton ath]eneth[en athlon	s/a	-
328.	fa. t[on athen]en[then athlon	s/a	-
329.	fa. ton athenethe athlo]n	s/a	-
330.	fa. ton a[thenethen athlon	s/a	-
331.	fa. ton athe]neth[en athlon	s/a	-
332.	fa. ton athe]nethen [athlon	s/a	-
333.	fa. ton athen]ethen ath[lon	s/a	-
334.	fa.]then[	s/a	-
335.	fa. ton athene]then ath[lon	s/-	-
336.	fa. ton athenethe]n athlo[n	s/a	-
337.	fa. ton athenethen] athlon	s/a	-

cat.		inscr.	
		athlon	outras
338.	fa. <i>ton athenethen a]thlon</i>	s/a	-
339.	fa. <i>ton athenethe]n athl[on</i>	s/-	-
340.	fa. <i>ton athe]neth[en athlon</i>	s/a	-
341.	fa. <i>]then[</i>	s/-	-
342.	fa. <i>ton athen]eth[en athlon</i>	s/a	-
343.	fa. <i>]the[</i>	s/a	-
344.	fa. <i>to[n athenethen athlon</i>	s/a	-
345.	fa. <i>ton a[thenethen athlon</i>	s/a	-
346.	fa. <i>ton athe]nethen athlon</i>	s/a	-
347.	fa. <i>]then[</i>	s/a	-
348.	fa. <i>ton athenethe]n athlon</i>	s/a	-
349.	fa. <i>ton athenethen ath]lon</i>	s/a	-
350.	fa. <i>]e[</i>	s/-	-
351.	fa. <i>tlon[athenethen athlon</i>	s/-	-
352.	fa. <i>ton athenethen athl]on</i>	s/-	-
353.	fa. <i>ton athenethen a]thlon</i>	s/a	-
354.	fa. <i>ton athenethen a]thlon</i>	s/a	-
355.	fa. <i>ton athenethen athlo]n</i>	s/-	-
356.	fa. <i>ton athenethen athl]on</i>	s/-	-
357.	fa. <i>ton athenethen athlo]n</i>	s/-	-
358.	fa. <i>ton athenethen a]thlo[n</i>	s/a	-
359.	fa. <i>tlon [athenethen athlon</i>	s/a	-
360.	fa. <i>ton athenethen] athlo[n</i>	s/a	-
361.	fa. <i>ton athenethen] athlo[n</i>	s/a	-
362.	fa. <i>]then[</i>	s/-	-
363.	fa. <i>..[</i>	-	-
364.	fa. <i>]the[</i>	s/-	-
365.	fa. <i>ton ath]ene[then athlon</i>	s/a	-
366.	fa. <i>tlon [athenethen athlon</i>	s/a	-
367.	fa. <i>...n[</i>	s/-	-
368.	fa. <i>ton] athe[nethen athlon</i>	s/a	-
369.	fa. <i>ton athe]nethen [athlon</i>	s/a	-
370.	fa. <i>tlon athenethen athlon</i>	s/-	-
371.	fa. <i>]th?[</i>	s/-	-
372.	fa. <i>ton ath[enethen athlon</i>	s/a	-
373.	fa. <i>ton] atheneth[en athlon</i>	s/a	-
374.	fa. <i>tlon athenethen athlon</i>	s/-	-
375.	fa. <i>ton athe[nethen athlon</i>	s/a	-
376.	fa. <i>]n ath[</i>	s/-	-
377.	fa. <i>]nn[</i>	s/-	-
378.	fa. <i>]the[</i>	s/-	-
379.	fa. <i>tlon a[thenethen athlon</i>	s/a	-
384.	<i>ton athē[enthen athlon</i>	s/j	-
386.	fa. <i>ton athenethen athlon; Philokle]s erkhen</i>	s/a	s/-
389.	fa. <i>D]ieitrephe</i> s	-	s/-
390.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
391.	fa. <i>Inscrição de tipo athlon; Py[the]as er[khe]</i>	s/-	s/-
392.	fa. <i>Hippo[damas; Bakk[os epoiesen</i>	s/-	s/-
393.	fa. <i>Bakkios epoiesen; toathenen (sic)</i>	s/j	s/j
394.	fa. <i>tlon athenethen athlon; epi Aste[io] arkhontos</i>	s/a	s/a
395.	fa. <i>ton]athenethen athlon; Phrasikleides arkhon</i>	s/a	s/j
396.	fa. <i>Phra]sik[leides</i>	-	s/j
397.	fa. <i>ton athenethen athlon; Polyzelos arkhon</i>	k/a	s/j

cat.		inscr.	outras
		athlon	
398.	fa. <i>ton athenethen athlon; Polyzelos:arkhon</i>	k/a	s/j
399.	fa. <i>Kittos epoiesen; ton athenethen : athlon</i>	k/a	k/-
400.	fa. <i>ton athenethen athlon; Polyzelos arkhon</i>	s/a	s/j
405.	fa. <i>ῥon athenethen athlon</i>	s/-	-
406.	fa. <i>ῤimo[krates</i>	-	?
407.	fa. <i>Timok]rate[s</i>	-	k/j
410.	fa. <i>ton athenethen athlon; Nikodemos epoiesen</i>	k/a	k/-
411.	fa. <i>Inscrição de tipo athlon; Kharikleides erkhen</i>	s/a	s/j
412.	fa. <i>ton athenethen athlon; Kharikleides erkhen</i>	s/a	s/j
413.	fa. <i>Inscrição de tipo athlon; Kharikleides erkhen</i>	s/a	s/j
415.	fa. <i>ῥon a[th]enethen athlon</i>	k/a	-
416.	fa. <i>Kharikleid[es erkhen</i>	-	s/j
417.	fa. <i>Inscrição de tipo athlon; Kharikleides er[khen</i>	-	s/j
420.	fa. <i>ton]athen[ethen athlon</i>	k/-	-
421.	fa. <i>Inscrição de tipo athlon</i>	k/?	-
422.	fa. <i>]os epoesē[n</i>	-	?
425.	fa. <i>Kh]arikle[ide]s er[khen</i>	-	s/j
426.	fa. <i>ton]athe[nethen athlon</i>	s/a	-
435.	fa. <i>ton athenethen athlon; epi Kharikleides arkhontos</i>		
436.	fa. <i>Inscrição de tipo athlon; arkhon Kallimedes</i>	k/a	k/j
437.	fa. <i>ton athenethen athlon; arkhon Kallimedes</i>	k/a	k/j
438.	fa. <i>ton athenethen athlon</i>	s/a	-
439.	fa. <i>to[n] athenethen ath[on; Ka]llimedes arkh[on</i>	k/a	k/j
440.	fa. <i>Inscrição de tipo athlon; a[khon Kallimedes</i>	k/a	k/j
441.	fa. <i>Inscrição de tipo athlon</i>	k/a	-
443.	fa. <i>Kall]imedes a[khon</i>	-	k/j
448.	fa. <i>Aris]tode[mos</i>		
449.	fa. <i>Khar[ikle]idēs arkho[n]; ton athenethen ath]lon</i>		
451.	fa. <i>to[n] athenethen athlon; Th[eoph]ilos arkh[o]n</i>	k/?	k/j
453.	fa. <i>to[n] athenethen athlon</i>	s/a	-
455.	fa. <i>Them]stokles</i>	-	s/j
462.	fa. <i>Arkho[n Lyk]iskos</i>	-	k/j
463.	fa. <i>ῥon athenethen athlon</i>	k/a	-
464.	fa. <i>Lyk]iskos</i>	-	?
465.	fa. <i>arkho[n Lyk]iskos</i>		?
466.	fa. <i>ῥon] athenethen [athlon; Nikomakhos arkhon</i>	k/a	k/j
467.	<i>]a[khon?</i>	-	k/-
468.	fa. <i>Inscrição de tipo athlon; Theophrastos arkhon</i>	k/j	k/j
469.	fa. <i>ton athenethen athlon; Theiophrastos erkhe</i>	k/a	k/j
470.	fa. <i>Inscrição de tipo athlon; Theophrasto erkhe; fp. Olympias</i>	k/a	k/j
473.	fa. <i>ton atheneth[en a]thlon</i>	k/a	-
475.	fa. <i>ton athenethen athlon; Pythodelos arkhon</i>	k/a	k/j
476.	fa. <i>ton athenethen athlon; Pythodeloa nrkhen (sic)</i>	k/a	k/j
477.	fa. <i>Inscrição de tipo athlon; Pythode]los</i>	k/?	k/j
478.	fa. <i>ton atheneth[en athlon</i>	k/j	?
479.	fa. <i>Inscrição de tipo athlon; Py[thodelo]s</i>	k/a	k/j
480.	fa. <i>ton athe[nethen ath]lon; Pythodelos nrkh[en (sic)</i>	k/a	k/j
481.	fa. <i>Pyth]ode]los</i>	-	k/j
482.	fa. <i>a]rkho[n Pythodelos?</i>	-	k/j
484.	fa. <i>ton athenethen athlon; arkhon Nikokrates</i>	k/j	k/j
486.	fa. <i>ton athenethen athlon; Niketes arkhon</i>	k/j	k/-
487.	fa. <i>ton]athenethen athlon; A[rkho[n Ni]ketes</i>	k/j	k/-
488.	fa. <i>Euthykritos arkhon</i>	k/j	k/j

cat.		inscr.	outras
489.	fa. <i>ton athenethen athlon</i> ; Arkhon Euthy[kritos	k/j	k/j
490.	fa. <i>Hegjemon</i>	-	k/j
491.	fa. <i>ton athenethen athlon</i> ; Hegesias arkhon	k/j	k/j
492.	fa. <i>ton athenethen athlon</i> ; Hegesias arkhon	k/j	k/j
493.	fa. <i>ton athenethen athlon</i> ; Hegesias arkhon	k/j	k/j
494.	fa. <i>ton athenethen athlon</i> ; Kephisodoros arkhon	k/j	k/j
497.	fa. <i>ton</i> [athenethen athlon	k/j	-
501.	fa. <i>Kephisodor</i> [os	-	k/-
503.	fa. <i>ton athenethen athlon</i> ; Arkhippos arkhon	k/j	k/j
504.	fa. <i>ton athenethen athlon</i> ; Arkh[on Neaikhmos	k/j	k/-
505.	fa. <i>N]eaĩkhmos</i>	-	k/-
508.	fa. <i>Arkho]n Neaikho[s</i>	-	k/-
509.	fa. <i>arkho]n Neaikh[mos</i>	-	k/-
510.	fa. <i>Neaĩkhmo[s</i>	-	k/-
511.	fa. <i>Demok]leides</i>	-	k/-
512.	fa. <i>Demo[kleides</i>	-	k/-
513.	fa. <i>Demo]kleides</i>	-	k/-
514.	fa. <i>Demokleides</i>	-	k/-
515.	fa. <i>Demokle]id[es</i> ; Inscrição de tipo <i>athlon</i>	k/j	k/-
516.	fa. Inscr. Polemon não publicada	-	k/-
517.	fa. <i>Pol]emon</i>	-	k/-
518.	fa. <i>Arkho]n Polemon</i>	-	k/-
519.	fa. <i>]arkhon</i>	-	k/j
520.	fa. <i>a[rkhon</i>	-	k/-
521.	fa. <i>]n ath[</i>	s/-	-
522.	fa. <i>]arkhonto[</i>	-	k/-
523.	fa. <i>ƒon athe[nethē]n athlon</i>	k/a	-
531.	fa. <i>ton ath]eneth[e]n athl[on</i>	k/j	-
535.	fa. <i>to[n athenethen athlon</i>	s/-	-
540.	fa. <i>ƒon [athenethen athlon</i>	k/j	-
542.	fa. Inscrição de tipo <i>athlon</i> não publicada	k/-	-
634.	fa. <i>ton]athe[nethen athlon</i>	k/a	-
636.	fa. <i>ƒon athenethen athlon</i>	k/?	-
643.	fa. ? <i>to]n athe[nethen athlon</i>	k/j	-
644.	fa. <i>ƒon athe[nethen athlon</i>	s/-	-
645.	fa. <i>ton athene]then ath[lon</i>	s/-	-
646.	fa. ...]es e[rkhen?	-	s/-
647.	fa. <i>to]n athe[nethen athlon</i>	s/-	-
648.	fa. <i>]n a[</i>	s/-	-
649.	fa. <i>]the[</i>	s/j	-
650.	fa. <i>]s[; ton ath]ene[then athlon</i>	s/j	s/-
651.	fa. <i>ton athe]nethen athlon</i>	s/a	-
652.	fa. <i>epoie]se[n?</i>	-	s/j
653.	fa. <i>ton athenethen ath]lon</i>	s/j	-
654.	fa. <i>to]n ath[enethen athlon</i>	s/-	-
655.	fa. <i>]en[</i>	s/-	-
656.	fa. <i>ton athen[ethen athlon</i>	s/-	-
657.	fa. <i>ton atheneth]en athlon</i>	s/a	-
658.	fa. <i>ton athen]ethen [athlon</i>	s/-	-
659.	fa. <i>ton athenethe]n athlo[n</i>	s/a	-
660.	fa. <i>ƒon athen[ethen athlon</i>	s/j	-
661.	fa. <i>ton] athenethen [athlon</i>	s/j	-
662.	fa. <i>ton a]thene[then athlon</i>	s/a	-

cat.		inscr.	
		athlon	outras
663.	fa. <i>ton athe]nethe[n athlon</i>	k/a	-
664.	fa. <i>ton athen]ethe[n athlon</i>	k/a	-
665.	fa. <i>]en[</i>	k/a	-
666.	fa. <i>ton [athenethen athlon</i>	k/a	-
667.	fa. <i>ton athen]eth[en athlon</i>	k/a	-
668.	fa. <i>ton athenethen a]thlon</i>	k/a	-
669.	fa. <i>to]n athen[ethen athlon</i>	k/a	-
670.	fa. <i>ton] athenethen [athlon</i>	k/a	-
671.	fa. <i>ton athenethen] athlon</i>	k/a	-
672.	fa. <i>]ath[;]erkhe</i>	k/-	k/-
673.	fa. <i>]erkhe[</i>	-	k/-
674.	fa. <i>]n</i>	k/-?	
675.	fa. <i>...]s arkh[on</i>	-	k/-
676.	fa. <i>]arkhon</i>	-	k/-
677.	fa. <i>arkho[n</i>	-	k/-
678.	fa. <i>a]rkhon</i>	-	k/-
679.	fa. <i>]o<u>s</u> arkho<u>n</u></i>	-	k/-
680.	fa. <i>a]r<u>k</u>hon?</i>	-	k/-
681.	fa. <i>Arkh[i]ppos arkhon</i>	-	k/-
682.	fa. <i>a]r[khon?</i>	-	k/-
683.	fa. <i>a]r[khon</i>	-	k/-
684.	fa. <i>]a]rkhon?</i>	-	k/-
685.	fa. <i>ʃ[o]n athe[nethen athlon</i>	k/j	-
686.	fa. <i>ton atheneth]en athlon</i>	k/j	-
687.	fa. <i>ton a]thene[then athlon</i>	k/j	-
688.	fa. <i>]a[]on</i>	k/j	-
689.	fa. <i>ʃon ath[enethen athlon</i>	k/j	-
690.	fa. <i>]n a[</i>	k/-	-
691.	fa. <i>ton athen]ethen ath[lon</i>	k/j	-
692.	fa. <i>]n ath[</i>	k/-	-
693.	fa. <i>ton atheneth]en ath[lon</i>	k/-	-
694.	fa. <i>Inscrição de tipo athlon</i>	k/j	-
695.	fa. <i>ton] athenethen [athlon</i>	k?/j	-
696.	fa. <i>ʃon ath[enethen athlon</i>	k/j	-
697.	fa. <i>ton] athenethen[then athlon</i>	k/j	-
698.	fa. <i>ton athenethen] athlon</i>	k/j	-
699.	fa. <i>ton a[thenethen athlon</i>	k/j	-
700.	fa. <i>]the[</i>	k?/j	-
702.	fa. <i>ton athenethen a]thlon</i>	k/j	-
703.	fa. <i>ton ath]enethe[n athlon</i>	k/j	-
704.	fa. <i>ton athenethen] athlon</i>	k/j	-
705.	fa. <i>ton athenethe]n athlon</i>	k/j	-
706.	fa. <i>ʃon athe[nethen athlon</i>	k/j	-
709.	fa. <i>ʃon [athenethen a]th[lon?</i>	k/-	-
710.	fa. <i>]ath[</i>	k/-	-
711.	fa. <i>]then[</i>	k/-	-
846.	fa. <i>tam]ieuntos Eurykleidou</i>	-	k/j
847.	fa. <i>tam]euontos ...]onos</i>	-	s/j
853.	fa. <i>Pol]ykrit[ou?; Na]ukrit[ou?</i>	-	k/-
854.	fa. <i>? ton [athenethen athlon</i>	k/j	-
855.	fa. <i>ʃon [athenethen athlon?</i>	k/j	-
856.	fa. <i>agon]otheto[untos</i>	-	k/-
858.	fa. <i>a]gōnoth[etountos</i>	-	k/j

cat.		inscr. athlon	outras
863.	fp. <i>ton ath[enethen athlon</i>	k/j	-
867.	fp. <i>agon[othe]ount[os; M[lti]ado]u</i>	-	k/-
868.	fa. <i>ton a]thene[then athlon</i>	k/j	-
870.	fp. <i>ton athene[th]en athlon; ago]nothe[ount]us Adeimantou</i>	k/j	k/j
871.	fp. <i>agonothe]ount[os; fp.? ton [athenethen athlon</i>	k/j	k/-
876.	fa. <i>ag]onoth[etountos?</i>	-	k/j
880.	fb. <i>ton athenethen[athlon; agonothetountos ba[; Ariaratou philopa[]us</i>	k/j	k/j
882.	<i>ton athene[then athlon</i>	k/j	-
883.	<i>ton athenethen athlon</i>	k/j	-
890.	fa. <i>agonothetount[os</i>	-	k/j
898.	<i>ton athenethen ath]on</i>	k/j	-
900.	fa.? <i>ton athenethen ath]on</i>	k/j	-
909.	fa. <i>agonothetount[os;]amph[</i>	-	k/-
916.	fa.? fp.? <i>]th[</i>	k/-	-
932.	fa.? <i>ton athene]then ath]on</i>	k/-	-
935.	<i>agono]thetout[os</i>	-	k/-
937.	fa. <i>agonothetountos Sararap[ion</i>	-	k/-

Lista 2. Objetos excluídos

Aqui, uma lista de objetos excluídos tendo o catálogo de Bentz (1998) como referência.

Desaparecido [antes, em Nápoles – mercado de arte]	Akr. 915 Akr. 916 Akr. 920 Akr. 917 Akr. 918 Akr. 919 Akr. 925 Akr. 912 Akr. 924 Akr. 928 Akr. 929 Akr. 931 Akr. 1053 Akr. 1051 Akr. 922 Akr. 1042 Akr. 1045 Akr. 1049-1050 Akr. 1048 Akr. 1027 Akr. 953 Akr. 978 Akr. 977 Akr. 987 Akr. 981 Akr. 1001 Akr. 1014 s. inv. Akr. 992 Akr. 995 Akr. 996 Akr. 1019 Akr. 1033 Akr. 1083 Akr. 1056 Akr. 1046 Akr. 1061	Sb 414.2 s.inv. Sb 416.13 Sb 116.6 Sb 26.4
Aiane? s. inv.		
Amsterdã 2105-2106-2160		Corinto C-37-2300 T 1004 CP-993, 1666
Atenas, Acrópole s. inv.		Delfos s. inv.
Atenas, Ágora P 2071+P 4340 P 9529 a-c P 13249 P 13847 P 24781 P 27080 P 13338 P 20236 a-b P 3083 P 3858 P 27081 P 27074 P 19482 P 4815 P 18628 P 7218 P 13846 P 24699a P 5103 P 4578 P 26073 P 32312 s. inv. P 4303 P 27427 P 13766		Dunedin E 48.375
		Esparta s. inv. s. inv. s. inv. s. inv. s. inv. s. inv.
Atenas, Cerâmico PA 600 Atenas, PA 701? PA 563 PA 50 PA 310 PA 753	Basiléia H. A. C. HC 980 HC 979	Florença 94832 94772 94793 94783 94771 94768-94823 94778 94779 94856 94831 94788 94786 94770 94820 94824 94835 94852 94853 94854 95855 94776 94792 94794 94795 94807
Atenas, M. N. Akr. 926 Akr. 913	Bolonha PU 198 [B] Chicago 1967.115.263 1967.115.261 Cirene 81-14 Sb 416.4 Sb 416.6	

94817

Heidelberg

S 71

S 88

S 98

Bucareste

V 9113

MIRSR 16788a

Malibu

81.AE.203.A

81.AE.203.6.2

Nir David

72-5456,572

72-5455,571

Oxford

1929.358 [1-2]

1952.549

1956.46b

1956.44c

Paris, Louvre

CA 7428 [F 276]

CA 7430 [F 276]

Samos

B 1

B 3

B 2

B 32

B 31

B 33

B 29

B 30

A 4

A 2

A 1

A 12

A 8

A 10

A 6

A 3

A 5

A 15

A 7

A 9

A 11

B 24

B 26

B 25

B 21

A 19

A 17

A 16

A 18

B 27

K 7501

B 11

K 7500 [B 13]

B 10

A 13

A 20

K 3873

B 8

B 6

B 34

B 35

K 656

K 7499

K 7502

Siracusa

43458

s. inv.

s. inv.

Tarento

12216

16599

Tasos

1146 π

Tübingen

S./101648b

Lista 3. Objetos incluídos

Aqui, uma lista dos objetos por publicação (entre colchetes, aqueles já publicados em BENTZ, 1998):

1) BCH 13 (1989), p. 747:

Delos

88.211.7. (cat. 643)

2) BENTZ & ESCHBACH, 2001, apêndice 4:

Aiani, Archäologisches Museum

11123 (cat. 81)

11124 (cat. 84)

Atenas, Museu da Ágora

P 25485 (cat. 879)

P 25539 (cat. 873)

P 25540 (cat. 872)

Atenas, Museu do Cerâmico

PA 101 (cat. 881)

PA 342 (Sarapion) (cat. 937)

PA 777-[PA 734] (cat. 244)

Atenas, T.E.

A 1918 (Adeimantos) (cat. 870)

A 9659 (cat. 882)

A 9661-9662 (cat. 883)

A 9661c (cat. 885)

A 10317 (cat. 906)

Atenas, Museu Arqueológico Nacional

2468 (cat. 26)

A 17934 (Ariarathes) (cat. 880)

Balagrai, Aniquarium

2279 (cat. 435)

Berlim, Staatliche Museen

4950 (cat. 862)

Cambridge, Harvard University, Fogg Art Museum

1925.30.124A (cat. 470)

Florença, Museu Arqueológico Nacional

94847-[94768-94823] (cat. 342)

94849-[94845] (cat. 342)

94829-[94770-94831-94842] (cat. 340)

94881 (cat. 135)

Míconos, Museu Arqueológico

Míconos 1 (cat. 910)

Míconos 2 (cat. 911)

Míconos 3 (cat. 912)

Paris, Museu do Louvre

F 274 (cat. 59)

Pela, Museu Arqueológico

95/19 (cat. 842)

95/20 (cat. 842)

95/21+95/22 (cat. 842)

Samos, Museu Arqueológico

K 3637.4171.[3605] (cat. 467)

K 7368.7370-3. 7375.[7334] (cat. 358)

K 7505-10.7511-2 (cat. 467)

Shahat, Reserva Arqueológica

s. inv. (cat. 707)

s. inv. (cat. 708)

s. inv. (cat. 843)

317/31 (cat. 256)

717 (cat. 449)

2667+2693 (cat. 924)

2690 (cat. 450)

Tessalônica, Museu Arqueológico

18151 (cat. 525)

Würzburg, Martin Von Wagner Museum

4077 (cat. 907)

3) ESCHBACH, 2007:

Museu do Cerâmico

PA 637+643+[647+645A] (cat. 681)

PA 457K+[656] (cat. 528)

PA 636 A+[657] (cat. 531)

4) FREL, 1973

Atenas, Cerâmico/TE

PA 345 (cat. 848)

PA 342 (cat. 937)

PA 36A (cat. 938)

PA 101 (cat. 881)

PA 342 (cat. 937)

PA 36A (cat. 938)

5) MAFFRE, 2001

Cirene/Shahat

2667, 2693 (cat. 924)

6) METAXA-PROKOPIOU, 1970

Atenas, Cerâmico/T.E.

s. inv. (cat. 916)
KEP 515 (cat. 917)
KEP 68 (cat. 918)
KEP 435 (cat. 919)
KEP 70-448 (cat. 920)
KEP 33 (cat. 921)
KEP 312 (cat. 922)
P 8865 (cat. 923)

7) PANVINI, 2004, p. 215-8:

Gela

Sop. BL 181 (cat. 53)
Sop. BL 183 (cat. 142).

8) PITT, 2010, p. 3

Atenas, Ágora

s. Inv. (cat. 389)

9) TSOUKLIDOU, 2001

Atenas, T. E.

A 1918 (cat. 870)
PA 101 (cat. 881)
A 9659 (cat. 882)
A 9661 α (cat. 883)
A 9661 β (cat. 884)
A 9661 γ (cat. 885)
A 9662 α (cat. 886)
A 9662 γ (cat. 888)
A 9662 ϵ (cat. 889)
A 9662 δ (cat. 890)
A 9662 η (cat. 895)
A 9662 $\sigma\tau$ (cat. 897)
A 9662 τ (cat. 898)
A 9662 π (cat. 900)
A 9662 p (cat. 901)
A 9662 i (cat. 904)
A 10317 (cat. 906)

Würzburg

4077 (cat. 907)

10) WILLIAMNS, 2007:

London, British Museum

GR 2002.4-20.1+[Atenas, M. N. - Benaki B, C, E e F] (cat. 867)

11) *site Agathe*

Atenas, Ágora

s. inv. (cat. 384)
s. inv. (cat. 385)

12) *site McMicken College of Arts and Sciences*

Tróia

z08)0422:2+z08)0461:3 (cat. 844)

13) Indéditos

Paris, B. N.

Froehner 1596 (cat. 86)
Froehner 1595 (cat. 85)
Froehner 1604 (cat. 548)

14) Ânforas “pseudo-panatenaicas” reavaliadas

Atenas, M. N. 19312 (cat. 29)
Basiléia (comércio de arte) (cat. 10)
Berlim F 1831 (cat. 51)
Boston 01.8127 (cat. 30)
Bruxelas A 13b (cat. 52)
Bruxelas R 229 (cat. 147)
Heidelberg 73.3 (cat. 32)
Liverpool 56.19.23 (cat. 33)
Liverpool 56.19.29 (cat. 83)
Londres B 135 (cat. 82)
Londres B 144 (cat. 34)
Mainz 74 (cat. 148)
Napoles 112852 (cat. 63)
Oxford 1965117 (cat. 35)
Louvre Eleonte 84 (cat. 149)
Roma, Vaticano 16929 (377) (cat. 64)
Roma, Vila Giulia 74957 (cat. 31)
Toronto 915.24 (cat. 62)

Lista 4. Grupos de fragmentos e fragmentos isolados reavaliados

1. cat. 467 - Samos

- a) K 3605+K 3637+K 4171+K 7505+K 7506+K 7507+K 7508+K 7509+K 7510+K 7511+K 7512 (KREUZER, 2001, p. 22, n. 35-6: 340/30 a.C.)
- b) K 3605 (BENTZ, 1998, nº 4.382: séc. IV a.C.)

2. cat. 358 - Samos

- a) K 7334+K 7368+K 7370+K 7371+K 7372+K 7373+K 7375 (KREUZER, 2001, p. xx: Pintor de Berlim, 480-460 a.C.)
- b) K 7334 (BENTZ, 1998, nº 5.348: séc. V a.C.)

3. cat. 135 - Florença

- a) 94779+94840+94768 C+94884+94768 E+94820+94881+94843 (VENUTI, 2001, p. 70, nº 4)
- b) 94779 (BENTZ, 1998, nº 5.039: Pintor de Cleofrades (prox.), 500-480 a.C.)
- c) 94820 (BENTZ, 1998, nº 5.107: 500-450 a.C.)
- d) 94843 (BENTZ, 1998, nº 5.330: 500-400 a.C.)

4. não incluído - Florença

- a) 94778 A+94778 B+94824 (VENUTI, 2001, p. 69, nº 3)
- b) 94778 A+94778 B (BENTZ, 1998, nº 5.038: Pintor de Cleofrades (prox.), 500-480 a.C.)
- c) 94824 (BENTZ, 1998, nº 108: 500-450)

5. cat. 342 - Florença

- a) 94768 A+94768 B+94768 D+94823+94845+94847+94849+94897+94856+94859 A+94859 B (VENUTI, 2001, p. 69, nº 1)
- b) 94768 A+94768 B+94768 D+94823 (BENTZ, 1998, nº 5.034: Pintor de Cleofrades (prox.), 500-480 a.C.)
- c) Florença 94845 (BENTZ, 1998, nº 5.332: 500-400 a.C.)
- d) 94847 (BENTZ, 2001, nº 201)
- e) 94856 (BENTZ, 1998, nº 5.040: Pintor de Cleofrades (circ.), 500-480 a.C.)

6. cat. 340 - Florença

- a) 94770 A+94770 B+94770 C+94770 D+94829+94833+94829+94831+949895+94908+94842 (VENUTI, 2001, p. 69, nº 2)
- b) 94770 A+94770 B+94770 C+94770 D (BENTZ, 1998, nº 5.106: 500-450 a.C.)
- c) 94831 (BENTZ, 1998, nº 5.042: Pintor de Cleofrades (circ.), 500-480 a.C.)
- d) 94842 (BENTZ, 1998, nº 5.329: 500-400)

7. não incluído - Florença

- a) 94788? (BENTZ, 1998, nº 5.043: Pintor de Cleofrades (prox.), 500-480 a.C.)
- b) 94788? (BENTZ, 2001, nº 185)

8. não incluído - Florença

- a) 94777 A+94777 B+94777 C (VENUTI, 2001, p. 71, nº 9)
- b) 94777 A+94777 B+94777 C (BENTZ, 2001, nº 181: 500-480)

9. não incluído - Florença

- a) 94791 (VENUTI, 2001, p. 71, nº 7)
- b) 94791 (BENTZ, 2001, nº 188)

10. cat. 868 - Atenas, M. N.

- a) Benaki B+Benaki C+Benaki E+Benaki F+Londres GR 2002.4-20.1 (WILLIAMS, 2007, p. 150-1: Pintor de Adeimantos, meados do séc. II a.C.)

11. cat. 227 - Atenas, M. N.

- a) Akr. 1024 (BENTZ, 1998, nº 5.217: 450-410 a.C.)
- b) Akr. 1024 (BENTZ, 2001, nº 101: 500-475)

12. cat. 293 - Atenas, M. N.

- a) Akr.1105 (BENTZ, 1998, nº 5.282: Grupo de Kuban (circ.), 410-390 a.C.)
- b) Akr. 1105 (BENTZ, 2001, nº 144: 500-475 a.C.)

13. cat. 678 - Atenas, Cerâmico

- a) PA 647+PA 637+PA 645 A+PA 643 (ESCHBACH, 2007, p. 91-3: 321/0)
- b) PA 647 (BENTZ, 1998, nº 4.138: séc. IV a.C.)
- c) PA 645 A (BENTZ, 1998, nº 4.291: 340-310 a.C.)

14. cat. 523 - Atenas, Cerâmico

- a) PA 648+PA 633 (ESCHBACH, 2007, p. 93-5: segunda metade do séc. IV a.C.)
- b) PA 648 (BENTZ, 1998, nº 4.137: séc. IV a.C.)
- c) PA 633 (BENTZ, 1998, nº 4.379: séc. IV a.C.)

15. cat. 525 - Atenas, Cerâmico

- a) PA 656+PA 657 K ESCHBACH, 2007, p. 95-7: 320/19)
- b) PA 656 (BENTZ, 1998, nº 4.140: séc. IV)

16. cat. 528 - Atenas, Cerâmico

- a) PA 657+PA 636 A (ESCHBACH, 2007, p. 97-100: segunda metade do séc. IV a.C.)

b) PA 657 (BENTZ, 1998, nº 4.143: séc. IV a.C.)

17. cat. 737 - Atenas, Cerâmico

a) PA 1? (BENTZ, 1998, nº 4.349: Pintor de Labraunda, séc. IV a.C.)

b) PA 1? (BENTZ, 2001, nº 21: 510-500)

18. cat. 759 - Atenas, Ágora

a) P 497 (BENTZ, 1998, nº 5.291: Grupo de Kuban (circ.), 410-390 a.C.)

b) P 497 (BENTZ, 2001, nº 3: 500 a.C.)

Lista 5. Figuras entre colunas (exceto vasos panatenaicos e de tipo panatenaico)

1. San Antonio 86.134.40
 cron.: 550-540
 aut.: E, G.
 fig.: Heracles e Leão de Nemea; Citaredo
 col. tipo: jônico, dórico; jônico
 col. fig.: Esfinges; galos
 tipo vaso: ânfora com perfil contínuo
 bibl.: SHAPIRO, PÍCON & SCOTT, 1995, p. 86-9
2. Tarento
 cron.: 550-540
 fig.: guerreiros em luta
 col. tipo: dórico
 col. fig.: galos
 tipo vaso: ânfora com perfil contínuo
 bibl.: CVA Itália 18, Tarento II, pr. 867, 3-4
3. Atenas, Kanellopoulos 842
 cron.: 540-530
 aut.: Balanço, P.
 fig.: lutares (dentro), juizes (fora)
 col. fig.: coruja?
 tipo vaso: ânfora com perfil contínuo
 bibl.: BÖHR, 1982, cat. 17
4. Louvre F 226
 cron.: 540-530
 aut.: Balanço, P.
 fig.: Leto carregando Apolo e Ártemis
 col. tipo: dórico
 col. fig.: corujas
 tipo vaso: ânfora com pescoço
 bibl.: BÖHR, 1982, cat. 99
5. Göttingen Gr. 141
 cron.: 540-530
 aut.: Balanço, P.
 fig.: guerreiro
 col. tipo: dórico
 col. fig.: galos
 tipo vaso: ânfora com pescoço
 bibl.: BÖHR, 1982, cat. 105
6. Edinburgh 1887.44.27
 cron.: 540-530
 fig.: Menelau?, Helena? e guerreiro (apenas uma coluna)
 col. tipo: dórico
 col. fig.: galos
 tipo vaso: ânfora com pescoço
 bibl.: CVA Inglaterra 16, Edinburgh, pr. 8, 1-2; 9, 1-2
7. Amsterdã 3484
 cron.: 540-530
 aut.: FP, Cl.
 fig.: Atena *Promachos* (←), 2 faces
 col. tipo: capitel indef. (apenas uma coluna em cada face)
 col. fig.: galo
 tipo vaso: taça (A)
 bibl.: CVA Holanda 8, Amsterdã II, pr. 123, 1-2; 124, 1-4
8. Christie's s. inv. (venda 9448, lote 43 em 2000)
 cron.: c. 530
 aut.: Toronto 305, G.
 fig.: Dioniso e Menade; Guerreiro, homem com manto, cão
 col. tipo: jônico
 col. fig.: galos
 tipo vaso: ânfora com perfil contínuo
 bibl.: *site Christie's* 4; *ABV*, 282-283
9. Londres B 260
 cron.: 575-525
 fig.: citaredo
 col. tipo: dórico
 col. fig.: Esfinges
 tipo vaso: ânfora com pescoço
 bibl.: CVA Inglaterra, Londres IV, III H e, pr. 64, 1 a-c
10. Napoles 86362
 cron.: 530-520
 aut.: Eufileto, P.
 fig.: Dioniso e Ariadne Sátiro e Mênade
 col. tipo: dórico
 col. fig.: galos
 tipo vaso: ânfora com pescoço
 bibl.: CVA Itália 69, Napoles VI, pr. 3116
11. Leiden PC 9
 cron.: 520-510
 aut.: Hera-ponto, G.
 fig.: Atena *Promachos* (←), ramos de hera
 col. tipo: dórico (com base)
 col. fig.: galos
 tipo vaso: ânfora com perfil contínuo
 bibl.: CVA Holanda 3, Leiden I, pr. 119, 1-2
12. Marselha s. inv.
 cron.: c. 520
 aut.: Toronto, G.
 fig.: Dioniso e Mênade com pantera; Partida do guerreiro
 col. tipo: jônico
 col. fig.: galos
 tipo vaso: ânfora com perfil contínuo
 bibl.: *De Gyptis à Jules Cesar ou Marseille cite grecque*, nº 66, fig. p. 48

13. Londres B 198
cron.: c. 510
aut.: Toronto 305, G.
fig.: Atena, Heracles e cervo; Dioniso e Ariadne
col. tipo: jônico; jônico e dórico
col. fig.: galos
tipo vaso: ânfora com perfil contínuo
bibl.: CVA Inglaterra 4, Londres III, pr. 39, 1

14. Montpellier, Musée Fabre 825.1.357
cron.: c. 510
fig.: Dioniso entre dois Sátiros
col. tipo: dórico
col. fig.: corujas
tipo vaso: ânfora com pescoço
bibl.: LANDES, 1984, p. 28, nº 1, p. 42, fig. 1a-b.

15. Toronto 919x25.2
cron.: séc. VI, final
fig.: citaredo, 2 faces
col. tipo: dórico
col. fig.: galos
tipo vaso: ânfora com pescoço
bibl.: CVA Canada 1, Toronto 1, pr. 15, 1-2; 16, 1-2

16. Toronto 923.13.30
cron.: séc. VI, final
aut.: Toronto 315, Cl.
fig.: Atena e Gigante
col. tipo: dórico
col. fig.: sem figura
tipo vaso: ânfora com pescoço
bibl.: CVA Canada 1, Toronto 1, pr. 19, 3-4; 20, 3-4

17. Paris, B. N. 245
cron.: 550-500
aut.: Munique 1410, P. (prox.)
fig.: Atena e Gigante
col. tipo: dórico
col. fig.: galos
tipo vaso: ânfora com pescoço
bibl.: BÖHR, 1982, cat. M 2

18. Londres B 190
cron.: 550-500?
fig.: Heracles com tripode; Apolo
col. tipo: dórico
col. fig.: galos
tipo vaso: pelike
bibl.: CVA Inglaterra 4, Londres III, pr. 44, 4

19. Depoletti, Col.
cron.: séc. VI
fig.: Heracles, Hermes e altar
col. tipo: dórico
col. fig.: coruja e galo

tipo vaso: ânfora com perfil contínuo
bibl.:

20. Londres F 146
cron.: Séc. VI
fig.: Atena *Promachos* (←)
col. tipo: dórico
col. fig.: galos
tipo vaso: ânfora com pescoço
bibl.: CVA Inglaterra 1, Londres I, III H e, pr. 6, 3a-b

21. Londres F 145
cron.: Séc. VI
fig.: Atena *Promachos* (←)
col. tipo: dórico
col. fig.: galos
tipo vaso: ânfora com pescoço
bibl.: CVA Inglaterra 1, Londres I, III H e, pr. 5, 1a-b

22. Malibu 86.AE.129
cron.: 500-490
aut.: Hera-ponto, G.
fig.: Atena *Promachos* (→), coruja sobre espiral
col. tipo: dórico
col. fig.: galos
tipo vaso: olpe
bibl.: CVA EUA 25, Malibu II, pr. 63, 2; 66, 5-7

23. Würzburg L 222
cron.: 500-480
aut.: Cleofrades, P.
fig.: citaredo
col. tipo: dórico
col. fig.: galos
tipo vaso: ânfora com pescoço
bibl.: KUNZE-GÖTTE, 1992, cat. I 21

24. Altenburg 192
cron.: 500-480
aut.: Atalante, P. (of.)
fig.: Atena *Promachos* (←), 2 faces
col. tipo: jônico
col. fig.: galos
tipo vaso: ânfora com pescoço
bibl.: KUNZE-GÖTTE, 1992, cat. IV 27

25. Paris, Louvre F 284 bis
cron.: 500-480
aut.: Munique 1501, G.
fig.: Atena *Promachos* (←), 2 faces
col. tipo: dórico
col. fig.: galos
tipo vaso: ânfora com pescoço
bibl.: KUNZE-GÖTTE, 1992, cat. II 5

26. Roma, Vaticano G 23

cron.: 500-480
aut.: Munique 1512, G.
fig.: Atena *Promachos* (←), 2 faces
col. tipo: dórico
col. fig.: galos
tipo vaso: ânfora com pescoço
bibl.: KUNZE-GÖTTE, 1992, cat. III 8

bibl.: CVA Alemanha Oriental 2, Leipzig II, pr.
17

27. Nápoles 81107
cron.: 500-480
aut.: Munique 1512 e 1501, G.
fig.: Atena *Promachos* (←), 2 faces
col. tipo: dórico
col. fig.: galos
tipo vaso: ânfora com pescoço
bibl.: KUNZE-GÖTTE, 1992, cat. I 11

28. Bolonha 9
cron.: 500-480
aut.: Munique 1512, G.
fig.: citaredo
col. tipo: dórico
col. fig.: galos
tipo vaso: ânfora com pescoço
bibl.: KUNZE-GÖTTE, 1992, cat. III 5

29. Fiesole
cron.: 500-480
aut.: Eucarides, P.?
fig.: Atena *Promachos* (←) e cervo
col. tipo: dórico
col. fig.: galos
tipo vaso: hídria (kalpis)
bibl.: CVA Itália 57, Fiesole I, pr. 2538

30. Berlim F 1873
cron.: c. 480
fig.: Atena *Promachos* (←) e cisne
col. tipo: dórico
lebes (dinoi)
tipo vaso: ânfora com pescoço
bibl.: CVA Alemanha 45, Berlim V, pr. 38

31. Viena 3607
cron.: 500-475
aut.: Diosphos, P. (of.)
fig.: citaredo
col. tipo: dórico
col. fig.: galos
tipo vaso: ânfora com pescoço
bibl.: KOTSIDU, 1991, cat. V 18

32. Leipzig 4241
cron.: séc. V, início
aut.: Vatiacano G 23, G.
fig.: Atena *Promachos* (←), 2 faces (Esfinge
numa lateral)
col. tipo: dórico
col. fig.: galo
tipo vaso: ânfora com pescoço

Lista 6. Ânforas panatenaicas de fundo branco

1. Atenas, Ágora - P 18793
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. III
dim.: alt. 11,3; diam. 22,5 [tampa]
bibl.: EDWARDS, 1957, cat. 40
2. Atenas, Ágora - P 8522
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. II, primeira metade
dim.: alt. 76 (r); dbj. 39; dbc. 26
col.: coríntio? pergaminano?
dir. Atena: →
prova: ágon musical (citaredo)
inscr.: fa. *tamieuontos*;]*n*
bibl.: EDWARDS, 1957, cat. 41
3. Atenas, Ágora - P 1447bis
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. II, primeira metade
dim.: dbc. 24,5 [boca]
bibl.: EDWARDS, 1957, cat. 42
4. Atenas, Ágora - P 21111
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. II, primeira metade
dim.: fr. alt. 11; dbc. c. 28,4 [boca]
bibl.: EDWARDS, 1957, cat. 43
5. Atenas, Ágora - P 1447
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. II, primeira metade
dim.: fr. 18 [pescoço]
dir. Atena: →
bibl.: EDWARDS, 1957, cat. 44
6. Atenas, Ágora - P 8524
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. III-I
dim.: fr. 8 [pescoço]
bibl.: EDWARDS, 1957, cat. 45
7. Atenas, Ágora - P 20153
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. III-I
dim.: fr. 13 [pescoço]
dir. Atena: →
bibl.: EDWARDS, 1957, cat. 46
8. Atenas, Ágora - P 12041
l.a.: Atenas, Ágora
cron.: séc. III-I
dim.: fr. 7 [ombro]
inscr.: prova musical (musicista)?
bibl.: EDWARDS, 1957, cat. 47
9. Atenas, T. E. - A 16500 (α-γ)
l.a.: Atenas,
cron.: séc. I
col.: Atena Promakhos
dir. Atena: →
prova: concurso musical (citaredo)
bibl.: TSOUKLIDOU 2007, p. 111-2, fig. 2-4; 6-8
10. Atenas, T. E. - A 16501 (α-δ)
l.a.: Atenas
cron.: séc. I
dim.: 4 frs. [bojo]
bibl.: TSOUKLIDOU 2007, p. 112, fig. 5
11. Atenas, T. E. - A 6103
l.a.: Atenas
cron.: séc. II, meados
col.: dórico, escudo
dir. Atena: →
bibl.: TSOUKLIDOU 2003 e 2007, p. 113, fig. 9

Lista 7. Artesãos de ânforas panatenaicas e relacionados

	AP	APFN	MP	APFV		AP	APFN	MP	APFV
Adeimantos, P.	x				Lisipides, P.	x		x	
Anjo Voando, P.				x	Londres B 495, P.		x		
Antimenes, P.	x	x	x		Londres E 311, G.				x
Aqueloos, P.				x	Mársias, P.	x			
Aquiles, P.	x			x	Masto, P.	x			
AP de Samos, P.	x?				Michigan, P.	x	x		
AP de Varsóvia, P.	x				Mison				x
Aristófanis (Hildesheim, G.)	x				Mnesiades	x			
Asteio, G.	x				Munique 1410, P.			x	
Atalante, P.			x		Munique 1501, G.			x	
Atalante de Munique, P.	x	x			Munique 1512, G.			x	
Atenas 12592, P.	x				Munique 1519, P.			x	
Balanço, P.	x	x	x		Nápoles, P.				x
Báquio	x				Nápoles 3235, G.				x
Berlim, P.	x	x	x	x	Nausicaa, P.				x
Berlim 1686, P.		x			Nícias	x			
Berlim 1833, P.	x				Nicógeno, P.		x		x
Bolonha 441, P.	x				Nicômaco, S.	x			
Boareas, P.				x	Nióbide, P.				x
Boston C. A., P.	x				Olho-Sirene, G.		x		
Briseida, P.				x	Olpe de Nicósia, P.			x	
Burgon, G.	x	x			Oltos			x	
C, P.			x		Oxford 218 B, P.		x		
Calicles, P.	x				Palermo 1108, P.				x
Caricleides, G.	x				Pan, P.				x
Cito, G.	x				Paseas			x	
Cito	x				Pitocles, P.				x
Cleofonte, P.	x			x	Polignoto, G.				x
Cleofrades, P.	x	x	x	x	Pourtalès, P.	x			
Compiègne 985, G.	x				Princeton, P.		x	x	
Congresso de Giessen, P.	x				Providence, P.				x
Copenhague 99, G.	x	x			Robinson, G.	x			
Cortejo de Casamento, P.	x				S, P.			x	
Coruja de Havana, P.	x				Safo, P.			x	
Diosfos, P.			x		Sícilo	x			
Docimasia, P.				x	Sileu, P.				x
E, G.	x	x	x		Sirene, P.				x
Edimburgo, P.			x		Siríaco, G.				x
Egisto, P.	x			x	Siríaco, P.				x
Exéquias	x		x		Stamnoi de Florença, P.				x
Eucarides, P.	x	x	x	x	Talos, P.				x
Eufileto, P.	x	x	x		Toronto, G.			x	
Eufrônio	x				Toronto 305, G.			x	
FP, Cl.			x		Toronto 315, Cl.			x	
Harrow, P.				x	Triptolemo, P.				x
Hera em Ponto, G.			x		Troilo, P.				x
Hobble, G.	x				Tyszkiewicz, P.				x
Honolulu, Cl.			x		Vaticano 347, G.		x		
Kuban, G.	x				Vaticano G 23, G.		x	x	
Labranda, P.	x				Villa Giulia M 482, P.				x
Leagros, G.	x	x	x		Würzburg 173, P.	x	x		
Lido	x								

Lista 8. /G II² 2311: tradução e comentário epigráfico

A tradução para o português é proposta a partir do original em grego e nas propostas e comentários de Shear (2001, p. 389-98, 1056-9, 1162-6), que fornece a tradução e comentário epigráfico mais completos da inscrição (além de duas possibilidades de reconstituição) do texto da *IG II² 2311*.

Fragmento A (EM 8092)

[illegible]

Fragmento B (EM 8070)

...		... Ânforas de óleo de oliva	
...	Dolichos: para menino vencedor	...	Para o segundo
...	Ânforas de óleo de oliva	[25]	Para a dupla de potros
...	Stadion: para o menino vencedor	40	Ânforas de óleo de oliva [65]
...	Para o segundo	8	Para o segundo
50	Ânforas de óleo de oliva		Para a dupla de cavalos
10	Para o segundo	140	Ânforas de óleo de oliva
	Pentatlo: para o menino vencedor	[30]	40 Para o segundo [70]
30	Ânforas de óleo de oliva		Para os guerreiros
6	Para o segundo		Para o vencedor da corrida de cava-
			los
	Para o menino vencedor da luta	16	Ânforas de óleo de oliva
30	Ânforas de óleo de oliva	4	Para o segundo
6	Para o segundo	[35]	Para o vencedor da dupla de cava-
			los
	Para o menino vencedor do boxe	30	Ânforas de óleo de oliva [75]
30	Ânforas de óleo de oliva	6	Para o segundo
6	Para o segundo		Para o vencedor da dupla de cava-
			los
	Pancrácio: para o menino vence-	4	Ânforas de óleo de oliva
	dor		

40	Ânforas de óleo de oliva	[40]	1	Para o segundo	
8	Para o segundo			Para acertar o alvo a cavalo	[80]
	<i>Stadion</i> : Para o jovem vencedor		5	Ânforas de óleo de oliva	
60	Ânforas de óleo de oliva		1	Para o segundo	
12	Para o segundo			Prêmios de vitória	
	Para o jovem vencedor do pentatlo	[45]	100 dr	Para os meninos na dança pírrica:	
				boi	
40	Ânforas de óleo de oliva		100 dr	Para os jovens na dança pírrica: boi	[85]
8	Para o segundo		100 dr	Para os adultos na dança pírrica:	
				boi	
	Para o jovem vencedor da luta		100 dr	Para a euandria: para a tribo vencedora: boi	
40	Ânforas de óleo de oliva		100 dr	Para o vencedor na corrida com tocha:	
				boi	
8	Para o segundo	[50]	30 dr	Para o vencedor da corrida com tocha:	
				hídria	
	Para o jovem vencedor do boxe			Prêmio de vitória na competição de	[90]
				barcos	
40	Ânforas de óleo de oliva		300 dr	Para a tribo vencedora: três bois	
8	Para o segundo		200 dr	Além do banquete	
	Pancrácio: para o jovem vencedor		200 dr	Para o segundo lugar: dois bois	
50	Ânforas de óleo de oliva	[55]			
10	Para o segundo				

(lacuna)

Linha 1: Reconstituição a partir do trecho *st[e]phanos*.

Linha 2: Reconstituição a partir do trecho *[d]euterōi*.

Linha 3: Reconstituição a partir do trecho *[t]ritōi*.

Linha 4: Propõe-se, para todos os números relacionados às provas musicais, a quantidade em dracmas.

Linha 7: Número parcialmente preservado ([1]200).

Linha 57: Preservado apenas o número 50.

Linha 9: Número parcialmente preservado ([6]00).

Linha 58: Preservado apenas o número 10.

Linha 10: Número parcialmente preservado ([4]00).

Linha 60: Preservado apenas o número 50.

Linha 61: Preservado apenas o número 10.

Linha 13: Pequeno trecho lacunar: ... tout[o st]ephanos.

Linha 17: Preservada parcialmente o número ([-2]00).

Linha 18: Preservada parcialmente o número ([-1]00).

Linha 20: *Au[t]etai*.

Linha 21: Número parcialmente preservado ([-100]).

Linha 22: Reconstituição a partir do trecho *[deute]rōi*.

Linha 62: Reconstituição a partir do trecho *[amphorēs elai]o*.

Linha 24: Trecho completamente reconstituído.

Linha 63: Reconstituição a partir do trecho *[deut]erōi*.

Linha 25: Trecho completamente reconstituído.

Linha 27: Trecho completamente reconstituído.

Linha 28: Reconstituição a partir do trecho *[50 elai]o amphorēs*.

Linha 31: Reconstituição a partir do trecho *amphor[ē]s elai*o.

Linha 40: Reconstituição a partir de número parcialmente preservado.

Linha 79: Numeral foi apagado (SHEAR, 2001, p. 1059).

Linha 82: Reconstituição a partir do trecho *deuterō[i]*.

Linha 49: Reconstituição a partir de número parcialmente preservado.

Linha 88: Projeção a partir do texto: *phylēi nikōsēi bous*.

Linha 50: Reconstituição a partir do trecho *[8 d]euterōi*.

Linha 89: Palavra *hydria*, reconstituída a partir do fragmento *hyd[ria]*.

Linha 51: Reconstituição a partir do trecho *[agenei]ōi pyktēi nikōnti*.

Linha 52: Reconstituição a partir do trecho [40 amphorēs e]aio.
 Linha 91: Reconstituição a partir do trecho: 300 tēi phylēi tēi nikōse[i boes treis].
 Linha 53: Trecho completamente reconstituído.
 Linha 92: Reconstituição a partir do trecho: [200 ka] eis estiasin.
 Linha 54: Reconstituição a partir do trecho: [ageneiōi pankration n]ikō[nti:].
 Linha 92: Trecho completamente reconstituído.
 Linha 56: Trecho completamente reconstituído.

Prova	Premiação em APs		Proporção
	1º prêmio	2º prêmio	
Corrida de Carro com Dois Cavalos	140	40	3,5:1
Stadion Adolescente	60	12	5:1
Stadion Infantil	50	10	5:1
Pancrácio Infantil	40	8	5:1
Pentatlo Adolescente	40	8	5:1
Luta Adolescente	40	8	5:1
Corrida de Carro com Potro	40	8	5:1
Pentatlo Infantil	30	6	5:1
Luta Infantil	30	6	5:1
Boxe Infantil	30	6	5:1
Corrida de Carro com Dois Cavalos (?)	30	6	5:1
Corrida a Cavalo	16	4	4:1
Acertar o Alvo a Cavalo	5	1	5:1
Procissão de Carro com Dois Cavalos	4	1	4:1
Total: 679			

Apesar da diferença clara entre os números de ânforas de óleo nas variadas provas, há uma pequena variação proporcional entre a primeira e segunda premiação, reduzidas em 1/5, 1/4 e 1/3,5 e que a proporção de 1/5 é a mais significativa tendo o fragmento de texto como referência (é importante saber que é levando em conta essas repetições proporcionais que se propõem reconstituições da informação que comporia integralmente o texto).

Lista 9. Informações sobre os festivais pan-helênicos e as Grandes Panatenéias¹

Jogos Local Divindade	Prêmios	Fundação (a) Término Intervalo
Olímpico Olímpia Zeus	Coroa de Oliveira Selvagem	776 a.C. 393 d.C. 4 anos
Píticos Delfos Apolo	Coroa de Louro	582/6 a.C. 393/4 d.C. 4 anos (b)
Ístmicos Corinto Posidão	Coroa de Aipo	580/1/2 a.C./séc. III-IV d.C. 2 anos(c)
Nemeus Neméia/Argos Zeus	Coroa de Aipo, Coroa de Pinheiro (d)	583/573 a.C. (f)/séc. III d.C. (2º quartel) (g) 2 anos(e)
Panatenaicos Atenas Atena	Ânforas Panatenaicas Somas e Coroas em dracmas Hídria Touros	566/5 a.C. séc. IV-V 4 anos(h)

¹ Dos festivais com tendências pan-helênicos o de Olímpia era o mais antigo. Valavanis (2004, p. 39), comenta que a data fixada em 776 a.C. é uma tradição apresentada por *Hippias* em cerca de 400 a.C., mas as evidências arqueológicas só indicam atividade atlética depois de 700 a.C. Quanto à data do fim dos jogos olímpicos, ele diz que o Édito de Teodósio, que impedia as atividades pagãs tais como os jogos olímpicos, não surtira efeito imediato, visto que, depois de quarenta anos, Teodósio II tivera que apresentar um novo édito ratificando tal proibição; e a própria eficácia desse outro édito não é comprovada (*Idem*, p. 156). Notas da tabela:

(a) Sweet & Segal (1987, p. 8) indicam a fundação dos jogos píticos em Delfos em 582 a.C. e dos ístmicos em Corinto em 580 a.C.; já Shear (2001) apresenta para as mesmas fundações as respectivas datas: 586 e 581 a.C.; e Dunning & Malcolm (2003), para a fundação dos jogos em Corinto, a data de 582 a.C.;

(b) 3º ano de cada Olimpíada;

(c) 2º e 3º ano de cada Olimpíada;

(d) Depois da destruição de Corinto em 146 a.C.;

(e) 2º e 3º ano de cada Olimpíada;

(f) Séc. V (final), em Argos; 340/30-270/60 a.C., volta para Neméia; séc. III a.C. (meados), volta para Argos; 235, volta para Neméia; 146 a.C., Argos por mais cinquenta anos;

(g) Últimas evidências (moeda do imperador romano Gorgian (225-244 a.C.), com figura de coroa de aipo;

(h) 3º ano de cada Olimpíada.

Gráfico 1. Gráfico de medidas (à esquerda) e de proporção (à direita)

Gráfico 2. Gráfico de medidas (à esquerda) e de proporção (à direita)

Mapa 1. Mapa de situação das ânforas panatenaicas em coleções atualmente: (1) coleções relacionadas a locais de achado; (2) coleções ligadas a atividades de pesquisa em sítios arqueológicos no Mediterrâneo e inserção no mercado de antiguidades; (3) reflexo de (2).

Mapa 2. Mapas dos locais de achado.

Mapa 3. (acima) Locais de produção de cerâmica orientalizante; **Mapa 4.** (abaixo) Regiões de incidência da figura de Atena Alkis, Promachos, Palladium e Minerva.

Mapa 5. (acima) Esquema de situação do Pártenon na Acrópole de Atenas, a linha tracejada indica a região do opistodomo; **Mapa 6.** (abaixo) Mapa da região de Atenas e Pireu em meados do século V a.C.

Esquema 1. Ânfora Panatenaica e quadro de derivação de formas de vasos de cerâmica relacionados (* produções exteriores à Ática)

Esquema 2. Elementos das faces das ânforas panatenaicas

Esquema 3. Descrição do programa ornamental por cronologia

		Até c. 525 a.C.								De c. 525 ao final do séc. V a.C.				Séc. IV a.C.		Séc. III-I a.C.			
		I		II		III		IV		V		VI		VII		VIII		IX	
Corpo	Boca	Verniz Negro		Verniz Negro		Verniz Negro		Verniz Negro		Verniz Negro		Verniz Negro		Verniz Negro		Verniz Negro		Verniz Negro	
	Pescoço	Elementos Variados		Motivo Palmeta Lótus		Motivo Palmeta-Lótus		Motivo Palmeta-Lótus		Motivo Palmeta-Lótus		Motivo Palmeta-Lótus		Motivo Palmeta		Motivo Palmeta		Motivo Palmeta	
	Ombro																		
Corpo	Alto	Faixa Negra	Faixa Negra	Faixa Lingue-tas	Faixa Lingue-tas	Faixa Lingue-tas	Faixa Negra	Faixa Lingue-tas	Faixa Lingue-Tas Faixa Negra	Faixa Lingue-tas	Faixa Lingue-Tas Faixa Negra	Faixa Lingue-tas	Faixa Lingue-Tas Faixa Negra	Faixa Lingue-tas	Faixa Lingue-Tas Faixa Negra	Faixa Lingue-tas	Faixa Lingue-Tas Faixa Negra	Painel Atena	Faixa Lingue-Tas Faixa Negra
	Baixo	Painel Atena	Painel Prova	Painel Atena	Painel Prova	Painel Atena	Painel Prova	Painel Atena	Painel Prova	Painel Atena	Painel Prova	Painel Atena	Painel Prova	Painel Atena	Painel Prova	Painel Atena	Painel Prova		Painel Prova
	Pé	Faixa Negra Faixa Raios		Faixa Negra Faixa Raios		Faixa Negra Faixa Raios		Faixa Negra Faixa Raios		Faixa Negra Faixa Raios		Faixa Negra		Faixa Negra		Faixa Negra		Faixa Negra	
		Verniz Negro		Verniz Negro		Verniz Negro		Verniz Negro		Verniz Negro		Verniz Negro		Verniz Negro		Verniz Negro		Verniz Negro	

Esquema 4. Artesãos produtores de ânforas panatenaicas e relacionados

Fig. 1. Toledo 1961.24, cat. 128.

Fig. 2. Face com Atena: **a.** (à esq.) Londres B 130, **cat. 1**; **b.** (meio) Nova Iorque, Metr. 1978.11.13, **cat. 6**; **c.** (à dir.) Celle, **cat. 862**.

Fig. 3. Face com a prova: **a.** (à esq.) Londres B 130, **cat. 1**; **b.** (meio) Nova Iorque, Metr. 1978.11.13, **cat. 6**; **c.** (à dir.) Celle, **cat. 862**.

Fig. 4. (da esquerda para a direita): **a.** Ânfora “pseudo-panatenaica”, c. 540 a.C., Tampa 86.24; **b.** Miniatura de ânfora panatenaica, *Bulas Group*, c. 400-380 a.C., Paris, Louvre CA 2930; **c.** Ânfora de tipo panatenaica em figura vermelhas, c. 490 a.C., Munique 2313; **d.** Ânfora de forma panatenaica da Apúlia, c. 325-300 a.C., Paris, Louvre K 86; **e.** Ânfora de forma panatenaica da Magna Grécia, c. 330-280 a.C., Vicenza F.G-00428A-E/BI; **f.** Ânfora panatenaica em fundo branco, terceiro quartel do século II a.C., Atenas, Ágora P 8522.

Fig. 5. a. (à esq.) Toledo 1961.24, **cat. 128**; b. (meio) Boston 01.8127, **cat. 30**; c. (à direita) E.K. Collection, Canton, Michigan; final do século VI, início do V a.C.

Fig. 6. a. (à esq.) Toledo 1961.24, **cat. 128**; b. (meio) Boston 01.8127, **cat. 30**; c. (à direita) E.K. Collection, Canton, Michigan; final do século VI, início do V a.C.

Fig. 7. a. (à esquerda) Paris, Louvre F 280, **cat. 127**; **b.** (meio e à direita) Atenas, M.N. 19312, **cat. 29**.

Fig. 8. a. (esq.) Atenas, M. N. Akr. 921, **cat. 80**; b. (meio) Londres B 612, **cat. 401** e c. (dir.) Paris, Louvre CA 7427, **cat. 402**.

BENTZ, 2001, n° 12

BENTZ, 1998, n° 6.080

Fig. 9. a. (à esq.) Atenas, Ágora P 12670, 525-500 a.C.; **b.** (à dir.) Tarento 12216, AP de Varsóvia, P., 520-510 a.C.

Fig. 10. a. (à esq. e meio) Atenas, Ágora s. inv., **cat. 389**; b. (à dir.) Ágora P 3782, **cat. 650**.

Fig. 11. Formas dos vasos áticos no século VI-V a.C.

Fig. 12. Desenvolvimento da forma das ânforas panatenaicas do século VI ao II a.C.: Londres B 130, **cat. 1**; Halle 560, **cat. 2**; Boston 99.520, **cat. 41**; Londres B 134, **cat. 42**; Nova Iorque, Metr. 14.130.12, **cat. 47**; Quioto? s./inv., **cat. 123**; Nova Iorque, Metr. 07.286.80, **cat. 76**; Nova Iorque, Metr. 16.71, **cat. 115**; Toledo (Ohio) 1961.24, **cat. 128**; Malibu 79.AE.9, **cat. 126**; Copenhagen, G. C. 3606, **cat. 181**; Londres 1903.2171, **cat. 239**; São Petesburgo Ku.1913.4/389 (17553), **cat. 247**; Leida PC 6, **cat. 108**; Londres B 605, **cat. 249**; Detroit 50.193, **cat. 390**; Londres B 604, **cat. 399**; Malibu 93.AE.55, **cat. 410**; Paris, Louvre CA 7427, **cat. 402**; Paris, Louvre MN 706, **cat. 468**; Malibu 79.AE.147, **cat. 469**; Londres B 607, **cat. 475**; Londres B 610, **cat. 486**; Paris, Louvre MNB 3223, **cat. 491**; Paris, Louvre MN 704, **cat. 494**; Paris, Louvre MN 705, **cat. 503**; Malibu 76.AE.5, **cat. 519**; Celle, antes em Berlim 4950, **cat. 862**.

Fig. 13. Londres GR 2002.4-20.1 (antes, Coleção Mustaki), Atenas, M. N. Benaki B, C, E, F; **cat. 868.**

Fig. 14. Samos K 7505-12+3637,4171, 3605; cat. 467.

Fig. 15. a. (acima) Florença 94779, 94768C+E, 94820, 94881, 94843; **cat. 135; b.** (abaixo) Florença 94778, 94824.

Fig. 16. a. (acima) Florença 94768, 94823, 94845, 94847, 94856, 94859; **cat. 342**; **b.** (abaixo) Florença 94770, 94829, 94831, 94842; **cat. 340**.

Fig. 17. a. (acima) esq., Paris, B. N. Froehner 1596, **cat. 86**; **b.** (acima) meio e dir., Paris, B. N. Froehner 1595, cat. 85; **c.** (abaixo) Paris, B. N. Froehner 1604, **cat. 548**.

Fig. 18. Formas de ânforas panatenaicas e vasos relacionados: **a.** (à esquerda) Ânfora “SOS”, início do século VI a.C., prov.: Vulci, alt.: 67,5 cm, Pensilvânia MS 562; **b.** (meio) Ânfora *à la brosse*, século VI a.C., alt.: 60 cm, Atenas, Ágora 1501-2-3; **c.** (à direita) Ânfora “proto-panatenaica”, c. 570, Bolonha-sobre-o-Mar 592.

Fig. 19. Figura de Atena (de cima para baixo, da esquerda para a direita): Londres B 130, **cat. 1**; Nova Iorque, Metr. 1978.11.13, **cat. 6**; Vulci 64220, **cat. 37**; Londres B 603, **cat. 400**; Malibu 79.AE.147, **cat. 469**; Londres B 608, **cat. 476**, Malibu 76.AE.5, **cat. 519**; Celle, antes em Berlim 4950, **cat. 862** e Atenas, M. N. A 17934, **cat. 880**.

Fig. 20. (de cima para baixo, da direita para a esquerda) Florença 97779, **cat. 7**; Atenas, M. N. Acr. 914, **cat. 14**; Nova Iorque, Metr. 56.171.5; **cat. 36**; Amsterdão 1897, **cat. 40**; Boulogne-sur-Mer 441, **cat. 54**; Nova Iorque, Metr. 56.171.4, **cat. 57**; Varsóvia 198605, **cat. 60**; Copenhaga, M. N. 13812, **cat. 238**; Malibu 93.AE.55, **cat. 410**; Atenas, M. N. A 17934, **cat. 880**; Atenas, Ágora P 8522, **lista 6**, nº 2.

Fig. 21. Estrutura geral da ornamentação das ânforas panatenaicas: **a.** Boca: Preenchimento com verniz negro; **b.** Pescoço: Faixa ornamental com palmetas estilizadas; **c.** Cordão entre pescoço e ombro; **d.** Ombro: Faixa com lingüetas contornadas; **e.** Faixa em verniz negro (apenas na face com prova esportiva); **f.** Pannel; **g.** Faixa em verniz negro (entre o pannel e a faixa em verniz negro abaixo, há um conjunto de linhas rubras e negra marcando a transição e delimitação); **h.** Faixa com raios; **i.** Pedestal: em verniz negro. (Esquema baseado em AP típica do século VI a.C.). À direita, detalhe dos limites do pannel (observe-se a transição entre a massa de verniz escuro e a área reservada de argila).

Fig. 22. Espaços destinados à figuração de Atena (à esquerda) e à prova atlética (à direita): ânforas do século VI ao II a.C.

Fig. 23. Lógica de disposição das figuras nas faces das ânforas panatenaicas.

Fig. 24. a. Detalhes de ânforas panatenaicas (região do pescoço e ombro) – Página anterior: (de esquerda para direita e de cima para baixo) Londres B 130, **cat. 1**; Nova Iorque, Metr. 1978.11.13, **cat. 6**; Florença 97779, **cat. 7**; Karlsruhe 65/45, **cat. 11**; Munique 1451.WAF (J498), **cat. 12**; Vulci 64220, **cat. 37**; Londres B 13, **cat. 56**; Nova Iorque, Metr. 07.286.80, **cat. 76**; Toledo (Ohio) 1961.24, **cat. 128**; Londres B 133, **cat. 136**; Nápoles, Santangelo - 693, **cat. 162** e Copenhagen, G. C. 3606, **cat. 181**; **b.** (esta página, à esquerda) Compiègne 985, **cat. 193**; Atenas, Cerâmico PA 544A, **cat. 214**; Copenhagen, M. N. 13812, **cat. 238**; Londres 1903.2-17-1, **cat. 239**; Londres B 605, **cat. 249**; Detroit 50.193, **cat. 390**; Londres B 612, **cat. 401**; Alexandria 18.238, **cat. 466**; Londres B 607, **cat. 475**; Londres B 609, **cat. 484**; Londres B 610, **cat. 486**; Paris, Louvre MN 704, **cat. 494**; **c.** Fragmento de pescoço: Atenas, T. E. A 9662α, **cat. 886**.

Fig. 25. Face com as provas: trespasses (da esquerda para a direita, de cima para baixo) Munique - 1455 WAF (J455), **cat. 144**; Leiden - PC 7, **cat. 145**; Munique - 1451.WAF (J498), **cat. 12**; Leiden - PC 8, **cat. 43**; Basiléia, M. A. & C. L. - BS 494, **cat. 107**; Paris, Louvre - F 277, **cat. 118**

Fig. 26. a. (à esq.) Malibu 86.AE.129, *lista 5*, n° 22; b. (meio) Fiesole, n° 29 e c. (à dir.) Amsterdão .3484, n° 7.

Fig. 27. Ânfora de tipo panatenaico em figuras vermelhas: Mississippi 1977.3.115, Nicó Xenos, P., c. 500 a.C.

Fig. 28. a. (esq. e meio) Metaponto 310.897; **b.** (dir.) Bolonha 18040 (12), **cat. 171.**

Fig. 29. Ânfora panatenaica de fundo branco (esboço): Atenas, T. E. - A 16500 (α - γ), **lista 6**, nº 9.

Fig. 30. Figuras de corredores: corrida de curta distância (à esq.) e de longa distância (à dir.): de cima, para baixo: Havana – 226, **cat. 66** e Munique - 1454.WAF (J449), **cat. 67** (Coruja de Havana, P.; Michigan, P.); Norwich - 26.49, **cat. 117**, Paris, Louvre - F 277, **cat. 118** (Cleofrades, P.); Nova Iorque, C. - L 1982.102.3, **cat. 157** e Roma, Vaticano – 16959 (375), **cat. 158** (Berlim, P.); Berlim – 3981, **cat. 488** e Sèvres – 7230, **cat. 487** (Nicômaco, S.).

Fig. 31. Fragmentos de ânforas agonísticas: Rodes BE 2160 e IIBE 331, cerâmica de produção ródia, século IV-III a.C.

Fig. 32. IG II² 2311 (Atenas, M.E. EM 8092 [fragmento no alto], EM 8070 [fragmento em baixo]).

Fig. 33. Reentrâncias para encaixe de grampos (EM 8092): **a.** (à esquerda) lateral esquerda parte baixa; **b.** (à direita, acima) parte de cima da estela; **c.** à direita, abaixo, parte traseira.

Fig. 34. Paisagem com ânforas panatenaicas (reconstituição artística).

Fig. 35. Ânfora tipo B: Berlim 9406, c. 500 a.C.

Fig. 36. acima: **a.** (à esq.) Lockett Collection (SNG III, 3393) Tetrachme, Egito, 325-300 a.C.; **b.** (meio) Fitzwilliam Museum (SNG VI, 1170) Dracma, Báctria, 170-130 a.C.; **c.** (à dir.) New Castle Antiquaries Soc. (SNG XIII) Tetrachme ("novo estilo"), Ática, c. 142/1 a.C.; abaixo: **d.** (à esquerda) Didracma da série *Wappenmüzen* com figura de ânfora panatenaica (?), meados do século VI a.C., Sociedade Americana de Numismática (ANS 1930 144.2); **e.** (meio e direita) Hecte (*electrum* 2,57 g 1) de Mitilene, Lesbos, c. 377-326 a.C. – figura de Vitória (?) e de ânfora panatenaica associada a palma (sem escala).

Fig. 37. Esboços de figuras dos mosaicos da Casa do Tridente (à esquerda), da Casa das Máscaras (meio) e da Ágora dos Italianos (à direita) – sem escala.

Fig. 38. Figuras de ânforas panatenaicas em pinturas parietais de Delos (sem escala).

Fig. 39. a. (à esquerda) Paris, Louvre, Col. Tochan 1818, LL 90, lécito de Pesto, c. 350-330 a.C.; b. (meio) Heidelberg 190, Taça da Beócia, 425-3275 a.C., Mystae, P. ou Tétis, P.; c. (à direita) Alexandria, hídria-Hadra (sem escala).

Fig. 40. Ágora, P 26600, século IV d.C.

BIBLIOGRAFIA

Textos antigos

Todas as fonts epigráficas relacionadas às Panatenéias e ânforas panatenaicas são citadas a partir de SHEAR, 2001, apêndice 1 e 2.

Todas as fontes literárias são citadas a partir da *Loeb Classical Library* (Harvard University Press)

Textos modernos

ADAMS, W. Y. & ADAMS, E. W. (1991) **Archaeological typology and practical reality. A dialectical approach to artifact classification and sorting.** Cambridge: Cambridge University Press.

AIKEN, Ch. S. (2007). Faulkner and the passing of the old agrarian culture. *In.*: URGO, J. R. & ABADIE, A. J. (eds.) **Faulkner and material culture.** Mississippi: University Press of Mississippi, p. 3-19.

ALABE, F. (2002) Décors peints au plafond dans des maisons hellénistiques à Délos. **BCH**, vol. 126, p. p. 231-263.

ALEXANDRESCU, P. (1978) **Histria IV. La céramique d'époque archaïque et classique (VIIe-IVe s.).** Bucaresti, Paris: Editura Academiei Republicii Socialiste România, Diffusion de Boccard.

ALMAGRO-GORBEA, M. (2002-2003) Un lekythos de fondo blanco del Pintor de Icaro en la Real Academia de la Historia. **Lucentum**, vol. XXI-XXII, p. 63-74.

ALROTH, B. (1992) Changing Modes in the Representation of Cult Images. *In.*: **The iconography of Greek cult in the archaic and classical periods. Proceedings of the first international seminar on ancient Greek cult, Delphi 16-18 November 1990.** Athens: Ed. Robin Hägg, p. 9-46.

AMANDRY, P. (1971) Collection Paul Canellopoulos : Lébès de bronze. **BCH**, vol. 95, 2, p. 585-626.

AMYX, D. A. (1958) The Attic Stelai, Part III. **Hesperia**, vol. 27, No. 3 (1958).

ANDERSON, G. (1986) **Philostratus: biography and belles lettres in the third century A.D.** London: Taylor & Francis.

ANDRONIKOS, M. (1984) **Vergina: the royal tombs and the ancient city.** Vol. 2. Athens: Ekdotike Athenon.

ARGOUD, G. (1978) Honneurs funèbres à Athènes. ARGOUD, G. *et al.* *In.*: **Mémoires I.** Université de Saint-Etienne, Centre Jean Palerne, p. 3-18.

- ARNOLD, D. E. (1985) **Ceramic theory and cultural process**. Cambridge: Cambridge University Press, New Studies in Archaeology.
- ASCSA (1956) **The Athenian Agora. A guide to excavation and museum**. 2^a ed. ASCSA.
- ASHMEAD, A. H. (1966) Fragments by the Kleophrades Painter from the Athenian Agora. **Hesperia**, vol. 35, n. 1 p. 20-36.
- ATHENAEUS. (1827). **Index rerum**. Vol. III.
- AUDIAT, J. (1970) **Le gymnase**. EAD XXVIII, Paris: E. de Boccard.
- BAHN, P. G. (1996) **Tombs, graves and mummies**. Barnes & Noble.
- BANKS, M. A. (1926) The survival of the Euthymidean tradition in later Greek vase-painting. **AJA**, vol. 30, n. 1, p. 58-69.
- BANTI, L. (1973) **Etruscan cities and their culture**. Los Angeles: University of California Press.
- BARRINGER, J. (2003) Panathenaic games and Panathenaic amphorae under Macedonian rule. In: PALAGIA, O. & TRACY, S. V. (eds.) **The panathenaic games. Proceedings of an international conference held at the University of Athens, May 11-12, 2004**. Oxford: Oxbow, p. 243-56.
- BASU, K. (2000) **Prelude to political economy: a study of the social and political foundations of Economics**. Oxford: Oxford University Press.
- BAŽANT, J. (1981) **Studies on the use and decoration of athenian vases**. Praha: Academia Nakladatelství Československé Akademie Ved.
- _____. (1990) The case for a complex approach to Athenian vase painting. **Metis**, vol. V, 1-2, p. 93-112.
- BEAZLEY, J. D. (1932) Little master cups. **JHS**, vol. 52, p. 167-204.
- _____. (1940-1945) Miniature Panathenaics. **BSA**, vol. 41 p. 10-21.
- _____. (1943) Panathenaica. **AJA**, vol. 47, n. 4, p. 441-65.
- _____. (1944) Groups of early Attic black-figure. **Hesperia**, vol. 13, n. 1, p. 38-57.
- _____. (1949) **Potter and painter in ancient Athens**. London: Geoffrey Cumberlege Amen House.
- _____. (1956) **Attic black-figure vase-painters**. Oxford: Clarendon Press.
- _____. (1963) **Attic red-figure vase-painters**. 2^a ed., Oxford: Clarendon Press.
- _____. (1967) **Attic red-figured vases in American museums**. Roma: L'Erma di Bretschneider.
- _____. (1971) **Paralipomena. Additions to attic black-figure vase-painters and attic red-figure vase-painters**. 2^a ed., Oxford: Clarendon Press.

- _____. (1974) **The Berlin Painter**. Verlag P. von Zabern.
- _____. (1986) **The development of Attic black-figure**. Edition revised. Berkley, Los Angeles, London: University of California Press.
- BENTZ, M. (1998) **Panathenäische preisamphoren: eine athenische Vasengattung und ihre Function vom 6.4. Jahrhundert v. Chr. Antike Kunst Beiheft 18**. Basel: Vereinigung der Freunde antiker Kunst.
- _____. (2003) Les amphores panathénaïques : une étonnante longévité. *In*: ROUILLARD, P. & VERBANCK-PIÉRARD, A. **Le vase grec et ses destins**. München: Biering & Brinkmann, p. 111-7.
- BENTZ, M. & ESCHBACH, N. (orgs.) (2001) **Panathenaika. Symposion zu den Panathenäischen Preisamphoren Raouishholzhausen 25.11. – 29.11.1998**. Mainz: Verlag Philipp Von Zabern.
- BENTZ, M. & KÄSTNER, U. (2007) Konservieren oder Restaurieren – die Restaurierung griechischer Vaser Von der antike bis Heute. **CVA** Alemanha, Suplemento III. München: Verlag C. H. Beck.
- BENTZ, M. & MANN, C. (2001) Zur Heroisierung von Athleten. *In*: **Konstruktionen von Wirklichkeit. Bilder im Griechenland des 5. und 4. Jahrhunderts v. Chr.** Stuttgart: Franz Steiner Verlag, p. 225-40.
- BIEBER, M. (1944) Two Attic black-figured lekythoi in Buffalo. **AJA**, vol. 48, n. 2, p. 121-129.
- BIERS, W. (1992) **Art, Artefacts, and Chronology in Classical Archaeology**. London: Routledge.
- BILLOT, M.-F. (1994) Terres cuites architecturales, peintures et mosaïques aux V^e et IV^e siècles. **Hesperia**, Suppl. 27, Proceedings of the International Conference on Greek Architectural Terracottas of the Classical and Hellenistic Periods, December. 12-15, 1991. 1994, p. 1-38+343-350.
- BIRCH, S. (1858a) **History of ancient pottery**. Vol. I. London: John Murray.
- _____. (1858b) **History of ancient pottery**. Vol. II. London: John Murray.
- BLOESCH, H.; ISLER, H. P. (1982) **Greek vases from the Hirschmann collection**. Zürich: H. Rohr.
- BOARDMAN, J. (1970). **Greek gems and finger rings: Early Bronze Age to Late Classical**. London: Thames and Hudson.
- _____. (1974) **Athenian black figure vases**. London: Thames and Hudson Ltd.
- _____. (org.) (1984) **Cambridge Ancient History**. Plates to vol. III. The Middle East, the Greek World and the Balkans to the Sixth Century B.C. New Edition, Cambridge, London, New York, New Rochelle, Melbourne, Sydney: Cambridge University Press.

- _____. (1989) **Athenian red-figure vases. The classical period.** New York : Thames and Hudson.
- _____. (1998) **Early greek vase painting. 11th-6th centuries BC.** London: Thames & Hudson Ltd.
- _____. (2001) **The history of Greek vases: Potters, painters and pictures.** London:
- BOARDMAN, J. & KURTZ, D. C. (1971) **Greek burial customs.** London: Thames and Hudson.
- BOAS, F. (1887) Museums of ethnology and their classification. **Science**, vol. 9 (228), p. 587-589.
- BÖCKH, A. (1817) **Die Staatshaushaltung der Athener.** Buch I-IV.-2. Bd. Einundzwanzig Beilagen.
- BODENSTEDT, F (1981). **Die Elektronmünzen von Phokaia und Mytilene.** Tübingen: Wasmuth
- BÖHR, E. (1982) **Der Schaukelmaler.** Mainz, Rhein: Verlag Philipp Von Zabern.
- BOUSSAC, M.-F. (1992) **Sceaux publics, Apollon, Hélios, Artémis, Hécate.** EFA, Ypourgeio Politismou, Paris, Athènes: E. de Boccard, Ecole française d'Athènes.
- BRANDT, J. R. (1978) Archeologia Panathenaica I. **Acta ad archaeologiam et artium historiam pertinentia** 8, p. 1-23.
- BRAUDEL, F. (1949) **La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II.** Tome 1: La Part du milieu. Paris : A. Colin.
- _____. (1986) A longa duração. *In: História e ciências sociais.* 5ª ed., Trad.: Rui Nazaré, Lisboa: Editorial Presença, p. 7-39.
- BRODIE, N. (2005) Historical and Social Perspective on the Regulation of the International Trade in Archaeological Objects: The Examples of Greece and India. **Vanderbilt Journal of Transnational Law**, vol. 38, p. 1051-62.
- BRÖNDSTED, Ch. P. O. (1832) **On panathenaic vases, on their official inscription, and on the holy oil contained in them, which was given as the prize to the victors in the Panathenian games:** with particular reference to some vases of that description now in London. – Letter addressed to Mr. Hamilton, by Chev. P. O. Bröndsted. London: A. J. Valpy, M. A., Printer to the Society.
- _____. (1833). **Mémoire sur les vases panathénaïques, adressé, em forme de lettre, a M. W. R. Hamilton, par le Chev. P. O. Bröndsted, et traduit de l'anglais, par J. W. Burgon.** Paris: Librairie de Firmin Didot Frères.
- _____. (1834). On panathenaic vases, on their official inscription, and on the holy

- oil contained in them, which was given as the prize to the victors in the Panathenian games: with particular reference to some vases of that description now in London. – Letter addressed to Mr. Hamilton, by Chev. P. O. Bröndsted. **Transactions of the Royal society of literature of United Kingdom**. Vol. II, London: John Murray, p. 102-35.
- BRONEER, O. (1958) Excavations at Isthmia: third campaign, 1955-1956. **Hesperia**, vol. 27, n. 1, p. 1-37.
- _____. (1959) Excavations at Isthmia: fourth campaign, 1957-1958. **Hesperia**, vol. 28, n. 4, p. 298-343.
- BROWNLEE, A. B. (1987) Attic black figure from Corinth: I. **Hesperia**, vol. 56, n. 1 p. 73-95.
- _____. (1989) Attic black figure from Corinth: II. **Hesperia**, vol. 58, n. 4, p. 361-95.
- _____. (1995) Attic black figure from Corinth: III. **Hesperia**, vol. 64, n. 3, p. 337-82.
- BRUNEAU, Ph. (1965) Le motif des coqs affrontés dans l'imagerie antique. **BCH**, vol. 89, p. 90-121.
- _____. (1970) **Recherches sur les cultes de Délos a l'époque hellénistique et a l'époque impériale**. Paris: Éditions E. de Boccard.
- _____. (1972) **Les mosaïques**. EAD XXIX. Paris: Éditions E. de Boccard.
- _____. (1974) Sur un prétendu biaisement: à propos du classement archéologique (Polémiques et controverses). **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**. Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales, p. 1475-82.
- _____. (1975) Situation méthodologique de l'Histoire de l'Art antique. **L'Antiquité Classique**, vol. 44, p. 425-87.
- BRUNEAU, Ph. et al (1970) **L'îlot de la maison des comédiens**. EAD XXVII. Paris: Éditions E. de Boccard.
- BRUNEAU, Ph & DUCAT, J. (2005) **Guide de Délos**. 4^a edição, Paris: Éditions E. de Boccard.
- BULARD, M. (1908) **Peintures murales et mosaïques de Délos**. Paris: Ed. Ernest Leroux, Fondation Eugène Piot, Monuments et mémoires XIV.
- _____. (1926a) **Description des revêtements peints a sujets religieux**. EAD IX, Paris: Éditions E. de Boccard.
- _____. (1926b) **La religion domestique dans la colonie italienne de Délos d'après les peintures murales et les autels historiés**. Paris: Éditions E. de Boccard.
- BURGON, Th. (1847) An attempt to point out the vases of Greece proper which belong to heroic and Homeric ages. **Transactions of Royal Society of Literature of the United Kingdom**, p. 258-96.

- BURKERT, W. (1992) **The Orientalizing Revolution: Near Eastern Influence on Greek Culture in the Early Archaic Age**. Cambridge; Mass.: Harvard University Press.
- CAHN, H. A. (2001) Amphoren auf frühen attischen Münzen. *In*: BENTZ, M. & ESCHBACH, N. (orgs.) **Panathenaika. Symposion zu den Panathenäischen Preisamphoren Raouishholzhausen 25.11. – 29.11.1998**, p. 145-6.
- CALLAGHAN, P. J. (1992) Knossian artist and Ptolemaic Alexandria. *In*: **Alessandria e il mondo ellenistico-romano: studi in onore di Achille Adriani**. Vol. 1. Roma: L'Erma di Bretschneider, p. 789-94.
- CALLISEN, S. A. (1939) The iconography of the cock on the column. **The Art Bulletin**, vol. 21, n. 2, p. 160-78.
- CAMBITOGLU, A. & CHAMAY, J. (1997) **Céramique de Grand Grèce. La collection de fragments Herbert A. Cahn**. Zürich: Akanthus.
- CAMP, J. M. (1996) **The Athenian Agora: excavations in the heart of classical Athens**. London: Thames and Hudson.
- _____. (2001) **The archaeology of Athens**. New Haven, London: Yale University Press.
- CAPRETTINI, P. (2001) Tradição/Longa duração. **Enciclopédia Einaudi**, vol. 43. Sistemática.
- CARIGAN, A. & KEITH, M. (2007). **Obsessed with shoes? Then walk this way to the Museum of Fine Arts, Boston. Exhibition Pairs Eclectic Collection of Shoes with Museum Masterpieces**. MFA Boston Press Release.
- CARPENTER, T. H. (2007) Greek Religion and Art. *In*: ODGEN, D. (ed.) **A companion to Greek religion**. Malden, Oxford, Victoria: Blackwell Publishing, p. 398-420.
- CARUSO, F. (1996) L'anfora panatenaica fra vecchia e nuova tecnica. *In*: RIZZA, G. (org.) **I vasi attici ed altre ceramiche coeve in Sicilia. Vol. I. Atti del Convegno Internazionale Catania, Camarina, Gela, Vittoria, 28 marzo – 1 aprile 1990**. Catania: Consiglio nazionale delle ricerche, Centro di Studio sull'archeologia greca, p. 145-53.
- CASKEY, L. D. (1922) **Geometry of Greek vases**. Boston: Museum of Fine Arts.
- CASSON, L. (1994) Mediterranean communications. *In*: LEWIS, D. M. & BOARDMAN, J. **The Cambridge ancient history**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 512-26.
- CERQUEIRA, F. V. (2001) **Os instrumentos musicais na vida diária da Atenas tardo-arcaica e clássica (550-400 a.C.): o testemunho de vasos áticos e de textos antigos**. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras

- e Ciências Humanas da universidade de São Paulo em 29/08/2001 (3 volumes).
- CHAMAY, J. (2001) Fragments d'amphore panathénaïque avec signature de potier. *In*: BENTZ, M. & ESCHBACH, N. (orgs.) **Panathenaika. Symposium zu den Panathenäischen Preisamphoren Raouishholzhausen 25.11. – 29.11.1998**. Mainz: Verlag Philipp Von Zabern, p. 7-9.
- CHAMONNARD, J. (1933) **Les mosaïques de la maison des masques**. EAD, XIV, Paris: Éditions E. de Boccard.
- CHAMPOLLION-FIGEAC, J.-J. & CHAMPOLLION, J.-F. (1829) Fouilles entreprises a Rome et dans les environs. **Bulletin des sciences historiques, antiquités, philologie**. Paris: Treuttel et Würtz. v. 13.
- CHANKOWSI, V. (2008) **Athènes et Délos à l'époque classique. Recherches sur l'administration du sanctuaire d'Apollon délien**. Bibliothèque des Écoles Françaises d'Athènes et Rome. 331.
- CHAPPELL, D. & MANACORDA, S. (eds.) (2011) **Crime in the art and antiquities world: illegal trafficking in cultural property**. New York, Dordrecht, Heidelberg, London: Springer.
- CHRISTIANSEN, J. (1984) Did the Kleophon-Painter make Panathenaics? *In*: BRIJDER, H. A. G. (org.) **Ancient Greek and related pottery. Proceedings of the International Vase Symposium in Amsterdam 12-15 April 1984**. Amaterdam: Allard Pierson Series., p. 144-8.
- CLARK, A. J., ELSTON, M. & HART, M. L. (2002) **Understanding Greek vases. A guide to terms, styles and techniques**. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum.
- COLES, E. (org.). (1717) **An English dictionary: explaining the difficult terms that are used in Divinity, Husbandry, Physick, Philosophy, Law, Navigation, Mathematicks, and others Sciences**. Printed by S. Collins, for R. Bonwick, T. goodwin, J. Wallthoe, M. Wotton, J. Nicholson, B. Tooke, r. Wilkein, S. Manship, R. Smith and T. Ward. Marshall Montgomery Collection.
- COLLIGNON, M. (1885) **Manuel d'Archéologie grecque**. Paris: A. Quantin.
- CONNELY, J. B. (1996) Parthenon and Parthenoi: a mythological interpretation of the Parthenon frieze. **AJA**, vol. 1000, p. 53-80.
- COOK, B. F. (1987) **Greek inscriptions**. Berkley, Los Angeles: University of California Press.
- COOK, J. M. (1965) The Athenian Agora. Volume X: Weights, Measures and Tokens by Mabel Lang, Margaret Crosby. **The Classical Review**, vol. 15, n. 3, p. 348-9.
- COOK, R. M. (1971) 'Epoiesen' on greek vases. **JHS**, vol. 91, p. 137-8.

- _____. (1975) Potter and patron in classical Athens by T. B. L. Webster. **The Classical Review**, vol. 25, n. 1, p. 125-7.
- _____. (1976) Athenian black figure vases: A handbook. **The Classical Review**, vol. 26, n. 2, p. 253.
- _____. (1997) **Greek painted pottery**. 3^a ed., Londres, Nova Iorque: Routledge.
- COOK, R. M. & DUPONT, P. (1998) **East Greek pottery**. London: Routledge.
- CORBETT, P. E. (1949) Attic Pottery of the Later Fifth Century from the Athenian Agora. American Excavations in the Athenian Agora: Thirty-Eighth Report. **Hesperia**, vol. 18, n. 4, p. 298-351.
- _____. (1960) The Burgon and Blacas tombs. **JHS**, vol. 80, p. 52-60, pl. I-VII.
- CORNELIUS, I. (1994) **The iconography of the Canaanite gods Reshef and Ba'al: late Bronze and Iron Age I periods (C 1500-1000 BCE)**. Fribourg; Göttingen: Fribourg University Press; Vandenhoeck und Ruprecht.
- COUILLOUD, M. Th. (1974) **Les monuments funéraires de Rhénée**. EAD XXX, Paris: Éditions E. de Boccard.
- COLES, E. (1717) **An English dictionary. Explaining the difficult terms that are used in divinity, husbandry, physick, philosophy, law, navigation, mathematicks, and others arts and Sciences**. London: Taylor Institution.
- CROWTHER, N. B. (1985a) **Studies in Greek Athletics. Part I. The Classical World**. vol. 78, n. 5, p. 497-558.
- _____. (1985b) **Studies in Greek Athletics. Part II. The Classical World**. Vol. 79, n. 2, p. 73-135.
- DAI - Deutsches Archäologisches Institut. (1861) Repertorio universale delle opere dell'Instituto archeologico.
- DALBY, A. (2003) **Food in the ancient world from A to Z**. New York: Routledge.
- DAUMAS, M. (1998) **Cabiriaca** : Recherches sur l'iconographie du culte des Cabires. Paris: Éditions E. de Boccard.
- DAUX, G. (1963) Chroniques des fouilles et découvertes archéologiques en Grèce en 1962. **BCH**, vol. 87, n. 2, p. 689-879.
- DAVISON, J. A. (1958) Notes on the Panathenaia. **JHS**, vol. 78, p. 23-42
- DE GYPTIS à Jules César, ou Marseille cité grecque (1976). Marseille, Catalogue du Musée Borely.

- DEACY, S. (2008) **Athena**. Serie Gods and heroes of ancient world. Oxon, New York: Routledge.
- DELOS, J. T. (1971) The rights of the human person vis-à-vis of the State and the race. *In*: O'TOOLE, G. B. et al. **Race, nation, person: social aspects of the race problem; a symposium**. Manchester: Ayer Publishing.
- DENOYELLE, M. (1997) Attic or non-Attic?: The case of the Pisticci Painter. *In*: OAKLEY, J. H.; PALAGIA, O. COULSON, W. (orgs.) **Athenian potters and painters: the conference proceedings**. Oxford: Oxbow Books, p. 395-405.
- DESTROOPER-GEORGIADIS, A. (2001) Les monnaies de l'Archégesion de Délos. **BCH**, vol. 125, p. 145-74.
- DOW, S., (1936) Panathenaic amphorae from the Hellenistic period. **Hesperia** (The American Excavations in the Athenian Agora: Ninth Report), vol. 5, n. 1, p.50-8.
- DU MONT, J. (1699) **Voyages de M. Dumont en France, en Italie, en Allemagne, à Malthe et en Turquie**. La Haye, F. L'Honore' et E. Foulque.
- DUCAT, J. (1962) L'archaïsme à la recherche de points de repère chronologiques. **BCH**, vol. 86, 1962, p. 165-183.
- DUCATI, P. (1922) **Storia della ceramica greca**. Firenze: Fratelli Alinari.
- DUGAS, C. (1924) **La céramique grecque**. Paris: Payot.
- _____. (1935) **Les vases orientalisants de style non mélien**. EAD XVII. Paris: Éditions E. de Boccard.
- _____. (1952) **Les vases attiques à figures rouges**. EAD XXI. Paris: Éditions E. de Boccard.
- DUGAS, Ch. & RHOMAIOS, C. (1934) **Les vases préhelléniques et géométriques**. EAD XV. Paris: Éditions E. de Boccard.
- DUNNELL, R. C. (2006) **Classificação em Arqueologia**. São Paulo: EDUSP.
- DUNNING, E. & MALCOLM, D. (2003) **Sport: Critical concepts in sociology**. London: Routledge.
- EDWARDS, G. R. (1957) Panathenaics of hellenistic and roman times. **Hesperia**, vol. 26, n. 4 p. 320-49.
- ELLIS, W. M. (1989) **Alcibiades**. London: Routledge.
- ESCHBACH, N. (1986) **Statuen auf panathenaischen Preisamphoren des 4. Jhs. v. Chr.** Mainz am Rhein: Verlag Philipp Von Zabern.
- _____. (2007) Panathenaic prize amphorae from the Kerameikos: some new aspects and results. *In*: PALAGIA, O. & CHOREMI-SPERSIERI, A. **The panathenaic games. Proceedings of an international conference held at the University of Athens, May 11-12**. Oxford: Oxbow, p. 91-100.
- _____. (s./d.) **Panathenäische Preisamphoren**. Site da Justus-Liebig-Universität

Giessen 1.

- FAIRBANKS, A. (1907) **Athenian lekythoi with outline drawing in glaze varnish on a white ground**. New York: The Macmillan company.
- FALCONI AMORELLI, M. T. (1968) La Tomba della Panatenaica di Vulci. **Quaderni di Villa Giulia**, vol. 3. Rome, p. 39-42.
- FERGUSON, W. S. (1908) Researches in Athenian and Delian documents. II. **Klio. Beiträge zur alten Geschichte**, vol. 8, p. 338-55.
2004. p. 91-100.
- _____. (1911) **Hellenistic Athens. An historical essay**. Chicago: Ares Publishers Inc.
- FEYEL, Ch. (2006) **Les artisans dans les sanctuaires grecs aux époques classique et hellénistique à travers la documentation financière en Grèce**. Paris, Athènes: BEFAR.
- FLEISCHER, J.; LUND, J. & NIELSEN, M. (2001) **Late antiquity. Papers presented by Nordic scholars at a seminar held at Aarhus University 1987**. Copenhagen: Collegium Hyperboreum & Museum Tusculanum Press.
- FORBES, R. J. (1971) **Studies in ancient technology**. Vol. 8. Leiden: Brill.
- FORNARA, C. W. (1983) **Archaic times to the end of the Peloponnesian War**. 2nd Edition, Cambridge: Cambridge University Press.
- FRANCISCO, G. da S. (2008) Grafismos gregos. Escrita e figuração na cerâmica ática do período arcaico (do séc. VII-VI a.C.). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**, Supl. 6.
- FREL, J. (1969) Arx Atheniensum: Panathenaica. **Archaiologika Analekta ex Athenon**, vol. 2, p. 377-86.
- _____. (1973) **Panathenäische Preisamphoren**. Athen: Esperos Verlag, Deutsches Institut Athen.
- _____. (1994) Nugae Panathenaicae. In: **Studia varia**. Roma: L'Erma di Bretschneider., p. 25-32.
- FRIELINGHAUS, H. (2001) Darstellungen Panathenäischer Preisamphoren in der attischen Vasenmalerei. In: BENTZ, M. & ESCHBACH, N. (orgs.) **Panathenaika. Symposium zu den Panathenäischen Preisamphoren Raouishholzhausen 25.11. – 29.11.1998**. Mainz: Verlag Philipp Von Zabern., p. 147-60.
- FULLERTON, M. D. (1990) **The archaistic style in Roman statuary**. Supplements to Mnemosyne. Leiden: BRILL
- _____. (1998) Description vs. Prescription: a semantics of sculptural style. In: HARTSWICK K. J. & STURGEON, M. C. **Stephanos: studies in honor of**

- Brunilde Sismondo Ridgway. Pennsylvania: UPenn Museum of Archaeology, p. 69-78.
- FURTWÄNGLER, A. (2010) **Masterpieces of Greek sculpture: a series of essays on the History of Art**. Cambridge: Cambridge University Press.
- GALALINA, L. K. (1962) **Panathenaic Amphora**. State Hermitage Museum (Leningrad).
- GARDINER, E. N. (1910) **Greek athletic sports and festivals**. London: Macmillan and Co. limited.
- _____. (1912) Panathenaic amphorae. **JHS**, vol. 32, p. 179-93.
- _____. (1930) **Athletics of the ancient world**. Oxford: Clarendon Press.
- _____. (1970) **Greek athletic sports and festivals**. London: Macmillan and Co.
- GARLAN, Y. (1983) Greek amphorae and trade. *In*: GARNSEY, P.; HOPKINS, K. & WHITTAKER, R. (eds.) **Trade in the ancient economy**. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, p. 27-35.
- GEHARD, O. (1830) Vasi panatenaici. **Annali di corrispondenza dell'istituto archeologico**, vol. 2., p. 209-24.
- GHALI-KAHIL, L. (1965) Autour de l'Artémis attique. **Antike Kunst**, vol. 8, p. 20-33.
- GILCHRIST, R. (1994) **Gender and material culture: the archaeology of religious women**. New York: Routledge.
- GLUECK, G. (2004) The Olympics as They Were. **Art Review, The New York Times**. Published July 23, 2004. *Site The New York Times* 1.
- GOLDEN, M. (1998) **Sport and society in ancient Greece**. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (2004) **Sport in the ancient world from A to Z**. London: Routledge.
- GOLTZ, H. (1708) **De re nummaria antiqua, opera quae extant universa**. Vol. 2. Antverpiae: apud H. & C. Verdusse.
- GRAEF, B. (1925) **Die antiken Vasen von der Akropolis zu Athen**. Berlin: Druck und Verlag Von Walter Gruyter & Co.
- GRIMAL, P. (2000) **Dicionário de mitologia grega e romana**. 3ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- HABICHT, Ch (2000). **Athènes hellénistique: histoire de la cité d'Alexandre**. Paris: Les Belles lettres.
- HACKENS, T. (1970) Les monnaies. *In*: BRUNEAU, Ph. et al. **L'îlot de la maison des comédiens**. EAD XXVII, Paris: E. de Boccard, p. 387-419, pr. 64-8.
- HACKENS, T. & LÉVY, E. (1965) Trésor hellénistique trouvé a Délos em 1964. **BCH**, vol. 89, p. 503-66.

- HADJIDAKIS, P. J. (2003) **Delos**. Athens: Latsis Group.
- HAGEMANS, G. (1863) Lexique des mots d'origine grecque ou latine le plus souvent employés dans les ouvrages traitant de vases grecs et étrusques. *In: Un cabinet d'amateur, notices archéologiques et description raisonnée de quelques monuments de haute antiquité*. Liège, Leipzig: Charles Gnusé, p. 172-221.
- HAMBIDGE, J. (1920) **Dynamic symmetry. The Greek vase**. London: Geoffrey Cumberlege, Oxford University Press.
- HAMILTON, R. (1992) **Choes and Anthesteria. Athenian iconography and ritual**. Ann Arbor: The University of Michigan Press.
- _____. (1993) Archon's names on panathenaic vases. **Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik**, vol. 96, p. 237-48.
- _____. (1996) Panathenaic amphoras: the other side. *In: NEILS, J. (ed.) **Worshipping Athena. Panathenaia and Parthenon***. London: University of Wisconsin press, p. 137-65.
- _____. (1999) Martin Bentz, Panathenäische Preisamphoren: eine athenische Vasengattung und ihre Funktion vom 6. Jh. v. Chr. *Antike Kunst, Beiheft 18*. Basel: Vereinigung der Freunde antiker Kunst, 1998. pp. 240, 436 pl. **Bryn Mawr Review**, 11.15.
- _____. (2004). Haritini Kotsidu, Die musischen Agone der Panathenäen in archaischer und klassischer Zeit: Eine historisch-archäologische Untersuchung. Munich: Tuduv, 1991. Pp. 301; 12 figures, 20 plates. ISBN 3-88073-418-6. **Bryn Mawr Classical Review**, 04.03.29.
- HAMPER, R. & SIMON, E. (1984) **Antikes und modernes Griechenland**. Mainz: P. von Zabern.
- HANNAH, P. A. (2000) An Athena on both sides down under. *In: TSETSKHLADZE, G. R., PRAG, A. J. N. W. & SNODGRASS, A. M. **Periplus. Papers on classical art and archaeology presented to Sir John Boardman***. London: Thames & Hudson, p. 115-23.
- _____. (2001) TONAΘENEΘENAΘΛON: A case study in the history of a label. *In: WATSON, J. (ed.), **Speaking volumes: orality and literacy in the Greek and Roman world. Mnemosyne**, Supplement 218*. Leiden: Brill. p. 161-86.
- HARRIS, H. A. (1979) **Greek athletes and athletics**. Westport, Conn.: Greenwood Press,
- HARRISON, E. B. (1957) Athena Parthenos and Athena Polias, a study in the religion of periclean Athens, by C. J. Herington. **AJA**, vol. 61, p. 208-9.
- _____. (1965) Archaic and archaistic sculpture. **The Athenian Agora**, vol. 11. Prin-

- ceton, New Jersey: The American School of Classical Studies at Athens.
- HASENOHR, C. (2003) Les Compitalia à Délos. **BCH**, vol. 127, p. 167-249.
- HAVELOCK, E. A. (1996) **A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais**. Trad.: Ordep José Trindade Serra. São Paulo, Rio de Janeiro: Editora da Universidade Estadual Paulista, Paz e Terra.
- HAVELOCK, C. M. (1964) Archaistic reliefs of the hellenistic period. **AJA**, vol. 68, n. 1, p. 43-58.
- _____. (1965) The archaic as survival versus the archaistic as a new style. **AJA**, vol. 69, n. 4, p. 331-40.
- _____. (1980) The archaistic Athena promachos in early hellenistic coinages. **AJA**, vol. 84, n. 1, p. 41-50.
- HEAD, B. V. (1874) On the chronological sequence of the coins of Syracuse. **Numismatic Chronicle**, vol. 14, p. 1-80.
- HEATH, S. & TEKKÖK, B. (eds.) (s. d.) **Greek, Roman and Byzantine pottery at Ilion (Troia)**. *Site McMiken College of arts and science* 1.
- HEMELRIJK, J. M. (1991) A closer look at the Greek potter. *In*: RASMUNSEN, T. & SPIVEY, N. **Looking at Greek vases**. Cambridge, New York, Melbourne, Port Chester, Sydney: Cambridge University Press. p. 233-55.
- HEMINGWAY, S. (2004) **The horse and jockey from Artemision. A bronze equestrian monu-ment of the hellenistic period**. Berkley, Los Angeles, London: University of Califórnia Press.
- HEERMANCE, T. W. (1896) Fragment of a dated Panathenaic Amphora. **AJA**, vol. 11 (Excavations and Discoveries at Eretria, 1891–1895), p. 331-4.
- HILL, D. K. (1959) Greek vases acquired by the Walters Art Gallery. **AJA**, vol. 63, n. 2, p. 181-3.
- HOBSBAWN, E. & RANGER T. (orgs.) (1997) **A invenção das tradições**. Trad.: Celina Cardim Cavalcante, São Paulo: Paz e Terra.
- HOLSTE, L. & RYCKIUS, Th. (1684) **Notae et castigationes in Stephani Byzantii Ethnica**. Leiden: Lugd. Batavorum, Jacobum Hackium A. C.
- HOLTORF, C. (2002) Notes on the life history of a pot sherd. **Journal of Material Culture**, vol. 7 (1), p. 49-71.
- HOPPIN, J. C. (1906) A panathenaic amphora with the name of the archon Theiophrastos. **AJA**, vol. 10, n. 4, p. 385-93.
- _____. (1919) **A handbook of Attic red-figured vases signed by or attributed to the various masters of the sixth and fifth centuries B.C.** Cambridge: Cambridge University Press.
- HOWLAND, R. L. (1931) Athletics of the ancient world by E. Norman Gardiner. **The**

- Classical Review**, vol. 45, n. 2, p. 57-8.
- HUMPHREYS, H. N. (1853) **The coin collector's manual: or, Guide to the numismatic student in the formation of a cabinet of coins: comprising an historical and critical account of the origin and progress of coinage, from the earliest period to the fall of the Roman empire; with some account of the coinages of modern Europe, more especially of Great Britain.** London: H. G. Bohn.
- HURWIT, J. M. (1999) **The Athenian Acropolis: History, Mythology, and Archaeology from the Neolithic Era to the Present.** Cambridge: Cambridge University Press.
- IMMERWAHR, H. R. (1990) **Attic script. A survey.** Oxford: Clarendon Press.
- INGHIRAMI, F. (1835) **Pittura di vasi fittili.** Tomo III. Poligrafia Fiesolana.
- JACOBSEN, K. (2002) Cypriot Transport Amphorae in the Archaic and Classical Period. *In*: RATHJE, A.; NIELSEN, M. & RASMUSSEN, B. (eds.) *Pots for the Living, Pots for the Dead. Acta Hyperborea*, vol. 9. Copenhagen: Museum Tusculanum, p. 169-84.
- JANNOT, J.-R. (2005) **Religion in ancient Etruria.** Trad. WHITEHEAD, J. K., Wisconsin: University of Wisconsin Press.
- JENKINS, R. J. H. (1947) The bronze Athena at Byzantium. **JHS**, vol. 67, p. 31-33.
- JENKINS, S. P. R. (2005) **Sports Science Handbook:** A-H. Essex : Multi-science publishing.
- JOHNSTON, A. W. (1987) *IG II² 2311* and the number of panathenaic amphorae. **BSA**, vol. 82, p. 125-29.
- JOHNSTON, A. W. & JONES, R. E. (1978) The "SOS" Amphora, **BSA**, vol. 73, p. 103-141.
- JORDAN, B. & PERLIN, J. (1984) On the protection of sacred groves. *In*: DOW, S. & BOEGEHOLD, A. L. (orgs.) **Studies presented to Sterling Dow on his eightieth birthday.** Durham: Duke University, p. 153-9.
- KEESLING, C. M. (2003) **The votive statues of the Athenian Acropolis.** Cambridge; New York: Cambridge University Press.
- KEPHALIDOU, E. (2001) New panathenaic prize-amphoras from Aiani in Upper Macedonia. *In*: BENTZ, M. & ESCHBACH, N. (orgs.) **Panathenaika. Symposium zu den Panathenäischen Preisamphoren Raouishholzhausen 25.11. – 29.11.1998.** Mainz: Verlag Philipp Von Zabern., p. 11-7.
- KLEE, T. (1918) **Zur Geschichte de gymnischen Festen.** Leipzig: B. G. Teubner.
- KNIGGE, U. (1991) **The Athenian Kerameikos. History – Monuments – Excavations.** Athens: Krene Editions.

- KOEHLER, C. G. (1986) Handling of Greek transport amphoras. **BCH**, Suppl. 13, p. 49-67.
- KONDOLEON, N. M. (1937) Ellēnistikoi panathēnaïkoi amphoreis tou Mouseiou Mykonou. **Archaiologikē Ephēmeris**, p. 576-89.
- KOTSIDU, H. (1991) **Die musischen Agone der Panathenäean in archaischer und klassischer Zeit**: Eine historisch-archäologische Untersuchung. Munich: Tuduv.
- _____. (2001) Zur Verbreitung der Preisamphoren. *In*: BENTZ, M. & ESCHBACH, N. (orgs.) (2001) **Panathenaika. Symposion zu den Panathenäischen Preisamphoren Raouishholzhausen 25.11. – 29.11.1998**. Mainz: Verlag Philipp Von Zabern., p. 55-61.
- KRATZMÜLLER, B. (2003) Die Inschrift *IG II² 2311* und die 'Nicht-Möglichkeit' einer Hochrechnung der antiken Vasenproduktion anhand der erhaltenen. *In*: SCHMALTZ, B. & SÖLDNER, M. **Griechische Keramik im kulturellen Kontext. Akten des internationalen Vase-Symposions in Kiel vom 24. bis 28.9.2001 veranstaltet durch das Archäologische Institut der Christian-Albrechts-Universität zu Kiel**. Durham: Scriptorium, p. 277-9.
- _____. (2007) "Not that the vases are easy to interpret..." Some thoughts on Panathenaic prize amphorae. *In*: PALAGIA, O. & CHOREMI-SPERSIERI, A. (2007) **The panathenaic games. Proceedings of an international conference held at the University of Athens, May 11-12, 2004**. Oxford: Oxbow, p. 101-16.
- KREUZER, B. (2001) Die panathenäischen Preisamphoren aus dem Heraion von Samos: Ein Vorbericht. *In*: BENTZ, M. & ESCHBACH, N. (orgs.) **Panathenaika. Symposion zu den Panathenäischen Preisamphoren Raouishholzhausen 25.11. – 29.11.1998**. Mainz: Verlag Philipp Von Zabern, p. 19-24.
- KURTZ, D. C. (1975) **Athenian white lekythoi**. Oxford: Clarendon Press.
- _____. (1989) Two Athenian white-ground lekythoi. *In*: **Greek vases in J. Paul Getty Museum**, p. 113-30.
- KYLE, D. G. (1993) **Athletics in ancient Athens**. Leiden: E. J. Brill
- _____. (1996) Gifts and glory: Panathenaic and others Greek athletic prizes. *In*: NEILS, J. (ed.) **Worshipping Athena. Panathenaia and Parthenon**. London: University of Wisconsin press, p. 106-36.
- _____. (2007) **Sport and Spectacle in the Ancient World**. Malden: Blackwell.
- LACROIX, L. (1949) Copies de statues sur les monnaies des seleucidas. **BCH**, vol. 73, p. 158-76, pr. II-IV.
- LANDES, Ch. et alli (1984) **Les vases à memoire. Les collection de céramique grecque dans le Midi de la France**. Publié par Imago, Musée de Lattes avec le

- concours de la Direction des Musées de France.
- LANG, M. & CROSBY, M. (1964) **Weights, measures and tokens**. The Athenian Agora, X. Princeton, New Jersey, ASCSA.
- LARMOUR, D. H. J. (1999) **Stage and stadium: drama and athletics in ancient Greece**. Hildesheim: Weidmann.
- LARONDE, A. (1987) **Cyrène et la Libye Hellénistique. Libykai Historiai. De l'époque républicaine au principat d'Auguste**. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique.
- LATSI, M. (1989) **Mind and body. Athletic contests in ancient Athens**. Athens: National Archeological Museum, Ministry of Culture, The Nacional Committee I.C.O.M.
- LE LASSEUR, D. (1919) **Les déesses armées dans l'art grec et leurs origins orientales**. Paris: Librairie Hachette.
- LEBÈGUE, J. A. (1876) **Recherches sur Délos**. Paris: E. Thorin, p. 168-70.
- LEHMANN, K. (1973) **Samothracian Reflections: Aspects of the Revival of the Antique**. Bollingen Series, vol. xcn. Princeton, pp. 3-56.
- LEHMANN, K. & SPITTLE, D. (1959) **Samothrace: The Temenos**. New York: New York University. Institute of Fine Arts.
- LEMAIRE, C. (1902) Mémoire des observations que le Sieur Claude Lemaire, Cònsul de France au royaume de Tripoly, a fait en voiaient le long de la Coste de Derne et du Golfe de la Sidre, em 1705 e 1706, et sur diverces relations qu'il a eu du Sudan, qui signifie païs de nègre. *In*: OMONT, H. **Missions archéologiques françaises en Orient aux XVII^e et XVIII^e siècles**. Paris : Imprimerie Nationale, p. 1043-50.
- LÉVY, E. (1968) Nouveaux bijoux a Délos. **BCH**, vol. 92, p. 523-5.
- LINDNER, R. (2000) Athena Rechtsgewandt. Eine Panathenaisch Preisamphora des Schaukelmalers im J.Paul Getty Museum. **Greek Vases in the J.Paul Getty Museum**, vol. 6, p. 79-86.
- LING, R. (1990) **The Greek World, The Making of the Past**. New York : Peter Bedrick Books.
- LITTAUER, M. A. A 19th and 20th dynasty heroic motif on Attic black-figured vases? **AJA**, vol. 72, n. 2, p. 150-2.
- LISSARRAGUE, F. & FRONTISI-DUCROUX, F. (1990) Vingt ans de vases grecs. Tendances actuelles des études en iconographie grecque (1970-1990). **Métis**, vol. 5, p. 205-224.
- LO PORTO, F. G. (1967) Tombe di atleti tarentini. **Atti e memorie della Società Magna Grecia**, vol. 8, p. 69-84.

- LUCAS, P. (1714). **Voyage du sieur Paul Lucas, fait par ordre du roi dans la Grèce, Asie Mineure, la Macedonie et l'Afrique. Tome Second, contenant la description de Jerusalem, de l'Egypte, & du Fioume avec um Memoire pour fervir à l'Histoire de Tunis, depuis l'anné 1684.** Amsterdam: Etienne Fourmont, aux dépens de la Compagnie.
- LUNDGREEN, B. (1997) A methodological enquiry: the great bronze Athena by Pheidias. **JHS**, vol. 117, p. 190-7.
- LUNI, M. (1976) Documenti per la storia della istituzione ginnasiale e dell'attivit à atletica in Cirenaica, in rapporto a quelle della Grécia. *In: Quaderni di archaeologia della Libia*, vol. 8, p. 223-84.
- LYNCH, K. (2009). Panathenaic amphoras. *In: HEATH, S. & TEKKÖK, B. (eds.) Greek, Roman and Byzantine pottery at Ilion (Troia). Site University of Cincinnati, Department of Classics 1.*
- MACKAY, A. (1996) Time and timelessness in the traditions of early oral poetry and archaic vase-painting. *In: WORTHINGTON, I. (ed.) Voice into text. Orality and literacy in ancient Greece. Mnemosyne – Bibliotheca Classica Batava. Suppl. 157*, p. 43-58.
- MAFFRE, J. J. (2000) Céramiques attiques du IV siècle av. J.-C. en Cyrénaïque. *In: La céramique attique du IVe siècle en Méditerranée occidentale. Actes du colloque international d'Arles, 7-9 décembre 1995.* Naples: Centre Jean Bérard. p. 265-9.
- _____. (2001a) Amphores panathénaïques découvertes en Cyrénaïque. *In: BENTZ, M. & ESCHBACH, N. (orgs.) Panathenaika. Symposion zu den Panathenäischen Preisamphoren Raouishholzhausen 25.11. – 29.11.1998.* Mainz: Verlag Philipp Von Zabern, p. 25-32.
- _____. (2001b) Céramique attique récemment découvert à Apollonia de Cyrenaïque. **Comptes rendu. Académie des inscriptions et belles letters.** Paris: De Boccard. p. 1065-79.
- MANNACK, Th. (2001) **The late Mannerists in Athenian vase-painting.** Oxford: Oxford University Press.
- MARTHA, J. (1877) Vases panathénaïques trouvés sur l'Acropole. **BCH**, vol. 1, p. 173-6.
- MARTIN, A. (1886) **Les cavaliers athéniens.** Paris: Ernest Thorin.
- MARX, P. A. (2003) Athena on early panathenaic amphoras. **Antike Kunst**, vol. 46, p. 14-30.
- MATHESON, B. (1989) Panathenaic amphorae by the Kleophrades painter. *In: Greek vases in J. P. Getty Museum*, vol. 4, Malibu, California, p. 95-112.

- MATTHEWS, V. J. (1989) **The Archaeology of the Olympics: the Olympics and other festivals in antiquity** by Wendy J. Raschke. *The Classical Review New Ser.*, Vol. 39, n. 2, p. 297-300.
- MATTINGLY, H. B. (2004) **From coins to history: selected numismatic studies**. Michigan: University of Michigan Press.
- MATTUSCH, C. C. (1982) **Bronzeworkers in the Athenian Agora**. ASCSA.
- MATSON, F. R. (ed.). (1965) **Ceramics and man**. Chicago: Aldine Publ. Comp.
- MAURIZIO, L. (1998) The Panathenaic procession: Athen's participatory democracy on display. *In*: BOEDEKER, D. & RAAFLAUB, K. A. (eds.) **Democracy, empire and the arts in fifth-century Athens**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 297-317.
- MAUZY, C. A. (2006) **Agora excavations, 1931-2006. A pictorial history**. ASCSA.
- MAYO, M. E. (1982) **The Art of South Italy: vases from Magna Graecia: an exhibition**, Vol. 44. Virginia Museum of Fine Arts, Philbrook Art Center, Detroit Institute of Arts.
- MENESES, U. T. B. de (1981) **Pintura na construção social da cidade: estudo de cultura material em Delos helenística**. Vol. I (texto) e II (ilustrações). São Paulo, 1981; Tese (Livre Docência – FFLCH-USP – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo).
- MENESES, U. T. B. & SARIAN, H. (1973) Nouvelles peintures liturgiques de Délos. **BCH**, suppl. 1, p. 77-109.
- MERITT, B. D. (1946) Greek Inscriptions. **Hesperia**, vol. 15, n. 3, p. 57-101.
- MERTENS, J. R. (1977) **Attic white-ground. Its development on shapes other than lekythoi**. New York, London: Garland Publishing, Inc.
- MERRYMAN, J. H.; ELSEN, A. E. & URICE, S. K. (2007) **Law, ethics and visual arts**. 5^a ed., Alphen aan der Rijn: Kluwer Law International.
- MICHALOWSKI, C. (1930) Les hermès du Gymnase de Délos. **BCH**, vol. 54, p. 131-46, pr. 4-7.
- MILLER, S. G. (1982) A miniature Athena promachos. *Studies in Athenian Architecture, Sculpture and Topography*. Presented to Homer A. Thompson. **Hesperia**, suppl. 20, p. 93-9, 206.
- _____. (2004a) **Ancient Greek Athletics**. Yale: Yale University Press.
- _____. (2004b) **Arete: Greek sports from ancient sources**. California: University of California Press.
- MILLINGEN, J. (1822). **Ancient unedited monuments**. Vol. 1. Painted Greek vases. London: Firmin Didot.

- MOMIGLIANO, A. (1991) **Os limites da helenização. Interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa.** Rio de Janeiro: Zahar.
- MOMMSEN, A. (1898) **Feste der Stadt Athen im Altertum. Geordnet nach attischem Kalender.** Leipzig: Teubner.
- MOORE, M. B. (1968) Horses by Exekias. **AJA**, vol. 72, n. 4, p. 357-68.
- _____. (1979) Lydos and the Gigantomachy. **AJA**, vol. 83, n. 1, p. 79-99.
- _____. (1999) "Nikias Made Me": An Early Panathenaic Prize Amphora in the Metropolitan Museum of Art. **Metropolitan Museum Journal**, vol. 34, p. 37-56.
- MOORE, M. B. & PHILIPPIDES, M. Z. P. (1986) **Attic Black-figured pottery.** The Athenian Agora, XXIII. Princeton, New Jersey, ASCSA.
- MOORE, K. & REID, S. (2008) The birth of brand: 4000 years of branding. **Business History**, vol. 50, n. 4, p. 419-32.
- MOREY, W. C. (1903) **Outlines of Greek History.** Chicago: American Book Company.
- MORGAN, C. (2007) Debating patronage: the cases of Argos and Corinth. *In*: HORNBLOWER, S. & MORGAN, C. (eds.) **Pindar's poetry, patrons, and festivals: from archaic Greece to the Roman Empire.** Oxford: Oxford University, p. 213-65.
- MØRKHOLM, O. (1984) **The chronology of the New Style silver coinage of Athens.** *ANS Museum Notes* 29, p. 29-42.
- MORRIS, I. (1996) **Death-ritual and social structure in classical antiquity.** Cambridge: Cambridge University Press.
- MUELLER, H. A. (1837). **Panathenaica.** Bonnae: Impensis Librarium Koenig et Van Borcharen.
- MURRAY, A. S. (1887) An archaic Greek vase. **The Classical Review**, vol. 1, n. 10, p. 315-6.
- _____. (1890) Athena Parthenos. **The Classical Review**, vol. 4, n. 3, p. 132-4.
- MYLONAS, G. E. (1944) The bronze statue from Artemision. **AJA**, vol. 48, n. 2, p. 143-60.
- NAGY, G. (2001) Homeric poetry and problems of multiformity: The "panathenaic bottleneck". **Classical Philology**, vol. 96, p. 109-19.
- _____. (2002) **Plato's rhapsody and Homer's music: the poetics of the Panathenaic festival in classical Athens.** Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press.
- NEILS, J. (ed.) (1992) **Goddess and polis. The panathenaic festival in ancient Athens.** New Jersey: Princeton University Press.
- _____. (ed.) (1996) **Worshipping Athena. Panathenaia and Parthenon.** London:

University of Wisconsin press.

- _____. (2001) Athena, alter ego of Zeus. *In*: LACKNER, M., AMELUNG, I & KURTZ, J. **New terms for new ideas: Western knowledge and lexical change in late imperial China**. Leiden, Boston, Koln: Brill. p. 219-32.
- _____. (2004) Yet another red-figure panathenaic. **Mediterranean Archaeology**, vol. 17 (2004), p. 61-4.
- _____. (2007) Replicating tradition: the first celebrations of the Greater Panathenaia. *In*: PALAGIA, O. & CHOREMI-SPERSIERI, A. (orgs.) **The panathenaic games. Proceedings of an international conference held at the University of Athens, May 11-12, 2004**. Oxford: Oxbow., p. 41-52.
- _____. (2008) "Women are white": White ground and the Attic funeral. *In*: LAPATIN, K. D. S. **Papers on special techniques in Athenian vases: proceedings of a symposium held in connection with the exhibition The colors of clay: special techniques in Athenian vases**, at the Getty Villa, June 15-17, 2006. Los Angeles: Getty Publications, p. 61-72.
- NEWBY, Z. (2005) **Greek athletics in the Roman world: victory and virtue**. Oxford: Oxford University Press.
- NICHOLSON, N. J. (2005) **Aristocracy and athletics in archaic and classical Greece**. Cambridge: Cambridge University Press.
- NISTRI, G. (2011) The experience of the Italian cultural heritage protection unit. *In*: CHAPPELL, D. & MANACORDA, S. (eds.) **Crime in the art and antiquities world: illegal trafficking in cultural property**. New York, Dordrecht, Heidelberg, London: Springer, p. 183-92.
- NOBLE, J. V. (1960) The technique of attic vase-painting. **AJA**, vol. 64, p. 306-18; pr. 84-88.
- _____. (1996) **The techniques of painted attic pottery**. London, New York: Faber and Faber, The Metropolitan Museum of Art.
- NOGARA, B. (1951) Frammento di Douris nel Museu Gregoriano-Etrusco. **JHS**, vol. 71, p. 129-32.
- NOMOS AG. (2009) **Auction 1, zürich, 6 may 2009. greek, roman, early medieval and early modern coins and medals**. Zürich, Switzerland.
- NÖRSKOV, V. (2002) **Greek vases in new contexts. The collecting and trading of Greek vases – an aspect of the modern reception of Antiquity**. Aarhus: Aarhus University Press.
- NORTON, R. (1896) Fragment of a dated Panathenaic Amphora. **American Journal of Archaeology and of the History of Fine Arts**, vol. 11, n. 3, p. 331-4.
- NUEZ PÉREZ, M. E. (2004) Las Panateneas : topografía de una fiesta. **Gérion**,

- vol. 22, n. 1, p. 101-20.
- NÚÑEZ GUTIÉRRES, M. L. (org.) (1990) **La Habana. Salas del Museo Nacional de Cuba, Palacio de Bellas Artes**. La Habana: Editora Letras Cubanas.
- OAKLEY, J. H. (1992) An Athenian red-figure workshop. **BCH**, suppl. 23, p. 195-203.
- _____. (1997) **The Achilles painter**. Mainz, Rhein: Verlag Philipp von Zabern.
- _____. (2004) **Picturing Death in classical Athens. The evidence os the white lekythoi**. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (2007) A unique new depiction of a Panathenaic victor. *In*: PALAGIA, O. & CHOREMI-SPERSIERI, A. (orgs.) **The panathenaic games. Proceedings of an international conference held at the University of Athens, May 11-12, 2004**. Oxford: Oxbow, p. 81-90.
- OBER, J. (1985) **Fortress Attica: defense of the Athenian land frontier, 404-322 B.C.** Leiden: Brill.
- OLMOS ROMERA, R. (1993) **Catalogo de los vasos griegos del Museo Nacional de Bellas Artes de La Habana**. Madrid: Ministerio de Cultura, Dirección General de Bellas Artes y Archivos, Instituto de Conservación y Restauración de Bienes Culturales.
- OMONT, H. (1902) **Missions archéologiques françaises en Orient aux XVII^e et XVIII^e siècles**. Paris : Imprimerie Nationale.
- PAGENSTECHE, R. (1909) Dated Sepulchral Vases from Alexandria. **AJA**, vol. 13, n. 4, p. 387-416.
- PALAGIA, O. (1982) A colossal statue of a personification from the Agora of Athens. **Hesperia**, vol. 51, n. 1, p. 99-113.
- PALAGIA, O. & CHOREMI-SPERSIERI, A. (2007) **The panathenaic games. Proceedings of an international conference held at the University of Athens, May 11-12, 2004**. Oxford: Oxbow.
- PANATHENAICS. (1831). Antiquaries researchs. The gentleman's magazine and historical chronicle from july to december, 1831. Vol. 101, p. 637-8. [texto também apresentado no The London literary gazette and journal of belles lettres, arts, sciences, etc. n. 728, 1831, p. 827]
- PANOFKA, Th. (1829) **Recherches sur les véritables noms des vases grecs et sur leurs différens usages**. Paris : Debure Frères, Libraires du Roi et de la Bibliothèque du Roi ; MM. Rey et Gravier ; M. Weigel.
- PANVINI, R. (2004) Le ceramiche attiche dall'emporio arcaico di Gela. *In*: PANVINI, R. & GIUDICI, F. **Ta Attika. Veder greco a Gela ceramiche attiche figurate dall'antica colônia**. Roma: L'Erma di Bretschneider

- PANVINI, R. & GIUDICI, F. (2004) **Ta Attika. Veder greco a Gela ceramiche attiche figurate dall'antica colônia**. Roma: L'Erma di Bretschneider.
- PAPASPYRIDIS-KAROZOU, S. (1938) A proto-panathenaic amphora in the National Museum at Athens. **AJA**, vol. 42, n. 4, p. 495-505.
- PAPAZARKADAS, N. (2011) **Sacred and Public Land in Ancient Athens**. Oxford: Oxford University Press.
- PARIANTE, A. (1991) Les céramiques à partir de l'époque archaïque. In: PICARD, O. (org.) **Guide de Delphes. Le Musée**. Paris: Éditions E. de Boccard.
- PARKER, R. (2005) **Polytheism and society at Athens**. Oxford: Oxford University Press.
- _____. (2010) **On Greek religion**. New York: Cornell University Press.
- PERVANOGLOU, P. (1862) Scavi. Sepolcri scavati in Atene. I. **Bullettino dell'Istituto di corrispondenza archeologica per l'anno**. Roma: Topografia Tiberina, p. 145-150.
- PETERS, K. (1942) **Studien zu den panathenäischen Preisamphoren**. Berlin: Archäologisches Institut des Deutschen Reiches.
- PITT, R. K. (2010) Athens and Attica. **Archeological Reports**, p. 3-9.
- PITT-RIVERS, A. H. L. F. (LANE FOX, A. H.) (1875) On the principles of classification adopted in the arrangement of his anthropological collection now exhibited in the Bethnal Green Museum. **Journal of the Anthropological Institute**, vol. 4, p. 293-308.
- PITTAKYS, K. S. (1835) **L'ancienne Athènes ou la description des antiquités d'Athènes et de ses environs**. Athènes: E. Antoniades.
- PLATZ-HORSTER, G. (1995) Die Berliner Glasamphora aus Olbia. **Journal of Glass Studies**, vol. 37, p. 35-50.
- _____. (2007) Die Glasamphora aus Olbia. In: SCHOLL, A. & PLATZ-HORSTER, G. (orgs.) **Altes Museum. Pergamonmuseum. Die Antikensammlung**. Zabernm Mainz, p. 107 sq.
- POLIAKOFF, M. (1987) **Combat sports in the Ancient world**. New Haven: Yale University Press.
- POLLITT, J. J. (1986) **Art and experience in classical Greece**. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (1996) **Art in the Hellenistic age**. Cambridge: Cambridge University Press.
- POTTIER, E. (1882) Amphore panathénaique avec le nom de archonte Hégésias. **BCH**, vol. 6, p. 168-70, pr. II.
- POUNDER, R. L. (1983) A Hellenistic Arsenal in Athens. **Hesperia**, vol. 52, p. 233-56.

- PRITCHARD, D. M. (2010) **War, democracy and culture in classical Athens**. Cambridge : Cambridge University Press.
- RANGABE, A. R. (1885) **Antiquités helléniques, ou repertoire d'inscriptions ET d'autres antiquités découvertes depuis l'affranchissement de la Grèce**. Athènes: Typ. ET Lith. Royales.
- RASMUSSEN, T & SPIVEY, N. (2000) **Looking at Greek vases**. Cambridge: Cambridge University Press
- REBUFFAT, R. (1967) De l'Illias Ambrosiana à l'amphore panathénaïque. **Mélanges d'Archéologia et d'Histoire**, vol. 79, p. 661-78.
- REINACH, S. (1889) Antiquités du théâtre de Délos. **BCH**, vol. 13, p. 377-8.
- _____. (1899[1923]) **Répertoire des vases peints grecs et étrusques**. Tome I. 2ème éd., Paris: Éd. Ernest Leroux.
- RICHTER, G. M. A. & MILNE, M. J. (1935) **Shapes and names of the Athenian vases**. New York: The Metropolitan Museum of Art.
- RIDGWAY, B. S. (1967-1968) Archaeology in Central Italy and Etruria, 1962-67. **Archaeological Reports**, vol. 14, p. 29-48.
- _____. (1992) Images of Athena on Akropolis. *In*: NEILS, J. (ed.) **Goddess and polis. The panathenaic festival in ancient Athens**. New Jersey: Princeton University Press, p. 119-42.
- _____. (2002) **Hellenistic Sculpture III: The styles of ca. 100-31 B.C.** Wisconsin: Univ of Wisconsin Press.
- RHOMIOPOULOU, K. (1989) The Panathenaic festival. *In*: LATSI, M. **Mind and body. Athletic contests in ancient Athens**. Athens: National Archeological Museum, Ministry of Culture, The Nacional Committee I.C.O.M.
- ROBERTS, J. W. (1984) **City of Sokrates: an introduction to classical Athens**. London: Routledge.
- _____. (ed.) (2005) **Oxford dictionary of the classical world**. Oxford, New York: Oxford University Press.
- ROBERTSON, M. (2000) Thoughts on the Marsyas painter and his Panathenaics. *In*: TSETSKHLADZE, G. R., PRAG, A. J. N. W. & SNODGRASS, A. M. (orgs.). **Periplous: papers on classical art and archaeology presented to Sir John Boardman**.
- ROBINSON, D. M. (1908) Fragment of a panathenaic amphora with the name of the archon Neaechmus. **AJA**, vol. 12, n. 1, p. 47-8.
- _____. (1910) A Panathenaic amphora with the archon's name Asteius. **AJA**, vol. 14, n. 4, p. 422-25.
- _____. (1922) An amphora of Nicosthenes in Baltimore. **AJA**, vol. 26, n. 1, p. 54-

58.

_____. (1929) A preliminary report on the excavations at Olynthos. **AJA**, vol. 33, n. 1, p. 53-76.

ROCHA PEREIRA, M. H. (2007) **Vasos gregos em Portugal**: aquém das colunas de Hércules. Lisboa: Instituto Português de Museus

_____. (2008) **O coleccionismo de vasos gregos em Portugal**: breve apontamento. *Site* Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa 1.

ROMANO, I. B. (2006) **Classical sculpture**: catalogue of the Cypriot, Greek, and Roman stone sculpture. Philadelphia: University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology.

RONCAYOLO, M. (1986) Região. *In*: Região. **Enciclopédia Einaudi**, vol. 8, p. 161-89

ROUET, Ph. (2001) **Approaches to the study of Attic vases**. Beazley and Pottier. Oxford: Oxford University Press.

SACKS, D.; MURRAY, O. & BUNSON, M. (1997) **A dictionary of the ancient Greek world**. Oxford: Oxford University Press.

SAÏD, S. & TRÉDÉ, M. (1999) **A short history of Greek literature**. London: Routledge.

SALLARES, R. (1991) **The ecology of the ancient Greek world**. London: Duckworth.

SAMS, G. K (1994) **The early Phrygian pottery. Excavations, 1950-1973**: final reports. Vol. 4. Pennsylvania: University of Pennsylvania, Museum of Archaeology.

SANDE, S. (2008) Gaming pieces. *In*: BILDE, P. G. & POULSEN, B. (eds.) **The temple of Castor and Pollux II: The finds**. Roma: L'Erma di Bretschneider, p. 321-2.

SANNIBALE, M. (2007) The vase collection of the Gregorian etruscan museum. *In*: BENTZ, M. & KÄSTNER, U. **Konservieren oder Restaurieren – die Restaurierung griechischer Vaser Von der antike bis Heute**. CVA Alemanha, supl. III. München: Verlag C. H. Beck. p. 49-55, pl. IV-VI.

SARIAN, H. (1984) A cerâmica como documento arqueológico. **Revista de Pré-História**, n. 6, p. 196-204.

_____. (1996-1997) Culto heróico, cerimônias fúnebres e a origem dos jogos olímpicos. **Classica**, vol. 9/10, n. 9/10, p. 45-60.

_____. (2005) **Arqueologia da imagem. Expressões do mito e da religião na Antiguidade Clássica**. Tese de Livre Docência em Arqueologia Clássica – MAE-USP.

- SCANLON, Th. F. (2002) **Eros and Greek athletics**. Oxford: Oxford University Press.
- SCHAUS, G. P. (2007) **Onward to the Olympics**: historical perspectives on the Olympic Games. Wilfrid Laurier University Press.
- SCHIFFER, M. B. (1972) Archaeological context and systemic context. **American Antiquity**, vol. 37, n. 1, p. 156-65.
- _____. (1976) **Behavioral Archaeology**. New York, London, San Francisco: Academic Press.
- SCHMALTZ, B. & SÖLDNER, M. (2003) **Griechische Keramik im kulturellen Kontext. Akten des internationalen Vase-Symposiums in Kiel vom 24. bis 28.9.2001 veranstaltet durch das Archäologische Institut der Christian-Albrechts-Universität zu Kiel**. Durham: Scriptorium.
- SCHMIDT, E. (1922) **Archaistische Kunst in Griechenland und Rom**. München: Kommissionsverlag B. Heller.
- SCHREIBER, T. (1999) **Athenian vase-construction. A potter's analysis**. Malibu: Getty Museum Publications.
- SEALEY, R (1976) **A history of the Greek city states, ca. 700-338 B.C.** Berkeley, Los Angeles: University of California Press.
- SEAR, D. R. (1979) **Greek Coins and Their Values**: Asia and North Africa. London: Seaby.
- SEARS, E. S. (2001) **Running through the ages**. Jefferson, NC: McFarland & Company.
- SEEBERG, A. (1994) Epoiesen, Egrapsen, and the Organization of the Vase Trade. **JHS**, vol. 114, p. 162-164.
- SELTMAN, C. T. (1939) **The Cambridge ancient history**. Volume of plates V.
- _____. (1947) The Athenian marble thrones. **JHS**, vol. 67, p. 22-30, pr. VI-IX.
- SEYFFERT, O. (1894) **Dictionary of classical antiquities. Mythology, religion, literature, art**. 3^a ed., London: William Glaisner.
- SEYMOUR-SMITH, Ch. (1986) **Macmillan dictionary of anthropology**. London and Basingstoke, Macmillan Press.
- SHANKS, M. & TILLEY, Ch. (1992) **Re-constructing archaeology: theory and practice**. 2^a ed., New York: Routledge.
- SHAPIRO, H. A. (1989) **Art and cult under the tyrants in Athens**. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern.
- _____. (1992) Mousikoi Agones: Music and Poetry at the Panathenaia. In: NEILS, J. (ed.) **Goddess and Polis. The Panatheniac Festival in ancient Athens**. New Jersey: Princeton University Press, p. 53-75.

- _____. (2001) Red-figure Panathenaic Amphoras: some Iconographical Problems. *In*: BENTZ, M. & ESCHBACH, N. (orgs.) **Panathenaika. Symposium zu den Panathenäischen Preisamphoren Raouishholzhausen 25.11. – 29.11.1998.** Mainz: Verlag Philipp Von Zabern., p. 119-24.
- SHEAR, J. L. (2001) **Polis and Panathenaia: the history and development of Athena's festival.** Michigan: UMI Dissertation Services.
- _____. (2003) Prizes from Athens: the list of panathenaic prizes and the sacred oil. **Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik**, vol.142, p. 87-108.
- _____. (2007) Royal Athenians: The Ptolomies and Attalids at the Panathenaia. *In*: PALAGIA, O. & CHOREMI-SPERSIERI, A. (orgs.) **The panathenaic games. Proceedings of an international conference held at the University of Athens, May 11-12, 2004.** Oxford: Oxbow, p. 135-45.
- SIMON, E. (2002) **Festivals of Attica: an archaeological commentary.** Wisconsin: University of Wisconsin Press.
- SMETS, A. (1936) Groupes chronologiques des amphores panathenaiques inscrites. **L'Antiquité Classique**, vol. 5, p. 87-104.
- SMITH, A. D. (2004) Ethnic cores and dominant ethnies. *In*: KAUFAMANN, E. P. **Rethinking ethnicity: majority groups and dominant minorities.** London: Routledge.
- SMITH, C. (1896-7) Panathenaic amphorae. **BSA**, vol. 3, p. 182-200, pr. XVI.
- SMITH, W. (1843) **A dictionary of Greek and Roman antiquities.** New York: Harper & Brothers.
- SMITH, W. & FELTON, C. C. (1857) **A History of Greece: from the earliest times to the Roman conquest.** Boston: Hickling, Swan and Brewer.
- SNODGRASS, A. M. (1967). **Early Greek Armour and Weapons.** London: Thames & Hudson.
- SOKOLOWSKI, F. (1969) **Lois sacrées des citées grecques.** Paris : E. de Boccard.
- SOUZA, Ph. de (2008) Greek warfare and fortification. *In*: OLESON, J. P. (ed.) **Handbook of engineering and technology in the Classical world.** Oxford, New York : Oxford University Press, p. 673-90.
- SPARKES, B. A. (1993) **Debris from a public dining place in the Athenian Agora by Susan I. Rotroff, John H. Oakley.** The Classical Review New Ser., Vol. 43, No. 2, pp. 371-2.
- _____. (1996) **The red and the black: studies in Greek pottery.** London, New York: Routh-ledge.
- _____. (1991) **Greek pottery: an introduction.** Manchester: Manchester University

Press.

- SPIVEY, N. (1991) Greek vases in Etruria. *In*: RASMUSSEN, T. & SPIVEY, N. (eds.) **Looking at Greek vases**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 131-50.
- SPON, J. (1678) **Voyage d'Italie, de Dalmatie, de Grèce et du Levant, fait aux années 1675 et 1676**. Tome II. Lyon : Antoine Cellier le fils.
- STAMPOLIDIS, N. Ch. & TASSOULAS, Y. (2004) **Magna Graecia. Athlétisme et Olympisme à la périphérie du monde hellénique**. Atenas: Comitê de Organização dos Jogos Olímpicos de Atenas 2004, Museu de Arte Cicládica.
- STANSBURY-O'DONNELL, M. D. (2011) **Looking at Greek art**. Cambridge: Cambridge University Press.
- STANTON, G. R. (2002) **Athenian Politics C800-500 BC: A Sourcebook**. London: Routledge.
- STEINER, A. (2007) **Reading Greek vases**. New York: Cambridge University Press.
- STELMAN, C. (1947) The Athenian marble thrones. **JHS**, vol. 67, p. 22-30, pr. VI-IX.
- STENICO, A. (1979) Un'anfora panatenaica del pittore di Euphiletos. *In*: CAMBITOGLU, A. (ed.) **Studies in Honour of Arthur Dale Trendall**. Sydney, p. 177-80.
- STISSI, V. (2002). **Pottery to the people: The production, distribution and consumption of decorated pottery in the Greek world in the archaic period (650-480 BC)**. Amsterdam (Ph.D. Thesis, University of Amsterdam).
- SWEET, W. E. & SEGAL, E. (1987) **Sport and recreation in ancient Greece: a sourcebook with translations**. Oxford: Oxford University Press.
- SWINDLER, M. H. (1916) The Bryn Mawr collection of Greek vases. **AJA**, vol. 20, n. 3, p. 308-45.
- TARBELL, F. B. (1900) Fragment of a dated Panathenaic amphora. **The Classical Review**, vol. 14, n. 9, p. 474-5.
- _____. (1908) The palm of victory. **Classical Philology**, vol. 3, n. 3, p. 264-72.
- THEMELIS, P. (2007) Panathenaic prizes and dedications. *In*: PALAGIA, O. & CHOREMI-SPERSIERI, A. **The panathenaic games. Proceedings of an international conference held at the University of Athens, May 11-12, 2004**. p. 21-32.
- THOMPSON, H. A. (1956) Activities in the Athenian Agora: 1955. **Hesperia**, vol. 25, n. 1, p. 46-68.
- _____. (1960) Activities in the Athenian Agora: 1959. **Hesperia**, vol. 29.

- THOMPSON, M. (1961) **The new style silver coinage of Athens**. New York: American Numismatic Society.
- THREATTE, L. (1996) **The Grammar of Attic Inscriptions**. Berlin; New York: Walter de Gruyter.
- THUILLIER, J.-P. (1997) La tombe des Olympiades de Tarquinia ou les jeux étrusques ne sont pas le concours grecs. **Nikephoros**, vol. 10, p. 257-264.
- _____. (2001) Panathenäen um Makedonen. Panathenäische Preisamphoren aus dem nordgriechischen Raum. *In*: BENTZ, M. & ESCHBACH, N. (orgs.) **Panathenaika. Symposium zu den Panathenäischen Preisamphoren Raouishholzhausen 25.11. – 29.11.1998**. Mainz: Verlag Philopp Von Zabern, p. 41-54.
- _____. (2007) Panathenaic amphoras. *In*: PALAGIA, O. & CHOREMI-SPERSIERI, A. (orgs.) **The panathenaic games. Proceedings of an international conference held at the University of Athens, May 11-12, 2004**. Oxford: Oxbow, p. 1-20.
- TORRALVO, A. C. (1996-1997) Competições e festivais na Grécia pré-helenica: as evidências minóico-micênicas. **Classica**, São Paulo, v. 9/10, n. 9/10, p. 34-44.
- TOYNBEE, J. M. C. (1967) **The Hadrianic School. A chapter in the History of Greek art**. Roma: L'Erma di Bretschneider.
- TRACY, S. V. (1991) The panathenaic festival and games: an epigraphical inquiry. **Nikephoros**, vol. 4, p. 133-53.
- _____. (2007) Games at the lesser Panathenaia? *In*: PALAGIA, O. & CHOREMI-SPERSIERI, A. (orgs.) **The panathenaic games. Proceedings of an international conference held at the University of Athens, May 11-12, 2004**. Oxford: Oxbow. p. 53-8.
- TRACY, S. V. & HABICHT, Ch. (1991) New and old Panathenaic victor lists. **Hesperia**, vol. 60, 2; p. 189-236.
- TRENDALL, A. D. (1967) **The Red-figured Vases of Lucania**. Oxford: Oxford University Press,
- TRENDALL, A. D. & CAMBITOGLU, A. (1978) **The red-figured vases of Apulia**. Oxford, New York: Clarendon Press, Oxford University Press.
- TRIGGER, B. G. (2004) **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus.

- TR OFIMOVA, A. A. (2007) **Greeks on the Black Sea: ancient art from the Hermitage**. Los Angeles: J. Paul Getty Museum.
- TSOUKLIDOU, D. (2003) A New white-ground Panathenaic amphora. **Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts**. Athenische Abteilung, vol. 118, p. 383-95.
- _____. (2007) Leukoi panathēnaïkoi amphoreis kai mousikoi agōnes. *In*: PALAGIA, O. & CHOREMI-SPERSIERI, A. (orgs.) **The panathenaic games. Proceedings of an international conference held at the University of Athens, May 11-12, 2004**. Oxford: Oxbow, p. 109-16.
- TYRRELL, W. B. (2004) **The smell of sweet: Greek athletics, Olympics, and culture**. Vol. 1. Wauconda: Bolchazy-Carducci Publishers Inc.
- TZOUVARA-SOULI, C. (1996) Seal impressions from Cassope. **BCH**, suppl. 29, p. 497-509.
- VALAVANIS, P. (1986) Les amphores panathénaïques et le commerce athénien de l'huile. **BCH**, suppl 13, p. 453-60.
- _____. (1990) La proclamation des vainqueurs aux Panathénées. **BCH**, vol. 114, p. 346-50.
- _____. (1999) Zum Grabmonument am Dritten Horos. **Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts Athenische Abteilung**, vol. 114, p. 185-205, pr. 27, fig. 1 a-b.
- _____. (2000) Thoughts on the Marble Panathenaic Amphorae from Marathon. **Eirene: studia graeca et Latina**, vol. 36, p. 89-97.
- _____. (2001) Panathenäische amphoren auf monumenten spätklassischer, hellenistischer um römischer zeit. *In*: BENTZ, M. & ESCHBACH, N. (orgs.) **Panathenaika. Symposium zu den Panathenäischen Preisamphoren Raouishholzhausen 25.11. – 29.11.1998**. Mainz: Verlag Philipp Von Zabern, p. 165-74.
- _____. (2004) **Games and Sanctuaries in Ancient Greece. Olympia, Delphi, Isthmia, Nemea, Athens**. Trad.: David Hardy. Los Angeles: Getty Publications.
- _____. (2009) Mortals facing the goddess: thoughts on the panathenaic amphora of Lydos in Florence and some pseudo-panathenaic vases. *In*: PALAGIA, O. & CHOREMI-SPERSIERI, A. (orgs.) **The panathenaic games. Proceedings of an international conference held at the University of Athens, May 11-12, 2004**. Oxford: Oxbow, p. 297-305.
- VALAVANIS, P. & DELEVORRIAS, A. (2007) **Great moments in Greek archaeology**. Athens: Kapon.
- VAN LOOY, H. (1992) Les festivals. *In*: VANHOVE, D. **Le sport dans la Grèce**

- antique. Du jeu à la competition.** Bruxelles: Palais de Beaux-Arts.
- VAN STRATEN, F. T. (1995) **Hiera kala: Images of Animal Sacrifice in Archaic and Classical Greece.** London: Brill.
- VENUTI, L. (2001) Anfore panatenaiche del Pittore di Kleophrades e della sua Cerchia nel Museo Archeologico di Firenze. *In*: BENTZ, M. & ESCHBACH, N. (orgs.) **Panathenaika. Symposion zu den Panathenäischen Preisamphoren Raouishholzhausen 25.11. – 29.11.1998.** Mainz: Verlag Philipp Von Zabern, p. 65-72.
- VICKERS, M. (1978) **Greek vases.** Oxford: Ashmolean Museum.
- _____. (1999) **Ancient Greek pottery.** Oxford: Ashmolean Museum.
- VICKERS, M. & GILL, D. (1996) **Artifful crafts. Ancient Greek silverware and pottery.** Oxford: Clarendon Press.
- VIDAL-NAQUET, P. (2002) **Os gregos, os historiadores, a democracia. O grande desvio.** Trad. : Jônatas Batista Neto, São Paulo, Cia. das Letras.
- VILANUEVA-PUIG, M.Ch. (2007) Des signatures de potiers et de peintres de vases à l'époque grecque archaïque et de leurs interprétations. **Mètis**, vol. 5, p. 27-50.
- VOLLENWEIDER, M.-L. (1976). **Catalogue raisonne des sceaux, cylindres, intailles et camees** : les portraits, les masques de theatre, les symboles politiques : une contribution a l'histoire des civilisations hellenistique et romaine. Mainz Am Rhein : Philipp von Zabern,
- VON BRAUCHITSCH, G. (1910) **Die Panathenäischen Preisamphoren.** Leipzig and Berlin: Druck und Verlag Von B. G. Teubner.
- VOVELLE, M. (1990) A História e a longa duração. *In*: LE GOFF, J. (org.) **História nova.** 1ª ed., Trad.: E. Brandão, São Paulo: Ed. Martins Fontes.
- VOS, M. F. (1981) Some notes on panathenaic amphorae. **Oudheidkundige Mendedelingen**, vol. 62, p. 33-46, pl. 11-5.
- WEBSTER, T. B. L. (1972) **Potter and patron in classical Athens.** London: Methuen & Co. Ltd.
- WELLER, Ch. H. (1924) **Athens and its monuments.** New York: The MacMillan Company.
- WHITE, P. D. et al. (1984). **The Extramural Sanctuary of Demeter and Persephone at Cyrene, Libya.** Final Reports III. Pennsylvania: University of Pennsylvania Museum of Archaeology.
- WEHGARTNER, I. (1983) **Attisch weissgrundige Keramik.** Mainz, Rhein: Verlag Philipp Von Zabern.
- WILLEMSSEN, F. (1977) Zu den Lakedämoniergraben im Kerameikos. **Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts Athenische Abteilung**, vol. 92, p.

117-57, pr. 51-70.

WILLIAMS, D. (1995) Potter, painter and purchaser. *In*: VERBANCK-PIÉRARD, A. & VIVIERS, D. **Culture et cité. L'avènement d'Athènes, à l'époque archaïque. Actes du Colloque international organisé à l'Université libre de Bruxelles du 25 au 27 avril 1991 par l'institut des Hautes Études de Belgique et Fondation Archéologique de l'U.L.B.** Bruxelles, Paris: De Boccard, p. 139-60.

_____. (2007) The Panathenaic stadium from the Hellenistic to the Roman period: Panathenaic prize-amphorae and the Biel throne. *In*: PALAGIA, O. & CHOREMIS-PERSIERI, A. (orgs.) **The panathenaic games. Proceedings of an international conference held at the University of Athens, May 11-12, 2004.** Oxford: Oxbow, p. 147-58.

WINCKELMANN, J. J. (1764) **Geschichte der Kunst des Alterthums.** Dresden: Walther.

WOHL, V. (1996) Eusebias eneka kai philotimias. Hegemony and democracy at the Panathenaia. **Classica et Mediaevalia.** Revue danoise de Philologie et d'Histoire, vol. 47. Copenhagen, p. 25-88.

WOODWARD, A. M., (1909-1910) A Panathenaic Amphora from Kameiros. **BSA**, vol. 16, (1909/1910), pp. 206-211.

YOUNG, D. C. (1983) **Professionalism in archaic and classical Greek athletics.** Ancient world 7. Champaign: Human Kinetics Books, p. 45-51.

_____. (1984) **The Olympic myth of Greek amateur athletics.** Chicago: Ares Publishers.

_____. (2004) **A brief history of the Olympic games.** Oxford: Blackwell Publishing.

ZAGDOUN, M.-A. (1989) La **sculpture archaisante** dans l'art hellénistique et dans l'art romain du haut empire. BEFAR, vol. 69. Paris : Éditions E. de Boccard.

ZAPHIROPOULOU, Ph. (2003) **La céramique "mélienne".** EAD XLI.

ZERVOUDAKI, E. (1975) Ēlios kai Alieia. **Arkhaiologikon Deltion**, vol. 30, p. 1-20, pr. 1-9.

ZHOU, Y. (2010) **Festivals, Feasts, and Gender Relations in Ancient China and Greece.** Cambridge: Cambridge University Press.

ZISA, F. (2000) Frammenti di anfore panatenaiche arcaiche al J. Paul Getty Museum. *In*: **Greek vases in the J. Paul Getty Museum**, vol. 6. Malibu, California, p. 55-78.

Sites da internet

Agathe (consultado em julho de 2010)

1. <http://www.agathe.gr/id/agora/lot/%CE%92%CE%96%201591>
2. <http://www.agathe.gr/id/agora/image/2005.04.0225>

Beazley Archive Home Page (consultado em agosto de 2010)

1. <http://www.beazley.ox.ac.uk>
2. <https://www.beazley.ox.ac.uk/XDB/ASP/browse.asp?tableName=qryData&newwindow=&BrowseSession=1&companyPage=Contacts&newwindowsearchclosefrombrowse=>

Boston Museum of Fine Arts

1. <http://www.mfa.org/collections/object/panathenaic-prize-vase-amphora-153399>

Christie's (consultado em julho de 2011)

1. http://www.christies.com/auction/results/results_lotlist.asp?saleno=NYC1384
2. http://www.christies.com/auction/results/results_lotlist.asp?saleno=NYC9448
3. http://www.christies.com/auction/results/results_lotlist.asp?saleno=NYC1429
4. http://www.christies.com/LotFinder/lot_details.aspx?intObjectID=1818225

Corpus Vasorum Antiquorum (consultado em agosto de 2006)

1. <http://www.cvaonline.org>

Justus-Liebig-Universität Giessen (consultado em setembro de 2009)

1. <http://www.uni-giessen.de/cms/fbz/fb04/institute/altertum/klassarch/forschung/einzelforschungen/panathenaische-preisampho>

McMiken College of arts and sciences (consultado em julho de 2010)

1. <http://classics.uc.edu/troy/grbpottery/html/attic-panathenaic-amphoras.html>

Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa (consultado em 25/03/2008)

1. <http://www.mnarqueologia-ipmuseus.pt/documentos/Coleccionismo.pdf>
2. http://www.mnarqueologia-ipmuseus.pt/documentos/Boletim_n8_Janeiro_2007.pdf

Neoskosmos (consultado em setembro de 2010)

1. <http://www.neoskosmos.com/news/en/ancient-burial-site-northern-Greece>

The Burgon archive project (consultado em 20/01/2008)

1. <http://www.ashmolean.org/ash/amulets/burgonarchive/index.html>
2. [http://www.ashmolean.org/ash/amulets/burgonarchive/illustrations/\(48\)%20large%20vase%20black%20ground%20warrior%20with%20spear%20and%20shield.html](http://www.ashmolean.org/ash/amulets/burgonarchive/illustrations/(48)%20large%20vase%20black%20ground%20warrior%20with%20spear%20and%20shield.html)

The City Review (consultado em julho de 2009)

1. <http://www.thecityreview.com/s04cant1.html>
2. <http://www.thecityreview.com/f04cimp1.html>

The New York Times (consultado em janeiro de 2010)

1. <http://www.nytimes.com/2004/07/23/arts/design/23GLUE.html?pagewanted=1&ei=5090&en=06c2fd2e3d19d951&ex=1248321600&partner=rssuserland>

University of Cincinnati, Department of Classics (consultado em setembro de 2009)

1. <http://classics.uc.edu/troy/grbpottery/html/attic-panathenaic-amphoras.html>

Wikipedia Commons (todos consultados em novembro de 2007)

1. http://hu.wikipedia.org/wiki/F%C3%A1jl:Oinochoe_panathenaia_riders_Staatliche_Antikensammlungen.jpg